Robert Graves

A Deusa Branca

Uma Gramática Histórica do Mito Poético

BERTRAND BRASIL

Robert Graves
A Deusa Branca

A Deusa Branca é um livro extraordinário. Em seu prefácio, Robert Graves escreveu: "Minha tese consiste em afirmar que a linguagem do mito poético difundido na Antiguidade, pelo Mediterrâneo e pelo Norte da Europa, era uma linguagem mágica vinculada a cerimônias religiosas populares em honra à deusa-lua ou Musa, algumas das quais datavam da Idade da Pedra, a qual permanece como linguagem da verdadeira poesia." Ao defender suas idéias, Robert Graves empreendeu esta obra singular que constitui uma gramática histórica do mito poético.

BERTRAND BRASIL

ISBN 85-286-0880-5

9 788528 608908

A *Deusa Branca* foi publicado pela primeira vez em 1948.

Trata-se de um escrito fundamental para a teoria da literatura, mas igualmente importante para a história das religiões, bem como para toda pessoa que quiser reconsiderar suas certezas mitológicas ocidentais, cristãs ou não, à luz de uma reflexão erudita e independente. Com efeito, é também indispensável para aqueles que se interessam pelo renascimento da religião da Deusa, por Wicca, por esoterismo e por simbolismo.

Para melhor aproveitar este livro, convém ao leitor considerá-lo uma arca de tesouros. Trata-se de um manancial de conhecimentos ricos e sábios, capazes de arejar as opiniões sedimentadas e divididas. Nesta obra ímpar, Robert Graves age como um arqueólogo de crenças e restaura os rudimentos perdidos e os princípios ativos da magia que governa os poetas. Sua argumentação parte de um acurado exame de dois poemas galenses do século XIII, nos quais ele encontra as chaves, genialmente ocultas, desse antigo mistério.

No desempenho de tal tarefa, Robert Graves traz à baila diversos tópicos: as raízes da chamada Tradição Hiperboreal,

o cerne da cultura celta; a história evolutiva do alfabeto fonético ocidental; o percurso das principais rotas migratórias durante a Idade do Bronze, na bacia mediterrânea e no continente europeu ocidental; o arcaico culto da Deusa, das origens paleolíticas até o mundo mariano do cristianismo, passando pela mitologia grega e pela bruxaria medieval; o segredo do número da Besta, o 666; a revelação do secretíssimo Nome do Deus de Israel; além de muitas outras jóias preciosas.

Sua leitura estimula uma reintegração de diversas tradições mitológicas. As teologias monoteístas, que exprimem as crenças judaicas, cristãs e muçulmanas, sempre difundiram uma pretensa ruptura radical entre elas e o mundo pagão. Robert Graves reencontra os liames que unem as tradições mitológicas — pelasga, egípcia, babilônica, cretense, grega, fenícia e celta, além de outras — com a elaboração semita das escrituras bíblicas.

É um livro que desafia o leitor. Depois de lê-lo, somos atraídos a seu estudo mais profundo. Provavelmente este era o motivo pelo qual Jorge Luis Borges sempre consultava *A Deusa Branca*.

Bentto de Lima

ROBERT GRAVES

A DEUSA BRANCA

Uma gramática histórica
do mito poético

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

Tradução
BENTTO DE LIMA

BERTRAND BRASIL

Copyright © *by* Herdeiros do Espólio de Robert Graves
Título original: *The White Goddess*

Capa: Rodrigo Rodrigues

Editoração: DFL

2003
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G818d Graves, Robert, 1895-1985
A Deusa Branca: uma gramática histórica do mito poético/Robert Graves; tradução de Bentto de Lima. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
574 p.

Tradução de: The White Goddess
ISBN 85-286-0890-5

1. Poesia. 2. Mitologia. 3. Literatura e história — História e crítica. I. Título.

CDD – 809.1
03-2441 CDU – 82-1 (09)

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 — 1º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

Embora ela ame apenas para destruir,
a Deusa destrói apenas para ressuscitar.

R. G.

Sumário

Dedicatória 9
Prefácio 11
Capítulo 1: *Poetas e cantores andarilhos* 19
Capítulo 2: *A batalha das árvores* 30
Capítulo 3: *O cão, o corço e o abibe* 68
Capítulo 4: *A Deusa Branca* 81
Capítulo 5: *O enigma de Gwion* 95
Capítulo 6: *Visita ao castelo espiralado* 122
Capítulo 7: *A solução do enigma de Gwion* 139
Capítulo 8: *Héracles sobre o lótus* 149
Capítulo 9: *A heresia de Gwion* 168
Capítulo 10: *O alfabeto das árvores (1ª parte)* 199
Capítulo 11: *O alfabeto das árvores (2ª parte)* 226
Capítulo 12: A canção de Amergin 245
Capítulo 13: *Palamedes e o grou* 265
Capítulo 14: *O corço na moita* 287
Capítulo 15: *Os sete pilares* 302
Capítulo 16: *O Santo e Impronunciável Nome de Deus* 317
Capítulo 17: *O Leão de Mão Firme* 348
Capítulo 18: *A divindade com pata de touro* 363
Capítulo 19: *O número da Besta* 394
Capítulo 20: *Uma conversa em Pafo no ano 43 d.C.* 402
Capítulo 21: *As águas do Estige* 418
Capítulo 22: *A Tríplice Musa* 438
Capítulo 23: *Animais fabulosos* 468
Capítulo 24: *O Tema poético único* 484
Capítulo 25: *Guerra nos céus* 509
Capítulo 26: *O retorno da Deusa* 547
Capítulo 27: *Posfácio de 1960* 564

Dedicatória

Insultam-nA todos os santos e os sóbrios
pelas doiradas armas de Apolo governados,
em escárnio dos quais zarpei em Sua busca
por distantes terras onde estivesse Aquela
que tanto e mais que tudo conhecer queria,
sororal laço das miragens e dos ecos.

Nobre virtude era seguir avante
em obstinada e heróica estrada,
descobrindo-A na vulcânica cratera,
em congelada neve ou esfumada trilha,
per além da gruta dos sete adormecidos:
Ela, de larga e alta testa branca como lepra,
de olhos azuis e lábios cor de sorva,
de longa e doirada cachoeira até a anca.

A verde seiva primaveril do jovem caule
há de celebrar agitada a grande Montanha Mãe
e todos os canoros hão de cantar em Seu louvor;
Eu, porém, sou premiado, mesmo em novembro,
a mais rude das estações, com a vasta sensação
da magnífica nudez que A cobre e veste,
esquecendo a crueldade do passado, a traição
e também onde o vindouro raio há de cair.

Prefácio

Preciso expressar minha gratidão a várias pessoas: Philip e Sally Graves, Christopher Hawkes, John Knittel, Valentin Iremonger, Max Mallowan, E. M. Parr, Joshua Podro, Lynette Roberts, Martin Seymour-Smith, John Heath-Stubbs e, ainda, a tantos correspondentes que me forneceram o material que serviu de fonte para este livro. Meu reconhecimento vai também para Kenneth Gay, que me auxiliou a arranjá-lo. Não obstante, desde que a primeira edição veio a público em 1946, nenhum especialista em irlandês ou galês favoreceu-me com mínimo auxílio que me permitisse melhorar minha argumentação ou sequer assinalou qualquer um dos erros naturalmente cometidos no texto; nem mesmo acusaram o recebimento de minhas cartas. Sinto-me desapontado, embora não exatamente surpreso. O livro provoca uma sensação de estranheza no leitor: com efeito, jamais se tentara, antes, uma gramática histórica da linguagem do mito poético. Para escrevê-la, precisei enfrentar perguntas "enigmáticas, embora não inteiramente despropositadas", tais como as que *sir* Thomas Browne destaca em sua *Hydriotaphia*: "Qual a canção cantada pelas sereias e qual o nome que Aquiles escolheu quando se disfarçou entre as mulheres?" Encontrei respostas diretas e sem ambigüidade a estas e a muitas outras perguntas do mesmo tipo:

Quem cindiu as patas do diabo?
Quando as cinqüenta Danaides vieram com suas peneiras para a Bretanha?
Que segredo estava amarrado dentro do nó górdio?
Por que Iahweh criou as árvores e a grama antes de fazer o Sol, a Lua e as estrelas?
Onde se pode encontrar a sabedoria?

Convém, contudo, alertar os leitores para o fato de que o presente livro permanece um escrito muito difícil, bem como muito estranho, a ser evitado por aqueles que tenham a mente distraída, cansada ou muito rígida em sua cientificidade. Não fiz concessões em nenhuma passagem de minha trabalhosa argumentação; mais não fosse, porque os leitores de meus últimos romances históricos ficaram um tanto suspeitosos das conclusões heterodoxas cujas autoridades responsáveis nem sempre foram citadas. Talvez agora fiquem satisfeitos. Provo, por exemplo, que a fórmula mística do touro-novilho e daqueles dois alfabetos

arbóreos que introduzi em meu livro *King Jesus* não eram "invencionice leviana" de minha parte, mas deduções lógicas a partir de documentos antigos e muito respeitáveis.

Minha tese consiste em afirmar que a linguagem do mito poético difundido na Antiguidade, pelo Mediterrâneo e pelo Norte da Europa, era uma linguagem mágica vinculada a cerimônias religiosas populares em honra à deusa-lua ou Musa, algumas das quais datavam da Idade da Pedra, a qual permanece como linguagem da verdadeira poesia. "Verdadeira" no sentido saudosista moderno de "um original que não pode ser melhorado e não de um substituto sintético". A referida linguagem foi adulterada na tardia era minóica, quando invasores da Ásia Central começaram a substituir as instituições matrilineares pelas patrilineares e a remodelar ou a refutar os mitos a fim de justificar as modificações sociais. Foi quando surgiram os primeiros filósofos gregos, fortes opositores da poesia mágica, posto que esta ameaçava sua nova religião da lógica. Sob a influência deles, uma linguagem poética racional (atualmente chamada clássica) foi elaborada em honra a seu patrono, Apolo. Ela se impôs ao mundo como a última palavra em termos de iluminação espiritual. Foi dessa época que tal visão praticamente prevaleceu nas escolas e universidades européias, onde, agora, se estudam os mitos como uma relíquia esquisita da infância da humanidade.

Uma das rejeições mais intransigentes da mitologia grega primitiva foi feita por Sócrates. Os mitos o aterrorizavam ou o ofendiam; preferia voltar as costas para eles e disciplinar sua mente a pensar de modo científico: "Para investigar a razão de ser de todas as coisas — ou tudo tal como é, não como aparenta ser, e para rejeitar todas as opiniões sem explicação."

Eis uma passagem exemplar extraída do *Fedro*, de Platão:

> *Fedro* — Dize-me, Sócrates, não foi aqui, à beira do Ilisso, que, segundo dizem, Bóreas raptou a ninfa Orítia?
>
> *Sócrates* — Assim dizem.
>
> *Fedro* — Não deveria ser daqui mesmo? A corrente d'água neste local é tão encantadora, pura e transparente, parece bem adequada aos folguedos das moças.
>
> *Sócrates* — Não, foi mais abaixo, a dois ou três estádios,[1] onde se atravessa para o templo da Caçadora, no qual existe um altar consagrado a Bóreas.
>
> *Fedro* — Nunca percebera isto. Porém, dize-me, Sócrates, acreditas que esse relato fabuloso seja verdadeiro?
>
> *Sócrates* — Se eu desacreditasse disso, como fazem os sábios, não seria culpado de nenhum absurdo. Serei sutil como eles e direi que um sopro forte de Bóreas a atirou das falésias das vizinhanças, quando ela estava brin-

[1] Cada estádio correspondia a 185 metros. (N. T.)

cando com Farmacéia. Morrendo na queda, disseram que foi raptada por Bóreas, seja daqui, seja da colina do Areópago, também dita de Marte, pois também existe uma narrativa que diz ter sido raptada de lá e não daqui. Entretanto, de minha parte, Fedro, considero essas coisas muito belas, mas próprias para um homem meticuloso e infeliz, porque terá, depois, de estabelecer a forma exata dos Hipocentauros e, ainda, aquela da Quimera; em seguida, de uma avalanche de seres do mesmo gênero como Górgonas e Pégasos, além de outras criaturas monstruosas, incríveis em número e em absurdo. Se um incrédulo recorrer a sua vulgar sabedoria para tentar conferir verossimilhança a cada um desses prodígios, precisará de muito tempo livre. Quanto a mim, não tenho tempo para tais coisas, e a razão disto, meu caro, é a seguinte: ainda não sou capaz, segundo o preceito de Delfos, de conhecer a mim mesmo. Parece-me ridículo, se ignoro a mim, ocupar-me com assuntos que não me dizem respeito.

O fato era que, na época de Sócrates, o sentido da maioria dos mitos pertencentes ao período anterior fora esquecido ou, então, guardado como um segredo religioso, embora continuassem os mitos na iconografia da arte religiosa e nas ainda circulantes histórias fantásticas citadas pelos poetas. Ao ser convidado a acreditar na Quimera, nos Centauros ou no cavalo alado Pégaso, todos símbolos diretamente ligados ao culto pelásgico, o filósofo sentia-se obrigado a rejeitá-los como zoologicamente improváveis. Como não tinha idéia da verdadeira identidade da "ninfa Orítia" nem da história do antigo culto ateniense a Bóreas, foi capaz apenas de dar uma explicação naturalista de seu rapto no monte Ilisso: "(...) sem dúvida foi soprada pelo vento das falésias das vizinhanças e morreu ao cair."

Todos os problemas a que Sócrates se refere foram enfrentados neste livro, e resolvidos, pelo menos, para a minha própria satisfação. Contudo, embora "uma pessoa curiosa e meticulosa", não posso aceitar que seja eu, em alguma medida, menos feliz do que fosse Sócrates ou que tenha mais ócio do que ele tinha; tampouco que o entendimento da linguagem do mito seja irrelevante para o autoconhecimento. Deduzo do petulante tom de sua frase "vulgar sabedoria" que gastou muito tempo preocupado com a Quimera, com os Centauros e o restante, mas que a "razão de ser deles" o iludiu, porque não era poeta nem confiava nos poetas e porque, conforme admitiu para Fedro, era um homem consumadamente urbano que raramente visitava o campo: "Os campos e as árvores não me ensinarão coisa alguma; só aprendo com os homens." O estudo da mitologia, tal como demonstrarei, está fundado, justamente, sobre a ciência das árvores e na observação da vida campestre nas diferentes estações.

Sócrates, ao virar as costas para os mitos poéticos, estava, na verdade, tirando os olhos da deusa-lua que os inspirou e que exigia que o homem prestasse homenagem espiritual e sexual à mulher. O que se chama de amor platônico, a fuga do filósofo, da Deusa, para a homossexualidade intelectual, era efetiva-

mente o amor socrático. Não podia alegar ignorância: Diotima Mantinéia, a profetisa arcádica que acabou magicamente com a peste em Atenas, havia recordado a ele, certa feita, que o amor do homem tinha por objeto adequado as mulheres, e que Moira, Ilítia e Calone — respectivamente, "Morte", "Nascimento" e "Beleza" — formavam uma tríade de deusas que presidia a qualquer ato de criação: físico, espiritual ou intelectual. Na passagem de *O banquete* onde Platão se refere ao relato de Sócrates sobre as sábias palavras de Diotima, o banquete é interrompido por Alcebíades, que entra embriagado em busca de um belo rapaz chamado Agatão, e o encontra recostado perto de Sócrates. Logo diz a todos os presentes que, certa ocasião, o próprio incitara Sócrates, que estava enamorado por ele, a um ato de sodomia do qual, entretanto, este filosoficamente se abstivera, ficando inteiramente satisfeito com toda uma noite de castos abraços com o belo corpo que amava. Se Diotima estivesse presente ao escutar isso, teria torcido o nariz e batido três vezes no peito: pois embora deusas como Cibele e Ishtar tolerassem a sodomia, até mesmo nos pátios de seus próprios templos, a homossexualidade ideal era uma aberração moral bem mais séria — era o intelecto do macho tentando ser espiritualmente auto-suficiente. A vingança dela contra Sócrates — se posso colocar as coisas nestes termos: porque ele estava tentando conhecer a si mesmo à moda de Apolônio, em vez de deixar esta tarefa para uma esposa ou amante — foi característica: arranjou-lhe uma mulher rabugenta e o fez concentrar seus afetos idealistas no mesmo Alcebíades, que o desgostou, crescendo viciado, ateu, traidor e egoísta — a ruína de Atenas. E levou-o à morte com uma infusão de cicuta, planta de flores brancas, mas de cheiro ruim, consagrada à Deusa sob a forma de Hécate,[2] prescrita a ele por seus concidadãos por causa da corrupção dos jovens. Depois de sua morte, seus discípulos o tornaram um mártir e, sob a influência deles, os mitos perderam ainda mais a reputação, tornando-se, no final, tema de piadas nas esquinas ou sendo "explicados" por Evêmero de Messênia e seus sucessores como corrupções da história. A versão evemerista do mito de Actéon, por exemplo, é o de que ele se tratava de um cavalheiro arcádico que, de tão viciado em caça, acabou arruinado pelas despesas com a manutenção de uma matilha.

No entanto, mesmo depois que Alexandre o Grande cortou o nó górdio — um ato de implicação moral muito maior do que geralmente se imagina —, a antiga linguagem sobreviveu com bastante pureza nos secretos cultos mistéricos de Elêusis, de Corinto, da Samotrácia e alhures. Quando esses foram proibidos pelos primeiros imperadores cristãos, ela continuou sendo ensinada nas escolas poéticas da Irlanda e de Gales, bem como nos *covens*[3] de bruxas da Europa Ocidental. Como tradição religiosa popular, quase desapareceu no final do século XVII. Embora, ocasionalmente, ainda se escreva poesia de qualidade

[2] Como bem sabia Shakespeare. Ver *Macbeth*, IV, i, 25.

[3] *Coven* significa uma reunião de treze bruxas e, por extensão, assembléia ou conferência de bruxas. (N. T.)

mágica, mesmo na Europa industrializada, isto sempre é resultado de um retorno inspirado e quase patológico à linguagem original — uma modalidade indomada do fenômeno pentecostal de "falar em línguas" —, diferente do estudo consciencioso de sua gramática e vocabulário.

A educação poética inglesa não deveria, na verdade, começar pelos *Contos de Canterbury*, nem pelo épico *A Odisséia*, nem mesmo pelo Livro do Gênesis, mas, sim, com *A canção de Amergin*, um antigo calendário alfabético celta, encontrado em inúmeras variantes irlandesas e galenses propositalmente deturpadas, que resume sucintamente o mito poético primordial. Fiz uma tentativa de restaurar o texto na seguinte versão:

I am a stag: of seven tines,
I am a flood: across a plain,
I am a wind: on a deep lake,
I am a tear: the Sun lets fall,
I am a hawk: above the cliff,
I am a thorn: beneath the nail,
I am a wonder: among flowers,
I am a wizard: who but I
Sets the cool head aflame with smoke?

I am a spear: that roars for blood,
I am a salmon: in a pool,
I am a lure: from paradise,
I am a hill: where poets walk,
I am a boar: ruthless and red,
I am a breaker: threatening doom,
I am a tide: that drags to death,
I am an infant: who but I
Peeps from the unhewn dolmen arch?

I am the womb: of every holt,
I am the blaze: on every hill,
I am the queen: of every hire,
I am the shield: for every head,
I am the tomb: of every hope.

Sou um veado: *de sete galhos,*
Sou uma enchente: *através da planície,*
Sou um vento: *sobre um lago profundo,*
Sou uma lágrima: *caída do Sol,*
Sou um falcão: *acima da falésia,*

Sou um espinho: *debaixo da unha,*
Sou um milagre: *em meio às flores,*
Sou um bruxo: *mas quem senão eu*
Faz uma cabeça tranqüila arder com a fumaça?

Sou uma lança: *que brada por sangue,*
Sou um salmão: *num lago,*
Sou uma isca: *do paraíso,*
Sou uma colina: *onde caminham poetas,*
Sou um javali: *implacável e vermelho,*
Sou um transgressor: *desafiando o destino,*
Sou um vagalhão: *que arrasta para a morte,*
Sou um infante: *mas quem senão eu*
Espreita pelo dolmênico arco de pedra bruta?

Sou o ventre: *de todos os bosques,*
Sou a labareda: *em cima de cada colina,*
Sou a rainha: *de todas as colméias,*
Sou o escudo: *de cada cabeça,*
Sou a tumba: *de toda esperança.*

É de lamentar-se que, apesar do forte elemento mítico que existe no cristianismo, a palavra "mítico" tenha adquirido o significado de "fantasioso, absurdo, não-histórico", pois a fantasia atuou de modo mínimo no desenvolvimento dos mitos gregos, latinos, palestinos e celtas. Quanto a estes últimos, até que os *trovadores* franco-normandos os convertessem em irresponsáveis romances de cavalaria. Todos os mitos são sérios registros de costumes ou de acontecimentos antigos, tão confiáveis quanto a história, uma vez que sua linguagem seja entendida e que sejam levados em conta erros na transcrição, mal-entendidos sobre rituais obsoletos e modificações propositais introduzidas por motivos morais ou políticos. Alguns mitos, é claro, sobreviveram em formas mais puras do que outras; por exemplo, as *Fábulas* de Higino, a *Biblioteca* de Apolodoro e as primitivas narrativas galenses do *Mabinogion* constituem uma leitura mais fácil do que as desapontantes crônicas problemáticas do Gênesis, do Êxodo, dos Juízes e de Samuel. Talvez a maior dificuldade em resolver os complexos problemas mitológicos consista no seguinte:

Conquering gods their titles take
From the foes they captive make, (...)

Os deuses conquistadores títulos usurpam
Daqueles inimigos que eles subjugam, (...)

O conhecimento do nome de uma divindade em qualquer lugar ou período constitui um fato muito menos importante do que saber a natureza dos sacrifícios que eram oferecidos a ele ou ela. Os poderes dos deuses eram continuamente redefinidos. Apolo, o deus grego, por exemplo, parece ter começado sua carreira como o demônio de uma irmandade do camundongo numa Europa totemista pré-ariana: gradualmente ascendeu à categoria divina por meio de armas, de chantagem e de fraudes, até que se tornou patrono da música, da poesia e das artes e, finalmente, pelo menos em algumas regiões, depôs seu pai, Zeus, da soberania do universo, identificando-se com Belinos, o deus intelectual da luz. Iahweh, divindade dos judeus, teve uma história ainda mais complexa.

"Qual é a utilidade da poesia hoje?" Esta é uma questão não menos pungente porque a levantem com insolência tantos ignorantes ou porque a respondam apologeticamente tantos tolos. A função da poesia é a invocação religiosa da Musa; seu uso é a experiência de uma mistura de exaltação e horror que a presença dela excita. Mas, "hoje"? A função e o uso permanecem os mesmos, apenas sua aplicação se alterou. Outrora, esta fora um alerta ao homem de que deveria viver em harmonia com a família das criaturas viventes dentre as quais ele nasceu, por obediência aos desejos da dona da casa; atualmente, trata-se de um lembrete de que desprezou o aviso e virou a casa de cabeça para baixo por meio de voluntariosas experiências na filosofia, na ciência e na indústria, acarretando ruína para si e para sua família. O termo "hoje" significa uma civilização na qual os principais símbolos da poesia estão desonrados. Nela, a serpente, o leão e a águia pertencem ao circo; o touro, o salmão e o javali, à fábrica de enlatados; os cavalos de corrida e os galgos, às pistas de apostas; as árvores sagradas, às serrarias. Na atual civilização, a Lua é desprezada como satélite apagado da Terra e a mulher, considerada como "contingente auxiliar do Estado". Nela, o dinheiro compra quase qualquer coisa, exceto a verdade, e qualquer um, exceto o poeta possuído pela verdade.

Se quiserem, comparem-me a uma raposa que perdeu a cauda; não sou empregado de ninguém e escolhi viver nas cercanias de um vilarejo nas montanhas de uma Maiorca católica, mas anticlerical, onde a vida ainda é regida pelo velho ciclo agrícola. Sem minha cauda, ou seja, meu contato com a civilização urbana, tudo o que escrevo há de parecer perverso e irrelevante para aqueles que, entre vocês, ainda estão atrelados à máquina industrial, seja diretamente como trabalhadores, gerentes, comerciantes, anunciantes ou, indiretamente, como servidores civis, publicadores, jornalistas, professores ou radialistas. Se vocês forem poetas, tomarão consciência de que a aceitação de minha tese histórica há de comprometê-los com uma confissão de deslealdade que estarão pouco propensos a fazer. Vocês escolheram seus afazeres porque eles prometiam fornecer-lhes um salário regular e algum lazer para prestar à Deusa que adoram um valioso serviço de meio-expediente. Hão de se perguntar quem sou eu para avisá-los de que Ela exige uma jornada integral ou, então, serviço algum? E será que ousaria sugerir o abandono de seus empregos, para que, na falta de

capital suficiente, se tornassem pequenos arrendatários ou que devessem virar românticos pastores — tal como fez dom Quixote quando fracassou em seu entendimento do mundo moderno — em remotos sítios não mecanizados? Não! A falta de cauda me impede de dar qualquer sugestão de ordem prática. Ousarei apenas deixar uma postulação histórica do problema: como vocês irão se entender com a Deusa não é assunto meu. Nem sequer sei se vocês são suficientemente sérios em suas profissões poéticas!

Robert Graves

Deyà,
Maiorca,
Espanha.

Capítulo 1

Poetas e cantores andarilhos

Desde meus quinze anos, a poesia tem sido minha paixão dominante e nunca empreendi intencionalmente nenhuma tarefa, nem estabeleci qualquer relacionamento que parecesse incompatível com os princípios poéticos. Isto me custou, às vezes, a fama de excêntrico. A prosa vem sendo meu ganha-pão, mas a empreguei como meio de aguçar meu sentimento quanto à natureza inteiramente diversa da poesia. Os temas que escolhi sempre estiveram interligados em minha mente com importantes problemas poéticos. Aos 65 anos, ainda me diverte o paradoxo de a poesia sobreviver obstinada na atual fase da civilização. Embora reconhecida como profissão erudita, é a única para cujo estudo as academias não estão abertas e para a qual não existe um padrão de medida, ainda que tosco, com o qual se possa avaliar a perícia técnica. "Os poetas nascem, não são feitos." A dedução esperada disto revela que a natureza da poesia é demasiadamente misteriosa para suportar um exame. Com efeito, é um mistério ainda maior do que a realeza, pois reis tanto são feitos quanto nascem e as falas citadas de um rei morto pouco pesam, quer no púlpito, quer na opinião pública.

O paradoxo pode ser explicado pelo grande prestígio oficial que ainda, de algum modo, adere ao nome do poeta, como ao nome de um rei, e pelo sentimento de que a poesia, como desafiante da análise científica, deva estar enraizada em algum tipo de magia que, por sua vez, seja desonrosa. Na verdade, o conhecimento poético europeu está, em última instância, fundado em princípios mágicos, cujos rudimentos formam um segredo religioso fechado ao longo dos séculos, os quais, finalmente, foram adulterados, desacreditados e esquecidos. Agora, só apenas por meio de raros acidentes de regressão espiritual, os poetas restauram a potência mágica de seus versos, no mesmo sentido de antigamente. Por outro lado, a prática contemporânea da escrita de poemas relembraria as experiências, fantásticas e predestinadas ao fracasso, dos alquimistas medievais ao tentar converter metal vil em ouro, se não fosse pelo detalhe diferenciador de o alquimista, pelo menos, reconhecer o ouro puro quando via e tocava. A verdade é que só o minério de ouro pode ser transformado em ouro; apenas a poesia torna-se poemas. Este livro trata da redescoberta de rudimentos perdidos e de princípios ativos daquela magia poética que os governa. Minha argumentação estará fundamentada num exame detalhado de dois extraordinários poemas galenses de bardos do século XIII, nos quais estão genialmente ocultas as chaves desse antigo mistério.

Como introdução histórica, é preciso traçar uma clara distinção entre os bardos de corte e os menestréis errantes do antigo País de Gales. Os bardos ou mestres de poesia galenses, tal como os irlandeses, tinham uma tradição profissional, incorporada num corpo de poemas que eram memorizados, palavra por palavra, e cuidadosamente meditados, sendo transmitidos, assim, àqueles alunos que vinham estudar com eles. Os poetas ingleses de hoje, cujo idioma começou como uma desprezada fala da tardia Idade Média, quando a poesia galense já era uma antiga e venerável instituição, podem sentir uma retrocedente inveja. O jovem poeta era poupado da sina de ter de construir sozinho um dubitável conhecimento poético, por uma leitura casual e pela consulta de amigos, não menos duvidosos, e pela redação experimental. Entretanto, posteriormente, apenas na Irlanda se esperava ou se permitia que um mestre poeta escrevesse em estilo original. Quando os poetas galenses foram convertidos ao cristianismo ortodoxo e submetidos à disciplina eclesiástica — processo este que terminou de realizar-se por volta do século VIII, como prova a legislação local da época —, a tradição deles se fossilizou de maneira gradual. Embora um alto grau de habilidade técnica continuasse a ser exigido dos mestres e a cátedra de poesia fosse calorosamente disputada em várias cortes, cobrava-se-lhes que evitassem aquilo que a Igreja considerava como "falso", ou seja, o perigoso exercício da imaginação poética em forma mítica ou alegórica. Apenas certos epítetos e metáforas eram autorizados; os temas foram igualmente restritos; a métrica foi fixada e tornou-se uma pesada obsessão a *Cynghanedd*, isto é, o repetitivo emprego de grupos consonantais que implicava mera variação de vogais.[1] Os mestres da poesia tornaram-se funcionários da corte, e seu primeiro dever era agradar a Deus e o segundo, ao rei ou ao príncipe que lhes ofereciam um lugar à mesa real. Mesmo após a queda dos príncipes galenses, no final do século XIII, este desinteressante e estéril código poético continuou mantido, nas casas nobres, pelos bardos de família.

T. Gwynn Jones escreve em seu livro *The Transactions of the Honourable Society of Cymmrodorion* (1913-1914):

---

[1] Pode-se exemplificar a *Cynghanedd*, em inglês, assim:

Billet spied,
Bolt sped.
Across field
Crows fled,
Aloft, wounded,
Left one dead.

Ressalte-se que a correspondência de "ss" em *across* e de "s" em *crows*, que tem o som de "z", certamente iria ofender os puristas. *[N. T.: Tomou-se a liberdade de destacar em negrito os grupos consonantais para melhor percepção do fenômeno e considerou-se desnecessária a tradução, pois o exemplo é exclusivamente formal.]*

Os poucos indícios que podem ser recolhidos das obras dos bardos até a decadência dos príncipes galenses demonstram que se conservou um detalhado sistema de leis, porém, provavelmente, com uma modificação progressiva. O código métrico *Llyfr Coch Hergest* mostra uma evolução ainda maior, a qual resultou, no século XV, na *Carmarthen Eisteddfod*, (...). O tema da tradição registrada neste código restringindo os bardos, praticamente, à redação de panegíricos e elegias, fica provado ter sido observado pelos *Gogynfeirdd* (bardos de corte). Sua adesão àquilo que, em sua opinião, constituía verdade histórica se devia, provavelmente, à dominação, já antiga, dos clérigos sobre sua organização. Na prática, quase não empregavam o material tradicional contido nos romances populares, e o conhecimento que tinham de nomes de personagens míticos e, mais ou menos, históricos era, principalmente, derivado das *Tríades* (...). A poesia da natureza e a poesia amorosa são apenas incidentais em suas obras e, na prática, não apresentam qualquer evolução durante o período. (...) As referências à natureza, nos poemas dos bardos de corte, são breves e casuais, sendo a maioria limitada a seus aspectos mais desagradáveis: a luta do mar com a costa, a violência das tormentas invernais, o incêndio da vegetação primaveril nas montanhas. O caráter de seus heróis é indicado apenas em epítetos; nenhum evento é completamente descrito; as batalhas merecem um verso ou dois, no máximo. Sua teoria da poesia, particularmente dos panegíricos, insinuava que deveria consistir em epítetos e alusões, resumindo os fatos notórios da história, provavelmente já conhecidos de seus ouvintes. Nunca narram uma história; raramente chegam a fazer algo que se aproxime de uma descrição coerente de um único episódio. Com efeito, praticamente até o dia de hoje, tal foi a característica da maior parte dos versos galenses, além das baladas populares.

As lendas e romances, por outro lado, estão cheios de colorido, de incidentes e sequer lhes falta a personalização. Nestes, a fantasia, livre das restrições aplicadas tanto ao tema quanto à forma, pôde desenvolver-se em imaginação.

As referidas lendas eram narradas por uma associação de menestréis galenses cujo *status* não era regido pela legislação e a qual não tinha, entre seus associados, bispos nem trovadores do Estado. Tinham a liberdade de escolher as palavras, os temas e a métrica que lhes aprouvessem. Pouco se sabe sobre sua agremiação ou sua história, mas como tinham credibilidade popular quanto a seus dons proféticos e divinatórios, bem como o poder da sátira injuriosa, é bem provável que fossem descendentes dos primitivos mestres de poesia galenses que, depois da conquista címbrica sobre o País de Gales, recusaram o patrocínio das cortes ou foram recusados por elas. Os cimbros, que consideramos os autênticos galenses, e dentre os quais os orgulhosos bardos de corte eram recrutados, vinham de uma aristocracia tribal de origem bretã que tiranizava uma classe de

servos formada de uma mistura de gaélicos, bretões, povos da Idade do Bronze e do Neolítico, além de aborígines. Os cimbros invadiram o País de Gales vindos do Norte da Inglaterra, no século V d.C. Os trovadores, que não eram cimbros, iam de um vilarejo a outro, de fazenda em fazenda, entretendo sob as árvores ou à beira da lareira, dependendo da estação. Foram eles que mantiveram acesa uma surpreendente tradição literária antiga, principalmente na forma de lendas populares que preservaram, não apenas, fragmentos pré-címbricos, mas mitos pré-gaélicos, alguns dos quais remontam à Idade da Pedra. Seus princípios poéticos estão resumidos numa Tríade em *Llyfr Coch Hergest* (*O livro vermelho de Hergest*):

> *Three things that enrich the poet:*
> *Myths, poetic power, a store of ancient verse.*
>
> Três coisas enriquecem o poeta:
> Mitos, força poética, um suprimento de versos antigos.

No início, as duas escolas poéticas não tiveram contato, pois era proibido aos "barrigudos" e bem-vestidos bardos de corte comporem no estilo dos menestréis; eles eram castigados se visitassem casas que não fossem da nobreza. Os magros e maltrapilhos menestréis não tinham o privilégio de apresentar-se em corte alguma, nem estavam preparados para empregar as complicadas formas poéticas exigidas dos bardos cortesãos. Todavia, no século XIII, os cantores ambulantes foram aceitos pelos invasores normandos franceses, ao que parece por influência dos cavaleiros bretões que compreendiam o galês, e reconheciam algumas narrativas como versões melhores do que aquelas que escutaram em sua terra natal. Os *trovères* (trovadores), ou seja, "descobridores", as traduziram para o francês da época e as adaptaram ao código da cavalaria provençal. Foi com esta nova roupagem que tais histórias conquistaram a Europa.

As famílias galenses e normandas contraíram matrimônio entre si e já não ficou fácil manter o menestrel fora das cortes. Num poema do início do século XIII, um certo Phylip Brydydd registra uma contenda entre ele próprio e um certo "rimador vulgar" a respeito do que é que haveria de ser o primeiro a apresentar uma canção sobre o dia do Natal a seu patrono, o príncipe Rhys Ieuanc, em Llanbadarn Fawr, no Sul do País de Gales. O príncipe Rhys era um aliado próximo dos normandos. Os dois poemas do século XIII que serão aqui examinados constituem trabalho de um "rimador vulgar" — pelo menos, aos olhos dos cânones aristocráticos de Phylip, quanto ao modo como deveria ser um poeta. Os títulos dos poemas são *Câd Goddeu* e *Hanes Taliesin*.

No século XIV, a influência literária dos cantores ambulantes começou a aparecer mesmo na poesia da corte e, segundo versões daquele século do estatuto bardo, o *Trioedd Kerdd*, o *Prydydd*, ou seja, o bardo de corte, podia escrever poemas de amor, embora devesse evitar sátiras, libelos, encantamentos, adivi-

nhações ou conjurações mágicas. Foi só no século XV que o poeta Davydd ap Gwilym obteve a sanção de uma nova forma, chamada *Kywydd*, na qual se unem a poesia de corte e aquela dos menestréis. Em sua maioria, os poetas cortesãos não desejavam modificar sua obsoleta prática; antes, desprezavam e invejavam os favores concedidos aos "contadores de mentiras". Contudo, a posição deles decaiu junto com a de seus protetores e sua autoridade entrou em colapso, como resultado das guerras civis, durante as quais o País de Gales apoiou o lado perdedor, pouco antes que a conquista da Irlanda, por Cromwell, destruísse, também lá, o poder dos *ollaves*, ou seja, dos mestres de poesia. A restauração do prestígio deles no Gorsedd bardo do Eisteddfod, como festival nacional, é um arremedo, pintado com as cores das errôneas concepções do século XIX a respeito da prática druida. Ainda assim, o Eisteddfod serviu para manter vivo o sentimento público da honra devida aos poetas, conservando os concursos pela cátedra barda tão estimados como sempre foram.

A poesia inglesa teve apenas uma breve experiência de semelhante disciplina barda: o classicismo do século XVIII, quando vocabulário e métrica altamente estilizados, além de certo "decoro" do tema, se impunham sobre os admiradores e imitadores de Alexander Pope. Uma violenta reação seguiu-se, era o "renascimento romântico". Depois, outro parcial retorno à disciplina, o classicismo vitoriano; em seguida, outra reação mais violenta, a anarquia "modernista" das décadas de 1920 e 1930. Os poetas ingleses, agora, parecem pensar num voluntário retorno à disciplina: não à camisa-de-força do século XVIII, nem à sobrecasaca vitoriana, mas àquela lógica do pensamento poético que confere ao poema força e graça. Mas onde podem estudar a métrica, o vocabulário e os temas? Onde podem encontrar alguma orientação poética a que possam livremente jurar lealdade? Todos talvez concordem que a métrica é a norma com a qual o poeta relaciona seu ritmo pessoal, a matriz cúprica da versão original a partir da qual desenvolve uma escrita pessoal singular. A menos que tal norma seja seguida, suas peculiaridades rítmicas permanecerão, na totalidade, sem significado algum. Provavelmente também concordasse quanto ao vocabulário, que não deveria ser por demais estilizado, nem vulgar. Mas quanto ao tema? Quem jamais foi capaz de explicar que tema é poético e qual não seja, exceto pelo efeito que causa no leitor?

A redescoberta dos rudimentos perdidos da poesia talvez possa ajudar a resolver a questão do tema: se continuarem válidos, confirmam a intuição do poeta galense Alun Lewis, que escreveu, pouco antes de sua morte, em Burma, em março de 1944, a respeito de "(...) o *singular* tema poético da vida e da morte (...) o problema daquilo que sobrevive dos entes queridos". Aceitando-se que há muitos temas para o jornalista dos versos, mesmo assim, para o poeta, tal como Alun Lewis entendia o termo, não havia escolha. Os elementos de um único Tema, infinitamente variável, encontram-se em certos mitos poéticos antigos que, embora manipulados para adequarem-se a cada época de mudança religiosa — emprego a palavra "mito" no sentido estrito de "iconografia verbal", sem

aquele sentido pejorativo de "ficção absurda" que veio a adquirir —, ainda assim, em seu contorno geral, tais elementos permanecem constantes. A perfeita fidelidade ao Tema afeta o leitor de um poema como estranho sentimento, intermédio entre deleite e horror, cujo resultado físico é um literal arrepio dos cabelos. Segundo A. E. Housman, a comprovação de um poema verdadeiro era simples e prática: consegue ele eriçar o cavanhaque quando se o declama silenciosamente durante o barbear? Contudo, Housman não explicou *por que* os pêlos deveriam eriçar-se.

Os antigos celtas, com cuidado, distinguiam o poeta, originalmente, sacerdote e juiz com personalidade sagrada, do simples cantor andarilho. Em irlandês, era denominado *fili*, que significava "vidente"; em galês se chamava *derwydd*, ou seja, "carvalho vidente", do qual se originou o termo "druida". Até mesmo reis estavam sob sua tutela moral. Quando dois exércitos iam bater-se, os poetas, de ambos os lados, retiravam-se juntos para uma colina e lá, judiciosamente, discutiam a batalha. Num poema galense do século VI, o *Gododin*, ressalta-se que "os poetas do mundo julgam os homens valentes" e os combatentes — os quais eram por eles apartados numa súbita intervenção —, depois aceitavam a versão da luta com reverência e deleite, se ela merecesse ser comemorada num poema. O cantor andarilho, por outro lado, era um *joculator*, alguém que diverte ou entretém, mas não era um sacerdote: mero cliente dos oligarcas militares, que carecia da árdua preparação profissional do poeta. Com freqüência enfeitava sua atuação por meio de pantomima e de acrobacia. No País de Gales o consideravam um *eirchiad*, ou seja, um pedinte, alguém sem profissão certa e dependente da generosidade ocasional dos chefes locais. Em tempos que remontam ao século I a.C., temos uma narrativa feita por Posidônio, o estóico, sobre um saco de ouro atirado a um cantor andarilho na Gália, e isto numa época em que, lá, o sistema druídico estava em pleno apogeu. Se o cantor adulava seus patronos de maneira bastante generosa e se sua canção sintonizava com suas mentes ébrias de hidromel, então estes o cumulavam de colares de ouro e bolos de mel; caso contrário, arremessavam sobre ele ossos de boi. Porém, se um homem cometesse a menor indignidade com um poeta irlandês, mesmo séculos depois que este perdera suas funções sagradas para o clero cristão, tinha ele o poder de compor uma sátira contra seu agressor capaz de abrir-lhe chagas negras no rosto, de converter suas entranhas em água ou de lançar-lhe uma "maldição de loucura" que o ensandecia. Exemplos remanescentes de poemas de maldição dos trovadores galenses demonstram que também se devia levá-los em conta. Por outro lado, aos poetas cortesãos do País de Gales era proibido o emprego de maldições e sátiras. Tinham de recorrer à reparação legal em caso de insulto a sua dignidade. Segundo uma compilação de leis do século X, relacionadas com o bardo familiar galense, podiam exigir um *eric* de "nove vacas além de moedas no valor de nove vintenas de *pence*". O número nove relembra aquela que era nove vezes Musa, sua antiga padroeira.

Na Irlanda antiga, o *ollave*, ou mestre de poesia, sentava-se próximo do rei

à mesa e tinha o privilégio, que ninguém além da rainha usufruía, de usar seis cores diferentes em sua vestimenta. A palavra "bardo" que, durante a Idade Média, no País de Gales, equivalia a mestre em poesia, na Irlanda tinha um significado diverso, designando um poeta inferior que não havia passado pelos "sete graus da sabedoria", prova que o converteria num *ollave* depois de penoso percurso de doze anos. A posição do bardo irlandês era definida, no século VII, em *Sequel to the Crith Gabhlach Law*: "Um bardo é alguém que não tem instrução legal, além daquela de sua própria inteligência." Contudo, no posterior *Book of Ollaves* (incluído no *Book of Ballymote*, do século XIV) se diz claramente que o fato de ter alcançado o sétimo ano de sua educação poética dava direito ao estudante de receber a dignidade de bacharel na arte do bardismo. Significava que havia memorizado apenas a metade das lendas e dos poemas prescritos, que não havia ainda estudado a prosódia avançada e composição métrica, além de ser deficiente no conhecimento do antigo gaélico. No entanto, o curso de sete anos que seguira era muito mais severo do que aquele que se dava nas escolas poéticas do País de Gales, onde os bardos ocupavam uma posição proporcionalmente inferior. Segundo as leis galenses, o *Penkerdd*, o bardo principal, era apenas o décimo dignitário da corte e sentava-se à esquerda do herdeiro legítimo e lhe era conferida a mesma dignidade do ferreiro-chefe.

O principal interesse do *ollave* irlandês consistia no refinamento da complexa verdade poética para chegar a sua afirmação exata. Conhecia a história e o valor mítico de cada palavra que empregava e não tinha nenhuma preocupação com aquilo que o homem comum pensava de sua obra; estimava apenas o julgamento de seus colegas, que, raramente, encontrava sem que se produzisse entre eles um vivo intercâmbio de espírito poético com improvisação de versos. Contudo, não se pode fingir que sempre fosse fiel ao Tema. Sua educação, que era muito abrangente, incluía história, música, direito, ciência e adivinhação, o encorajava a versejar em todos estes campos do saber; de modo que, com freqüência, Ogma, o deus da eloqüência, parecia mais importante do que Brigite, a Tríplice Musa. Constitui um paradoxo que, no País de Gales medieval, o admirado poeta cortesão se tenha convertido num cliente do príncipe, a quem dedicava cerimoniosas odes mendicantes, esquecendo inteiramente o Tema, e o fazia, de maneira tão acentuada, que o menestrel, que era depreciado, pouco dotado e parecia mero cantor andarilho, demonstrava maior integridade poética, ainda que seu verso não estivesse tão apurado.

Os anglo-saxões não tinham mestres de poesia sacrossantos, mas apenas cantores. O conhecimento poético inglês foi tomado de empréstimo em terceira mão, por intermédio dos romances franceses normandos, de antigas fontes bretãs, galenses e irlandesas. Isto explica por que não existe a mesma reverência instintiva pelo nome do poeta na área rural inglesa tanto quanto existe nas mais remotas regiões de Gales, na Irlanda e no Norte da Escócia. Fora dos círculos literários, os poetas ingleses se sentem obrigados a desculpar-se por sua profissão; definem-se, para o escrivão ou ao depor em tribunais, como funcionários,

jornalistas, professores, romancistas ou pelo que mais façam além da poesia. A dignidade de poeta laureado não foi instituída na Inglaterra até o reinado de Carlos I. (A coroa de louros concedida a John Skelton foi um prêmio universitário dado por sua eloqüência em latim, desvinculada do patrocínio concedido a ele por Henrique VIII pela qualidade de poeta.) Não acarreta consigo nenhuma autoridade sobre a prática poética nacional, nem qualquer obrigação de preservar o decoro da poesia, e é concedida, sem concurso, pelo Primeiro Lorde do Tesouro e não por uma sociedade erudita. Não obstante, muitos poetas ingleses escreveram com refinada habilidade técnica e, desde o século XII, nenhuma geração foi inteiramente infiel ao Tema. A realidade é que, embora os anglo-saxões tenham destruído o poder dos antigos chefes e dos poetas bretões, não exterminaram os camponeses e, assim, permaneceu intacto o antigo sistema festivo da Grã-Bretanha, mesmo quando seus dominadores professaram o cristianismo. A vida social inglesa estava fundada na agricultura, no pastoreio e na caça, de forma alguma na indústria. O Tema continuava implícito em todas as partes, na celebração popular dos festivais que, agora, recebiam os nomes de Candelária, Anunciação, Primeiro de Maio, São João, Primeiro de Agosto, São Miguel, Todos os Santos e Natal. Também se conservava em segredo o Tema, como doutrina religiosa, nos *covens* do culto anticristão das bruxas. Por conseguinte, os ingleses, embora não tivessem um respeito histórico pelos poetas, detinham um conhecimento tradicional do Tema.

Em resumo, o que considera o Tema é a lenda antiga que se divide em treze capítulos e um epílogo sobre o nascimento, a vida, a morte e a ressurreição do Deus do Ano-Novo; os capítulos centrais tratam da derrota do deus que se tornou o Deus do Ano-Velho, vítima do amor pela caprichosa Deusa Tríplice, mãe, noiva e provedora. O poeta se identifica com o deus do ano crescente e reconhece a Deusa como sua Musa. Seu rival é seu irmão de sangue, um duplo de si mesmo, seu fado. Toda poesia verdadeira — no sentido que lhe confere o teste prático de Housman — celebra algum evento ou cena coligado a esta história bem antiga. Os três personagens principais constituem uma parte tão arraigada de nossa herança racial que não apenas reivindicam seu posto na poesia, mas aparecem, em ocasiões de tensão emocional forte, em sonhos, em visões paranóicas e ilusões. O fado ou rival, com freqüência, aparece em pesadelos como um fantasma magro e alto, de face escura ou como príncipe do ar, que tenta puxar o adormecido para fora da janela enquanto este olha para trás e vê que seu corpo ainda jaz rígido no leito; contudo, também assume inúmeras outras formas malévolas, diabólicas ou serpentiforme.

A Deusa é uma adorável mulher esbelta, de nariz adunco, de tez cadavericamente pálida, lábios vermelhos como sorva, surpreendentes olhos azuis e longa cabeleira loura; é capaz de transformar-se repentinamente em porca, égua, cadela, raposa, mula, doninha, serpente, coruja, loba, tigresa, sereia ou repugnante bruxa. Seus nomes e títulos são inúmeros. Em histórias de fantasma, com freqüência aparece como "a Mulher de Branco"; em religiões antigas, desde as

ilhas britânicas até o Cáucaso, é chamada "a Deusa Branca". Não consigo recordar de nenhum poeta autêntico depois de Homero que não tenha registrado, independentemente, sua experiência com ela. Talvez se possa dizer que a prova da visão do poeta esteja na exatidão do retrato que fornece da Deusa Branca e da ilha sobre a qual ela preside. A razão pela qual os pêlos se arrepiam, os olhos lacrimejam, a garganta embarga, a pele formiga e um calafrio percorre a espinha quando se escreve ou se lê um verdadeiro poema, é que este, para ser autêntico, implica necessariamente uma invocação da Deusa Branca ou da Musa, mãe de todos os viventes, o arcaico poder do terror e da luxúria — o abraço mortal da aranha fêmea e da abelha-rainha. Housman proporcionou um teste secundário para a poesia verdadeira, que se equipara ao dito de Keats: "Tudo que me faz lembrar dela me atravessa como uma lança." Isto também é pertinente ao Tema. Keats escrevia sob a sombra da morte a respeito de sua Musa, Fanny Brawne; e "a lança que brada por sangue" é a arma tradicional do sinistro carrasco e seu substituto.

Às vezes, ao ler-se um poema, os pêlos se eriçam com uma cena aparentemente despovoada e desprovida de eventos descritos nele quando os elementos indicam com bastante clareza sua presença invisível. Por exemplo, quando as corujas piam, quando a lua singra como um barco através de algumas nuvens que deslizam aceleradas, quando as árvores majestosamente se inclinam sobre uma cachoeira impetuosa, quando se ouve um longínquo ladrar de cães ou quando o repique de sinos num gélido inverno repentinamente anuncia o Ano-Novo.

A despeito da profunda satisfação sensória que é capaz de nos proporcionar a poesia clássica, ela nunca arrepia nossos cabelos nem faz o coração pular, exceto quando deixa de manter o sereno decoro. A causa disto é a diferença de atitudes para com a Deusa Branca da parte do poeta clássico e do lado do verdadeiro poeta. Isto não significa identificar o poeta autêntico com o poeta romântico. O emprego indiscriminado do termo "romântico" acabou por estragá-lo, embora fosse uma palavra útil para denotar a reintrodução, na Europa Ocidental, de uma reverência mística pela mulher por parte dos escritores de romances em versos. O poeta romântico típico do século XIX era fisicamente degenerado, doentio, viciado em drogas, preso da melancolia, perigosamente desequilibrado. Era um verdadeiro poeta, apenas em seu respeito fatalista à Deusa, como senhora que regia seu destino. O poeta clássico, embora talentoso e laborioso, não passa no teste porque reivindica ser o senhor da Deusa — que aparece como senhora dele, apenas, no sentido aviltante de alguém que vive em faceiro ócio sob sua proteção. Às vezes age como um proxeneta dela: tenta elevar a qualidade de seus versos, recheando-os com belezas tomadas de poemas autênticos Na poesia árabe clássica, existe um artifício chamado de "esquentamento" pelo qual o poeta induz uma atmosfera poética com um adocicado prólogo sobre bosques, córregos e rouxinóis para, depois, rapidamente, antes que cesse o encanto, referir-se ao assunto de que efetivamente trata — um relato elogioso,

como, por exemplo, a coragem, a piedade e a magnanimidade de seu patrono ou sábias reflexões sobre a brevidade e a incerteza da vida humana. Na poesia clássica inglesa o processo de esquentamento artificial quase sempre se prolata até o final da peça.

Os próximos capítulos serão dedicados a descobrir uma série de encantamentos sagrados de diferentes épocas nos quais se resumem sucessivas versões do Tema. Pode-se ter certeza de que os críticos literários, cuja função consiste em julgar toda a literatura pelos padrões do cantor andarilho — ou seja, seu mérito enquanto entretenimento para as massas —, hão de fazer pouco daquilo que só conseguem enxergar como meus absurdos conjuntos de "ninhos de égua".[2] Da parte dos acadêmicos, pode-se estar certo de que evitarão qualquer comentário. Mas quem são eles afinal? Gente que não ousa romper os laços, com temor de serem expulsos da academia a que pertencem?

E o que é um "ninho de égua"? Shakespeare toca na resposta, embora substitua Odin, que é o herói da balada original, por são Swithold:

Swithold footed thrice the wold.
He met the Night-Mare and her nine-fold,
Bid her alight and her troth plight,
And aroynt thee, witch, aroynt thee!

Swithold três vezes percorreu a planície.
Encontrou em seus nove aspectos a égua da noite,
Dominou-a e de joelhos a colocou,
E *vade retro*, feiticeira, *vade retro!*

Um relato mais extenso das proezas de Odin aparece numa composição nórdica, provavelmente do século XIV, chamada *Charm against the Night Mare, "Exorcismo contra pesadelo (égua da noite)"*:

Tha mon o' micht, he rade o' nicht
Wi' neider swerd ne ferd ne licht.
He socht tha Mare, he fond tha Mare,
He bond tha Mare wi' her ain hare,
Ond gared her swar by midder-micht
She wolde nae mair rid o' nicht
Whar aince he rade, thot mon o' micht.

[2] A expressão "ninho de égua" se refere, em inglês, a um descobrimento que resulta falso ou inútil. Optou-se por conservar a literalidade da imagem, porquanto Graves a emprega em paralelismo com *night mare*, que significa "pesadelo", mas, literalmente, é "égua da noite" ou "égua noturna". Traduzir simplesmente por "pesadelo" poderia acarretar uma perda simbólica essencial no contexto desta obra. (N. T.)

O glorioso homem corria pela noite,
Sem espada, cavalo ou luz.
Procurava a égua e acabou por encontrá-la,
Amarrou-a como se fosse uma lebre
E a fez jurar, por misericórdia,
Que ela não correria mais à noite,
Lá, por onde cavalgasse ele,
O homem glorioso.

A "égua da noite", ou "pesadelo", é um dos aspectos mais cruéis da Deusa Branca. Seus ninhos, quando se os encontra durante os sonhos, construídos nas frestas dos rochedos ou nos galhos de enormes teixos ocos, são feitos de ramos cuidadosamente escolhidos, forrados com crina de cavalo branco, com plumas de aves proféticas e ornado com mandíbulas e entranhas de poetas. Dela falou o profeta Jó: "Habita em cima dos rochedos e lá permanece. Assim como ela, também seus filhotes sugam sangue."

Capítulo 2

A batalha das árvores

Parece que os menestréis galenses, bem como os poetas irlandeses, recitavam seus romances tradicionais em prosa e, destes, passavam a versos dramáticos, sob acompanhamento de harpa, apenas naqueles pontos de tensão emocional. Alguns desses romances sobreviveram completos com os versos incluídos; outros os perderam; em alguns casos, dos quais o *Romance de Llywarch Hen* é um exemplo, só os versos sobreviveram. A coleção galense mais famosa é a *Mabinogion*, que normalmente é tida como pertencente ao grupo de "romances juvenis", posto que se esperava que fosse conhecida de todo aprendiz da profissão de menestrel. Esses romances estão reunidos numa obra do século XIII denominada *O livro vermelho de Hergest*. Quase todos os versos incidentais se perderam. Tais relatos constituem um capital comercial para o cantor andarilho e alguns deles foram mais atualizados do que outros, tanto na linguagem quanto nas maneiras e costumes.

O livro vermelho de Hergest também contém uma reunião de 58 poemas denominada *O livro de Taliesin*, no qual ocorrem os versos incidentais de um *Romance de Taliesin*, o qual não está incluído no *Mabinogion*. Entretanto, a primeira parte do romance se conserva num escrito do final do século XVI denominado *Manuscrito Peniardd*, impresso, pela primeira vez, no início do século XIX, na obra *Myvyrian Archaiology*, completada com muitos dos mesmos versos incidentais, apesar das variações textuais. *Lady* Charlotte Guest traduziu esse fragmento, complementando-o com material de dois outros manuscritos, e o incluiu em sua bem conhecida edição do *Mabinogion* (1848). Infelizmente um dos dois manuscritos veio da biblioteca de Iolo Morganwg, um célebre "melhorador" de documentos galenses, razão pela qual a versão dela não pode ser lida com confiança, embora não se provasse que esse manuscrito em particular tivesse sido forjado.

Segue-se a essência do romance. Um nobre de Penllyn chamado Tegid Voel tinha uma esposa de nome Caridwen, ou Cerridwen, e dois filhos, Creirwy, a menina mais linda do mundo, e Afagddu, o menino mais feio. Viviam numa ilha no meio do lago Tegid. Para compensar Afagddu por sua terrível feiúra, Cerridwen decidiu torná-lo altamente inteligente. Assim, de acordo com uma receita contida nos livros do mago Virgílio de Toledo (herói de um romance do século XII), ela cozinhou um caldeirão de inspiração e conhecimento, que precisava ser mantido em fogo brando por um ano e um dia. A cada estação ela

acrescentava ao caldo ervas mágicas, colhidas nas horas planetárias corretas. Enquanto recolhia ervas, colocou o pequeno Gwion, filho de Gwreang, da paróquia de Llanfair, em Caereinion, para mexer o caldeirão. Lá pelo final do ano, três gotas borbulharam e espirraram no dedo do pequeno Gwion. Ele as colocou na boca e, imediatamente, entendeu a natureza e o significado de todas as coisas do passado, do presente e do futuro. Percebeu, assim, a necessidade de proteger-se da malícia de Cerridwen, que estava determinada a matá-lo logo que ele terminasse o trabalho. Fugiu, mas ela o perseguiu na forma de uma horrenda bruxa negra que gritava muito. Usando os poderes que conseguira do caldeirão, ele se transformou numa lebre e ela, num galgo. Mergulhou num rio e tornou-se um peixe; ela virou uma lontra. Como pássaro, voou pelos ares e ela transformou-se num falcão. Fez-se um grão de trigo largado no chão de um celeiro e ela tornou-se uma galinha preta, ciscou o trigo, encontrou-o e o devorou. Quando retornou a sua forma própria, notou que estava grávida de Gwion e, nove meses depois, o deu à luz na forma de criança. Não teve coragem de matá-lo, pois era muito bonito; por isso, amarrou-o num saco de couro e atirou-o no mar, dois dias antes de *May Day,* ou seja, o dia Primeiro de Maio. A correnteza o levou até o cercado de Gwyddno Garanhair, perto de Dovey e de Aberystwyth, na baía de Cardigan, onde foi resgatado pelo príncipe Elphin, filho de Gwyddno e sobrinho do rei Maelgwyn de Gwynedd (Norte do País de Gales), que tinha ido lá para pescar de rede. Elphin, embora não tivesse apanhado peixe algum, considerou-se bem recompensado por seu trabalho e rebatizou Gwion com o nome de Taliesin, que significa tanto "precioso" quanto "rosto bonito", o que permitiu ao autor do romance alguns jogos de palavras.

Quando Elphin foi aprisionado por seu tio, o rei Maelgwyn, em Dyganwy (perto de Llandudno), a capital de Gwynedd, Taliesin, ainda criança, foi lá para libertá-lo, feito que conseguiu por meio de uma demonstração de sabedoria, na qual confundiu todos os 24 bardos cortesãos e o chefe deles, o bardo Heinin — Nênio, historiador britânico do século XVIII, faz referência aos bardos bajuladores de Maelgwyn. Primeiramente lançou um encantamento mágico sobre os bardos, de modo que só conseguissem fazer *bilu-bilu-bilu* com os dedos nos lábios, tal como criancinhas. Depois, recitou um longo poema enigmático — o *Hanes Taliesin* — que eles não puderam entender e do qual trataremos no Capítulo 5. Como a versão de Peniardd do romance não está completa, é bem possível que a solução do enigma fosse dada no final, como em romances semelhantes, por exemplo: *Rumpelstiltskin*, *Tom Tit Tot, Édipo* e *Sansão*. Contudo, outro poema inciso sugere que Taliesin continuou a ridicularizar a ignorância e a estupidez de Heinin e de outros bardos até o final e nunca revelou sua resposta.

O clímax da história na versão de *lady* Charlotte vem acompanhado de outro enigma proposto pelo menino Taliesin, que começa assim:

Discover what it is:
The strong creature from before the Flood
Without flesh, without bone,
Without vein, without blood,
Without head, without feet ...
In field, in forest ...
Without hand, without foot.
It is also as wide
As the surface of the earth,
And it was not born,
Nor was it seen ...

Descubra o que é que é:
A criatura poderosa anterior ao dilúvio,
Sem carne e sem osso,
Sem veia e sem sangue,
Sem cabeça e sem pés (...)
No campo e na floresta (...)
Sem mão e sem pé.
É também tão vasta
Quanto a face da Terra,
Ela nunca nasceu,
Nem nunca foi vista (...)

A solução, ou seja, o vento, vem apresentada, na prática, por uma violenta tempestade, que apavora o rei e o faz retirar Elphin do calabouço. Em seguida Taliesin o desamarra por meio de um encanto. Provavelmente, noutra versão, o vento era solto de sob o manto de seu companheiro Afagddu, ou Morvran, assim como foi por Morvran, seu correspondente irlandês, no início da Idade Média, na obra *Proceedings of the Grand Bardic Academy*, com a qual *O romance de Taliesin* tem tanto em comum. "Uma parte dele soprou no peito de cada bardo presente, obrigando-os a ficar todos em pé." Uma forma condensada desse enigma aparece em *Flores*, de Bede, um autor elogiado num dos poemas de *O livro de Taliesin*:

> *Dic mihi quae est illa res quae caelum, totamque terram replevit, silvas et sirculos confringit ... omnia-que fundamenta concutit, sed nec oculis videri aut* [sic] *manibus tangi potest.*
>
> [Resposta:] *Ventus.*

Aqui não pode haver engano. Contudo, posto que *Hanes Taliesin* não é precedido por nenhum modo formal de *Dychymig Dychymig* ("*riddle me this riddle*",

ou seja, "O que é, o que é?...") ou *Dechymic puy yw* ("*Discover what it is*", ou seja, "Descubra o que é que..."),[1] os comentadores se desculpam por não o compreenderem de modo algum como um enigma. Alguns chegam a considerá-lo mera solenidade absurda, uma precoce antecipação de Edward Lear e Lewis Carroll que visa à gargalhada; outros consideram que tenha certo tipo de sentido místico relacionado com a doutrina druídica da transmigração das almas, porém não reivindicam capacidade para elucidá-lo.

Aqui devo desculpar-me por minha temeridade em escrever sobre um assunto que não é propriamente o meu. Não sou galense, exceto de modo honorário, por ter comido alho-porró no Dia de São Davi, quando servia como militar junto aos Fuzileiros Reais do País de Gales. Embora tenha vivido na região por alguns anos, intercaladamente, não domino o galense moderno, e tampouco sou um historiador medieval. Contudo a poesia constitui minha profissão e concordo com os menestréis galenses que a primeira riqueza do poeta é o conhecimento e o entendimento dos mitos. Certo dia, quando tentava desvendar o significado do antigo mito galense em *Câd Goddeu, "A batalha das árvores"*, travada entre Arawn, rei de Annwm ("Lugar Insondável") e os dois filhos de Dôn, Gwydion e Amathaon, vivi uma experiência muito parecida com a de Gwion de Llanfair. Uma gota ou duas da beberagem da inspiração saltou do caldeirão e, repentinamente, senti fé de que, se retomasse o enigma de Gwion, que não lia desde os tempos de escola, talvez pudesse dar sentido a ele.

Essa Batalha das Árvores foi "provocada por um abibe,[2] por um corço branco e por um cachorrinho de Annwn". Nas antigas *Tríades* galenses, que são uma coleção de observações sentenciosas ou históricas, ordenadas epigramaticamente segundo árvores, é considerada como uma das "Três batalhas frívolas da Grã-Bretanha". *O Romance de Taliesin* contém um longo poema ou um conjunto de poemas reunidos, chamado *Câd Goddeu*, cujos versos parecem tão sem sentido como o *Hanes Taliesin*, porque foram deliberadamente "empastelados". Aí segue o poema na versão um tanto vitoriana de D. W. Nash, tida como não confiável, mas, no momento, a melhor de que se dispõe. O original está escrito em curtos versos rimados que, freqüentemente, se sustentam por dez ou quinze versos. Menos da metade deles pertence ao poema que dá nome à miscelânea e

[1] Outra modalidade pode ser *dychymig dameg* ("*a riddle, a riddle*"), o que parece explicar o misterioso *ducdame ducdame* em *As You Like It*, o que Jaques descreve como "uma invocação grega para conjurar tolos dentro de um círculo" — talvez uma brincadeira favorita do velho professor galense de Shakespeare, relembrado por suas esquisitices.

[2] O nome científico da ave *Lapwing* é *Vanellus vanellus*. Nos dicionários, encontra-se a tradução por *abibe*, ou *ventoinha* e, conforme uma vindoura referência crítica de Graves à passagem bíblica de Levítico 11, 19, alguns biblistas, dentre os quais os tradutores da Bíblia de Jerusalém, insistiram em considerar o referido pássaro como *poupa* ou *pega*. Convém ressaltar, entretanto, que abibe é *Vanellus cristatus* e não *Vanellus vanellus*. Com efeito, são grandes os limites da tradução quando as espécies não são idênticas, mas apenas aparentadas. (N. T.)

deve ser cuidadosamente separada antes que se possa explicar sua para o enigma de Gwion. Paciência!

CÂD GODDEU
(The Battle of the Trees)

I have been in many shapes,
Before I attained a congenial form.
I have been a narrow blade of a sword.
(I will believe it when it appears.)
I have been a drop in the air.
I have been a shining star.
I have been word in a book.
I have been a book originally.
I have been a light in a lantern.
A year and a half.
I have been a bridge for passing over
Three-score rivers.
I have journeyed as an eagle.
I have been a boat on the sea.
I have been a director in battle.
I have been the string of a child's swaddling clout.
I have been a sword in the hand.
I have been a shield in the fight.
I have been the string of a harp,
Enchanted for a year
In the foam of water.
I have been a poker in the fire.
I have been a tree in a covert.
There is nothing in which I have not been.
I have fought, though small,
In the Battle of Goddeu Brig,
Before the Ruler of Britain,
Abounding in fleets.
Indifferent bards pretend,
They pretend a monstrous beast,
With a hundred heads,
And a grievous combat
At the root of the tongue.
And another fight there is
At the back of the head.

A toad having on his thighs
A hundred claws,
A spotted crested snake,
For punishing in their flesh
A hundred souls on account of their sins.
I was in Caer Fefynedd,
Thither were hastening grasses and trees.
Wayfarers perceive them,
Warrior are astonished
At a renewal of the conflicts
Such as Gwydion made.
There is calling on Heaven,
And on Christ that he would effect
Their deliverance,
The all-powerful Lord.
If the Lord had answered,
Through charms and magic skill,
Assume the forms of the principal trees,
With you in array
Restrain the people
Inexperienced in battle.
When the trees were enchanted
There was hope for the trees,
That they should frustrate the intention
Of the surrounding fires...
Better are three in unison,
And enjoying themselves in a circle,
And one of them relating
The story of the deluge,
And of the cross of Christ,
And the Day of Judgement near at hand.
The alder-trees in the first line,
They made the commencement.
Willow and quicken tree,
They were slow in their array.
The plum is a tree
Not beloved of men;
The medlar of a like nature,
Overcoming severe toil.
The bean bearing in its shade

An army of phantoms.
The raspberry makes
Not the best of food.
In shelter live,
The privet and the woodbine,
And the ivy in its season.
Great is the gorse in battle.
The cherry-tree had been reproached.
The birch, though very magnanimous,
Was late in arraying himself;
It was not through cowardice,
But on account of his great size.
The appearance of the...
Is that of a foreigner and a savage.
The pine-tree in the court,
Strong in battle,
By me greatly exalted
In the presence of kings,
The elm-trees are his subjects.
He turns not aside the measure of a foot,
But strikes right in the middle,
And at the farthest end.
The hazel is the judge,
His berries are thy dowry.
The privet is blessed.
Strong chiefs in war
Are the... and the mulberry.
Prosperous the beech-tree.
The holly dark green,
He was very courageous:
Defended with spikes on every side,
Wounding the hands.
The long-enduring poplars
Very much broken in fight.
The plundered fern;
The brooms with their offspring:
The furze was not well behaved
Until he was tamed.
The heath was giving consolation,
Comforting the people.

The black cherry-tree was pursuing.
The oak-tree swiftly moving,
Before him tremble heaven and earth,
Stout doorkeeper against the foe
Is his name in all lands.
The corn-cockle bound together,
Was given to be burnt.
Others were rejected
On account of the holes made
By great violence
In the field of battle.
Very wrathful the...
Cruel the gloomy ash.
Bashful the chestnut-tree,
Retreating from happiness.
There shall be a black darkness,
There shall be a shaking of the mountain,
There shall be a purifying furnace,
There shall first be a great wave,
And when the shout shall be heard —
Putting forth new leaves are the tops of the beech,
Changing form and being renewed from a withered state;
Entangled are the tops of the oak.
From the Gorchan of Maelderw.
Smiling at the side of the rock
(Was) the pear-tree not of an ardent nature.
Neither of mother or father,
When I was made,
Was my blood or body;
Of nine kinds of faculties,
Of fruit of fruits,
Of fruit God made me,
Of the blossom of the mountain primrose,
Of the buds of trees and shrubs,
Of earth of earthly kind.
When I was made
Of the blossoms of the nettle,
Of the water of the mind wave,
I was spell-bound by Math
Before I become immortal.

I was spell-bound by Gwydion,
Great enchanter of the Britons,
Of Eurys, of Eurwn,
Of Euron, of Medron,
In myriads of secrets,
I am as learned as Math...
I know about the Emperor
When he was half burnt.
I know the star-knowledge
Of stars before the earth (was made),
Whence I was born,
How many worlds there are.
It is the custom of accomplished bards
To recite the praise of their country.
I have played in Lloughor,
I have slept in purple.
Was I not in the enclosure
With Dylan Ail Mor,
On a couch in the centre
Between the two knees of the prince
Upon two blunt spears?
When from heaven came
The torrents into the deep,
Rushing with violent impulse.
(I know) four-score songs,
For administering to their pleasure.
There is neither old nor young,
Except me as to their poems,
Any other singer who knows the whole of the nine hundred
Which are know to me,
Concerning the blood spotted sword.
Honour is my guide.
Profitable learning is from the Lord.
(I know) of the slaying of the boar,
Its appearing, its disappearing,
Its knowledge of languages.
(I know) the light whose name is Splendour,
And the number of the ruling lights
That scatter rays of fire
High above the deep.

I have been a spotted snake upon a hill;
I have been a viper in a lake;
I have been an evil star formerly.
I have been a weight in a mill. (?)
My cassock is red all over.
I prophesy no evil.
Four score puffs of smoke
To every one who will carry them away:
And a million of angels,
On the point of my knife.
Handsome is the yellow horse,
But a hundred times better
Is my cream-coloured one,
Swift as the sea-mew,
Which cannot pass me
Between the sea and the shore.
Am I not pre-eminent in the field of blood?
I have a hundred shares of the spoil.
My wreath is of red jewels,
Of gold is the border of my shield.
There has not been born one so good as I,
Or ever known,
Except Goronwy,
From the dales of Edrywy.
Long and white are my fingers,
It is long since I was a herdsman.
I travelled over the earth
Before I became a learned person.
I have travelled, I have made a circuit,
I have slept in a hundred islands;
I have dwelt in a hundred cities.
Learned Druids,
Prophesy ye of Arthur?
Or is it me they celebrate,
And the Crucifixion of Christ,
And the Day of Judgement near at hand,
And one relating
The history of the Deluge?
With a golden jewel set in gold
I am enriched;
And I am indulging in pleasure
Out of the oppressive toil of the goldsmith.

Câd Goddeu
(A batalha das árvores)

Tive muitas formas
Antes de chegar àquela congenial.
Fui fina lâmina de espada.
(Hei de crer quando aparecer.)
Fui uma gota no ar.
— uma estrela brilhante.
— uma palavra num livro.
Fui um livro nos primórdios.
— uma luz numa lanterna.
Um ano e um semestre.
Fui ponte para cruzar
Sessenta rios.
Viajei como uma águia.
Fui um barco no mar
— comandante em batalha
— cueiro de bebê.
Fui uma espada na mão,
— escudo na luta
— e corda de harpa,
Encantado por um ano
Nas espumas das águas.
Fui um atiçador de fogo.
— uma árvore no descampado.
Nada existe que eu já não tenha sido.
Embora pequeno, travei a batalha
De Goddeu Brig,
Diante do governante bretão,
Dono de muitas frotas.
Bardos indiferentes fingem,
Fingem ser uma fera monstruosa,
Com uma centena de cabeças
E um sério combate
Na raiz da língua.
E outra luta ocorre
Atrás da cabeça.
Um sapo que tem nas coxas
Uma centena de garras,
Uma serpente com crista pintada,
Por punir na carne deles
Uma centena de almas por conta de seus pecados

Estive em *Caer* Fefynedd,
E, para além da qual, em busca de ervas e árvores.
Os viandantes os percebem,
Os guerreiros ficam surpresos
Com a renovação dos conflitos
Tal como o que Gwydion fez.
Clamam aos céus
E pedem a Cristo que concretize
A libertação deles,
O Senhor Onipotente.
Se o Senhor tivesse respondido,
Por meio de encantos e da habilidade mágica,
Assumem as formas das árvores principais,
Com vocês formados para a luta,
Restringe as pessoas
Inexperientes em batalhas.
Quando as árvores ficaram encantadas,
Houve esperança para elas,
Que iriam frustrar a intenção
Dos fogos das redondezas (...)
Melhor são três unidos
E divertindo-se em círculo,
E um deles relatando
A história do dilúvio
E da Cruz de Cristo,
Do Juízo Final já tão próximo.
Os amieiros na primeira linha,
Deram início.
O salgueiro e as árvores agitadas
Foram lentos em achar seus postos.
A ameixeira é uma árvore
Pouco amada pelos homens;
A nespereira de natureza semelhante
Combate severamente.
O faveiro acoberta em sua sombra
Um exército de fantasmas,
A framboesa não fornece
O melhor alimento.
No abrigo vivem
O alfeneiro e a madressilva

E a hera, cada qual em sua estação.
Grandioso é o tojo na batalha.
A cerejeira foi repreendida.
O vidoeiro, embora tão magnânimo,
Chegou atrasado para ocupar seu lugar;
Mas não foi por covardia,
Mas por causa de seu tamanho enorme
A aparência do (...)
É aquela de um estrangeiro selvagem.
O pinheiro na corte,
Forte na batalha,
Foi por mim grandemente exaltado.
Na presença de reis,
Os olmeiros são seus súditos.
Mas não se desvia nem por um pé de medida,
Mas golpeia diretamente no centro
E no extremo mais afastado.
A aveleira é o juiz,
Suas bagas são seu dote.
O alfeneiro é abençoado.
Fortes chefes em guerra
São o (...) e a amoreira.
Próspera é a faia.
O azevinho verde-escuro,
Era muito corajoso:
Defendia-se com espinhos de cada lado,
Ferindo as mãos.
Os resistentes álamos
Muito se partiram na luta.
A samambaia pilhada.
As giestas com suas crias:
O tojo não se comportou bem
Até que foi subjugado.
A charneca estava consolando,
Confortando as pessoas.
A cerejeira negra estava perseguindo.
O carvalho se movia agilmente,
Tremendo diante dele os céus e a terra,
Sólido guardião contra os inimigos
Cujo nome está por todas as terras.

Os feixes de trigo
Foram postos a queimar.
Outros foram rejeitados
Por causa dos buracos feitos
Com grande violência
No campo de batalha.
Muito irado o (...)
Cruel e sombrio freixo.
Tímido o castanheiro,
Afastando-se da felicidade.
Haverá uma tétrica escuridão,
— um tremor da montanha,
Haverá um formo purificador,
— e primeiro, uma enorme onda,
E quando o grito se ouvir,
Brotarão folhas novas nas copas das faias,
Transformando-se e renovando-se de um estado ressequido;
Cerram-se e entrecruzam-se as copas dos carvalhos.
Desde de Gorchan de Maelderw.
Sorrindo ao lado da rocha,
(Estava) a pereira, que não tinha natureza ardente.
Nem de mãe, nem de pai,
Quando fui feito,
Era meu sangue ou meu corpo;
De nove tipos de faculdades,
De fruto dos frutos,
De fruto, Deus me criou,
Da flor da prímula montanhesa,
Dos rebentos de árvores e arbustos
Da terra de tipo terrenal.
Quando fui feito
Das flores da urtiga,
Da água da nona onda,
Fui enfeitiçado por Math (...).
Antes que me tornasse imortal.
Fui enfeitiçado por Gwydion,
Grande feiticeiro dos bretões,
De Eurys, de Eurwn,
De Euron, de Medron,
Em miríades de segredos,

Sou tão erudito quanto Math (...).
Sei a respeito do imperador
Quando estava semiqueimado.
Tenho o conhecimento das estrelas
Anteriores à terra (ser feita),
Delas é que nasci,
Quantos mundos existem.
É costume de bardos perfeitos
Recitarem louvores a seu país.
Brinquei em Lloughor,
Dormi em púrpura.
Não estive eu enclausurado
Com Dylan Ail Mor,
Num leito ao centro,
Entre os joelhos do príncipe
Apoiado sobre duas lanças toscas?
Quando dos céus vieram
As corredeiras para dentro das profundezas,
Turbilhoando de modo violento.
(Conheço) oitenta canções
Para satisfazer a vontade deles.
Não há velho nem jovem,
Exceto eu quanto a seus poemas,
Que saiba a totalidade dos novecentos
Que são de meu conhecimento,
Relativos à espada manchada de sangue.
A honra é meu guia.
Rico é o ensinamento que transmite o Senhor.
Sei como sangrar o javali,
Como ele aparece e como desaparece
E como conhece os idiomas.
(Conheço) a luz cujo nome é Esplendor,
E as luminárias que servem de guia
E desfecham raios de fogo
Lá de cima, por sobre as profundezas.
Serpente marcada sobre colina
E uma víbora num lago fui;
Outrora, má estrela fui
E mó de moinho também.
Minha batina é toda vermelha.

Não profetizo nenhum mal.
Oitenta baforadas de fumaça
A todos que os levarem embora:
E um milhão de anjos,
Na ponta de minha faca.
Lindo é o cavalo baio.
Mas cem vezes melhor
É o meu de cor creme,
Rápido como a gaivota
Que não me consegue ultrapassar
Entre o mar e o litoral.
Não sou proeminente no campo do sangue?
Tenho cem partes dos despojos.
Minha coroa é de gemas vermelhas,
De ouro é a borda de meu escudo.
Nunca nasceu alguém tão bom quanto eu,
Ou por alguém fora conhecido,
Exceto Goronwy,
Dos vales de Edrywy.
Longos e brancos são meus dedos,
Faz muito tempo de quando fui pastor.
Viajei pela terra
Antes que me tornasse erudito.
Viajei e completei um circuito,
Dormi numa centena de ilhas;
Residi numa centenas de cidades.
Ó druidas eruditos,
Profetizais sobre Arthur?
Ou será a mim que celebram
E à crucifixão de Cristo,
O já vindouro Dia do Juízo Final
E a alguém que narra
A história do dilúvio?
Com uma jóia de ouro
Estou adornado
E me entrego ao prazer
Após dura faina de ourives.

Com um pouco de paciência, a maioria dos versos pertencentes ao poema *A batalha das árvores* pode ser separada dos quatro ou cinco outros poemas com os quais está mesclada. Aqui apresento uma tentativa de restauração das partes mais fáceis, guardando-se o espaço vazio para as mais difíceis. Os motivos que me levaram a esta solução aparecerão no momento devido, à medida que discu-

to o significado das alusões contidas no poema. Emprego a métrica da balada como o equivalente, em inglês, mais adequado ao original.[3]

THE BATTLE OF THE TREES

	(versos)
From my seat at Fefynedd, *A city that is strong,* *I watched the trees and green things* *Hastening along.*	(41 e 42)
Wayfarers wondered, *Warriors were dismayed* *At renewal of conflicts* *Such as Gwydion made,*	(43-46)
Under the tongue-root *A fight most dread,* *And another raging* *Behind, in the head.*	(32-35)
The alders in the front line *Began the affray.* *Willow and rowan-tree* *Were tardy in array.*	(67-70)
The holly, dark green, *Made a resolute stand;* *He is armed with many spear-points* *Wounding the hand.*	(104-107)

[3] Optou-se por traduzir fielmente o conteúdo dos poemas, apesar do nítido prejuízo da forma métrica original, pois uma liberdade poética na tradução deles poderia acarretar maiores danos ao entendimento do que aqueles inevitáveis e necessários por força do próprio traduzir. Para prevenir contra entendimentos truncados, decidiu-se manter, precedente às traduções, o original em inglês, o que, pouco mais adiante no texto, seria indispensável para a compreensão da associação entre os nomes das árvores e o antigo alfabeto relembrado por Robert Graves. Outra dificuldade insolúvel desta tradução está no gênero das árvores: em inglês sempre no neutro e em português no feminino ou no masculino. (N. T.)

With foot-beat of the swift oak
Heaven and earth rung;
Stout Guardian of the Door'
His name in every tongue. (117-120)

Great was the gorse in battle,
And the ivy at his prime;
The hazel was arbiter
At this charmed time. (82, 81, 98, 57)

Uncouth and savage was the [fir?]
Cruel the ash-tree —
Turns not aside a foot-breadth,
Straight at the heart runs he. (88, 89, 128, 95, 96)

The birch, though very noble,
Armed himself but late:
A sign not of cowardice
But of high estate. (84-87)

The heath gave consolation
To the toil-spent folk,
The long-enduring poplars
In battle much broke. (114, 115, 108, 109)

Some of them were cast away
On the field of fight
Because of holes torn in them
By the enemy's might. (123-126)

Very wrathful was the [vine?]
Whose henchmen are the elms;
I exalt him mightily
To rulers of realms. (127, 94, 92, 93)

In shelter linger
Privet and woodbine
Inexperienced in warfare;
And the courtly pine. (79, 80, 56, 90)

(versos)

De minha atalaia em Fefynedd, (41 e 42)
Cidade que é forte,
Mirava as árvores e todo o verde
que se estendia ao longe.

Os viajantes se maravilhavam, (43-46)
Os guerreiros se espantavam
Diante da renovação de conflitos
Tais como Gwydion fez,

Sob a raiz da língua, (32-35)
Uma luta horrenda,
E ainda mais outra furiosa
No lado de trás da cabeça.

Os amieiros na linha de frente (67-70)
começam a contenda.
O salgueiro e a sorveira
demoraram a perfilar-se.

O azevinho, verde-escuro, (104-107)
Tomou posição resoluta;
Armado com muitas pontas de lanças
Ferindo a mão.

Com o pontapé do carvalho ágil (117-120)
Tremeram céus e terra;
"Sólido Guardião da Porta"
Seu nome está em toda língua.

Grande foi o tojo na batalha, (82, 81, 98, 57)
E a hera em suas primícias;
A aveleira foi o árbitro
Neste instante encantado.

Claudicante e selvagem estava o [*pinheiro?*] (88, 89, 128, 95, 96)
Cruel o freixo:
Não se vira mais do que um pé
E vai direto ao coração.

O vidoeiro, embora muito nobre, (84-87)
Armou-se tardiamente:
Sinal, não de covardia,
Mas de alta hierarquia.

A charneca consolou (114, 115, 108, 109)
O povo cansado da lida,
Os resistentes álamos
Muito se partiram na batalha.

Alguns foram lançados longe, (123-126)
No campo de luta,
Por causa dos buracos neles feitos
Pelo poder do inimigo.

Muito colérica estava a [videira?] (127, 94, 92, 93)
Cujos pajens são os olmos;
E eu o exaltei poderosamente
Diante de governantes de reinos.

Permaneceram no abrigo (79, 80, 56, 90)
o alfeneiro e a madressilva,
Inexperientes na guerra;
além do pinheiro cortesão.

O pequeno Gwion deixou bem claro que não apresenta este encontro como a forma original de *Câd Goddeu*, mas como:

A renewal of conflicts
Such as Guydion made.

Uma renovação de conflitos
Tal como Gwion fez.

Os comentaristas, desorientados pelos versos empastelados, limitaram-se, em sua maioria, a observar que, na tradição celta, se atribuía aos druidas o

poder mágico de transformar árvores em guerreiros e de mandá-los à batalha. Contudo, o reverendo Edward Davies, um galense brilhante e erudito, embora excêntrico, fora o primeiro a advertir, no início do século XIX, em suas *Celtic Researches* (1809), que a batalha descrita por Gwion não é um combate vulgar, nem uma batalha travada fisicamente, mas, sim, uma batalha travada intelectualmente nas cabeças e com as línguas dos doutos. Davies observou também que, em todas as línguas celtas, "árvores" é um vocábulo que significa "letras"; que os colégios druidas fundavam-se em florestas e bosques; que grande parte dos mistérios druídicos estava relacionada com diferentes tipos de ramagens e que o alfabeto irlandês mais antigo, o Beth-Luis-Nion ["*Birch-Rowan-Ash*" ("bétula-sorveira-freixo")], tira seu nome das três primeiras de uma série de árvores cujas iniciais formam a seqüência de suas letras. Davies estava na trilha correta, embora se tenha desviado quando não percebeu que os poemas estavam empastelados e os tenha traduzido erroneamente, dando-lhes o sentido que lhe pareceu apropriado. Ainda assim, suas observações nos ajudam a restaurar o texto da passagem relativa às árvores e aos vegetais apressados:

Retreating from happiness, (versos 130 e 53)
They would fain be set
In forms of the chief letters
Of the alphabet.

Afastando-se da felicidade,
Dispunham-se a assumir
As formas das principais
Letras do alfabeto.

Os seguintes versos parecem constituir a introdução do relato da batalha:

The tops of the beech-tree (versos 136 e 137)
Have sprouted of late,
Are changed and renewed
From their withered state.

When the beech prospers, (versos 103, 52, 138, 58)
Though spells and litanies
The oak-tops entangle,
There is hope for trees.

As copas das faias (versos 136 e 137)
Brotaram recentemente,
Modificadas e renovadas
Daquele estado sem viço.

Quando a faia prospera, (versos 103, 52, 138, 58)
Apesar de sortilégios e litanias,
As copas dos carvalhos se emaranham
E há esperança para as árvores.

Se isto tem algum sentido, há de significar que houve um recente renascimento das letras no País de Gales. "Faia" é um sinônimo comum para "literatura". A palavra inglesa *book* (livro), por exemplo, deriva de uma palavra gótica que designava "letras" e, como o alemão *buchstabe*, liga-se etimologicamente à palavra *beech* (faia), e o motivo está no fato de que as tabuletas para escrever eram feitas com madeira de faia. Como escreveu o poeta Venâncio Fortunato, bispo e poeta do século VI: *"Barbara fraxineis pingatur runa tabellis"* — "Que as runas bárbaras sejam gravadas em tabuletas feitas com a madeira da faia." As "copas entremeadas dos carvalhos" devem referir-se aos antigos mistérios poéticos: como já foi dito, o *derwydd*, druida, ou poeta, era um "carvalho vidente". Um primitivo poema da Cornualha descreve como o druida Merddin, ou Merlin, saiu, nas primeiras horas do amanhecer, com seu cachorro preto à procura do *glain*, ou seja, de um ovo de serpente mágico (provavelmente um ouriço-do-mar semelhante aos encontrados nas tumbas da Idade do Ferro), à cata de certo tipo de agrião e de primuláceas (*herbe d'or*) e cortou o ramo mais alto da copa de um carvalho. Gwion, que no verso 225 se dirige a seus companheiros poetas tratando-os por druidas, quer dizer: "Os antigos mistérios poéticos foram reduzidos a um emaranhado pela prolongada hostilidade da Igreja, mas eles têm um futuro alvissareiro, agora que a literatura está prosperando fora dos monastérios."

Ele também menciona outros participantes na batalha:

Strong chiefs in war
Are the [?] and mulberry (...).

The cherry has been slighted (...).

The black cherry was pursuing (...).

The pear that is not ardent (...).

The raspberry that makes
Not the best of foods (...).

The plum is a tree
Unbeloved of men (...).

The medlar of like nature (...).

Fortes chefes em guerra
São o [?] e a amoreira (...).

A cerejeira foi desprezada (...).

A cerejeira negra estava perseguindo (...).

A pereira que não é ardente (...).

A framboesa que não faz
O melhor dos alimentos (...).

A ameixeira é uma árvore
Pouco amada pelos homens (...).

A nespereira de natureza semelhante (...).

Nenhuma destas referências faz sentido poeticamente. A framboesa é um excelente alimento; a ameixeira é uma árvore popular; a madeira da pereira é tão ardente, no sentido de ser bom comburente, que, nos Bálcãs, é empregada como substituto do corniso para alimentar os fogos rituais; a amoreira não é empregada como uma árvore de armas; a cerejeira nunca foi desprezada e, nos dias de Gwion, estava associada com a história do Natal numa versão popular do Evangelho do pseudo Mateus; e a cerejeira negra não "persegue". Fica bem claro que estes oito nomes de frutas de pomar, além de um outro que ocupava a lacuna que preenchi com o termo *fir* (pinheiro), foram maliciosamente retirados da enigmática passagem que se segue no poema:

Of nine kinds of faculty,
Of fruits of fruit,
Of fruit God made me (...).

De nove tipos de faculdades,
De frutos de frutos,
De fruto Deus me criou (...).

E foram estas faculdades substituídas pelos nomes de nove árvores da floresta que se envolveram na contenda.

É difícil decidir se a história do homem-fruto pertence ao poema *A batalha das árvores* ou se é um tipo de discurso "aí vou eu" semelhante aos quatro outros embaralhados em *Câd Goddeu*, dos quais os oradores são claramente Taliesin, Blodeuwedd, a deusa-flor, Hu Gadarn, ancestral de Cymry, e Apolo, o deus. No conjunto, acredito que pertença ao *A batalha das árvores*:

With nine sorts of faculty (versos 145-147)
God has gifted me:
I am fruit of fruit gathered
From nine sorts of tree —

De nove tipos de faculdade
Dotou-me Deus a mim:
Sou fruto de frutos recolhidos
De nove tipos de árvores —

Plum, quince, whortle, mulberry, (versos 71, 73, 77, 83,
Raspberry, pear, 102, 116, 141)
Black cherry and white
With the sorb in me share.

Ameixa, marmelo, mirtilo e amora,
Framboesa, pêra,
Cerejas negras e brancas
Junto com a sorva em mim se mesclam.

Depois de um estudo das árvores-letras do alfabeto irlandês Beth-Luis-Nion, com o qual o autor do poema estava nitidamente familiarizado, fica fácil restaurar as nove árvores originais que foram representadas pelos nomes de seus frutos. Podemos ter certeza de que é o fruto do abrunheiro que "não é o melhor dos alimentos"; o sabugueiro, que, como é notório, é péssima madeira para fogo, constitui, no entanto, famoso remédio camponês contra febres e queimaduras, uma vez que não é "ardente"; o infeliz pilriteiro e o abrunheiro "de igual natureza", que são "desamados pelos homens", junto com o teixo do arqueiro, são os "fortes chefes na guerra". E, em analogia com o carvalho, do qual eram feitos cajados, o teixo com o qual se fizeram arcos mortais e cabos de adagas, o freixo do qual lanças confiáveis foram feitas e o álamo, com o qual se faziam duradouros escudos, sugiro que a origem de "a cerejeira negra estava perseguindo" residia no incansável junco do qual eram feitas as flechas velozes. Recorde-se que o junco era classificado entre as árvores pelos poetas irlandeses.

O sujeito que fala na primeira pessoa "eu", e que se sente depreciado por não ser grande, é o próprio Gwion, de quem Heinin e seus companheiros bar-

dos fizeram troça por sua aparência infantil; mas ele estaria talvez falando ainda pelo personagem de outra árvore — o visco — que, na lenda nórdica, matou Balder, o deus-sol, depois de ter sido humilhado por ser considerado jovem demais para prestar o juramento de não ferir a divindade solar. Embora não haja traços, na antiga religião irlandesa, de um culto do visco, nem este figure no Beth-Luis-Nion, dentre todas as plantas, esta era a mais importante para a doutrina dos druidas gauleses que, em questões de doutrina, apoiavam-se na Grã-Bretanha. Restos de visco foram encontrados junto com ramos de carvalho dentro de uma urna funerária numa sepultura da Idade do Bronze em Cris-thorpe, perto de Scarborough, em Yorkshire. Assim, pode ser que Gwion estivesse se fundamentando, neste ponto, numa tradição britânica do original de *Câd Goddeu*, bem mais do que em seu aprendizado irlandês.

As restantes referências a árvores no poema são as seguintes:

The broom with its children (...).

A giesta com suas crias (...).

The furze not well behaved
Until he was tamed (...).

O tojo não se comportou bem
Até que foi domesticado (...).

Bashful the chestnut-tree (...).

O tímido castanheiro (...).

O tojo é domado, ou domesticado, pelos fogos primaveris, que tornam seus brotos comestíveis para as ovelhas.

O tímido castanheiro não pertence à mesma categoria de letras-árvores como aquelas que tomam parte na batalha; provavelmente o verso onde aparece faça parte de outro poema incluído em *Câd Goddeu* e que descreve como a adorável Blodeuwedd ("aspecto de flor") foi inteiramente conjurado pelo feiticeiro Gwydion das raízes até os brotos. Este poema não é difícil de separar do resto em *Câd Goddeu*, embora um verso ou dois se tenham perdido. Elas podem ser supridas pelos versos paralelos:

Of nine kinds of faculties, (versos 145-147)
Of fruits of fruit,
Of fruit God made me.

De nove tipos de faculdades, (versos 145-147)
De frutos de fruto,
De fruto, Deus me criou.

Se o homem-fruto é criado de nove tipos de frutos, a mulher-flor deve ter sido criada de nove tipos de flores. Cinco delas aparecem em *Câd Goddeu*; alhures, outras três — giesta, rainha-do-prado e flores de carvalho — surgem no relato do mesmo evento no *Romance of Math the Son of Mathonwy*; a nona flor é provável que fosse o pilriteiro, porque Blodeuwedd é outro nome de Olwen, a rainha-de-maio, e (segundo o *Romance of Kilhwych and Olwen*) filha de algum tipo de pilriteiro ou da árvore-de-maio; contudo, também pode ter sido a nona, a flor do trevo que floresce em branco.

HANES BLODEUWEDD

	versos
Not of father nor of mother	142
Was my blood, was my body.	144
I was spellbound by Gwydion,	156
Prime enchanter of the Britons,	157
When he formed me from nine blossoms,	143
Nine buds of various kind:	149
From primrose of the mountain,	148
Broom, meadow-sweet and cockle,	121
Together intertwined,	
From the bean in its shade bearing	75
A white spectral army	76
Of earth, of earthly kind,	150
From blossoms of the nettle,	152
Oak, thorn and bashful chestnut —	129
Nine powers of nine flowers,	[146
Nine powers in me combined,	145]
Nine buds of plant and tree.	149
Long and white are my fingers	220
As the ninth wave of the sea.	153

	versos
Nem de pai nem de mãe	142
Era meu sangue, era meu corpo.	144
Fui enfeitiçada por Gwydion,	156
Grande feiticeiro dos bretões,	157
Quando me formou de nove flores,	143
Nove brotos de vários tipos:	149
Da prímula da montanha,	148

Giesta, rainha-do-prado e joio,
Juntos e entremeados, 121
Do faveiro em sua sombra guardando
Espectral exército branco 75
De terra, de tipo terrenal, 76
De brotos das urtigas, 150
Carvalho, espinheiro e tímido castanheiro 152
Nove poderes de nove flores, 129
Nove poderes em mim conjugados, [146, 145]
Nove brotos de planta e de árvore. 149
Meus dedos [são] longos e brancos 220
Como a nona onda do mar. 153

No País de Gales e na Irlanda as prímulas são consideradas flores mágicas e, na tradição popular inglesa, representam a lascívia (*cf.* "O caminho das prímulas dos jogos amorosos" — *Hamlet*; "a prímula de sua lascívia" — em *Golden Fleece* de Brathwait). Do mesmo modo, "as fadas vestidas de amarelo" de Nilton enfeitavam-se com prímulas. "Joio" é a "erva daninha" da parábola por meio do que o diabo se mistura no trigal; e o faveiro é tradicionalmente associado com fantasmas — contra o qual havia o remédio homeopático dos gregos e dos romanos que consistia em cuspir favas sobre eles. Igualmente Plínio, em sua *História natural*, registra a crença de que as almas dos mortos habitem os grãos de favas. Segundo o poeta escocês Montgomerie (1605), as bruxas voavam em caules de favas rumo a seus *sabats*.

Retornemos ao *A batalha das árvores*. Embora a samambaia fosse tida como uma árvore pelos poetas irlandeses, a "samambaia saqueada" provavelmente indica uma alusão à semente de samambaia que confere invisibilidade e outros poderes mágicos. A dupla referência ao alfeneiro é suspeita. Esta planta aparece, sem importância, no folclore poético irlandês relativo às árvores; além disto, nunca é considerada "abençoada". Provavelmente sua segunda ocorrência, no verso 100, seja um disfarce para a macieira selvagem, que constitui a árvore mais provável de sorrir ao lado do rochedo, símbolo de segurança: pois Olwen, a gargalhante Afrodite da lenda galense, está sempre associada à maçã selvagem. O verso 99 — "suas bagas são seu dote" — consiste num absurdo justaposto à palavra "aveleira". Somente duas árvores frutíferas poderiam ser consideradas dote de noivas no tempo de Gwion: o teixo do jardim da igreja, cujos frutos tombam no pórtico do templo, onde os casamentos eram sempre celebrados, e a sorveira do mesmo jardim que, com freqüência, no País de Gales, foi substituída pelo teixo. Acredito que se queira falar, aqui, do teixo, cujos frutos eram apreciados por sua doçura grudenta. No poema irlandês do século X *King and Hermit*, Marvan, irmão do rei Guare, de Connaught, recomenda-os como alimento.

Agora pode-se fazer uma tentativa de restauração das estrofes que faltam:

I have plundered the fern, (versos 110, 160 e 161)
Through all secrets I spy,
Old Math ap Mathonwy
Knew no more than I.

Strong chieftains were the blackthorn (101, 71-73, 77 e 78)
With his ill fruit,
The unbeloved whitethorn
Who wears the same suit.

The swift-pursuing reed, (116, 111-113)
The broom with his brood,
And the furze but ill-behaved
Until he is subdued.

The dower-scattering yew (97, 99, 128, 141, 60)
Stood glum at the fight's fringe,
With the elder slow to burn
Amid fires that singe,

And the blessed wild apple (100, 139 e 140)
Laughing for pride
From the Gorchan *of Maelderw,*
By the rock side.

But I, although slighted (83, 54, 25 e 26)
Because I was not big
Fought, trees, in your array
On the field of Goddeu Brig.

Saqueei a samambaia, (versos 110, 160 e 161)
Espionei todos os segredos,
O velho Math ap Mathonwy
Não sabia mais do que eu.

Fortes chefes eram o abrunheiro (101, 71-73, 77 e 78)
Com seu fruto doente,
O desamado pilriteiro
Que veste o mesmo traje.

O junco ágil na perseguição,
A giesta com suas crias, (116, 111-113)
E o tojo que se porta mal
Até que é subjugado.

O teixo que espalhava dotes (97, 99, 128, 141, 60)
Ficou tristonho de pé à margem da luta,
Com o sabugueiro lento a queimar-se
Entre fogos que chamuscam.

E a abençoada maçã selvagem (100, 139 e 140)
Gargalha para orgulho
Do *Gorchan* (encantamento) de Maelderw,
Ao lado da rocha.

Contudo, eu, embora desprezado, (83, 54, 25 e 26)
Porque não era grande,
Lutei, árvores, em suas fileiras
No campo de *Goddeu Brig*.

A giesta pode não parecer uma árvore guerreira, mas, em *Genistae Altinates*, de Gratius, diz-se que a giesta alta e branca fora muito empregada na Antiguidade para se fazer lanças e flechas: estas são, provavelmente, "as crias". *Goddeu Brig* significa "copa das árvores", o que desnorteou aqueles que sustentavam que *Câd Goddeu* significava uma batalha travada em *Goddeu*, "árvores", o nome galense para Shropshire. O *Gorchan* de Maelderw ("O encantamento de Maelderw") era um longo poema atribuído a Taliesin, poeta do século VI, prescrito como clássico para seus colegas bardos. A macieira era símbolo da imortalidade poética e, por este motivo, aqui aparece como surgindo desse feitiço de Taliesin.

Veja-se, agora, como antecipação de minha argumentação daqui a alguns capítulos, a ordem da batalha em *Câd Goddeu*:

	Birch	*Rowan*	*Alder*	*Willow*	*Ash*	
	Whitethorn	*Oak*	*Holly*	*Hazel*	*Wild-apple*	
	Vine	*Ivy*	*Reed* / *Broom*	*Blackthorn*	*Elder*	
Palm	*Fi*	*Gorse* / *Furze*	*Heath*	*Poplar*	*Yew*	*Mistletoe*
		Privet	*Woodbine*	*Pine*		

	Bétula ou vidoeiro	Sorveira-brava	Amieiro	Salgueiro	Freixo	
	Pilriteiro	Carvalho	Azevinho	Aveleira	Maçã selvagem	
	Videira	Hera	Junco / Giesta	Abrunheiro	Sabugueiro	
Palmeira	Pinheiro	Tojo / Tojo	Charneca	Álamo	Teixo	Visco
		Alfeneiro	Madressilva	Pinheiro		

Deve-se acrescentar que, no original, entre os versos numerados como 60 e 61, aparecem oito linhas ininteligíveis para D. W. Nash: começando com *"the chieftains are falling"* ("os chefes estão tombando") e finalizando com *"blood of men up to the buttocks"* ("sangue de homens até as nádegas"). Estes podem ou não pertencer ao *A batalha das árvores*.

Deixo os demais trechos incluídos nesta miscelânea para serem extraídos por outra pessoa. Além dos monólogos de Blodeuwedd, Hu Gadarn e Apolo, existe uma sátira de monges teólogos, que se sentam em lúgubres círculos divertindo-se com profecias sobre o iminente Dia do Juízo Final (versos 62-66), sobre a escuridão das trevas, sobre o tremor da montanha, a fornalha purificadora (versos 131-134), uma centena de almas de homens perdidas (versos 39 e 40) e refletindo sobre os problemas absurdos dos escolásticos:

Room for a million angels (versos 204 e 205)
On my knife-point, it appears.
Then room for how many worlds (167-176)
A-top of two blunt spears?

Espaço para um milhão de anjos (versos 204 e 205)
Existe na ponta de minha faca, ao que parece.
Então, espaço para quantos mundos haverá (167-176)
Nas pontas de duas lanças rombudas?

Isto introduz uma vanglória de Gwion sobre seu próprio saber:

But I *prophesy no evil,* (versos 200 e 201)
My cassock is wholly red.
'He knows the Nine Hundred Tales' — (184)
Of whom but me is it said?

Contudo, não profetizo mal algum, (versos 200 e 201)
Minha batina é toda vermelha.
"Ele conhece as novecentas lendas" (verso 184)
De quem mais se diria isto?

O vermelho era a cor dos trajes mais prestigiados dentre os antigos galenses, segundo Cynddelw, poeta do século XII; Gwion contrapõe esta cor às tristes vestimentas dos monges. Das novecentas lendas, ele só se refere a duas, ambas incluídas no *Livro vermelho de Hergest*: *a caçada do Twrch Trwyth* (verso 189) e *O sonho de Maxen Wledig* (versos 162 e 163).

Os versos 206 e 211 pertencem, ao que parece, a *Can y Meirch*, *a canção dos cavalos*, outro poema de Gwion, que se refere a uma corrida entre o cavalo de Elphin e o de Maelgwyn, que é uma inserção no romance.

Uma das seqüências mais interessantes pode ser construída a partir dos versos 29-32, 36 e 37 e 234-237:

Indifferent bards pretend,
They pretend a monstrous beast,
With a hundred heads,
A spotted crested snake,

A toad having on his thighs
A hundred claws,

With a golden jewel set in gold
I am enriched;
And indulged in pleasure
By the oppressive toil of the goldsmith.

Bardos indiferentes fingem,
Fingem ser uma fera monstruosa,
Com uma centena de cabeças,
Uma serpente com a cabeça pintada,

Um sapo tendo nas coxas
Uma centena de garras,

Com uma jóia de ouro
Estou ornado
E me entrego ao prazer
Depois da dura faina de ourives.

Como Gwion se identifica com esses bardos, eles são, acredito, definidos como "indiferentes" por ironia. A serpente de cem cabeças, guardiã do precioso jardim das Hespérides, e o sapo de cem garras que trazia uma jóia preciosa na cabeça (aliás, mencionado pelo duque Senior de Shakespeare) pertencem ambos a antigos mistérios ligados a cogumelos, dos quais Gwion parece ter sido adepto. Os mistérios europeus dos cogumelos são menos explorados do que sua contrafação mexicana; mas o senhor e a senhora Gordon Wasson e o professor Heim demonstraram que a divindade pré-colombiana dos cogumelos, Tlaloc, representado como um sapo com uma serpente à guisa de crista, presidiu durante milhares de anos o repasto comunitário do cogumelo alucinógeno *psilocybe*: um regalo que proporciona visões de transcendental beleza. O equivalente europeu de Tlaloc, que era Dioniso, por coincidência compartilha muitos de seus atributos míticos: devem ter sido versões de uma mesma divindade, embora seja discutível o período cultural em que ocorreu este contato entre o Velho e o Novo Mundo.

No prefácio à edição revisada de meu livro *Os mitos gregos*, sugeri que um culto secreto de cogumelos dionisíacos fora tomado de empréstimo aos nativos pelasgos pelos aqueus de Argos. Os Centauros de Dioniso, os Sátiros e as Mênades, ao que parece, comiam um cogumelo pintado, denominado *"flycap"* (*Amanita muscaria*), que lhes dava enorme força física, poder erótico, visões delirantes e o dom da profecia. Os participantes dos Mistérios de Elêusis, órficos e outros também podem ter conhecido o *Panaeolus papilionaceus*, pequeno cogumelo que nasce no estrume, ainda empregado por bruxas portuguesas, cujo efeito é semelhante ao da mescalina. Nos versos 234 a 237, Gwion diz que uma única gema pode multiplicar-se sob a influência do "sapo" ou da "serpente" em imenso tesouro de jóias. Sua reivindicação de ser tão erudito quanto Math e de conhecer miríades de segredos também pode pertencer à seqüência do sapo-serpente; de qualquer maneira, a *psilocybe* dá uma sensação de iluminação universal, tal como posso eu mesmo testemunhar a partir de minha própria experiência com ele. "A luz cujo nome é esplendor" pode referir-se a esta brilhante visão, bem mais do que ao sol.

Em *O livro de Taliesin* há inúmeras misturas semelhantes ou poemas à espera de sua ressurreição: uma tarefa das mais importantes, mas que precisa aguardar até que os textos sejam estabelecidos e adequadamente traduzidos. O trabalho que fiz aqui não pretende, de modo algum, ser uma versão definitiva.

CÂD GODDEU
The Battle of the Trees

The tops of the beech-tree
Have sprouted of late,
Are changed and renewed
From their withered state.

When the beech prospers,
Though spells and litanies
The oak-tops entangle,
There is hope for trees.

I have plundered the fern,
Through all secrets I spy,
Old Math ap Mathonwy
Knew no more than I.

For with nine sorts of faculty
God has gifted me:
I am fruit of fruit gathered
From nine sorts of tree —

Plum, quince, whortle, mulberry,
Raspberry, pear,
Black cherry and white
With the sorb in me share.

From my seat at Fefynedd,
A city that is strong,
I watched the trees and green things
Hastening along.

Retreating from happiness,,
They would fain be set
In forms of the chief letters
Of the alphabet.

Wayfarers wondered,
Warriors were dismayed
At renewal of conflicts
Such as Gwydion made,

Under the tongue-root
A fight most dread,
And another raging
Behind, in the head.

The alders in the front line
Began the affray.
Willow and rowan-tree
Were tardly in array.

The holly, dark green,
Made a resolute stand;
He is armed with many spear-points
Wounding the hand.

With foot-beat of the swift oak
Heaven and earth rung;
'Stout Guardian of the Door'
His name in every tongue.

Great was the gorse in battle,
And the ivy at his prime;
The hazel was arbiter
At this charmed time.

Uncouth and savage was the fir,
Cruel the ash-tree
Turns not aside a foot-breadth,
Straight at the heart runs he.

The birch, though very noble,
Armed himself but late:
A sign not of cowardice
But of high estate.

The heath gave consolation
To the toil-spent folk,
The long-enduring poplars
In battle much broke.

Some of them were cast away
On the field of fight
Because of the holes torn in them
By the enemy's might.

Very wrathful was the [vine?]
Whose henchmen are the elms;
I exalt him mightily
To rulers of realms.

Strong chieftains were the blackthorn
With his ill fruit,
The unbeloved whitethorn
Who wears the same suit.

The swift-pursuing reed,
The broom with his brood,
And the furze but ill-behaved
Until he is subdued.

The dower-scattering yew
Stood glum at the fight's fringe,
With the elder slow to burn
Amid fires that singe,

And the blessed wild apple
Laughing for pride
From the Gorchan of Maelderw,
By the rock side.

In shelter linger
Privet and woodbine
Inexperienced in warfare;
And the courtly pine.

But I, although slighted
Because I was not big
Fought, trees, in your array
On the field of Goddeu Brig.

CÂD GODDEU
A Batalha das Árvores

As copas das faias
Brotaram recentemente,
Modificadas e renovadas
Daquele estado sem viço

Quando a faia prospera,
Apesar de sortilégios e litanias,
As copas dos carvalhos se emaranham
E há esperança para as árvores.

Saqueei a samambaia,
Espionei todos os segredos,
O velho Math ap Mathonwy
Não sabia mais do que eu.

Pois de nove tipos de faculdade
Dotou-me Deus a mim:
Sou fruto de frutos recolhidos
De nove tipos de árvores:

Ameixa, marmelo, mirtilo e amora,
Framboesa, pêra,
Cerejas negras e brancas
Junto com a sorva em mim se mesclam.

De minha atalaia em Fefynedd,
Cidade que é forte,
Mirava as árvores e todo o verde
que se estendia ao longe.

Afastando-se da felicidade,
Dispunham-se a assumir
As formas das principais
Letras do alfabeto.

Os viajantes se maravilhavam,
Os guerreiros se espantavam
Diante da renovação de conflitos
Tais como Gwydion fez,

Sob a raiz da língua,
Uma luta horrenda,
E ainda mais outra furiosa
No lado de trás da cabeça.

Os amieiros na linha de frente
começam a contenda.
O salgueiro e a sorveira
demoraram a perfilar-se.

O azevinho, verde-escuro,
Tomou posição resoluta;
Armado com muitas pontas de lanças
Ferindo a mão.

Com o pontapé do carvalho ágil
Tremeram céus e terra;
"Sólido Guardião da Porta"
Seu nome está em toda língua.

Grande foi o tojo na batalha,
E a hera em suas primícias;
A aveleira foi o árbitro
Neste instante encantado.

Claudicante e selvagem estava o [*pinheiro?*]
Cruel, o freixo
Não se vira mais do que um pé
E vai direto ao coração.

A bétula, embora muito nobre,
Armou-se tardiamente:
Sinal não de covardia,
Mas de alta hierarquia.

A charneca consolou
O povo cansado da lida,
Os resistentes álamos
Muito se partiram na batalha.

Alguns foram lançados longe,
No campo de luta,
Por causa dos buracos neles feitos
Pelo poder do inimigo.

Muito colérica estava a [videira?]
Cujos pajens são os olmos;
E eu o exaltei poderosamente
Diante de governantes de reinos.

Fortes chefes eram o abrunheiro
Com seu fruto doente,
O desamado pilriteiro
Que veste o mesmo traje.

O junco ágil na perseguição,
A giesta com suas crias,
E o tojo que se porta mal
Até ser subjugado.

O teixo que espalhava dotes
Ficou tristonho em pé à margem da luta,
Com o sabugueiro lento a queimar-se
Entre fogos que chamuscam.

E a abençoada maçã selvagem
Gargalha orgulhosa
Do *Gorchan* de Maelderw,
Ao lado da rocha.

Permaneceram no abrigo
o alfeneiro e a madressilva,
Inexperientes na guerra;
além do pinheiro cortesão.

Contudo, eu, embora desprezado,
Porque não era grande,
Lutei, árvores, em suas fileiras
No campo de *Goddeu Brig*.

Capítulo 3

O cão, o corço e o abibe

O relato completo e original de *A batalha das árvores*, embora o abibe não seja mencionado nele, está publicado na *Myvyrian Archaiology*. Trata-se de um perfeito exemplo de rápido escrito mitográfico relatando algo que parece ter sido o evento religioso mais importante na Grã-Bretanha pré-cristã:

> Estes são os *englyns* [versos epigramáticos] cantados em *Câd Goddeu* ou, como outros chamam, *A batalha de Achren*, que ocorreu por causa de um corço branco e de um filhote de cachorro que vieram de Annwm [o mundo subterrâneo], trazidos por Amathaon ap Don. E, por isso, Amathaon ap Don e Arawn, rei de Annwm, brigaram. Nessa batalha havia um homem imbatível, a menos que seu nome fosse conhecido, e, do outro lado, havia uma mulher chamada Achren ["Árvores"] e, igualmente, a menos que seu nome fosse descoberto, seus aliados não poderiam ser vencidos. E foi Gwydion ap Don quem adivinhou o nome do homem e cantou os dois *englyns* que seguem:
>
> *Sure-hoofed is my steed impelled by the spur;*
> *The high sprigs of alder are on thy shield;*
> *Bran art thou called, of the glittering branches.*
>
> *Sure-hoofed is my steed in the day of battle:*
> *The high sprigs of alder are in thy hand:*
> *Bran thou art, by the branch thou bearest —*
> *Amathaon the Good has prevailed.*
>
> Certamente ungulado é meu corcel tocado a esporadas;
> Os altos galhos do amieiro são teu escudo;
> Tu és chamado Bran, o de fulgurantes ramos.
>
> Certamente ungulado é meu corcel no dia de batalha:
> Os altos gravetos do amieiro estão em tua mão:
> Tu és Bran, pelo ramo que sustenta:
> Prevaleceu o bem, ó Amathaon.

Para os antropólogos, a história da adivinhação do nome de Bran é bastante familiar. Antigamente, uma vez que o nome secreto de alguma divindade de algum povo fosse descoberto, os inimigos poderiam fazer magias destrutivas contra sua nação. Os romanos tornaram uma prática regular a descoberta dos nomes secretos dos deuses de seus inimigos e os congregavam em Roma sob sedutoras promessas, processo tecnicamente conhecido como *elicio*. Flávio Josefo, em sua obra *Contra Apionem*, cita o relato de uma cerimônia mágica desse tipo, realizada em Jerusalém, no século II a.C., a pedido do rei Alexandre Janeu, o Macabeu; a divindade edomita intimada foi o deus-asno de Dora, perto de Hebron. Tito Lívio (v. 21) descreve a fórmula empregada para intimar a Juno de Veios a Roma e Diodoro Sículo (xvii, 41) escreve que os habitantes de Tiro, por precaução, costumavam amarrar suas estátuas com correntes. Naturalmente, os romanos, como os judeus, escondiam, com cuidado extremo, o nome secreto de sua própria divindade guardiã. Não obstante, um tal de Quinto Valério Sorano, um sabino, foi executado, nos últimos tempos da República, por divulgar, de modo irresponsável, o nome sagrado. As tribos de Amathaon e Gwydion, no encontro em *Câd Goddeu,* estavam tão igualmente empenhadas em guardar segredo de Achren — presumivelmente aquelas árvores ou letras que compunham o nome secreto de sua própria divindade — quanto em descobrir o que seus oponentes ocultavam. O tema desse mito, assim, é uma batalha pelo domínio religioso entre as forças de Dôn — o povo que aparece na mitologia irlandesa como sendo *Tuatha dé Danaan*, "o povo do deus cuja mãe é Danu"— e as forças de Arawn (*Eloqüência*), rei de Annwfn, ou Annwm, que era o mundo subterrâneo bretão ou necrópole nacional. Em *O romance de Pwyll, príncipe de Dyved*, Arawn aparece como um caçador em um grande cavalo claro, perseguindo um cervo com a ajuda de uma matilha, cujos cães tinham orelhas vermelhas — eram os "cães do inferno", tão familiares aos folclores irlandês, galense, escocês e britânico.

Os *Tuatha dé Danaan* constituíam uma confederação de tribos nas quais a sucessão real seguia a linhagem matrilinear. Alguns deles invadiram a Irlanda vindos da Grã-Bretanha, em meados da Idade do Bronze. A deusa Danu acabou masculinizada como Dôn, ou Donnus, e considerada como o ancestral epônimo da confederação. Porém, no primitivo *Romance de Math, filho de Mathonwy,* ela aparece como irmã do rei Math, de Gwynedd, e Gwydion e Amathaon são considerados seus filhos — o que significa dizer como divindades tribais da confederação danesa, ou *Danaan*. Segundo uma tradição irlandesa, arqueologicamente plausível, contida em *O livro das invasões*, os *Tuatha dé Danaan* foram direcionados para o Norte, a partir da Grécia, como resultado de uma invasão vinda da Síria e, por fim, chegaram à Irlanda, passando pela Dinamarca, país ao qual deram o próprio nome ("o Reino dos Daneses"), bem como pela Grã-Bretanha setentrional. A data de sua chegada à Grã-Bretanha está registrada como 1472 a.C. — se é que isto serve para alguma coisa. A invasão síria da Grécia, que os teria posto em movimento para o Norte é, provavel-

mente, aquela a que se refere Heródoto no primeiro parágrafo de sua *História*: a captura pelos "fenícios" do santuário que, em Argos, os daneses dedicavam à Deusa Branca Io. Na ocasião, Argos era a capital religiosa do Peloponeso; os cretenses haviam colonizado o local por volta do ano 1750 a.C.

Heródoto não data o evento, diz apenas ter sido anterior à expedição do *Argo* até a Cólquida, fato que os gregos datam em 1225 a.C., e à partida de Europa da Fenícia para Creta, uma emigração tribal ocorrida, é provável, alguns séculos antes do próprio saque de Cnossos, em 1400 a.C. Em *O livro das invasões* há um registro, confirmado pela *História eclesiástica*, de Beda, de uma outra invasão da Irlanda, que teria ocorrido duzentos anos depois da chegada dos *Tuatha dé Danaan*. Tais invasores partiram da Trácia e singraram para o Ocidente através do Mediterrâneo e, daí, ganharam o Atlântico, indo desembarcar na baía de Wexford, onde entraram em conflito com os daneses. No entanto, foram persuadidos a continuar até a Bretanha setentrional, que na época chamava-se Albany. Ficaram conhecidos como *pictos*, ou seja, "homens tatuados". Esses povos tinham hábitos sociais igualmente estranhos — exogamia, totemismo, copulação pública, canibalismo, o uso de tatuagens e a participação de mulheres em batalhas —, costumes esses que adquiriram na Tessália antes da chegada dos aqueus e, nos tempos clássicos, com as primitivas tribos tanto das margens meridionais do mar Negro quanto do golfo de Sirté, na costa da Líbia, de Majórica (povoada pelo líbios da Idade do Bronze) e no noroeste da Galícia. Na época de Beda, seus descendentes ainda conservavam sua fala, que não era celta.

Diz-se que Amathaon, ou Amaethon, tomara o nome da palavra galense *amaeth*, que significava *lavrador*; contudo, pode tratar-se do inverso: que *lavrador* estivesse sob o patrocínio do deus Amathaon. Talvez a tribo tivesse originariamente sido gerada por Amathaounta, deusa bem conhecida no mar Egeu. Outra tribo de igual nome, cujo herói ancestral era Hércules, migrou de Creta para Amathus, em Chipre, por volta do final do segundo milênio a.C. Credita-se a Amathaon o fato de ter ensinado a Gwydion a feitiçaria pela qual este acabou famoso. Isto sugere que Gwydion tenha sido um imigrante tardio a chegar à Grã-Bretanha, talvez fosse um deus das tribos belgas que invadiram a ilha cerca de 400 a.C. e que recebeu a filiação honorária de Danu alguns séculos depois da primeira invasão danesa. Amathaon era sobrinho, por parte de mãe, de Math Hen ("Velho Math"), alcunhado de Math, filho de Mathonwy. "Math" significa *tesouro*; mas, como se acredita que Math tenha ensinado sua magia a Gwydion, "Math, filho de Mathonwy", pode tratar-se de uma versão truncada de Amathus, filho de Amathaounta. Uma parte da tribo parece ter migrado para a Síria, onde fundou Hamath, nas margens do rio Orontes; outra parte foi para a Palestina (mais exatamente para a atual Jordânia), onde fundou Emat [grafia da Bíblia de Jerusalém] ou Amathus, no encontro entre o Jordão e o Jaboque, seu afluente pela margem esquerda. Na Tábua das Nações, no capítulo 10 do Livro do Gênesis, os emateus estão arrolados entre os filhos de Canaã, junto com os

heteus, os gergeseus e outras tribos não-semitas. Conforme se lê em 2 Reis 17, 30,[1] alguns emateus foram colocados como colonos em Samaria, onde continuaram a adorar sua deusa sob o nome de Ashima, ou Asima [conforme a grafia da Bíblia de Jerusalém].

O nome de Bran foi adivinhado por Gwydion por causa dos galhos de amieiro que ele trazia nas mãos. Apesar de não soarem parecidas as palavras *Bran* e *Gwern*, termo empregado no poema para designar "amieiro", Gwydion sabia que Bran significava gralha, ou corvo, e, ainda, amieiro — que, em irlandês, diz-se *fearn*, cujo *f* se pronuncia como *v* — e, também, sabia que o amieiro era uma árvore sagrada. O terceiro dos quatro filhos do rei Partholan, o Milésio, um lendário governante da Irlanda na Idade do Bronze, fora chamado de *Fearn*; existira, igualmente, um jovem Gwern, rei da Irlanda, filho da irmã de Bran, que se chamava Branwen ("Gralha Branca"). Como se demonstrará adiante, várias confirmações da adivinhação de Gwydion aparecem no *Romance de Branwen*. Contudo, permaneceu sem ser adivinhado o nome soletrado, em substituição das letras, pelas árvores perfiladas ao lado de Amathaon e de Gwydion.

O culto de Bran também parece ter sido importado do Egeu. Há notável semelhança entre ele e Esculápio, herói pelasgo que, bem como o chefe Coronus ("Corvo"), morto por Hércules, foi rei da tribo tessalônica dos lápitas, cujo totem era o corvo. Esculápio era um "Corvo" por ambas as ascendências familiares: sua mãe era Coronis ("corvo" ou "gralha"), provavelmente título da deusa Atená, a quem o corvo era consagrado. Taciano, Padre da Igreja, em seu *Discurso contra os gregos*, sugere um relacionamento de mãe e filho entre Atená e Esculápio:

> Depois da decapitação da Górgona (...) Atená e Esculápio repartiram o sangue entre si e, enquanto ele salvava vidas por meio deste, ela, pelo mesmo sangue, tornava-se assassina e instigadora de guerras.

O pai de Esculápio era Apolo, cujo famoso santuário de Tempe ficava em território dos lápitas e a quem o corvo também era consagrado. Além disto, Apolo é descrito como o pai de um outro Coronus, rei de Sícion, na Sicília. A lenda de Esculápio conta que, depois de uma vida dedicada a curar, ressuscitou Glauco, filho de Sísifo, o coríntio, e foi calcinado por Zeus num ataque de inveja. Quando criança, fora salvo de um incêndio no qual pereceram a mãe e o amante dela, Ísquis ("Força"). Bran foi igualmente destruído por Evnissyen, seu inimigo, que tanto o invejava e que era companheiro de Matholwch, rei da Irlanda, a quem conferira uma poção mágica capaz de trazer de volta à vida os

[1] O original em inglês apresenta um engano de citação, remetendo para o Segundo Livro de Crônicas 17, 30, passagem esta inexistente. No entanto, a referência de Graves procede e se encontra em 2 Reis 17, 30. (N. T.)

soldados mortos. Contudo, na mitologia galense, é o sobrinho de Bran, o menino Gwern, que recebera o nome do tio, o qual, depois de coroado rei, acaba imediatamente atirado numa fogueira e queimado vivo. O próprio Bran é ferido no calcanhar por um dardo envenenado — como o mínio Aquiles, discípulo do Centauro Quirão e como o próprio Quirão —, depois decapitado, mas cuja boca continua a cantar e a profetizar. (Na mitologia irlandesa, Esculápio aparece como Midach, morto depois da segunda batalha de Moytura, por seu pai, Diancecht, o Apolo Curador, enciumado por suas curas.) Esculápio e Bran eram semideuses, com numerosos santuários, e ambos eram padroeiros das curas e da ressurreição. Outro ponto de similitude entre eles eram suas aventuras amorosas: Esculápio deitou-se com cinqüenta jovens ardorosas numa só noite, e Bran viveu semelhante festim na ilha das Mulheres, uma das 150 que ele visitou numa famosa viagem. Esculápio é representado na arte grega com um cachorro a seu lado, portando um bastão no qual se enrolam serpentes oraculares.

O cão e o corço furtados do mundo subterrâneo por Amathaon confirmam a visão irlandesa de que os filhos de Danu vieram da Grécia, em meados do segundo milênio a.C., uma vez que há várias lendas gregas análogas originárias da Idade do Bronze. Por exemplo, aquela de Hércules, o herói-carvalho, que recebeu ordens de seu senhor, o rei Euristeu, de Micenas, para ir furtar o cão Cérbero do rei do mundo subterrâneo e o corço branco com cascos de bronze do bosque da deusa Ártemis, em Cirinéia, na Arcádia. Noutra de suas aventuras, Hércules surrupiou de Herófila — a sacerdotisa de Delfos, cujo pai (segundo Clemente de Alexandria) era Zeus disfarçado num abibe e cuja mãe era Lâmia, a deusa-serpente — sua trípode oracular, na qual ela estava sentada, mas, contudo, ele foi obrigado a restituí-la. Dentre os temas favoritos das artes grega e etrusca, estão as cenas de Hércules furtando o cão, lutando com o guardião do oráculo de Lâmia, em Delfos, pela posse do corço e da trípode. Dizer que esse guardião era Apolo constitui um erro, porque, nessa época, Apolo ainda não era uma divindade solar, mas um herói oracular do mundo subterrâneo. O sentido desses mitos parece indicar que fracassou uma tentativa de substituir, em Delfos, o culto do loureiro oracular por aquele do carvalho oracular. Contudo, foram conquistados os santuários em Cirinéia, na Arcádia, e no cabo Tênaro, na Lacônia, onde a maioria dos mitógrafos situa a entrada para o mundo subterrâneo visitado por Hércules. Outros afirmam que a entrada estava na Aquerúsia Mariandianiana (agora Hércules, na Anatólia) e que no lugar onde caiu a saliva de Cérbero logo floresceu o acônito, flor de feiticeira — veneno paralisante e antipirético; entretanto, este relato se refere a outro evento histórico, ou seja, à captura de um famoso santuário na Bitínia por obra dos henecianos.

Mas por que cão, corço e abibe?

O cão — junto do qual Esculápio é representado, bem como o chacal Anúbis, companheiro do egípcio Tot, e tal como aquele que sempre acompanhava Melkarth, o Hércules fenício — é símbolo do mundo subterrâneo. Simbolizam, também, os sacerdotes caninos, chamados enários, que se entrega-

vam aos frenesis sodômicos e que serviam à Grande Deusa do Mediterrâneo oriental, nos dias de intenso calor, quando se elevava no horizonte Sírius, a estrela canina. Contudo, o significado poético do cachorro na lenda em *Câd Goddeu*, bem como em todas as lendas similares, é a de "guardião do segredo", do qual depende a soberania do rei sagrado. É evidente que Amathaon seduziu algum sacerdote de Bran — não posso afirmar, contudo, que se tratasse de um sacerdócio homossexual — e obteve dele o segredo que permitiu Gwydion adivinhar corretamente o nome de Bran. Hércules derrotou o cão Cérbero por meio de um bolo narcótico, fazendo-o relaxar a vigilância. Entretanto, não há registro de qual tenha sido o meio empregado por Amathaon.

O abibe, conforme nos recorda Cornélio Agripa, escritor de filosofia oculta do início do século XVI, em sua obra *Vaidade e incerteza das artes e das ciências* (traduzido para o inglês em 1569, por James Sanford): "(...) parece ter algo de realeza portar uma coroa." Não sei se Agripa queria seriamente incluir o abibe entre os pássaros reais, mas, se o fez, sua melhor fonte era Levítico 11, 19. Nessa passagem, o abibe é mencionado como uma ave impura, o que significa proibida, junto a uma seleta companhia, constituída de águia, abutre branco, íbis, cuco, cisne, falcão, corvo, coruja grande e pequena, ganso (aqui não se trata do ganso patola, mas do ganso barnacle),[2] cegonha, garça e o piedoso pelicano. Prova-se por sua distribuição geográfica que essas interdições ou tabus não tinham uma origem semita: vários desses pássaros não pertencem ao cinturão de calor que constitui a terra natal dos semitas. Além disto, cada um deles era consagrado, na Grécia ou na Itália, ou em ambas, a uma divindade mais importante. Os biblistas têm quebrado a cabeça por causa da "impureza" do abibe — perguntam-se se o pássaro *é* mesmo o abibe e não a poupa ou o ouriço. Contudo, sempre que "impureza" significar "consagração", a chave deverá ser buscada na história natural. Os gregos chamavam o abibe de *polyplagktos* (aquele que atrai enganosamente) e tinham a expressão proverbial "mais suplicante do que um abibe", que era empregada com relação a pedintes ardilosos. Quando eu era menino no País de Gales, aprendi a respeitar o abibe pela maneira magnífica como a fêmea, num campo aberto, camufla e esconde seus ovos de qualquer passante eventual. No início, enganava-me sempre pelo seu angustiado piar, lançado da direção contrária àquela onde estavam os ovos. Às vezes, quando a fêmea compreendia que eu era um ladrão de ninho, lançava-se ao chão, fingindo ter uma asa quebrada e se oferecendo à captura. Mas logo que eu encontrava um ninho, descobria vários outros. O significado poético do abibe consiste em "disfarçar o segredo" e é, exatamente, sua extraordinária discrição que faz com que se lhe atribua santidade. Segundo o Corão, o abibe era o depositário dos segredos do rei Salomão e o mais inteligente dentre o bando de pássaros proféticos que o serviam.

[2] *As barnacles turn Soland-geese, / I'th'Island of the Orcades.* (*Hudibras*, de Butler.)

Sobre o corço branco, quantos reis, em quantas histórias de fadas, não caçaram esse animal através de florestas encantadas e não foram por ele logrados? O significado poético do veadinho é "esconder o segredo".

Assim, parece que, na história de *Câd Goddeu,* são empregados elementos do mito de Hércules — que, na mitologia grega, descreve como os aqueus de Micenas capturaram de outras tribos gregas, provavelmente dos daneses, os mais importantes santuários tribais do Peloponeso — para representar uma captura semelhante ocorrida na Grã-Bretanha muitos séculos depois. Qualquer tentativa em datar tal evento implica um breve sumário da pré-história britânica. O esquema geralmente aceito das datas aproximadas derivou de evidências arqueológicas, como se segue:

6000-3000 a.C.

Caçadores paleolíticos, pouco numerosos, mantiveram acampamentos em locais espalhados.

3000-2500 a.C.

Imigração gradual e ocasional de caçadores neolíticos que trouxeram consigo machados de pedra polida, bem como a arte de fazer potes rústicos.

2500-2000 a.C.

Tráfico regular através do canal da Mancha e a invasão de agricultores dolicocéfalos e neolíticos que domesticavam animais, faziam ampla exploração das minas de sílex e produziam uma cerâmica toscamente decorada que tem afinidade com peças descobertas em sepulturas situadas nas ilhas bálticas de Bornholm e Aland. Vieram da Líbia, através da Espanha, pelo Sul e pelo Norte da França, ou atravessando a península Ibérica e a Bretanha. Alguns deles continuaram da França até o Báltico e, daí, atravessaram para a Inglaterra ocidental depois de estabelecerem contato comercial com a área do mar Negro. Eles introduziram as sepulturas megalíticas em compridos túmulos, no estilo dos encontrados na área de Paris, com inumação, mas poucos acessórios fúnebres, exceto a ponta de flecha em forma de folha, cuja fabricação remonta ao Paleolítico. Ao que parece, as folhas copiadas eram do salgueiro-chorão, ou salgueiro-púrpura, ou do sabugueiro. Às vezes se abrem portinholas em forma de folha entre os dois ambientes contíguos à câmara mortuária, sendo que, neste caso, ao que parece, a folha copiada era a do sabugueiro.

2000-1500 a.C.

Da Espanha, através do Sul da França e pelo Reno, houve a invasão de um povo braquicéfalo, fabricante de vasos com boca larga e construtores de aléias. Imigração posterior de dolicocéfalos vindos do Báltico e do Sudeste da Europa através do Reno. Introduziram a cremação e os túmulos redondos, menos ostentosos, contudo mais bem aparelhados. As pontas de flechas em forma de folhas

continuaram do mesmo modo que aparecem nos sepultamentos na França até o começo da era imperial, mas o tipo característico tinha ponta e farpas em forma de pinheiro.

1500-600 a.C.

Ininterrupto desenvolvimento da cultura da Idade do Bronze. Tráfico através do canal, sem invasões em larga escala, embora encontrem-se, no Sul, sítios de visitantes armados com peças de ferro, que datam de 800 a.C. Invasão do Norte da Grã-Bretanha pelos pictos. Pequenas contas azuis de fina faiança fabricadas no Egito entre 1380 e 1350 a.C. foram importadas para Wiltshire em grandes quantidades. Acredita-se que a língua falada na Grã-Bretanha, exceto pelos pictos e por alguns aborígines do Paleolítico, constituía um "protocelta".

600 a.C.

Invasão de um povo goidélico identificado por sua cerâmica "penteada" que migrou da costa alemã no Báltico, entrou nas terras do Reno, onde adotou a cultura "Hallstadt" da Idade do Ferro e daí invadiu a Grã-Bretanha, mas foi obrigado a permanecer em terras a sudeste.

400 a.C.

Primeira invasão da Grã-Bretanha pelos belgas. A cultura "*La Tène*" da Idade do Ferro e a invasão da Irlanda entre 350 e 330 a.C. Este povo era uma mistura de teutões e bretões ("pré-celta") e dominou a maior parte do país. Seus integrantes constituíam os antigos bretões que os romanos conheceram. A cultura druídica da Gália era "*La Tène*".

50 a.C.-45 d.C.

Segunda invasão belga. Os principais membros da tribo invasora foram os atrebatas, que provinham de Artois e cujos povoamentos se identificam por suas vasilhas com bordas de contas. Estes tinham capital em Calleva Atrebatum (Silchester), ao norte de Hampshire, e sua área de conquista se estendia de Surrey ocidental até o vale de Trowbridge, em Whiltshire, incluindo a planície de Salisbury.

Se a história em *Câd Goddeu* trata da captura da necrópole nacional na planície de Salisbury a seus antigos possuidores, é muito provável que isto tenha acontecido durante uma das duas invasões belgas. Com efeito, sua temática não corresponde nem à chegada dos homens que construíam túmulos redondos, nem à ocupação goidélica do sudeste da Grã-Bretanha e nem à conquista de Cláudio, que foi a última antes da vinda dos saxões. Contudo, segundo o medieval Geoffrey of Monmouth escreveu em sua *História dos bretões*, dois irmãos, chamados Belinus e Brennius, lutaram pelo domínio sobre a Grã-Bretanha durante o século IV a.C.; Brennius foi derrotado e expulso para o norte de

Humber. Admite-se, em geral, que Brennius e Belinus são as divindades Bran e Beli, sendo este último o pai de Arianrhod ("Roda de Prata"), que era irmão de Gwydion e de Amathaon. Evidentemente, Amathaon entrou em *A batalha das árvores* como campeão de seu pai, Beli, o Supremo Deus da Luz.

Assim, talvez se possa explicar o poema *Câd Goddeu* como a expulsão de um sacerdócio estabelecido desde a Idade do Bronze, exercido por uma aliança de tribos agrícolas há muito fixadas na Grã-Bretanha e adoradoras da divindade danesa Bel, Beli, Belus ou Belinus; expulsão esta que foi empreendida por uma tribo bretã invasora. Os amataonianos (ou emateus) teriam transmitido a seus aliados bretões — o professor *sir* John Rhys considera Gwydion uma divindade teuto-celta e o equipara a Woden — o segredo religioso que permite a Amathaon usurpar o posto de Bran (deus da ressurreição e uma espécie de Esculápio), a Gwydion tomar o lugar de Arawn (rei de Annwm e divindade da adivinhação e da profecia) e a ambos fundar um novo sistema religioso em substituição ao antigo. Que Gwydion tenha usurpado o trono de Arawm é fato sugerido pelo mito cognato que faz parte do *Romance de Math, filho de Mathonwy*, no qual Gwydion furta o porco consagrado de Pryderi, rei de Annwm, no Pembrokeshire. Assim foram humilhadas as altas pontas do amieiro, e o cão, o corço e o abibe furtados de Arawm foram instituídos como guardiães do novo segredo religioso. O motivo que levou os amataonianos (ou emateus) a traírem seus parentes e a aliarem-se aos invasores estrangeiros será discutido no Capítulo 8.

Ao que parece, depois da derrota espiritual, o povo de Bran não se retirou sem oferecer resistência armada. A tradição lembra que 71 mil homens lançaram-se à batalha depois que o segredo fora perdido.

Que tipo de segredo seria esse? Júlio César registrou que os celtas gauleses reivindicavam sua descendência de "Dis" — ou melhor, de certa divindade dos mortos que correspondia a Dis, dentro do panteão latino —, mas adoravam também outras divindades que correspondiam a Minerva, Apolo, Marte, Júpiter e Mercúrio. Ele também anotou o fato de os druidas gauleses irem à Grã-Bretanha para instruir-se em assuntos de religião, pois, lá na ilha, estava o principal lugar do culto de Dis. A tomada desse santuário pelas tribos do continente foi um evento que marcou época, pois o relato de Júlio César deixa claro que a divindade druídica Dis era um deus transcendente com precedência sobre Minerva, Apolo, Marte e Mercúrio (aos quais podem ser acrescentados Vênus e Saturno, o deus-corvo latino, que tinha a mesma origem de Esculápio) e, até mesmo, sobre o próprio Júpiter. Mais tarde, Lucano, contemporâneo de Nero, em seu poema *Pharsalia,* expressa especificamente que as almas, segundo os druidas, não desciam ao sombrio mundo subterrâneo do Dis latino, mas iam para outro local e que a morte "não era senão o ponto do meio de uma longa vida".

O Dis britânico, com efeito, não era um simples Plutão, mas um deus universal que melhor corresponderia ao Iahweh dos profetas hebreus. De igual modo, pode-se argumentar que o principal rito religioso druida "no serviço do próprio Deus", conforme registra Plínio, estava vinculado ao visco, "que eles

chamam, em sua língua, de panacéia" e "o qual cai do céu sobre o carvalho"; assim, o nome de "Dis" não poderia ser Bran, pois não há nenhuma conexão, nem mítica nem botânica, entre o amieiro e o visco. Por conseguinte, é provável que a adivinhação do nome de Bran fosse mero indício para adivinhar aquele do Deus supremo: Gwydion não se transformou em Dis, tampouco Amathaon, porém, ambos, juntos, desalojaram Bran (Saturno) e Arawn (Mercúrio) de seu serviço a Dis. Deram a sua divindade um novo nome, Beli. Sendo assim, Dis seria originalmente Donnus, ou, na verdade, Danu?

Sucede que conhecemos o nome nórdico do cavalo de Gwydion, se é que Gwydion era verdadeiramente Woden, ou Odin. Era *Askr Yggr-drasill*, ou Ygdrasill, "o freixo que é o cavalo de Yggr", sendo *Yggr* um dos títulos de Woden. Ygdrasill era o freixo encantado, consagrado a Odin, cujas raízes e ramos, na mitologia escandinava, se estendiam por todo o Universo. Caso Bran tivesse sido bastante inteligente em *Câd Goddeu*, teria declamado o primeiro *englyn* assim:

Sure-hoofed is my steed in the day of battle.
The high sprigs of ash are in thy hand —
Woden thou art, by the branch thou bearest.

Certamente ungulado é meu corcel no dia da batalha.
Os altos galhos do freixo estão em tua mão,
Tu és Odin, por causa do ramo que porta.

Assim, teria *A batalha das árvores* terminado com a vitória do deus-freixo e seus aliados sobre o deus-amieiro e seus sequazes.

Annwm, o lugar pré-celta, de onde se diz que Gwydion furtou o porco sagrado do rei Pryderi, e sobre o qual Arawn reinou em *O romance de Puyll, príncipe de Dyred*, ficava nas montanhas Prescelly em Pembrokeshire. Contudo, é provável que existissem pelo menos dois Annwms e que *A batalha das árvores* tenha ocorrido naquele lugar situado em Wiltshire antes que o povo de Gwydion tivesse invadido o Sul do País de Gales. Seria uma falácia considerar Stonehenge como um santuário de Bran, porque se trata de um local impróprio para cultuar um deus-amieiro. O círculo de Avebury, mais velho, mais largo e mais grandioso, que fica 30 milhas ao norte, na junção do Kennet com um afluente, é um local mais adequado. Os detritos removidos do solo da região provam que o lugar esteve em uso contínuo desde os primórdios da Idade do Bronze até a época romana. Todas as evidências disponíveis indicam Stonehenge como um local consagrado a Beli e não a Bran. Stonehenge está traçado como um templo solar em estilo apolíneo e erudito, o que contrasta de modo estranho com a rudeza arcaica de Avebury.

Geoffrey registra que Bran e Beli (que, segundo ele afirma, deu nome a Billingsgate) reconciliaram-se mais tarde e lutaram, juntos, em inúmeras bata-

lhas no continente. É possível que tropas da Grã-Bretanha tenham servido na bem-sucedida expedição dos gauleses contra Roma no ano de 390 a.C. O chefe gaulês era Breno — era hábito dos reis celtas tomarem um nome derivado de suas divindades tribais — e o confuso relato que Geoffrey faz das subseqüentes guerras continentais empreendidas por Bran e Belin refere-se, evidentemente, à invasão gaulesa da Trácia e da Grécia em 279 a.C., quando Delfos foi pilhado e quando era líder algum outro Breno. De qualquer maneira, o amieiro continuou sendo árvore sagrada na Grã-Bretanha por muito tempo depois de *Câd Goddeu*. Um rei de Kent, no século V d.C., chamava-se Gwerngen ("Filho do Amieiro"). Uma das adivinhações propostas na miscelânea de poemas que levam o nome de Taliesin e se denominava *Angar Cyvyndawd* ("confederação hostil") era "Por que o amieiro tem cor púrpura?" E sua resposta sem dúvida seria "Porque Bran portava a púrpura real".

É incerta a origem mais remota do deus Beli, mas se identificamos o britânico Belin ou Beli com Belus, o pai de Dânao (conforme Nênio faz), pode-se então identificá-lo com Bel, o deus-terra babilônico, integrante de uma trindade masculina que herdou os títulos de uma divindade mesopotâmica, a mãe de Dânae como oposta ao pai de Dânao. Esta tinha o nome de Belili, a Deusa Branca suméria, predecessora de Ishtar, que era uma deusa das árvores bem como deusa-Lua, deusa do amor e do mundo subterrâneo. Esta era irmã e amante de Du'uzu, ou Tamuz, o deus do cereal e da romã. É do nome dela que deriva a familiar expressão bíblica "filhos de Belial" — sendo que os judeus, de maneira característica, alteraram o nome *Belili,* não-semita, para a forma semita *Beliy ya'al* ("de onde o homem nunca se levanta", isto é, do mundo subterrâneo) — para designar os "filhos da destruição". Os fatos de a palavra eslava *beli* significar "branco" e de o vocábulo latino *bellus* significar "belo" também estão intimamente vinculados ao nome da Deusa. Originariamente todas as árvores pertenciam a ela; e o goidélico *bile*, "árvore sagrada", o latim medieval *billa* e *billus*, "ramo, tronco de árvore", e o inglês *billet* são todas formas remanescentes de seu nome. Acima de tudo, ela era uma Deusa do salgueiro, além de divindade de poços e mananciais.

O salgueiro tinha grande importância no culto de Iahweh em Jerusalém e, o grande dia da Festa dos Tabernáculos, uma cerimônia de fogo e água, recebia o nome de Dia dos Salgueiros. Embora o amieiro e o salgueiro não se diferenciem em hebraico — são da mesma família —, uma tradição tanaítica, datada de antes da destruição do Templo, prescrevia que o salgueiro de ramos avermelhados e folhas lanceoladas, ou seja, o salgueiro-francês de cor púrpura, devia ser o tipo empregado nos tirsos de palmeira, marmelo e salgueiro que eram portados na data. Se nenhum ramo desse tipo fosse obtido, então se poderia empregar o salgueiro de folhas arredondadas, embora fosse proibido o uso daquele de folhas dentadas, isto é, o amieiro — presumivelmente porque fosse empregado nos ritos idolátricos em honra de Astarté e de seu filho, o deus-fogo. Embora a utilização de tirsos fosse obrigatória e os israelitas o tenham tomado de emprésti-

mo às cerimônias cananéias do Tabernáculo, inserindo-o na lei mosaica, o salgueiro (ou seja, o salgueiro-francês) não gozou da confiança dos judeus mais inteligentes de época não tão remota. De acordo com uma *Hagadah*, o salgueiro nos tirsos simbolizaria "a parte mais inferior e ignorante de Israel, que carecia de retitude e de conhecimento, da mesma forma que o salgueiro não tem gosto nem cheiro": com efeito, a providência de Iahweh provê até mesmo os indiferentes.

Em decorrência do fato de ter suplantado a rainha Belili, Bel tornou-se o Senhor Supremo do Universo, pai do deus-Sol e do deus-Lua, e reivindicou ser o Criador, pretensão que, posteriormente, foi reivindicada por Marduk, o emergente deus babilônio. Bel e Marduk finalmente identificaram-se e, como Marduk fora um deus do sol primaveril e do trovão, Bel tornou-se igualmente uma espécie de Zeus solar, antes de sua migração da Fenícia em direção à Europa.

Ao que parece, não só Beli era, originariamente, um deus-sabugueiro, um adivinho filho de Belili, como acabou se tornando o deus da luz, na Grã-Bretanha do século IV a.C., em *Câd Goddeu,* quando seu poder foi invocado por seu filho Amathaon como meio de suplantar Bran do amieiro, cujo equivalente, talvez, já tivesse sido suplantado, de maneira semelhante, na Palestina. Ao mesmo tempo, Gwydion do freixo suplantava Arawn, outro deus adivinho cuja árvore é ignorada. As implicações destas peculiares trocas da função divina serão debatidas em capítulo posterior.

O autor de *O romance de Taliesin* evidentemente conhecia Amathaon como *Llew Llaw*, um título britânico conferido a Hércules, uma vez que diz na *Cerdd am Veib Llyr* (*Canção relativa aos filhos de Llyr*):

> *I was at the* Câd Goddeu *with Llew and Gwydion,*
> *He who transformed timber, earth and plants.*
>
> Estive em *Câd Goddeu* com Llew e Gwydion,
> Aquele que transformou madeira, terra e plantas.

A história se complica pelas ocasionais referências feitas pelos bardos a Beli e ao mar, o que, à primeira vista, parece indicar uma divindade marinha, sendo as ondas seus cavalos e a salmoura sua bebida. Mas isto provavelmente o honra como divindade tutelar da Grã-Bretanha, "sua ilha de mel" como é chamada numa *Tríade* — nenhum deus pode reinar sobre uma ilha, a menos que também tenha comando sobre as águas adjacentes —, com as insinuações de que, como deus solar, ele "bebe as águas do Ocidente" todas as tardes ao pôr-do-sol e de que os cavalos brancos são consagrados, tradicionalmente, ao sol.

A última forma em que aparece o famoso conflito entre Beli e Bran consiste na história dos irmãos Balin e Balan em *Morte d'Arthur*, de Malory, que se mataram por engano. No entanto, como ressalta Charles Squire em seu *Celtic*

Myth and Legend, Bran aparece sob vários disfarces no mesmo romance confuso. Como rei Brandegore (Bran de Gower), ele traz cinco mil homens para confrontar-se com o rei Arthur; mas, como *sir* Brandel (Bran de Gwales), luta bravamente ao lado de Arthur. Como o rei Ban of Benwyk ("o recinto quadrado", chamado *Caer Pedryvan*, no poema *Preiddeu Annwm*, que será examinado no Capítulo 6) é um estrangeiro aliado de Arthur; como Leodegrance — no País de Gales, Ogyr Vran — é o sogro de Arthur. Como Uther Ben ("cabeça maravilhosa"), que é uma referência à história da cabeça que cantava enterrada em Tower Hill, ele é pai de Arthur. Os trovadores franco-normandos e Malory que reuniram e confrontaram seus romances artúricos não conheciam ou não lhes interessava o significado histórico e religioso dos mitos que tinham em mãos. Sentiram-se livres para melhorar a narrativa de acordo com seu novo "evangelho" da cavalaria mandado buscar na Provença — mas violando os antigos padrões míticos e dando-se liberdade de toda espécie, coisa a que os menestréis galenses nunca teriam ousado permitir-se.

A moderna licença, reivindicada por romancistas e contistas, de usarem sua imaginação de modo tão livre quanto lhes apraza impede que os estudiosos da mitologia se dêem conta de que no noroeste da Europa, por onde não circulava a novela grega pós-clássica, os narradores não inventavam temas nem personagens. Ao contrário, repetiam continuamente as mesmas lendas tradicionais, e só improvisavam quando lhes faltava a memória. A menos que uma mudança religiosa ou social impusesse uma modificação temática ou uma modernização do episódio, os ouvintes esperavam ouvir as lendas narradas do modo costumeiro. Quase todas eram explicações da teoria ritual ou religiosa fundamentada na história: um corpo de instrução equivalente às escrituras hebraicas com as quais tinha muitos elementos comuns.

Capítulo 4

A Deusa Branca

A estreita conexão que sugiro haver entre as religiões dos antigos britânicos, dos gregos e dos hebreus não será facilmente aceita. Assim, quero deixar claro, de imediato, o fato de que não sou um judeu britânico, nem coisa alguma do gênero. Meu entendimento do caso me diz que, em diferentes períodos, no segundo milênio a.C., tribos mercantes confederadas, chamadas, no Egito, como "o Povo do Mar", deslocaram-se da área do Egeu, expulsas por invasores vindos do Nordeste e do Sudeste. Diz ainda que algumas dessas tribos vagaram rumo ao Norte, seguindo rotas de comércio já estabelecidas, e acabaram chegando à Grã-Bretanha e à Irlanda; que outras foram rumo ao Ocidente, também seguindo rotas comerciais já conhecidas e alguns membros chegaram até a Irlanda, passando pelo Norte da África e pela Espanha. Houve ainda os que invadiram a Síria e Canaã, dentre os quais os filisteus, que capturaram o santuário de Hebron, no Sul da Judéia, que pertencia ao clã edomita de Caleb. Contudo, os calebitas ("homens-cães"), que eram aliados da tribo israelita de Judá, o recuperaram cerca de duzentos anos mais tarde, aproveitando para tomar grande parte da Filistéia. Esses empréstimos terminaram harmonizados, no Pentateuco, com um corpo mítico semita, indo-europeu e asiático, que compunha as tradições religiosas da misturada confederação israelita. Por conseguinte, a conexão entre os primitivos mitos dos hebreus, dos gregos e dos celtas consiste no fato de que todas as três raças foram civilizadas pelo mesmo povo do Egeu, que não só as conquistou como as absorveu. Isto não é meramente de interesse arqueológico, pois o apelo popular do catolicismo moderno reside, apesar da Trindade patriarcal e do sacerdócio exclusivamente masculino, na tradição religiosa egéia da Mãe e do Filho, à qual preferiu inclinar-se lentamente mais do que a seus elementos aramaicos ou indo-europeus do "deus-guerreiro".

Eis alguns aspectos históricos mais detalhados sobre os daneses. Danu, Dânae ou Dôn aparecem nos registros romanos como Donnus, o divino pai de Cótio, o rei sagrado dos cotianos, uma confederação lígure que deu nome aos alpes Cotianos. Cótis, ou Cótio, é um nome amplamente difundido. *Coty* aparece como um título dinástico na Trácia, entre o século IV a.C. e o século I d.C. Os *cattini* e os *attacoti* aparecem no Norte da Grã-Bretanha e muitas tribos, em cujos nomes entram as raízes *catt* e *cott*, entre essa região e a Trácia, são consideradas do mesmo tronco cotiano. Existiu também uma dinastia Cótis na

Paphlagonia, na costa sul do mar Negro. Todos parecem receber seu nome da grande deusa Cotito, ou Cótis, orgiasticamente cultuada na Trácia, em Corinto e na Sicília. Suas orgias noturnas, a *Cotyttia*, eram, segundo Estrabão, celebradas de modo muito semelhante às de Cibele, a deusa-leoa e deusa-abelha da Frígia, em honra da qual os rapazes se castravam. Na Sicília, a representação da *Cotyttia* consistia em carregar ramos, de onde pendiam frutos, além de bolos de cevada. Na lenda clássica, Cótis era irmão dos monstros Briareu e Gias, todos eles tinham cem braços e foram aliados de Zeus em sua guerra contra os Titãs nas fronteiras da Trácia e da Tessália. Os monstros tinham o nome de *Hecatontocheiroi* ("O que tem cem braços").

A história dessa luta contra os Titãs só se revela inteligível à luz dos gregos primitivos. Os primeiros gregos a invadirem a Grécia foram os aqueus, que ocuparam a Tessália, por volta de 1900 a.C. Eram pastores patriarcais e adoravam uma trindade indo-européia formada originalmente por Mitra, Varuna e Indra, de quem, no Mitani, na Ásia Menor, ainda se recordava em 1400 a.C. e que logo passaram a ser chamados de Zeus, Posídon e Hades. Pouco a pouco conquistaram toda a Grécia e trataram de destruir a civilização semimatriarcal da Idade do Bronze que ali encontraram. Contudo, mais tarde não só se tornaram mais transigentes como até aceitaram a sucessão matrilinear e se alistaram como filhos da Grande Deusa de diversos nomes. Aliaram-se aos povoadores, aliás muito misturados, do continente e das ilhas, alguns dolicocéfalos e outros braquicéfalos, a quem chamaram de pelasgos, isto é, "navegantes". Os pelasgos pretendiam ter nascido dos dentes da serpente cósmica Ofíon, a quem a Grande Deusa, em sua forma de Eurímono ("governo amplo"), havia tomado como amante, iniciando com ela a criação material. Contudo, Ofíon e Eurímono são traduções gregas dos nomes originais. Podem ter chamado a si mesmos de daneses, por causa do nome dessa mesma Deusa em sua forma de Dânae, deusa da agricultura. Em todo caso, os aqueus, que haviam ocupado a Argólida, também adotaram o nome de daneses e se tornaram navegantes. Aqueles que permaneceram ao norte do istmo de Corinto eram conhecidos como iônios, filhos da deusa-vaca Io. Alguns, expulsos da Argólida, fundaram cidades nas ilhas de Lesbos, Quios e Cnido; outros fugiram para a Trácia, para a Tróade e para as ilhas no norte do Egeu. Foram poucos os clãs que permaneceram na Ática, na Magnésia e noutras partes.

Os mais belicosos dos pelasgos a permanecerem foram os Centauros de Magnésia, cujos totens dos clãs incluíam o torcicolo[1] e o leão montês. Também adoravam o cavalo; no entanto, provavelmente, não se tratava do cavalo asiático levado do mar Cáspio, no início do segundo milênio a.C., mas uma variedade anterior e inferior, uma espécie de cavalinho de Dartmoor. Os Centauros, governados por seu rei sagrado, Quirão, acolheram de bom grado a ajuda aquéia

[1] Ave da família das pícidas (*Jynx torquilla*), também chamada piadeira ou papa-formigas. (N. T.)

contra seus inimigos, que eram os lápitas da Tessália. A palavra "Quirão", de *Cheiron*, ao que parece está ligada ao grego *Cheir* ("mão"); por seu lado, "centauro" viria de *centron*, uma cabra. Em meu estudo *What Food the Centaurs Ate?*, sugiro que eles se drogavam comendo o *Amanita muscaria*, o sapo de cem garras. Existe um exemplar dele, talhado num espelho etrusco, aos pés de seu antepassado Íxion. Seriam os *Hecatontocheiroi* os Centauros da montanha magnésia cuja amizade era estrategicamente necessária aos pastores aqueus da Tessália e da Beócia? A deusa-mãe dos Centauros se chamava, em grego, *Leucotea*, "a Deusa Branca". Porém, os próprios Centauros a chamavam de Ino, ou de Plastene, e, ainda hoje, se pode ver sua imagem talhada na rocha, nas cercanias do pináculo da cidade de Tântalo. Ela também se converteu na mãe de Melicertes, o Hércules-Melkarth, divindade dos invasores precedentes que tinham algo de semita.

Os gregos diziam que se recordavam da data da vitória de Zeus aliado aos *Hecatontocheiroi* contra os Titãs da Tessália: o bem-informado Taciano cita um cálculo feito por um historiador do século I d.C., de nome Talo,[2] que afirma ter ocorrido, 322 anos antes do cerco de Tróia, que durou dez anos. Como a queda de Tróia foi datada, com certeza, em 1183 a.C., a resposta surge como o ano de 1505 a.C. Se esta data é mais ou menos precisa,[3] a lenda provavelmente se refere a uma expansão do poder aqueu na Tessália, à custa de tribos pelásgicas que haviam sido tocadas rumo ao Norte. A história da *Gigantomaquia*, a luta dos deuses olímpicos contra os gigantes, provavelmente se refere a uma ocasião semelhante — mas muito posterior, quando os gregos acharam necessário subjugar os belicosos magnesianos em suas fortificações do Pelião e do Ossa, ao que parece por causa de suas práticas exogâmicas que se chocavam com a teoria patriarcal olímpica e que lhes renderam imerecida reputação de maníacos sexuais — e recorda também o encantamento de Hércules contra o pesadelo.

Os aqueus adotaram a civilização cretense entre os séculos XVII e XV a.C., no final da idade minóica, chamada, na Grécia, de micênica por causa de Micenas, capital da dinastia dos atreus. Os gregos eólicos invadiram a Tessália vindos do Norte e, mais tarde, conseguiram ocupar a Beócia e o Peloponeso ocidental. Estabeleceram-se, amistosamente, com os aqueus daneses e passaram a ser conhecidos como nímios. É bem provável que ambas as nações tenham tomado parte no saque de Cnossos, por volta de 1400 a.C., pondo fim ao poderio marítimo de Creta. Em conseqüência da derrota de Creta, em que já predo-

[2] Talo é quem nos deixou o mais remoto relato sobre a crucifixão.

[3] A. R. Burn, em sua obra *Minoans, Philistines and Greeks*, sugere que todas as datas tradicionais anteriores a 500 d.C. deveriam ser reduzidas de 5/6 a partir desta data, uma vez que os gregos contavam três gerações para cada século, quando deveria ser de quatro para chegar-se a uma marcação mais próxima. Entretanto, Walter Leaf aprova a data de 1183 a.C. para a queda de Tróia, porque a maldição de mil anos lançada contra a cidade de Ájax, como punição pelo rapto de Cassandra, sacerdotisa troiana, expirou em cerca de 183 a.C. Contudo, a maioria dos arqueólogos, agora, prefere 1230 a.C.

minava o idioma grego, houve uma grande expansão do poderio micênico, a saber, as conquistas feitas na Ásia Menor, na Fenícia, na Líbia e noutras ilhas do Egeu. Por volta do ano 1250 a.C. surgiu uma distinção entre os aqueus daneses e outros aqueus menos civilizados, procedentes do Nordeste da Grécia, que invadiram o Peloponeso, fundaram uma nova dinastia patriarcal, repudiaram a soberania da Grande Deusa e instituíram o panteão olímpico em modelo familiar, governado por Zeus, no qual deuses e deusas estavam representados de modo equilibrado. Os mitos das disputas de Zeus com Hera, sua esposa (outro nome da Grande Deusa), com seu irmão Posídon e com Apolo de Delfos indicam que, no início, daneses e palasgos ofereceram forte resistência à revolução religiosa. Porém, uma Grécia unida conquistou Tróia, situada na entrada para os Dardanelos e que cobrava pedágio para o comércio com o mar Negro e com o Oriente. Uma geração após a tomada de Tróia, outra horda indo-européia invadiu a Ásia Menor e a Europa — entre eles os dóricos, que entraram na Grécia matando, saqueando e incendiando — e, em decorrência, grandes vagas de fugitivos se propalaram em todas as direções.

Podemos, assim, sem dúvida, identificar a Danu dos *Tuatha dé Danaan*, que foram os pelasgos da Idade do Bronze expulsos da Grécia em meados do segundo milênio a.C., com a pré-aquéia deusa Dânae de Argos. Seu poder se estendeu à Tessália e ela deu à luz a primeira dinastia aquéia, chamada Casa de Perseu (mais exatamente *Pterseus*, "o Destruidor"). Porém, na época de Homero, Dânae se havia masculinizado e convertido em "Dânao, filho de Belus", de quem se dizia ter trazido suas "filhas" para a Grécia, vindo da Líbia, através do Egito, da Síria e de Rodes. Os nomes das três filhas — Linda, Cameira e Ialisa — são, evidentemente, títulos da Deusa que também figura como "Lâmia, filha de Belus, uma rainha líbia". Na bem conhecida lenda do massacre dos filhos do Egito em sua noite de núpcias, o número dessas filhas de Dânao, ou seja, as Danaides, se amplia de três para cinqüenta, provavelmente porque este fosse o número regular de sacerdotisas dos colégios argivos e elianos do culto da Deusa-Mãe. Os primitivos daneses podem muito bem ter chegado ao Egeu partindo do lago Tritão, na Líbia (hoje um charco salgado); pela rota lembrada na lenda, contudo, é improvável que já se chamassem assim até que chegassem à Síria. O fato de que os cotianos, chegados ao Norte da Grécia vindos do mar Negro pela Frígia e pela Trácia, também fossem considerados daneses prova que eles chegaram lá antes dos eólicos, que não foram assim considerados. A. B. Cook, em seu livro *Zeus*, fornece fortes argumentos para acreditar que os greco-líbios e os traco-frígios estavam relacionados e que ambos os grupos tribais tinham parentes entre os primitivos cretenses.

Além disto, podemos identificar Danu com a deusa-mãe dos "*danunas*" egeus, um povo que, por volta do ano 1200 a.C., segundo inscrições egípcias da época, invadiu o Norte da Síria em companhia dos *sherdinas* e *zakkalas* da Lídia, dos *shakalshas* da Frígia, dos *pulesatis* da Lícia, dos *akaiwashas* da Panfília e de outros povos do Mediterrâneo oriental. Para os egípcios, eram todos "Povos do

Mar" — os *akaiwashas* são aqueus —, obrigados, por pressão da nova horda indo-européia, a emigrar da costa da Ásia Menor, bem como da Grécia e das ilhas do Egeu. Os *pulesatis* tornaram-se os filisteus do Sul da Fenícia; misturaram-se com os queretitas (cretenses), alguns dos quais serviram na guarda do rei Davi, em Jerusalém — possivelmente cretenses de fala grega, como sugere *sir* Arthur Evans. Um povo emigrante, conquistador dos hititas, conhecido dos assírios como muski e, dos gregos, como mosquianos, estabeleceu-se em Hierápolis, no Alto Eufrates. O relato que Luciano faz, em sua obra *De Dea Syria*, sobre os ritos antigos, que ainda se realizavam no século II d.C. em seu templo da Grande Deusa, constitui a descrição mais clara que se conservou da religião egéia da Idade do Bronze. Tribos ou clãs da mesma confederação foram na direção do Ocidente, chegando até a Sicília, a Itália, o Norte da África e a Espanha. Os *zakkalas* converteram-se nos sicanos da Sicília; os *serdinas* deram seu nome à Sardenha; os *tursas* são os tursenianos (ou tirrenos) da Etrúria.

Alguns daneses parecem ter ido para o Oeste, uma vez que Sílio Itálico, poeta latino do século I a.C., tido por espanhol, lembra a tradição de que a instituição das ilhas Baleares como reino — um centro de cultura megalítico e uma das principais fontes de estanho no mundo antigo — se deu por obra dos daneses Tleptólemo e Lindo. Este último é a masculinização da danesa Linda. Pelo menos uma parte do povo permaneceu na Ásia Menor. Foi descoberta, recentemente, uma cidade danesa nas fraldas das montanhas Tauro, perto de Alexandreta, e as inscrições, ainda não decifradas, estão em hieróglifos hititas do século IX a.C. e em escrita aramaica. Acredita-se que a língua seja cananéia. As esculturas são uma mistura dos estilos assírio-hitita, egípcio e egeu. Isto confirma um relato grego sobre Dânao, como um filho de Angenor (Canaã), que fora para o Norte vindo da Líbia e passando pelo Egito e pela Síria.

O mito da emasculação de Urano pelo filho Cronos e a vingança subseqüentemente perpetrada contra Cronos pelo próprio filho Zeus, que o baniu para o mundo subterrâneo ocidental sob a guarda dos monstros "de cem braços" não constituem uma tarefa fácil de ser destrinchada. Em seu sentido primeiro, recorda a suplantação anual do velho rei-carvalho pelo seu sucessor. Zeus fora, em certa época, o nome de um herói oracular de pastores, correlacionado com o culto do carvalho de Dodona, no Epiro, o qual era comandado pela sacerdotisa-pomba de Dione, uma Grande-Mãe dos bosques, também conhecida como Diana. A teoria do *Golden Bough*, de Frazer, é bastante difundida e torna desnecessária uma reflexão mais elaborada sobre este ponto. No entanto, Frazer não explica claramente que a retirada do visco de cima do carvalho, realizada pelos druidas, tipificava a emasculação do velho rei por seu sucessor — sendo o visco um emblema fálico primordial. O próprio rei era eucaristicamente comido, depois da castração, conforme atestam inúmeras lendas da dinastia pelopiana; contudo, no Peloponeso, pelo menos, esse culto do carvalho fora superado pelo culto da cevada, no qual Cronos era o herói e os sacrifícios humanos uma norma. Neste culto, bem como naquele do carvalho, o sucessor da dignidade real

herdava os favores das sacerdotisas de sua Deusa-Mãe. Em ambos os cultos a vítima tornava-se imortal e suas relíquias oraculares eram trasladadas para serem enterradas em alguma ilha sagrada — como Samotrácia, Lemnos, Faros, perto de Alexandria; Ortígia, a pequena ilha perto de Delos; a outra Ortígia[4] próxima da Sicília; Leuce, na foz do Danúbio, onde Aquiles tinha um santuário; Aéia de Circe (agora Lussin, no Adriático); o Elísio atlântico, para onde foi Menelau após a morte; além da distante Ogígia, talvez a ilha Torrey na costa oeste da Irlanda — aos cuidados de sacerdotisas mágicas e orgiásticas.

O Cronos castrador, deposto por seu filho Zeus, é um enunciado de caráter econômico: significa que os pastores aqueus, ao chegarem à Grécia setentrional, identificaram sua divindade do firmamento com o herói local do carvalho e conquistaram ascendência sobre os agricultores pelasgos. Contudo, houve um comprometimento entre os dois cultos. A Dione ou Diana do Bosque foi identificada com Dânae da cevada; o fato de que uma inconveniente foicinha dourada — não uma podadeira de pederneira ou de obsidiana — viesse a ser utilizada pelos druidas galeses para prender o visco prova que o ritual do carvalho se havia combinado com o do rei-cevada, a quem a deusa Dânae, Alfito, Deméter ou Ceres ceifava com sua foice em forma de lua. "Ceifar" significa castrar; similarmente, os guerreiros galla, da Abissínia, carregavam uma foice em miniatura para a batalha a fim de castrar os inimigos. O Cronos latino chamava-se Saturno e, em suas estátuas, estava armado com uma podadeira encurvada como o bico de um corvo: provavelmente um hieróglifo relacionado com o seu nome. Pois, embora os gregos posteriores quisessem pensar que o nome significasse *chronos*, "tempo", porque qualquer homem muito velho era, bem-humoradamente, chamado de "Cronos", a derivação mais provável era da mesma raiz de *cron*, ou *corn*, que dá ao grego e ao latim palavras para corvo — *corone* e *cornix*. O corvo era um pássaro muito consultado por áugures e um símbolo, na Itália e na Grécia, de vida longa. Assim, é possível que o outro nome de Cronos, o Titã adormecido, guardado pelo briareu de cem braços, fosse Bran, o deus-corvo. O mito de Cronos, de qualquer maneira, é ambivalente: recorda a substituição e o assassinato ritual — tanto no culto do carvalho como no da cevada — do rei sagrado, ao término de seu período de reinado. Também rememora a vitória dos pastores aqueus sobre os agricultores pré-aqueus da Grécia. Nas *Saturnálias* romanas da época da República, que era uma festa semelhante

[4] Havia ainda outra terceira Ortígia ("Lugar da Codorna"). Segundo Tácito, os efésios afirmaram, diante do imperador Tibério, reivindicando o direito de asilo no recinto artemísio, que o culto de sua Grande Deusa, Ártemis (a quem os romanos chamavam Diana), era derivado de Ortígia, onde, então, seu nome era Leto. O dr. D. G. Hogarth situa esta Ortígia no vale arvaliano, ao norte do monte Solmissos, mas a sugestão não é plausível, a menos que, como ilhotas do mesmo nome, fosse um local de descanso para as codornas em sua migração da África por ocasião da primavera.

ao antigo festival natalino inglês, abandonavam-se temporariamente todas as restrições sociais em memória do reinado dourado de Cronos.

Chamo de Bran uma divindade-corvo, mas nos tempos primitivos não havia clara distinção entre corvo, gralha, corvo cristado e outras aves negras que se alimentavam de carniça. O termo grego *corone* inclui também o *corax* ou gralha; a palavra latina *corvus*, corvo, provém da mesma raiz de *cornix*, corvo ou gralha. As aves de Bran, Cronos, Saturno, Esculápio e Apolo são todas corvídeas.

As cinqüenta Danaides aparecem no início da história britânica. John Milton, em seu livro *Early Britain*, zomba de modo tedioso da lenda preservada por Nênio de que a Grã-Bretanha tem seu primeiro nome, *Albion*, pelo qual é conhecida por Plínio, derivado de Albina ("a Deusa Branca"), a mais velha das Danaides.

O nome Albina, cuja variante foi dada ao rio Elba (*Albis* em latim), explica as palavras germânicas *elven*, "fada", *alb*, "elfo" ou "duende"; e *alpdrücken*, "pesadelo" ou "íncubo", está relacionada com as palavras gregas *alphos*, que significa "lepra branca opaca"[5] (em latim *albus*), *alphiton*, "pérola-cevada", e *Alphito*, "a Deusa Branca", que nos tempos clássicos havia degenerado numa espécie de bicho-papão para assustar crianças pequenas, mas que parece ter sido originariamente a deusa danesa da cevada cultuada em Argos. *Sir* James Frazer a vê "quer como Deméter, quer como seu duplo, Perséfone". A própria palavra "argos" significa "branco reluzente" e é empregada para descrever os paramentos sacerdotais brancos. Também significa "rápido como um relâmpago". A prova de que temos razão ao vincular os homens de cem braços com a Deusa Branca de Argos reside no mito de Io, a mesma deusa, que serve de ama ao Dioniso menino, o qual era guardado por Argos Panoptes ("o que era todo olhos"), o monstro de cem olhos, provavelmente representado como um cão branco; Argo era o nome do cachorro de Odisseu. Io era a representação, como vaca branca, da Deusa, enquanto deusa da cevada. Também era adorada como égua branca, Leucipa, e como porca branca, Ceres ou Fórcis, cujo título mais polido era de Marpessa, "a Arrebatadora".

Em *O romance de Taliesin*, a inimiga de Gwion, Caridwen ou Cerridwen, era também uma deusa-porca branca, segundo o dr. MacCulloch, que, em sua bem documentada *Religion of the Ancient Celts*, cita Geoffrey de Monmouth e ao celtólogo francês Thomas como testemunhas e indica que os bardos galenses

[5] A *White Hill* ("Colina Branca") ou a *Tower Hill* ("Colina da Torre"), em Londres, preserva a memória, pois o torreão construído em 1078 pelo bispo Gundulf ainda hoje é chamado de torre Branca. Herman Melville, em sua obra *Moby Dick*, dedica um eloqüente capítulo à consideração das emoções contraditórias causadas pela palavra "branco": a graça, o brilho e a pureza dos corcéis brancos como o leite, os touros brancos para o sacrifício, os níveos véus nupciais e as brancas vestes sacerdotais em oposição ao horror inominável causado por albinos, por leprosos, por "visitas" de capucho branco e daí por diante. Ele recorda ainda que os turistas americanos tremiam mais de medo quando se lhes dizia "Esta é a torre Branca" do que quando se lhes dizia "Esta é a torre Sanguinária". Moby Dick era uma baleia albina.

a definiam também como a deusa do cereal; compara-a com Deméter, a porca anteriormente citada. Seu nome se compõe das palavras *cerdd* e *wen*. *Wen* significa "branco" e *cerdd*, em irlandês e em galês, significa "ganância ou benefício", e também "as artes inspiradas, especialmente a poesia", como as palavras gregas *cerdos* e *cerdeia*, das que se deriva o vocábulo latino *cerdo*, "artífice". Em grego, a doninha, um disfarce favorito das bruxas da Tessália, era chamada de *cedro*, traduzida habitualmente como "a astuta"; e *cerdo*, palavra antiga, porém de origem incerta, é como se chama porco em espanhol.[6] Pausânias torna Cerdo esposa de Foroneu, herói do culto argivo, inventor do fogo e irmão de Io e de Argos Panoptes, que, no Capítulo 10, será identificado com Bran. A famosa *sardana*,[7] dança da colheita dos Pirineus espanhóis, talvez fosse, no princípio, executada em honra dessa deusa, que deu nome aos melhores trigais da região, o vale de Cerdaña, cuja cidade principal é Puigcerdá, que significa "colina do cerdo". A sílaba *cerd* figura em nome de reis iberos, dos quais o mais conhecido é Cerdubelo, citado por Tito Lívio, o antigo chefe que interferiu numa disputa entre os romanos e a cidade íbera de Castulo. Cerridwen é, claramente, a Porca Branca, a Deusa da Cevada, a Dama Branca da Morte e a Inspiração; é, na realidade, Albina, Alfito, a deusa da cevada que emprestou seu nome à Grã-Bretanha. O pequeno Gwion tinha todas as razões para temê-la, mas foi um grande erro de sua parte tentar ocultar-se num monte de grãos na própria terra arada que pertencia a ela.

Os latinos adoravam a Deusa Branca com o nome de Cardea. Ovídio, em *Fasti*, relata uma anedota confusa sobre ela, relacionando-a com a palavra *cardo*, uma dobradiça. Conta que fora amante de Jano, o deus das portas — o qual, com duas faces, via tanto para a frente como para trás e que era também a divindade do primeiro mês do ano — e que ela presidia sobre as dobradiças das portas. A Deusa também protegia as crianças contra as bruxas disfarçadas como terríveis pássaros noturnos, que arrancavam as crianças de seus berços e lhes sugava o sangue. Ovídio conta que ela exerceu seu poder pela primeira vez em Alba ("a cidade branca"), colonizada por imigrantes do Peloponeso por ocasião da grande dispersão, em conseqüência da qual Roma foi fundada. Ela tinha como seu principal profilático o pilriteiro branco. A história de Ovídio surge de dentro para fora, precisando ser invertida: Cardea era Alfito, a Deusa Branca que destruía as crianças, depois de se disfarçar em pássaro ou em forma de alguma besta. O pilriteiro, consagrado a ela, não podia entrar na casa para que ela não destruísse a criança. Era Jano, "o poderoso guardião da porta de carvalho", quem

[6] Diz-se que *cerdo* deriva de *setula*, "uma porca pequena", mas a violenta metátese de consoantes, que se precisa assumir de modo a tornar válida esta derivação, não tem semelhança no nome de nenhum outro animal doméstico.

[7] Graves, no original, escreve *Cerdaña*, mas a tradução espanhola corrige a forma para *Sardana*, no que concorda o tradutor francês, que emprega *Sardane*, daí ter-se empregado a que pareceu mais adequada, pois está registrada no *Dicionário Webster*. (N. T.)

mantinha Cardea e suas bruxas afastadas, porque Jano era, na verdade, o velho deus-carvalho Dianus, que encarnou no rei de Roma e, depois, no *Flamen Dialis*, seu sucessor espiritual. A esposa, Jana, era Diana (Dione), a deusa dos bosques e da lua. Jano e Jana constituíam, de fato, uma forma rústica de *Juppiter* e de Juno. O duplo *p* em *Juppiter* representa um *n* elidido: ele era *Jun-pater* — o Pai Dianus. Mas antes que Jano, Diano ou Júpiter tivesse casado com Jana, Diana ou Juno e a houvesse submetido, foi filho dela, que era, então, a Deusa Branca Cardea. Assim, ele se tornou a Porta, o guardião nacional, e ela, a dobradiça que o conectava com o portal — a importância desse relacionamento será explicado no Capítulo 10. *Cardo*, de dobradiça, é a mesma palavra *cerdo*, artesão — num mito irlandês, o deus dos artesãos especializados em dobradiças, fechaduras e rebites chamava-se *Credne*. Tais artesãos declaravam que sua padroeira era a deusa Cerdo ou Cardea. Assim, como amante de Jano, Cardea recebeu a tarefa de afastar da porta o bicho-papão das crianças, que nos tempos matriarcais era a própria em seu augusto ser. Cardea era propiciada nos casamentos romanos com tochas de pilriteiro. Ovídio fala de Cardea, ao que tudo indica citando uma fórmula religiosa: "Seu poder consiste em abrir o que está fechado; em fechar o que está aberto."

Ovídio identifica Cardea com a deusa Carnea, cuja festa em Roma era celebrada em primeiro de junho, quando, então, carne de porco e favas lhe eram oferecidas. Isto auxilia à medida que vincula a Deusa Branca com porcos, apesar de que seja totalmente sem sentido a explicação romana que justificava o nome *Carnea*, que era *quod carnem offerunt* ("porque eles lhe ofereciam carne"). Além do mais, como já se ressaltou no contexto em *Câd Goddeu*, as favas eram empregadas na época clássica como um feitiço homeopático contra bruxas e fantasmas. Punha-se um grão de fava na boca e se o cuspia em direção da aparição. No festival romano da Lemúria cada pai de família atirava favas negras para trás de suas costas para os Lêmures, ou fantasmas, dizendo: "Com estes eu salvo a mim e a minha família." Os místicos pitagóricos, que fizeram derivar suas doutrinas de fontes pelasgas,[8] estavam vinculados por um forte tabu contra o ato de comer favas e citavam um verso atribuído a Orfeu, no qual se comparava comer favas ou feijões com a devoração da cabeça dos pais.[9] A flor da fava é branca e floresce na mesma estação do pilriteiro. A fava está consagrada à Deusa

[8] Diz-se que Pitágoras era um pelasgo tirreno natural de Samos, no Egeu setentrional. Isto explica a íntima relação de sua filosofia com a órfica e a druídica. Conta-se que não apenas se abstinha de comer favas, mas também de pescado e, ao que parece, propagou um culto pelasgo que herdou viajando por outras nações. Sua teoria da transmigração das almas é mais hindu do que pelasga. Em Crotona era ele reconhecido, aliás, também seu sucessor Empédocles, como a reencarnação de Apolo.

[9] Os platônicos justificavam sua abstenção de comer favas com o argumento racionalista de que elas causariam flatulência, mas isto acaba dando no mesmo. A vida era respiração e soltar "ventos" depois de comer favas era prova de que se havia comido uma alma viva. Em grego e em latim, as mesmas palavras *anima* e *pneuma* significam "um sopro de vento", a respiração, alma ou espírito.

Branca — daí sua conexão com o culto escocês; nos tempos primitivos só as sacerdotisas podiam plantá-las e cozinhá-las. Os homens de Feneu, na Arcádia, tinham uma tradição segundo a qual a deusa Deméter, quando passou por ali em suas viagens, deu-lhes permissão para plantar todo o tipo de grãos e de legumes, com uma única exceção: as favas. Parece, por conseguinte, que a razão do tabu órfico estava no fato de a fava crescer de modo espiralado em torno da estaca, prognosticando a ressurreição, e que as almas — é Plínio quem menciona o fato — conseguiam renascer como seres humanos introduzindo-se nas favas e fazendo-se comer pelas mulheres. Por isso, caso um homem comesse alguma fava, poderia acarretar uma nefasta frustração para os próprios pais já falecidos. Os chefes de família romanos jogavam favas sobre as almas nas Lemúrias, para dar-lhes a possibilidade de renascer, e as ofereciam à deusa Carnea em seu festival, porque ela é quem detinha as chaves do mundo subterrâneo.

Carnea é geralmente identificada com a deusa romana *Cranaë*, que era na verdade *Cranaea*, ("dura" ou "pétrea"), um sobrenome grego da deusa Ártemis, cuja hostilidade para com as crianças precisava ser aplacada constantemente. Cranea ou Cranéia tinha um templo numa colina perto de Delfos, onde os serviços sacerdotais eram sempre feitos por um menino e por um prazo de cinco anos. Dedicado a ela havia também um bosque de ciprestes chamado *Cranaeum*, às portas de Corinto, onde Belerofonte tinha seu santuário de herói. *Cranaë* significa "rocha" e se relaciona etimologicamente com a forma gaélica *cairn* — que acabou por designar uma pilha de pedras amontoadas no alto de uma montanha.

Escrevo sobre ela como a Deusa Branca porque o branco é sua cor principal, a cor do primeiro membro da trindade lunar, mas, quando Suidas, de Bizâncio, registrou que Io era uma vaca que mudava sua cor do branco ao rosa e ao negro, ele queria dizer que a lua nova é a Deusa Branca do nascimento e do crescimento; a lua cheia, a Deusa Vermelha do amor e das batalhas; a lua velha, a Deusa Negra da morte e da adivinhação. Confirma o mito de Suidas a fábula de Higino de uma novilha nascida de Minos e Pasífae que, da mesma forma, trocava de cor três vezes ao dia. Em resposta a um desafio posto por um oráculo, um tal de Poliído, filho de Cérano, corretamente o comparou com a amora — um fruto consagrado à Tríplice Deusa. As três pedras erigidas, trazidas do alto da colina Moeltre, perto de Dwygyfylchi, no País de Gales, no iconoclástico século XVII, podem muito bem ter representado a Io trinitária. Uma era branca, outra vermelha e a terceira azul-escuro; além do mais elas ficaram conhecidas como "as três mulheres". Segundo lenda monástica da região, três mulheres vestidas com aquelas cores foram petrificadas como forma de punição por terem peneirado grãos num domingo.

O mais abrangente e inspirado testemunho da Deusa em toda a literatura antiga está em *O asno de ouro*, de Apuleio, quando Lúcio a invoca das profundezas da miséria e da degradação espiritual e ela aparece em resposta a seu pedido. De passagem, sugere que a Deusa fora, uma feita, adorada em Moeltre em

sua tríplice qualidade de cultivadora branca, de colhedora vermelha e da escura peneiradora de grãos. Eis o texto em questão:[10]

> Durante o primeiro período da noite, quando apenas dormira meu primeiro sono, despertei tomado de súbito medo e deparei-me com a lua reluzindo em grande esplendor, em plenitude, como se pulasse para fora do mar. Pensei, então, comigo mesmo que essa era uma ocasião das mais secretas, quando aquela divindade tem maior poder e força. Lembrei que todas as coisas humanas são governadas por providência dela e que sua luz e sua divindade conferem forças não só a animais desgarrados ou domésticos, selvagens ou ferozes, mas também a todas as coisas inanimadas e sem vida. Ocorre-me pensar que todos os corpos, dos céus, de sobre a terra e de dentro dos mares acompanham seu movimento de crescimento, igualmente crescendo e diminuindo conforme ela míngua. Foi quando, já cansado de meu destino cruel e calamitoso, pensei encontrar, numa invocação e numa prece a essa poderosa Deusa, eminentemente bela, a esperança e o soberano remédio que me livre de minha miséria, por mais tardio que seja. Por causa disto sacudi o corpo, livrei-me da sonolenta moleza e levantei-me com o rosto cheio de felicidade. Movido pelo grande desejo de purificar-me, mergulhei minha cabeça na água do mar por sete vezes, sendo este o número conveniente às coisas santas e divinas, conforme declarou o digno e sábio Pitágoras. Com alegria e vivacidade, com os olhos úmidos, dirigi a seguinte oração à todo-poderosa Deusa:
>
> "Ó Rainha Bendita dos Céus:
>
> Quer sejas tu a Senhora Ceres, fonte originária e materna de tudo de frutífero que existe na Terra, aquela que, tendo reencontrado a filha Prosérpina, na grande alegria que então a tomou, fez desaparecer completamente a fome daqueles de outrora, em que só comiam as bolotas do carvalho, aquela que os fez trabalhar o solo nu de Elêusis, até então estéril, e que lhes deu um alimento melhor e mais doce.
>
> Quer sejas tu a celeste Vênus que, no começo do mundo, fez com que o macho e a fêmea se acasalassem num amor fecundo, permitindo assim que a espécie humana se propagasse eternamente, aquela que é, até o presente, adorada nos templos da ilha de Pafo, cercados pelas águas.
>
> Quer sejas tu a irmã do deus Febo, que salvou tanta gente, esclarecendo sobre seus remédios e diminuindo as dores do parto, aquela que é agora adorada nos lugares sagrados de Éfeso.
>
> Quer sejas, então, Prosérpina, dita 'A Terrível', em razão dos uivos mortais que lança, aquela cuja tríplice face tem o poder de fazer parar e de afastar as fúrias e os espíritos que aparecem para os homens, que os mantêm

[10] Traduzido da versão inglesa feita por William Adlington, em 1566, que é o texto citado pelo autor. (N. T.)

presos nas prisões da terra, aquela que vaga pelos bosques e que se invoca de maneiras variadas.

Ó tu, que amadureces todas as sementes do mundo em teu calor úmido, dando-lhes a luz que tu modificas segundo tuas viagens para longe ou perto do sol.

Pelos tantos nomes, maneiras ou formas que são permitidos conferir-te, imploro-te que coloques um fim a minha imensa fadiga e a minha miséria, que reanimes minhas esperanças desaparecidas e me livres da má sorte que, há tanto, me persegue. Confere-me, se for de teu agrado, a paz e o repouso em minha adversidade, pois já penei bastante pelas labutas e pelos perigos."

Quando terminei esta oração, expondo minhas chagas diante da Deusa, tive sorte e tornei a cair em sono no mesmo lugar. Alguns instantes mais tarde, quando meus olhos acabavam de se fechar, apareceu-me, elevando-se do mar, uma face divina e adorável que os próprios deuses tinham reverenciado. Pouco a pouco tive a sensação de ver seu corpo materializar-se por inteiro. Ela brilhava, surgindo das águas em minha direção. Tentarei, pois, descrever seu aspecto divino, segundo me permita a pobreza de meu vocabulário humano ou segundo o divino poder me confira a força de uma eloqüência bastante rica, capaz de exprimi-lo. O que primeiro chamava atenção era sua grande cabeleira cacheada que cascateava em dois caminhos do pescoço para baixo. Como coroa, trazia guirlandas de flores que se entrelaçavam. No meio de sua testa havia um pequeno círculo liso, uma espécie de espelho, ou melhor, de Lua, por causa da luz que dele se projetava. Isso era emoldurado aos lados por duas serpentes que pareciam irromper das profundezas da terra, apoiando todo o aspecto divino nos dois lados. Acima da aparição surgiam espigas de trigo. Suas vestes eram do mais belo linho, matizadas com diversas cores, às vezes branco e brilhante, noutros locais amarelo como flor de açafrão, noutros vermelho- rosado, às vezes flamejante, e (o que tumultuava minha visão e meu cérebro, deixando-os doloridos) seu manto era de um negro intenso e obscuro, com reflexos brilhantes do preto. Portava-o em torno de si, desde debaixo de seu braço esquerdo até sua espádua direita, como se fosse um escudo; parte dele estava caída de jeito muito sutil, até abaixo de seu vestido, de modo que as dobras ficavam graciosas. Por aqui e acolá, nas bordas e sobre toda a sua superfície, cintilavam estrelas. No meio delas a lua cheia flamejava. Uma guirlanda trançada sem rompimento da coroa até os pés, feita com toda espécie de flores e de frutos, acompanhava inteiramente a borda dessa maravilhosa vestimenta. A deusa trazia consigo objetos realmente muito estranhos, pois, na mão direita, tinha um pandeiro[11] de latão, uma peça de

[11] A reimpressão de 1986 traz, entre colchetes, a palavra *sistrum*. Este instrumento que acompanha a iconografia de Ísis lembra um chocalho de lâminas circulares. A descrição que se segue é difícil de compatibilizar com a modalidade mais simples do *sistrum* de Ísis. (N. T.) Também

metal chata, trabalhada na forma de uma cinta, na periferia da qual passavam alguns bordões. Quando seu braço movia esses três bordões, produzia-se um som agudo e claro. Na mão esquerda trazia uma taça de ouro em forma de barca, da qual, bem no alto, no ponto mais visível, uma víbora preparava o bote com a garganta totalmente aberta. Seus pés perfumados calçavam sandálias entrelaçadas com palmas da vitória. Foi assim que a forma divina, exalando os perfumes da fértil Arábia, distinguiu-me com as seguintes palavras ditas por sua santa voz:

'Eis-me aqui, Lúcio. Eu vim! Teus lamentos e tuas preces comoveram-me e vim socorrer-te. Sou a mãe natural de todas as coisas, senhora e governante de todos os elementos, progenitora primordial dos mundos, chefe dos poderes divinos, rainha de todos que estão nos infernos, a principal dentre os que habitam os céus, manifestação absoluta, sob uma forma única, de todos os deuses e deusas [*deorum dearum-que facies uniformis*]. Minha vontade dispõe sobre os planetas do céu, sobre todos os ventos dos mares e sobre o lamentável silêncio do inferno. Minha pessoa e minha divindade são adoradas por todo o mundo, de maneiras diversas, em costumes variáveis e sob diferentes nomes. Atento! Os frígios, que foram os primeiros dentre os homens, chamam-me, em Pessinunte, de 'A Mãe dos Deuses'; os atenienses, que brotaram de seu próprio solo, Minerva de Cécrops; os cipriotas, cercados pelo mar, dizem-me Vênus da cidade de Pafo; os cretenses, que portam flechas, chamam-me Diana de Dicte; os sicilianos, que falam três línguas, Prosérpina Infernal; os que obedeciam o culto de Elêusis, adoravam-me como Ceres, sua antiga deusa; outros ainda me diziam Juno, Belone, Hécate; outros, Ranúsia. Ambos os tipos de etíopes, que moram no Oriente e que são iluminados pelos matutinos raios solares, bem como os egípcios, os quais são excelentes em todo tipo de doutrina arcaica, estes estão acostumados, por força de suas cerimônias adequadas, a cultuar-me sob meu verdadeiro nome — A Rainha Ísis. Atento! Eis-me aqui a apiedar-me de tua sina e de tua tribulação. Vim para favorecer-te e ajudar-te; cessa teu pranto e tuas lamentações; afugenta a tristeza, pois este é o dia da salvação determinada por minha providência.'

Encontra-se prece quase idêntica, em latim, registrada num herbário inglês do século XII (museu Britânico, *Manuscrito Harley*, 1585, folhas 12 e 13):

é difícil saber se os colchetes devem ser atribuídos ao tradutor Adlington ou a Graves, que cita e assume o texto, contudo, *lectio difficilior optata est*. A tradução portuguesa de Ruth Guimarães traz, sem dúvida, uma leitura mais fácil: "Sua mão direita levava um sistro de bronze, cuja lâmina estreita, recurva e em forma de cinturão, estava atravessada por algumas pequenas campainhas." (Lúcio Apuleio, *O asno de ouro*, Ediouro, s/d, p. 182.)

Terra, divina deusa, Mãe Natureza, que engendra todas as coisas e que eternamente podes parir o sol que deste às nações, guardiã do céu e do mar e de todos os deuses e potestades, sob tua influência toda a natureza se acalma e se põe a dormir. (...) Depois, quando te apraz, tu envias a alegre luz diurna e ensinas a vida, tua eterna garantia. Quando o espírito do homem traspassa, é em tua direção que ele retorna. Tu és, com muita correção, chamada de Grande Mãe dos Deuses; a Vitória está em teu divino nome. Tu és a fonte da força dos povos e dos deuses; sem ti nada pode vir a ser nem aperfeiçoar-se; poderosa és tu, Rainha dos Deuses. Ó Deusa, eu te adoro como divina, invoco teu nome; digna-te a conceder-me o que te peço e dirigirei minha gratidão a tua divindade, com a fidelidade que te devo. (...)

Agora também vos peço ó poderes e ervas, dirigindo-me à vossa majestade. A vós eu rezo, a vós a quem a Terra, mãe universal, fez nascer e dar-vos como remédio a todos os povos, recobrindo-vos de sua majestade, sede, no momento, altamente benéficos para a humanidade. Eis o que vos peço em minha prece: estai presentes aqui com todas as vossas virtudes, pois aquela que vos criou garantiu que vos posso invocar com a boa vontade de quem recebeu a arte da medicina; por conseguinte, concedei, por graça da saúde, o bom remédio, em nome desses poderes acima mencionados. (...)

É difícil determinar como era designado o deus da medicina na Inglaterra pagã do século XII, mas ele se situava, claramente, diante da Deusa invocada em suas preces, tal como Esculápio originariamente se situava diante de Atená; Tot, de Ísis; Esmun, de Ishtar; Diancecht, de Brigite; Odin, de Freya, tal como Bran diante de Danu.

Capítulo 5

O enigma de Gwion

Estava com este complicado argumento mitológico lentamente se delineando em minha mente quando voltei a *Hanes Taliesin* (*A lenda de Taliesin*), o poema de adivinhações com o qual Taliesin se dirige pela primeira vez no romance ao rei Maelgwyn. Já suspeitava que Gwion empregasse o cão, o abibe e o corço como auxiliares na concepção de seu enigma usando o novo segredo gwydioniano das árvores, que de algum modo conseguira descobrir e que o revestira de poder poético. Lendo com atenção o poema, logo tomei consciência de que também aí, da mesma forma que em *Câd Goddeu*, Gwion não era nenhum rapsodo irresponsável, mas um poeta verdadeiro. Enquanto Heinin e seus companheiros bardos, conforme o romance afirma, só conhecessem o latim, o francês, o galês e o inglês, ele conhecia bem os clássicos irlandeses, do mesmo modo que as literaturas grega e hebraica, segundo o próprio declara:

Tracthator fyngofeg
Yn Efrai, yn Efroeg,
Yn Efroeg, yn Efrai.

Tornei-me também consciente de que aí ele dissimulava um antigo mistério religioso (blasfematório do ponto de vista da Igreja), sob as vestes de palhaçada, contudo sem tornar o segredo inteiramente impossível de ser adivinhado por um companheiro de poesia convenientemente educado.

Emprego aqui o nome "Gwion" no lugar de "Taliesin" para deixar claro que não confundo o miraculoso menino Taliesin de *O romance de Taliesin* com o Taliesin histórico do final do século VI, de quem um grupo de poemas autênticos se encontra no *Livro vermelho de Hergest* e que Nênio considera "renomado em poesia britânica" ao longo de uma genealogia de reis saxões que data do século VII. O primeiro Taliesin passou a maior parte de seu tempo, durante o último terço do século VI, como hóspede de diferentes chefes e príncipes para quem ele escrevia elogios em versos (Urien ap Cynvarch, Owein ap Urien, Gwllag ap Laenaug, Cynan Garwyn ap Brochfael Ysgythrog, rei de Powys, e o poderoso rei Rhun ap Maelgwn), até o dia em que foi morto pelo Coelien numa contenda de bêbados. Acompanhou Rhun numa primeira campanha contra os normandos, por causa do assassinato de Elidir (Heliodoro) Mwynfawr e a incursão vingativa

de Clydno Eiddin, Rhydderch Hael (ou Hen), além de outros, a que Rhun respondeu com uma invasão em ampla escala. Assim, Taliesin chama os ingleses *Eingl*, ou *Deifyr* (deiranos), com a mesma freqüência com que os nomeia "saxões" e aos galenses, "bretões" e não *cymry ("cimbros")*. Gwion escreveu cerca de seis séculos mais tarde, no final do período dos príncipes.

Em seu livro *Lectures on Early Welsh Poetry,* o dr. Ifor Williams, a maior autoridade viva no que diz respeito a textos dos poemas de Taliesin, afirma, depois de provas literárias internas, que partes do romance existiram num original do século IX. Não discutirei isto nem sua conclusão de que o autor era um religioso pagão que mantinha contato com a Irlanda; discutirei, contudo, sua negativa quanto à existência de "algum misticismo, meio-misticismo ou semimeio-misticismo nos poemas" e sua certeza de que todo o calhamaço pudesse reduzir-se à seguinte explicação:

> Taliesin está apenas se pavoneando. Como o canguru da história de Kipling — era obrigado a isso! Tal era o papel que devia desempenhar.

Como erudito sério, o dr. Williams, naturalmente, sente-se mais à vontade, e em campo próprio, com o primeiro Taliesin, que era, decerto, um bardo de corte, do tipo escandinavo. Para mim, o centro de interesse do romance não consiste na jactância que um pseudo Taliesin faça de sua onisciência, mas no fato de que alguém — capaz de autonomear-se Pequeno Gwion, filho de Gwreang de Llanfair em Caereinion, pessoa sem importância, acidentalmente iniciado em certos mistérios e tornado um de seus adeptos — se ponha a caçoar dos bardos profissionais de seu tempo, porque esses já não compreendiam os rudimentos de sua bagagem poética tradicional. Proclamando a si mesmo como mestre em poesia, Gwion adotou o nome de Taliesin, do mesmo modo que um poeta grego e ambicioso da era helenista poderia dar-se o nome de Homero. Aliás, "Gwion, filho de Gwreang", com toda probabilidade é um pseudônimo e não um nome de batismo do autor do romance. Gwion é o equivalente (*gw* por *f*) de Fionn, ou Finn, o herói irlandês de um conto semelhante. Fionn, filho de Mairne, a filha de um chefe druida, recebeu instruções de outro sacerdote, de mesmo nome que ele, de cozinhar para este último um salmão pescado num poço profundo nas águas do rio Boyne, sem o direito de provar seu sabor. Ora, quando Fionn virava o peixe na panela, queimou o polegar, que colocou na boca e, assim, recebeu o dom da inspiração. O peixe era um salmão do conhecimento, que se alimentara com as sementes dos nove aveleiros da arte poética. O equivalente de Gwreang é *Freann*, uma forma estabelecida de Fearn, o amieiro. Gwion está, pois, reivindicando poderes oraculares como filho espiritual de Bran, o deus-amieiro. O fato de ter assumido um pseudônimo era justificado pela tradição: o herói Cuchulain ("o cão corredor de Culain") foi, no início, chamado de Setenta, e era uma reencarnação do deus Lugh; o próprio Fionn ("O Belo") recebera primeiro o nome de Deimne. Bran era o pai mais adequado

para Gwion, pois, por essa época, era conhecido como o gigante Ogyr Vran, pai de Guinevere — seu nome significa "Bran, o Maligno" (*ocur vran*),[1] que, ao que tudo indica, produziu a palavra inglesa *"Ogre"*, conforme se encontra por todos os *Contos de fadas* de Perrault. Os bardos atribuíram-lhe a invenção de sua arte e um direito de propriedade sobre o Caldeirão de Cerridwen, do qual eles diziam que a Tríplice Musa nascera. Ora, a mãe de Gwion era a própria Cerridwen.

É uma lástima que não se possa ter certeza quanto à atribuição do romance, que se encontra no manuscrito *Iolo*, impresso pela Welsh MSS. Society (Sociedade Galense de Manuscritos), a um tal "Thomas ap Einion Offeiriad, descendente de Gruffydd Gwyr". Este documento é chamado *Manuscrito de Anthony Powel de Llwydarth* e parece um escrito bastante autêntico, bem diferente das outras notícias de Taliesin publicadas por *lady* Guest (e abonadas pela autoridade de Iolo Morganwg) em suas notas ao *Romance de Taliesin*:

> Taliesin, chefe dos bardos, filho de santo Henwg de Caerlleon em Usk, foi convidado à corte de Urien Rheged, em Aberllychwr. Ele e Elffin, filho de Urien, achavam-se, certa ocasião, pescando numa barquinha de couro, quando um pirata irlandês o aprisionou e a sua pequena embarcação, dirigindo-se, então, para a Irlanda. Num momento em que os piratas estavam tomados pela bebedeira e pelas gargalhadas, Taliesin colocou seu bote no mar; embarcou nele, levando nas mãos um escudo que encontrara no navio, do qual se utilizou como remo, e se aproximou da terra. As ondas se quebravam numa espuma selvagem. Ele perdeu o apoio do escudo e não lhe restou outra saída senão deixar-se conduzir pela vontade do mar. Permaneceu neste estado por breve tempo, até que o bote parou num bastão da paliçada de Gwyddno, senhor de Ceredigion em Aberdyvi. Nesta situação, na maré baixa, foi encontrado por um grupo de pescadores de Gwyddno que o interrogaram. Depois de assegurarem-se de que ele era um bardo e tutor de Elffin, filho de Urien Rheged, filho de Cynvarch, Gwyddno lhe propôs: "Eu também tenho um filho chamado Elffin. Seja igualmente seu bardo e seu professor e eu te darei a propriedade sobre algumas terras." Estas condições foram aceitas e, durante muitos anos, ele seguiu dividindo seu tempo entre a corte de Urien Rheged e a de Gwyddno, que era chamado de Gwyddno Garanhir, senhor dos baixios de Cantered. Contudo, depois que o território de Gwyddno foi invadido pelo mar, Taliesin foi convidado pelo imperador Arthur a sua corte em Caerlleon em Usk. Ele tornou-se extremamente célebre, graças a seu gênio poético, e muito útil por seus conhecimentos científicos. Depois da morte de Arthur, retirou-se para uma propriedade que lhe fora dada por Gwyddno e aceitou sob sua

[1] As sílabas *ocur*, próximas da antiga palavra espanhola *Huergo*, ou *Uergo*, que designam um velho demônio antropófago, estão provavelmente ligadas a *Orcus*, deus latino da morte, masculinização de *Forcis*, a deusa grega dos campos cultivados, Deméter.

proteção Elffin, filho desse príncipe. Foi a partir deste relato que Thomas, o filho de Einion Offeiriad, descendente de Gruffyd Gwyr, escreveu seu *O romance de Taliesin, o filho de Cariadwen — de Elffin, o filho de Goddnou —, de Rhun, filho de Maelgwn Gwynedd, e das aventuras acerca do caldeirão de Ceridwen.*

Se este for um documento medieval autêntico e não uma falsificação do século XVIII, refere-se a uma tradição deformada sobre Taliesin, poeta do século VI; bem como relata o encontro da Criança Divina, na represa mais perto de Aberdovey do que de qualquer outro local. Contudo, provavelmente, "Gwion" constituía mais de uma pessoa, pois o poema *Yr Awdyl Vraith*, o qual apresentaremos inteiro no Capítulo 9, é atribuído no *Manuscrito Peniardd* a Jonas Athraw, o "doutor" de Menévia (da Sé de são Davi), que viveu no século XIII. Uma referência cortês à Sé de são Davi, oculta em *Hanes Taliesin*, confirma esta atribuição. (Menévia é a forma latina do nome original do lugar — *Hen Meneu* ("o velho arbusto") —, o que deixa a perceber o culto da deusa do pilriteiro branco.)

O dr. Williams explica o confuso estado dos textos dos poemas contidos no romance, sugerindo que são sobras do trabalho de *Awenyddion* do século XII, descritos por Geraldo de Câmbria nos seguintes termos:

> Há em Câmbria certas pessoas, não encontráveis noutros lugares, que são chamadas de *Awenyddion*, ou inspiradas. Quando consultadas sobre qualquer evento duvidoso, põem-se a rugir violentamente, são arrancadas do estado normal e ficam como possuídas por algum espírito. Não dão resposta de modo concatenado; mas a pessoa que observá-las com atenção encontrará, depois de muitos preâmbulos e de muitos discursos inúteis e incoerentes, ainda que plenos de imagens, a explicação desejada, transmitida por alguma associação de palavras. Elas se recobram de seu transe como quem se acorda de um sono profundo, como se fossem constritas, por violência, a voltarem ao estado normal. Depois de darem resposta à indagação, só voltam a si quando fortemente sacudidas por outra pessoa. Não se recordam das respostas que deram. Se consultadas uma segunda ou uma terceira vez sobre o mesmo ponto, empregam expressões inteiramente diversas; talvez falem por inspiração de espíritos fanáticos e ignorantes. Esses dons normalmente lhes são conferidos em sonhos; alguns sentiam, em seus lábios, o gosto de leite e mel. Quando acordavam, declaravam publicamente haver recebido o dito dom. (...) Essas pessoas invocam durante suas profecias o verdadeiro Deus vivo e a Santíssima Trindade e rezam para que seus pecados não as impeçam de achar a verdade. Esses profetas só se encontram entre aqueles bretões que são descendentes dos troianos.

Os *Awenyddion*, menestréis populares, podem, em verdade, ter disfarçado seus segredos fingindo-se possuídos por espíritos, como há registro de que fize-

ram os poetas irlandeses por brincadeira, e podem ainda ter induzido esses transes ingerindo certo cogumelo. Contudo, *Câd Goddeu*, *Angar Cyvyndawd* e todos os demais poemas estranhos de *O livro de Taliesin* são de leitura confusa e, aparentemente, absurda só porque os textos foram deliberadamente confundidos, sem dúvida alguma, como precaução contra serem denunciados como heréticos por algum membro da Igreja. Esta explicação também serve para justificar a presença, na mistura, de peças religiosas insípidas — possíveis garantes da ortodoxia. Infelizmente grande parte do material originário parece estar perdido, o que torna difícil uma restauração confiável do que restou. Quando forem publicadas uma versão do texto e sua tradução inglesa devidamente autorizadas — até hoje não se dispõe de nenhuma, do contrário eu a teria empregado —, o problema ficará mais simples. O fato de os *Awenyddion* serem descendentes dos troianos é uma importante afirmação de Gerald, significando que eles não herdaram sua tradição dos cimbros, mas de habitantes prévios do País de Gales que foram por esses derrotados.

O contexto da versão do século XIII do romance pode ser reconstruído a partir do que Gwynn Jones escreveu a Phylip Brydydd de Llanbadarn Fawr, bem como naquele poema no qual menciona sua disputa com *beirdd yspyddeid*, rimadores vulgares, para decidir quem iria apresentar primeiro uma canção ao príncipe Rhys Ieuanc no dia de Natal.

> O testemunho desse poema é extremamente válido à medida que nos demonstra, de modo conclusivo, que, naquela época, de qualquer maneira, a ordem mais baixa dos bardos havia conseguido para si o privilégio de aparecer em cortes do País de Gales, bem como de serem autorizados a contender com membros de alguma corporação mais restrita. É extremamente difícil concluir com certeza a respeito do poema, mas o bardo parece lamentar o relaxamento ou abandono do antigo costume da corte da Casa de Tewdwr [posteriormente a casa inglesa dos Tudor], onde, antigamente, depois de alguma batalha, ninguém ficava sem recompensa; com freqüência, ele próprio recebera inúmeros presentes. Se o elogio constituía o prêmio da bravura, então ele merecia bebidas, mais do que ser transformado num *ermid*. O bardo menciona também um certo Bleiddriw, que não lhe dera o que merecia, dando a entender que o tal era culpado de versificar a mentira, assim como aplicando-lhe o epíteto *twyll i gwndid* [perversor da prática poética]. Neste poema, sugere-se que a pessoa referida era autora de uma canção imperfeita ou irregular. Phylip conta-nos, também, que a cátedra de Maelgwn Hir estava reservada aos bardos e não a poetastros e que, se tal era merecida por alguém, o era por quem só a podia ocupar com o consentimento dos santos e de acordo com a verdade e com o privilégio. Um *penkerdd* (bardo privilegiado) não podia ser feito de um homem que carecesse de arte. Num segundo poema, pede-se ao patrono do poeta, provavelmente também da casa dos Tewdwr, que preste atenção aos concursos entre bardos

e rimadores; existe ainda uma referência à presença de Elffin numa disputa de Maelgwn. O bardo diz que, desde então, mera conversa-fiada causou um grande desprazer: e que vieram para Gwynedd [no Norte do País de Gales] as línguas estrangeiras, os vícios das mulheres e muitas lendas tolas, por meio das canções de falsos bardos desonrados cuja gramática era má. Phylip afirma, de modo solene, que não cabe ao homem destruir o privilégio do dom de Deus. Lamenta-se do declínio do ofício de bardo e define sua própria canção como "a antiga canção de Taliesin", a qual, diz ele — e isto é significativo —, "era ela própria nova por nove vezes sete anos". Finalmente, acrescenta: "Ainda que me colocasse numa cova imunda na terra, a esperar o Juízo Final, a Musa não deixará de merecer reconhecimento, enquanto o Sol e Lua continuarem suas órbitas; e, a menos que a mentira vença a verdade, ou que o dom de Deus cesse no final, serão eles que ficarão desonrados: Ele tomará aos bardos vulgares seu deleite vão."

Observar-se-á que esses poemas relatam importante informação acerca dos pontos de contenda. Vemos que *A canção de Taliesin* e as disputas de Maelgwn Hir se estabelecem como normas do gênero; que tais modelos são acreditados como tendo sido acordados por vontade dos santos e como tendo relação com a arte verdadeira e com o privilégio; que as disputas não eram abertas à ordem mais inferior dos bardos; que um homem carente de arte não podia tornar-se um *Penkerdd*. Alega-se que estrangeirismos na linguagem, vícios femininos e inúmeros contos estúpidos haviam chegado até Gwynedd — até mesmo a Gwynedd, onde se realizaram as disputas de Maelgwn — e tudo por causa das canções de falsos bardos cuja gramática era falha. Vemos que a canção dos bardos oficiais ou tradicionais é considerada um dom de Deus; que sua essência era a verdade comparada com a mentira das canções mais novas; que Phylip Brydydd estava disposto, por assim dizer, a morrer em sua última trincheira, defendendo o privilégio do verdadeiro dom da poesia. Observamos que, apesar de tudo isto, os rimadores eram autorizados a apresentar uma canção no dia de Natal na corte de Rhys Ieuanc.

Terá sido observado que o primeiro poema de Phylip Brydydd menciona um certo Bleiddriw que se recusou a reconhecê-lo e cujo canto — se bem interpretei a sintaxe extremamente comprimida do poema — é descrito por Phylip como sendo truncado e irregular. Não seria improvável que se tratasse de uma referência ao muito discutido Bledri de Geraldo de Câmbria, "o famoso traficante de fábulas que viveu pouco antes de nosso tempo". O provável é que neste Bledri encontremos um dos homens que recitaram histórias galenses na França e, assim, assistiu sua passagem para outros idiomas. Gaston Paris, já em 1879, o identificou com Breri, a quem Thomas, o autor do poema francês de Tristão, reconhece sua dívida, definindo-o como conhecedor de *les histoires et les contes de tous les rois et comtes qui avaient vécu en Bretagne* ("histórias e contos de todos os reis e condes que

viveram na Bretanha"). Diz-se que Phylip Brydydd floresceu entre 1200 e 1250 d.C. Como seu patrono Rhys Ieuanc morreu em 1220, é provável que Phylip deva ter nascido antes de 1200. O próprio Geraldo morreu em 1220. Isto os aproxima o suficiente para que se possa considerar ambas as referências a um mesmo Bledri. De qualquer modo, este é o único caso, de meu conhecimento, de uma referência contemporânea, em galês, a algum Bledri que correspondesse à pessoa mencionada por Geraldo. Contudo, não fundamentarei minha argumentação sobre esta possível identidade. Se o Bleiddri do poema de Phylip for um outro Bleiddri, permanece o fato de que ele era considerado como membro da baixa hierarquia dos bardos e que Phylip, um bardo tradicional, acusava sua categoria, de qualquer forma, de rebaixar a dicção poética dos bardos e de retirar a veracidade dos temas da poesia.

Qual seria pois o significado de "retirar a veracidade" dos temas de uma poesia? Considerando a palavra à luz dos códigos e das disputas de poemas dos próprios bardos, avento a idéia de que quisessem dizerem apenas "contos da imaginação". Era proibido aos bardos oficiais escreverem relatos imaginários e material para a representação; deviam cantar louvores a Deus e a homens bravos ou de bem. Assim procediam eles, como vimos, em versos epitéticos cujo estilo é intencional e notavelmente arcaico.

A queixa de Phylip, segundo a qual seu concorrente Bleiddri carecia de "honra", significava que este último não pertencia à classe privilegiada de homens livres cimbros dentre os quais eram recrutados os bardos cortesãos. Em *O romance de Taliesin*, ouvimos a história do ponto de vista de um menestrel, mas alguém muito bem-dotado, que estudara no exterior com homens mais cultos do que se poderia encontrar em qualquer parte de Gales; alguém que insistia no fato de que os bardos cortesãos haviam esquecido o significado da poesia que praticavam. Por todo o poema se exprime o mesmo tema de menosprezo:

Am I not a candidate for fame, to be heard in song? (...)
Avaunt, you boastful bards (...).

Não sou acaso um candidato à fama, a quem se oiça quando canta? (...)
Fora todos, bardos jactanciosos. (...)

Esse menestrel sem privilégio se vangloria claramente de que a cátedra lhe pertence por direito: é o verdadeiro herdeiro de Taliesin e não qualquer poeta de talento meramente acadêmico como aquele Phylip Brydydd. No entanto, por um tipo de reverência, a lenda de Gwion e Cerridwen é contada nos termos do século VI e não do século XIII. Os estrangeirismos do qual Phylip reclama de terem corrompido Gwynedd, com probabilidade, eram de origem irlandesa. O príncipe Gruffudd ap Kynan, dotado e progressista, educado na Irlanda, havia

introduzido os bardos irlandeses e os menestréis em seu principado no início do século XII. Pode ter sido dessa colônia literária irlandesa e não diretamente da própria Irlanda que Gwion obteve seu conhecimento superior. Gruffudd também tinha normandos em sua corte. Suas ordenações sobre bardos e sobre músicos ressuscitaram em 1523 no Caerwys Eisteddfod.

Finalmente, eis aqui o enigma de *Hanes Taliesin* na tradução de *lady* Charlotte Guest. Neste, o pequeno Gwion responde ao rei de Maelgwyn perguntas tais como quem era ele e de onde vinha:

Primary chief bard am I to Elphin,
And my original country is the region of the summer stars;
Idno and Heinin called me Merddin,
At length every king will call me Taliesin.
I was with my Lord in the highest sphere,
On the fall of Lucifer into the depth of hell
I have borne a banner before Alexander;
I know the names of the stars from north to south;
I have been on the Galaxy at the throne of the Distributor;
I was in Canaan when Absalom was slain;
I conveyed Awen [the Divine Spirit] to the /
level of the vale of Hebron;
I was in the court of Dôn before the birth of Gwydion.
I was instructor to Eli and Enoch;
I have been winged by the genius of the splendid crozier;
I have been loquacious prior to being/
gifted with speech;
I was at the place of the crucifixion of /
the merciful son of God;
I have been three periods in the prison of Arianrhod;
I have been the chief director of the /
work of the tower of Nimrod.
I am a wonder whose origin is not known.
I have been in Asia with Noah in the Ark,
I have witnessed the destruction of Sodom and Gomorrah;
I have been in India when Roma was built;
I am now come here to the remnant of Troia.
I have been with my Lord in the manger of the ass;
I strengthened Moses through the water of Jordan;
I have been in the firmament with Mary Magdalene;
I have obtained the muse from the Cauldron of Caridwen;
I have been bard of the harp to Lleon of Lochlin.
I have been on the White Hill, in the court of Cynvelyn,

For a day and a year in stocks and fetters,
I have suffered hunger for the Son of the Virgin,
I have been fostered in the land of the Deity,
I have been teacher to all intelligences,
I am able to instruct the whole universe.
I shall be until the day of the doom on the face of the earth;
And it is not known whether my body is flesh or fish.
Then I was for nine months
In the womb of the hag Caridwen;
I was originally little Gwion,
And at length I am Taliesin.

Sou de Elfin, o principal chefe bardo,
E meu país de origem fica na região das estrelas estivais;
Idno e Heinin chamam-me de Merddin,
Daqui para a frente todos os reis me chamarão Taliesin.
Estive com meu Senhor na mais alta das esferas,
Quando Lúcifer precipitou-se nas profundas do inferno
Portei uma bandeira diante de Alexandre;
Conheço o nome das estrelas de Norte a Sul;
Estive na Galáxia, no trono do Distribuidor;
Eu estava em Canaã quando Absalão foi trucidado;
Conduzi Awen [o Espírito Divino] ao fundo /
do vale de Hebron;
Antes que Gwydion nascesse, estava eu na corte de Dôn.
Fui eu instrutor de Elias e de Enoque;
Recebi asas do gênio do esplêndido báculo.
Eu já era loquaz antes de receber o dom do discurso;
Estive no lugar da crucifixão do Filho /
misericordioso de Deus;
Purguei três períodos na prisão de Arianrhod;
Fui o engenheiro-chefe da construção da torre de Nimrod.
Sou uma maravilha cuja origem é desconhecida.
Estive na Ásia com Noé, na arca,
Testemunhei a destruição de Sodoma e de Gomorra;
Estava na Índia quando Roma foi construída;
Agora vim aqui a estes restos de Tróia.
Estive com meu Senhor na manjedoura do burrico;
Fortaleci Moisés através das águas do Jordão;
Encontrei no firmamento a Maria Madalena;
E foi do caldeirão de Caridwen que eu recebi as Musas;
Fui um bardo harpista para Lleon de Lochlin
Estive na Colina Branca, na corte de Cynvelyn,

Durante um dia e um ano, em meio a troncos e grilhões,
Passei fome pelo Filho da Virgem,
Nutri-me na terra da Divindade,
Fui o professor de todas as inteligências,
E sou capaz de instruir o universo inteiro.
Hei de ser até que chegue o Dia do Juízo /
sobre a face da Terra;
E não se sabe se meu corpo é carne ou peixe.
Então, estive por nove meses
No ventre da bruxa Caridwen;
Eu era originalmente o pequeno Gwion,
E para sempre serei Taliesin.

Ah! O grito enganoso do abibe! Gwion não era assim tão ignorante em história sagrada quanto queria deixar a entender. Ele devia saber muito bem que Moisés nunca cruzou o Jordão, que Maria Madalena nunca esteve no firmamento e que a queda de Lúcifer foi registrada pelo profeta Isaías séculos antes de Alexandre o Grande. Recusando-me a ser atraído para longe do segredo pelo aparente absurdo do modo de falar, pus-me a montar o quebra-cabeça, procurando respostas para as seguintes perguntas:

verso 11. Quem levou o Espírito Divino para Hebron?
verso 13. Quem instruiu a Enoque?
verso 16. Quem assistiu à crucifixão?
verso 25. Quem atravessou as águas do Jordão quando Moisés foi proibido de fazer isto?

Senti-me confiante de que haveria de conseguir ver pontos brancos através da emaranhada moita onde se escondera o corço.

Segundo o Pentateuco, Moisés morreu em Pisgah, na outra margem do Jordão, e "nenhum homem sabe, até hoje, onde é sua sepultura". Dentre os filhos de Israel que o acompanharam no deserto, fugindo da escravidão, somente dois, Caleb e Josué, entraram na Terra Prometida. Como batedores já haviam sido bastante corajosos para atravessar o rio inúmeras vezes. Foi Caleb quem tomou Hebron dos enacins em favor do Deus de Israel e a recebeu de Josué como sua herança. Assim, tomei consciência de que o Cão estraçalhara todo o poema com suas presas e que o arguto abibe misturara todas as suas passagens, como fizera em *Câd Goddeu* com os fragmentos da passagem relativa aos frutos. A postulação original era: "Eu levo o Espírito de Deus através das águas do Jordão até o nível do vale de Hebron". Aqui, o "eu" deve ter sido Caleb.

Se igual expediente fora aplicado a cada verso do *Hanes Taliesin*, eu poderia avançar um pouco mais na moita. Poderia olhar o poema como um tipo de acróstico composto de vinte ou trinta adivinhações, cada um dos quais exigia

uma solução separada. E a combinação das respostas prometia ser um segredo que valia a pena descobrir. Contudo, primeiro eu deveria selecionar e reagrupar cada adivinhação individualmente.

Depois que o enganador trecho "através das águas do Jordão" fora removido do verso 25, permanecia "eu fortaleci Moisés". Muito bem, mas quem *fortaleceu* Moisés? Onde é que esse fortalecimento foi feito? Lembrei-me de que Moisés foi fortalecido no final de sua batalha contra os amalecitas, quando suas mãos foram sustentadas por dois companheiros. Onde é que essa batalha ocorreu e quem eram os companheiros que o fortaleceram? O local foi Iahweh-Nissi, perto da montanha de Deus, e aqueles que o auxiliaram eram Aarão e Hur. Assim, pude recompor o enigma como: "Eu fortaleci Moisés na terra da Divindade". E a resposta era: "Aarão e Hur". Se apenas um nome fosse necessário, seria provavelmente Hur, porque esta é a única ação que se recorda dele no Pentateuco.

Igualmente, no verso 25, "Estive com Maria Madalena", precisa ser destacado do enganador "no firmamento" e a outra parte do enigma deve ser buscada em algum outro verso. Eu já tinha descoberto e estudado a lista de pessoas presentes à crucifixão: são Simão, o Cireneu; são João, o apóstolo; santa Verônica; Dimas, o bom ladrão; Gestas, o mau ladrão; o centurião; a Virgem Maria; Maria Clopas; Maria Madalena... Contudo, não havia reparado na mulher que (segundo o *proto-evangelium* de são Tiago) foi a primeira mulher que adorou o Menino Jesus, a primeira testemunha de sua partenogênese e sua mais fiel seguidora. Ela é mencionada no capítulo 15 do Livro de Marcos como estando ao lado de Maria Madalena. Assim: "Estive com Maria Madalena no lugar da crucifixão do Filho misericordioso de Deus." E a resposta era: "Salomé".

Quem instruiu a Enoque? (Ao que parece, Elias não pertence a este enigma.) Concordo com Charles, Burkitt, Oesterley, Box e outros biblistas quanto ao fato de que ninguém pode esperar entender os ditos de Jesus sem que tenha lido o *Livro de Enoque*, omitido do cânon com os apócrifos, mas muito estudado pelos primitivos cristãos. Por acaso eu lera este livro e sabia que a resposta era "Uriel", e que Uriel instruiu Enoque sobre "a queda de Lúcifer nas profundas do inferno". Um curioso ponto histórico mostra que este verso sobre a instrução de Uriel não foi incluído nos fragmentos do Livro de Enoque grego, citado por Syncellus, historiador bizantino do século IX, nem nos manuscritos do Vaticano (1809), nem nas citações deste livro feitas no *Livro de Enoque* e na *Epístola de Judas*. Aparece, apenas, no texto desenterrado em Akhmim, no Egito, em 1886, e na tradução etíope de um texto grego anterior, que constituía a única versão, ao que se saiba, disponível no século XIII. Onde, pois, Gwion encontrou tal história? Seria o conhecimento da língua etíope mais um de seus talentos? Ou teria ele encontrado um manuscrito grego completo na biblioteca de alguma abadia irlandesa que tivesse escapado à fúria da guerra movida pelos víquingues contra os livros? É a seguinte a passagem do *Primeiro Livro de Enoque* 18, 11 e 19, 1-3:

E vi numa fenda na terra colunas de fogo celeste e, dentre elas, vi colunas de fogo caindo, as quais eram incontáveis, tanto as que desciam quanto as que subiam [1 Enoque 18, 11].

E Uriel me disse: "Aqui hão de ficar os anjos que se deitaram com as mulheres e cujos espíritos, assumindo formas diversas, tornaram impura a humanidade e conduziram os homens ao erro, à demonolatria e ao sacrifício aos demônios: aqui hão de ficar até o Dia do Juízo. (...) E as mulheres que foram por eles seduzidas tornar-se-ão sereias." Eu, Enoque, fui o único que viu esta cena do final de todas as coisas e nenhum outro verá mais longe do que eu vi [1 Enoque 19, 1-3].

Esta descoberta levou-me a um novo estágio, no verso 7: "Portei uma bandeira [estandarte ou insígnias] diante de Alexandre." Dentre os poemas atribuídos a Taliesin de *O livro Vermelho de Hergest* existe um fragmento chamado *Y Gofeisws Byd* ("Um esboço do mundo"), que contém um breve panegírico do histórico Alexandre, além de outro chamado *Anrhyfeddonau Alexander* (*As antimaravilhas de Alexandre*) —, uma piada à custa de um romance espanhol do século XIII que atribui a Alexandre aventuras que mais pertencem ao mito de Merlin — onde se narra de modo zombeteiro como ele desceu ao fundo do mar e encontrou "criaturas de distinta linhagem dentre os peixes. (...)" Contudo, nenhum desses poemas me deu a chave para o enigma. Se ele devesse ser tomado literalmente, eu deveria talvez ter adivinhado que a resposta fosse "Neoptólemo", que foi um dos guarda-costas de Alexandre e quem primeiro escalou as muralhas de Gaza por ocasião de sua tomada. No entanto, é mais provável que a referência fosse a Alexandre como reencarnação de Moisés.

Segundo Flávio Josefo, quando Alexandre foi a Jerusalém, no início de suas conquistas orientais, ele proibiu o saque ao Templo e chegou mesmo a curvar-se adorando o tetragrama inscrito na faixa dourada que o sumo sacerdote trazia na testa. Estarrecido, seu companheiro Parmênio perguntou por que esdrúxulo motivo ele se comportara de maneira tão pouco majestosa para um rei. Alexandre respondeu: "Não é ao sumo sacerdote que adoro, mas ao Deus que ele tem a honra de servir. E eis o porquê: quando eu estava em Dios, na Macedônia, vi em sonho este mesmo personagem, vestido exatamente como está no momento. Em meu sonho discutia comigo mesmo sobre o modo como deveria conquistar a Ásia, e este homem me exortou a não tardar. Eu devia atravessar audaciosamente o estreito marinho, pois seu Deus iria marchar a minha frente e me ajudaria a derrotar os persas. Assim, agora estou convencido de que Iahweh está comigo e irá conduzir meus exércitos à vitória." Foi quando o sumo sacerdote encorajou Alexandre, mostrando-lhe a profecia no *Livro de Daniel*, a qual lhe prometia a dominação do Oriente. Depois, ele subiu até o Templo, ofereceu sacrifícios a Iahweh e celebrou um generoso tratado de paz com a nação judaica. A profecia se referia a Alexandre como o "rei de dois chifres" e, depois disto, ele mandou cunhar moedas que tinham uma efígie sua com dois chifres.

Ele aparece no Corão como Dhul Karnain, "aquele que tem dois chifres". Moisés também tinha "dois chifres" e, na lenda árabe *El Hidr, o profeta eternamente jovem*, um antigo herói solar do Sinai vem ao socorro tanto de Moisés quanto de Alexandre "no lugar onde dois mares se encontram". Para o erudito Gwion, desta forma, uma bandeira ou estandarte portado diante de Alexandre era, igualmente, algo agitado diante de Moisés. Aliás, são Jerônimo ou seus professores judeus já haviam estabelecido uma correlação poética entre os chifres de Alexandre e aqueles de Moisés.

O estandarte de Moisés era *Nehushtan*, a serpente de bronze, que ele levantou no deserto para aplacar a praga. Ao agir assim, tornou-se um "Alexandre", isto é, "aquele que afasta dos homens o mal". Assim, a resposta a este enigma é Nehushtan ou Ne-Esthan, segundo a ortografia da versão grega dos Setenta, na qual imagino que Gwion tenha lido a história. Deve ser lembrado que esta serpente de bronze, no Evangelho Segundo João 3, 14 e na apócrifa *Epístola de Barnabé* 12, 7, constitui símbolo de Jesus Cristo. Barnabé enfatiza que a serpente "estava presa em alguma coisa de madeira", isto é, a cruz, e tinha o poder de dar a vida. Em Números 21, 9, é definida como um "serafim", nome dado por Isaías às serpentes voadoras que apareceram em sua visão como servidores do Deus vivo e que voaram para ele carregando o carvão ardente retirado do altar.

O enigma seguinte que tive de resolver, uma combinação dos versos 9 e 26, era: "Estive no firmamento, na Galáxia". Afirma-se que a Galáxia, ou Via Láctea, se formou quando o leite da Grande Deusa Réia, de Creta, jorrou abundante até o céu, depois do nascimento do menino Zeus. Mas como o nome da Grande Deusa varia de um mitógrafo para outro — Higino, por exemplo, debate se deve chamá-la Juno ou Ops ("Riqueza") —, Gwion nos fornece, por consideração, uma outra chave: "Quando Roma foi construída." Ele está correto ao identificar uma divindade de Creta com outra de Roma e, o que é mais surpreendente, reconhece Rômulo como uma divindade latina do mesmo sistema religioso do Zeus cretense. A mãe de Rômulo também se chamava Réia e teve problemas com seu leite quando foi forçada a desmamar seus gêmeos para ocultar o nascimento deles, tal como aconteceu com a Réia cretense, em igual circunstância. A principal diferença é que Rômulo e Remo tiveram uma loba como mãe adotiva, enquanto Zeus (e alguns dizem que também sucedeu o mesmo com seu irmão adotivo, o deus-bode Pã) fora amamentado pela cabra Amaltéia (cuja pele, depois, ele usou como abrigo) ou, segundo outros afirmam, por uma porca. Tanto Rômulo quanto Zeus foram ambos criados por pastores. Assim: "Estive no firmamento, na Galáxia, quando Roma foi construída." A resposta é Réia, embora não fosse a própria Réia que estivesse na Galáxia, mas o jorro de seu leite, *rhea* em grego. Nênio havia precedido a Gwion ao dar mais importância a Réia, mãe de Rômulo, do que aos demais mitólogos clássicos quando a denominou de "a mais sagrada das rainhas".

Este enigma é propositalmente enganador. A única lenda sobre a Galáxia que Heinin e os demais bardos na corte de Maelgwyn teriam tido conhecimen-

to concerne a Blodeuwedd, a quem Gwydion pediu para ser a noiva de Llew Llaw Gyffes. Outro nome de Llew era Huan, e Blodeuwedd foi transformada numa coruja e chamada *Twyll Huan* (que significa "aquela que engana Huan") porque causou a morte de Llew: a palavra em galês para coruja é *tylluan*. A lenda de Blodeuwedd e a Galáxia aparece no *Manuscrito Peniardd*:

> A esposa de Huan ap Dôn tomou parte na morte do marido e disse que ele havia saído para caçar. O pai dele, Gwydion, rei de Gwynedd, atravessou todos os países em busca do filho e, por fim, traçou a *Caer* Gwydion, quer dizer, a Via Láctea, como uma trilha pela qual iria procurar sua alma nos céus, onde acabou encontrando. Em punição pelo mal que ela causara, transformou a jovem esposa num pássaro. Ela fugiu voando de seu sogro e, até hoje, é chamada *Twyll Huan*. Assim os bretões de antigamente tratavam suas histórias, à maneira dos gregos, a fim de conservá-las na memória.

É preciso acrescentar que a forma "*Caer* Gwydion", em vez de "*Caer* Wydion", prova que o mito é recente. Blodeuwedd (conforme mostrado no Capítulo 2) era Olwen ("aquela do caminho branco"), deste modo Gwydion estava correto ao procurá-la na Galáxia: Réia com sua branca trilha de estrelas era o equivalente celestial de Olwen-Blodeuwedd com seu caminho branco de trevos.

Quem, no verso 21, testemunhou a destruição de Sodoma e de Gomorra? Lot ou, talvez, a esposa de Lot, cujo nome não é mencionado.

Quem, no verso 18, era "o engenheiro-chefe da construção da torre de Nimrod"? Percebi que o abibe novamente lançava seus truques. A pergunta, efetivamente, era: "Da obra de que torre Nimrod foi o engenheiro-chefe?" A resposta era "Babel". Por muitos anos, ficaram em minha cabeça os versos de Gower sobre as inconveniências causadas a Nimrod e a seus pedreiros quando se estabeleceu a confusão dos idiomas:

> *One called for stones, they brought him tyld [tiles]*
> *And Nimrod, that great Champioun,*
> *He ragèd like a young Lioun.*
>
> Alguém pediu pedras, trouxeram-lhe telhas
> E Nimrod, o grande paladino,
> Rugiu como um jovem leão.

Quem, no verso 24, estava "com meu Senhor na manjedoura do burrico"? Seria a resposta "faixas e fraldas"? Foi quando alguém chamou minha atenção para o texto de Lucas 2, 16: "Foram então às pressas e encontraram Maria, José e o recém-nascido deitado numa manjedoura." Gwion estava sendo brincalhão: literariamente a frase podia ser interpretada como estando todos três, Maria,

José e o menino, repousando na manjedoura. A resposta era evidentemente "José", uma vez que este era o momento mais glorioso de são José.

Quem era o que disse, no verso 23: "Agora vim a estes restos de Tróia." Segundo Nênio, Sigebertus Gemblasensis, Geoffrey de Monmouth e outros, foi Brutus, neto de Enéias, quem desembarcou com os remanescentes de troianos em Totnes, em Devon, no ano de 1074 a.C. — 109 anos depois da data aceita para a queda de Tróia. O povo que veio pelo Mor Tawch (mar do Norte) cerca de sete séculos mais tarde para se juntar a eles eram os cimbros. Eles cultivavam a idéia de que eram descendentes de Gomer, filho de Jafet, e que tinham vagado por todo o caminho desde a Taprobana (Ceilão — ver a *Tríade 54*) através da Ásia Menor antes de finalmente se estabelecerem em Llydaw, no Norte da Grã-Bretanha. Assim, "estive na Índia e na Ásia (versos 20 e 22) e agora vim aqui a estes restos de Tróia (verso 23)". A resposta era "Gomer".

"Conheço o nome das estrelas de Norte a Sul", o verso 8, sugeriu um dos três astrônomos felizes da Grã-Bretanha mencionados nas *Tríades*. Julgo pela frase "meu país de origem fica na região das estrelas estivais" (isto é, o Ocidente) que parece pertencer a este enigma que não se tinha em mente nenhum astrônomo grego, egípcio, árabe ou babilônico. Como o primeiro dos três astrônomos referidos chamava-se Idris, esta era provavelmente a resposta: "Idris".

"Estive na colina Branca, na corte de Cynvelyn (Cimbelino)", no verso 29, evidentemente se relacionava com "Antes que Gwydion nascesse, estava eu na corte de Dôn", do verso 12. A resposta era "*Vron*", ou "*Bran*", cuja cabeça, depois de sua morte, estava enterrada, segundo *O romance de Branwen*, na colina Branca (*Tower Hill*), em Londres, como proteção contra invasões — da mesma forma que a cabeça do rei Euristeu de Micenas estava enterrada num paço que guardava a entrada para Atenas e que uma suposta cabeça de Adão estaria enterrada numa passagem ao norte de Jerusalém — até ser exumada pelo rei Arthur. Com efeito, Bran era filho de Dôn (Danu) muito antes da vinda do Gwydion belga.[2]

A resposta para "Eu estava em Canaã quando Absalão foi trucidado" (verso 10) era, claramente, "Davi". O rei Davi havia atravessado o Jordão para a cidade cananéia de Mahanaim, que servia de refúgio, enquanto Joab lutava na batalha dos bosques de Efraim. Foi lá na porta desta cidade que ele soube da morte de Absalão. Como deferência à Sé de são Davi, Gwion combinou sua frase com "Recebi asas do gênio do esplêndido báculo". ("E são Davi!" Como nós, os Reais Fuzileiros do País de Gales, acrescentamos com lealdade a todos os nossos brindes no dia Primeiro de Março.) Um dos principais objetivos do prín-

[2] A relação de Bran com a colina Branca pode explicar a estranha persistência na torre de Londres de corvos domesticados, respeitados pela guarnição com veneração supersticiosa. Até existe uma lenda segundo a qual a segurança da Coroa depende de sua continuação ali. Trata-se de uma variante da lenda sobre a cabeça de Bran. O corvo, ou a gralha, era a ave oracular de Bran.

cipe Llewelyn e de outros patriotas galenses do Dia de Gwion era o de libertar a Igreja deles da dominação inglesa. Geraldo de Câmbria dedicara a maior parte de sua polêmica vida eclesiástica (1145-1213) em campanhas para tornar a Sé de são Davi independente da de Canterbury e dotá-la de um arcebispo galense. Contudo, o rei Henrique II e seus dois filhos cuidaram de que apenas homens da Igreja franco-normanda, que gozavam da confiança do poder, fossem indicados para as dioceses galenses. Os apelos do povo do País de Gales ao papa foram inúteis, pois o poder dos reis angevinos pesava mais no Vaticano do que a possível satisfação de um principado pobre, dividido e afastado.

No verso 20, depois que se removeu o enganador locativo "na Ásia", quem ficou "com Noé na arca"? Meu palpite foi que se tratasse de "Hu Gadarn", aquele que, segundo as *Tríades*, liderara os cimbros na vinda do Oriente. Com os bois de seu arado, ele puxou do lago mágico o monstro *avanc* que o havia feito transbordar até causar uma inundação universal. Fora "criado entre os joelhos de Dylan durante o dilúvio". Mas o abibe, descobri mais tarde, estava deliberadamente confundindo Dylan com Noé, o qual, na realidade, pertence ao enigma sobre Enoque (verso 13). O texto da presente adivinhação deve ser lido: "Fui criado na arca." Mas podia ser ampliado com a afirmação do verso 33: "Fui o professor de todas as inteligências", pois Hu Gadarn, "Hu, o Poderoso", que foi identificado com o antigo deus Hou da ilha do Canal, era Menés ou Palamedes, dos cimbros, a quem ensinara a arar — "na região onde hoje fica Constantinopla" — além da música e da poesia.

No verso 27, quem "obteve a Musa inspiradora do caldeirão de Caridwen"? O próprio Gwion. No entanto, o caldeirão de Ceridwen não era um simples caldeirão de feiticeira. É razoável identificá-lo com o caldeirão pintado em vasos gregos e o nome escrito acima da silhueta de Caridwen era o de "Medéia", a deusa coríntia que matou os próprios filhos, como fez também a deusa Tétis. Neste caldeirão ela ferveu o velho Esão e o rejuvenesceu. Tratava-se do caldeirão do renascimento e da reiluminação. Sem dúvida, quando a outra Medéia, a esposa de Jasão, desencadeou o seu ardil (narrado por Diodoro Sículo) contra o velho Pélias de Iolco, persuadindo as filhas dele a esquartejá-lo e cozinhá-lo para rejuvenescê-lo, e, depois, as acusou de parricídio, estava disfarçando sua nacionalidade coríntia e fingindo ser uma deusa hiperbórea. Evidentemente, Pélias ouvira falar do caldeirão hiperbóreo e tinha mais fé nele do que naquele coríntio.

"Não se sabe se meu corpo é carne ou peixe." Este enigma do verso 36 não era difícil de decifrar. Lembrei-me da longa disputa medieval para saber se era ou não correto comer ganso bernaca nas sextas-feiras e nos demais dias de abstinência. Este tipo de ganso não faz ninho nas ilhas britânicas. (Pude tocar nos primeiros ovos que ali chegaram e que foram achados em Spitzberg, no Ártico.) Acreditava-se, universalmente, que o ganso bernaca saía de dentro de uma concha branca da espécie peduncular dos cirrípedes (para citar o *Oxford English Dictionary*). Os longos cirros em forma de plumas que saíam das válvulas dão a

impressão de uma plumagem. Geraldo de Câmbria viu, certa feita, mais de mil "embriões de gansos bernacas" presos a um pedaço de madeira que flutuava na costa. Em sua elisabetana *História da Irlanda*, Campion escreveu: "Os bernacas são vistos, aos milhares, presos pelo bico a madeiras apodrecidas ao longo das praias. (...) Uma vez que aproveitaram bem o calor do sol, transformam-se em aves marinhas." Desta forma, os gansos bernacas eram considerados por alguns como sendo pescado e não ave, e, além disso, alguns monges consideravam um alimento legítimo para as sextas-feiras. A palavra "*barnacle*", sugere o mesmo dicionário, é formada do galense *brenig* ou do irlandês *bairneach*, significando um molusco ou uma *barnacle-shell* (concha bernaca; craca). Além do mais, o outro nome para o ganso bernaca em inglês, *brent* ou *brant*, ao que parece, é derivado da mesma palavra. Caius, o naturalista elisabetano, chamou-o de *Anser Brendinus* e dele escreveu: "*'Bernded' seu 'Brended' id animal dicitur.*" ["O mesmo animal é chamado *berned*, ou *brended*."] Isto sugere uma conexão entre *bren, bairn, brent, brant, bern* e *Bran* que, segundo o original de *Câd Goddeu* deixa patente, era uma divindade do mundo subterrâneo. Com efeito, as lendas britânicas associam a migração dos gansos selvagens em direção ao Norte com o encaminhamento das almas condenadas ou aquelas de crianças mortas sem receber o batismo, em direção ao inferno glacial nórdico. No País de Gales, os gritos desses gansos, que passam invisíveis à noite pelos ares, são atribuídos aos *Cwm Annwm* ("cães corredores do inferno", com seus corpos brancos e orelhas vermelhas); na Inglaterra, aos *Yell Hounds*, *Yeth Hounds*, *Wish Hounds, Gabriel Hounds* ou *Gabriel Ratchets* [todos cachorros imaginários]. O caçador é chamado diferentemente de *Gwyn* ("o Branco") — houve um culto de *Gwyn* em tempo pré-cristão, em Glastonbury —, Herne, o caçador, e *Gabriel*. Na Escócia, é *Arthur*, que pode, aqui, estar substituindo *Arddu* ("o Obscuro") (...). O nome de Satã na Bíblia galense. Contudo, seu nome original na Grã-Bretanha parece ter sido Bran, que, em galês, é *Vron*. O enigma peixe ou carne deve, deste modo, acompanhar os outros dois enigmas de Vron previamente respondidos.

O texto alternativo do *Hanes Taliesin* publicado na *Myvyrian Archaiology* foi traduzido por D. W. Nash da seguinte forma:

1 *An impartial Chief Bard*
Am I to Elphin.
My accustomed country
Is the land of the Cherubim.

2 *Johannes the Diviner*
I was called by Merddin,
At length every King
Will call me Taliesin.

3 *I was nine months almost*
In the belly of the hag Caridwen;
I was at first little Gwion,
At length I am Taliesin.

4 *I was with my Lord*
In the highest sphere,
When Lucifer fell
Into the depths of Hell.

5 *I carried the banner*
Before Alexander.
I know the names of the stars
From North to the South.

6 *I was in Caer Bedion*
Tetragrammaton;
I conveyed Heon [the Divine Spirit]
Down to the vale of Ebron.

7 *I was in Canaan*
When Absalom was slain;
I was in the house of Dôn
Before Gwydion was born.

8 *I was on the horse's crupper*
Of Eli and Enoch;
I was on the high cross
Of the merciful Son of God

9 *I was the chief overseer*
At the building of the tower of Nimrod;
I have been three times resident
In the castle of Arianrhod.

10 *I was in the Ark*
With Noah and Alpha;
I saw the destruction
Of Sodom and Gomorrah.

11 *I was in Africa [Asia?]*
Before the building of Rome;
I am now come here
To the remnants of Troia.

12 *I was with my King*
In the manger of the ass;
I supported Moses
Through the waters of Jordan.

13 *I was in the Firmament*
With Mary Magdalene;
I obtained my inspiration
From the cauldron of Caridwen.

14 *I was Bard of the harp*
To Deon of Llychlyn;
I have suffered hunger
With the son of the Virgin.

15 *I was in the White Hill*
In the Hall of Cynvelyn,
In stocks and fetters
A year and a half.

16 *I have been in the buttery*
In the land of the Trinity;
It is not known what is the nature
Of its meat and its fish.

17 *I have been instructed*
In the whole system of the universe;
I shall be till the day of judgement
On the face of the earth.

18 *I have been in an uneasy chair*
Above Caer Sidin,
And the whirling round without motion
Between three elements.

19 *Is it not the wonder of the world*
That cannot be discovered?

1 Um chefe bardo imparcial
É o que sou para Elfin.
Meu país habitual
É a terra do Querubim.

2 Johannes, o adivinho
Assim me chamava Merddin,
Doravante todo rei
Me chamará Taliesin.

3 Por quase nove meses estive
Na barriga da bruxa Caridwen;
Era no início o pequeno Gwion,
Doravante sou Taliesin.

4 Estava com meu Senhor
Na mais alta das esferas,
Quando Lúcifer precipitou
Nas profundas do inferno.

5 Portei o estandarte
Diante de Alexandre,
Conheço o nome das estrelas
Do Norte e até o Sul.

6 Estive em *Caer* Bedion
Tetragrammaton;
Conduzi Heon [o Espírito Divino]
Até o vale de Hebron.

7 Estava em Canaã
Quando Absalão foi trucidado;
Estive na casa de Dôn
Antes que nascesse Gwydion.

8 Estava na garupa do cavalo
De Elias e de Enoque;
Estava na alta cruz
Do misericordioso Filho de Deus.

9 Fui o principal supervisor
Da construção da torre de Nimrod;
Fui três vezes morador
No castelo de Arianrhod.

10 Estive na Arca
Com Noé e com Alfa;
Assisti à destruição
De Sodoma e de Gomorra.

11 Estive na África [Ásia?]
Antes da construção de Roma;
E agora aqui venho
Aos remanescentes de Tróia.

12 Estava com meu Rei
Na manjedoura do burrico;
Fui de auxílio a Moisés
Através das águas do Jordão.

13 Estive no Firmamento
Com Maria Madalena;
Obtive minha inspiração
Do caldeirão de Caridwen.

14 Fui bardo de harpa
De Deon de Llychlyn;
Cheguei a passar fome
Com o Filho da Virgem.

15 Estive na Colina Branca
Na corte de Cynvelyn,
Em troncos e guilhões
Durante um ano e meio.

16 Estive na despensa
No país da Trindade;
Não se sabe qual é a natureza
De sua carne e de seu pescado.

17 Instruído eu fui
Em todo o sistema do universo;
Até o Dia do Juízo estarei
Sobre a face desta Terra.

18 Estive em incômoda cátedra
Acima de *Caer* Sidin
E na esfera que gira sem movimento
No meio de três elementos.

19 Acaso não é o enigma do mundo,
O qual não pode ser descoberto?

A seqüência é diferente e o abibe trabalhou como nunca. Contudo, aprendi muito com as variantes. Em lugar da "terra das estrelas estivais" menciona-se "a terra do querubim". Ambas significam a mesma coisa. A quadra 18 (verso 10) deixa claro que os querubins eram anjos como nuvens de tempestade e, sendo assim, para os galenses, moravam no Ocidente, de onde sopram nove em cada dez tormentas. As estrelas estivais são aquelas que ficam na parte ocidental do firmamento.

Os primeiros dois versos da estrofe 18 — "Estive em incômoda cátedra (ou cadeira) / Acima de Caer Sidin" — ajudaram-me bastante. Existe um assento de pedra acima de *Cader* Idris, a "cadeira de Idris", onde, segundo lenda local, quem quer que ali passe a noite é encontrado, na manhã seguinte, morto, louco ou poeta. A primeira parte dessa frase, evidentemente, pertence ao enigma de Idris, embora Gwion, em seu *Kerdd am Veib Llyr*, mencione "uma cátedra perfeita" em *Caer* Sidi ("o castelo giratório"), a fortaleza elísia onde estava guardado o caldeirão de Caridwen.

O texto da estrofe 2, "Johannes, o adivinho / Assim me chamava Merddin", parece propositalmente corrompido, uma vez que na versão *Mabinogion* o sentido é: "Idno e Heinin chamaram-me Merddin". Pensei, em primeiro lugar, que o verso original fosse: "Johannes eu era chamado, e Merddin, o adivinho" e eu tinha razões para tanto. Merddin, que nos romances medievais é grafado Merlin, era, na tradição britânica, o mais famoso dos profetas antigos. O sentido manifesto da estrofe é que Gwion fora chamado Merddin, "morador do mar", por Heinin, o chefe bardo de Maelgwyn, porque como o Merddin original teve um nascimento misterioso e, embora criança, havia confundido o colégio dos bardos em Dyganwy, exatamente como Merddin (segundo Nênio e Geoffrey de Monmouth) havia confundido os sábios de Vortigern. Segundo o sentido da mesma estrofe, também fora chamado João Batista ("E tu, criança, serás chamada de profeta do Altíssimo"), mas, por fim, todos o chamariam de Taliesin ("Fronte Radiante"), chefe dos poetas. O dr. MacCulloch sugere que tenha existido um Taliesin anterior ao bardo do século VI, que era um Apolo celta; o qual explicaria "a fronte brilhante" e seu posto na corte do rei Arthur, no

O romance de Kilhwch e Olwen, dentre outros deuses e heróis um tanto apagados. (O próprio Apolo fora certa feita morador do mar — o golfinho é consagrado a ele — e, o que é bastante estranho, os primeiros cristãos sincréticos do Egito parecem ter identificado João Batista com a divindade caldéia Oannes. Segundo Beroso, costumava aparecer esporadicamente, no golfo Pérsico, disfarçado no tritão Odacon e repetia aos fiéis sua revelação original. O caso complica-se ainda mais pelo mito de Huan, vítima da deusa das flores Blodeuwedd, o qual era, na verdade, Llew Llaw, um outro "morador do mar".)

Tomou-me muito tempo para compreender que o sentido oculto da segunda estrofe, o que torna necessária uma corrupção do texto, consistia numa paráfrase herética da passagem dos Evangelhos Sinóticos (Mateus 16, 14; Marcos 6, 15; Lucas 9, 7 e 8):

> Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos antigos profetas (que ressuscitou) (...). Mas Pedro respondeu: Tu és o Cristo.

As palavras complementares "é Elias" aparecem na estrofe 8. A Criança Divina fala como se fosse, ela própria, Jesus Cristo, e acredito que o mesmo ocorre na estrofe 14: "Passei fome com o Filho da Virgem." Na ocasião, Jesus estava sozinho, exceto pelo diabo e pelas "feras selvagens". Contudo, o diabo não passou fome; e as "feras selvagens" no contexto da Tentação, segundo os mais perspicazes críticos das Escrituras — professor A. A. Bevan e o dr. T. K. Cheyne —, também faziam parte do diabo. Da versão *Mabinogion*, no verso 31, consta: "Passei fome *pelo* Filho da Virgem", o que acaba dando no mesmo: Jesus passou fome por sua própria conta. A resposta a este enigma era simplesmente "Jesus", como "Taliesin" era a resposta a "Johannes, e Merddin, o adivinho, e Elias fui chamado".

"Estive na Arca com Noé e Alfa", da estrofe 10, e "Estive em *Caer* Bedion, *Tetragrammaton*", da estrofe 6, devem juntos se referir ao "Santo e Impronunciável Nome de Deus". "Alfa e Ômega" eram uma perífrase divina que se permitia dizer publicamente. "*Tetragrammaton*" era o modo criptônimo com que os hebreus soletravam o Nome Secreto nas quatro letras IHWH. Num primeiro momento, pensei que "Estive em *Caer* Bedion" pertencesse ao enigma de Lot, porque "Lot" é a forma normanda-francesa para Lludd, o rei que fundou Londres, e porque *Caer* Bedion é *Caer* Badus, ou Bath, a qual, segundo Geoffrey de Monmouth, foi fundada pelo pai de Lludd, que se chamava Bladud. No entanto, para Gwion, o galense Lludd não era "Lot", não havendo qualquer registro de que Lludd tenha vivido em Bath.

Deixei, por algum tempo, à parte, o enigma de "*Caer* Bedion", bem como o "Fui Alfa *Tetragrammaton*" — se é que esta conjunção compunha o enigma — cuja solução era evidentemente um nome divino de quatro letras que começasse com A. Contudo, quem era o "bardo da harpa de Deon ou Lleon ou Lochin ou

Llychlyn" (verso 28 e estrofe 14)? "Deon, rei de Lochlin e de Dublin" é um personagem estranhamente composto. Deon constitui uma variante de Dôn, quem, como já se indicou, era realmente Danu, a deusa dos *Tuatha dé Danaan*, invasores da Irlanda, que tinham como patriarca um rei de Lochlin, ou Lochlann, e de Dublin. Lochlann era a mítica residência submarina dos posteriores invasores fomorianos da Irlanda contra os quais os *Tuatha dé Danaan* travaram uma guerra sangrenta. Era governada pelo deus Tethra. Parece que as lendas sobre a guerra entre essas duas nações foram tratadas por poetas posteriores, em forma de ciclos de baladas que celebravam as guerras do século IX entre os irlandeses e os piratas escandinavos e dinamarqueses. Esses intrusos vieram a ser chamados os "Lochlannach" e o rei dinamarquês de Dublin também era denominado "rei de Lochlin". Quando o culto da divindade escandinava Odin, inventor das runas e mago, foi introduzido na Irlanda, este foi identificado com seu equivalente — Gwydion — que, no século IV a.C., trouxera consigo, para a Inglaterra, um novo sistema de letras e que fora considerado um filho de Danu ou Dôn. Além do mais, segundo a lenda, os *danaans* [danos ou daneses] vieram da Grécia para a Grã-Bretanha atravessando a Dinamarca, terra a que deram o nome de sua deusa. Na Irlanda medieval houve uma confusão entre os daneses e os dinamarqueses, atribuindo-se aos daneses do século IX a.C. os monumentos da Idade do Bronze. Em conseqüência, "Deon de Louchlin" tem de significar "os daneses de Dublin". Esses piratas, em cuja bandeira figurava um corvo-marinho, eram o terror dos galenses, e o menestrel dos daneses [dinamarqueses] de Dublin era, provavelmente, o corvo-marinho, consagrado a Odin, que grasnava sobre suas vítimas. Se assim for, a resposta ao enigma era "Morvran" (corvo-marinho), o qual era filho de Caridwen e, segundo o *Romance de Kilhwch e Olwen*, o homem mais feio do mundo. Nas *Tríades*, conta-se que ele escapou vivo da batalha de Camlan — uma das "Três Batalhas Frívolas da Grã-Bretanha" — porque todos corriam dele. Ele deve ser identificado com Afagdu, filho de Caridwen, cuja suprema feiúra é proclamada no *O romance de Taliesin* e a quem ela se empenhou em dotar de uma inteligência tão notável quanto sua feiúra.

Indago-me se "Lleon de Lochlin, na versão *Myvyrian*, era uma leitura aceitável. Arthur mantinha sua corte em Caerlleon-sobre-Usk, e geralmente emprega-se a palavra Caerlleon com o significado de "campo da legião". Com efeito, as duas "Caerlleon" mencionadas no *Catálogo galense de cidades*, datado do século VII: Caerlleon-sobre-Usk e Caerlleon-sobre-Dee, explicando-se ambas como *Castra Legionis*. Se Gwion aceitasse tal derivação para a palavra, o enigma teria a seguinte leitura: "Eu fui bardo de harpa para as legiões de Lochlin" e a resposta seria a mesma. O nome Leon aparece no *Kadeir Teyrnon* ("a cadeira real"): "A forma do Leão armado com corselete". Contudo, o contexto está corrompido e "*Leon*" pode ser um título descritivo de algum príncipe valente que tivesse o coração de um leão, mas não um nome próprio.

Havia, então, que ser considerado o enigma da estrofe 8: "Estava na garupa do cavalo de Elias e de Enoque" — uma alternativa para o perturbador enigma do *Livro de Enoque* na versão *Mabinogion*:

Fui instrutor de Elias e de Enoque (...).

E a resposta é "Uriel". Em ambos os textos Elias representa, na verdade, uma parte do enigma herético sobre João Batista, do qual o abibe fez tudo o que pôde para distrair-me a atenção; sua falsa ligação entre Elias e Enoque era de elaboração extremamente sutil. Com efeito, os dois profetas aparecem em vários Evangelhos apócrifos — *A história de José, o carpinteiro*; *Atos de Pilatos*; *Apocalipse de Pedro* e o *Apocalipse de Paulo*. Em *Atos de Pilatos*, por exemplo, cuja tradução latina era difundida no País de Gales, encontra-se o seguinte verso:

> Sou Enoque, trazido até aqui pela palavra do Senhor e a meu lado está Elias, o tisbita, aquele que foi arrebatado num carro de fogo.

Porém, o verdadeiro enigma da versão *Mabinogion* é: "Eu era instrutor de Enoque e de Noé". Nesta outra versão, "estava na garupa do cavalo de Elias e de Enoque". A referência a Elias é inútil, pois Enoque, como Elias, foi levado vivo para o céu, num carro puxado por cavalos ígneos. Em conseqüência, a solução também é Uriel, que significa "Labareda de Deus". Agora, talvez pudesse dar "Uriel" como resposta ao enigma "Estive em *Caer* Bedion, pois, segundo Geoffrey de Monmouth, guardava-se um fogo sagrado que ardia, de modo permanente, num templo em *Caer* Bedion, ou Bath, do mesmo modo que queimava na Casa de Deus, em Jerusalém.

Há uma diferença entre os textos: "Um dia e uma noite em meio a troncos e guilhões" (verso 30) e "um ano e meio em troncos e guilhões" (estrofe 15). "Um ano e meio" não tem sentido óbvio, entretanto "um dia e um ano" pode ser equiparado às treze celas (cadeados ou fechaduras) da prisão onde esteve preso Elphin, uma vez que cada tranca (ou cela) era um mês de 28 dias e que fora posto em liberdade no dia que faltava para completar 365 dias. A antiga duração do mês do direito consuetudinário da Grã-Bretanha era de 28 dias, segundo os *Comentários* (2, ix, 142) de Blackstone, a menos que fosse estabelecida outra coisa, e, ainda hoje, um mês lunar de 28 dias continua a ser empregado popularmente, ainda que o verdadeiro mês lunar ou lunação seja de 29 dias e meio e que 13 seja considerado um número nefasto. O calendário pré-cristão de treze meses de quatro semanas, com um dia extra, foi suplantado pelo calendário juliano (que não tinha semanas), com certeza fundamentado nos doze meses de trinta dias dos egípcios com cinco dias extras. O autor do *Livro de Enoque* em seu tratado sobre astronomia e sobre o calendário também se deixa prender pelo ano de 364 dias, embora ele pronunciasse uma maldição sobre todos aqueles que não reconhecerem um mês como tendo trinta dias de duração. Antigos calendaristas parecem ter introduzido, entre o primeiro e o último dos seus meses artificiais de 28 dias, um dia que não pertencia a nenhum mês e que não era, justamente por isso, considerado parte do ano. É assim que o ano do agricultor literalmente durava, do ponto de vista do feitor do calendário, um ano e um dia.

Nos romances galenses, o número 13 aparece sempre: "As treze coisas preciosas", "As treze maravilhas da Bretanha", "As treze jóias reais". As treze fechaduras (ou celas) eram, pois, os treze meses, e foi no dia extra — o Dia da Libertação, o Dia da Criança Divina — que Elfin foi libertado. Esse dia deve cair naturalmente logo após o solstício do inverno, dois dias antes do Natal, no momento em que os romanos celebravam o meio do inverno. Constatei que se a versão "em meio a troncos e guilhões, um dia e um ano" era a melhor, deveria, então, religá-la a "Sou de Elfin, o principal chefe bardo", no verso 1, pois Elfin é quem foi aprisionado.

No entanto, Gwynn Jones discorda da opinião comum de que *Mabinogion* significa "romances juvenis"; ele sugere, por analogia com o título irlandês *Mac-ind-oic*, aplicado a Angus de Brugh, que quer dizer "contos do filho de uma virgem mãe" e demonstra que era, nas origens, aplicado apenas aos quatro romances em que aparecia Pryderi, filho de Rhiannon. Este "filho de uma virgem mãe" sempre nasce no solstício de inverno, o que destaca a história da disputa de Phylip Brydyd com os menestréis, a propósito do privilégio de ser o primeiro a apresentar um canto no dia de Natal ao príncipe Rhys Ieuanc, e também sua menção a Maelgwyn e a Elfin neste contexto.

O enigma da estrofe 16, "Estive na despensa", deve referir-se a Kai, que estava encarregado da despensa do rei Arthur. O verso astutamente misturado com o enigma da bernaca deveria ligar-se a "Estava com meu Senhor na mais alta das esferas" (verso 5 e estrofe 4); Kai aparece nas *Tríades* como um dos "três chefes de guerra coroados" e como detentor de poderes mágicos. Em *O romance de Olwen e de Kilhwch*, existe a seguinte descrição dele:

> Ele podia prender a respiração debaixo d'água por nove dias e nove noites e dormir durante o mesmo período de tempo. Nenhum médico conseguia curar uma ferida feita pela sua espada. De acordo com sua vontade, podia tornar-se tão alto quanto a árvore mais alta da floresta. Seu calor natural era tão intenso que, mesmo sob forte tempestade, o que quer que ele trouxesse na mão permanecia seco por um palmo acima e outro abaixo. Em dia de frio glacial, para seus companheiros, era como uma fogueira que ardia.

É bem parecido com o relato feito a respeito do herói solar Cuchulain quanto a seu ardor em batalha. Mas, nas lendas mais tardias do ciclo de Arthur, Kai sofreu uma degradação, tornando-se bufão e chefe dos cozinheiros.

A lembrança do ano de treze meses conservou-se viva nos campos ingleses pagãos, até, pelo menos, o século XIV. *The Ballad of Robin Hood and the Curtal Friar* começa assim:

But how many monthes be in the yeare?
There are thirteen, I say;
The mid-summer moon is the merryest of all,
Next to the merry month of May.

Afinal, quantos meses há num ano?
Há treze, respondo eu;
A lua de São João é a mais feliz de todas,
Logo após o feliz mês de maio.

O texto foi alterado numa balada nitidamente posterior:

There are twelve months in all the year
As I hear many men say.
But the merriest month in all the year
Is the merry month of May.

São doze os meses do ano inteiro
Conforme ouvi por aí dizerem.
Mas, dos meses do ano inteiro,
Mais feliz é o mês de maio.

Capítulo 6

Visita ao castelo espiralado

Foram as seguintes as sugestões que apresentei aos enigmas do *Hanes Taliesin*:

Babel
Lot ou Lota
Vran
Salomé
Neestan
Hur
Davi
Taliesin
Kai
Caleb
Hu Gadarn
Morvran
Gomer
Réia
Ídris
José
Jesus
Uriel

Isto foi o mais distante a que cheguei, sem recorrer ao método das palavras cruzadas, que consiste em utilizar as respostas já obtidas para desvendar os enunciados, ainda mais difíceis, que restavam. Fiz, contudo, alguns progressos com relação ao enigma: "Passei três períodos no castelo de Arianrhod."

O nome Arianrhod ("roda de prata") aparece na *Tríade* 107, designando a "Filha de Dôn rodeada de prata", que é um dos personagens principais de *O romance de Math, filho de Mathonwy*. Ninguém, familiarizado com as incontáveis variantes da mesma lenda em todas as coletâneas de mitos europeus, poderá levantar dúvidas quanto a sua identidade. Ela é a mãe do peixe divino — o menino Dylan que, depois de matar Wren (tal como o Robin do Ano-Novo faz no dia de santo Estêvão), torna-se Llew Llaw Gyffes ("o Leão de Mão Firme"), o belo e perfeito herói solar que aparece acompanhado, em geral, pelos gêmeos celestes. É quando Arianrhod adota a forma de Blodeuwedd, deusa do amor,

que, traiçoeiramente como sempre, mata Llew Llaw — a lenda é, pelo menos, tão antiga quanto a epopéia babilônica de Gilgamesh —, logo se transformando na coruja da sabedoria e, em seguida, na velha porca que devora suas crias e, assim, alimenta-se da carne morta de Llew Llaw. Contudo, este, cuja alma tomou a forma costumeira de uma águia, retorna, ciclicamente, à vida. A história será retomada em sua integridade no Capítulo 17.

Noutras palavras, Arianrhod é mais um aspecto de Caridwen ou Cerridwen, a Deusa Branca da vida na morte e da morte na vida. Estar no castelo de Arianrhod significa ficar num purgatório real à espera da ressurreição, pois, para a crença da Europa primitiva, apenas reis, chefes, poetas e magos tinham o privilégio de renascer. Inúmeras outras almas menos favorecidas vagavam desconsoladas nos pátios gelados do castelo, ainda sem o consolo da esperança cristã da ressurreição universal. Gwion deixa claro em sua *Marwnad y Milveib* (*Elegia sobre mil crianças*):

Incomprehensible numbers there were
Maintained in a chilly hell
Until the Fifth Age of the world,
Until Christ should release the captives.

Em número incontável estavam
Em frio inferno detidas
Até a Quinta Era do mundo,
Até que Cristo os cativos redimisse.

Onde estava situado esse purgatório? Há que se distingui-lo da concepção celta do céu, que era o próprio Sol — um esplendor de luz (como se sabe por meio da tradição armoricana), decorrente do reluzir simultâneo de miríades de almas puras. Bem, onde é que se poderia esperar encontrá-lo? Numa região onde o sol nunca brilhasse. Onde estava esse lugar? No frio Norte? Além da fonte de Bóreas, o vento Norte; pois, "atrás do vento Norte" — uma expressão empregada por Píndaro para localizar a terra dos hiperbóreos — e que é ainda um popular sinônimo gaélico para a Terra da Morte. Mas, precisamente, onde além da fonte do vento Norte? Só um poeta seria persistente o bastante para pôr-se esta última pergunta. O poeta é criança insatisfeita, que ousa fazer a pergunta difícil, que levanta a partir da resposta do professor a sua pergunta simples e, em seguida, outra pergunta ainda mais difícil que insiste depois desta. É surpreendente, desta feita, que a resposta seja fácil. *Caer* Arianrhod — não a cidade submersa ao largo da costa de Caernarvon, mas a verdadeira *Caer* Arianrhod — é, segundo o dr. Owen do *Welsh Dictionary*, a constelação denominada "*Corona Borealis*", "*a coroa* do *vento Norte*". Talvez estejamos aqui diante da pergunta que desorientou Heródoto: "Quem são os hiperbóreos?" Seriam eles "homens de detrás do vento Norte", membros de um culto do vento Norte, tal como os trácios do mar de

Mármara? Acreditavam eles que, quando morressem, suas almas seriam levadas por Hermes, o condutor de almas, para o plácido castelo rodeado de prata atrás do vento Norte, do qual era guardiã a brilhante estrela Alfeta?

Se eu me aventuro a fazer tal sugestão caprichosa é por causa da menção a Enópion e Taurópolo feita pelo comentador da *Argonáutica*, de Apolônio de Rodes. Esta *Corona Borealis*, que também é chamada de "a Coroa Cretense", foi consagrada, nos tempos antigos, a uma deusa cretense, esposa do deus Dioniso, e, segundo o comentador, mãe de — o conceito de maternidade, aqui, significa "ser adorada por" — Estáfilo, Toas, Enópion, Taurópolo e outros. Estes homens eram os antepassados epônimos dos clãs ou tribos traco-pelásgicas estabelecidos nas ilhas Quios e Lemnos, no mar Egeu, no Quersoneso trácio e na Criméia, os quais se ligavam culturalmente com o noroeste da Europa. A deusa era Ariadne ("a Mais Sagrada"), epíteto de Alfeta — *alpha* e *eta* que são, respectivamente, a primeira e a última letra de seu nome. Ela era filha, ou um aspecto mais jovem, de Pasífae, antiga deusa-lua de Creta, "aquela que brilha para todos", e que os gregos transformaram em irmã de seu antigo herói do vinho, Deucalião, que sobrevivera à grande enchente. Ariadne, sobre a qual Arianrhod parece ter sido moldada, era uma deusa orgiástica. Fica patente, das lendas de Lemnos, de Quios, do Quersoneso e da Criméia, que o sacrifício humano fazia parte de seu culto, assim como ocorria entre os devotos pré-romanos da Deusa Branca da Grã-Bretanha. O próprio Orfeu, que viveu "entre os selvagens cauconianos", perto da morada de Enópion, foi uma vítima sagrada de sua fúria. Ele acabou feito em pedaços por um bando de mulheres em delírio, intoxicadas por hera e também, ao que parece, pelo cogumelo consagrado a Dioniso. Eratóstenes de Alexandria, citando *As bacantes*, de Ésquilo, indica que Orfeu se negou a acatar a religião local e "acreditava que o sol, a quem chamava de Apolo, fosse o maior de todos os deuses. Levantava-se à noite e, antes da aurora, subia a uma montanha chamada Pangeo para ser o primeiro a ver o sol. Isto irritou Dioniso, que enviou as bacantes que o esquartejaram(...)". Esta é uma maneira desonesta de contar a história. Proclo, em seu comentário sobre Platão, acerta melhor o ponto: "Orfeu, porque fosse o líder dos ritos dionisíacos, é considerado como tendo padecido o mesmo destino da divindade." No entanto, a cabeça de Orfeu (*Orpheus*) continua a cantar e a profetizar, do mesmo modo que a do deus Bran. Segundo Pausânias, Orfeu era cultuado pelos pelasgos, e a terminação *eus* é sempre uma prova de antiguidade num nome grego. "Orpheus", como "Erebus", o nome do mundo subterrâneo sobre o qual reinava a Deusa Branca, é derivado, segundo gramáticos, da raiz *ereph*, que significa "cobrir" ou "ocultar". Foi a deusa-lua que originariamente inspirou Orfeu e não o deus-sol.

O sinal mais claro de que, em Arianrhod, encontramos a velha Deusa Tríplice ou Deusa Branca está no fato de ter dado a seu filho Llew Llaw certo nome e um conjunto de armas. Na sociedade patriarcal é sempre o pai quem confere ambos. Llew Llaw não tem nenhum pai, no romance, e deve permanecer anônimo até que sua mãe decida torná-lo um homem.

De início pensei que o enigma de Gwion sobre *Caer* Arianrhod devia completar-se com "e na esfera que gira sem movimento entre três elementos". Os três elementos são claramente o fogo, o ar e a água; e a *Corona Borealis* gira num espaço muito pequeno em comparação com as constelações meridionais. Porém, Gwion deveria ter aprendido que o castelo de Arianrhod não fica dentro do "círculo ártico", o qual compreende as duas Ursas e o Cocheiro, e que, quando o Sol se levanta na casa de Câncer, começa a fundir-se no horizonte setentrional e não torna a sair de lá até que termine o verão. Descrevê-lo como uma esfera que gira sem movimento seria inexato; só a Ursa Menor faz isto, girando sobre a estrela Polar. (Como demonstro no Capítulo 10, a esfera que gira é parte do enigma para o qual a resposta é Réia; mas não quero antecipar o assunto agora.)

Mesmo assim, ainda que soubesse o significado de "um período no castelo de Arianrhod", conseguiria eu responder ao enigma? Quem passou três períodos lá?

As seqüências do "eu estive" ou "eu sou" — a mais antiga delas, indiscutivelmente, pré-cristã — presentes em tantos poemas bardos do País de Gales e da Irlanda parecem ter sentidos diversos, embora correlatos. A crença primitiva não consiste numa metempsicose de tipo hindu vulgar — primeiro numa moscavarejeira, em seguida numa flor, depois, quem sabe, num touro bramânico ou numa mulher, segundo o mérito de cada um. O sujeito que se expressa pelo pronome "eu" é um deus semelhante a Apolo em nome de quem canta o poeta inspirado, não se trata do poeta enquanto ele próprio. Às vezes a divindade pode estar referindo-se, miticamente, a seu ciclo diário como Sol, de alba a alba; outras, pode referir-se ao ciclo anual do solstício de inverno ao próximo solstício de inverno, tendo os meses como passos de seu caminhar; outras, ainda, talvez, a seu grande ciclo de 25.800 anos em torno do Zodíaco. Todos estes ciclos são símbolos uns dos outros; tal como nós ainda falamos do "entardecer" ou do "outono" de nossas vidas quando queremos falar da velhice.

A referência mais comum do "estive" é quanto ao ciclo anual e, se examinarmos esses "estive" sazonais (embora, por motivos de discrição, a ordem tenha sido sempre deliberadamente misturada), normalmente vamos descobrir que contêm uma série completa de símbolos do ciclo anual.

I am water, I am a wren,
I am a workman, I am a star,
I am a serpent;
I am a cell, I am a chink,
I am a depository of song,
I am a learned person, etc.

Sou água, sou uma cambaxirra,
Sou um trabalhador, sou uma estrela,
Sou uma serpente;

Sou uma cela, sou uma fenda,
Sou um depositário de canção,
Sou uma pessoa erudita etc.

Embora se tenha crido encontrar a teoria pitagórica da metempsicose, importada das colônias gregas do Sul da França, na lenda irlandesa de Tuan MacCairill, um dos imigrantes reais vindos da Espanha, que atravessou uma série de metamorfoses, de veado a javali, a falcão e a salmão, antes de nascer como homem, a tese é pouco provável: os quatro animais em questão são todos símbolos das estações, tal como será demonstrado.

A linguagem poética mítica e simbólica empregada na Europa antiga não era difícil no princípio, porém se tornou confusa com o passar do tempo, por causa das freqüentes modificações devidas às mudanças religiosas, sociais, lingüísticas e à tendência de a história corromper a pureza do mito. Isto significa dizer que os acontecimentos acidentais na vida de um rei, que tinha um nome divino, eram incorporados no mito sazonal que lhe conferia o título de realeza. Outra complicação estava no fato de que, antigamente, uma grande parte da educação poética, a julgar pela obra irlandesa *O livro de Ballymote*, que contém um manual de criptografia, preocupava-se em tornar a linguagem o mais difícil possível, a fim de proteger o segredo. Nos primeiros três anos desse curso de formação, o estudante irlandês que se preparava para ser um *ollave* tinha de dominar 150 alfabetos cifrados.[1]

Qual a relação entre *Caer* Sidi e *Caer* Arianrhod? Seriam o mesmo lugar? Acho que não, porque *Caer* Sidi tem sido identificada com a ilha Puffin, ao largo da costa de Anglesey, e com a ilha de Lundy, no Severn: ambas ilhas elísias do tipo habitual. Uma chave para o problema consiste no fato de que *Caer* Sidi ou *Caer* Sidin significa, em galês, "castelo giratório" e, embora "*Sidi*" seja aparentemente a tradução da palavra gaélica *Sidhe*, um túmulo fortificado redondo que pertencia aos *Aes Sidhe* (para abreviar, apenas *Sidhe*), os primeiros magos da Irlanda. Neste país há várias "Fortalezas dos *Sidhe*", dentre as quais se destacam *Brugh-na-Boyne* (agora chamada "*New Grange*"), *Knowth* e *Dowth*, nas margens nordeste do rio Boyne. Sua datação e seu emprego religioso devem ser considerados com maior detalhe.

A maior delas é a de New Grange, da qual se diz que fora ocupada pelo próprio Dagda, o deus-pai dos *Tuatha dé Danaan*, que corresponde ao Saturno romano, mas depois o foi por Angus, seu filho assemelhado a Apolo, que a tomou dele por meio de uma chicana legal. Em sua primeira chegada à Irlanda, o Dagda era evidentemente um filho da Tríplice Deusa Brigit ("Brígida, a Suprema"); contudo o mito foi corrompido por sucessivos redatores. Primeiro,

[1] "*As treze coisas preciosas*", "*As treze jóias reais*", "*As treze maravilhas da Bretanha*" etc. que são mencionadas no *Mabinogion* representam bem provavelmente conjuntos de alfabetos cifrados equivalentes às treze consoantes do alfabeto britânico Beth-Luis-Nion.

foi dito que se casara com a Tríplice Deusa. Depois, que tivera uma única esposa com três nomes: *Breg*, *Meng* e *Meabel* (respectivamente "Mentira, Perfídia e Desgraça"), a qual lhe dera três filhas, todas chamadas Brigit. Disseram ainda não se tratar dele, mas de seus três descendentes, Brian, Iuchar e Iuchurba, que se casaram com três princesas, que juntas eram donas de toda a Irlanda — Eire, Fodhla e Banbha. Ele era filho de Eladu, o qual os glosadores irlandeses explicam como "ciência ou conhecimento", porém, que pode ser uma forma da palavra grega *Elate* (pinheiro); sendo Elatos (homem-pinheiro) um arcaico rei aqueu de Cilene, que era uma montanha da Arcádia consagrada a Deméter e, posteriormente, famosa por seu colégio de eruditos e sacrossantos arautos. Dagda e Elatos podem ser, por conseguinte, comparados a Osíris, Adônis ou Dioniso, que nasceu de um pinheiro e foi amamentado por uma deusa da Lua, de chifres, Ísis, Io ou Hator.

New Grange é um túmulo redondo, com a parte superior plana, uma circunferência de cerca de 400 metros e uma altura de quase 17 metros. A construção consiste num amontoado de pedras, cerca de 50 mil toneladas delas, originalmente coberto por seixos de cristal de rocha. Tratava-se de uma prática sepulcral da Idade do Bronze em honra da Deusa Branca, o que pode ser responsável, em parte, pelas lendas de reis que se abrigavam, depois da morte, em castelos de vidro. Dez enormes blocos de pedra, cada qual pesando oito ou dez toneladas, se erigem em semicírculo em volta da base meridional do túmulo, sendo que, primitivamente, outro bloco ficava em cima. Não se sabe quantos blocos mais foram removidos do semicírculo, mas as lacunas sugerem ter sido em número de doze. Um cercado de cerca de cem longas pedras planas, colocadas lado a lado, rodeia a base. Dentro do túmulo existe uma profunda cova pré-celta construída com grandes lajes de pedra, cada qual medindo cerca de 90 centímetros por 1,20 metro.

A planta tem a forma de uma cruz celta; entra-se por uma porta formada por um dólmen na base de um túnel. Este consiste numa passagem estreita com cerca de 20 metros, pela qual se precisa engatinhar. Leva a uma pequena câmara circular com uma abóbada formada por decoração em colméia de quase 7 metros de altura; existem ainda três concavidades que compõem os braços da cruz. Quando esta caverna foi redescoberta, em 1699, continha três bacias de pedra em forma de barca, cujos lados tinham entalhes raiados. Ao lado de um altar central havia dois esqueletos completos, galhadas de veados, ossos e nada mais. Mais tarde, no local da fortaleza, mas não dentro da caverna, foram encontradas moedas de ouro romanas do século IV d.C., junto com colares de ouro retorcidos e restos de armas de ferro. A fortaleza fora saqueada pelos daneses, mas nada comprova que eles ou algum invasor anterior tivessem retirado da câmara outros objetos funerários. As lajes da entrada estão decoradas com espirais talhadas e há um raio bifurcado gravado em um dintel. Como os antigos poetas diziam, cada fortaleza em forma de túmulo era presidida por uma feiticeira, e como os *sidhes* eram poetas tão hábeis que até os druidas se viam obriga-

dos a apelar para eles a fim de obter os feitiços de que necessitavam, parece provável que o *Caer* Sidi original, onde se encontrava o Caldeirão da Inspiração, era uma sepultura assemelhada a New Grange. Tais túmulos eram fortalezas na parte de cima e sepulcros na inferior. A fada irlandesa "*Banshee*" é uma *Bean-Sidhe* ("Mulher da Colina") e, como sacerdotisa dos mortos ilustres, lamenta-se, em profética antecipação, sempre que alguém de sangue real está a ponto de morrer. De um episódio do romance irlandês *Fionn's Boyhood*, parece que a entrada para essas cavernas funerárias era deixada aberta no *Samhain*, na véspera do Dia de Finados, que também era comemorado como dia dos mortos na Grécia antiga, para permitir que as almas dos heróis saíssem para tomar ar, sendo seus interiores iluminados até o cantar do galo na aurora seguinte.

No lado oriental do túmulo, diametralmente oposto à entrada, foi descoberta, em 1901, uma pedra que tem três sóis gravados nela; dois deles têm os raios circunscritos por um círculo, como numa prisão, e o terceiro está livre. Sobre eles há um quarto sol, mais tosco e também livre, sobre o qual estão talhadas em linha reta as letras ogâmicas *B* e *I*, que, como se explicará em seguida, constituem a primeira e a última letras do antigo alfabeto irlandês, dedicadas respectivamente ao princípio e à morte. O caso é bastante claro: os reis sagrados da Irlanda da Idade do Bronze, que eram reis solares de um tipo muito primitivo, a julgar pelos tabus a que estavam submetidos e pelo suposto efeito de seu comportamento sobre as colheitas e sobre as caças, eram enterrados abaixo desses túmulos, mas suas almas iam para "*Caer* Sidi", o Castelo de Ariadne, a saber, a *Corona Borealis*. Assim, o irlandês pagão podia chamar New Grange de "Castelo Espiral" e, girando o indicador como explicação, dizia: "Nosso rei foi para o castelo em espiral", ou seja, "morreu". É comum nas lendas gaélicas uma roda giratória na frente da porta de um castelo. Segundo Keating, a fortaleza mágica da feiticeira Blanaid, na ilha de Man, estava protegida por uma dessas rodas e ninguém conseguia entrar enquanto ela não ficasse parada. Na frente da entrada de New Grange existe uma laje com espirais talhadas que faz parte do muro de pedras. As espirais são duplas: siga as linhas com seu dedo de fora para dentro e, quando chegar ao centro, iniciará outra espiral que se enrosca de modo inverso para retirá-lo do labirinto. Assim, os padrões tipificam a morte e o renascimento; embora, segundo o poema *Preiddeu Annwm*, de Gwion, "somente sete retornaram de *Caer* Sidi". É bem capaz que, outrora, fossem guardadas serpentes oraculares nessas cavernas sepulcrais e que foram essas as serpentes que são Patrício teria expulsado, talvez, apenas metaforicamente. Delfos, o lar de Apolo, também teria sido uma tumba oracular do mesmo tipo, com uma píton espiralada e uma sacerdotisa profética da deusa-Terra e o "umbigo" ou o "santuário do umbigo", onde primitivamente se alojava a píton, estava construído no subsolo no mesmo estilo de colméia, a qual deriva, originariamente, da *masabo* africana, ou seja, casa dos fantasmas. As galhadas em New Grange, provavelmente, faziam parte do enfeite de cabeça do rei sagrado, tal como os galhos usados pela divindade gaulesa Cernunnos, os chifres de Moisés, de Dioniso e do rei Alexandre o Grande, que aparecem em moedas.

Não constitui um mistério o fato de a tumba ser decorada por favos de colméias, com uma entrada e nichos laterais. Essas decorações vieram para a Irlanda do Mediterrâneo oriental, passando pela Espanha e por Portugal, no final do terceiro milênio a.C. O teto em forma de favo de New Grange também ocorre em Tirbradden, Dowth e Seefin. Porém, as oito espirais duplas da entrada, que estão apenas justapostas e não habilmente entrelaçadas como no estilo cretense, têm correspondentes na Grécia micênica. Isto indica que os talhes foram feitos pelos daneses quando despejaram, do santuário, seus antigos ocupantes que, na história irlandesa, chegam com as tribos de Partholan e Nemed, que invadiram o país nos anos 2048 a.C. e 1718 a.C., vindos da Grécia através da Espanha. Assim sendo, isto explicaria a lenda da usurpação que o deus Angus fez do santuário a seu pai, Dagda. A chegada dos daneses à Irlanda, conforme mencionada no Capítulo 3, é datada, em *O livro das invasões,* nos meados do século XV a.C. O fato é plausível. Teriam sido as últimas tribos de construtores de túmulos redondos a chegar, tendo a primeira leva chegado à Irlanda vinda da Grã-Bretanha por volta de 1700 a.C. Comprova-se que prestaram homenagens aos heróis do culto anterior pelo fato de os seus vasilhames para alimentos encontrarem-se nas tumbas com corredores.

O dr. R. S. Macalister, em sua obra *Ancient Ireland* (1935), expõe uma opinião original sobre New Grange. Sustenta que foi construído pelos milésios por volta do ano 1000 a.C., e supõe que tivessem vindo da Grã-Bretanha e não da Espanha, baseando-se no fato de haver algumas pedras ornamentais no corredor e na câmara, uma delas tendo o desenho partido, as quais pareciam colocadas ao acaso, e de algumas delas apresentarem seu baixo-relevo mutilado a marteladas a fim de alisá-las, tal como se encontra nos trilitos de Stonehenge. Isto significa propor que se trata de uma imitação construída segundo o estilo de várias centenas de anos antes, teoria esta a que nenhum outro arqueólogo de reputação parece ter aquiescido. Porém, suas observações sugerem que os milésios tenham tomado o santuário oracular aos daneses e que o remendaram, daí apresentar sinais de decadência, com pedras ornamentais tiradas de outros cemitérios. Outra sugestão sua tem mais credibilidade: que *Angus' Brugh* ("Palácio de Angus") não era New Grange, mas um enorme cercado circular próximo, numa volta do Boyne, o qual pode ter sido um anfiteatro para jogos fúnebres relacionados com os diversos cemitérios das redondezas.

Hoje a maioria dos arqueólogos irlandeses, acho, concorda que New Grange foi construída por um povo matriarcal construtor de tumbas com corredor que chegou à Irlanda perto do ano 2100 a.C., mas que só depois de estarem bem estabelecidos, cerca de quinhentos anos mais tarde, foram capazes de coordenar o enorme trabalho necessário para a empreitada. As espirais, embora apareçam em tumbas micênicas datadas de 1600 a.C., podem ser muito anteriores, pois existem exemplos, em Malta, cuja data é desconhecida. Numa das pedras exteriores está talhado um símbolo que sugere um ideograma cretense e que parece representar uma nave com a proa e a popa altas, com uma única grande

vela; ao lado estão traços verticais e um pequeno círculo. Christopher Hawkes, meu principal informante sobre este assunto, escreveu-me dizendo que é improvável que os esqueletos e as galhadas sejam da mesma época da construção da tumba, bem como que esta pode ter sido saqueada muitas vezes antes que ali os depositassem. Não se pode conjecturar quais fossem os objetos fúnebres originais, pois, nos últimos anos, não se abriu nenhuma sepultura com corredor, deste tipo, que já não tivesse sido violada. Será preciso esperar que se abra a *Cairn* da rainha Maeve. Desta se vislumbra a baía de Sligo. É uma construção com cerca de 40 mil toneladas de pedra cuja entrada se perdeu. Talvez tenhamos de esperar um longo período, pois os habitantes de Sligo são supersticiosos e considerariam de mau agouro a profanação do túmulo: Maeve é Mab, a rainha das fadas.

O conteúdo das bacias de pedra pode ser inferido de Êxodo 24, 4-8. Moisés, tendo erigido doze estelas ao sopé de uma colina sagrada, ofereceu novilhos em sacrifício e derramou metade do sangue sobre uma décima terceira pedra no centro do círculo ou semicírculo; o resto do sangue colocou em bacias, que deveriam ser de tamanho considerável. Depois, ele e Arão, acompanhados de 72 companheiros, subiram para festejar com churrasco. Nessa ocasião, o sangue das bacias era aspergido sobre o povo como um encantamento purificador; contudo, seu uso em santuário oracular era sempre o de alimentar o fantasma do herói morto e de exortá-lo a retornar de *Caer* Sidi ou *Caer* Arianrhod para dar resposta a perguntas importantes.

A visita de Enéias, com ramos de visco na mão, ao mundo subterrâneo para consultar seu pai, Anquises, deve ser interpretada nesse sentido. Enéias sacrificou um touro e fez o sangue jorrar numa gamela, e o fantasma de Anquises (que havia esposado Vênus Ericina, a deusa do amor, fora morto por um raio e era, na realidade, um rei sagrado do tipo hercúleo habitual) bebeu o sangue e, em agradecimento, profetizou sobre as glórias de Roma. É claro que o fantasma não sorveu, efetivamente, o sangue, mas na escuridão ouviu-se um ruído semelhante ao sorver; o que aconteceu foi que a sibila, que acompanhou Enéias às profundas, bebeu o sangue, o que nela produziu o êxtase profético desejado. Que este fosse o modo de agir das sibilas é fato conhecido pelo caso da sacerdotisa da Mãe Terra em Egira ("*black poplar*, álamo-preto", uma árvore consagrada a heróis), na Aquéia. O pipilar e o balbuciar dos espíritos em tais ocasiões são compreensíveis: dois ou três textos bíblicos referem-se a estranhas vozes como o piar de morcegos, com o que demônios ou familiares falam pelas bocas de profetas e de profetisas. O sangue do touro era a mais poderosa das magias e era empregado, diluído em grande quantidade d'água, para fertilizar as árvores frutíferas em Creta e na Grécia. Tomado puro, era considerado um veneno mortal para um qualquer, exceto para uma sibila ou um sacerdote da Mãe Terra. O pai e a mãe de Jasão morreram em decorrência de ter bebido dele. Do mesmo modo, morreu o rei Midas de Górdion, aquele que tinha orelhas de burro.

Não é uma mera suposição o fato de que o sangue de touro fosse emprega-

do para adivinhação na Irlanda antiga. Um rito chamado "a Festa do Touro" é mencionado no *Livro da Dun Cow*:

> Matavam um touro branco, e um homem comia a carne até fartar-se e bebia o sangue. Enquanto dormia, depois do repasto, cantavam sobre ele um feitiço da verdade. Ele, então, via num sonho a forma e o aspecto do homem que deveria ser escolhido como rei, bem como o tipo de trabalho a que se dedicava naquele momento.

O touro branco recorda os touros brancos sagrados do culto gaulês do visco; o touro branco no qual montou o Dioniso trácio; os touros brancos sacrificados no monte Albano e no Capitólio romano, bem como o touro branco que representa a verdadeira semente de Israel no apocalíptico *Livro de Enoque*.

Agora começamos a compreender o misterioso *Preiddeu Annwm* (*Os despojos de Annwm*) no qual — entre as alongadas interpolações de Gwion, por causa da ignorância de Heinin e dos outros bardos cortesãos — um tal Gwair ap Geirion se lamenta de que não pode escapar de *Caer* Sidi. O estribilho é: "Com exceção de sete, ninguém voltou de *Caer* Sidi." Sabemos que, pelo menos, dois voltaram: Teseu e Dédalo, ambos heróis solares áticos. As lendas da expedição de Teseu ao mundo subterrâneo e de suas aventuras no labirinto cretense de Cnossos são, na verdade, duas partes de um mito único, mas confuso. Teseu ("Aquele que dispõe") segue desnudo, exceto por sua pele de leão, até o centro do labirinto, onde mata o monstro, com cabeça de touro, dono do duplo machado — o *labris* do qual deriva a palavra "labirinto" —, e retorna são e salvo. A deusa que lhe permite realizar esta façanha é Ariadne, a quem os galenses chamavam de Arianrhod. Na segunda parte do mito fracassa em sua expedição ao mundo subterrâneo: precisa ser salvo por Héracles, mas seu companheiro Pirítoo permanece para trás, como Gwair, suspirando perpetuamente por sua libertação. O mito do herói que vence a morte foi conjuminado pelos mitógrafos gregos com um acontecimento histórico: o saque do labiríntico palácio de Cnossos por incursores daneses vindos da Grécia por volta de 1400 a.C. e a conseqüente derrota do rei Minos, o rei-touro. Dédalo ("Aquele que reluz"), da mesma forma, escapa do labirinto cretense guiado por Pasífae, a deusa-lua, mas sem o emprego de violência; ele era o herói solar dos colonos egeus de Cumas e dos sardos, bem como dos atenienses.

Caer Sidi no *Preiddeu Annwm* recebe um novo sinônimo em cada uma das sete estrofes. Aparece como *Caer* Rigor ("o castelo real"), talvez fazendo um trocadilho com o *rigor mortis* latino; *Caer* Colur ("o castelo sombrio"); *Caer* Pedryvan ("o castelo de quatro cantos"), que gira quatro vezes; *Caer* Vediwid ("o castelo dos perfeitos"); *Caer* Ochren ("o castelo do lado inclinado", isto é, aquele no qual se entra pelo lado de uma encosta); e *Caer* Vandwy ("o castelo no alto").

Não sei quem eram os sete personagens canônicos, mas dentre os candidatos a essa honra estão Teseu, Héracles, Amathaon, Arthur, Gwydion, Harpó-

crates, Kay, Owain, Dédalo, Orfeu e Cuchulain. (Quando Cuchulain, mencionado por Gwion num poema, derrubou as portas do inferno, trouxe de volta consigo três vacas e um caldeirão mágico.) Não é provável que Enéias fosse um dos sete. Não morreu como os demais, apenas limitou-se a visitar uma tumba oracular, como fizeram o rei Saul, em En-Dor, e Caleb, em Macpela. O castelo em que entraram — giratório, remoto, real, sombrio, alto, frio, morada dos perfeitos, com quatro cantos, no qual se entrava por uma porta escura situada no aclive de uma colina — era o castelo da morte ou a tumba, a torre escura à qual chegou o infante Rolando, na balada. Esta descrição serve à sepultura de New Grange, mas "os quatro cantos" referem-se, acredito, ao *kist-vaen*, hábito de colocar o morto num caixão, inventado pelos habitantes do Norte da Grécia e das ilhas em torno de Delos e, daí, exportado para a Europa Ocidental junto com os emigrantes da Idade do Bronze, os homens dos túmulos redondos. O *kist* era uma pequena caixa retangular de pedra, dentro da qual se colocava o cadáver de cócoras. Pode-se dizer que Odisseu esteve "três períodos no castelo de Arianrhod", porque entrou com doze companheiros na cova do Ciclope, de onde escapou; foi detido por Calipso, em Ogígia, e se livrou; foi preso pela bruxa Circe, em Ea — outra ilha sepulcral —, e também fugiu. Porém, é improvável que se refira a Odisseu. Creio que Gwion se refere a Jesus Cristo, a quem o poeta Dafydd Benfras, do século XII, faz visitar o Annwm celta, o qual escapou de uma caverna sombria no aclive de uma colina, onde fora depositado por José de Arimatéia. Mas como ficou Jesus "três períodos no castelo de Arianrhod"? A resposta é inteiramente herética: ela consistiria em fazer de Jesus o segundo Adão, uma reencarnação de Adão e, enquanto Messias davídico, também uma reencarnação de Davi. A Idade de Adão e a Idade de Davi são bem distintas no *Divregwawd Taliesin*. Jesus é descrito ali como ainda estando nos céus, à espera da aurora da Sétima Idade: "Não foi para o céu que ele partiu quando daqui saiu? E no Dia do Juízo virá até nós, aqui. Pois a Quinta Idade foi aquela abençoada pelo profeta Davi. A Sexta Idade é aquela de Jesus, a qual há de durar até o Dia do Juízo." Na Sétima Idade, ele será chamado Taliesin.

PREIDDEU ANNWM
(The Spoils of Annwm)

Praise to the Lord, Supreme Ruler of the Heavens,
Who hath extended his domination to the shore of the world.
Complete was the prison of Gwair in Caer Sidi
Through the spite of Pwyll and Pryderi.
No one before him went into it;
A heavy blue chain firmly held the youth,
And for the spoils of Annwm gloomily he sings,
And till doom shall he continue his lay.

Thrice the fullness of Prydwen we went into it;
Except seven, none returned from Caer Sidi.

Am I not a candidate for fame, to be heard in the song?
In Caer Pedryvan four times revolving,
The first word from the cauldron, when was it spoken?
By the breath of nine damsels it is gently warmed.
It is not the cauldron of the chief of Annwm, in its fashion
With a ridge around its edge of pearls?
It will not boil the food of a coward or one forsworn,
A sword bright flashing to him will be brought,
And left in the hand of Lleminawg,
And before the portals of the cold place the horns /
of light shall be burning.
And when we went with Arthur in his splendid labours,
Except seven, none returned from Caer Vediwid.

Am I not a candidate for fame, to be heard in the song?
In the four-cornered enclosure, in the island of the strong door,
Where the twilight and the black of night move together,
Bright wine was the beverage of the host.
Three times the fullness of Prydwen, we went on the sea,
Except seven, none returned from Caer Rigor.

I will not allow praise to the lords of literature.
Beyond Caer Wydr they behold not the prowess of Arthur.
Three times twenty-hundred men stood on the wall.
It was difficult to converse with their sentinel.
Three times the fullness of Prydwen, we went with Arthur.
Except seven, none returned from Caer Colur.

I will not allow praise to the men with trailing shields.
They know not on what day, or who caused it,
Or at what hour of the splendid day Cwy was born,
Or who prevented him from going to the dales of Devwy.
They know not the brindled ox, with his thick head band,
And seven-score knobs in his collar.
And when we went with Arthur of mournful memory,
Except seven, none returned from Caer Vandwy.

I will not allow praise to the men of drooping courage,
They know not on what day the chief arose,
Or at what hour in the splendid day the owner was born;

Or what animal they keep of silver head.
When we went with Arthur of mournful contention,
Except seven, none returned from Caer Ochren.

Preiddeu Annwm
(*Os despojos de Annwm*)

Louvado seja o Senhor, governante supremo dos céus,
Cujo domínio ao fim do mundo estendeu.
Completa foi a prisão de Gwair em *Caer Sidi*
Pela malícia de Pwyll e de Pryderi.
Ninguém antes dele lá entrara;
Uma pesada corrente azul o jovem prendia firme,
E pelos despojos de Annwm ele canta tristemente,
E até o Dia do Juízo assim vai sua sentença.
Três vezes completou-se Prydwen e nela entramos;
Exceto sete, ninguém jamais voltou de *Caer Sidi*.

Não sou à fama candidato, p'ra na canção aparecer?
Em *Caer Pedryvan* por quatro vezes girei,
Do caldeirão quando é que primeiro se falou?
De nove donzelas o hálito gentilmente o aquece.
Não é o caldeirão do chefe de Annwm, à moda sua,
Com a borda de pérolas rodeada?
Onde não se há de cozer p'ro covarde e p'ro perjuro.
Ser-lhe-á posta, à frente, espada brilhante e reluzente
E nas mãos de Lleminawg será entregue
E, diante das portas da fria morada, cornos de luz luzirão.
Foi quando fomos com Arthur em esplendorosa obra,
Exceto sete, ninguém jamais voltou de *Caer Vediwid*.

Não sou à fama candidato, p'ra na canção aparecer?
No recinto de quatro cantos, na ilha de porta forte,
Onde juntos se movem o crepúsculo e a noite escura,
O vinho brilhante era a bebida do hóspede.
Três vezes completou-se Prydwen e fomos para o mar,
Exceto sete, ninguém jamais voltou de *Caer Rigor*.

Não tolerarei louvores aos senhores da literatura.
Para além de *Caer Wydr*, não contemplam a proeza de Arthur.
Três vezes dois mil homens a muralha guardavam.
Era difícil conversar com a sentinela deles.

Três vezes completou-se *Prydwen* e nós fomos com Arthur
Exceto sete, ninguém jamais voltou de *Caer Colur*.

Não tolerarei louvores àqueles que arrastam seus escudos.
Eles ignoram qual o dia e quem foi o causador,
Ou a que horas do esplêndido dia nasceu Cwy,
Ou quem o impediu de ir aos vales de Devwy.
Desconhecem o touro malhado, com grossa faixa na cabeça,
E cento e quarenta nós em sua coleira.
Foi quando fomos com Arthur de triste recordo,
Exceto sete, ninguém jamais voltou de *Caer Vandwy*.

Não tolerarei louvores àqueles que perdem a coragem.
Ignoram o dia em que o chefe se levantou,
Ou a que horas do esplêndido dia nasceu o proprietário;
Ou que animal com cabeça de prata é que lá se guarda.
Foi quando fomos com Arthur de triste combate,
Exceto sete, ninguém jamais voltou de *Caer Ochren*.

Pwyll e Pryderi sucederam-se como governantes dos "africanos" de Annwm em Pembroke, que foram os primeiros invasores do País de Gales; quando morreram, tal como aconteceu com Minos e Radamanto, de Creta, tornaram-se senhores dos mortos. Foi de Pryderi, filho de Rhiannon, que Gwion roubou o porco sagrado e Gwair parece ter ido em semelhante expedição de saque em companhia de Arthur; pois sua prisão chamada, na *Tríade 61*, de castelo de Oeth e Anoeth, é a mesma de onde Arthur, segundo a *Tríade 50*, foi resgatado por seu pajem Goreu, filho de Custennin. Assim, Gwair está para Arthur como Pirítoo está para Teseu; e Goreu está para Arthur assim como Héracles está para Teseu. É possível que, no romance, Gwion estivesse contando que os bardos de corte adivinhassem "Arthur" e não "Jesus" como resposta ao verso "Estive três períodos no castelo de Arianrhod", uma vez que, na *Tríade 50*, foi resgatado, pelo mesmo Goreu, de três prisões — do castelo de Oeth e Anoeth; do castelo de Pendragon ("senhor das serpentes") e da Prisão Escura debaixo da pedra —, todas elas prisões mortuárias. Ou estaria ele, veladamente, apresentando Jesus com uma encarnação de Arthur.

Prydwen era o barco mágico do rei Arthur. Llaminawg, em cujas mãos Arthur confia a espada cintilante, aparece em *A morte d'Arthur* como *sir* Bedivere. *Caer Wydr* é Glastonbury, ou *Inis Gutrin*, considerado como o castelo de vidro[2] no qual foi habitar a alma de Arthur depois da morte. Glastonbury é

[2] *Caer Wydr* (castelo de vidro) é um trocadilho erudito de Gwion. A cidade de Glastonbury é considerada por William de Malmesbury como tendo recebido seu nome em homenagem a seu fundador secular, Glasteing, que chegou lá vindo do Norte com seus doze irmãos em algum

também a ilha de Avalon (das macieiras) para a qual seu espírito foi conduzido pela fada Morgana. A pesada corrente azul são as águas ao redor da ilha da morte. O mito de Cwy, como aquele de Gwair e de Arthur, já não existe, mas "o animal com cabeça de prata" há de ser, provavelmente, o corço branco que procuramos, e o nome do touro com a faixa na cabeça é um dos primeiros segredos bardos que Gwion, em seu *Cyst Wy'r Beirdd* (*Reprovação aos bardos*), escarnece Heinin por não conhecê-lo:

The name of the firmament,
The name of the elements,
And the name of the language,
And the name of the Head-band.
Avaunt, ye bards —

O nome do firmamento,
O nome dos elementos,
E o nome da linguagem,
E o nome da faixa da cabeça.
Passem fora vocês, bardos!

Cerca de cem anos antes que Gwion escrevesse isto, os monges de Glastonbury haviam desenterrado um caixão de carvalho do fundo de pouco mais de cinco metros abaixo do solo. Disseram pertencer a Arthur e falsificaram uma inscrição gótica numa cruz de chumbo de 33 centímetros de comprimento que afirmaram haver encontrado dentro dele e que Geraldo de Câmbria viu e considerou autêntica. Creio que Gwion disse aqui: "Vocês, bardos, pensam que o fim de Arthur foi no caixão de carvalho em Glastonbury. Eu estou mais bem informado." A inscrição diz: "Aqui jaz enterrado o famoso rei Arthur com Guenevere, sua segunda esposa, na ilha de Avalon."

A ironia é que os monges tinham, na verdade, ao que parece, descoberto o corpo de Arthur, ou de Gwyn, ou de qualquer outro que tenha sido o nome original do herói de Avalon. Christopher Hawkes descreve em seu livro, *Prehistoric Foundations of Europe,* esta forma de sepultamento:

> A inumação — e mais raramente o sepultamento depois da cremação em caixões de troncos de árvores — já era praticada em Schleswig-Holstein

momento antes do ano 600. O equivalente latino de *Gutsin* era *vitrinus* e a forma saxônia era *glas*. A palavra designava uma cor que podia ir do azul-profundo ao verde-claro — podia aplicar-se igualmente ao esmalte azul celta e às garrafas de vidro romanas. O castelo de vidro (*glass castle*) das lendas irlandesas, da ilha de Man e do País de Gales pode ser, assim, considerado como uma ilha-santuário de tumbas ou como prisões estelares ilhadas no escuro azul do céu noturno. Contudo, na lenda medieval eles eram feitos de vidro, e sua conexão com a morte e com a deusa-lua preservou-se na superstição popular que afirma que olhar a lua através do vidro traz má sorte.

nos primórdios de sua Idade do Bronze. (...) É provável que o caixão representasse, originalmente, um barco escavado no tronco. A idéia de uma viagem por águas para o outro mundo, bem atestada na Escandinávia, na tardia Idade do Bronze, e continuada na Idade do Ferro até seu auge famoso nos tempos dos víquingues, bem pode ser creditada deste seu início, em última instância, como originária do Egito, através das conexões do Báltico com o Sul, pela rota do âmbar. O mesmo rito do barco ou caixão funerário aparece simultaneamente na Grã-Bretanha em meados do segundo milênio, quando floresce a rota de comércio do mar do Norte, e a cultura "Wessex" penetra ao longo da costa Sul, onde está o cemitério de Hove, que segue este padrão e que é notável por sua afinidade com a Escandinávia, pois lá se achou uma caneca com a asa em âmbar báltico. Contudo, é mais significativo na costa oriental, sobretudo em Yorkshire, onde chegava ao mar, através dos Peninos, a rota irlandesa para o escambo de ouro irlandês pelo âmbar báltico. O exemplo clássico é a tumba de Gristhorpe, perto de Scarborough — um caixão de carvalho com o esqueleto de um velho, com ramos de carvalho e algo sobre ele que lembrava o visco. Mas a recente descoberta da grande sepultura de Loose Howe, nos charcos de Cleveland, de um sepultamento primitivo com três barcos escavados, deve, daqui em diante, liderar a série de exemplos e serve para provar como o mesmo rito tinha influência entre os comerciantes navegadores na costa do mar do Norte entre 1600 e 1400 a.C.

As nove donzelas do caldeirão relembram as nove virgens da ilha de Sein, na Bretanha Ocidental, no início do século V d.C., descritas por Pompônio Mela. Elas eram possuídas por poderes mágicos e podem ter sido abordadas por aqueles que navegaram para consultá-las.[3]

O rei sagrado, assim, é um rei-sol. Na morte, retorna à Mãe Universal, à Branca Deusa-Lua, que o aprisiona no Extremo Norte. Por que o Norte? Porque este é o quadrante do qual o sol nunca brilha e de onde o vento traz a neve. Apenas sóis mortos podem ser encontrados no gélido pólo Norte. O deus-sol nasce no solstício de inverno, quando o sol é mais fraco e chega ao seu extremo meridional. Desta forma, seu representante, o rei-sol, é morto no solstício de verão, quando o sol atinge seu extremo setentrional. A relação entre *Caer* Sidi e *Caer* Arianrhod parece consistir no fato de que o local funerário do rei morto estava numa ilha, num rio ou no mar, onde seu espírito vivia sob a guarda de

[3] A ilha de Sein, que não fica longe do grande centro religioso de Carnac, e que devia estar relacionada com ele, conservou sua reputação de local mágico por muito tempo. Foi o último lugar da Europa a ser cristianizado por jesuítas do século XVII. As mulheres da ilha usam os toucados mais altos da Bretanha Ocidental — as nove sacerdotisas, sem dúvida, usavam iguais — e, até recentemente, tinham fama de atrair os marinheiros por meio de feitiçarias para que suas embarcações naufragassem contra as rochas. Existem dois menires megalíticos na ilha, a qual é inteiramente desprovida de árvores; entretanto, ainda não se fizeram escavações arqueológicas nela.

sacerdotisas oraculares e orgiásticas. Contudo, sua alma partira rumo às estrelas e, assim, lá ficava ele esperançoso e aguardando renascer noutro rei. A presença do caixão de carvalho na ilha de Avalon é uma indicação patente de que o culto de Arthur era uma derivação cúltica do Mediterrâneo oriental, através da rota do âmbar, pelo Báltico e pela Dinamarca, entre 1600 e 1400 a.C.; embora o culto de outros heróis oraculares da Grã-Bretanha e da Irlanda lhe seja, provavelmente, anterior de sete ou oito séculos.

Na Grã-Bretanha, a tradição do castelo em espiral sobrevive na dança pascal do labirinto das aldeias camponesas, sendo os labirintos chamados na Inglaterra de "Cidade de Tróia" e no País de Gales de "*Caer-droia*". Os romanos, possivelmente, deram este nome por causa do jogo de Tróia, uma labiríntica dança da Ásia Menor, dançada por jovens nobres em Roma no início dos tempos imperiais em memória de sua origem troiana. Contudo Plínio relata que, também, as crianças latinas a bailavam. Em Delos era denominada "a dança do grou" e se dizia que relembrava a fuga de Teseu do labirinto. Este folguedo parece ter chegado à Grã-Bretanha trazido do Mediterrâneo oriental por invasores do Neolítico do terceiro milênio a.C., uma vez que se encontram antigos e toscos labirintos, do mesmo padrão do inglês, na Escandinávia e no Nordeste da Rússia. Numa laje perto de Bosinney, em Cornwall, dois labirintos estão talhados; existe outro, cortado num bloco de granito originário de Wicklow Hills, agora no Museu Nacional de Dublin. Esses labirintos também obedecem ao mesmo padrão: o labirinto de Dédalo que aparece em moedas cretenses.

Capítulo 7

A solução do enigma de Gwion

Alguns séculos antes da introdução do abecedário latino na Grã-Bretanha e na Irlanda, lá se empregava um alfabeto gaélico chamado *ogham*. Sua invenção é atribuída, na obra medieval *O livro de Ballymote*, a "Ogma da Face de Sol, filho de Breas" — uma das primeiras divindades dos gaélicos. Segundo Luciano, que escreveu no século II d.C., Ogma era descrito como um Héracles tradicional, com clava e pele de leão, conduzindo uma multidão de prisioneiros amarrados com correntes de ouro que ligavam as orelhas deles à ponta da língua dele. O alfabeto, que consistia em vinte letras — quinze consoantes e cinco vogais —, à primeira vista se parecia com uma linguagem dos dedos para surdos-mudos.

Muitos são os exemplos desse alfabeto achados em antigas inscrições em pedras na Irlanda, na ilha de Man, no Norte e no Sul do País de Gales e na Escócia. Uma dessas encontra-se em Silchester, em Hampshire, capital dos atrebatas, que participaram da segunda invasão da Grã-Bretanha pelos belgas, ocorrida entre a incursão de Júlio César e a conquista de Cláudio. Existem duas versões: a primeira, citada da *History of the Welsh People* de Brynmor-Jones e Rhys; a segunda, da obra do dr. Macalister, *Secret Languages of Ireland*:

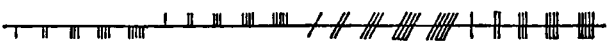
B	L	F*	S	N	B	L	F	S	N
H	D	T	C	Q	H	D	T	C	Q
M	G	NG	FF†	R	M	G	NG	Z	R
	[* pronunciada V]					[† pronunciada F]			

Notar-se-á que estes dois alfabetos são "Q-celtas", ou gaélicos, pois contêm a letra *Q*, mas carecem de *P*. Os gaélicos do continente vieram estabelecer-se no Sudeste da Grã-Bretanha duzentos anos antes das invasões belgas ("P-celtas") vindas da Gália no início do século IV a.C. Acredita-se que a língua comum, na Grã-Bretanha da Idade do Bronze, fosse uma forma arcaica do gaélico, tal como foi na Irlanda. O alfabeto ogâmico citado no *Oxford English Dictionary* (como se houvesse apenas um deles!) difere tanto do de Rhys quanto do dr. Macalister, tendo *M*, *G*, *Y*, *Z*, *R* como sua última linha de consoantes. Contudo, *Y* constitui, sem sombra de dúvidas, um erro no lugar de *NY*, uma grafia variante para *GN*, tal como em *Catalogne*. Ainda em outra versão citada na *Mythology of the*

British Isles, de Charles Squire, a décima quarta letra dada é *ST* e o sinal de *X* é proposto como *P*.

O dr. Macalister prova que, na Irlanda, os caracteres ogâmicos não foram empregados em inscrições públicas até que o druidismo começou a declinar: foram guardados com grande segredo e, quando usados para trocar mensagens entre os druidas, escritos em pedaços de madeira, eram geralmente cifrados. Os quatro grupos, cada qual de cinco caracteres, sugere o doutor, representavam os dedos empregados numa linguagem de símbolos: para formar qualquer letra do alfabeto, bastava que se estendesse o número correspondente de dedos de uma mão, apontando-os em uma das quatro direções diferentes. Porém, este teria sido um método incômodo de sinalizar. Mais rápido, menos evidente e menos trabalhoso teria sido considerar a mão esquerda como um teclado, igual ao de uma máquina de escrever, com as letras marcadas pelas pontas, pelas articulações medianas e pelas bases, bastando, assim, tocar com o indicador da mão direita o ponto correspondente. Nas inscrições, cada letra corresponde a um entalhe, em número de um a cinco, marcados com um cinzel ao longo da borda de uma pedra quadrada; há quatro variedades de talhes, o que compõe as vinte letras. Presumo que o número de talhes numa letra indicava o número do dedo, contando da esquerda para a direita, no qual a letra aparece na linguagem dos dedos enquanto a variedade dos talhes demonstrava a posição da letra no dedo. Havia outros métodos de empregar o alfabeto para propósitos de codificação. O *Livro de Ballymote* refere-se ao *cos-ogham* ("*ogham* da perna"), modo de assinalar sentado, empregando os dedos para imitar o *ogham* escrito, servindo-se da tíbia como a borda onde os talhes eram feitos. No *sron-ogham* ("*ogham* do nariz") o nariz era empregado mais ou menos da mesma forma. Estes métodos alternativos eram úteis para sinalizar através de um cômodo; o método do teclado servia para uma comunicação mais aproximada. Gwion, evidentemente, refere-se ao *sron-ogham* quando menciona, dentre outras coisas, que sabe "por que o nariz é saliente"; a resposta é "para tornar mais fácil a sinalização do *ogham*".

Eis a forma de inscrição do alfabeto, conforme apresentada pelo dr. Macalister:



B L F S N H D T C Q M G NG Z R A O U E I

Além destas vinte letras, eram usadas cinco combinações de vogais na linguagem de surdo-mudo para representar cinco sons estrangeiros. São elas:

Ea Oi Ia Ui Ae

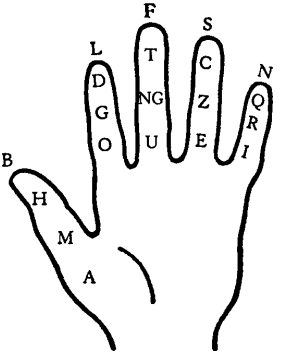
que representavam, respectivamente:

Kh Th P Ph X

Nas inscrições, estas letras recebem caracteres elaborados inteiramente diferentes das demais letras. *Kh* recebia uma cruz-de-santo-andré; o *Th* tinha um losango; o *P*, uma treliça; o *Ph*, uma espiral; e o *X*, uma porta levadiça.

Eis aqui como imagino o teclado dos dedos, com as vogais convenientemente agrupadas no centro:

[Considero este como sendo o teclado composto pelos dedos, tendo as vogais, convenientemente, agrupadas próximas da palma, na base dos dedos.]



Júlio César escreveu, em seu *Comentário sobre a guerra da Gália*, que os druidas empregavam "letras gregas" em seus documentos públicos e na correspondência privada; entretanto, não consignavam sua doutrina na forma escrita "para não vulgarizá-la e, também, para que não se deteriorasse a memória dos doutos". O dr. Macalister assinala que o alfabeto ogâmico, quando se completa com as letras extras, se parece muito com uma forma arcaica, ainda um tanto semita, do alfabeto grego, conhecida como Formello-Cervetri, gravado em dois vasos: um originário de Caere e o outro de Veii, na Itália, datados do século V a.C. As letras são escritas no modo semita, da direita para a esquerda, e começam com A, B, G, D, E. Ele presume que as "letras gregas" empregadas pelos druidas fossem este alfabeto de 26 letras, quatro a mais do que o do grego clássico, embora descartassem uma delas como desnecessária. Acredito que conseguiu demonstrar sua tese.

Mas será que os druidas inventaram sua linguagem dos dedos antes de aprenderem esse alfabeto grego? O dr. Macalister pensa que não, e eu concordaria com ele, não fosse por duas considerações significativas:

1ª) A ordem das letras, no alfabeto ogâmico, é completamente diferente do grego: seria de esperar que os druidas seguissem de perto a ordem original, caso esta tivesse sido a primeira experiência deles na grafia dos fonemas.

2ª) Por que razão, se as cinco letras estrangeiras faziam parte desde o início do ogâmico, elas não se integravam com as demais quando na forma de incisões? Teria sido simples atribuir-lhes os seguintes traços:

Ea	Oi	Ia	Ui	Ae
[Kh	Th	P	Ph	X]

Por que motivo, pois, no alfabeto dos dedos, elas não foram expressas com a equivalência mais próxima de combinação de consoantes — *CH* por *Kh*, *CS* por *X* e assim por diante —, mas, ao contrário, foram expressas alusivamente por uma combinação de vogais?

Entende-se, facilmente, a partir do diagrama dos dedos acima traçado que as combinações de vogais sejam alusivas. A fim de expressar o som *Kh* da letra grega *chi*, os druidas empregavam a combinação latina do *C* e do *H*, mas expressavam isto, alusivamente, por *Ea*, como referência ao quarto dedo, o dedo da letra *E*, onde também se marcava a letra *C*, e ao polegar, o dedo do *A*, onde ocorria a letra *H*. Da mesma forma, para o *X*, pronunciado "*CS*", eles empregavam o dedo do *E*, onde se assinalava, igualmente, o *C* e o *S*, mas introduziram isto com o dedo do *A*, no qual ocorria a letra *H*, que é muda e serve de mero auxiliar nas línguas celtas, sendo seu emprego, aqui, apenas para configurar uma combinação de duas vogais, *A* e *E*. O *Th* é grafado como *Oi* e o *Ph* como *Ui*, porque *Th* é uma variação aguda de *D* (como *theos*, em grego, corresponde a *deus*, em latim) e porque *Ph* é uma variação sonora de *F* (assim como *phegos*, em grego, corresponde ao latim *fagus*, "faia"). *D* ocorre no dedo do *O* e do *F*, no dedo do *U*; assim, para diferenciar *Th* de *D* e *Ph* de *F*, faz-se uma combinação de *I* e *O*, no primeiro caso, e de *I* e *U*, no segundo — sendo *I*, em irlandês, empregado como uma indicação da agudeza do som. Finalmente, *P* se escreve *Ia*, porque *B*, que era originalmente pronunciado *P* nas línguas celtas — o galês ainda confunde, por hábito, os dois sons —, ocorre no dedo do *A*; sendo *I* uma indicação de que *P* é distinto de *B* nas línguas estrangeiras.

Disto concluo que as vinte letras do alfabeto ogâmico existiram, por muito tempo, antes que o alfabeto Formello-Cervetri fosse importado da Grécia para a Itália e que os druidas galenses somassem a elas as cinco letras estrangeiras com tanto desdenho a ponto de negar-lhes qualquer participação no sistema. O que complica o fato é que a antiga palavra irlandesa para alfabeto é "Beth-Luis-Nion", o que sugere ter sido a ordem original das letras no ogâmico B L N, embora se tenha convertido em B L F antes que se levantasse o interdito das inscrições. Além disto, a tradição irlandesa, normalmente aceita, dizia que o alfabeto tinha origem na Grécia e não na Fenícia, tendo sido trazido para a Irlanda através da Espanha e não da Gália. Spenser recorda isto em sua obra *View of the Present State of Ireland* (1596): "Parece que receberam (as letras) da nação que saiu da Espanha."

Os nomes das letras do alfabeto B L F são fornecidos por Roderick O'Flaherty, no século XVII, em sua *Ogygia*, baseando-se na autoridade de Duald Mac Firbis, um bardo da família dos O'Brien que tivera acesso a velhos registros, como se segue:

B	BOIBEL	M	MOIRIA
L	LOTH	G	GATH
F[V]	FORANN	Ng	NGOIMAR
N	NEIAGADON	Y	IDRA
S	SALIA	R	RIUBEN
H	UIRIA	A	ACAB
D	DAIBHAITH (DAVID)	O	OSE
T	TEILMON	U	URA
C	CAOI	E	ESU
CC	CAILEP	I	JAICHIM

Quando escrevi ao dr. Macalister, considerado a maior autoridade viva em *oghams*, ele argumentou que eu não deveria levar a sério os alfabetos de O'Flaherty: "Parecem-me todos de invenção tardia, ou melhor, pedantismos de tão pouca importância quanto as afetadas produções de *sir* Piercie Shafton." Ignorei este alerta com toda a razão, pois minha hipótese está construída sobre esse alfabeto de O'Flaherty. A autoridade do dr. Macalister é suficientemente grande para proteger todos aqueles que acreditarem que estou escrevendo absurdos. Contudo, o argumento deste livro começou com a presunção de que Gwion estava escondendo um segredo alfabético em seu poema de enigmas. E as respostas aos enigmas, salvo engano de minha parte — embora "Morvran" e "Moira", "Ne-esthan" e "Neiagadon", "Rhea" e "Riuben" não pareçam encaixar-se muito bem —, aproximam-se tanto do Boibel-Loth que me sinto justificado ao supor que O'Flaherty estava registrando uma tradição genuína, que remontava, pelo menos, ao século XIII d.C. e que as respostas aos enigmas até agora insolúveis hão de encontrar-se no nome das letras Boibel-Loth até aqui desconsideradas.

Podemos dar início à segunda parte de nosso procedimento para decifrar os enigmas de Gwion colocando Idris no 14º lugar como equivalente de Idra e removendo o *J* de José (Joseph) e de Jesus (Jesu), nenhum dos quais — como Gwion, instruído em hebraico, bem poderia saber — originalmente se iniciava por *J*. Em seguida, como eram facilmente confundidos, troca-se de lugar Uriel e Hur — pois o irlandês medieval, havia muito, já perdera o *H* aspirado, o que motivava a confusão. Assim, se as respostas aos enigmas ainda sem solução devem estar nas letras não utilizadas do Boibel-Loth, isto nos deixa com ACAB e com JAICHIM além de cinco enigmas sem solução:

> Estive no trono do Distribuidor,
>
> Eu era loquaz antes de receber o dom do discurso;
>
> Sou o Alfa *Tetragrammaton*.
>
> Sou uma maravilha cuja origem é desconhecida.
>
> Até o Dia do Juízo estarei sobre a face desta terra.

"Moiria", o equivalente no Boibel-Loth a "Morvran", sugere "Moreh" ou "Moriah", lugares estes nos quais Iahweh, no Gênesis, estabelece uma aliança com Abraão, concedendo-lhe e a sua prole um domínio eterno. Outro nome para Moriah é monte Sião e, em Isaías 18, 7 este é mencionado como o trono do Senhor dos Exércitos que "dispersa, distribui e pisoteia". "Moira" sugere ainda a palavra grega *moira* (parte, lote ou distribuição). Se "Moriah" é a solução do primeiro dos cinco enigmas sem solução, será preciso reuni-lo com "Fui bardo de harpa de Deon of Lochlyn"; e devemos dar crédito à erudição de Gwion, interpretando a palavra como significando Mor-Iah ou Mor-Jah, "o deus do mar", sendo a palavra "Mor", em galês, equivalente ao hebraico "Marah" ("mar salgado"). Na verdade, Gwion está identificando o deus hebreu Jah com Bran, que era uma divindade do cereal, bem como um deus-amieiro. A identificação justifica-se. Um dos mais antigos deuses adorados em Jerusalém e, mais tarde, incluído no sintético culto de Iahweh era a divindade Tamuz, da colheita, a quem os primeiros frutos dos cereais eram trazidos de Belém (Beth'lehem, "A Casa do Pão"). Os autóctones de Jerusalém ainda pranteavam por ele, nos dias de Isaías, durante a Festa dos Pães Ázimos, havendo até mesmo, em Belém, segundo Jerônimo, um bosque que lhe era consagrado. Há que se relembrar que o Templo fora construído na "eira de Araúna", que soa estranhamente como Arawn. Além disso, o corvo de Bran era igualmente consagrado a Iahweh. É ainda mais conclusiva a reivindicação de Iahweh sobre a consagração do sétimo dia a ele. No sistema astrológico da época, a semana era dividida entre o Sol, a Lua e sete planetas. Os sabianos de Harran, na Mesopotâmia, que tinham origem egéia, colocavam os dias sob a regência de sete divindades, na ordem ainda hoje usada na Europa: Sol, Lua, Nergal (Marte), Nabu (Mercúrio), Bel (Júpiter), Beltis (Vênus) e Cronos (Saturno). Assim, Iahweh, a divindade para quem o dia mais sagrado é o sábado, deve ser identificado com Cronos, ou Saturno, que é Bran. Devemos acreditar que Gwion compreendesse isto e que também soubesse que Uriel e Uriah são a mesma palavra, sendo El e Iah nomes intercambiáveis da divindade hebraica.

O nome divino de *Alpha*, escrito com quatro letras, resulta ser "Acab", na lista dos nomes das letras proposta por O'Flaherty, o que indica *Achab* (*Ahab*), rei de Israel, nome que tinha também o profeta que aparece nos *Atos dos Apóstolos* como "Agabo". É este nome *Agabo* que explica o enigma secundário: "Eu era loquaz antes de receber o dom do discurso." Agabo — que, segundo o pseudo Doroteu, era um dos setenta discípulos — aparece mencionado duas vezes nos *Atos dos Apóstolos*. Na primeira menção (Atos 11), vaticinou, pelo Espírito, uma grande fome. Gwion pretende compreender *significou* (vaticinou) por *Agabo fez sinais*, quer dizer, profetizou com gestos; naquela ocasião, no entanto, no capítulo 21 do Livro dos Atos, disse em voz alta: "Isto disse o Espírito Santo." Porém, Achab não é um nome divino; em hebraico significa, apenas, "irmão do pai, tio". Não obstante, Acab, em hebraico, significa "gafanhoto" e o gafanhoto de ouro era, entre os gregos da Ásia Menor, um símbolo

divino de Apolo, o deus-sol.[1] Gwion, noutro poema do *Romance*, chamou *Divregwawd Taliesin*, dando a Jesus o título de "Filho de *Alpha*". Sendo Acab o equivalente de Alpha em grego, isto equivale a fazer de Jesus filho de Acab e, como Jesus é filho de Deus, o fato torna Acab um sinônimo de Deus.

Quanto a "Jaichim" ou "Jachin", este era o nome de um daqueles dois misteriosos pilares do Templo de Salomão, sendo o outro denominado "Boaz". (Os rabinos ensinavam que Boaz significava "nele a força" e que Jachim *yikkon* significava "ele estabelecerá" e que ambas as colunas simbolizavam, respectivamente, o Sol e a Lua. A franco-maçonaria parece ter herdado esta tradição.) Isto levou Salomão a erigir dois pilares, um de cada lado da fachada do Templo, respectivamente denominados: "Boaz" — uma palavra que eruditos em hebraico supõem que já tivera um *L* no meio dela — e "Jachim"; esta questão não deve nos preocupar por enquanto. Tudo que devemos notar é que Jachim constitui a última letra deste alfabeto e que o *I* na mitologia celta representa a letra da morte, associada com o teixo. Assim, "Jaichim" consiste num sinônimo para a morte — Eurípides em seu *Héracles furioso* emprega a mesma palavra *iachema* para expressar o silvo mortal de uma serpente. O modo como a morte se introduziu no mundo e o que virá depois dela sempre foram os grandes temas da discussão religiosa e filosófica. A morte há de permanecer sempre na Terra, segundo o dogma cristão, até o Dia do Juízo.

Eis aqui, pois, o grande jogo de palavras de Taliesin, desmontado, peça por peça, e recolocadas em nova ordem, com a resposta depois de cada enigma:

Fui a torre de cuja construção Nimrod foi o responsável. *Babel*

Assisti à destruição de Sodoma e de Gomorra. *Lota ou Lot*

Estive na corte de Dôn antes do nascimento de Gwydion; minha cabeça estava na Colina Branca, na grande sala de Cimbelino; e não se sabe se meu corpo é carne ou peixe. *Vran*

Estive ao lado de Maria Madalena no local da crucifixão do misericordioso Filho de Deus. *Salomé*

Fui a bandeira levada à frente de Alexandre. *Ne-esthan*

Fortaleci Moisés, na terra da Divindade. *Hur*

Estava em Canaã quando Absalão foi trucidado; tenho as asas do gênio do esplêndido báculo. *Davi*

[1] Talvez, originalmente, fosse um emblema de destruição emprestado da deusa-lua, a quem, conforme sabemos pelas histórias bíblicas de Rahab e Tamar, o fio escarlate estava consagrado; pois três gafanhotos e um fio escarlate são mencionados na obra etíope *Kebra Nagast* como acessórios mágicos por meio dos quais a filha do faraó seduziu o rei Salomão. O mito de Títono e Aurora, provavelmente, derivou de uma interpretação errônea sobre uma pintura sagrada em que a deusa-lua aparece de mãos dadas com Adônis, ao lado de um sol levante como emblema de sua juventude e de um gafanhoto como símbolo da destruição que o aguardava.

Sou o principal chefe dos bardos de Elphin, que esteve a troncos e grilhões por um ano e um dia. No princípio fui o pequeno Gwion e obtive minha inspiração do caldeirão de Cerridwen. Depois, por nove meses estive no ventre de Cerridwen. Por fim me tornei Taliesin. Fui chamado "Joannes"; Merlin, o adivinho, e Elias, mas, no final, todo rei há de chamar-me Taliesin. Sou capaz de instruir o universo inteiro. *Taliesin*

No início estava com meu Senhor na mais alta da esferas e, depois, estive em sua dispensa. *Kai*

Conduzi o Espírito Divino através do Jordão até o nível do vale de Hebron. *Caleb*

Fui o Trono do Distribuidor; fui menestrel dos daneses de Lochlin. *Moriah*

Criaram-me na Arca e fui mestre de todas as inteligências. *Hu Gadarn*

Estive uma vez na Índia e na Ásia. E agora vim até aqui para os remanescentes de Tróia. *Gomer*

Sentei-me numa cadeira desconfortável; conheço o nome das estrelas de Norte a Sul; meu país de origem é a terra do Querubim, a região das estrelas estivais. *Idris*

Estive no firmamento da Galáxia quando Roma foi construída e girava imóvel entre três elementos *Rhea*

Era loquaz antes mesmo que me dessem a fala; sou Alfa *Tetragrammaton*. *Acab*

Estive com meu Rei na manjedoura do asno. *José*

Sobre a queda de Lúcifer nas profundas do inferno, instrui Enoque e Noé; estive na garupa do cavalo de Enoque e de Elias. Também estive em Caer Bedion. *Uriel*

Passei fome com o filho da Virgem; estive na alta cruz na terra da Trindade; passei três períodos no castelo de Arianrhod, acima do castelo de Sidhe. *Jesus*

Sou um prodígio cuja origem é desconhecida. Permanecerei na face da terra até o Dia do Juízo. *Jachim*

Assim, parece que a resposta ao jogo de palavras é um alfabeto bardo que se assemelha ao de O'Flaherty, mas com *Morvran* por *Moira*; *Ne-esthan* por *Neiagadon*; *Rhea* por *Riuben*; *Salomé* por *Salia*;[2] *Gadarn* por *Gath*; *Uriel* por *Uria* e *Taliesin* por *Teilmon*.

[2] Encontrei, na Biblioteca dos Advogados, em Edimburgo, uma versão manuscrita de *Hearings of the Scholars*, onde aparece *Salamon* como o nome correspondente a esta letra.

Isto pode parecer um anticlímax. Além de estabelecer que Boibel-Loth é, em todo caso, tão antigo quanto *O livro vermelho de Hergest*, que, por sua vez, data do século XIII e no qual se encontra o *Hanes Taliesin*, e de que não se trata de mero pedantismo ou artificialidade de O'Flaherty, o que é que se pode aprender com isto?

Pois bem: na época em que O'Flaherty publicou o alfabeto, já se havia perdido, evidentemente, o segredo de seu significado e parecia não haver motivo algum para continuar ocultando o nome das letras. É verdade que, muito antes, se publicara uma cartilha bárdica do século X. Porém, podemos estar seguros de que Gwion, com seu cão, seu corço e seu abibe não teriam chegado a extremos tão extravagantes ao confundir os elementos de seu enigma, caso sua solução não se tratasse de algo realmente secreto, algo cuja importância era imensamente maior do que um simples abecedário. Contudo, a única esperança de fazer progressos na empreitada reside em descobrir qual o significado que tinham as letras do alfabeto, além de serem nomes próprios a elas ligados pelo enigma. Será que elas indicam uma fórmula religiosa secreta?

* * *

Uma vez resolvido esse grande quebra-cabeça, descobri que havia lido errado o enigma: "*I was chief overseer of the work of the Tower of Nimrod*" ("Fui engenheiro-chefe na obra da torre de Nimrod"), não obstante tivesse chegado a uma resposta correta. Refere-se a uma passagem de *Hearings of the Scholars*, na qual "a obra da torre de Nimrod" vem explicada como a pesquisa lingüística realizada ali (ver o Capítulo 13) por Feniusa Farsa e seus 72 estudantes. Diz-se que a torre fora construída com nove materiais diferentes:

Clay, water, wool and blood
Wood, lime, and flax-thread a full twist,
Acacia, bitumen with virtue —
The nine materials of Nimrod's Tower.

Argila, água, lã e sangue,
Madeira, cal e um rolo de fio de linho,
Acácia, betume com virtude:
Os nove materiais empregados na torre de Nimrod.

E estes nove materiais são poeticamente explicados como:

Noun, pronoun, [adjective], verb,
Adverb, participle, [preposition],
Conjunction, interjection.

Substantivo, pronome, [adjetivo], verbo,
Advérbio, particípio, [preposição],
Conjunção, interjeição.

Explica-se que foram estes 25 mais nobres, dentre os 72 assistentes que trabalharam na linguagem, que deram seus nomes ao alfabeto ogâmico. Esses nomes são os seguintes:

BABEL	MURIATH
LOTH	GOTLI
FORAIND	GOMERS
SALIATH	STRU
NABGADON	RUBEN
HIRUAD	ACHAB
DABHID	OISE
TALAMON	URITH
CAE	ESSU
KALIAP	IACHIM

ETHROCIUS, UIMELICUS, IUDONIUS, AFFRIM, ORDINES

Há de notar-se que a lista está um tanto degenerada, com Hiruad (Herodes) no lugar de Hur e Nabgadon (Nabucodonosor), por Ne-esthan. Os últimos cinco nomes representam as "letras estrangeiras" ausentes do cânon original. O engenheiro-chefe ou supervisor-geral do enigma não é, como se poderia suspeitar, Feniusa Farsa, nem algum de seus dois assistentes-chefes, Gadel e Gaoith, mas sim Babel. Com efeito, está bem explicado na mesma parte do livro que Babel é a letra *B*, que *Birch* (bétula ou vidoeiro) é sua árvore e que foi "numa vara de bétula que se registrou a primeira inscrição ogâmica na Irlanda, tratava-se de sete *bês* talhados como aviso a Lug, filho de Ethliu, que dizia: "Tua mulher será separada de ti por sete vezes e mandada ao país das fadas, ou a alguma outra parte, a menos que o vidoeiro seja seu organizador." Lug compreendeu que os sete *bês* representavam o vidoeiro sete vezes repetido; porém, para que a mensagem tivesse sentido teve de converter os sete *bês* representados por traços únicos nas outras letras do mesmo entalhe, ou seja, em *S* (quatro entalhes) e *F* (três entalhes), iniciais das palavras operativas irlandesas *sid* e *ferand*.

Este enigma é uma prova conclusiva, se alguma dúvida ainda restasse, de que Gwion conhecia a ciência dos bardos irlandeses de sua época.

Capítulo 8

Héracles sobre o lótus

Façamos um resumo do argumento histórico.

"Gwion", um clérigo do Norte do País de Gales, em fins do século XIII, cujo verdadeiro nome permanece desconhecido, mas que representou os menestréis populares contra os bardos de corte, escreveu (ou reescreveu) um romance sobre miraculosa criança que detinha uma doutrina secreta que ninguém podia adivinhar. Esta doutrina está incorporada numa série de poemas místicos que fazem parte do romance. A história se baseia num original ainda mais primitivo, datado do século VIII d.C., no qual Creirwy e Afagddu, filhos de Tegid Voel e Caridwen, provavelmente desempenhavam um papel mais importante do que na versão de Gwion. (Este original foi perdido, embora, por estranho que pareça, as mesmas *dramatis personae* ocorram em *A tempestade*, de Shakespeare: Próspero, que, como Tegid Voel, vivia numa ilha mágica; a bruxa negra e estridente Sycorax, "*Pig Raven*", mãe de Caliban, o homem mais feio do mundo; Miranda, filha de Próspero, era a mulher mais bela, a quem Caliban tenta violentar; Ariel, a criança miraculosa que Sycorax mantém presa. Talvez Shakespeare tenha ouvido a história de seu professor galense em Stratford, que serviu de modelo a *sir* Hugh Evans, de *As alegres mulheres de Windsor*.)

A criança miraculosa compôs um enigma baseado num conhecimento não apenas das mitologias irlandesa e britânica, mas do Novo Testamento em grego e da Septuaginta, das Escrituras hebraicas e dos apócrifos, além da mitologia greco-latina. A resposta ao enigma configura uma lista de nomes que correspondem de perto àquela que Roderick O'Flaherty, confidente do erudito arqueólogo irlandês Duald Mac Firbis, no século XVII, afirmava constituir os nomes originais do alfabeto ogâmico, encontrado em numerosas inscrições na Irlanda, na Escócia, no País de Gales, na Inglaterra e na ilha de Man, algumas delas datando da era pré-cristã. Sua invenção é atribuída, pela tradição irlandesa, ao deus gaélico Ogma, o que tem a face de sol, o qual, segundo relato feito por Luciano de Samósata, escritor do século II d.C., era representado, na arte celta, como mistura dos deuses Cronos, Héracles e Apolo. Ficou provada uma ligação entre as inscrições ogâmicas encontradas e um abecedário grego do século V a.C. da Etrúria, conhecido como alfabeto Formello-Cervetri. Não obstante, há evidências de que uma forma mais antiga de *ogham*, com pequena divergência quanto à ordem da letras, fosse de uso corrente na Irlanda antes que os druidas da Gália tivessem conhecimento do alfabeto Formello-Cervetri. Este

pode também ter tido emprego corrente na Grã-Bretanha, onde, segundo Júlio César, os druidas da Gália iam fazer sua formação universitária nas doutrinas secretas.

A primeira vez que suspeitei haver um alfabeto contido no quebra-cabeça de Gwion foi quando comecei a restaurar o texto propositalmente embaralhado de *A batalha das árvores*, que se refere a uma arcaica tradição britânica sobre a captura de um santuário oracular pela adivinhação do nome da divindade. Esta conquista parece ter ocorrido no início do século IV a.C., quando os bretões belgas, adoradores do deus-freixo Gwydion, com a ajuda de uma tribo agrícola já assentada na Grã-Bretanha, tomaram o santuário nacional, talvez Avebury, das mãos do sacerdócio reinante, dentre cujas divindades estavam Arawn e Bran, sendo este último o nome celta para o antigo deus-corvo, conhecido também como Apolo, Saturno, Cronos e Esculápio, que era, igualmente, um deus da cura, cujo culto se tinha combinado com aquele do deus-trovão, pintado como um carneiro ou um touro e conhecido com nomes vários, como Zeus, Tântalo, Júpiter, Télamon e Héracles. Os nomes das letras do alfabeto de Gwion, aparentemente, selavam o nome do deus transcendente, ao qual César denomina Dis e que era adorado na Grã-Bretanha e na Gália. Pode-se inferir que o alfabeto mais antigo, que escondia um segredo religioso anterior aos belgas, tinha, para os nomes das letras, uma série diferente daquela contida no quebra-cabeça de Gwion, ou seja, a ordem alfabética começava por *B L N* e não por *B L F*, e que, depois da queda do santuário, o nome da divindade foi transformado.

Agora, permanece ainda por ser descoberto:

1) O que significavam os nomes das letras no alfabeto de Gwion, o Boibel-Loth.
2) Qual o nome divino que se escondia nelas.
3) Quais seriam os nomes originais das letras no alfabeto das árvores, o Beth-Luis-Nion.
4) Quais eram os significados deles.
5) Que nome divino estaria selado neles.

Gwion nos fornece um primeiro indício para nossa reiniciada caçada ao corço quando introduz em seu *romance* uma *Elegia sobre Hércules*, a qual citarei em breve; contudo, "Hércules" é uma palavra de muitos significados. Cícero distingue seis diferentes figuras lendárias chamadas Hércules; Varro, 44. Seu nome, em grego, é *Héracles*, que significa "Glória de Hera". Na Grécia arcaica, Hera era o nome da deusa da morte, que se encarregava das almas dos reis sagrados e os transformava em heróis oraculares. Ele é, na verdade, uma divindade composta, que consiste num grande número de heróis oraculares de diferentes nações em etapas diversas de desenvolvimento religioso. Alguns dentre os "Héracles" tornaram-se verdadeiros deuses, enquanto outros permaneceram heróis. É isto que o transforma no personagem mais surpreendente da mitolo-

gia clássica; pois o semi-histórico Pélops, príncipe da geração que precedeu a guerra de Tróia, foi confundido com diferentes heróis e deuses chamados Héracles, os quais, por sua vez, foram confundidos uns com os outros.

Héracles aparece, primeiramente, na mitologia, como um rei sagrado e, talvez porque os pastores recebam com regozijo o nascimento de cordeiros gêmeos, ele é também um gêmeo. Suas características e sua história podem ser deduzidas de uma massa de lendas, de costumes folclóricos e de monumentos megalíticos. Ele é o fazedor de chuva de sua tribo e uma espécie de tempestade humana de trovões. Lendas o ligam à Líbia e às montanhas Atlas. Sua origem pode muito bem remontar ao Paleolítico. Os sacerdotes de Tebas, no Egito, que o chamavam de "Shu", datavam sua origem em "17 mil anos antes do reinado do rei Amásis". Ele carregava uma maça de carvalho, porque este, mais do que qualquer outra árvore, atrai os raios e porque fornece bolotas para os animais e para as pessoas. Seus símbolos são a bolota, a pomba silvestre, que faz ninho em seus galhos e nas frestas das rochas; o visco, ou *loranthus*, e a serpente. Todos estes são símbolos sexuais. A pomba era consagrada à deusa do amor da Grécia e da Síria; a serpente é o mais arcaico dos animais totêmicos fálicos; a bolota em forma de taça representa a *glans penis*, tanto em grego quanto em latim; o visco era uma panacéia universal, e seus nomes *viscus*, em latim, e *ixias*, em grego, estão ligados com *vis* e *ischus*, palavras que significam força – provavelmente por causa da espermática viscosidade de seus frutos, sendo o esperma o veículo da vida. Este Héracles é o líder macho de todos os ritos orgiásticos e se faz acompanhar de doze companheiros arqueiros, incluindo seu gêmeo lanceiro, que é seu *tanist* ["substituto imediato ou representante"]. Ele realiza a cada ano um casamento bucólico com uma rainha dos bosques, uma espécie de Virgem Mariana. Trata-se de um poderoso caçador, capaz de provocar chuva quando é preciso, fazendo ressonar uma clava de carvalho num pé oco desta mesma essência e aspergindo água com um ramo desta árvore; ressonando cascalho dentro de uma espécie de cabaça (*colocinth-gourd*) ou, mais tarde, sacudindo pedras de meteoritos dentro de uma caixa de madeira, atraindo, assim, tempestades com trovoadas por meio de magia mimética.

As circunstâncias de sua morte podem ser reconstituídas a partir de uma variedade de lendas, de costumes folclóricos e de outras reminiscências religiosas. No solstício de verão, no final de um reinado de meio ano, Héracles era embriagado com hidromel e colocado no centro de um círculo de doze pedras dispostas em torno de um carvalho, em frente do qual se erigia um altar de pedra. O carvalho era podado até que tomasse a forma de um *T*. Amarravam-no ao lenho com tiras de salgueiro, formando um laço quíntuplo,[1] o qual liga juntos punhos, pescoço e tornozelos. Seus camaradas o espancavam até que

[1] O mercador árabe Suleyman, em 851 d.C., relata que os chineses empregavam este laço quíntuplo. Ele escreve que "quando um homem fora condenado à morte e atado desta maneira e, depois, surrado com determinado número de golpes, seu corpo, ainda respirando fracamente, era abandonado aos que o deveriam devorar".

desmaiasse, depois era esfolado, cegado, castrado, empalado com uma estaca de visco e, finalmente, posto no altar de pedra onde o esquartejavam. Seu sangue era recolhido numa gamela e usado para aspergir a tribo, a fim de tornar a todos vigorosos e fecundos. Os pedaços eram assados em duas fogueiras de ramos de carvalho acesas com aquele fogo sagrado, obtido quer de um carvalho que tivesse sido incendiado por um raio, quer em decorrência da fricção de um pedaço de amieiro ou de cornácea num cepo de carvalho. Logo destrinchavam o tronco, que talhavam em pedaços que se atiravam às chamas. Os doze companheiros se envolviam numa dança selvagem em forma de oito, em torno de ambas as fogueiras, cantando possessos e estraçalhando a carne do Héracles com os dentes. Os restos sangrentos eram consumidos pelo fogo, com exceção da genitália e da cabeça. Estas partes eram colocadas num barco feito de amieiro que deixavam flutuar até alguma ilhota; entretanto, às vezes, a cabeça era ressequida por defumação e conservada para fins oraculares. O companheiro imediato da vítima, o *tanist*, a sucede e reina durante o resto do ano até que seja sacrificado por um novo sucessor.

A este tipo de Héracles pertencem diversos personagens, tais como o Héracles de Eta; Órion, o caçador cretense; Polifemo, o Ciclope; Sansão, o danita; Cuchulain, de Muirthemne, o herói solar irlandês; Íxion, o Lápita (sempre representado amarrado a uma roda solar por uma ligadura de nó quíntuplo); Agag, o amalecita; Rômulo, de Roma; Zeus; Jano; Anquises; o Dagda e Hermes. Héracles é o líder de seu povo na guerra e na caça e seus doze lugares-tenentes estão comprometidos a respeitar sua autoridade; porém, seu nome comemora sua subordinação à Deusa, à Rainha dos Bosques, cuja sacerdotisa é a legisladora da tribo e aquela que provê todas as amenidades da vida. A saúde do povo está vinculada a ele, que, por sua vez, está sobrecarregado de numerosos tabus régios.

No mito clássico que sanciona sua soberania, trata-se de uma criança miraculosa, nascida de uma chuva de ouro, que estrangula uma serpente em seu berço, que também é um barco, e lhe imputam (como a Zeus) ter provocado o jorro de leite que delineou a Via Láctea. Como jovem homem, é o invencível matador de monstros de sua época, mata e desmembra um javali monstruoso. Tem incontáveis filhos, mas nenhuma filha — o título é ainda de linhagem matriarcal. De boa vontade, libera o gigante Atlas do fardo do mundo; realiza feitos maravilhosos com sua clava de carvalho e suas flechas; doma o cavalo selvagem Aríon e tira o cão Cérbero do inferno. É traído por sua bela esposa; enforca a si próprio na tentativa de retirar a túnica envenenada; agonizante, sobe até o cume do monte Eta, onde abate e retalha um carvalho para sua própria pira; é consumido pelo fogo, sobe aos céus na fumaça, em forma de uma águia, e a deusa da sabedoria o introduz ao convívio dos imortais.

Os nomes divinos Bran, Saturno e Cronos também devem referir-se a este primitivo sistema religioso. Eles são dados ao espírito de Héracles, que parte no barco de amieiro, depois de seu sacrifício no solstício de verão. Seu lugar-tenen-

te ou outro dele próprio – que aparece na mitologia grega como Poeas, aquele que acendeu a pira funerária de Héracles e herdou suas flechas – sucede-o pela segunda metade do ano e adquire a virtude real por casar-se com a rainha, a representante da Deusa Branca, e por comer alguma parte nobre do corpo do homem morto – o coração, o ombro ou a coxa. Por seu turno, este é sucedido pelo Héracles do Ano-Novo, uma reencarnação do homem assassinado que o decapita e, ao que parece, come a sua cabeça. Este sacrifício eucarístico alternado torna contínua a realeza, sendo cada rei, por sua vez, o deus-Sol amado da deusa-Lua reinante.

Contudo, quando estes ritos canibalescos foram abandonados e o sistema foi gradualmente modificado até que um único rei reinasse por um período de anos, Saturno-Cronos-Bran se tornou um mero fantasma do Ano-Velho, permanentemente deposto por Júpiter-Zeus-Belin, embora anualmente conjurado para ser aplacado nas Saturnálias ou festas natalinas. E aqui, finalmente, podemos adivinhar o motivo político por trás da traição de Amathaon ao revelar o nome de seu primo Bran, em *A batalha das árvores*, em benefício de seu amigo Gwydion. Teriam os amatonianos (emateus) da Idade do Bronze, que adoravam o imortal Belin em seu templo de Stonehenge, descoberto que tinham menos em comum com seus senhores, que adoravam a Deusa Branca, do que com as tribos invasoras belgas da Idade do Ferro, cujo deus Odin (Gwydion) já se havia emancipado da tutela da Deusa Branca Freya? Uma vez que o sacerdócio de Bran fora banido da planície de Salisbury e se dirigira rumo ao Norte, eles estavam livres para instituir um permanente reinado masculino sobre todo o Sul da Grã-Bretanha, sob o patrocínio de Belin. Isto parece ter sido exatamente o que fizeram, depois de um amistoso acordo com o sacerdócio de Odin, a quem entregaram o controle do oráculo nacional como recompensa por sua ajuda na batalha.

O próximo tipo de Héracles é um rei agricultor, tanto quanto pastor, especializado no cultivo da cevada, razão por que é, às vezes, confundido com Triptólemo de Elêusis, com o sírio Tamuz ou o egípcio Maneros. Antigas representações suas, como a pele de leão, a clava e o grão brotando de suas costas, foram encontradas em cidades da Mesopotâmia do terceiro milênio a.C. No Mediterrâneo oriental ele reina alternadamente com seu gêmeo, como no duplo reino de Argos, Lacedemônia, Corinto, Alba Longa e Roma. Co-reis deste gênero de diarquia são: Íficles, gêmeo do Héracles tirreno; Pólux, gêmeo de Castor; Linceu, de Idas; Calais, de Zetes; Remo, de Rômulo; Demofonte, de Triptólemo; o edomita Peres, gêmeo de Zarah; Abel, gêmeo de Caim; além de muitos outros. Héracles é agora amante de cinqüenta sacerdotisas da água da deusa-montanha em honra da qual veste uma pele de leão. A dupla de gêmeos tem seu reinado fixado em oito anos, aparentemente, porque a cada centésimo mês lunar ocorre uma brusca aproximação dos tempos solar e lunar. Llew Llaw Gyffes ("o Leão de Mão Firme") é fiel ao tipo, quando no *Romance of Math the Son of Mathonuy* leva Gwydion como seu gêmeo a visitar sua mãe, Arianrhod. Para cada ano que

o reino desse Héracles agrícola é prolongado, ele oferece, para sacrifício, em seu lugar, uma criança como vítima. Isto explica as lendas gregas de Héracles matando crianças por acidente ou num ataque de fúria; bem como a destruição pelo fogo, depois de uma temporária investidura como rei, de vários príncipes jovens e desafortunados, dentre os quais Gwern, sobrinho de Bran; Faetonte, filho de Hélios; Ícaro, filho de Dédalo, que, voando, aproximou-se muito do sol; Demofonte, filho de Celeus de Elêusis, a quem Deméter estava tentando imortalizar, e Dioniso, filho do Zeus cretense. Isto também explica os sacrifícios infantis da Fenícia, incluindo aqueles oferecidos a Iahweh-Melkarth no vale de Hinom (ou Geena), casa da serpente imortal, onde o fogo sacrificial nunca se apagava.

O costume de queimar uma criança como substituto anual do rei sagrado tem um bom exemplo no mito de Tétis, Peleu e Aquiles. Peleu era um aqueu fratricida exilado de Egina, que chegou a ser rei de Iolco junto ao co-rei Acasto, em sucessão à diarquia de Pélias e Neleu. Tétis, uma deusa do mar da Tessália, é descrita pelos mitógrafos como a filha de Quirão, o Centauro, ou como uma das cinqüenta Nereidas, dentre as quais fora escolhida para ser esposa de Zeus. Este mudou de idéia por causa de um oráculo e a deu em casamento a Peleu, de quem ela teve sete filhos, seis dos quais matou no fogo. O sétimo era Aquiles, que foi salvo por Peleu, em cima da hora, como o infante Esculápio. Os seis primeiros receberam a imortalidade pelo ato da cremação; com Aquiles o processo não havia terminado – seu calcanhar continuava vulnerável. Tétis fugiu e Peleu entregou Aquiles a Quirão, que cuidou dele; mais tarde, Aquiles governou sobre os mirmidões de Ftiótida e levou um contingente deles para lutar em Tróia. Quando lhe foi oferecida a escolha entre uma vida breve, mas gloriosa, ou uma vida longa, mas medíocre, ele optou pela mais curta.

O mito conservou muito bem suas linhas mestras apesar da incapacidade dos redatores mais tardios em compreender a sucessão matrilinear. Havia um santuário da deusa-lua Ártemis – também chamada Nereis ou Tétis, em Iolco, o principal porto no sul da Tessália – anexo ao qual funcionava um colégio de cinqüenta sacerdotisas. Esta Ártemis era padroeira de pescadores e marinheiros. A cada cinqüenta meses, uma das sacerdotisas era escolhida como representante da Deusa; talvez fosse a vencedora de uma corrida. Ela tomava um consorte por um ano, o qual se tornava o rei-carvalho, ou o Zeus da região, e que era sacrificado no final de seu mandato. Por volta da época em que os aqueus estabeleceram a religião olímpica na Tessália – há de lembrar-se que todos os deuses e deusas assistiram ao casamento de Tétis e Peleu –, o prazo tinha sido dilatado para oito anos, ou talvez sete, sendo que, a cada solstício de inverno, uma criança era sacrificada até que terminasse o prazo do reinado. (A duração de sete anos, em vez de oito, para o Grande Ano parece ser um engano dos mitógrafos; entretanto, segundo a balada escocesa intitulada *True Thomas*, cujo tema trata de bruxas, indica que sete anos era o prazo normal para o reinado do consorte da rainha de Elfame. É um dado a ser considerado, uma vez que o culto escocês das bruxas tinha estreitas afinidades com a primitiva religião da Tessália.)

Aquiles, a afortunada sétima (ou oitava) criança que acabou salva, porque o próprio Peleu tinha de morrer, era aparentemente um dos Centauros do vizinho monte Pelião, com os quais as Nereidas de Iolcos tinham antigos laços exogâmicos e, dentre os quais, Peleu, naturalmente, haveria de escolher suas vítimas infantis – que não deveriam ser seus próprios filhos com Tétis. Quando Aquiles cresceu, tornou-se rei dos mirmidões de Ftiótida: presumivelmente por casamento com a representante tribal da Deusa. Dificilmente poderia ele ter herdado o título de Peleu. (*Myrmidon* significa "formiga"; assim, é bem provável que o pássaro torcicolo, que se alimenta de formigas e de ninhos feitos nos salgueiros, consagrados à Deusa, fosse o animal totêmico local; Fílira, a mãe de Quirão, é tradicionalmente associada ao torcicolo.) É certo que havia um culto de Aquiles na Grécia, antes da guerra contra Tróia, e, desta forma, a vida breve, mas gloriosa, foi, provavelmente, aquela de um rei que ficou em casa, com o calcanhar consagrado; que obteve a imortalidade pela morte e tornou-se um herói oracular. Acreditava-se que Tétis tinha o poder de mudar sua aparência; ela era, na verdade, servida por diversas companheiras sacerdotisas, cada qual com um diferente animal totêmico — égua, ursa, grou, peixe, torcicolo e assim por diante.

O mesmo mito recebeu uma variedade de formas. Em algumas versões a ênfase está no casamento fictício, que era uma parte da coroação. O mito argivo das cinqüenta Danaides que se casaram com cinqüenta filhos do Egito, e que mataram a todos, exceto um, em sua noite de núpcias, bem como o mito persa-greco-egípcio de Tobit e da filha de Raguel, cujos sete maridos anteriores foram mortos pelo demônio Asmodeus – em persa, *Aēshma Daēva* – em sua noite de bodas são todos mitos, originalmente, idênticos.

As diferentes versões contraditórias do mito das Danaides nos ajudam a entender o ritual do qual ele se originou. Píndaro, em sua *Quarta ode pítica*, diz que as noivas foram perdoadas, purificadas por Hermes e Atená e oferecidas como prêmio aos vencedores dos jogos públicos. Autoridades posteriores, tais como Ovídio e Horácio, dizem que não foram perdoadas, mas sim condenadas a derramar, para sempre, água num vaso todo furado. Heródoto diz que elas trouxeram os mistérios de Deméter para Argos e os ensinaram às mulheres pelasgas. Outros dizem que quatro delas foram adoradas em Argos porque abençoaram a cidade com chuvas. A história verdadeira parece consistir naquela que considera as Danaides como um colégio argivo de cinqüenta sacerdotisas de Dânae, a deusa da cevada, interessada em favorecer chuva para a plantação e que era adorada sob quatro diferentes títulos. Derramar água num vaso furado para que imitasse a chuva constituía um encantamento comum para provocá-la. A cada quatro anos, no qüinquagésimo mês lunar fazia-se um concurso para saber quem deveria ser o Héracles ou o Zeus dos próximos quatro anos, bem como o amante dessas cinqüenta sacerdotisas. Esse prazo foi, depois, prolongado para oito anos, mantendo-se o costumeiro sacrifício infantil anual. A Argos danesa foi conquistada pelos filhos do Egito, que invadiram o Peloponeso, vin-

dos da Síria, e muitos dos daneses que resistiram a eles foram expulsos da Grécia rumo ao Norte, conforme já relatado.

Em *O livro de Tobit*, Tobit é o afortunado oitavo, o subseqüente Zeus noivo, que escapa de seu destino quando o Zeus reinante tem de morrer ao fim de seu prazo. Asmodeus equivale à versão persa de Set, aquele que, anualmente, assassinava Osíris; contudo, é exorcizado com o peixe da imortalidade e foge para os desertos do Sul. O cão de Tobit é uma chave preciosa; ele sempre acompanha Héracles-Melkarth, ou sua versão persa Sraosha, ou o grego Asclépio, aonde quer que ele vá.

Um conjunto típico de tabus vinculados a este Héracles é citado por *sir* James Frazer em seu *Golden Bough*: aplicavam-se ao *Flamen Dialis*, o sucessor do rei sagrado de Roma cuja liderança na guerra passou aos gêmeos cônsules quando da fundação da República.

> O *Flamen Dialis* não deveria montar a cavalo, nem mesmo tocar num cavalo, nem ver um exército armado, nem portar um anel que não estivesse quebrado; nenhuma parte de sua vestimenta podia ter nó algum; nenhum fogo poderia sair de sua casa, exceto o sagrado; não podia tocar a farinha de trigo nem pão fermentado; não podia tocar nem falar o nome de: bode, cachorro, carne crua, favas e hera; não podia caminhar sob uma videira; os pés de sua cama tinham de estar envoltos de barro; seus cabelos só podiam ser cortados por um homem livre e com uma faca de bronze; depois de cortados seus cabelos e unhas tinham de ser enterrados debaixo de uma árvore benfazeja; não podia tocar num corpo morto nem entrar no local onde alguém estivesse enterrado; não podia ver trabalhos sendo realizados em dias santos; não podia estar com a cabeça a descoberto, ao ar livre; se um homem fosse trazido amarrado a sua casa, o prisioneiro tinha de ser desamarrado e as cordas puxadas por um buraco no teto e, depois, atiradas na rua.

Frazer devia ter acrescentado que o flâmine devia sua posição ao casamento sagrado com a flamínica. Plutarco recorda em seu *Questões romanas* (50) que não podia divorciar-se dela e tinha de renunciar a seu posto caso ela morresse.

Na Irlanda este Héracles era chamado *Cenn Cruaich* ("o Senhor do Túmulo"), mas depois de sua alteração para um rei sagrado mais benigno era lembrado como *Cromm Cruaich* ("o Reverenciado do Túmulo"). Num poema cristão que aparece no *Book of Leinster*, uma obra do século XI, ele é assim descrito:

> *Here once dwelt*
> *A high idol of many fights,*
> *The Cromm Cruaich by name,*
> *And deprived every tribe of peace.*

Without glory in his honour,
They would sacrifice their wretched children
With much lamentation and danger,
Pouring their blood around Cromm Cruaich.

Milk and corn
They would urgently desire of him,
In barter for one-third of their healthy offspring —
Their horror of him was great.

To him the noble Goidels
Would prostate themselves;
From the bloody sacrifices offered him
The plain is called "The plain of Adoration".

They did evilly,
Beat on their palms, thumped their bodies,
Wailing to the monster who enslaved them,
Their tears falling in showers.

In a rank stand
Twelve idols of stone;
Bitterly to enchant the people
The figure of the Cromm was of gold.

From the reign of Heremon,
The noble and graceful,
Such worshipping of stones there was
Until the coming of good Patrick of Macha.

Aqui uma feita morou
Poderoso ídolo de muitas batalhas;
Chamava-se o Cromm Cruaich
E tirava a paz de todas as tribos.

Sem glória, em honra a ele
Tinham de sacrificar suas crianças desditosas
Com muito lamento e perigo,
Espargindo o sangue em torno de Cromm Cruaich.

Leite e grãos
Desejavam urgentemente dele
Em troca de um terço de sua prole sã:
Enorme era o horror que lhe tinham.

Diante dele os nobres gaélicos
Vinham e se prostravam;
Por causa de sangrentos sacrifícios lá oferecidos,
O terreno é chamado "A planície da adoração".

Agiam de modo nefasto,
Golpeavam-se com tapas e espancavam os corpos,
Lamentando o monstro que os escravizava,
Chorando rios de lágrimas.

Numa linha se perfilavam
Doze ídolos de pedra;
Para encantar amargamente o povo,
A estátua de Cromm era de ouro.

Desde o reinado do
nobre e gracioso Heremon,
Tal culto das pedras lá continuou
Até a vinda do bom Patrício de Macha.

É bastante provável que tal culto tenha sido introduzido na Irlanda no reinado de Heremon, o 19º rei de toda a Irlanda, cuja data de entronização é, por tradição, marcada em 1267 a.C., embora o dr. Joyce, autoridade moderna digna de confiança, considere 1015 a.C. a data em que Heremon, um dos invasores milésios vindos da Espanha, tornou-se o rei único da Irlanda por sua vitória sobre os exércitos do Norte e cobrou pesados impostos aos derrotados.

Os milésios da mitologia irlandesa, segundo se diz, tiveram origem na Grécia, no início do segundo milênio a.C., e levaram inúmeras gerações para alcançar a Irlanda depois de vagarem pelo Mediterrâneo. Os milésios da lenda grega proclamavam-se descendentes de Mileto, um filho de Apolo que emigrou de Creta para a Cária em tempos arcaicos e fundou a cidade de Mileto, havendo em Creta outra cidade com o mesmo nome. Os milésios da Irlanda também afirmavam ter visitado Creta e daí terem ido à Síria e, passando por Carênia, na Ásia Menor, até Getúlia, no Norte da África, em Baelduno, ou Baelo, porto nas vizinhanças de Cádiz, e em Breagdun, ou Brigantium (hoje Compostela), no noroeste da Espanha. Entre seus antepassados estavam Gadel, talvez uma divindade do rio Gadylum, na costa meridional do mar Negro, perto de Trebisonda, Niulus ou Neolo de Argos, Cécrope de Atenas e Scota, filha do rei do Egito.

Se este relato tiver algum sentido, ele há de tratar de uma migração do Egeu rumo a oeste, no final do século XIII a.C., quando, como vimos, uma onda de indo-europeus, vindos do Norte, dentre os quais os gregos dóricos, foi lentamente expulsando os micênicos "Povos do Mar" da Grécia, das ilhas do Egeu e da Ásia Menor.

Neleu (se é que este é mesmo Niulus ou Neolus da lenda irlandesa) era minóico, um grego eólio, que governou em Pilos, reino do Peloponeso, e que mantinha intenso comércio com o Mediterrâneo ocidental. Os aqueus o venceram numa batalha em que se salvou apenas seu filho, Nestor (um ancião tagarela na época da guerra de Tróia). Neleu era considerado filho da deusa Tiro, que também era a mãe do minóico Esão, aquele que foi rejuvenescido no caldeirão, e de Amythaon – Amathaon novamente? Tiro era, provavelmente, a deusa dos tirrenos, que, expulsos da Ásia Menor um século ou dois mais tarde, singraram para a Itália. Esses tirrenos, normalmente conhecidos como etruscos, datavam sua existência nacional do ano 967 a.C. Cécrope aparece na mitologia grega como sendo o primeiro rei grego da Ática, aquele que supostamente teria dado início ao costume de oferecer bolos de cevada a Zeus. Scota, a que se confundiu na mitologia irlandesa com a antepassada dos cotianos, parece Scotia ("a Negra"), título grego muito reconhecido à deusa do mar de Chipre. Como é natural, os milésios teriam levado consigo, para a Irlanda, o culto da deusa do mar e de seu filho Héracles, e lá encontraram, já erigidos, os altares de pedra necessários.

No Peloponeso, os jogos olímpicos eram a ocasião para a morte deste Héracles agrícola e para a eleição de seu sucessor. Segundo a mitologia, os jogos foram instituídos para celebrar a castração de Cronos por Zeus. Como a tumba de Pélops, um antigo rei-carvalho dos aqueus, ficava em Olímpia, isto significa que o culto do carvalho lá se sobrepôs ao culto pelasgo da cevada. O mais antigo evento nos jogos era uma corrida entre cinqüenta jovens sacerdotisas da deusa Hera pelo privilégio de tornar-se a nova chefe das sacerdotisas. Héracles era retalhado e devorado, eucaristicamente, como antes, talvez, até o momento em que aqueus mais tardios pusessem fim a tal prática; contudo, ainda por muitos séculos adiante, guardou algumas de suas características de carvalho: era conhecido como "o Zeus Verde". O sacrifício do Héracles agrícola ou da vítima oferecida em seu lugar continuou a ocorrer dentro de um círculo de pedras dedicado à Mãe Cevada. Em Hérmion, perto de Corinto, o círculo de pedras continuou em uso ritual até os tempos cristãos.

O Héracles de Canopo ou Héracles celestial é uma fusão dos dois primeiros tipos com Asclépio, também dito Esculápio, o deus da cura, que, por sua vez, era uma fusão do deus da cevada com o deus do fogo. Asclépio é descrito pelos mitógrafos como filho de Apolo, em parte porque este fora identificado, na era clássica, com o deus-Sol Hélio, e em parte porque o sacerdócio do culto de Asclépio, que derivava daquele de Tot, o deus egípcio da cura e inventor da escrita, tinha sido expulso da Fenícia (por volta do ano 1400 a.C.?) e se refugiara nas ilhas de Cós, Tasos e Delos, onde Apolo era, então, a divindade reinante. Quando, no século V a.C., Heródoto tratou de buscar informação sobre o Héracles canópico dos sacerdotes egípcios, eles mencionaram a Fenícia como seu país de origem. Sabemos que o Hércules fenício, ou Melkarth ("rei da cidade"), morria anualmente e que a codorna era a ave que simbolizava sua ressur-

reição. Isto significava que, quando a codorna migratória chegava à Fenícia, no início de março, vinda do Sul, o carvalho começava a brotar e o novo rei celebrava sua boda real. Melkarth renascia quando Esmun ("aquele que nós invocamos"), o Asclépio local, colocava-lhe uma cordorna no nariz. A codorna é conhecida por sua combatividade e sua libertinagem. Porém, em Canopo, no Delta do Nilo, os cultos de Melkarth e de Esmun, ou seja, de Héracles e de Asclépio, parecem ter sido fundidos pelos filósofos egípcios. Héracles era cultuado como curador e como curado. Acreditava-se que o próprio Apolo tivesse nascido em Ortígia ("ilha das Codornas"), uma ilhota perto de Delos. Assim, o Héracles canópico é também Apolo e, ainda em certo sentido, o Apolo Asclépio (alcunhados Cronos, Saturno ou Bran), Tot, Hermes (que os gregos identificavam com Tot), Dioniso (que nas lendas mais antigas é outro nome de Hermes) e Melkarth — de quem o rei Salomão era sacerdote por ser genro do rei Hiram — que imolara a si próprio numa pira, tal como fizera o Héracles de Eta. Héracles-Melkarth era também cultuado em Corinto, sob o nome de Melicertes, filho de Ino, a pelasga Deusa Branca de Pelião.

Héracles torna-se ainda mais glorioso como Héracles celestial. Os mitógrafos lembram que ele tomou emprestado a taça dourada do Sol, que tem a forma de nenúfar, ou de lótus, para a jornada de retorno à casa, depois de um de seus famosos trabalhos. Esta era a taça na qual o Sol, depois de pôr-se no Ocidente, voltava à noite, para o Oriente, flutuando na corrente oceânica que rodeia o mundo. O lótus, que cresce quando o Nilo sobe, tipifica a fertilidade e, assim, liga-se ao culto solar do Egito. "Héracles" tornou-se, na Grécia clássica, outro nome do sol. O Héracles celestial era adorado tanto como o sol imorredouro, quanto como o Espírito do Ano, continuamente morrendo e renovando-se – ou seja, tanto como deus quanto como semideus. Este era o tipo de Héracles que os druidas adoravam como o Ogma da Face de Sol, o que vestia a pele de leão e fora o inventor das letras,[2] deus da eloqüência, da cura, da fertilidade, da profecia; a quem os gregos adoravam como "doador de títulos", como governante do Zodíaco, presidente dos festivais, fundador de cidades, médico dos doentes e padroeiro dos arqueiros e dos atletas.

Na arte grega, a representação de Héracles faz-se como um campeão de pescoço taurino, que pode ser identificado, para todos os propósitos práticos, com o semideus Dioniso de Delfos, cujo animal totêmico era um touro branco. Plutarco de Delfos, um sacerdote de Apolo, em seu ensaio *On Isis and Osiris*, compara os ritos de Osíris com aqueles de Dioniso. Escreve:

[2] O macaco, o animal sagrado que identifica este Héracles com Tot, o inventor da escrita, não parece ter-se aclimatado na Europa Ocidental. No Egito, Tot, algumas vezes, aparecia retratado como um macaco; na Ásia Menor, era, apenas, acompanhado pelo animal; a tradição, ao que parece, tem origem na Índia.

O assunto dos Titãs e da Noite da Consumação corresponde aos chamados "Despedaçamentos", "Ressurreições" e "Regenerações" nos ritos de Osíris. O mesmo se aplica aos ritos de sepultamento. Há ataúdes de Osíris em muitas cidades gregas; igualmente proclamamos em Delfos que os restos de Dioniso estão enterrados perto do local do oráculo. E nossos sacerdotes consagrados celebram um sacrifício secreto no santuário de Apolo por ocasião do despertar da Criança Divina pelas Tíades.

Assim, "Héracles" parece ser também outro nome de Osíris, cuja morte anual, ainda hoje, é celebrada no Egito, mesmo depois de treze séculos de islamismo. Agora, bolas de borracha são empregadas como símbolo tradicional da fertilidade; prodigiosamente infladas, excitam os mesmos gritos de riso e de pranto como nos tempos de José, o patriarca, e de José, o carpinteiro.

Plutarco distingue, com cuidado, Apolo (Héracles como deus) de Dioniso (Héracles como semideus). Este Apolo nunca morre, nunca muda de forma; é sempre jovem, forte e belo. Dioniso muda, perpetuamente, como Proteus, a divindade pelasga, ou como Periclímeno, o minóico, filho de Neleu, ou como o antigo irlandês Uath Mac Immomuin ("o Horror, filho do Terror"), assumindo uma infinidade de formas. Deste modo, Penteu, em *As bacantes*, de Eurípides, o encarrega de aparecer "como um touro selvagem, como uma serpente de muitas cabeças ou como um leão que sopra fogo" – o que quer que lhe agrade: quase exatamente como nas palavras do bardo galense Cynddelw, um contemporâneo de Gruffudd ap Kynan: *Yn rith llew rac llyw goradein, yn rith dreic rac dragon prydein*.

Assim, na Grã-Bretanha Amathaon designava Héracles como Dioniso, enquanto seu pai, Beli, correspondia a Héracles como Apolo.

Plutarco escreve, em seu ensaio *On the Ei at Delphi*, revelando o tanto quanto ousa contar sobre a doutrina secreta de Orfeu:

Ao descrever as muitas metamorfoses de Dioniso em ventos, água, terra, estrelas, plantas que crescem e animais, eles empregam expressões enigmáticas, tais como: "repartir" e "arrancando um membro do outro". E chamam a divindade de "Dioniso" ou "Zagreu" ("o Pranteado") ou "O Sol Noturno" ou "O Doador Imparcial" e recordam as variegadas destruições, desaparecimentos, ressurreições e renascimentos, que constituem o relato mitográfico deles sobre como essas mudanças ocorreram.

Gwion sabia que Héracles era o outro nome para Ogma da Face de Sol, o inventor do alfabeto ogâmico. Isto fica claro em sua elegia sobre *"Ercwlf"*, na qual o alfabeto figura como os quatro pilares de cinco letras cada um que sustentam todo o edifício da literatura:

Marwnad Ercwlf

The earth turns,
So night follows day.
When lived the renowned
Ercwlf, chief of baptism?
Ercwlf said
He did not take account of death.
The shield of Mordei
By him was broken.
Ercwlf placed in order,
Impetuous, frantic,
Four columns of equal height,
Red gold upon them,
A work not easily to be believed,
Easily believed it will not be.
The heat of the sun did not vex him;
None went nearer heaven
Than he went.
Ercwlf the wall-breaker,
Thou art beneath the sand;
May the Trinity give thee
A merciful day of judgement.

Marwnad Ercwlf

A terra girando,
Assim a noite segue o dia.
Quando viveu o renomado
Ercwlf, chefe do batismo?
O *Ercwlf* que dizia
Não considerar a morte.
O escudo de Mordei
Por ele foi partido.
Ercwlf colocou em ordem,
Impetuoso e frenético,
Quatro colunas de igual altura,
Rubro ouro sobre elas.
Um trabalho difícil de acreditar-se
Que fácil de crer não será.
O calor do sol não o molesta;
Ninguém mais do que ele

mais perto do céu esteve.
Ercwlf, derrubador de barreiras,
Debaixo das areias tu estás;
Que a Trindade te favoreça
Um misericordioso Dia do Juízo.

"O escudo de Mordei" é uma referência à famosa batalha da ponte de Catterick, no final do século VI d.C.:

Ym Mordei ystyngeo dyledawr.
"In Mordei he laid low the might."

Em Mordei ele derrubou os poderosos.

O sujeito "ele" do verso refere-se ao herói britânico chamado Erthgi, presumível reencarnação de Ercwlf, "que foi a Catterick pela madrugada, com o aspecto de um príncipe, defendido pelo escudo no campo de batalha". A referência a Héracles como "chefe do batismo" o identifica com são João Batista, em honra de quem, na época de Gwion, eram acesas as fogueiras de Héracles do solstício de verão. Conforme assinala *sir* James Frazer, o dia 24 de junho foi sempre um festival da água e do fogo. "Que a Trindade te favoreça / Um misericordioso Dia do Juízo" indica a visão de Gwion de Héracles como residente "*in limbo patrum*" – ou seja, na morada dos justos que morreram antes do advento de Jesus Cristo. Certamente, o batismo não foi uma invenção dos cristãos. Herdaram isto de são João, que por sua vez herdara dos hemero-batistas, uma misteriosa seita hebraica normalmente considerada um ramo dos essênios pitagóricos, que adoravam Iahweh em seu aspecto de divindade solar. Deve-se observar que os devotos da deusa trácia Cotito, a mãe dos cotianos, empregavam mistagogos chamados "batistas" – discute-se se era porque batizassem os devotos antes das orgias ou porque tivessem sido encarregados da submersão ritual (ou tingimento) de roupas ou de cabelos. Também os irlandeses e britânicos antigos já tinham o costume do batismo antes que chegassem os cristãos. Isto é relembrado nas lendas irlandesas de *Conall Derg* e *Conall Kernach* e na lenda galense de *Gwri dos cabelos dourados*.

O nome de Taliesin significa, em galês, "fronte brilhante", uma característica de Apolo, mas a sílaba "*Tal*" aparece, com freqüência, nos primitivos nomes de Héracles. Em Creta, ele era Talo, o homem de bronze, morto por Medéia. Na Pelásgia, era o torturado *Tan-talus* (Tântalo), de cujo nome deriva a palavra "tantalizar". Os jogos irlandeses *tailtean* provavelmente derivam seu nome de um Héracles agrícola, cujo nome tinha *Tal* como primeira sílaba. Na Síria, era Telmen. Na Grécia, era Atlas Telamon, e a própria palavra "Atlas", bem como "Telamon", derivam da raiz *tla* ou *tal*, que contém o sentido de "carregar sobre si mesmo", "ousar" e "sofrer". O dr. MacCulloch sugere que "Taliesin" também

seja um nome divino e que o fato de a galinha preta engolir o grão de cereal em *O romance de Taliesin* prova que ele fora uma divindade da cevada.

Chegou a hora de acercar-se daquela moita onde se sabe que o corço se escondeu. Aqui está uma canção de caçada do poema de Gwion, *Angar Cyvyndawd*:

Bum Twrch ym Mynydd
Bum cyff mewn rhaw
Bum bwall yn llaw.

I have been a roebuck on the mountain,
I have been a tree stump in a shovel,
I have been an axe in the hand.

Fui um corço na montanha,
Fui um tronco de árvore numa pá,
Fui um machado na mão.

Contudo, devemos alterar os versos nesta estrofe, porque, logicamente, o machado vem primeiro, depois a árvore é derrubada, e não é possível colocar o tronco de carvalho numa pá, a menos que se o tenha reduzido a cinzas – o que, depois, é empregado para fertilizar os campos. Assim:

I have been a roebuck on the mountain,
I have been an axe in the hand,
I have been a tree stump in a shovel.

Fui um corço na montanha,
Fui um machado na mão,
Fui um tronco de árvore numa pá.

Se reexaminarmos cuidadosamente os nomes das quinze consoantes do Boibel-Loth ou Babel-Lota, notaremos a clara correspondência com a lenda grega. Não é apenas a semelhança de "Taliesin" com "Talus" e "Teilmon" com "Telamon", mas de "Moiria" com "Moirae", as Três Parcas; além de "Cailep" com "Calypso", filha de Atlas, cuja ilha de Ogígia — situada por Plutarco nos mares irlandeses — era protegida pelo mesmíssimo encantamento que Morgana, a fada, protegia Avalon; que Cerridwen guardava *Caer* Sidi ou que Niamh dos cabelos de ouro resguardava "a Terra da Juventude". Coloquemos toda a série de nomes das letras nas palavras mais próximas do grego que façam algum tipo de sentido, empregando caracteres latinos e tolerando as diferenças entre as vogais gregas e irlandesas (o *I* auxiliar é empregado em irlandês como uma vogal longa), bem como admitindo a transposição de letras; conservemos

o digama (*F* ou *V*) nas palavras onde originalmente ocorriam, tais como *ACHAIVA* e *DAVIZO*, e empreguemos o *A* eólico no lugar de um *E* longo em "FORĒMENOS", "NE-ĒGATOS", "GĒTHEO".

As consoantes hão de soletrar a familiar história de Héracles em três capítulos de cinco palavras cada:

BOIBEL	B	BOIBALION	Eu, o corçinho (ou cria de antílope)
LOTH	L	LŌTO-	No lótus
FORANN	F	FORĀMENON	Embarcado
SALIA	S	SALOÖMAI	Cambalear
NEIAGADON	N	NE-ĀGATON	Recém-nascido
UIRIA	H	ŪRIOS	Eu, guardião das fronteiras (ou o benevolente)
DAIBHAITH	D	DAVIZŌ	Partir madeira.
TEILMON	T	TELAMŌN ou TLĀMŌN	Eu, o sofredor
CAOI	C	CAIOMAI	Sou consumido pelo fogo,
CAILEP	CC	CALYPTOMAI	Desaparecer,
MOIRIA	M	MOIRAŌ	Eu distribuo,
GATH	G	GĀTHEŌ	Eu me regozijo,
NGOIMAR	NG	GNŌRIMOS	Eu, o famoso,
IDRA	Y	IDRYOMAI	Estabelecer,
RHEA	R	RHEŌ	Eu escorro.[3]

[3] Como uma invocação alfabética, pode-se colocá-lo facilmente em inglês, com *Kn* no lugar de *Ng* e com *J* no lugar de *Y*:

B *ull-calf in*
L *otus-cup*
F *erried, or*
S *waying*
N *ew-dressed,*

H *elpful*
D *ivider, in*
T *orment,*
C *onsumed beyond*
Q *uest,*

M *ete us out*
G *aiety,*
Kn *ightliest*
J *udge*
R *unning west.*

As vogais não relatam uma fábula, mas caracterizam o progresso de Héracles ao longo das cinco estações do ano, simbolizadas por cinco pétalas da copa do lótus: nascimento, iniciação, casamento, descanso dos trabalhos e morte:

ACHAIVA	A aranha fiandeira, um título de Deméter, a Deusa Branca. (Compare-se, também, *Acca* no mito romano de Hércules, com *Acco*, o bicho-papão grego que devorava os recém-nascidos.)
OSSA	A fama (também o nome de uma montanha sagrada na Magnésia e de um colina sagrada em Olímpia).
URANIA	A Rainha dos Céus. A palavra é talvez derivada de *ouros*, uma montanha, e de *ana*, rainha. Contudo, Ura (*oura*) significa a cauda de um leão (consagrado a Anatha, a deusa-montanha, Rainha dos Céus) e como o leão expressa fúria com sua cauda, a palavra pode significar "A rainha com cauda de leão"; certamente o nome grego para "uraeus", a coroa com cabeça de serpente que os faraós do Egito usavam por direito materno e que significava "da cauda de leão", a serpente sendo consagrada à deusa de mesmo nome.
(H)ESUCHIA	Repouso. A palavra é provavelmente abreviada em honra de Esus, divindade celta, que aparece num baixo-relevo gaulês arrancando ramos festivos com a mão esquerda quando deveria estar usando a direita.
IACHEMA	Gritando ou sibilando.

O *boibalis* ou *boibalus* (também *boubalis* ou *boubalus*) é o feroz antílope branco da Líbia, ou *leucoryx*, dos quais, segundo Heródoto, os fenícios faziam os lados arqueados de suas liras – com as quais celebravam Héracles-Melkarth.

A versão de Gwion do alfabeto, com Rhea no lugar de Riuben, é mais antiga do que a de O'Flaherty, se é que o "Riuben" deste está substituindo *Rymbonao*, "balanço-me para lá e para cá novamente" – uma palavra empregada pela primeira vez no século II d.C. A diferença entre a "Salomé" de Gwion e a "Salia" de O'Flaherty também sugere que Gwion dispunha de uma versão mais antiga. Que ele tenha alterado "Telamon" para "Taliesin" demonstra que está oferecendo *Talasinoös*, "aquele que ousa sofrer", como alternativa para "Telamon" cujo sentido é o mesmo. *Ne-esthan*, a transliteração da Septuaginta grega para "Nehushtan" (2 Reis 18, 4),[4] como um equivalente de *ne-āgathon*, causa perplexidade. Contudo, como Nehushtan era um nome depreciativo, significando apenas "uma peça de latão", oferecida, segundo se diz, pelo rei Ezequias à serpente ou ao serafim terapêutico idolatrado por seus súditos, é possível que

[4] A Bíblia de Jerusalém grafa "Noestã". (N. T.)

tenha interpretado o Santo Nome original como o grego *Neo-sthenios*, ou *Neo-sthenaros*, "com nova força", do qual *Nehushtan* constituía uma paródia hebraica. Isto significaria que foi um judeu da era helenística e não Ezequias quem inventou a paródia, o que é historicamente mais plausível do que o relato bíblico. Com efeito, é inacreditável que Ezequias se opusesse à idolatria, pois os judeus só renunciaram aos ídolos numa época posterior ao exílio na Babilônia.

No entanto, embora tenhamos aprendido a história secreta do Espírito do Ano, o nome da divindade transcendente continua escondido. O lugar óbvio para procurar a resposta está entre as vogais, as quais estão separadas das consoantes que narram a história de Héracles. Mas o cão, o abibe e o corço devem ter ganho em sabedoria depois de *A batalha das árvores* e escondido seu segredo de modo ainda mais profundo do que antes.

É evidente que Gwion conhecia o Nome, e foi tal conhecimento que lhe conferia autoridade na corte de Maelgwn. Diz ele na *Cyst Wy'r Beirdd* ("*Reprovação aos bardos*"):

> *Unless you are acquainted with the powerful Name,*
> *Be silent, Heinin!*
> *As to the lofty Name*
> *And the powerful Name* (...).
>
> Se o Nome poderoso não conheces,
> Cala-te, Heinin!
> Quanto ao Nome sublime
> Quanto ao poderoso Nome (...).

A melhor esperança de adivinhá-lo consiste em levantar primeiramente qual o Nome que Gwydion conseguiu descobrir com ajuda de Amathaon e, em seguida, a que refinamento submeteu sua descoberta.

Capítulo 9

A heresia de Gwion

A essência concentrada da filosofia druídica, bem como do orfismo grego, era *Rheo*, "eu escorro, fluo", o nome que Gwion dá à letra *R: Panta Rhei*, "todas as coisas fluem". O principal problema do paganismo está contido em *Riuben*, o nome alternativo para *R*, se tal estiver no lugar de *Rymbonao*: "Devem todas as coisas girar eternamente? ou, como podemos escapar da Roda?" Este era o dilema de Sansão, o herói solar, quando foi atado a um moinho em Gaza; e convém observar que o termo "moinho" era empregado na filosofia grega para designar as esferas giratórias dos céus. Sansão resolveu muito bem o problema, derrubando as duas colunas do templo, de modo que o teto desabou sobre todos. Os órficos tinham outra solução mais tranqüila e as gravavam em código sobre tabletes de ouro que amarravam em torno do pescoço de seu ente querido. Era ela: não esquecer; recusar-se a beber das águas do lago de Lete sombreado por ciprestes, por mais sedento que estivesse; aceitar água apenas do lago consagrado a Perséfone (sombreado por aveleiras?), assemelhando-se, assim, aos imortais Senhores dos Mortos, livrando-se de novos esquartejamentos, destruições, ressurreições e renascimentos. O cipreste, que tipifica o renascimento, era consagrado a Héracles, e fora plantado por ele próprio, em Dafne, o famoso bosque destas árvores. A palavra "cipreste" deriva de *Cipris*, batizado assim em honra de sua mãe, a Afrodite cipriota. O culto do cipreste sagrado é de origem minóica e deve ter sido levado de Creta para Chipre.

O Héracles divino dos místicos órficos era Apolo, o Hiperbóreo. Eliano, historiador romano do século I d.C., registra que os sacerdotes hiperbóreos faziam visitas regulares a Tempe, no Norte da Grécia, para adorar Apolo. Diodoro Sículo, numa citação que faz de Hecateu, deixa claro que, no século VI a.C., a "Terra dos Hiperbóreos", onde nascera Latona, a mãe de Apolo, e onde Apolo era cultuado acima de todos os demais deuses, era a Grã-Bretanha. Isto não contradiz o relato de Heródoto sobre um sacerdócio hiperbóreo totalmente diferente, provavelmente albanês, que vivia perto do mar Cáspio; nem a opinião de que, na época de Eliano, a Irlanda, que estava fora das fronteiras do Império Romano, pudesse ter sido "o País dos Hiperbóreos"; tampouco obsta a visão, que mais adiante proponho neste livro, de que os hiperbóreos originais eram líbios.

Edward Davies tinha motivos para considerar esses sacerdotes britânicos como sendo órficos, pois lhes correspondem, de perto, traje, dogma, ritual e

dieta. E uma vez que *Câd Goddeu* demonstrou ter sido uma batalha de letras mais do que uma batalha de árvores, tem bom sentido histórico e poético sua sugestão de que as fabulosas danças das árvores ao som da lira de Orfeu fossem, antes, uma dança de letras.[1] Diodoro lembra que Orfeu usou o alfabeto pelasgo. Há um trecho, incrustado no labiríntico quebra-cabeça do *Câd Goddeu*, no qual fica evidente que Gwion identificou o Héracles Celestial do Boibel-Loth com o Apolo órfico:

It is long since I was a herdsman.
I travelled over the earth
Before I became a learned person.
I have travelled, I have made a circuit,
I have slept in a hundred islands,
I have dwelt in a hundred cities.
Learned Druids,
Prophesy ye of Arthur?
Or is it me they celebrate?

Há muito que fui pastor.
Viajei por toda terra
Antes de tornar-me erudito.
Viajei e fiz um circuito,
Dormi numa centena de ilhas,
Em cem cidades pernoitei.
Ó druidas instruídos,
É sobre Arthur que profetizais?
Ou bem é a mim que eles celebram?

Só Apolo pode ser o sujeito "eu" desta passagem. Ele fora um pastor que servia a Admeto, o minóico rei de Feres, na Tessália, diversos séculos antes de que se estabelecesse em Delfos como líder das Musas. Como herói oracular pré-

[1] Contudo, também pode ter tido um significado mais simples a dança das árvores. Segundo Apolônio de Rodes, na sua época os carvalhos selvagens que Orfeu teria trazido de montanhas da Piéria continuavam de pé e ordenados em fileiras em Zoné ("cinto de mulher"), na Trácia. Se tivessem sido dispostos como para uma dança, não seguiriam um rígido padrão geométrico, tal como um quadrado, um triângulo ou uma alameda, mas uma curva. Zoné sugere uma dança em roda em honra da Deusa. Mesmo assim, um círculo de carvalhos, como um cinto fechado, não pareceria estar dançando. Os carvalhos assemelhar-se-iam a sentinelas perfiladas em torno do local da dança. Em Zoné, provavelmente, celebrava-se algo orgiástico, como a dança do "cinto desatado". *Zona*, em grego, significa também "casamento ou ato sexual, o desnudamento de uma mulher". Assim, é bem possível que um largo cinturão de carvalhos plantados numa fileira dupla se enroscasse sobre si próprio, de modo a dar-lhes a aparência de dançar ao longo de uma espiral, primeiro em direção do centro e, depois, de modo centrífugo.

grego, fora enterrado numa centena de ilhas sagradas. Quando os gregos acharam por bem adotá-lo como divindade curadora e deus da música, centenas de cidades lhe tributaram honras e, na época clássica, já cumpria seu circuito diário e anual como sol visível. Gwion insinua, para Heinin e para outros bardos da corte, que a verdadeira identidade do herói, a quem eles saúdam, sem refletir, como o rei Arthur, é efetivamente Héracles-Dioniso, *rex quondam rex-que futurus* ("rei noutro tempo e rei no futuro"), o qual será, em sua segunda vinda, o imortal Héracles-Apolo. Mas eles não haveriam de compreender. "Há muito que fui pastor" só lhes recordará a *Tríade 85*, onde os três pastores tribais da Grã-Bretanha são considerados: Gwydion, que guardava os rebanhos da tribo de Gwynedd; Brennren, que pastoreava os de Caradoc, filho de Bran, os quais somavam 21 mil vacas leiteiras, e Llawnrodded Varvawc, que tomava conta do rebanho de Nudd Hael, igualmente numeroso. Gwion tinha obtido seus conhecimentos na Irlanda e, talvez, no Egito, mas os havia enxertado numa cepa britânica. Embora o druidismo enquanto religião organizada estivesse morto em Gales há centenas de anos, o acervo tradicional da poesia trovadoresca e do ritual religioso popular continha relíquias do conhecimento druídico. O druidismo primitivo com seu canibalismo ritual, que se seguia aos vaticínios deduzidos da agonia da vítima, fora banido pelo general romano Paulino, no ano 61 d.C., quando conquistou Anglesey e mandou abater os bosques sagrados. O druidismo continental, já adotado pelo resto da Grã-Bretanha a sul do rio Clyde, cultuava Belin, ou Apolo, e era uma religião respeitável do tipo traco-céltico.

Do ponto de vista do Império Romano, o culto de Belin não constituía nenhum perigo político, uma vez que sua autoridade central, o sínodo druídico de Dreux, tinha sido destruída com a vitória de Júlio César sobre Vercingetórix, tendo as vítimas humanas sido substituídas por animais. Os sacerdotes britânicos não se converteram à religião romana. Com efeito, o panteão romano já estava aliado com o deles. Na verdade, o culto de Mitra dos legionários romanos era simplesmente uma versão oriental de seu culto de Héracles. A única obrigação religiosa que se lhes impunha era a de honrar o imperador como encarnação temporal de seu deus-sol, que tinha diferentes nomes, o que não foi difícil para eles. Quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, nenhuma tentativa foi feita para coagir os nativos à uniformidade de culto, pois até nas cidades as igrejas eram pequenas e pobres. Ao que parece, a maioria dos templos pagãos continuou em funcionamento. Ao contrário do ocorrido na Judéia, não houve nenhum problema religioso na Grã-Bretanha até que os romanos retirassem suas guarnições e bárbaros das tribos dos jutas, dos anglos e dos saxões irrompessem do Oriente. Foi quando os britânicos-romanos civilizados fugiram deles para o País de Gales ou atravessaram o canal da Mancha. Contudo, a presença desses bárbaros na Inglaterra pelo menos protegeu as Igrejas galense e irlandesa de uma intervenção direta em seus assuntos religiosos por parte do catolicismo continental. Isto permitiu que a Arquidiocese de são Davi permanecesse inteiramente independente até o século XII, quando os nor-

mandos pressionaram para que o arcebispo de Canterbury (Cantuária) assumisse o controle dela, fato este que detonou as guerras anglo-galenses.

Para os primeiros concílios da Igreja, a mais diabólica e imperdoável de todas as heresias consistia na identificação do touro de Héracles-Dioniso-Mitra, cujo corpo vivo os ascetas órficos dilaceravam e comiam em sua cerimônia de iniciação, com Jesus Cristo, cujo corpo vivo era simbolicamente partido e comido na Santa Eucaristia. Junto com esta heresia, surgida no Egito no século II d.C., caminhava outra, que era a identificação da Virgem Maria com a Deusa Tríplice. Os coptas até mesmo se atreviam a combinar "as três Marias", que assistiram à crucifixão, numa só pessoa, sendo que Maria de Clopas representava uma espécie de "Blodeuwedd"; a Virgem, um tipo de "Arianrhod"; e Maria Madalena, a terceira pessoa dessa antiga trindade, era a fada Morgana — *Morgan le Faye* —, irmã do rei Arthur da mitologia celta. *Morgan*, na lenda irlandesa, corresponde a *Morrigan*, ou seja, "Grande Rainha", a deusa da morte que assumia a forma de corvo. *Le Faye* significa "o destino", "o fado". Seguindo o *Glossary* de Cormac, Morrigan era invocada em batalha por uma imitação do crocitar do corvo pelas trombetas de guerra. De forma alguma era a personagem gentil familiar dos leitores de *Morte D'Arthur*: mais se parecia com "a estridente bruxa negra Cerridwen" de *O romance de Taliesin*, com "sua grande boca, escura, ligeira, fuliginosa, coxa, com uma venda em seu olho esquerdo".

Onde quer que essas heresias sobrevivessem na Europa medieval, a Igreja as visitava com castigos tão terríveis que os poetas britânicos ou irlandeses que as utilizavam tinham de divertir-se, perigosamente, ocultando-as, como Gwion, sob uma camuflagem enigmática. Pode-se simpatizar com os poetas, à medida que seus predecessores haviam aceito Jesus Cristo sem compulsão e se tinham reservado o direito de interpretar o cristianismo à luz de sua própria tradição literária, sem sofrer interferências. Consideravam Jesus como a última teofania do mesmo rei sagrado sofredor que, desde tempos imemoriais, adoraram sob nomes diversos. Tão logo os fustigou o bastão da ortodoxia de Roma ou de Cantuária, experimentaram um ressentimento perdoável. Os primeiros missionários cristãos tinham tido uma conduta de escrupulosa cortesia para com os devotos do culto solar pagão, com o qual suas doutrinas místicas conservavam inúmeros pontos em comum. Deuses e deusas celtas e pré-celtas tornaram-se santos cristãos, como, por exemplo, santa Brígida, cujo fogo sagrado foi mantido aceso num monastério em Kildare, até a época de Henrique VIII. Festivais pagãos se cristianizaram com pequena alteração no ritual. Santa Brígida, segundo o *Calendar of Oengus*, conservou sua primitiva festa do fogo, *Feile Brighde*, na véspera do dia primeiro de fevereiro. Era uma festa tão importante que seus oficiantes eram bispos. Conta-se que um desses, chamado Connlaed, a teria desobedecido e, por isso, fora atirado aos lobos por ordem dela. Era saudada no *Hymn of Broccan* como "Mãe de meu soberano" e no *Hymn of Ultan* como "Mãe de Jesus". (Outrora ela fora a mãe de Dagda.) No *Livro de Lismore* ela é denominada "A profetisa de Cristo, a Rainha do Sul, a Maria dos gaélicos".

Trata-se exatamente do mesmo processo ocorrido na Grécia e na Itália, onde a deusa Vênus se converteu em santa Venera, a deusa Artemísia em santo Artemidos, os deuses Mercúrio e Dioniso em são Mercúrio e são Dionísio, a divindade solar Hélio em santo Elias. Na Irlanda, quando são Columba fundou sua igreja em Derry ("Bosque de Carvalhos"), mostrou-se "tão relutante em derrubar certas árvores sagradas que fez seu oratório mirar o Norte, em vez do Oriente" — o Norte, em direção de *Caer* Arianrhod. Quando esteve na Escócia, declarou que "embora temesse a morte e o inferno, o som de um machado no bosque de Derry o assustava ainda mais". Contudo, os tempos de tolerância não duraram muito: quando os príncipes irlandeses perderam o privilégio de designar os bispos entre os membros de seu clã e os iconoclastas tornaram-se, politicamente, bastante fortes para iniciar sua tarefa virtuosa, os machados se levantaram e caíram sobre todas as colinas sagradas.

Seria injusto chamar de "apóstatas" os poetas heréticos. Eles estavam mais interessados nos valores poéticos do que no dogma prosaico. Deve ter sido fastidioso para eles serem restringidos na construção de seus poemas pelas convenções eclesiásticas. "Será isso razoável" — devem ter exclamado —, "embora o papa permita nossa representação de Jesus como peixe, Sol, pão, videira, cordeiro, como pastor ou rocha, como um herói conquistador, até mesmo como uma serpente alada, ainda assim ele nos ameaça com o fogo do inferno se ousarmos, em alguma ocasião, celebrá-lo nos termos dos veneráveis deuses sobre os quais Jesus se impôs e de cujos rituais se derivou cada um desses símbolos. Ainda que tropecemos num único artigo do dificílimo credo de Atanásio, não precisamos que nos recordem, de Roma ou de Cantuária, que Jesus foi o maior de todos os reis sagrados e que sofreu numa árvore, até a morte, para o bem do povo; que tumultuou o inferno, ressuscitou dentre os mortos e que, nele, se completaram todas as profecias. No entanto, fingir que ele fora o primeiro a ser celebrado pelos poetas como tendo realizado esses feitos prodigiosos é, a despeito de são Paulo, demonstrar-se hipócrita ou inculto. Assim, em sua profetizada segunda vinda, preservamo-nos o direito de chamá-lo de Belin ou de Apolo ou, mesmo, de rei Arthur."

O mais virtuoso e esclarecido dentre os primeiros imperadores romanos, Alexandre Severo (222-235 d.C.), sustentara quase a mesma visão. Considerava-se a reencarnação de Alexandre, o Grande, e, segundo seu biógrafo, Lamprídio, adorava, entre as divindades de sua casa, Abraão, Orfeu, Alexandre e Jesus Cristo. Esta referência de Alexandre Severo sugere uma reconsideração da desacreditada palavra "Hélio-Arquita", empregada no início do século XIX para definir um hipotético culto pagão revivido pelos bardos como uma heresia cristã na qual o sol e a arca de Noé eram os principais objetos de adoração. O termo "arquita" separado de "Hélio" foi empregado, pela primeira vez, pelo arqueólogo Jacob Bryant, em 1774, em seu livro *Analysis of Ancient Mythology*; contudo, a palavra foi formada de modo incorreto, se é que quer significar "arqueana" ou "arcassiana", isto é, "concernente à arca", como pretende Bryant,

uma vez que a terminação "ita" denota origem tribal ou cívica e, não, uma opinião religiosa. Com efeito, parece que Bryant tomou a palavra "arquita" de empréstimo a algum trabalho antigo sobre religião e que não a compreendeu bem.

Existe apenas um único arquita famoso na história das religiões — este mesmo Alexandre Severo, cognominado "o Arquita" por ter nascido no templo de Alexandre o Grande, em Arka, no Líbano, onde seus pais romanos foram participar de um festival. Sua mãe, Mamea, era cristã à moda dela. Os "arquitas" mencionados em Gênesis 10, 17[2] e também nas *Cartas de Tell-Amarna*, datadas de 1400 a.C., eram um antigo povo cananeu bem conhecido por seu culto da deusa-lua Astarté, ou Ishtar, a quem era consagrada uma arca feita em madeira de acácia. Contudo, Arka, que, nas *Cartas de Tell-Amarna*, aparece como "Irkata", não estava, necessariamente, correlacionada com a raiz indo-européia *"arc"*, que significa "proteção", da qual derivam algumas palavras latinas, como *arceo*, "eu protejo", *arca*, "uma arca", e *arcana*, "segredos religiosos". Os "arquitas" (araceus) são arrolados no capítulo 10 do Livro do Gênesis junto com os emateus, os heveus do Líbano (provavelmente acaifitas ou aqueus) e os gergeseus da Baixa Galiléia, que parecem ter tido origem em Gergithion, perto de Tróia, e ser o povo que Heródoto chama de "remanescentes dos antigos teucros". O culto arquita, mais tarde a heresia arquita, era a religião sincrética própria de Alexandre Severo e, neste sentido da palavra, Gwion pode ser considerado um arquita. O sol e a arca são, com efeito, os elementos mais importantes do mito de Héracles. Também Ishtar, na saga de Gilgamesh, que trata do dilúvio babilônico, desempenha, para com o herói, o mesmo papel de falsidade que Blodeuwedd cumpre para com Llew Llaw no *Mabinogion*, que Dalila representa para Sansão no Livro dos Juízes ou Dejanira para Héracles na lenda clássica. É de lamentar-se que entusiásticos seguidores de Bryant tentassem fazer passar como tese sólida uma argumentação irresponsável e até fraudulenta.

A cortês referência à Sé de são Davi no enigma de Gwion — é importante ressaltar que o próprio são Davi fora uma criança miraculosa, nascida de uma casta monja — e os vaticínios antiingleses de um poeta do século X, que também se autodenominava Taliesin, os quais estão agrupados com os poemas de Gwion em *O livro vermelho de Hergest*, sugerem que Gwion tivesse esperanças de reviver a heresia arquita e de elevá-la à condição de religião popular pancelta que deveria, também, incluir os daneses celtizados da região de Dublin e reunir bretões, irlandeses, galenses e escoceses numa confederação política contra anglos, normandos e francos. Se era assim, suas esperanças ficaram desapontadas. Os angevinos estavam demasiadamente fortes: por volta de 1282, o País de Gales tornara-se uma província da Inglaterra, os normandos estabeleceram-se de modo firme em Dublin e o chefe de Llewellyn, príncipe do Norte de Gales, líder da nação, fora trazido a Londres e exibido na Tower Hill, coroado com

[2] No original, consta a citação de Gênesis 10, 7. Contudo, a referência correta é Gênesis 10, 17, onde aparece, na Bíblia de Jerusalém, o termo "araceu". (N. T.)

uma guirlanda de hera: numa alusão escarnecedora da profecia galense de que ele lá seria coroado. Não obstante, o romance de Gwion continuava a ser recitado e o nacionalismo galense foi revivido lá pelo final do século XIV sob a liderança do príncipe Owen Glendower, que fazia uma duvidosa reivindicação de descender do mesmo príncipe Llewellyn, o último príncipe da linhagem real que havia governado o País de Gales desde o século III d.C. Glendower, cuja causa era apoiada por um novo autodenominado "Taliesin", sustentou uma guerra intermitente, com a ajuda francesa, até sua morte, em 1416.

Foi por essa época que o dr. Sion Kent, pároco de Kenchurch, reclamava daquilo que parecia ser a mesma heresia arquita, uma vez que Hu Gadarn, o herói que guiou os cimbros para a Grã-Bretanha a partir da Trapobana (Ceilão), era invocado nela como um alegórico campeão da liberdade galense:

Two kinds of inspiration in good truth
Exist and manifest their course on earth:
Inspiration from sweet-spoken Christ,
Orthodox and gladdening the soul,
And that most unwise other Inspiration,
Concerned with false and filthy prophecy
Received by the devotees of Hu (Gadarn),
The unjustly usurping bards of Wales.

Em verdade, dois tipos de inspiração
Existem e se manifestam sobre a Terra:
A inspiração proveniente do doce Cristo,
Ortodoxa e que a alma rejubila,
E esta mais néscia inspiração
Voltada a falsa e suja profecia
Que recebem os devotos de Hu (Gadarn),
Injustos e usurpadores bardos de Gales.

As "falsas e sujas profecias", provavelmente, dizem respeito à expulsão dos ingleses do País de Gales e à restauração da independência da Igreja galense. O dr. Kent, cujo nome indica que não tinha sangue galense, tinha uma ansiedade natural com relação ao futuro. O nacionalismo implicava um patente retorno do povo de Kenchurch a incontáveis superstições pagãs, a cuja supressão dedicara grande parte de sua vida. Como poeta, talvez estivesse enciumado com a influência dos menestréis sobre seu rebanho.

A lei repressiva de Henrique IV, promulgada em 1402, indica que os cantores ambulantes continuavam agitando o sentimento popular com seus vaticínios contra os ingleses, até mesmo depois da queda de Owen Glendower: "Para evitar muitos males e enfermidades que sobrevieram, até os dias de hoje, ao País de Gales, por causa de muitos dissipadores, versejadores, menestréis e outros

vagabundos, ordena-se e institui-se que, de forma alguma, devam esses tipos receber qualquer ajuda, na terra de Gales, para realizar *commorthies* [quer dizer *kymhorthau*, isto é, "reunião de vizinhos"] ou reuniões casuais de gentes da plebe do local." Em sua obra *Tours* (*Viagens*), Pennant comenta que o objetivo dessas *commorthies* era "reunir um número suficiente de homens fisicamente capazes de efetuar uma insurreição".

É possível que o Gwion original, que reavivou o druidismo no País de Gales como arma política contra os ingleses, tenha vivido muito anteriormente, no reinado do príncipe Owain Gwynedd, filho do dotado príncipe Grufudd ap Kynan, que foi o primeiro a trazer bardos irlandeses para o Norte do País de Gales. Owain governou de 1137 a 1169 e resistiu aos exércitos do rei Henrique II, com sucesso bem maior do que os escoceses, os bretões ou os irlandeses. Cynddelw, em cujos poemas a palavra *druida* ocorre pela primeira vez, dirige-se a Owain como "a porta dos druidas", sendo "porta" mencionada, em *Câd Goddeu*, como sinônimo do carvalho real. Owain pode também ser o herói celebrado nos versos de pé quebrado de *A canção de Daronwy*, de *O livro de Taliesin*:

> *In driving back the oppressor across the sea*
> *What tree has been greater than he, Daronwy?*
>
> Ao expulsar o opressor através do mar,
> Que árvore foi mais admirável do que ele, Daronwy?

"Daronwy" significa "trovejante", e é outro sinônimo do carvalho, e Owain havia dispersado com grandes baixas a expedição marítima que Henrique II enviou contra Anglesey em 1157.

Para quem duvidar que Gwion pudesse ter adquirido, na Irlanda, conhecimentos de grego e de hebraico necessários para construir seu enigma, eis aqui uma passagem da edição feita por C. S. Boswell da obra irlandesa do século X *Fis Adamnain* (*A visão de santo Adamnain*):

> Enquanto a Igreja cristã da Inglaterra teutônica devia sua existência, principalmente, à atividade missionária de Roma, as Igrejas celtas, que eram muito mais antigas, e, sobremaneira, a Igreja da Irlanda estavam vinculadas de modo mais íntimo com a Gália e com o Oriente. A Irlanda tinha um grande débito por sua conversão original para com a Gália. Ambos os países continuaram mantendo intenso e ininterrupto intercâmbio. O Sul da Gália foi o principal pólo de conservação da cultura no início da Idade Média, além de representar o centro irradiador de missionários. A Igreja do Sul da Gália, desde os mais primevos tempos do cristianismo, manteve-se em estreito contato com as Igrejas do Oriente. O grande monastério de Lérins, onde se afirma ter estudado são Patrício, foi fundado por monges vindos do Egito e, por muitos séculos, a Igreja egípcia continuou a manifes-

tar um vivo interesse nos assuntos gauleses. Com efeito, não apenas Lérins, mas Marselha, Lyon e outras regiões do Sul da Gália mantiveram constante relacionamento tanto com o Egito quanto com a Síria. O resultado natural disto foi que muitas instituições da Igreja gaulesa têm a marca das influências orientais, apesar de sua crescente submissão a Roma, que data do ano 244. Por conseguinte, as íntimas relações com a Gália, mantidas por clérigos e eruditos irlandeses, os colocaram necessariamente em contato com seus irmãos egípcios e sírios, bem como com idéias e práticas que prevaleciam em suas respectivas Igrejas.

A relação da Irlanda com o Oriente não se limitava à Gália intermediária. As peregrinações irlandesas ao Egito continuaram até o final do século VIII, e Dicuil recorda uma expedição topográfica feita a este país por dois irlandeses, Fidélis e seu companheiro. Além disto, existem provas documentais de que nem mesmo os irlandeses que permaneciam em casa desconheciam o Oriente. O *Saltair na Rann* contém uma versão irlandesa de *O livro de Adão e Eva*, um trabalho escrito no Egito no século V ou no século VI, do qual se desconhece menção fora da Irlanda. A obra de Adamnain, *De Locis Sanctis*, contém um relato do monastério do monte Tabor, o qual pode passar por uma descrição de uma comunidade monástica irlandesa de sua época. Na verdade, todo o sistema de vida, tanto anacorética quanto cenobítica da Irlanda se parece muito com aquela que predominava no Egito e na Síria. As comunidades monásticas, que consistiam em grupos de cabanas isoladas ou de celas aglomeradas, bem como outros exemplos mais antigos da arquitetura eclesiástica irlandesa, levam-nos a pensar numa origem síria. O dr. G. T. Stokes afirma que "as escolas irlandesas eram mais provavelmente modeladas segundo as formas e regras das lauras egípcias".

Porém, não era apenas às influências sírias e egípcias que a Irlanda estava submetida por causa de seu intercâmbio com a Gália meridional. A civilização deste país era essencialmente grega e continuou sendo por muitos séculos depois da era cristã. Sem dúvida este foi o fator que contribuiu para a conhecida sobrevivência da educação grega nas escolas irlandesas por muito tempo depois de seu quase total desaparecimento no resto da Europa Ocidental. Não se deve supor que essa instrução se caracterizasse pela exatidão da erudição, nem por amplo conhecimento da literatura clássica; contudo, não se limitava a mero conhecimento do idioma, nem a passagens e citações recuperadas de segunda mão. João Escoto Erígena traduziu as obras do pseudo Dionísio Areopagita; Dicuil e Firghil (Virgílio, bispo de Salzburgo), estudou livros gregos de ciência; Homero, Aristóteles e outros autores clássicos eram conhecidos de alguns escritores irlandeses. Inúmeros teólogos irlandeses estavam familiarizados com os padres gregos e com outras obras teológicas. Tampouco eram desconhecidos, na Irlanda, os gregos em pessoa. Muitos clérigos gregos lá se refugiaram, durante a perseguição iconoclasta, e deixaram traços característicos na época do arcebis-

po Ussher. E o antigo poema sobre a Feira de Carman faz menção a mercadores gregos que dela vinham participar.

Assim, é evidente que o escritor irlandês dispunha de amplos meios para conhecer as tradições tanto orais quanto escritas das Igrejas grega e oriental. O conhecimento, assim adquirido, se estendia às visões apocalípticas, como prova o testemunho interno que fornecem *As visões irlandesas*, ao mesmo tempo por referência direta e pela natureza de seus conteúdos. Resta ver até que ponto chegou a predileção que os escritores irlandeses demonstravam por esse tipo de literatura, bem como as características especiais que assume, em suas mãos, podem ter sido determinadas por seu conhecimento de idéias análogas que preexistiam em sua produção literária nacional.

No período em questão, a literatura tradicional da Irlanda parecia ter-se incorporado na vida nacional num grau que não era menor do que na própria Grécia. Na realidade, em certos aspectos, estava ainda mais entremeada com os hábitos do povo e com a estrutura da sociedade do que na Grécia, pois a profissão literária era provida por uma dotação pública, algo semelhante a uma Igreja nacional instituída, e seus professores formavam um corpo organizado por lei, além de ocuparem uma posição reconhecida no Estado.

As repetidas formas verbais "eu fui" e "eu era" que aparecem nos enigmas do *Hanes Taliesin* de Gwion sugerem que o alfabeto Boibel-Loth, que é sua solução, originalmente, consistia em vinte títulos místicos de uma única divindade masculina proteiforme, correspondente a suas mudanças sazonais. Além disto, esses títulos eram guardados em segredo, primeiramente por causa de seu poder invocatório e, mais tarde, porque eram considerados heréticos pela Igreja. Entretanto, por qual motivo o Boibel-Loth contém tantas aproximações com nomes bíblicos, extraídos do Gênesis e do Êxodo, os quais, já nos tempos cristãos, tinham perdido sua importância religiosa, tais como Lot, Telmen, Jachin, Hur, Caleb, Ne-esthan, que eram todos nomes correlacionados com o Sinai, com o Sul da Judéia e com a região edomita do mar Morto?

Essa foi a região onde as comunidades dos essênios se estabeleceram de cerca de 150 a.C. a 132 d.C. Os essênios parecem ter sido um ramo dos terapeutas, ou curadores, seita judaica ascética assentada perto do lago Mareótis, no Egito. Plínio os descreveu como sendo o corpo religioso mais estranho do mundo. Ainda que fossem judeus e, também, uma espécie de fariseus, acreditavam num paraíso ocidental — do qual Flávio Josefo, ao falar das crenças dos essênios, faz exatamente a mesma descrição que Homero, Hesíodo e Píndaro — e, como os druidas posteriores, criam no regresso das almas puras ao Sol, cujo surgir invocavam todos os dias. Eles evitavam o sacrifício de animais, trajavam roupas de linho, praticavam a adivinhação, meditavam dentro de círculos mágicos, conheciam bem as virtudes das plantas e das pedras preciosas. Em conseqüência, supõe-se, geralmente, que estivessem sob influência filosófica de Pitágoras, o

discípulo asceta de Ábaris, o Hiperbóreo. Abstinham-se de realizar culto no Templo de Jerusalém, talvez porque o costume de inclinar-se em direção do Oriente, ao amanhecer, tivesse sido suspenso ali. Também condenavam à morte quem quer que blasfemasse contra Deus ou Moisés.

Uma vez que, entre os fariseus de Jerusalém, Moisés, como homem, não podia ser blasfemado, conclui-se que, para os essênios, ele tinha algo divino. A história de Moisés apresentada no Pentateuco era igual à do Héracles canópico — o deus que é colocado num berço flutuante no rio Nilo realiza prodígios, morre misteriosamente no alto de uma montanha e, depois, torna-se um herói e um juiz. No entanto, fica claro que os essênios distinguiam o Moisés histórico, que conduziu os israelitas para fora do Egito, do semideus Moisés, da mesma maneira que os gregos separavam o Héracles histórico, príncipe de Tirinto, do Héracles celestial. No Capítulo 25, darei razões para se supor que — embora os essênios tivessem adaptado a fórmula grega do Héracles celestial a seu culto de Moisés, enquanto semideus, e também possam ter sido discípulos de Pitágoras — foi de uma fonte judaica do século VI a.C. que os pitagóricos derivaram o novo nome sagrado do Deus que as tribos de Amathaon (os emateus) e de Gwydion estabeleceram na Grã-Bretanha por volta do ano 400 a.C.

Os iniciados essênios, segundo Flávio Josefo, juravam segredo sobre os nomes dos Poderes que, abaixo de Deus, governavam o Universo. Seriam esses poderes as letras do Boibel-Loth que, juntas, compunham a história da vida e da morte de seu semideus Moisés? "Davi" pode parecer pertencente a um contexto posterior aos demais, contudo, é encontrado como título real numa inscrição do século XVI a.C. Ora, o Pentateuco só foi composto muito tempo depois do reinado de Davi. Além do mais, para os essênios, Davi era o nome do Messias prometido.

Se todos os nomes das vogais do Boibel-Loth, não apenas o nome de Jaichim, tiverem sido precedidas por um *"J"*, elas se transformam em Jacab, Jose, Jura, Jesu, Jaichim — que são Jacó, José, Jerah, Joshua, Jaichim, todos nomes de tribos mencionadas no Gênesis. A série essênica dos nomes das letras, antes que Gwion, em seu enigma, alterasse alguns deles para nomes tirados do Novo Testamento, do *Livro de Enoque* e das mitologias galense e latina, pode ser reconstruída da seguinte maneira:

Jacob	Babel	Hur	Moriah
Joseph	Lot	David	Gad
Jerah	Ephron	Telmen	Gomer
Joshua	Salem	Kohath	Jethro
Jachin (Jaquim)	Ne-esthan	Caleb	Reu

Dentre estes nomes, só quatro não correspondem a clãs ou tribos, a saber: Babel, "Casa da Sabedoria"; Moriah, a montanha consagrada a Iahweh; Salém, sua cidade sagrada; e Ne-esthan, sua serpente sagrada. Parece possível, então,

que a versão essênica dos nomes das letras do Boibel-Loth tivesse sido levada para a Irlanda, no início da era cristã, pelos gnósticos de Alexandria, herdeiros espirituais dos essênios, depois que Adriano dissolveu a Ordem deles em 132 d.C. O dr. Joyce, em sua *Social History of Ancient Ireland*, relembra que, em tempos de perseguição, os monges egípcios, com freqüência, fugiam para a Irlanda, e que um certo Paládio foi enviado de Roma para tornar-se bispo dos cristãos irlandeses, bem antes da chegada de são Patrício.

O alfabeto, em si, evidentemente, não era de origem hebraica: tratava-se de uma canópica fórmula calendar grega adotada por judeus de fala grega no Egito, que a disfarçaram, sob nomes de personagens e de lugares das Escrituras. Como sugiro em meu livro *King Jesus*, é provável que, no universo essênio, cada letra se convertesse numa potestade que servia ao Filho do Homem — Moisés como Héracles celestial —, o qual, por sua vez, servia ao Ancião dos Dias, Iahweh como Deus Supremo. Consta que o noviço essênio trajava túnica azul e que o iniciado vestia branco. Quereria isto dizer que o noviço era o "portador do lótus", significando que ainda não estava iniciado? O lótus egípcio era azul. Em *King Jesus* sugiro também que as duas ordens misteriosas dos essênios, os sansonianos (*sampsonians*) e os heliceanos, eram peritos nos mistérios do calendário e deviam seus nomes a Sansão (cujo segundo *s*, em alguns textos gregos, é *ps*), herói solar, e a *Helix*, o círculo cósmico. (O essênio que desejasse meditar deveria isolar-se do mundo dentro de um círculo traçado a seu redor, na areia.) As vinte potestades do Babel-Lot figurariam entre as mencionadas com desagrado por Paulo, em Gálatas 4, 8-10, como "fracos e miseráveis elementos (*stoicheia*)". Os judeus-gálatas apóstatas voltavam a adorar as potestades como deuses, com uma cuidadosa observação do calendário. Na Primeira Carta aos Coríntios 15, 24 e 25, Paulo sustenta que foram vencidos por Jesus Cristo, que é o único mediador para o Pai. A influência de Paulo foi decisiva: para a Igreja ortodoxa logo deixaram de ser agentes da vontade divina e tornaram-se demônios.

Os essênios invocavam anjos em seus mistérios. Aqui aparece algo ímpar: os "sabujos do caçador Herne" ou os "cães de Annwm", que caçam almas através do céu, são, no folclore britânico, também chamados de "rodas dentadas de Gabriel" ou "sabujos de Gabriel". Por que Gabriel? Seria porque Gabriel, cujo dia era a segunda-feira (dia dedicado à Lua), era mensageiro de Sheol (a Hécate hebraica) e fora enviado a convocar as almas para o Juízo? Esta era a tarefa de Hermes, e Herne — deus britânico do carvalho, cuja memória sobreviveu na floresta de Windsor, até o século XVIII — é, geralmente, identificado com Hermes. Gabriel e Herne são igualados nos baixos-relevos do século XIII que emolduram a porta da igreja em Stoke Gabriel, em South Devon. O anjo Gabriel olha do alto para baixo, mas à direita de quem entra está esculpido o caçador impetuoso, com os dentes ameaçadores e uma mecha de cabelos sobre o rosto e um par de sabujos a seu lado. Contudo, no Egito, Hermes, embora fosse Tot, em certo aspecto, noutro era o deus Anúbis de cabeça de chacal, filho de Néftis, a Hécate egípcia. Assim Apuleio o descreve, destacando sua face "às vezes terrível, às vezes benig-

na, levantando a cabeça do deus Anúbis". Isto estabelece a equação Gabriel = Herne = Hermes = Anúbis. Porém, Gabriel era sempre igualado a Anúbis na Antiguidade. Por um capricho da sorte, encontrou-se uma gema egípcia que mostra Anúbis com uma palma e o surrão do lado da frente e, do outro lado, um arcanjo definido como GABRIER SABAO, o que significa "Gabriel Sabaoth", tendo os egípcios, como de costume, trocado o *l* por *r*. (Essa gema é descrita por Haas em seu *Bilderatlas*.) Seria então "Annwm", que é uma forma contrata de "Annwfn", uma versão celta de "Anúbis"? No falar do País de Gales, o "*b*" de Anúbis mudar-se-ia, como é natural, em "*f*".

Foram tantos os absurdos escritos sobre os essênios — por gente que sequer se deu ao trabalho de pesquisar; em Flávio Josefo; Plínio, o Velho; Filão de Biblos ou alhures; as respostas para quem eram eles e no que acreditavam — que eu nem deveria arrolá-los nesta história, não fosse por um poema de Gwion chamado *Yr Awdil Vraith* (*Canção Diversificada*). O texto que aparece no *Manuscrito Peniardd* está incompleto, mas algumas estrofes suas são preferíveis àquelas de *O livro vermelho de Hergest*:

The All-Being made,
Down the Hebron Vale,
With his plastic hands,
Adam's fair form:

And five hundred years,
Void of any help,
There he lingered and lay
Without a soul.

He again did form,
In calm paradise,
From a left-side rib,
Bliss-throbbing Eve.

Seven Hours they were
The orchard keeping,
Till Satan brought strife,
The Lord of Hell.

Thence were they driven,
Cold and shivering,
To gain their living,
Into this world.

To bring forth with pain
Their sons and daughters,
To have possession
Of Asia's land.

Twice five, ten and eight,
She was self-bearing,
The mixed burden
Of man-woman.

And once, not hidden,
She brought forth Abel,
And Cain the solitary
Homicide.

To him and his mate
Was given a spade,
To break up the soil,
Thus to get bread.

The wheat pure and white,
In tilth to sow,
Every man to feed,
Till great yule feast.

An angelic hand
From the high Father,
Brought seed for growing
That Eve might sow;

But she then did hide
Of the gift a tenth,
And all did not sow
In what was dug.

Black rye then was found,
And not pure wheat grain,
To show the mischief,
Thus of thieving.

For this thievish act,
It is requisite,
That all men should pay
Tithe unto God.

Of the ruddy wine,
Planted on sunny days,
And the white wheat planted
On new-moon nights;

The wheat rich in grain,
And red flowing wine
Christ's pure body make,
Son of Alpha.

The wafer is flesh,
The wine, spilt blood,
The words of the Trinity
Consecrate them.

The concealed books
From Emmanuel's hands
Were brought by Raphael
As Adam's gift.

When in his old age,
To his chin immersed
In Jordan's water,
He kept a fast.

Twelve young men,
Four of them angels,
Sent forth branches
From the flower Eve.

To give assistance,
In every trouble,
In all oppression,
While they wandered.

Very great care
Possessed mankind
Until they obtained
The tokens of grace.

Moses obtained
In great necessity
The aid of the three
Dominical rods.

Solomon obtained
In Babel's tower,
All the sciences
Of Asia's land.

So did I obtain
In may bardic books,
Asia's sciences,
Europe's too.

I know their arts,
Their course and destiny,
Their going and coming
Until the end.

Oh! what misery,
Through extreme of woe,
Prophecy will show
On Troia's race!

A chain-wearing serpent,
The pitiless hawk
With wingèd weapons,
From Germany.

Loegria and Britain
She will overrun,
From Lychlyn sea-shore
To the Severn.

Then will the Britons
As prisoners be
By strangers swayed
From Saxony.

Their Lord they will praise,
Their speech they will keep,
Their land they will lose,
Except Wild Wales.

Till some changes shall come,
After long penance,
When shall be made equal
The pride of birth.

Britons then shall have
Their land and their crown,
And the stranger swarm
Shall vanish away.

All the angel's words,
As to peace and war,
Will thus be fulfilled
To Britain's race.

O Supra-Ser fez
No fundo do vale de Hebron
Com suas mãos hábeis
O belo corpo de Adão:

E durante quinhentos anos,
Carente de toda ajuda,
Lá deitado permaneceu
Desprovido de uma alma.

E Ele voltou a criar
No tranqüilo paraíso
Da costela do lado esquerdo
A bem-aventurada Eva.

Por sete horas foram
guardiães do pomar,
Até a briga ser trazida por Satã,
O senhor dos infernos.

Dali foram expulsos
Com frio e tremores
Para ganhar a vida
Neste nosso mundo.

Para com dores parir
Seus filhos e suas filhas
E para tomarem posse
Da terra da Ásia.

Duas vezes cinco, dez e oito,
Ela suportou sozinha
o fardo misto
De macho-fêmea.

E uma vez, sem ocultar,
Deu à luz Abel
E Caim, o solitário
Homicida.

A ele e sua companheira
Foi dada uma pá
Para lavrar o solo
E, assim, conseguir o pão.

O trigo puro e branco
Foi na terra pronta semeado
Para alimentar todos os homens
Até a grande festa do Natal.

Angelicais mãos trouxeram
Da parte do Pai Altíssimo
Sementes para plantar
Que Eva devia espalhar.

Ela entretanto ocultou
Um décimo da doação
E não semeou tudo
Nos sulcos abertos.

Centeio negro foi achado
E não os grãos puros de trigo
Para mostrar o dano acarretado
Assim por este furto.

Por este ato furtivo
Tornou-se requisito
Que todo homem devesse pagar
O dízimo para Deus.

Parte do vinho tinto
plantado em dias de sol
E do trigo branco semeado
Nas noites de lua nova;

Dos grãos ricos de trigo
E do vinho tinto que flui
Faz-se o puro corpo de Cristo.
Filho de Alfa.

A hóstia é a carne,
O vinho, o sangue derramado,
E as palavras da Trindade
A ambos consagram.

Os livros ocultados
Das mãos de Emanuel
Foram levados por Rafael
Como presente de Adão.

Quando em sua velhice,
Imerso até o queixo
Nas águas do Jordão,
Ele, então, jejuou.

Doze homens jovens
Quatro dos quais eram anjos
Atiraram ramos
Da flor de Eva.

Para prestar assistência
Em toda tribulação
Em toda opressão
Enquanto eles vagavam.

Enorme ansiedade
Sentia a humanidade
Até que recebeu
Os sinais da graça.

Moisés obteve,
Em grande necessidade,
A ajuda das três
Varas dominicais.

Salomão foi quem hauriu
Na torre de Babel,
Todos os conhecimentos
Da terra da Ásia.

Também eu soube aprender
Em meus livros de bardo
A sabedoria da Ásia
E da Europa também.

Conheço suas artes
Seu curso e seu destino
Seu ir e vir
Até o final.

Ó! Que grande miséria,
Através de extremos infortúnios
A profecia se há de mostrar
Para a raça de Tróia!

Uma serpente encadeada
E o impiedoso falcão
Com armas aladas,
Virão da Alemanha.

A Loegria e a Grã-Bretanha
Irão percorrer,
Desde a costa de Lychlyn
Até o rio Severn.

Então serão os britânicos
Como prisioneiros tratados
Por estrangeiros vindos
Dos lados da Saxônia.

O Senhor deles hão de louvar
Sua língua aprenderão
E perderão seu território
Com exceção de Gales.

Até que algumas mudanças ocorram
Depois de longo penar
Quando se fará igual
O orgulho do nascimento.

Os britânicos então terão
Sua terra e sua coroa
E a estrangeira súcia
Há de ser banida.

Todas as palavras do anjo
Com respeito à paz e à guerra
Terão assim cumprimento
Para a raça dos britânicos.

O fato de situar a criação de Adão em Hebron, em vez de colocá-la na Baixa Mesopotâmia, é no mínimo insólita. Muitos biblistas agora consideram os três primeiros capítulos do Gênesis como uma lenda jerahmeelita proveniente do Negeb, na Judéia, que foi assimilada pelos israelitas como sua e que foi babilonizada durante o cativeiro. Jerahmeel ("o Bem-amado da lua") é ainda outro nome para o Héracles canópico. O dr. Cheyne restaura o texto do Gênesis 2, 8 como "Iahweh plantou um jardim no Éden de Jerahmeel". Escreve ele:

> Os jerahmeelitas, de quem os israelitas tomaram a história, provavelmente localizavam o Paraíso numa montanha imensamente alta, às vezes num jardim, em alguma parte de seu território. A montanha em cujo topo havia um bosque sagrado desapareceu do relato do Gênesis 2, porém está atestada em Ezequiel e, no livro etíope de Enoque 24, a árvore da vida está situada numa cordilheira do sul. Quanto a sua localização, se é exato que a frase hebraica "uma terra onde jorra leite e mel" se referia, originalmente, a uma parte do Negeb (Números 13, 23 e 27), podemos deduzir que essa terra fértil, com suas videiras, romãzeiras e figueiras (ver Gênesis 3, 7), fora, certa feita, o Paraíso jerahmeelita.

O vale de Hebron, no Sul da Judéia, acha-se a mais de 1.200 metros acima do nível do mar e, antes que a agricultura desse início a um processo de erosão do solo — que, segundo recente estudo topográfico de Walter Clay Lowdermilk sobre a Palestina, rebaixou todo o território em cerca de um metro —, devia ser muito fértil. Ao que parece, o dr. Cheyne não conhecia esse poema de Gwion, cuja substância só pode ter vindo de uma fonte hebraica não contaminada pelo épico babilônico que os judeus assimilaram em seu cativeiro. E é difícil imaginar que tal fonte não fossem os essênios; especialmente porque Gwion explica que os livros nos quais estudou seus conhecimentos foram levados, originalmente, de Hebron pelo anjo Rafael para Adão. Nos livros de Tobias e de Enoque descreve-se Rafael como o anjo da cura e, por conseguinte, tem de ter sido o principal padroeiro dos terapeutas essênios. "Emanuel" se refere à profecia de Isaías sobre o nascimento do menino divino de uma virgem, isto é, a Jesus como Héracles.

O episódio de Adão, jejuando no Jordão com água até o queixo, encontra-se no *Saltair na Rann*, livro irlandês do século X, e no *A vida de Adão e Eva*, obra do início da Idade Média, na qual se baseia o *Saltair*. Quando Adão jejuou, segundo o *Saltair*, Deus o recompensou com seu perdão. Porém, não se conhece nenhuma fonte que fale na outorga da sabedoria a Moisés por meio de três varas dominicais (quer dizer, as varas do domingo). Pode ser uma tradição essênia, pois o domingo era o grande dia para os essênios e o verso recorda uma referência a três varas de freixo em um dos manuscritos de Iolo. *Sir* John Rhys considera autêntico este manuscrito:

Então, Menw ap Teirgwaedd tomou as três varas de freixo que brotavam da boca de Einigan Gawr e aprendeu todos os tipos de conhecimentos e de ciências que estavam escritos nela e, depois, ensinou tudo isto, EXCETO O NOME DO DEUS QUE DEU ORIGEM AO SEGREDO DOS BARDOS, e abençoado seja aquele que o detém.

O final do poema, da estrofe 27 em diante, é um fragmento distinto, que não foi escrito por Gwion e que data, talvez, do ano de 1210, quando, no reinado de Llewelyn ap Iowerth, o rei João da Inglaterra invadiu o Norte do País de Gales e o dominou por algum tempo.

O dr. Ifor Williams manifestou sua surpresa porque, na metade de *Câd Goddeu* de Gwion, aparece a tríade:

The three greatest tumults of the world —
The Deluge, the Crucifixion, the Day of Judgement.

Os três maiores tumultos do mundo:
O dilúvio, a crucifixão e o Dia do Juízo.

Isto parece ser uma variante do texto dos versos que transcrevi da tradução de Nash e que surgem duas vezes no poema:

One of them relating
The story of the Deluge
And of the Cross of Christ
And the Day of Judgement near at hand.

Um deles relatando
A história do dilúvio
E da Cruz de Cristo
E do Dia do Juízo já próximo.

A versão do dr. Williams também se ajusta perfeitamente ao relato do Boibel-Loth acerca do Héracles viajando pela terra inundada, em sua taça de ouro, sendo sacrificado na montanha, julgando e instituindo. Com efeito, o Credo dos Apóstolos é a mesma velha história — "(...) concebido pelo Espírito Santo, nascido da Virgem Maria — sofreu e foi crucificado —, há de vir a julgar os vivos e os mortos".

É possível que o Credo dos Apóstolos, em sua versão latina mais antiga, citada por Tertuliano no século II, tivesse sido originalmente composto por algum cristão gnóstico do Egito e sincreticamente modelado sobre a fórmula de Héracles. Pois, "concebido pelo Espírito Santo", lido à luz da gnose, faz uma referência direta à inundação. Na teoria gnóstica — a primeira aparição da

gnose como seita data do século I a.C. — Jesus fora concebido na mente do Espírito Santo de Deus, que era feminino em hebraico, e que, segundo o Gênesis 1, 2, "se movia sobre as águas". A Virgem Maria era o vaso físico no qual este conceito se encarnou e, além disto, para os gnósticos, "Maria" significava "do mar". O Espírito Santo masculino é um produto da gramática latina — *spiritus* é uma palavra masculina — e da desconfiança dos primeiros cristãos pelas divindades femininas e pelas semideusas. A concepção por um princípio masculino é ilógica e este é o único caso de ocorrência em toda a literatura latina. A masculinização do Espírito Santo foi ajudada por uma observação da Primeira Epístola de São João, de que Jesus atuaria como Paráclito ou Defensor dos homens diante de Deus Pai; no Evangelho de São João, coloca-se a mesma imagem na boca de Jesus, quando promete que Deus lhes enviará um Paráclito (habitualmente traduzido como "Consolador") quando ele tiver desaparecido. Esse Paráclito, um nome masculino, entendido como uma emanação mística de Jesus, foi identificado, erroneamente, com o Espírito arcaico que se movia sobre as águas. Os gnósticos, cuja língua era o grego, identificaram o Espírito Santo com *Sophia*, a Sabedoria, que era uma palavra feminina. Na Igreja Cristã primitiva, o Credo pronunciava-se apenas na hora do batismo, que consistia numa cerimônia de iniciação aos mistérios cristãos e que estava, no princípio, reservado aos adultos. O batismo fora, igualmente, um ato preliminar para a participação nos mistérios gregos que serviram de modelo aos mistérios cristãos, bem como naqueles druídicos.

Considerava-se que a cidade de Elêusis, onde se celebravam os mais famosos de todos os mistérios, recebera seu nome do rei ático Elêusis. Ora, sabe-se que esta palavra significa "advento", que foi o termo adotado, nos mistérios cristãos, para designar a chegada da Criança Divina. No uso inglês, compreende o Natal e as quatro semanas que o precedem. A mãe de Elêusis chamava-se "Daeira, filha de Oceano", "a Maga do Mar", que se identificava com Afrodite, a deusa-pomba minóica que surgia do mar em Pafo Chipre, todos os anos, com sua virgindade renovada. O rei Elêusis consistia noutro nome do Dioniso do cereal e a história de sua vida se celebrava nos Grandes Mistérios, um festival de ação de graças pelas colheitas no final de setembro. Às vezes dizia-se que seu pai era Ógigo, rei de Tebas, durante cujo reinado se produziu o grande dilúvio que alagou os trigais da Beócia. Num estágio primitivo dos Mistérios Eleusinos anuais, a cena do nascimento da Criança Divina, filho da Maga que veio do mar, era montada por mistagogos, vestidos de pastores, para a adoração dos celebrantes. Ele sentava-se num *liknos*, um cesto para colheita feito de salgueiro (vimeiro). A julgar pelos correspondentes mitos de Moisés, Taliesin, Llew Llaw e Rômulo, os mistagogos declaravam que o encontraram na beira do rio onde aportara depois de navegar pela enchente neste mesmo cesto, calafetado com qualquer ciperácea. Diremos, brevemente, que o *liknos* não era apenas empregado como cesto para colheita, como manjedoura e como berço, mas também como peneira para joeirar. O método consistia em sacudir os grãos e as cascas

juntos quando ventava forte e crivá-los nas cestas; a palha das cascas era soprada e o grão caía e se amontoava. É provável que os mistérios tenham tido origem nas festas de crivagem, realizando-se algumas semanas depois da colheita do trigo, quando sopravam os ventos do equinócio.

Uma sobrevivência interessante desses mistérios da festa de crivagem encontra-se nas ilhas Baleares e é o *xiurell*, ou seja, um apito de argila branca com enfeites vermelhos e verdes, feito à mão, nas formas tradicionais de sereia, serpente enroscada, homem com cabeça de touro, mulher com saia rodada e chapéu redondo, embalando um bebê nos braços ou com uma flor substituindo a criança, ou mesmo com o disco lunar coroado com chifres de vaca, homem com um alto chapéu pontiagudo e os braços levantados em adoração, um moçoilo montando um animal sem chifres, com as orelhas aguçadas, patas longas e focinho curto. Este apito tem seu papel, junto com ramos de marmeleiro e de sorveira, num festival eclesiástico que se realiza na aldeia de Bonanova, perto de Las Palmas, quando os aldeões sobem uma colina na noite do domingo seguinte ao dia 12 de setembro (Festa do Bendito Nome da Virgem Maria), data esta que corresponde ao dia 23 de setembro do antigo calendário. A finalidade do apito deve ter sido, originariamente, de induzir os ventos do nordeste que ajudavam na crivagem, que, segundo o almanaque local, começam a soprar nessa estação e, no final do mês, trazem do oceano Atlântico nuvens de chuva que regam o trigo invernal semeado no início do mês. Porém, tudo isto foi esquecido. A crivagem agora se faz em Maiorca em qualquer momento depois da colheita e não se celebra com festa de nenhum tipo. A sereia representa, evidentemente, Daeira (Afrodite), a mãe-lua de Elêusis (o Dioniso do cereal que aparece com ela no *xiurell* da mulher com criança no colo); o homem com cabeça de touro é Dioniso em idade viril; o homem com chapéu é um tutor ou *gran mascara*; o pequeno ginete é provável que seja também Dioniso, mas a espécie de sua alta montaria é indeterminada. Os ramos de marmeleiro, de sorveira e a argila branca são também em honra da Deusa, agora invocada como Virgem Maria. A serpente é o próprio vento, que, só nessa ocasião, é bem acolhido pelos ilhéus maiorquinos. Estes, por serem principalmente arboricultores, temem o siroco como ao próprio diabo — dizem eles que a bolsa do agricultor está dependurada no ramo de uma árvore —, e o som do apito só é ouvido na ilha na estação do *xiurell*. Cantam o lavrador enquanto conduz sua mula e o escolar ao voltar para casa da escola; para os demais *furbis, flabis, flebis*: "ruído de apito, longo pranto". Mais informações sobre a Deusa Branca e o silvo para atrair o vento serão encontradas no Capítulo 24.

"Rei Ógigo" é um nome inventado para explicar por que Elêusis era chamado "Ogigíade". Na verdade, nunca houve um rei Elêusis. A palavra significa "advento da Criança Divina". E o Menino não constituía, realmente, um filho de Ógigo: era, sim, filho da rainha da ilha de Ogígia, chamada Calipso, que também era Daeira, ou Afrodite, novamente a Maga do Mar, o espírito que se movia na superfície das águas. O fato era que, da mesma forma que Taliesin,

Merlin, Llew Llaw e, provavelmente, também a primitiva versão de Moisés,[3] Elêusis não tinha pai, apenas uma mãe virgem; sua origem precederia a própria instituição da paternidade. Para os gregos patriarcais, isso parecia vergonhoso e, para reparar o fato, deram-lhe como pai Ógigo, ou Hermes, porém, com mais freqüência, este último, por causa dos falos sagrados que se exibiam durante o festival, amontoados no mesmo *likŋos* de tanta utilidade. Houve uma época em que, tampouco, o Dioniso da videira tinha pai. Sua natividade parece ligada a um Dioniso mais arcaico, uma divindade do cogumelo, pois os gregos acreditavam que fungos e cogumelos eram gerados pelos raios e não nasciam de uma semente como as demais plantas. Quando os tiranos de Atenas, Corinto e Sicione legalizaram o culto de Dioniso em suas cidades, limitaram as orgias, substituindo os cogumelos pelo vinho. Assim, o mito de Dioniso do cogumelo foi unificado com o do Dioniso da videira, que, então, figurava como filho da tebana Sêmele e de Zeus, senhor do raio. Porém, Sêmele era irmã de Agave, que arrancou a cabeça de Penteu, seu filho, num arrebatamento dionisíaco. Para o erudito Gwion, tanto o Dioniso da videira como o do cereal eram ambos passíveis de serem reconhecidos como o Cristo, filho de Alfa — isto é, filho da letra *A*:

The wheat rich in grain,
And red flowing wine
Christ's pure body make,
Son of Alpha.

Dos grãos ricos de trigo
E do vinho tinto que flui
Faz-se o puro corpo de Cristo,
Filho de Alfa.

Segundo o talmúdico *Targum Yerushalmi* sobre Gênesis 2, 7, Iahweh apanhou pó do centro e dos quatro cantos da Terra e misturou com águas de todos os oceanos para criar Adão. O anjo Miguel teria recolhido o pó. Como os rabinos judeus preferiam alterá-las a destruir aquelas tradições antigas que pareciam danificar seu novo culto do transcendente deus Iahweh, pode-se postular, como história original, aquela que se refere a Michal (não Michael, Miguel) de Hebron, como a deusa criadora de Adão, com cuja sacerdotisa Davi se casou, obtendo, assim, seu título real. Davi casou-se com Michal em Hebron e esta cidade pode ser chamada de centro do mundo por sua posição próxima da junção de dois mares e de três antigos continentes. Esta identificação de Michal com Michael (Miguel) poderia parecer forçada se o nome de Michael não ocorresse apenas em escritos posteriores ao exílio, não constituindo, assim, parte da

[3] *Sir* Flinders Petrie defende a tese de que "Moisés" é uma palavra egípcia que significa "filho sem pai de uma princesa".

mais antiga tradição judaica. Além disto, em *Um discurso sobre Maria*, por Cirilo de Jerusalém, publicado por Budge em seu livro *Miscellaneous Coptic Texts*, ocorre a seguinte passagem:

> Está escrito no Evangelho aos Hebreus [um Evangelho perdido dos ebionitas, supostamente o original do Evangelho de São Mateus] que, quando Cristo quis vir até os homens na Terra, Deus Pai chamou uma poderosa força dos céus, chamada Michael, e entregou o Cristo a seus cuidados. E esta força desceu à Terra e foi chamada Maria, e Cristo esteve em seu ventre durante sete meses, depois do que ela o deu à luz. (...)

Os místicos essênios ebionitas do século I d.C. acreditavam num Espírito Santo feminino. Aqueles membros da seita, que abraçaram o cristianismo e, no século II, se desenvolveram como gnósticos clementinos, transformaram a Virgem Maria no vaso desse Espírito Santo — que eles chamaram de Michael ("Quem é como Deus?"). Segundo os clementinos, cuja teoria religiosa se popularizou numa novela chamada *The Recognitions*,[4] a identidade da verdadeira religião, em todas as eras, depende de uma série de encarnações da Sabedoria de Deus, da qual Adão foi a primeira e Jesus, a última. Neste poema de Gwion, Adão, depois de criado, permaneceu sem alma até que Eva viesse a animá-lo.

Contudo, Caleb, segundo o enigma do *Hanes Taliesin*, levou o Espírito Santo para Hebron, quando, na época de Josué, expulsou os emacins do santuário de Macpela — uma caverna oracular escavada na rocha e sepulcro de Abraão, onde Caleb fora para consultar o espírito do patriarca. O redator sacerdotal do Gênesis a descreve, também, como sepulcro de Sara e Jacó (Gênesis 23, 19; 25, 9; 50, 13) e em Gênesis 35, 29 dá a entender que Isaac, também, ali fora enterrado. A afirmação com relação a Jacó se contradiz em Gênesis 50, 11, onde se afirma que fora enterrado em Abel-Mesraim. Além do mais, Isaac, originariamente, viveu perto de Beer Laai-Roí (Gênesis 24, 62; 25, 11), onde provavelmente havia um santuário oracular, pois Beer Laai-Roí significa "o poço da queixada do antílope", e se Isaac era um *Boibalos*, ou seja, um rei-antílope, sua mandíbula profética — como norma as mandíbulas estavam presentes nos santuários oraculares, onde, ao que parece, eram depositadas junto com o cordão umbilical do herói — daria, como é natural, seu nome ao poço. Nas vizinhanças, havia uma caverna sagrada que, com o tempo, se transformou numa capela cristã. Por conseguinte, é provável que nem Isaac, nem Jacó, nem suas "esposas" estivessem, no início, relacionados com aquela caverna. O relato de sua compra a Efron (uma "potestade", conforme sugiro, do Boibel-Loth) e dos filhos de Het,

[4] Voltaire moldou seu livro *Cândido* nela, a qual recebeu a honra de figurar na lista *Areopagitica* feita por Milton, junto com *Poems*, de John Skelton, como sendo merecedora de permanente supressão.

normalmente considerados como sendo os hititas, aparece no Capítulo 23 do Gênesis, embora mais tarde e depois de muita edição este capítulo pareça relembrar um amistoso acordo entre os devotos da deusa Sarah, deusa da tribo de Isaac, e seus aliados, os devotos da deusa Het (Hator? Tétis?) que eram donos do santuário. Sarah foi obrigada, por outra tribo, a abandonar Beer Laai-Roí, e veio procurar asilo nas redondezas de Hebron. Como Sarah fosse uma divindade risonha e sua prole estivesse destinada a ser "como a areia da costa do mar", tratava-se, evidentemente, de uma deusa marinha do tipo de Afrodite.

Tudo que se precisa, agora, para amarrar esta argumentação em lógica poética é que Caleb tenha, na tradição judaica, se casado com alguém chamada Michal que fosse uma representante da deusa do mar local. Ele fez melhor do que isto: casou-se com Miriam.[5] (A tradição talmúdica é de que "ela não era nem bonita, nem gozava de boa saúde".) A equação decorrente é a seguinte: Miriam I = Espírito Santo = Michal = Michael = Miriam II. Assim, Michael era visto como o instrumento escolhido para a criação do primeiro Adão, usando o pó de Hebron e a água do mar; e Jesus era o segundo Adão; e Michael, ou Miriam ("Água do Mar"), a Virgem Maria, foi igualmente instrumento de sua criação.

Também se afirma que, em Jesus, se cumpriu a profecia do Salmo 110 (109), 4:

> Iahweh jurou e jamais desmentirá:
> "Tu és sacerdote para sempre,
> segundo a ordem de Melquisedec."

Isto é mais amplamente tratado na Epístola de São Paulo aos Hebreus. Melquisedec (Gênesis 14, 18-20), o rei sagrado de Salém, que deu a "Abraham" boas-vindas à Canaã ("Abraham", neste sentido, significa uma tribo nômade que chegou à Palestina vinda da Armênia, no final do terceiro milênio a.C.), "não tinha pai nem mãe". Considera-se, geralmente, que "Salém" significa Jerusalém e é provável que Salém apareça no Boibel-Loth como uma cortesia para com Melquisedec, que era sacerdote do Deus Supremo. Porém, J. N. Schofield, em seu *Historical Background to the Bible*, observa que, até o presente, os habitantes de Hebron não perdoaram a Davi a mudança de sua capital

[5] Um casamento análogo foi o que ocorreu entre Josué e Rahab, a deusa do mar, que aparece na Bíblia como a prostituta Rahab. Desta união, segundo *Sifre*, o mais antigo dos *midrashes*, só tiveram filhas, das quais descenderam muitos profetas, incluindo-se Jeremias; além disto, Hannah, a mãe de Samuel, era a encarnação de Rahab. A fábula sobre o nascimento de Samuel indica que essas "filhas de Rahab" constituíam um colégio matrilinear de sacerdotisas proféticas cujo casamento com Josué deu a ele o direito ao vale de Jericó. Como também se diz que Rahab se casou com Salomão (e, assim, se converteu em antepassada de Davi e Jesus), é possível que "Salomão" fosse o título que Josué assumiu com o casamento, pois a boda real implicava a morte o renascimento rituais em troca do nome, tal como ocorreu quando Jacó se casou com Raquel, a sacerdotisa da pomba, e se converteu em Ish-Raquel, ou Israel, "o homem de Raquel"

para Jerusalém ("Santa Salém"), a qual se referem como "a nova Jerusalém", como se Hebron fosse a autêntica Salém. No Talmude, registra-se a existência de uma seita de judeus heréticos chamados de melquisedequianos, que iam com freqüência a Hebron para adorar o corpo (ou consultar o espírito?) de Adão, que estaria enterrado na cova de Macpela. Se esses melquisedequianos adoravam Adão, o único outro personagem da Bíblia que não tinha pai nem mãe, sem dúvida identificavam a dignidade real de Melquisedec com a do Adão autóctone. Pois Adão, "o homem vermelho", parece que foi o primeiro herói oracular de Macpela; é provável que Caleb consultasse o fantasma dele e não o de Abraão, a menos que Adão e Abraão fossem títulos do mesmo herói. Elias Levita, o comentador judeu do século XV, recorda a tradição de que os *teraphim* que Raquel roubou de seu pai, Labão, eram cabeças mumificadas e que a do próprio Adão estava entre elas. Se ele tiver correto, a narrativa do Gênesis se refere a uma tomada do santuário oracular de Hebron aos calebitas pelos benjamitas de Saul.

Caleb era do clã edomita, o que sugere uma identificação de Edom com Adão: constituem a mesma palavra, significando "vermelho". Mas se Adão fosse realmente Edom, era de se esperar encontrar uma tradição referente à cabeça de Esaú, o ancestral dos edomitas, também estar enterrada em Hebron e, com efeito, isto é fornecido pelo Talmude. A explicação artificial dada nele é de que Esaú e seus filhos se opuseram ao sepultamento de Jacó na caverna de Macpela, com base no fato de que se tratava de uma propriedade edomita; José, declarando que ele deixara de ser edomita quando vendeu a primogenitura a Esaú, mandou buscar no Egito importantes documentos relativos ao caso; seguiu-se um combate no qual os filhos de Jacó foram vitoriosos e Esaú foi decapitado de um só golpe por um danita mudo; o corpo de Esaú foi carregado dali por seus filhos para ser enterrado no monte Seir; entretanto, sua cabeça foi enterrada em Hebron por José.

É compreensível a falta de pai de Melquisedec, mas por que haveria de não ter mãe? Talvez as histórias de Moisés, de Llew Llaw, de Rômulo e do Zeus cretense expliquem o fato. Em todos os casos, a criança é tirada de sua mãe logo que nasce. Assim, com efeito, ela não tem mãe. Normalmente é uma cabra, loba ou porca que o amamenta e ele passa aos cuidados de tutores. Trata-se do estágio transitório do matriarcado ao patriarcado. Nos mistérios eleusinos, a Criança Divina era criada por pastores, mas não pela mãe, nem por uma babá.

A sétima e a oitava estrofes de *Yr Awdil Vraith* são as mais estranhas de todas:

Twice five, ten and eight,
She was self-bearing,
The mixed burden
Of man-woman.

And once, not hidden,
She brought forth Abel,
And Cain the solitary
Homicide.

Duas vezes cinco, dez e oito,
Ela suportou sozinha
o fardo misto
De macho-fêmea.

E uma vez, sem ocultar,
Deu à luz Abel
E Caim, o solitário
Homicida.

Isto significa, suponho, que Eva deu à luz 28 filhos, atuando como sua própria parteira, depois a Caim e Abel e depois... Suprimiu-se uma estrofe, evidentemente, aquela que continha a heresia setiana, um desenvolvimento bem conhecido da teoria sincrética clementina, na qual Set era visto como uma prévia encarnação de Jesus.[6] Há de recordar-se que Réia figura no enigma do *Hanes Taliesin* tanto como a mãe do Zeus cretense como a de Rômulo. A lenda diz que ela pariu inúmeros filhos, que seu amante, Saturno, devorou, até que, finalmente, ela deu à luz Zeus, que escapou e, no final, acabou vingando seus irmãos castrando o pai. Gwion insinua que Eva, que ele identificava com Réia, teve trinta filhos no total e, depois, teve a Criança Divina, Set. Foram trinta, sem dúvida, porque o "reinado de Saturno" durou trinta dias e culminou com a festa do solstício de inverno que, mais tarde, se transformou nas festas natalinas. A letra *R* (*Riuben* ou *Rhea* ou *Reu*, no Boibel-Lot, e *Ruis*, no Beth-Luis-Nion) é atribuída ao último mês do ano. O reinado de Saturno, desta forma, corresponde ao período cristão do Advento, que antecede o dia do nascimento da Criança

[6] Nas etíopes *Legends of Our Lady Mary*, traduzidas para o inglês por Bridge, a teoria gnóstica é claramente exposta. Hannah ("Ana"), "o tabernáculo do testemunho de vinte pilares", que era a mãe da Virgem Maria, fazia parte de uma tríade de irmãs — da qual as duas outras eram uma outra Maria e Sofia. "A Virgem veio primeiro no corpo de Set, brilhando como uma pérola branca. Depois, sucessivamente, entrou em Enos, Cainan (...) Jared, Enoque, Methusela, Lamech, Noé (...) Abraão, Isaac, Jacó (...) Davi, Salomão (...) e Joaquim. E Joaquim disse a sua mulher Hannah: 'Vi o céu abrir-se e um pássaro branco desceu de lá e pairou sobre minha cabeça.' Pois bem, esse pássaro existia desde a Antiguidade, "(...) Era o Espírito da Vida em forma de um pássaro branco e (...) encarnou no ventre de Hannah quando a pérola se lançou dos quadris ["força geradora"] de Joaquim e (...) Hannah recebeu-a: era o corpo de Nossa Senhora Maria. A pérola branca é mencionada por sua pureza e o pássaro branco porque a alma de Maria existia desde sempre junto ao Ancião dos Dias.(...) Assim, pássaro e pérola são semelhantes e iguais." Do corpo de Maria, a pérola, o pássaro branco do espírito, depois entrou no corpo de Jesus, em seu batismo.

Divina. *Sir* James Frazer fornece detalhes desse período de trinta dias em seu *The Golden Bough*, em seu relato do martírio de são Dasius, no século IV d.C. Os clementinos rejeitavam a história ortodoxa da Queda por considerá-la depreciativa para a dignidade de Adão e de Eva; e Gwion em sua versão, de modo semelhante, coloca a culpa por sua expulsão inteiramente sobre Satã.

Os "doze homens jovens, quatro dos quais eram anjos" (quer dizer, os evangelistas, correspondiam evidentemente às doze tribos de Israel, quatro das quais — José, Simeão (ou Simão), Judá (ou Judas) e Levi (ou Mateus) — deram seus nomes a livros do primitivo cânon do Novo Testamento; é possível que, no sincretismo clementino, representassem os doze signos do Zodíaco.

A estrofe que se segue merece um exame cuidadoso:

Solomon obtained,
In Babel's tower,
All the sciences
Of Asia's land.

Salomão foi quem hauriu
Na torre de Babel,
Todos os conhecimentos
Da terra da Ásia.

"A confusão de línguas depois da queda de Babel" foi considerada pelos judeus-babilônicos como relativa à queda do famoso zigurate, "os jardins suspensos" da Babilônia. Contudo, diferentemente da torre de Babel, o zigurate se completou. É muito mais provável que o mito tivesse origem na confusão lingüística provocada pela conquista indo-germânica de Biblos, a metrópole egipcianizada do Povo do Mar, no início do segundo milênio a.C. Sem dúvida, houve um "balbucio de línguas" na Babilônia, mas não fora causado por nenhuma catástrofe repentina e os balbuciadores podiam, pelo menos, comunicar-se entre si por meio da linguagem assíria oficial. Se os habitantes de Biblos haviam começado, ou não, a trabalhar num gigantesco templo egípcio por ocasião da invasão da cidade e se foram, por isso, incapazes de terminá-lo, eu não sei; porém, se tivessem feito isto, seus infortúnios seriam atribuídos, naturalmente, ao ciúme divino por causa da inovação.

Além do mais, Ásia era o nome da mãe de Atlas e do Prometeu dos "pelasgos" gerados por Jápeto, que aparece no Gênesis como Jafé, filho de Noé: por conseguinte, o "território da Ásia" das estrofes 6 e 24 é sinônimo do Mediterrâneo oriental, ainda que mais propriamente significasse a Ásia Menor meridional. O rei Salomão, que reinou cerca de mil anos depois da queda da Biblos original — que caíra e soerguera-se várias vezes durante esse tempo —, bem pode ter aprendido seus segredos religiosos, de Biblos, cidade a qual os judeus chamavam de Gebal, pois seus habitantes ajudaram a construir o Templo. Isto vem

mencionado no Primeiro Livro dos Reis 5, 18,[7] embora a Versão Autorizada traduza erradamente "os homens de Gebal" por "talhadores de pedra" (*maçons*).

> E os construtores (pedreiros = *maçons*) de Salomão e os construtores de Hiram talharam as pedras, e os homens de Gebal; assim, eles prepararam madeiras e pedras para construir a Casa.

"Gebal" significa "o alto da montanha". A profunda sabedoria de Biblos — de onde os gregos tiraram a palavra para "livro" (e a palavra para Bíblia) — é comparada por Ezequiel, o profeta a quem os essênios parecem ter maior débito, à da cidade de Tiro de Hiram (Ezequiel 27, 8 e 9), que era um primitivo centro de comércio cretense. Salomão, certamente, construiu seu Templo em estilo egeu, assemelhando-o muito com o da Grande Deusa em Hierápolis, que foi descrito por Luciano em seu livro *De Dea Syria*. Havia uma colônia danesa perto de Biblos, que datava do século XIV a.C.

É possível que, embora os calebitas tivessem interpretado "Adão" como a palavra semita *Edom* ("vermelho"), o herói originário em Hebron era o danês Adamos, Adamas ou Adamastos, "o Inconquistável" ou "o Inexorável", um epíteto homérico de Hades, tomado de empréstimo a sua mãe, que era a deusa da morte.

[7] Na Bíblia de Jerusalém o trecho se encontra em 1 Reis 5, 32: "Os operários de Salomão e os de Hiram e os giblitas cortaram e prepararam as madeiras e as pedras para a construção do Templo." (N. T.)

Capítulo 10

O alfabeto das árvores
(1ª parte)

A primeira vez que encontrei o alfabeto Beth-Luis-Nion foi em *Ogygia*, de Roderick O'Flaherty, que o apresenta, junto com o Boibel-Loth, como uma autêntica relíquia do druidismo, oralmente transmitida ao longo dos séculos. Diz-se que, posteriormente, era utilizado apenas para adivinhação e que se compunha de cinco vogais e treze consoantes. Cada letra tem o nome da árvore ou arbusto cujo nome se inicia com ela:

Beth	B	bétula ou vidoeiro
Luis	L	sorveira
Nion	N	freixo
Fearn	F	amieiro
Saille	S	salgueiro
Uath	H	pilriteiro
Duir	D	carvalho
Tinne	T	azevinho
Coll	C	aveleira
Muin	M	videira
Gort	G	hera
Pethboc	P	sabugueiro-anão
Ruis	R	sabugueiro
Ailm	A	abeto ou pinheiro prateado
Onn	O	tojo
Ur	U	urze
Eadha	E	choupo-branco ou álamo
Idho	I	teixo

Os nomes das letras no moderno alfabeto irlandês também são nomes de árvores, correspondendo a maioria delas com a lista de O'Flaherty, embora o *T* tenha se tornado *gorse* (tojo), *O*, *broom* (giesta), e o *A* em *elm* (olmeiro).

Notei, quase de imediato, que as consoantes deste alfabeto formam um calendário sazonal de magia arbórea e que todas as árvores têm um papel de destaque no folclore europeu.

B para Beth
(bétula ou vidoeiro)

A primeira árvore da série é o vidoeiro, ou bétula, que reproduz a si próprio. Em toda a Europa empregavam-se varas de vidoeiro para impor limites e para fustigar delinqüentes — e, anteriormente, lunáticos —, com o objetivo de expulsar maus espíritos. Quando Gwion escreve em *Câd Goddeu* que o vidoeiro "armou a si próprio, mas com retardo", quer significar que os ramos da bétula só se enrijecem lá pelo final do ano. (Ele faz a mesma observação sobre o salgueiro e sobre a sorveira, cujos ramos tinham, igualmente, uso ritual.) Varas de bétula também eram usadas em rituais rústicos para expulsar o Espírito do Ano-Velho. Os lictores romanos carregavam varas de vidoeiro durante a instalação dos cônsules nesta mesma estação; cada cônsul tinha doze lictores, perfazendo uma companhia de treze. A bétula, ou o vidoeiro, é a árvore do início. Com efeito, de toda a floresta é a árvore que mais cedo, com exceção do misterioso sabugueiro, brota folhas novas. (O dia primeiro de abril, na Inglaterra, marca o início do ano financeiro.) Na Escandinávia, o brotar de suas folhas assinala o começo do ano agrícola, porque os lavradores o utilizam como orientador para o plantio do trigo da primavera. O primeiro mês começa, imediatamente, depois do solstício de inverno, quando os dias, depois de encurtarem ao máximo, voltam a alongar.

Considerando que existem treze consoantes no alfabeto, é razoável que se considere cada um desses meses arbóreos como o mês "lunar" consuetudinário britânico de 28 dias definido por Blackstone. Como já ficou indicado, há treze desses meses num único ano solar, além de um dia extra. César e Plínio registram que o ano druídico se dividia em meses lunares, porém, nenhum dos dois define o que fosse exatamente "um mês lunar" e nada há que prove que constituísse uma "lunação" de aproximadamente 29 dias e meio — dos quais, num ano solar, haveria doze deles, além de uma sobra de dez dias e três quartos (dezoito horas). O chamado "Calendário de Coligny", do século I a.C., que se fundamenta nas lunações, já não é mais considerado druídico. Está gravado em letras romanas numa placa de latão e, agora, é considerado como pertencente à romanização da religião nativa, o que foi tentado logo no princípio do período imperial. Além do mais, 28 são os dias de um verdadeiro mês lunar, não apenas no sentido astronômico das revoluções lunares em relação ao Sol, mas no sentido místico de que a lua, sendo uma mulher, tem o período menstrual normal ("menstruação" é um termo ligado à palavra "lua")[1] de 28

[1] A relação mágica da lua com a menstruação é forte e muito difundida. O maligno orvalho lunar, empregado pelas bruxas da Tessália, era, ao que parece, a menarca colhida durante um eclipse lunar. Plínio dedica um capítulo inteiro de sua *História natural* a este assunto e arrola uma longa lista de poderes para o bem e para o mal que uma mulher menstruada detém. Seu toque pode estragar videiras, hera e arruda, desbotar roupas de cor púrpura, enegrecer o linho na tina de lavar, embaçar o cobre, fazer com que as abelhas abandonem a colméia e fazer as éguas

dias.[2] É provável que o sistema de Coligny tenha sido introduzido na Grã-Bretanha pelos romanos do conquistador Cláudio. O professor T. Glynn Jones afirma que, no folclore galense, sobrevivem recordações dos dias intercalados do referido calendário. No entanto, o fato de que, tanto nos mitos irlandeses, como nos galenses mais arcaicos, se empregue constantemente a expressão "um ano e um dia" indica que o calendário Beth-Luis-Nion consta de 364 dias mais um. Podemos considerar, por conseguinte, que o mês do vidoeiro ou da bétula se prolongava de 24 de dezembro até 20 de janeiro.

L PARA LUIS
(sorveira)

A segunda árvore é a sorveira[3] ("árvore da vida"). Seus pequenos ramos, espalhados com pedaços de couro de touro recém-sacrificado, eram empregados pelos druidas como último recurso para obrigar os demônios a responderem a perguntas difíceis. Daí vem a expressão irlandesa *to go on the wattles of knowledge* ("consultar as varetas do conhecimento"), que significa fazer tudo o que for preciso para obter uma informação. A sorveira é também a árvore que tem o uso mais difundido nas ilhas britânicas como proteção contra raios e todo tipo de bruxarias: por exemplo, os cavalos enfeitiçados só podem ser dominados com um açoite de freixo silvestre. Na Irlanda antiga, os druidas dos exércitos em luta acendiam fogueiras de sorveira e pronunciavam sobre elas conjurações invocando espíritos para que eles interviessem na luta. Os frutos da sorveira mágica do romance irlandês de Fraoth, protegidos por um dragão, tinham o poder de sustentar como sete refeições; também curavam os feridos e acrescentavam um ano à vida de um homem. Na história de Diarmuid e Grainne, a sorva, junto com a maçã e a noz vermelha, é considerada alimento dos deuses. O conceito de "comida dos deuses" sugere um interdito quanto a comer qualquer coisa vermelha e que tal tabu fosse uma extensão da proibição de comer os cogumelos amanitas vermelhos —, pois estes eram, segundo um provérbio grego citado por

---

abortarem. Não obstante, ela pode livrar um campo de pestes, passeando por ele nua, antes do amanhecer; acalmar uma tempestade no mar expondo sua genitália; curar furúnculos, erisipelas, hidrofobia e esterilidade. No Talmude está escrito que, caso uma mulher menstruada passe entre dois homens, um deles morrerá.

[2] Mesmo nas mulheres que gozam de boa saúde, há mais variação no intervalo entre seus períodos do que geralmente se supõe: pode variar de 21 a 35 dias.

[3] O texto de Graves é rico em sinônimos: *quickbeam*, *quicken*, *rowan* ou *mountain ash*, que se traduz por sorva, sorveira ou freixo selvagem ou silvestre. Contudo, o *Aurélio* registra sorva, *Couma guianensis* (espécie que dá fruto não-comestível); sorva-grande, *Couma macrocarpa* (frutos comestíveis); a sorva-pequena, *Couma utilis* (também comestível) e não registra a sorveira-brava. *Rowan* também é dado como sinônimo de *mountain ash*, que é registrado pelo *Webster* como do gênero *Sorbus*. Para diminuir a equivocidade, traduzir-se-á *ash* como "freixo", do gênero *Fraxinus*. (N. T.)

Nero, um "alimento dos deuses". Na Grécia antiga, todo alimento vermelho era proibido, exceto nas festas em honra dos mortos. (O vermelho era a cor da morte, na Grécia e na Grã-Bretanha, durante a Idade do Bronze — ocre vermelho foi encontrado em sepulturas megalíticas, tanto nas montanhas Prescelly quanto na planície de Salisbury.) A sorveira é a árvore da ressurreição ou da reanimação. Seu nome botânico *Fraxinus* ou *Pyrus, Aucuparia*, revela seus usos divinatórios. Outros de seus nomes eram "a bruxa" ou "a feiticeira" e a vareta mágica das bruxas, antigamente empregada para descobrir metais, era feita de sorveira. Como constituía a árvore da ressurreição, poderia ser empregada também em sentido reverso. Na Irlanda dos daneses, uma vara de sorveira cravada num cadáver imobilizaria seu fantasma. Na saga de Cuchulain, três feiticeiras espetaram um cachorro, animal a ele consagrado, com varas de sorva para provocar a morte de Cuchulain.

O uso oracular da sorveira explica a inesperada presença de grandes moitas dela, em Rügen e noutras ilhas produtoras de âmbar do Báltico, antigamente usadas como lugares oraculares, bem como a freqüente ocorrência da sorveira, observada por John Lightfoot em seu livro *Flora Scotica*, de 1777, nas vizinhanças de antigos círculos de pedra. O segundo mês corria do dia 21 de janeiro a 17 de fevereiro. A importante festa celta da Candelária caía no meio deste mês, isto é, no dia 2 de fevereiro. Era celebrada para marcar o renascimento do ano e definia o primeiro dos quatro dias *cross-quarter*, ou seja, aqueles dias que marcavam o início das estações do ano, quando as bruxas britânicas celebravam seus *sabats*; sendo os demais a véspera de Primeiro de Maio, o dia 2 de agosto e "*All Hallow E'en*", véspera de Todos os Santos, quando o ano morria. Estes dias correspondem às quatro grandes festas irlandesas do fogo mencionadas por Cormac, bispo de Cashel, no século X. Na Irlanda e na Escócia o dia 2 de fevereiro é, com propriedade, o Dia de Santa Brígida, antiga Deusa Branca, a revivificadora Tríplice Musa. A ligação entre a sorveira e a festa ígnea da Candelária é apresentada no *ogham* de Morann Mac Main's em *O livro de Ballymote*, onde ele dá o nome poético da sorveira como sendo "Delícia do Olhar", a saber, *Luisiu*, a flama.

N para Nion
(freixo)

A terceira árvore é o freixo que, na Grécia, era consagrado a Posídon, a segunda divindade da trindade aquéia, e os Mĕliai, ou seja, os espíritos do freixo, eram muito cultivados. De acordo com Hesíodo, os Mĕliai brotaram do sangue de Urano quando Cronos o castrou. Na Irlanda, eram freixos a árvore de Tortu, a árvore de Dathi e a árvore frondosa de Usnech, três das cinco árvores mágicas abatidas no ano de 665 para simbolizar o triunfo do cristianismo sobre o paganismo. Um descendente da árvore sagrada de Creevna, também um freixo, ainda vicejava no século XIX, em Killura, e sua madeira era um talismã

contra afogamento e aqueles que emigraram para a América depois da Fome das Batatas levaram consigo pedacinhos dela. No folclore britânico, o freixo é a árvore do renascimento. Gilbert White conta, em sua *História de Selborne*, que, antigamente, se fazia passar uma criança nua por uma fenda num freixo com a copa podada antes de o sol nascer, para curar fraturas. O costume sobreviveu em remotas partes da Inglaterra até 1830. A vara druídica decorada em espiral, parte de um recente achado em Anglesey, datada do início do século I d.C., era de freixo. O grande freixo Igdrasil, consagrado a Woden, Wotan, Odin ou Gwydion, que o usava como um corcel, já foi mencionado no contexto de *A batalha das árvores*. Porém, o havia tomado à Deusa Tríplice, a qual, como as Três Nornas[4] da lenda escandinava, administrava a justiça embaixo dele. Posídon conservou-se como padroeiro dos cavalos, porém também se converteu em divindade dos navegantes quando os aqueus começaram a recorrer ao mar; e o mesmo ocorreu com Woden quando seu povo se tornou marinheiro. Antigamente, no País de Gales e na Irlanda, todos os remos e as quilhas das embarcações eram feitos de madeira de freixo; da mesma forma o eram as varas utilizadas para fustigar os cavalos, exceto quando se preferia o teixo mortal. A crueldade do freixo a que se referiu Gwion está no malefício de sua sombra sobre a grama ou sobre os cereais. Ao contrário disto, a sombra do amieiro, por seu lado, é benéfica para os cereais. Assim, também no próprio alfabeto rúnico de Odin todas as letras são formadas de varetas de freixo; no entanto, suas raízes sufocam aquelas das demais árvores das florestas. O freixo é a árvore do poder do mar, ou do poder que reside nas águas, e o outro nome de Woden, "Yggr", do qual deriva Igdrasil (*Ygdrasill*), está evidentemente relacionado com *hygra*, forma grega para "mar" (literalmente "o elemento úmido"). O terceiro mês se caracteriza pelas inundações e se prolonga de 18 de fevereiro a 17 de março. Nestes primeiros meses, as noites são mais longas do que os dias e se considera que o sol esteja ainda sob a tutela da noite. Era por essa razão que os tirrenos não os reconheciam como parte do ano sagrado.

F para Fearn
(amieiro)

A quarta árvore é o amieiro, que é consagrada a Bran. Em *A batalha das árvores* o amieiro luta na linha de frente, o que é uma alusão ao fato de a letra *F* ser uma das primeiras cinco consoantes do Beth-Luis-Nion e do Boibel-Loth.

[4] Eram três irmãs fatais que se impunham a homens e a deuses. Simbolizavam o destino e correspondiam, de certo modo, às Três Parcas da mitologia romana e às Três Queres helênicas. Senhoras do destino, eram elas: Urd, que escrevia o passado; Verdandi, que registrava o presente; e Skuld, que determinava o futuro. Eram também zeladoras do freixo Igdrasil. (N. T.)

Na poesia irlandesa do legendário bardo Ossian, *Song of the Forest Trees,*[5] é descrita como "o mesmo bruxo da batalha de todos os bosques é a árvore mais fogosa na luta". Embora ruim para o fogo, como o salgueiro (chorão), o álamo ou choupo-branco, é apreciado pelos carvoeiros, pois dá o melhor carvão. Sua relação com o fogo aparece no *Romance of Branwen*, quando "Gwern" (o amieiro), filho da irmã de Bran, é queimado numa fogueira. Em alguns distritos rurais da Irlanda, o crime de cortar um amieiro sagrado é castigado, segundo voz do povo, por incêndio na casa do culpado. O amieiro também mostra-se resistente ao poder destruidor da água: suas folhas ligeiramente gomosas resistem às chuvas do inverno mais do que qualquer outra árvore que troca a folhagem, e sua madeira resiste ao apodrecimento indefinidamente, quando empregada para conduzir água ou para fazer pilotis. As fundações do Rialto de Veneza se er-

---

[5] Esta poesia pode ser encontrada na tradução inglesa de Standish O'Grady, na coletânea reunida por E. M. Hull chamada *Poem Book of the Gael*. Apesar de mutilada, encontra-se em Dartmoor uma encantadora versão do mesmo poema, onde se diz quais as árvores que podem e que não podem ser queimadas. Ei-lo:

Oak-logs will warm you well,
That are old and dry;
Logs of pine will sweetly smell
But the sparks will fly.

Birch-logs will burn too fast,
Chestnut scarce at all;
Hawthorn-logs are good to last —
Cut them in the fall.

Holly-logs will burn like wax,
You may burn them green;
Elm-logs like to smouldering flax,
No flame to be seen.

Beech-logs for winter time,
Yew-logs as well;
Green elder-logs it is a crime
For any man to sell.

Pear-logs and apple-logs,
They will scent your room,
Cherry-logs across the dogs
Smell like flower of broom.

Ash-logs smooth and grey,
Burn them green or old,
Buy up all that come your way —
Worth their weight in gold.

A lenha do carvalho os esquentará bem
Se estiver velha e seca;
A lenha do pinheiro terá um doce odor,
Mas as fagulhas voarão.

A lenha da bétula queimará muito rápida,
E a do castanheiro será lenta;
A lenha do pilriteiro é boa e demorada,
Mas corte-a só no outono.

A lenha do azevinho queimará como cera,
Pode queimá-la verde;
A lenha do olmo, como a fibra do linho,
Queima sem chama visível.

A lenha da faia para o tempo do inverno,
Igual à lenha do teixo;
Mas o verde sabugueiro é um crime
Para quem quer que o venda.

A lenha da pereira e da macieira
Perfumarão sua sala,
A lenha da cerejeira sobre o trasfogueiro
Perfumará qual flores de giesta.

A lenha do freixo, lisa e acinzentada,
Queime-a verde ou envelhecida,
Compre toda que lhe aparecer,
Pois vale em ouro o seu peso

guem sobre pilares de amieiros, bem como inúmeras catedrais medievais. Vitrúvio, o arquiteto romano, relata que amieiros foram usados na fundação dos pisos do mercado de Ravena.

A conexão de Bran com o amieiro aparece, claramente, em *O romance of Branwen*, quando os porqueiros (sacerdotes oraculares) do rei Matholwch da Irlanda vêem, no mar, uma floresta e não conseguem atinar o que fosse. Branwen, então, diz-lhes que se trata da frota de Bran, o Bendito, que vem para vingá-la. Os navios ficam ancorados ao largo da costa e Bran vem patinhando pelos alagados trazendo suas bagagens e sua gente até a terra firme. Depois ele faz uma ponte sobre o rio Linon, apesar de este ser protegido por um encantamento, deitando-se sobre o rio e mandando que colocassem juncos sobre ele. Noutras palavras, primeiramente construiu um paredão e, logo, uma ponte sobre pilares de amieiro. Dizia-se de Bran que "nenhuma casa poderia contê-lo". Ao enigma "o que é que nenhuma casa pode conter?" dá-se uma resposta simples: "Os pilares sobre a qual está construída." Pois as casas primitivas da Europa eram construídas sobre palafitas de amieiro à beira dos lagos. Num certo sentido, "a cabeça (de Bran) que canta" significa a cabeça oracular mumificada de algum rei sagrado; noutro, era a "cabeça" do amieiro, ou seja, os ramos mais altos. Com os ramos verdes do amieiro fazem-se bons apitos e, segundo meu amigo Ricardo Sicre y Cerda, os garotos de Cerdaña, nos Pirineus, guardam uma prece tradicional em catalão, que diz:

Berng, Berng, come out of your skin
And I will make you whistle sweetly.

Berng, Berng, caia fora da tua pele
E farei com que tu apites docemente

Esta prece é repetida enquanto golpeiam ligeiramente a casca com um pedaço de salgueiro para soltá-la da madeira. Berng (ou Verng, no aparentado dialeto das ilhas Baleares) indica novamente Bran. As invocações a Berng fazem-se em nome da deusa do salgueiro. O fato de usarem um pedaço do salgueiro para bater na casca, em vez de outro taco de amieiro, sugere que tais apitos fossem empregados pelas bruxas para conjurar as ventanias destruidoras, principalmente vindas do Norte. Contudo, flautas musicais com vários tubos podem ser feitas do mesmo modo que os apitos, e a cabeça cantante de Bran, neste sentido, terá sido uma flauta feita de amieiro. Em Harlech, onde a cabeça cantou por sete anos, existe um moinho de água que gira depois da rocha do Castelo, um lugar apropriado para um bosque sagrado de amieiros. É possível que a lenda de Apolo ter descarnando vivo a Mársias, o tocador da flauta de dois tubos, seja uma reminiscência do ato de remover a casca do amieiro para a confecção das flautas.

Também se usava o amieiro, na antiga Irlanda, para fazer baldes de leite e outros vasilhames de serventia diária: daí vem seu nome poético que aparece em *O livro de Ballymote — Comet lachta* ("guardador de leite"). É de grande importância esta conexão de Bran-Cronos, o amieiro, com Réia-Io, a branca lua-vaca. Na Irlanda, Io era chamada de *Glas Gabhnach* ("Aquela que dá leite, apesar de verde, de imatura") porque, embora jorrassem dela rios de leite, nunca tivera um filhote. Fora roubada da Espanha por Gavida, o anão ferreiro voador, e fez todo o circuito da Irlanda num só dia, protegida pelos sete filhos dele (que, provavelmente, representavam os dias da semana); e acaba dando o nome de *Bothar-bó-finné* ("trilha da vaca branca") à Galáxia. Segundo os *Anais da grande academia dos bardos*, foi morta por Guaire, a pedido da esposa de Seanchan Torpest. Segundo a *História da Irlanda*, de Keating, foi vingada no ano 528, quando Diarmuid, rei de toda a Irlanda, foi assassinado pelo filho mais velho porque matou outra vaca sagrada.

A ligação de Bran com o oceano ocidental se prova pelo nome de *Caer* Bran dado à colina britânica situada no extremo oeste da ilha, de onde se vislumbra o cabo Finisterra.

O amieiro que raramente aparece em mitos gregos ou latinos, ao que tudo indica, fora substituído pelo loureiro de Delfos como árvore oracular. Contudo, na *Odisséia* e na *Eneida* existem duas importantes referências a ele. Na *Odisséia*, o amieiro é o primeiro mencionado dentre as três árvores da ressurreição — o choupo-branco (ou álamo) e o cipreste são as outras duas — que formavam, em torno da caverna de Calipso, filha de Atlas, em sua ilha elísia de Ogígia, o bosque onde faziam ninhos barulhentos corvos-marinhos (consagrados a Bran na Grã-Bretanha), falcões e corujas. Isto explica a versão de Virgílio sobre a metamorfose das irmãs de Faetonte, o herói solar. Na *Eneida*, ele narra que, enquanto choravam a morte do irmão, elas foram transformadas não em pequeno bosque de álamos, como disseram Eurípides e Apolônio de Rodes, mas num bosque de amieiros nas margens do rio Pó — evidentemente, outra ilhota elísia. O nome grego para amieiro é *clēthra*, normalmente derivado de *cleio*, "eu fecho" ou "eu confino". A explicação parece estar no fato de que os bosques de amieiro confinavam o herói numa ilha oracular, crescendo à volta de suas margens. Com efeito, originariamente, as ilhas oraculares eram fluviais e não marítimas.

O amieiro era, e ainda é, renomado por fornecer três corantes refinados: o vermelho de sua casca, o verde de suas flores e o marrom de seus ramos; respectivamente, símbolos do fogo, da água e da terra. No *Glossário* de Cormac, do século X, sobre termos obsoletos, o amieiro é chamado *ro-eim*, ao que se acrescenta que quer dizer "aquele que se ruboriza"; do que se pode deduzir que os "heróis pintados de vermelho" das *Tríades* galenses, reis sagrados, estavam vinculados ao culto do amieiro de Bran. Outra razão para a sacralidade do amieiro está no fato de que, quando se abate a madeira, antes branca, sua seiva parece que sangra vermelha como se fosse sangue humano. A tintura verde, no folclore britânico, está associada às roupas das fadas; isto porque estas podem ser consideradas sobreviventes de tribos primitivas, desalojadas e forçadas a ir para as

montanhas e bosques, explicando-se o verde das roupas como camuflagem protetora. Os habitantes das florestas e os fora-da-lei também o adotaram na Idade Média. Seu uso parece ser bem arcaico. Contudo, o amieiro é, principalmente, a árvore para o fogo, o poder ígneo que liberta a terra da água. O ramo de amieiro, pelo qual se reconhecia Bran, em *Câd Goddeu,* era símbolo de ressurreição — seus brotos formam uma espiral. O símbolo da espiral é antediluviano: os santuários sumérios primitivos são "casas de espíritos", como aquelas usadas em Uganda, rodeadas por pilares em espiral.

O quarto mês se estende do dia 18 de março, logo que o amieiro começa a brotar, até 14 de abril e marca o tempo em que o sol primaveril seca as cheias do inverno. Inclui o equinócio de primavera, quando os dias começam a tornar-se mais longos do que as noites e o sol alcança a idade adulta. Se é possível dizer poeticamente que os freixos são os remos e as embarcações que conduzem o Espírito do Ano pelas águas até a terra seca, da mesma forma se pode dizer que os amieiros são os pilares que erguem sua casa acima das enchentes do inverno. *Fearn* (Bran) aparece na mitologia grega como o rei Foroneu, governante do Peloponeso, adorado em Argos como o herói que fundou a cidade. Helânico de Lesbos, um erudito contemporâneo de Heródoto, o transforma em pai de Pelasgo, Iaso e Agenor, que dividiram seu reino entre si depois da morte de Foroneu: noutros termos, seu culto em Argos tinha remotíssima origem. Pausânias, que foi a Argos informar-se, afirma que Foromeu era o marido de Cerdo (a Deusa Branca como Musa) e que o rio-deus Ínaco fecundou-o na ninfa Mélia (freixo). Como o amieiro sucede ao freixo no calendário das árvores e como os amieiros crescem à beira dos rios, trata-se de uma linhagem adequada. Pausânias confirma a identificação de Foromeu com *Fearn*, ignorando a lenda de Prometeu e tornando Foromeu o inventor do fogo. Higino registra, como nome de sua mãe, Argéia ("De um branco irradiante"), que novamente é a Deusa Branca. Assim, Foromeu, como Bran e todos os demais reis sagrados, foi parido pela Deusa Branca, com quem se casou e, finalmente, foi por ela enterrado. Sua coveira foi a deusa da morte Hera Argéia, a quem ele primeiro dedicou sacrifícios. Foromeu, assim, é Fearineus, o deus da primavera, a quem sacrifícios anuais eram oferecidos no monte croniano de Olímpia, no equinócio de primavera.[6] Sua cabeça cantante relembra aquela de Orfeu, cujo nome, talvez, derive de *Orphruoeis* ("O que cresce à beira dos rios", isto é, "o amieiro").

[6] No entanto, os atenienses celebravam o festival de Cronos no princípio de julho, no mês de *Cronion* ou *Hecatombeion* ("cem mortos"), originalmente também denominado de *Nekusion* ("mês do cadáver") pelos cretenses, e de *Hyacinthion* pelos sicilianos, por causa de Jacinto, o equivalente de Cronos. A festa da cevada cai em julho e, em Atenas, Cronos era Sabázio, "João Grão de Cevada", que é o primeiro a surgir acima do solo no equinócio de primavera e cuja múltipla morte se celebrava, calorosamente, nos celeiros. Ele perdera, fazia muito tempo, sua ligação com o amieiro, embora ainda compartilhasse, em Atenas, de um templo com Réia, a Rainha do Ano, protegida por leões, que se tornava sua noiva em 24 de junho e a quem o carvalho era consagrado na Grécia.

Em algumas partes do Mediterrâneo, a cornácea, ou corniso, foi utilizada no lugar do amieiro. Seu nome latino, *cornus*, deriva de *cornix*, o corvo consagrado a Saturno ou Bran que se alimenta de suas "cerejas" vermelhas. Segundo Homero, os porcos de Circe também comiam esses frutos. Ovídio associava tais "frutos" à comestível bolota do carvalho que alimentava os homens na época de Saturno. Assim como o amieiro, o carvalho fornece uma tintura vermelha, e era considerado sagrado em Roma, cujo local de fundação fora definido pela queda da lança feita de madeira de corniso atirada por Rômulo. Sua adequação a este mês consiste na floração branca pelos meados de março.

S para Saile
(salgueiro, chorão ou vimeiro)

A quinta árvore é o salgueiro, chorão ou vimeiro, que era consagrado, na Grécia, a Hécate, Circe, Hera e Perséfone — todas elas aspectos mortais da Tríplice Deusa Lunar — e muito adorado pelas bruxas. Conforme diz Culpeper, de modo sucinto, em seu livro *Complete Herbal*: "A lua é dona dele." Sua relação com as bruxas é tão grande na Europa setentrional que as palavras "*witch*" (bruxa) e "*wicked*" (malvado[a]) derivam da mesma palavra antiga "*willow*" (salgueiro), que também gera "*wicker*". Na Zona Rural inglesa as vassouras usadas pelas bruxas ainda são feitas com um cabo de freixo e ramos de bétula amarrados com vime, os quais não só expulsam os espíritos maus como enredam alguns em si. O cabo de freixo constituía uma proteção contra afogamento — as bruxas tornam-se inofensivas quando são separadas de suas vassouras e atiradas em água corrente, convenientemente atadas com vime, em honra de Hécate. Os sacrifícios humanos dos druidas eram oferecidos na lua cheia em cestas de vime; quanto ao sílex funerário, eram talhados em forma de folhas de salgueiro. Esta árvore (*helice*, em grego, e *salix*, em latim) deu nome a Hélicon, morada das nove Musas, sacerdotisas orgiásticas da deusa-lua. É provável que Posídon tenha precedido Apolo como o líder delas, tal como fizera como guardião o oráculo de Delfos, pois, na época clássica, ainda lhe era consagrado um bosque no Hélicon. Segundo Plínio, fora da caverna em Creta onde nascera Zeus, cresceu um salgueiro. Comentando sobre uma série de moedas oriundas de Gortina, em Creta, A. B. Cook, em seu livro *Zeus* sugere que *Europë* que lá figura, sentada embaixo de um chorão, com uma cesta de vime nas mãos, enquanto faz amor com uma águia, não é apenas *Eur-ope*, "aquela que tem um rosto largo", ou seja, a lua cheia, mas também *Eu-rope*, "aquela dos salgueiros floridos" — também conhecida como Hélice, irmã de Amaltéia. O uso do vime no chapéu como indicativo de um amante rejeitado parece ter sido, originalmente, um amuleto contra os ciúmes da deusa-lua. O salgueiro é consagrado a ela por muitas razões: é a árvore que mais gosta de água e a deusa-lua é, geralmente, a doadora do orvalho e da umidade; suas folhas e sua casca, fon-

tes do ácido salicílico, são muito eficazes contra dores reumáticas, antigamente tidas como oriundas de feitiçaria. A principal ave orgiástica da Deusa, o torcicolo,[7] ou pássaro-cobra, piadeira ou papa-formigas, é uma migrante da primavera que sibila como uma cobra, deita-se ao longo das moitas, quando enraivecida eriça a crista, contorce o pescoço para todos os lados, põe ovos brancos, come formigas, traz uma marca em forma de "V" em suas penas, como a existente nas escamas das serpentes oraculares na antiga Grécia e faz seus ninhos nas copas dos salgueiros. Além do mais, o *liknos*, ou a cesta-peneira usada para a abanação de grãos, era feita de vime. As bruxas de North Berwick confessaram ao rei Jaime I ter sido, em peneiras desse tipo, que cruzavam o mar para irem a seus *sabats*. Uma famosa pintura grega feita por Polignoto, em Delfos, representa Orfeu recebendo o dom da eloqüência mística ao tocar os salgueiros num bosque de Perséfone; compare-se isto com a proibição que consta em *The Song of the Forest Trees*: "Não queime o salgueiro, que é uma árvore sagrada para os poetas." O chorão é a árvore dos encantos, e é a quinta do ano, sendo cinco, "V" em algarismos romanos, o número consagrado a Minerva, a deusa-lua dos romanos. O mês dura de 15 de abril a 12 de maio, e o May Day, Dia de Maio, ou seja, o Primeiro de Maio, famoso por suas pândegas orgiásticas e por seu orvalho mágico, cai no meio. É possível que o hábito de carregar galhos de uma espécie de salgueiro no Domingo de Ramos, uma festa móvel que, normalmente, ocorre no princípio de abril, fosse um costume que pertencesse, mais apropriadamente, ao início do mês do salgueiro.

H para Uath
(pilriteiro, espinheiro-branco)

A sexta árvore é o pilriteiro, um tipo de espinheiro também chamado *may*, que tira seu nome do mês de maio. Em geral é considerado uma árvore de azar e o nome *sceith*, sob o qual é mencionada nas *Irish Brehon Laws*, ao que parece está relacionado com a raiz indo-germânica *sceath*, ou *scēth*, que significa "dano", da qual derivam a palavra inglesa *scathe* (dano, prejuízo) e a grega *a-scethes* (livre de dano, ou são e salvo). Na antiga Grécia, como na Grã-Bretanha, este era o mês em que o povo ia de um lado a outro com roupas velhas, costume

[7] Dioniso era chamado de *Iyngies*, "aquele que torce o pescoço (torcicolo)", porque esta ave era empregada num antigo encantamento erótico. O poeta Calímaco, do século III a.C., narra que o torcicolo foi o mensageiro de Io quando esta atraiu Zeus para seus braços. Seu contemporâneo Nicandro de Colofon diz que nove donzelas pierianas (as Piérides, ou Piérias) que competiram com as Musas foram transformadas em aves, uma das quais era o torcicolo, o que significa que esta ave estava consagrada à deusa-lua original do monte Piero, na Tessália setentrional (ver adiante, no Capítulo 21). O torcicolo era também sagrado no antigo Egito e na Assíria.

a que se refere o provérbio *"Ne'er cast a clout ere May be out"*, que significa "Não vista roupas novas até que o nefasto maio termine". O dito não se refere, necessariamente, à variação climática na Inglaterra; o provérbio, com efeito, também corre no Nordeste da Espanha onde, em geral, uma temperatura quente já se firma por ocasião da Páscoa. Também é costume abster-se de relações sexuais — hábito que explica maio como tempo desafortunado para casamento. Na Grécia e em Roma, maio era o mês em que os templos eram varridos e as imagens dos deuses lavadas: mês de preparação para o festival do meio do verão. A deusa grega Maia, embora seja representada na poesia inglesa como "sempre bela e jovem", tira seu nome de *maia*, "avó"; tratava-se, na verdade, de uma malévola senhora de idade avançada, cujo filho Hermes conduzia almas para o inferno. Ela era a Deusa Branca que, sob o nome de Cardea, como se ressaltou, lançava feitiços com o pilriteiro. Os gregos a propiciavam por ocasião dos casamentos — aliás, cerimônias que esta Deusa considerava odiáveis — com cinco tochas de madeira de pilriteiro e com flores da mesma planta antes que começasse o desafortunado mês.

Plutarco em seu *Questões romanas* indaga: "Por que os romanos não se casam no mês de maio?", e responde corretamente: "Não estará a razão no fato de que neste mês celebram a mais importante das cerimônias de purificação?" Ele explica que, neste mês, bonecos chamados *argeioi* ("homens brancos") eram atirados ao rio numa oferenda a Saturno. Ovídio em seus *Fasti* narra um oráculo feito a ele pela sacerdotisa de Júpiter sobre o casamento de sua filha: — "Até os idos[8] de junho não há sorte para as noivas e seus maridos. Até que as coisas varridas do templo de Vesta tenham sido levadas para o mar pelo Tibre amarelado, eu própria não pentearei minha cabeleira cortada em sinal de luto, não apararei minhas unhas nem me unirei a meu marido embora seja ele sacerdote de Júpiter. Não tenhas pressa. Tua filha terá melhor sorte no casamento quando o fogo de Vesta arder num local purificado." Os dias nefastos terminam em 15 de junho. Na Grécia, o mês desafortunado começava e terminava um pouco mais cedo. Segundo Sozômeno de Gaza, historiador eclesiástico do século V, a Festa dos Terebintos de Hebron era celebrada na mesma ocasião e obedecia aos mesmos tabus quanto a roupas novas e sobre relações sexuais, bem como tendo os mesmos objetivos: lavagem e purificação das imagens sagradas.

Na mitologia galense, o pilriteiro aparece como o malevolente chefe dos gigantes, Yspaddaden Penkawr, o pai de Olwen ("Aquela da trilha branca"), outro nome da Deusa Branca. Em *O romance de Kilhwych e Olwen* — Kilhwych recebeu este nome por ter sido achado na toca de um porco — o gigante pilriteiro coloca todos os obstáculos possíveis ao casamento de Kilhwych com

[8] O mês romano dividia-se em duas partes: *calendae* e *idus*, correspondentes, respectivamente, ao primeiro dia do mês, ao décimo quinto de março, maio, julho e outubro e ao décimo terceiro dos demais meses. (N. T.)

Olwen e exige um dote de treze tesouros, todos aparentemente impossíveis de se conseguir. O gigante vivia num castelo guardado por nove porteiros e nove cães de guarda, prova da força do tabu contra o casamento no mês do pilriteiro.

Na Irlanda, a destruição de algum pilriteiro velho é considerada um feito muito perigoso. Dois exemplos do século XIX são citados no livro de E. M. Hull, *Folklore of the British Isles.* O efeito é a morte do gado, dos filhos de alguém ou a perda de todo seu dinheiro. No estudo bem documentado do sr. Vaughan Cornish, *Historic Thorn Trees in the British Isles*, discorre-se sobre pilriteiros sagrados que crescem sobre poços em províncias gaélicas. Ele cita o caso do "espinheiro de são Patrício", em Tin'ahely, no condado de Wicklow: "Os devotos vêm a este local no dia 4 de maio, dão voltas propositais em torno do poço, rasgam suas roupas e prendem os trapos nos espinhos." Ele acrescenta: "Este é o dia de santa Mônica, mas ignoro qualquer associação." O dia de santa Mônica, no novo calendário, corresponde ao dia 15 de maio do antigo. Deste modo se constata que esta era uma cerimônia em honra do mês do pilriteiro que apenas começava. Os trapos eram arrancados das roupas dos devotos como sinal de luto e de propiciação.

O pilriteiro, ou espinheiro, é a árvore da castidade forçada. O mês começa a 13 de maio, quando a planta começa a florescer, e termina em 9 de junho. O uso ascético do espinheiro, que corresponde ao culto da deusa Cardea, deve diferenciar-se de seu uso orgiástico posterior, que corresponde ao culto da deusa Flora e que explica o costume medieval inglês de sair a cavalo na manhã do dia Primeiro de Maio para recolher ramos do pilriteiro em flor e dançar ao redor de um poste adornado que se finca no centro do lugar onde se celebram as festas. A flor do espinheiro tem, para muitos homens, um forte odor de sexo feminino, e, por isso, os turcos utilizam um ramo florido do pilriteiro como símbolo erótico. O sr. Cornish demonstra que o culto de Flora se introduzira, nas ilhas britânicas, no final do século I a.C. pelos segundos invasores belgas; mais adiante, que o pilriteiro de Glastonbury — que florescia no antigo Dia de Natal (5 de janeiro, no novo calendário) e fora cortado pelos puritanos quando de sua Revolução — era uma variedade do pilriteiro comum. Os monges de Glastonbury o perpetuaram e o santificaram, acrescentando-lhe uma lenda sobre o báculo de José de Arimatéia e sobre a coroa de espinhos, como modo de desestimular o emprego orgiástico da flor do pilriteiro que, normalmente, não aparecia até o dia Primeiro de Maio (no antigo calendário).

É provável que o velho arbusto que crescia no atual local da catedral de são Davi fosse um pilriteiro orgiástico, pois isto serviria de explicação para a lenda sobre o nascimento misterioso do santo patrono da diocese galense.

D para Duir
(carvalho)

A sétima árvore é o carvalho de Zeus, de Júpiter, de Héracles, de Dagda (chefe das divindades irlandesas mais antigas), de Tor e de todos os demais deuses do trovão, de Iahweh, à medida que era "El", e de Alá. A realeza do carvalho dispensa detalhamento: a maioria das pessoas conhece o tema do livro *The Golden Bough*, de *sir* James Frazer, que se refere ao sacrifício humano do rei-carvalho de Nemi, no dia 24 de junho, Dia de São João Batista. O combustível das fogueiras deste dia é sempre o carvalho; o fogo de Vesta em Roma era alimentado com carvalho; o *needfire*, o fogo purificatório que se acende com a fricção de dois pedaços de madeira, usado para propiciação em tempos de desgraça, é sempre fruto do atrito de ramos de carvalho. Quando Gwion diz, em *Câd Goddeu* — "Sólido Guardião da porta / Seu nome está em toda língua" —, quer dizer que as portas são, normalmente, feitas de carvalho por ser a madeira mais forte e resistente e que *Duir*, o nome do carvalho no Beth-Luis-Nion, significa "porta" em muitos idiomas europeus, incluindo a antiga palavra gaélica *dorus*, a latina *foris*, a grega *thura* e a alemã *tür*, todas elas derivadas do sânscrito *Dwr*, e que *daleth*, a letra hebraica *D*, significa "porta", pois o *L* foi um *R*. O solstício de verão é a estação em que floresce o carvalho, que é a árvore da duração e do triunfo, e dela se diz, tal como do freixo, que corteja os raios. Acredita-se que suas raízes se estendam por debaixo da terra tão profundamente quanto seus galhos se elevam nos ares — Virgílio faz menção disto —, o que o torna emblemático de uma divindade que governa tanto o céu quanto o mundo subterrâneo. Houve um tempo em que Posídon, o deus-freixo, e Zeus, o deus-carvalho, estiveram armados de raios; contudo, quando os aqueus subjugaram os eólicos, o raio de Posídon foi transformado em tridente, ou arpão, e Zeus reservou-se o direito de lançar o raio. Sugeriu-se que os carvalhos oraculares tenham sido introduzidos na Grécia pelos aqueus; que, antes, consultavam a faia, como faziam os francos; entretanto, não tendo encontrado faias na Grécia, transferiram sua homenagem para o carvalho, que dá bolotas comestíveis, seu equivalente mais próximo, ao qual deram o nome de *phegos* — o que, conforme foi mencionado, é a mesma palavra *fagus*, nome latino da faia. De qualquer modo, o carvalho oracular de Dodona era um *phegos*, não um *drus*, e o navio oracular *Argo* era, segundo Apolônio de Rodes, feito, na maior parte, dessa essência. No entanto, é mais provável que o oráculo de Dodona já existisse alguns séculos antes da chegada dos aqueus e que Heródoto estivesse correto ao afirmar, apoiado na autoridade dos sacerdotes egípcios, que fossem contemporâneos os cultos do pombo preto e do carvalho oracular de Zeus em Amon, no deserto líbio, e de Zeus em Dodona. O professor Flinders Petrie postula a existência de uma liga sagrada entre a Líbia e a Grécia continental que remontaria ao início do terceiro milênio a.C. O carvalho de Amon estava a cargo da tribo dos garamantes, cujo antepassado primordial, Garamas, era reconhecido pelos gregos como sendo "o

primeiro dos homens". O Zeus de Amon era uma espécie de Héracles com cabeça de carneiro, semelhante à de Osíris e à de Amon-Ra, divindade solar e padroeiro da cidade egípcia de Tebas, o que levou Heródoto a concluir que os pombos pretos voaram para Amon e para Dodona.

O mês que tira seu nome de Júpiter, a divindade do carvalho, começa a 10 de junho e termina a 7 de julho. O dia médio cai em 24 de junho, Dia de São João, quando o rei-carvalho era queimado vivo num ritual. O ano celta dividia-se em duas metades, sendo que a segunda metade tinha início em julho, aparentemente depois dos feriados, ou seja, da festa funerária em honra do rei-carvalho.

Sir James Frazer, como Gwion, assinalou a semelhança das palavras para porta, "*door*", em todas as línguas indo-européias e mostrou que Jano era "sólido guardião da porta", com sua cabeça olhando em ambas as direções. Entretanto, como é comum, ele não aprofunda suficientemente seu tema. Duir, enquanto divindade do mês do carvalho, olha em ambas as direções porque seu lugar se situa na metade do ano; o que o identifica com o deus-carvalho Héracles que, após sua morte, se tornou o guardião da porta dos deuses. Provavelmente ele também deve ser identificado com o deus britânico Llyr, ou Lludd, ou Nudd, uma divindade do mar — isto é, um deus de um povo navegante da Idade do Bronze — que era o pai de Creiddylad (Cordélia), um aspecto da Deusa Branca; pois, segundo Geoffrey de Monmouth, a tumba de Llyr, em Leicester, situava-se numa abóbada construída em honra de Jano. Geoffrey escreve:

> Quando Cordélia conseguiu o governo do reino, enterrou seu pai numa certa abóbada que mandara construir para ele adiante, no curso do rio Sore, em Leicester (Leircestre), e que, originariamente, fora construída sob o solo em honra do deus Jano. E lá, todos os trabalhadores da cidade, nas solenidades de aniversário desse festival, davam início a seus trabalhos anuais.

Como Llyr era um deus pré-romano, isto equivale a dizer que era bicéfalo como Jano e padroeiro do ano-novo; porém o ano celta começa no verão e não no inverno. Geoffrey não fornece a data do festival fúnebre, porém é provável que se realizasse no final de junho.

As antigas "vigílias", feiras de contratação de serviços da área rural inglesa, realizavam-se em datas variadas entre março e outubro, obedecendo à festa do santo padroeiro do local. ("Na vigília de Bunbury, o centeio e o trevo-azedo devem estar no ponto da ceifa. Nas vigílias de Wrenbury, amadurecem as primeiras maçãs." *English Dialect Dictionary*.) Contudo, originalmente, todas devem ter ocorrido em *Lammas Day*, festividade de primeiro de agosto, entre a colheita do feno e a do cereal. No Capítulo 17, ficará confirmado que as vigílias eram um velório pela morte do rei. A forma anglo-saxônica de *Lughomass*, mis-

sa em honra do deus Lugh, ou Llew, era *hlaf-mass*, "*loaf-mass*", missa do pão, correlacionada com a colheita do grão e com a morte do rei-cereal.

Estou certo de que o fecho de um parágrafo da profecia de Merlin ao rei pagão Vortigern e a seus druidas, registrada por Geoffrey de Monmouth, constitui uma referência a Llyr como Jano:

> Depois disso, Jano nunca mais terá sacerdote. Sua porta será fechada e permanecerá oculta nas gretas de Ariadne.

Noutras palavras, o druidismo antigo fundado no culto do carvalho será varrido pelo cristianismo e a porta — o deus Llyr — jazerá esquecida no castelo de Arianrhod, a Coroa Boreal.

Isto nos ajuda a entender a relação, em Roma, de Jano com a Deusa Branca Cardea, que foi destacada no final do Capítulo 4 como a Deusa das Dobradiças que veio de Alba Longa até Roma. Era a dobradiça na qual o ano se dobrava — o antigo ano latino e não o ano etrusco —, e sua importância como tal é lembrada pelo adjetivo latino *cardinalis* — e, por isso, temos em inglês a expressão "*of cardinal importance*" para designar algo de suma importância. O mesmo adjetivo *cardinalis* era aplicado aos quatro ventos principais, pois estes, até os tempos clássicos, eram acreditados como estando sob exclusivo controle da Grande Deusa. Como Cardea, governava sobre a Dobradiça Celestial atrás do vento Norte, em torno do qual, conforme Varro explica em seu livro *De Re Rustica*, gira a mó do universo. Esta concepção aparece mais claramente nos Edas, compilações de lendas nórdicas, onde as gigantescas Fenja e Menja, que giravam a monstruosa mó Grote, na gélida noite polar, representam a Deusa Branca em seus papéis complementares de criação e destruição. Em todos os demais lugares da mitologia nórdica, a Deusa tem nove aspectos: as nove gigantas, que eram, conjuntamente, as mães do herói Rig, também alcunhado Heimdall, o inventor do sistema social nórdico, de igual modo giravam o moinho cósmico. Talvez Jano não tivesse, originalmente, duas faces: ele pode ter tomado de empréstimo à própria Deusa a quem, durante a Carmentália, festival de Carmenta, no início de janeiro, seus oficiantes dirigiam como *Postvorta et Antevorta* — "aquela que tanto olha para frente quanto para trás". Entretanto, um Jano com longa cabeleira e asas figura num estáter, moeda antiga da cidade de Malos, colônia cretense na Cilícia. Identifica-se com o herói solar Talo e, na mesma moeda, aparece uma cabeça de touro. Em moedas similares do final do século V a.C., segura nas mãos um disco com oito raios e tem uma espiral da imortalidade brotando de sua dupla face.

Posso, enfim, completar meu raciocínio sobre o castelo de Arianrhod e "o círculo que gira imóvel entre três elementos". O rei-carvalho sagrado era morto na metade do verão e transportado para a Coroa Boreal, governada pela Deusa Branca, que, nesse exato momento, começava a descer sobre o horizonte setentrional. Contudo, da canção que Apolônio de Rodes atribuiu a Orfeu, sabe-se

que Eurínome, a Rainha do Universo Girante, também chamada Cardea, identificava-se com a Réia de Creta. Esta vivia no eixo do moinho, girando sem mover-se, assim como na Galáxia. Isto sugere que, numa tradição mitológica mais tardia, o rei sagrado ia servi-la no moinho e não no castelo, pois Sansão, depois de ficar cego e fraco, foi posto a girar a mó na casa-prisão de Dalila.

Outro nome da Deusa do Moinho era Ártemis Calisto ("A Mais Bela"), a quem a ursa era consagrada na Arcádia. Em Atenas, no festival de Ártemis Braurônia, uma menina de dez anos e outra de cinco, vestidas com trajes de cor amarelo-açafrão em honra da lua, desempenhavam o papel das ursas sagradas. A Ursa Maior e a Ursa Menor ainda são os nomes das duas constelações que fazem girar o moinho. Na Grécia, a Grande Ursa Calisto também era chamada de *Helice*, que significa, ao mesmo tempo, "Aquela que gira" e "ramos de salgueiro" — uma recordação de que o salgueiro era consagrado à mesma Deusa.

A evidência fornecida no contexto de Gwyn, no final do Capítulo 6, para supor que o culto ao carvalho tenha chegado à Grã-Bretanha vindo do Báltico entre 1600 e 1400 a.C., indica que a série do Beth-Luis-Nion, na qual a *Duir* é a principal árvore, não foi, em hipótese alguma, elaborada antes de 1600 a.C., embora a sorveira, o salgueiro e o amieiro talvez já tivessem uso sagrado. Gwyn ("Aquele que é branco"), filho de Llyr ou Lludd, foi enterrado num sarcófago de carvalho em forma de barca, em honra de seu pai: ele era uma espécie de Osíris (sendo seu rival Vítor, filho do Abrasador, uma espécie de Set) e acabou identificado com o rei Arthur. Seu nome fornece o prefixo *Win* para muitas cidades da Grã-Bretanha.

T para Tinne
(azevinho)

A oitava árvore é o azevinho, que floresce em julho. O azevinho em *O romance de Gawain e o Cavaleiro Verde*, de origens irlandesas. O Cavaleiro Verde é um gigante imortal cuja clava é um arbusto de azevinho. Ele e *sir* Gawain, que figura na versão irlandesa com o nome de Cuchulain, e é um Héracles típico, celebram um pacto para decapitar um ao outro a cada Ano-Novo, alternadamente (quer dizer, nos solstícios de verão e de inverno). Contudo, na verdade, o Cavaleiro Azevinho poupa o Cavaleiro Carvalho. Numa balada de Robin Hood, *O casamento de sir Gawain*, o rei Arthur que, nela, tem trono em Carlisle, diz:

— as I came over a moor,
I see a lady where she sate
Between an oak and a green hollén.
She was clad in red scarlét.

— quando vinha eu por um campo de caça
Vi que estava uma senhora sentada
Entre um carvalho e um azevinho verde.
E ela trajava uma veste encarnada.

Essa senhora, cujo nome não é mencionado, teria sido a deusa Creiddylad por quem, no mito galense, o Cavaleiro Carvalho e o Cavaleiro Azevinho lutavam, de cada Primeiro de Maio até o Dia do Juízo. Como, na prática medieval, são João Batista, que perdeu a cabeça no dia 24 de junho, foi quem assumiu os títulos e costumes do rei-carvalho, é natural que se deixe Jesus, como misericordioso sucessor de são João, ficar com o lugar do rei-azevinho. Assim, o azevinho foi glorificado acima do carvalho. Por exemplo, em *O canto do azevinho*:

Of all the trees that are in the wood
The Holly bears the crown.

Dentre todas as árvores do bosque
É o azevinho quem porta a coroa.

É um sentimento que decorre da *Canção das árvores da floresta*: *"Of all trees whatsoever the critically best is holly"* ("Dentre todas as árvores que existem, a melhor é definitivamente o azevinho"). A cada estrofe do poema segue-se um adequado refrão sobre *The rising of the Sun, the running of the deer* ("O nascer do sol, a carreira do veado") e, na poesia, algumas propriedades da árvore são equiparadas ao nascimento ou à Paixão de Jesus: a brancura da flor, o vermelho dos frutinhos, a agudeza das pontas e o amargor da casca. "*Holly*" (azevinho) significa "*holy*" (santo, sagrado). No entanto, é bem pouco provável que o azevinho, que é nativo das ilhas britânicas, seja a árvore original do alfabeto: possivelmente ele tomou o lugar do sempre verde carrasqueiro,[9] com o qual tem muito em comum, até mesmo o nome botânico *ilex*, mas este não foi introduzido nas ilhas britânicas antes do século XVI d.C. O carrasqueiro (*scarlet-oak, kerm-oak* ou *holly-oak*) constitui o gêmeo do carvalho comum, que permanece sempre verde, e seus nomes no grego clássico eram *prinos* e *hysge,* que também são empregados para designar o azevinho em grego moderno. Tem folhas espinhentas e alimenta o querme, ou cochonilha, um inseto vermelho que não difere muito dos frutos do azevinho e do qual os antigos extraíam sua tintura escarlate real, além de um elixir afrodisíaco. Na Versão Autorizada da Bíblia, a palavra "carvalho" é, às vezes, traduzida por "terebinto" e, outras, por "carrasqueiro" e estas árvores fazem uma dupla sagrada na região da Palestina. Jesus usou um manto escarlate quando foi investido como rei dos judeus (Mateus 27, 28).

[9] Trata-se da espécie *Quercus coccifera,* embora no original em inglês conste *scarlet-oak.* O *Dicionário Webster* o classifica como *Quercus coccinea*, provavelmente a mesma árvore. (N. T.)

Podemos considerar as letras *D* e *T* como gêmeas: "(...) garotos brancos como lis, vestidos todos de verde, oh!" — verso da cantiga medieval *Green Rushes*. O *D* é o que governa na parte crescente do ano — o carvalho sagrado dos druidas, aquele de que trata o *Golden Bough*. O *T* é o carvalho sempre verde que governa a parte minguante do ano, uma árvore sangrenta: assim, um bosque desse tipo de carvalhos perto do Esopo coríntio estava consagrado às Fúrias. *Dann*, ou *Tann*, equivalente de *Tinne*, é a palavra celta para qualquer árvore sagrada. Na Gália e na Grã-Bretanha significa "carvalho"; na Alemanha celta significa "pinheiro"; na Cornuália, o composto *glas-tann* ("árvore sagrada verde") significa carvalho, e o verbo *to tan*, "tingir", deriva da utilização da casca do carvalho para dar cor. No entanto, na Itália antiga, tratava-se do azevinho e não do carrasqueiro que os agricultores usavam nas Saturnálias do solstício de inverno. Tannus era o nome da divindade gaulesa do trovão e Tina era o deus-trovão, armado com três raios, que os etruscos tomaram de empréstimo das tribos gaélicas em meio às quais se assentaram.

A identificação do pacífico Jesus com o azevinho ou com o carrasqueiro deve ser lamentada como sendo poeticamente inepta, exceto à medida que ele declara que não veio trazer a paz, mas a espada. O *tanist* era, nas origens, o executor de seu gêmeo; o rei-carvalho é quem era crucificado numa cruz em forma de *T* e não o rei-azevinho. Luciano, em sua obra *Julgamento no tribunal das vogais*" (cerca de 160 d.C.), é explícito:

> Os homens choravam e lamentavam sua sorte e maldiziam a Cadmo com muitas imprecações por haver introduzido o *Tau* na família das letras; dizem que foi seu corpo que os tiranos tomaram como modelo, que é sua forma que imitam quando instalam as estruturas nas quais os homens são crucificados. Chamam ao vil engenho de *stauros*, cujo nome deriva da letra vilã. Agora, uma vez que pesam sobre ela tantos delitos, não merece a morte e, mais ainda, muitas mortes? De minha parte não conheço nenhuma letra tão maligna como a que leva sua própria forma, forma essa que transmitiu ao patíbulo que, por causa dela, os homens chamam de *stauros*.

Num texto gnóstico, o *Evangelho de Tomé*, composto mais ou menos na mesma época, volta-se ao mesmo tema numa disputa entre Jesus e os professores, seus contendores, sobre a letra *T*. O professor atinge Jesus na cabeça e profetiza a crucifixão. Nos tempos de Jesus o caractere hebraico *Tav*, a última letra do alfabeto, tinha a forma do *Tau* grego.

O azevinho governa o oitavo mês. E o 8, na qualidade de número do crescimento, constitui o adequado para o mês da colheita da cevada, que se prolonga de 8 de julho até 4 de agosto.

C para Coll
(aveleira)

A nona árvore é a aveleira na estação de seus frutos. Na mitologia celta, a avelã sempre simboliza a sabedoria concentrada: algo doce, compacto e nutritivo, fechado numa pequena cápsula dura. No *Dinnshenchas*, de Rennes, um importante e antigo tratado irlandês de topografia, descreve-se uma bela fonte chamada Poço de Connla, perto de Tipperary, sobre o qual se inclinavam nove aveleiras da arte poética que produzem flores e frutos (quer dizer, beleza e sabedoria) ao mesmo tempo. No poço viviam salmões, que se alimentavam das avelãs que caíam nele, e, conforme o número de avelãs que engoliam, tantas eram as manchas brilhantes que apareciam em seus corpos. Todo o conhecimento da arte e da ciência estava vinculado à ingestão dessas avelãs, como se observou na lenda de Fionn, cujo nome Gwion adotou. Na Inglaterra, até o século XVII, empregava-se um ramo de aveleira em forma de garfo para descobrir não apenas tesouros enterrados e águas subterrâneas, mas os culpados em casos de assassinato e roubo. No *Livro de santo Albano*, na edição de 1496, existe uma receita para tornar-se tão invisível quanto alguém que tivesse comido sementes de samambaia, simplesmente pelo fato de carregar consigo uma vara de aveleira do comprimento de uma braça e meia (cerca de 2,70m) que tivesse algum raminho verde nela.

A letra *Coll* era utilizada como o número 9 dos bardos — porque 9 é o número consagrado às Musas e porque a aveleira dá frutos depois de nove anos. A aveleira era a *Bile Ratha*, "a árvore venerável da maturidade", o lugar onde vivia o poético *Aes Sidhe*. Ela também deu nome a uma divindade chamada Mac Coll, ou Mac Cool ("Filho da Avelã"), que, segundo a *História da Irlanda*, de Keating, foi um dos três primeiros governantes da ilha, sendo Mac Ceacht ("Filho do Arado") e Mac Greine ("Filho do Sol") seus dois irmãos. Eles celebraram um triplo casamento com a Tríplice Deusa da Irlanda: Eire, Fodhla e Banbha. Esta lenda parece, à primeira vista, recordar a derrocada do sistema matriarcal por invasores patriarcais; mas uma vez que Greine, o Sol, era uma deusa e não um deus, e que tanto a agricultura quanto a sabedoria eram ambas presididas pela Tríplice Deusa, os próprios invasores seriam, sem dúvida, também eles adoradores da Deusa e apenas transferiram sua homenagem filial à Tríplice Deusa da terra conquistada.

Na lenda feniana de *A antiga aveleira gotejante*, esta árvore figura como uma planta de sabedoria que pode ser empregada para usos daninhos. Gotejava um leite venenoso, carecia de folhas e servia de morada para abutres e corvos, pássaros de adivinhação. Partiu-se em duas quando a cabeça do deus Balor foi colocada na forqueadura de seus troncos. Quando Fionn usou sua madeira como escudo na batalha, seus vapores nocivos mataram milhares de inimigos. O escudo de aveleira de Fionn é símbolo de um poema satírico que porta alguma maldição. Como árvore dos arautos druídas, a aveleira "era o árbitro" em *Câd Goddeu* de Gwion; os antigos arautos irlandeses carregavam varas brancas de aveleira. A árvore da sabedoria é a aveleira, e o seu mês dura de 5 de agosto até primeiro de setembro.

M para Muin
(videira)

A décima árvore é a videira, que rege a estação da vindima. Embora não seja nativa da Grã-Bretanha, a videira é um importante motivo na arte da Idade do Bronze; assim, provavelmente, foram os daneses que a levaram consigo rumo ao Norte, não apenas o símbolo, mas a própria planta. Lá frutificou abundante em algumas encostas sulinas bem abrigadas. Contudo, como não podia ser considerada uma essência selvagem, eles a teriam substituído pela amoreira-preta. Esta tem a mesma estação de maturação dos frutos, a cor parecida das frutinhas, a semelhança das folhas e o fato de o vinho de amora constituir uma bebida forte.

Em todos os países celtas é proibido comer amoras, mesmo em se tratando de uma fruta saudável e nutritiva. Na Grã-Bretanha, o motivo que se dá é "por causa das fadas". Em Maiorca, a explicação difere: a amoreira teria sido o arbusto escolhido para compor a coroa de espinhos, e as frutinhas correspondiam ao sangue de Cristo. No Norte do País de Gales, quando criança, fui simplesmente alertado para o fato de elas serem venenosas. Em Devonshire, o tabu se restringe a datas. Não se pode comê-las depois do último dia de setembro, quando "o diabo entra dentro delas". Isto fortalece minha teoria de que a amora foi um substituto popular para *Muin*, na região ocidental do país.

A videira era consagrada ao Dioniso da Trácia e a Osíris. Uma videira dourada constituía um dos principais ornamentos do Templo de Jerusalém. Trata-se da árvore da alegria, da jovialidade e da ira. Seu mês dura do dia 2 até 29 de setembro e inclui o equinócio de outono.

G para Gort
(hera)

A décima primeira árvore é a hera na estação de sua floração. Outubro constitui a estação das bacanais na Trácia e na Tessália, quando as bassárides, drogadas, corriam como loucas selvagens pelas montanhas, agitando ramos do pinheiro da rainha Ártemis (ou Ariadne) espiralmente enrolados por hera — do tipo que dá frutinhos amarelos — em honra a Dioniso (aquele do outono, que deve ser diferenciado do outro, aquele do solstício de inverno, que era, na verdade, um Héracles), tendo em seus braços direitos, acima do cotovelo, um corço tatuado. Durante seu êxtase, estraçalhavam corços, cabritos, crianças e até

homens. Considerava-se a hera como consagrada a Osíris tanto quanto a Dioniso. A videira e a hera vêm juntas na virada do ano e são dedicadas à ressurreição, presumivelmente por serem as únicas duas plantas do Beth-Luis-Nion que crescem de modo espiralado. A videira também simboliza a ressurreição porque sua força se conserva no vinho. Na Inglaterra, a moita de hera sempre foi indicativo para uma taverna de vinho, daí o provérbio *Good wine needs no bush* ("Vinho bom não precisa de moita"), significando que não precisa ser anunciado por cartazes. Ainda hoje fabrica-se uma forte cerveja de hera, uma bebida medieval altamente tóxica, no Trinity College, em Oxford, em memória de um aluno seu, morto por homens do Balliol. É provável que a beberagem das bassárides fosse uma cerveja fermentada a partir da seiva de abeto (pinheiro prateado) misturada com hera; também pode ser que mascassem folhas de hera para obter o efeito tóxico. Mesmo assim, a principal droga das Mênades há de ter sido o *Amanita muscaria*, o cogumelo com pintas brancas, que, sozinho, já haveria de proporcionar a força física necessária. Aqui podemos reconsiderar Foroneu, o Dioniso da primavera, inventor do fogo. Ele construiu a cidade de Argos, cujo emblema, segundo Apolodoro, era um sapo. Micenas, a principal fortaleza da Argólida, recebeu este nome, segundo Pausânias, porque Perseu, um convertido ao culto de Dioniso, lá encontrara determinado cogumelo. Dioniso tinha duas festas — o *Anthesterion* de primavera, ou "floração", e o *Mysterion* de outono, que com grande probabilidade significa o "brotar dos cogumelos" (*mykosterion*), conhecido como *ambrosia* ("comida dos deuses"). Foi também Foroneu o descobridor do fogo divino que residia no cogumelo. Seria, por conseguinte, *Phryneus* ("sendo sapo") tanto quanto *Fearinus* ("sendo primavera")? O *Amanita muscaria*, embora não fosse uma árvore, cresce à sombra de alguma: no norte da região da Trácia e dos países celtas até o círculo Ártico, sempre uma bétula (ou vidoeiro); contudo, rumo ao Sul da Grécia e da Palestina até o equador, debaixo de um pinheiro. No Norte é escarlate; no Sul é de cor aleonada. Será que isto explica a precedência dada ao pinheiro prateado (abeto) entre as vogais, enquanto *A*, e à bétula entre as consoantes, enquanto *B*? Será que isto acrescenta alguma informação quanto ao enigma sobre "o Cristo, filho de Alfa"?

A rivalidade, mencionada em poemas ingleses medievais, entre o azevinho e a hera não representa, como se poderia esperar, aquela entre a árvore do assassinato e a árvore da ressurreição, entre Tífon e Set e Dioniso e Osíris; ao contrário, espelha a guerra doméstica dos sexos. A explicação parece estar no fato de que, em partes da Inglaterra, o último feixe da colheita a ser posto na carroça em qualquer paróquia era atado com hera de Osíris e chamada de *Harvest May* (colheita de maio), *Harvest Bride* (moiva-colheita) ou *Ivy Girl* (hera-menina): aquele agricultor que fosse o último a terminar de enfeixar sua colheita recebia a hera-menina como penalidade, um presságio de má sorte até o ano seguinte. Assim, a hera veio a significar um virago, uma mulher megera, capaz de algo semelhante ao que faz a hera ao estrangular as árvores. Contudo, a hera e o azevinho estavam ambos associados com as Saturnálias, sendo o azevinho a clava

de Saturno e a hera o ninho da carriça de crista dourada, seu pássaro. Na manhã do Natal, a última de seu feliz reinado, o primeiro pé a atravessar a soleira tinha de ser o do representante de Saturno, um homem sinistro, chamado de menino-azevinho, e mirabolantes precauções eram tomadas para manter as mulheres longe de seu caminho. Assim, a hera-menina e o menino-azevinho tornaram-se opostos, o que deu origem ao costume natalino no qual "meninos-azevinhos" e "heras-meninas" competiam num jogo de prendas pela precedência e cantavam canções, principalmente satíricas, uns contra os outros.

O mês da hera perdura do dia 30 de setembro até 27 de outubro.

P para Peith (sabugueiro)
ou NG para *Ngetal* (junco)

A décima segunda árvore da lista de O'Flaherty é o *peith*, novelo, viburno ou sabugueiro-d'água, que é uma introdução adequada ao décimo terceiro, o último mês que é do sabugueiro verdadeiro. Contudo, *peith* não era a letra original; trata-se de uma substituição bretã para a letra original *Ng*, que não tinha serventia literária para os bretões nem para os gaélicos, mas que fazia parte da série original. A árvore correspondente a *Ng* era o *ngetal*, ou seja, o junco, que, em novembro, está maduro para o corte. A cana do junco que cresce de uma grossa raiz, como se fosse uma árvore, era um antigo símbolo de realeza no Mediterrâneo oriental. Os faraós usavam cetros de junco (daí o profeta Isaías ter satirizado o Egito, chamando-o de "junco esmagado") e colocou-se um junco real nas mãos de Jesus, quando foi coberto com o manto escarlate. Era a árvore da qual se faziam as flechas e, por isso, apropriada ao faraó que, como divindade solar vivente, atirava suas flechas em todas as direções como símbolo de soberania. O número 12 significa o poder estabelecido, o que se confirma pelo uso irlandês de cobrir os telhados das casas com junco, pois esta não estaria terminada sem o telhado. O mês correspondente vai de 28 de outubro até 24 de novembro.

R para Ruis
(sabugueiro)

A décima terceira árvore é o sabugueiro, que cresce à beira d'água, está associado a bruxas e conserva seus frutos pelo mês de dezembro. Na Grã-Bretanha, há uma velha superstição segundo a qual uma criança que durma num berço feito com madeira de sabugueiro definhará ou, então, as fadas o deixarão com manchas roxas em decorrência de beliscões — a madeira tradicional para berços é a bétula, árvore dos começos, com poder de afastar os maus espíritos. Na Irlanda, bastões de sabugueiro, mais do que os de freixo, são empega-

dos pelas bruxas como cavalos mágicos. Embora a casca do sabugueiro e sua parte interna sempre fossem famosas por suas qualidades terapêuticas, antigamente se acreditava que o cheiro de uma plantação de sabugueiros causasse morte e enfermidades. Esta árvore é tão nefasta que em *Piers Plowman*, de Langland, faz-se com que Judas se enforque num pé de sabugueiro. Spencer coloca-o ao lado do funéreo cipreste e T. Scot escreve em sua *Philomythie*, em 1616:

The cursèd elder and the fatal yew
With witch [rowan] and nightshade in their shadows grew.

O sabugueiro maldito e o teixo fatal
Com o [freixo] feiticeiro e o meimendro à sombra sua crescendo.

O rei Guilherme Rufus foi morto por um arqueiro que estava à espreita embaixo de um sabugueiro. Também se diz que o sabugueiro foi a árvore da crucifixão e as pontas de lanças em forma de folhas de sabugueiro existentes em tumbas megalíticas sugerem que data de longo tempo sua associação com a morte. No folclore inglês, queimar lenha de sabugueiro "traz o diabo para dentro de casa". Suas flores brancas, que estão em plenitude no meio do verão, tornam o sabugueiro outro aspecto da Deusa Branca, e o mesmo é verdadeiro para a sorveira. O sabugueiro é a árvore da perdição — daí decorre o permanente aspecto nefasto do número 13 — e o seu mês dura do dia 25 de novembro até o solstício de inverno, em 22 de dezembro.

* * *

E quanto ao dia extra do calendário? Ele ocorre fora do ano de treze meses e, deste modo, não é regido por nenhuma árvore. Presumo que o seu lugar natural esteja entre as letras-meses *R* e *B*, no dia seguinte ao solstício de inverno, quando as horas iluminadas do dia voltam a ficar mais longas: com efeito, é o Natal, dia do nascimento da Criança Divina. As raízes *R* e *B* lembram, ao mesmo tempo, a palavra latina *robur*, que significa "carvalho" e "força", bem como a palavra celta *robin*. Segundo o folclore britânico, é nesse momento do ano que *Robin Red Breast*, o pintaroxo, sai com uma vara de vidoeiro, na qualidade de Espírito do Ano-Novo, para matar seu predecessor, o *Gold Crest Wren*, a carriça (ou cambaxirra) de crista dourada, o Espírito do Ano-Velho, que ele descobrirá em seu esconderijo numa moita de hera. *Sir* James Frazer mostrou, em seu *Golden Bough*, que o costume folclórico da vigília de Natal de caçar a carriça com varas de bétula, que ainda sobrevive na Irlanda e na ilha de Man, já fora, certa feita, praticado em Roma e na Grécia antigas, onde a carriça de crista dourada era conhecida como "o reizinho". É um fato ornitológico que o

crista-dourada freqüenta as moitas de hera. Diz-se que o pintaroxo "mata o seu pai", o que explicaria seu peito vermelho. Há uma clara referência a tal história em *Angar Cyvyndawd*, uma obra de Gwion:

Keing ydd ym Eidduw Bum i arweddawd.

(Concealed in the ivy bush, I have been carried about)

Oculto na hera, levaram-me de cá para lá.

Os *wren-boys*,[10] os meninos-carriças ou meninos-cambaxirras, da Irlanda, às vezes usam uma moita de azevinho em vez de uma de hera; sendo o azevinho a árvore do *tanist*, aquele que matava o rei-carvalho no meio do verão. Em todas as demais épocas do ano, a cambaxirra, ou carriça é protegida de qualquer dano, considerando-se de mau agouro o ato de apanhar seus ovos. Em Devonshire, um dos nomes dados a ela é *"the cuddy vran"*, ou seja, "pardal de Bran", e, na Irlanda, estava vinculado ao corvo ou à gralha de Bran na qualidade de pássaro profético. Em 1916, R. I. Best editou, em *Erin VIII*, uma coleção de augúrios de carriça e de gralhas. Bran, como se demonstrou, era Saturno.

Talvez a tradição mais antiga sobre a carriça seja a citada por Pausânias em sua *Descrição da Grécia*. Ele narra que Triptólemo, a versão eleusina do Osíris egípcio, era um sacerdote argivo dos mistérios, chamado Tróquilo, que fugiu de Argos para a Ática quando Agenor tomou a cidade. Tróquilo significa "carriça" e também quer dizer "da roda", presumivelmente porque a carriça é caçada quando a roda do ano completa seu círculo. Até recentemente, a ligação da carriça com a roda era mantida em Somersetshire. Swainson relembra em seu *Birds*, de 1885: "É costume, no Dia de Reis, levar uma carriça de um lado para outro, nomeando-a de 'rei', fechada numa caixa com janelinhas de vidro, tendo acima dela uma roda da qual caem fitas de cores diversas." Uma versão mais tardia tornou Triptólemo filho de Pico (o pica-pau, outro pássaro profético) e, assim, identificaram-no com Pã ou Fauno. A história de Pausânias parece referir-se à expulsão de Argos, pelos invasores sírios, dos sacerdotes de Cronos (Bran), a quem a carriça era consagrada.

Logo que se domina a gramática e a flexão elementares dos mitos e que se constrói um pequeno vocabulário, aprendendo a distinguir os mitos sazonais daqueles históricos e iconotrópicos, fica-se surpreso ao ver o quão perto da superfície jazem as explicações, que pareciam perdidas desde tempos pré-homéricos, de lendas que ainda são religiosamente conservadas como parte de nossa herança cultural européia. Por exemplo, as várias lendas concernentes ao alcíone, o martim-pescador que, assim como a carriça, está associado, no mito

[10] São meninos cantores mascarados que saem no primeiro dia útil depois do Natal, indo de casa em casa pedindo presentes. (N. T.)

grego, ao solstício de inverno. Em cada ano existiam catorze "dias de alcíone", sete dos quais caíam antes do solstício de inverno e sete logo a seguir: eram dias tranqüilos, de mar sereno como um lago, em que a fêmea punha seus ovos num ninho flutuante e chocava seus filhotes. Segundo Plutarco e Eliano, esta ave também tinha o hábito de carregar o macho morto nas costas, mar adentro, e de pranteá-lo com um grito lamuriante peculiar.

Catorze é um número lunar, correspondente aos dias fastos da primeira metade do mês; assim, a lenda — que, por seu lado, carece de fundamentação na história natural, pois o alcíone não constrói ninho nenhum e põe seus ovos em buracos ao longo da costa — evidentemente se refere ao nascimento do novo rei sagrado, no solstício de inverno, depois que sua mãe, a deusa-lua, enviou o cadáver do velho rei para uma ilha sepulcral. Como é natural, o solstício de inverno nem sempre coincide com a mesma fase da Lua, razão pela qual a expressão "todos os anos" deve ser interpretada como "todos os Grandes Anos", ao final dos quais os tempos solares e lunares se sincronizavam, aproximadamente, e terminava o período do rei sagrado.

Homero correlaciona o nome do pássaro com Alcíone, um título próprio de Cleópatra, esposa de Meléagro (*Ilíada*, IX, 562), e com uma Alcíone anterior, filha de Egialéia, "aquela que afasta o furacão", e de Éolo, o antepassado epônimo dos gregos eólicos. A palavra "*halcyon*", desta forma, não pode significar *halcyon*, "cão-de-caça do mar", conforme normalmente se pensa, mas deve designar *alcy-one*, "princesa que impede o mal". Esta derivação confirma-se pela fábula — narrada por Apolodoro e por Higino, mas apenas referida, de modo breve, por Homero — sobre a Alcíone anterior: de como ela e seu marido Cêix ("gaivota") ousaram chamar-se de Hera e Zeus e de como este os puniu, afogando Cêix, atrás do qual seguiu Alcíone, afogando-se também. Cêix foi, então, transformado em gaivota — ou, segundo Alcman, numa torda-mergulhadeira —, e a esposa num alcíone, uma espécie de martim-pescador. A parte da lenda relacionada com a gaivota não tem razão de ser destacada, embora o pássaro, que tem um grito muito lamentoso, seja consagrado a Afrodite, deusa do mar. O fundamento histórico parece consistir no fato de que, no final do segundo milênio a.C., os eólicos, que tinham concordado em adorar a deusa-lua pré-helênica como sua ancestral e protetora divina, tornaram-se tributários dos aqueus e foram obrigados a aceitar a religião olímpica.

Plínio, que descreve minuciosamente o suposto ninho do alcíone — ao que parece, o zoófito que Lineu denominou *halcyoneum* —, diz que a ave é vista, apenas e raras vezes, nos solstícios de inverno e de verão ou quando as Plêiades se põem no horizonte. Isto prova que ela foi, originalmente, uma manifestação da deusa-lua, que era adorada nos dois solstícios como a Deusa, alternativamente, da Vida-na-Morte e da Morte-na-Vida e que, no início de novembro, quando as Plêiades se punham, enviava ao rei sagrado sua convocação para a morte (tal como será tratado no Capítulo 12). Havia ainda outra Alcíone, líder mística das sete Plêiades, que era filha de Plêione, a "rainha da navegação", com

o herói do carvalho Atlas. O surgimento helicoidal das Plêiades, no mês de maio, assinala o começo do ano da navegação, e sua queda marca o final, quando — é Plínio quem assinala numa passagem sobre Alcíone — sopra do norte um vento notavelmente frio. As circunstâncias da morte de Cêix demonstram que os eólicos, que eram navegadores famosos, deram à deusa o título de "Alcíone", porque, na qualidade de deusa marítima, os protegia de rochas e de mau tempo: pois Zeus havia provocado o naufrágio de Cêix, em desafio aos poderes de Alcíone, lançando um raio contra sua nave. Por muitos séculos, continuou-se a creditar ao alcíone o poder mágico de aplacar as tormentas e seu corpo dessecado era empregado como talismã contra os raios de Zeus, fundamentando-se no suposto dado de que estes não caem duas vezes no mesmo lugar. Com um intervalo de muitos anos, vi, por duas vezes, um alcíone planando sobre a superfície da mesma baía do Mediterrâneo, e ambas as ocasiões ocorreram por volta do solstício de verão, com o mar inteiramente tranqüilo. Sua plumagem azul e branca, espantosamente brilhante, fez dele um símbolo inesquecível da deusa dos mares plácidos.

A conexão estabelecida por Homero entre Alcíone, mulher de Meléagro, e o alcíone consistiria no fato de que, quando Marpessa, a mãe dela, fora raptada por Apolo da companhia de Idas, o Argonauta, seu amado esposo, ela guardou um luto tão amargo quanto sentira a primeira Alcíone pela morte de Cêix, e foi, por este motivo, que deu a Cleópatra, sua filha recém-nascida, o apelido de "Alcíone". No entanto, esta é uma interpretação absurda. Uma sacerdotisa chamada Cleópatra, com quem o Meléagro original se casara, podia muito bem levar o título divino de "Alcíone". Contudo, é mais provável que Alcíone fosse chamada de Filha de Marpessa ("a Arrebatadora") porque esta era a Deusa Branca na qualidade de Velha Porca que governava o solstício invernal, e porque os dias do alcíone caíam sob este aspecto astronômico. Isto explicaria, incidentalmente, porque Plínio recomendaria ninhos de alcíone secos e pulverizados como uma "cura miraculosa" para os leprosos; acreditava-se que o leite de porca causasse a lepra — a associação da Deusa Branca com a lepra será apresentada em detalhes no Capítulo 24 — e Alcíone, enquanto benévola filha de Marpessa, haveria de ser imune a esta doença. Os raptos por Apolo de Marpessa, em Messena, e o de Dafne ("a Sanguinária"), em Delfos, constituem eventos dos primórdios da história tribal grega: a tomada dos santuários oraculares pelos aqueus seguidores de Apolo.

Capítulo 11

O alfabeto das árvores
(2ª parte)

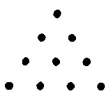
As vogais do Beth-Luis-Nion constituem uma seqüência sazonal complementar, assim como as vogais do Boibel-Loth representam as estações do ano. Considero-as árvores consagradas, de modo particular, à Deusa Branca, que governava e a quem pertencia o número 5; pois Gwion, em seu poema *Kadeir Taliesin* (*A cátedra de Taliesin*), que indicava o posto que reclamava como chefe dos poetas do País de Gales, depois de haver deixado desconcertados Heinin e os demais bardos, descrevia o Caldeirão da Inspiração, o Caldeirão de Cerridwen, como:

Sweet cauldron of the Five Trees.

Doce caldeirão das cinco árvores.[1]

Em Creta, na Grécia e no Mediterrâneo oriental, as árvores sagradas são, em geral, representadas em forma de colunas; assim, essas cinco árvores podem ser a mesma coisa que cinco pilares com estrias verticais e espiraladas, adoradas

[1] É provável que Gwion conhecesse também o valor que os pitagóricos e seus sucessores davam ao número 5. Os pitagóricos faziam seus juramentos sobre o "sagrado *tetraktys*", ou tétrade, uma figura que consistia de dez pontos ordenados em forma de pirâmide, assim:



O ponto superior representava a posição; os dois, a extensão; os três abaixo dele, a superfície; os quatro pontos inferiores, o espaço tridimensional. A pirâmide, o símbolo mais antigo da Deusa Tríplice, era interpretado filosoficamente como o começo, a plenitude e o final. Trata-se de uma figura com cinco vértices, considerando-se o cume e os quatro pontos da base. O número 5 representava a cor e a variedade que a natureza dá ao espaço tridimensional, o que é apreendido pelos cinco sentidos, tecnicamente denominado de "o bosque" — um quincunce de cinco árvores. Sustentava-se que o mundo colorido e variegado era formado por cinco elementos — terra, ar, fogo, água e a quintessência, ou alma —, os quais irão, por sua vez, corresponder às estações. Também eram dados valores simbólicos aos numerais de seis a dez, que era o número da perfeição.

por um homem que aparece num selo cilíndrico micênico.[2] No *Evangelho de Tomé*, texto gnóstico, recentemente descoberto, faz-se menção a cinco árvores do Paraíso — contudo, estas são símbolos de cinco Imortais, a saber: Abraão, Isaac, Jacó, Enoque e Elias.

A PARA AILM
(abeto ou pinheiro prateado)

A primeira árvore é o abeto, ou pinheiro prateado, uma árvore fêmea com folhas que se parecem muito com as do teixo, consagrado na Grécia a Ártemis, a deusa-lua que presidia os partos, e a principal árvore do nascimento no Norte da Europa, familiar ao contexto natalino. No arquipélago de Orkney, segundo *Social Life in Scotland,* de Roger, mãe e recém-nascido são "curados" logo após o parto rodeando-se o leito por três vezes com uma tocha acesa de abeto. É notável que *ailm*, em irlandês arcaico, significasse também palmeira, uma árvore que não é nativa da Irlanda (ainda que se tenha adaptado muito bem na propriedade de meu avô, no condado de Kerry). A palmeira constituía a árvore do nascimento no Egito, na Babilônia, na Arábia e na Fenícia. Esta árvore que antigamente crescia por todo o Mediterrâneo oriental tanto deu seu nome *phoenix* ("sangrento") à Fenícia, quanto ao pássaro fênix, que nasce e renasce numa palmeira. Sua relação poética com o nascimento consiste no fato de ser o mar a

---

A tétrade podia ser interpretada de várias outras maneiras: por exemplo, como os três pontos do triângulo que encerram um hexágono de pontos — sendo 6 o número da vida — com um ponto central que aumenta este para sete, tecnicamente conhecido como "Atená", o número da inteligência, da saúde e da luz.

[2] A julgar por um desenho traçado num prato de vidro da época selêucida, onde aparece a fachada do Templo de Salomão, tal como foi reconstruído por Zorobabel seguindo o modelo fenício original, as colunas com estrias espiraladas correspondem a Boaz, a coluna da direita do Templo de Salomão dedicada ao crescimento e ao sol nascente. E aquelas de estrias verticais, a Jaquin, a coluna do lado esquerdo, dedicada à decadência e ao sol poente. O simbolismo tornou-se confuso quando os judeus fizeram seu Ano-Novo corresponder com o festival da vindima de outono, pois, então, referiam-se às colunas como Jaquin e Boaz e não como Boaz e Jaquin. Porém, a tradição continuou sendo: "Boaz está para Jaquin assim como Garizim está para Ebal, assim como a bênção está para a maldição." Garizim e Ebal eram dois picos gêmeos que cobriam o santuário efraimita de Siquém. Para quem está em Siquém e olha para o nascente, o Garizim situa-se à direita e o Ebal, à esquerda. Lembre-se ainda de que Siquém era local de culto do terebinto. Em Deuteronômio 11, 29 há uma profecia atribuída a Moisés: "Colocarás a bênção sobre o monte Garizim e a maldição sobre o Ebal. Estes montes, como se sabe, estão no outro lado do Jordão, a caminho do poente, na terra dos cananeus que habitam na Arabá, diante de Guilgal, perto do carvalhal [bosque de terebintos sagrados] de Moré." *[N. T.: Como norma, sempre é citada a Bíblia de Jerusalém.]*

Isto era como deveria ser. O terebinto, que é o equivalente cananeu de madeira dura de *Duir*, o carvalho, estava colocado, naturalmente, ao centro, tendo Ebal à esquerda nefasta e Garizim à direita alvissareira.

mãe universal e que a palmeira prospera perto do mar em terreno arenoso e salobro; carecendo de sal nas raízes, a palmeira jovem fica atrofiada. A palmeira é a Árvore da Vida na história babilônica do Jardim do Éden. Seu nome hebraico é Tamar, que também designava a correspondente da grande deusa Ishtar, ou Astarté. Os árabes adoravam a palmeira de Nejran como uma deusa, anualmente revestiam-na com trajes e ornamentos femininos. Tanto o Apolo de Delos como o Dusará nabateu nasceram debaixo de uma palmeira. No irlandês moderno, *ailm* veio a designar o olmo, por influência dos clássicos latinos, pois, na Itália, o olmo, *ulmus*, que não é uma planta nativa das ilhas britânicas, era empregado para sustentar as videiras novas e, assim, tornou-se a alma-mãe do deus do vinho. Esta interdependência entre o olmo e a videira foi santificada por uma referência numa obra dos primórdios do cristianismo chamada *O pastor de Hermas.*

No entanto, o abeto, ou pinheiro prateado, que também gosta de solo salobro e da brisa marinha, é uma árvore do nascimento tão antiga quanto a palmeira, tendo sido sob ela que nasceu o deus de Biblos, protótipo do Osíris prédinástico do Egito. O termo grego para o abeto era *elate,* e é interessante o relato que Pausânias faz do arcádio Elatos. Ele era o pai de Ísquis, o amante da mãe de Asclépio e de Cilene, que deu nome ao monte Cilene, até então sem nome, onde nasceu Hermes. Outros mitógrafos converteram Cilene na "ninfa Cilene", esposa de Pelasgo, fundador da raça dos pelasgos. Parece que originalmente Elatos era Elate, "o Altivo", título transferido de Ártemis para sua árvore sagrada — da qual um ramo, com frutos e entrelaçado de hera, era agitado em sua honra durante os festejos dionisíacos — e que Cilene (*Cylle Ana*, a "Rainha Curva") era outro título da deusa. O abeto da deusa do nascimento foi igualmente transferido para seu filho no mito de Átis, filho de Nana, o Adônis frígio. Diz-se que ele foi metamorfoseado num abeto pela deusa Cibele, que o amava, quando jazia moribundo por causa de uma ferida aberta por um javali enviado por Zeus ou provocada por algum rei frígio a quem ele castrara e que, em troco, o emasculou.

O cavalo de Tróia, uma oferenda pacífica à deusa Atená, originalmente a mesma Deusa Branca, era feito com madeira de abeto: e se tratava de um cavalo porque era consagrado à lua.

No museu de Newcastle-on-Tyne existe um altar romano-britânico dedicado às "Mães"[3] por um tal de Julius Victor. Traz um triângulo com o vértice para

[3] Em Arles, na Provença, o culto da Deusa como tríade ou pentade (cinco divindades) de Mães sobreviveu até hoje sob disfarce cristão. Atualmente seu festival é celebrado de 24 a 28 de maio, a metade do mês do pilriteiro ou da castidade, porém seus devotos são, em sua maioria, ciganos. Como tríade, converteu-se nas "Três Marias da Provença" ou nas "Três Marias do Mar". Como pentade, acrescentaram-lhe Marta e uma serviçal apócrifa chamada Sara. Ao que parece, estas são cristianizações de baixos-relevos pré-cristãos nas lápides sepulcrais do cemitério de Alyscamps, em Arles, nos quais se pode ver a tríade ou a pentade representada num painel e, abaixo, noutro, a alma ressurrecta. A cena fora explicada como a ressurreição de Lázaro. Até a época de Dante, os sepultamentos neste cemitério seguiam "a moda antiga": o cadáver era depo-

cima encerrando uma pinha. Embora Druantia, o nome da deusa galense do abeto, não contenha referência a sua própria árvore, ele a torna "a Rainha dos Druidas" e, deste modo, a mãe de todo o calendário arbóreo.

A estação do abeto corresponde ao primeiro dia do ano, o aniversário da Criança Divina, o dia extra do solstício de inverno. Estas estações eram separadas por treze semanas e a última delas era uma semana letal e exigia um sacrifício de sangue.

O PARA ONN
(tojo, retama ou giesta)

A segunda árvore é o tojo que, com suas flores douradas e os espinhos, representa o sol jovem no equinócio de primavera, época em que fogueiras de tojo são acesas nas colinas. Queimam-se os velhos espinhos para permitir que brotem no tronco outros novos e tenros, que as ovelhas comem vorazmente e para acelerar o crescimento da erva — *And the furze but ill-behaved / Until he is subdued.* ("E o tojo que se porta mal / Até que é subjugado). A importância do tojo, giesta ou retama, que, no folclore do País de Gales, é "bom contra as feiticeiras", é fortificada pelo fato de suas flores serem freqüentadas pelas primeiras abelhas do ano, assim como as da hera o são pelas últimas. O nome *On-niona*, uma deusa adorada pelos gauleses em bosques de freixo, é composta de *Onn* e de *Nion*, que fornece a data de seu festival, a saber, no equinócio de primavera, no encerramento do mês do freixo.

---

sitado numa barca, junto com algum dinheiro, que se chamava *drue de mourtilage*, e se deixava que flutuasse pelo Reno até os Alyscamps. Este nome "Alyscamps" foi explicado como *Campi Elysiani*, "Campos Elísios", porém é igualmente provável que *Alys* fosse o nome antigo da Deusa e, também, é possível que o próprio adjetivo homérico "elísio" (trata-se de um *E* longo) derive do nome Dela. *Alys* também aparece como *alise* e *alis* em muitos topônimos franceses. O *Dictionnaire Etymologique* de Dauzat diz que *alis*, *alise*, com o significado de "riacho escondido", "deriva da palavra gaulesa *alisia*, talvez pré-celta, representada em inúmeros topônimos e da qual deve originar-se a palavra espanhola para amieiro, *aliso*". Isto faz um bom sentido mítico, pois Ogígia, a ilha sepulcral de Calipso, estava protegida por bosques de amieiro. *Alys*, *Alis* ou *Halys* é o nome do maior rio da Ásia Menor e que data de época pré-helênica e se prova pela cidade de Aliassus (*-assus* é um sufixo cretense), construída em suas margens pouco antes que ele vire para o norte, indo desaguar no sul do mar Negro. Existem ainda dois rios Hales, um na Iônia e outro na Lucânia, os quais podem ter recebido o nome em homenagem à mesma Deusa. Um nome para amieiro em alemão é *else*, que corresponde à palavra escandinava *elle*. O *Ellerkonge* dinamarquês é o deus-amieiro Bran, que leva as crianças para o outro mundo; contudo, *elle* também significa *"elf"*, o que deveria ser considerado como *elē thrad*, ou seja, a fada do amieiro. Assim, a bem conhecida balada de Goethe, baseada em *Stimmen der Völker* de seu predecessor Herder, *Ellerkonge*, é corretamente traduzida como *Erlkönig*, sendo *erle* a palavra mais corrente em alemão para designar o amieiro.

U para Ura
(urze, torga, torgo ou estorga)

A terceira árvore é a urze, consagrada a Vênus Ericina, deusa romana e siciliana do amor. No Egito e na Fenícia esta árvore pertence a Ísis, cujo irmão Osíris foi encerrado no tronco de uma torga na cidade de Biblos, onde ela foi procurá-lo. A lenda de Ísis, citada por Plutarco, é tardia e artificial, mas fala de um sacrifício infantil em honra de Osíris.

O arqueólogo Winslow, do século XVIII, levou o reitor Swift até Lough Crew para que recolhesse as lendas locais sobre a Tríplice Deusa irlandesa. Entre aquelas recolhidas, havia uma sobre a morte de *Garbh Ogh*, uma antiga giganta sem idade, cujo carro era puxado por alces, a qual se alimentava de leite de veado, peito de águia e caçava corço montês com uma matilha de setenta cães caçadores que tinham nomes de pássaros. Recolhia pedras para construir para si própria um tríplice monumento funerário e "sentou-se numa caverna nas montanhas na estação da floração da urze"; em seguida, expirou.

Uroica, a deusa gaulesa da urze, é atestada por inscrições na Suíça romana e seu nome está a meio termo entre *ura* e *ereice*, que é a palavra grega para urze.

Também chamada torga, a urze é uma árvore do solstício de verão, vermelha e apaixonada, associada a montanhas e a abelhas. A própria Deusa é uma abelha-rainha em torno da qual os enxames de zangões zumbem no solstício de verão, tal como Cibele, com freqüência, é descrita. A autocastração extática de seus sacerdotes simbolizava a emasculação dos zangões pela abelha-rainha no ato nupcial. Vênus cortejou fatalmente Anquises numa montanha, em meio ao zumbido de abelhas. Porém, a urze branca é alvissareira, pois trata-se de uma proteção contra as paixões. Na Sicília, o monte Éryx é famoso pela visita do apicultor Butes, filho de Bóreas, o vento Norte, a quem lá foi dedicado um santuário pelas ninfas da deusa Ericina. A referência que Gwion faz à urze, em *Câd Goddeu*, confortando os álamos abatidos, trata da "cerveja de urze", um restaurador favorito no País de Gales.

A antiga popularidade das tílias entre os poetas do amor na Alemanha e no Norte da França sugere que elas se tornaram um substituto, em regiões de planície, da urze das montanhas. As tílias florescem dos meados de maio até a metade de agosto. Elas não têm *status* de árvore sagrada na Grã-Bretanha, de onde apenas uma variedade de folhas pequenas parece ser nativa. Entretanto, na Tessália, a deusa-mãe de Quirão, o Centauro, associada ao erótico torcicolo, era chamada de Fílira ("tília").

E PARA EADHA
(álamo ou choupo-branco)

A quarta árvore é a do equinócio do outono e da velhice, é o choupo-branco, ou álamo, preferido pelos fabricantes de escudos. Segundo Pausânias, foi trazido, pela primeira vez, para a Grécia, do Epiro, por Héracles (mas qual deles?), e a lenda latina conta que ele amarrou na cabeça ramos de álamo, em sinal de triunfo, depois que matou o gigante Cacus ("o Malévolo") em sua toca, na colina do Aventino, em Roma. O lado das folhas que ficaram junto a sua fronte branqueou por causa do irradiante calor que emanava dele Presumivelmente, o mito explica a diferença que existe entre as folhas e o uso ritual do álamo ou choupo-branco e aqueles do chamado álamo-negro ou choupo-negro, o qual era uma árvore fúnebre consagrada à Mãe Terra na Grécia pré-helênica. Existe uma referência no *Casina,* de Plauto, ao uso divinatório do choupo-negro e do abeto. Ao que parece, o abeto significaria esperança e, choupo-negro, a perda de esperança[4] — algo semelhante ao que ocorre em Pembrokeshire, onde uma moça dá ao pretendente seja um pedaço de bétula, como sinal de encorajamento, seja um pedaço de aveleira, chamada *collen*, como quem diz: "Seja esperto e desista." Héracles venceu a morte e, na Irlanda antiga, a *fé* ou seja, a vara de medir cadáveres, usada pelos fabricantes de ataúdes, era feita de álamo, talvez para lembrar às almas dos mortos que isto não era o fim. Enfeites de cabeça dourados feitos com folhas de álamo foram encontrados em tumbas na Mesopotâmia, datadas do ano 3000 a.C.

I PARA IDHO

A quinta árvore é o teixo, árvore da morte em todos os países europeus, consagrada a Hécate na Grécia e na Itália. Em Roma, quando se sacrificavam touros negros a Hécate, para que as almas pudessem lamber o sangue derramado, os animais eram preparados com guirlandas de teixo. Pausânias menciona o teixo como sendo a árvore junto à qual Epaminondas encontrou, no monte Itome, a urna de bronze contendo, num rolo de estanho, os mistérios secretos da Grande Deusa. No outro lado da urna, apropriadamente, crescia um pé de murta, que, conforme se verá no Capítulo 13, era o equivalente grego do sabugueiro, o *R*, a consoante da morte. É relevante o fato de ser o rolo feito de estanho, pois os gregos antigos importavam o estanho da Espanha e da Grã-Bretanha. Na Irlanda, o teixo era "o ataúde do vinho": os barris de vinho eram feitos com tábuas de teixo. No romance irlandês *Naoise and Deirdre*, estacas de teixo foram fincadas entre os cadáveres destes amantes para mantê-los separados, mas elas brotaram e tornaram-se árvores, cujas copas, por fim, cruzaram-se acima da catedral de Armagh. Na

[4] *Sed manendum, tum ista aut populina fors aut abiegina est tua* (Ato II). "Mas permanecendo, o que sucederá a ti ou será choupo-negro ou será abeto."

Bretanha, diz-se que os teixos dos cemitérios ao lado das igrejas deitam suas raízes até a boca de cada cadáver. De teixo é que se faziam os melhores arcos — conforme os romanos aprenderam com os gregos — e, assim, realçava-se a qualidade mortífera da árvore. É provável que o nome latino do teixo, *taxus*, esteja relacionado com *toxon*, nome grego para arco, e com *toxicon*, palavra grega que designava o veneno com que se untavam as flechas. Diz-se que os antigos irlandeses empregavam um composto de frutos do teixo, de heléboro e de saudade para envenenar suas armas. John Evelyn em seu livro *Silva*, de 1662, destaca que o teixo não merece a sua reputação como planta venenosa: "Quaisquer que sejam os informes de Plínio sobre sua sombra, ou o que narre a lenda da atmosfera ao redor de Taso, ou o destino de Cativulco, mencionado por César ou, ainda, a má fama de que o fruto goza entre o vulgo em França, Espanha e Arcádia." O gado bovino e os cavalos ruminam suas folhas sem nenhum efeito nocivo, diz ele; contudo, mais adiante, sugere ele que "o verdadeiro teixo" é, com efeito, mortífero. Seu uso no culto das bruxas inglesas é relembrado em *Macbeth,* no qual o caldeirão de Hécate continha:

(...) *slips of yew*
Sliver'd in the Moon's eclipse.

(...) brotos de teixo
Ao eclipse da lua colhidos.

Noutro trecho, Shakespeare chama-o de "teixo duplamente fatal" e faz com que o tio de Hamlet mate o rei, derramando seu sumo ("hebenon") em seus ouvidos. O teixo compartilha com o carvalho a reputação de demorar mais do que qualquer outra árvore para atingir a maturidade, mas tem uma vida longa, até mais do que o carvalho. Quando tratada e polida, sua madeira torna-se incorruptível.

O teixo era uma das "Cinco Árvores Mágicas da Irlanda". Era chamado "A Árvore de Ross", descrita como "uma divindade inflexível e reta" — o teixo irlandês difere do britânico por ser coniforme e ter ramos que crescem para cima e não na horizontal —, "a famosa árvore de Banbha" (Banbha era o aspecto mortal da Tríplice Deusa irlandesa); "o feitiço do conhecimento e a roda do rei", ou seja, a letra da morte que faz com que a roda da existência descreva um círculo completo. Como um lembrete de seu destino, cada rei irlandês usava um broche em forma de roda que transmitia a seu sucessor. Situo a estação do teixo no último dia do ano, na véspera do solstício de inverno. *Ailm*, o abeto do nascimento, e *Idho*, o teixo da morte são árvores irmãs: acham-se uma ao lado da outra e sua folhagem é bastante semelhante. O abeto está para o teixo, assim como a prata para o chumbo. Os alquimistas medievais, seguindo antiga tradição, relacionavam a prata à lua, como a regente do nascimento, e o chumbo a Saturno, como regente da morte. E extraíam ambos os metais do mesmo mineral misto.

Fir, womb of silver pain,
Yew, tomb of leaden grief—
Viragoes of one vein,
Alike in leaf—
With arms up-flung
Taunt us in the same tongue:
'Here Jove's own coffin-cradle swung'.

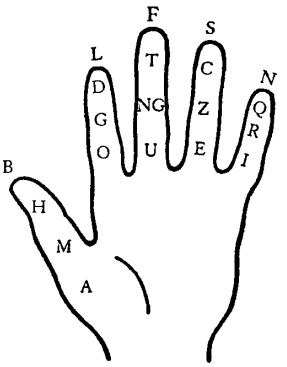
Abeto, ventre de dor prateada,
Teixo, tumba de luto plúmbeo,
Viragos de mesmo caráter,
Ambas de folhas semelhantes,
Com os braços para o alto
Escarnecem de nós com a mesma voz:
"Aqui balança o berço-ataúde de Júpiter."

Uma escultura assíria publicada por Felix Lajard em seu livro *Sur le culte de Mithra*, de 1847, mostra o ano como uma árvore de treze galhos. A árvore tem cinco faixas em torno do tronco e os ramos em forma de cetros estão ordenados, seis de cada lado, e o sétimo, no alto, ao centro. Aqui, evidentemente, correlacionou-se o ano agrícola do Mediterrâneo oriental, que começa no outono, com o ano solar de início no solstício de inverno, pois existe uma bolinha, representando o novo ano solar, suspensa sobre os três últimos ramos. Além disto, quanto aos dois caprinos rampantes que servem de sustentação para a árvore, o da direita vira a cabeça de modo que mostra os chifres superpostos formando um crescente lunar e apóia uma pata dianteira na parte mais alta dos três últimos ramos; o da esquerda é uma cabra, que vira a cabeça na direção oposta, de modo que os chifres formam uma lua minguante, e está subindo os três primeiros ramos. Traz o ubre cheio, próprio da estação, pois os primeiros cabritinhos foram paridos por volta do solstício de inverno. Uma lua nova, semelhante a um barco, singra sobre a árvore e um grupo de sete estrelas, sendo a sétima bem mais brilhante do que as demais, situa-se ao lado da cabra; o que prova que ela é Amaltéia, mãe do chifrudo Dioniso. O macho é uma versão assíria de Azazel, o bode expiatório sacrificado pelos hebreus no começo do ano agrícola. As cinco faixas na árvore estão distribuídas: uma na base, outra no topo e as demais no meio do tronco, representando as cinco estações do ano. Numa árvore babilônica do ano, publicada no mesmo livro, as estações vêm simbolizadas por cinco frondes.

Iluminados por este conhecimento, podemos voltar a examinar o diagrama da mão utilizada, pelos druidas, como um teclado de sinais e compreender os enigmáticos nomes tradicionais de quatro dedos em inglês[5] —*fore-finger* (dedo

[5] Para não perder todo o sentido da análise do autor, foi preciso fazer uma tradução estritamente literal desses nomes, que não necessariamente coincide com os nomes familiarmente

indicador), *fool's-finger* (dedo-do-tolo, dedo médio), *leech-finger* ou *Physic-finger* (dedo sanguessuga, dedo médico, dedo anular), *auricular-finger* ou *ear-finger* (dedo auricular, dedo da orelha, dedo mínimo) — em termos do valor mítico das letras neles contidas.



A pequena diferença na ordem das letras entre o Beth-Luis-Nion e o Boibel-Loth não afeta a demonstração, embora eu acredite que o sistema se fundasse nos significados das árvores do Beth-Luis-Nion, porque, num antigo conto, um poeta descreve uma noite realmente escura como sendo aquela "em que um homem não consegue distinguir uma folha de carvalho da de uma aveleira, nem estudar os cinco dedos de sua mão". O indicador contém *Duir*, o deus-carvalho, que é a primeira das árvores, sobre a qual está *Luis*, a sorveira, um talismã contra raios. O dedo médio contém *Tinne*, o rei-azevinho ou Cavaleiro Verde, que aparece, em antigo auto de Natal inglês, uma reminiscência da Saturnália, como sendo o tolo que é decapitado, mas ressurge ileso. O anular traz *Coll*, a sábia avelã, que é o mestre das curas. O mínimo — em francês *doigt auriculaire* — está baseado em duas letras da morte, *Ruis* e *Idho*, e, desta forma, detém um poder oracular; como ainda se diz na França de alguém que consegue uma informação de uma fonte misteriosa: "*Son petit doigt le lui dit*" ("O dedo mindinho lhe contou"). Normalmente explica-se o termo "dedo auricular" como "sendo o dedo mais fácil de colocar-se no buraco da orelha", mas o sentido mais primitivo de "auricular" é "secretamente murmurado no ouvido". O dedo auricular, provavelmente, era empregado pelos druidas gauleses e britânicos para tapar o ouvido e, assim, auxiliar a inspiração. Seu caráter divinatório ficou estabelecido bastante cedo na Europa Ocidental, fazendo-o aparecer em inúmeras lendas folclóricas relativas à perda de um dedinho da mão ou do pé pela filha de um ogro; o herói da história o encontra e isto permite que obtenha

mais correntes em português: dedo mindinho, seu-vizinho, pai-de-todos, fura-bolo, mata-piolho. Mais adiante estes termos serão empregados num contexto poético. (N. T.)

a permissão do ogro para casar-se com a filha. Essas histórias ocorrem na Bretanha, na Lorena, nas *Highlands* ocidentais, em Biscaia, na Espanha, e na Dinamarca. Em *O romance de Taliesin*, fala-se que o dedo mínimo da mulher de Elfin fora cortado magicamente.

O dedo anular é o outro nome para o dedo da sanguessuga. Os romanos e os gregos usavam o polegar, consagrado a Vênus, para seus anéis de sinete, que eram geralmente feitos em ferro. Era um talismã protetor para garantir-lhes a virilidade, sendo o polegar um sinônimo para o falo e o ferro um cumprimento ao marido de Vênus, o ferreiro Vulcano. Contudo, para seus anéis de casamento, usavam o quarto dedo da mão esquerda. Este costume foi explicado por Macróbio, que escreveu, no século IV d.C., com dois fundamentos: que, dentre os dez dedos, este era o que tinha menor uso e o menos capaz de mover-se individualmente, daí ser o mais seguro para usar pedra preciosa; e (aqui cita a autoridade de Apiano, um escritor do século I d.C.) porque, neste dedo, uma artéria corre diretamente para o coração. A artéria para o coração é uma observação de natureza astrológica, mais do que anatômica — embora uma pequena veia, que os antigos não tinham como distinguir de uma artéria, apareça na conjuntura inferior. Com efeito, segundo atribuição, feita no período clássico tardio, de partes do corpo humano às influências planetárias, é Apolo, o deus solar e curador, quem governa o coração; como Vênus, comanda os rins; Mercúrio, os pulmões; Diana (a Lua), a cabeça; e, daí, por diante. O quarto dedo é, assim, usado como anular, por causa do anel de casamento profilático, feito de ouro em honra a Apolo e que controla o coração, que é onde repousa o amor duradouro. Levinus Lemnius, humanista alemão do século XVI, cita também a lenda da artéria num livro de medicina onde se diz que "os médicos antigos, dos quais este dedo deriva seu nome de 'dedo médico', o empregavam para misturar seus medicamentos e poções, apoiando-se na teoria de que nenhum veneno pode aderir mesmo a sua extremidade sem comunicar-se diretamente com o coração".

Exatamente o mesmo sistema sobrevive na quiromancia popular, que tem origem no final do período clássico. Os quiromantes associam o indicador a Júpiter, a divindade do carvalho; o dedo médio, a Saturno, o tolo do Natal; o quarto dedo (em alemão, também chamado de "dedo do ouro"), ao Sol — Apolo, o deus-sol, tornou-se mais tarde o padroeiro dos médicos e o deus da sabedoria em geral —, e o dedo mínimo, a Mercúrio em seu aspecto de psicopompo, ou seja, condutor das almas dos mortos. A Lua domina a parte inferior da palma da mão, porque é a deusa do mundo subterrâneo de quem Mercúrio recebe sua inspiração. A Vênus pertence o polegar (como símbolo fálico) e a Marte, o centro da mão, onde se prende a arma — sua inicial *M* é formada pelas principais linhas da mão. Um bronze votivo em forma de mão, originário da Frígia, dedicado a Zeus Sabázio — um Júpiter rural —, contém uma pequena figura com barrete e calção frígios, com os pés pousados numa cabeça de carneiro, tendo levantados o polegar, o indicador e o dedo médio no que se chama de bênção latina — o polegar de Vênus para obter prosperidade, o indicador de

Júpiter para uma orientação afortunada e o médio de Saturno para favorecer as chuvas. Ele está imitando a postura da mão na qual está inscrito e no indicador está pousada a águia de Júpiter. Não era tanto uma bênção quanto um gesto propiciatório usado antes de iniciar-se um discurso ou uma recitação; os oradores gregos e latinos nunca o esqueceram. A bênção do diabo, ainda empregada pelos ilhéus frisões, consiste em levantar o indicador e o mínimo da mão direita, mantendo os demais dedos dobrados contra a palma. Esta é uma invocação do deus cornudo das bruxas, com seu chifre direito da sorte e com o esquerdo nefasto expressando seu poder para o bem e para o mal.

O dedo de Apolo está ligado ao álamo na história do deus-sol Faetonte cujas irmãs choraram por ele quando de sua morte: elas foram transformadas em álamos e suas lágrimas em âmbar, que era consagrado a Apolo.

O dedo de Saturno relaciona-se com a urze na história de Osíris, o Saturno egípcio. Osíris foi encerrado num pé de urze, e a consoante mais baixa no dedo, o junco, era consagrada a Osíris, como rei do Egito. Segundo o arqueólogo bem-informado do século XIV Richard de Cirencester, os ricos bretões do Sul, do século III d.C. usavam anéis de ouro no dedo do tolo. No alfabeto BLF, este dedo pertence a Bran que, por aquela época, eles já deviam ter aprendido, com os romanos, a identificá-lo com Osíris. Usar um anel neste dedo naturalmente expressava uma esperança de ressurreição.

O polegar de Vênus está correlacionado com a palmeira por sua consagração à orgiástica deusa Ísis, Latona ou Lat, que era a mãe do Dusará nabateu, o deus da videira, adorado no Egito. Além do mais, a consoante mais baixa no polegar era a videira.

O dedo de Júpiter está relacionado com o tojo, ou giesta, pelas fogueiras de tojo da primavera, acesas em sua honra como deus dos pastores.

A relação do dedo de Mercúrio, o mínimo, com o teixo se estabelece pela condução que esta divindade faz das almas para o lugar que é governado pela deusa da morte, Hécate, outro nome de sua mãe Maia, a quem o teixo era consagrado.

É adequado que a parte mais sensível da mão, a ponta do indicador, pertença a *Luis*, como adivinho. Porém, todas as árvores das pontas dos dedos — *Luis*, a sorveira; *Nion*, o freixo; *Fearn*, o amieiro e *Saille*, o salgueiro — eram usadas na adivinhação. Isto talvez lance alguma luz sobre um rito poético irlandês chamado o *Dichetal do Chennaib* ("recitação das pontas dos dedos"), do qual se exigia que o poeta fosse um mestre e que o dr. Joyce descreve como "o pronunciamento de uma profecia ou poema improvisada que parece ter sido realizada com a ajuda de algum tipo de recurso mnemônico no qual os dedos desempenhavam a parte principal". São Patrício — embora tenha proibido dois outros ritos proféticos, a *Imbas Forasnai*, o esclarecimento pelo conhecimento da palma da mão, e um outro semelhante a ele, por implicarem, anteriormente, um sacrifício aos demônios — permitiu a "recitação das pontas dos dedos" porque esta não exigia as mesmas preliminares. No *Glossary* de Cormac, o *Dichetal do Chennaib* é explicado assim:

Em minha época, era pelas pontas de seus dedos que o poeta realizava o rito desta maneira: "Quando ele via a pessoa ou coisa na sua frente, fazia um verso, na hora, com as pontas de seus dedos, ou na sua mente sem muito pensar, compondo e repetindo ao mesmo tempo."

Não é muito provável que se empregasse só como recurso mnemônico o uso do alfabeto dos dedos. É mais viável que os bardos provocassem o transe poético tratando a ponta de seus dedos como agentes oraculares; uma vez que o *Dichetal do Chennaib* é sempre mencionado junto aos dois outros ritos divinatórios como sendo da mesma natureza geral.

(Neste ponto as próprias pontas de meus dedos começam a coçar e, quando lhes entrego uma caneta para segurar, eles reconstroem a encantação original do modo seguinte:

Tree powers, finger tips,
First pentad of the four,
Discover all your poet asks
Drumming on his brow.

Birch peg, throbbing thumb,
By power of divination,
Birch, bring him news of love;
Loud the heart knocks.

Rowan rod, forefinger,
By power of divination
Unriddle him a riddle;
The key's cast away.

Ash, middle finger,
By power of divination
Weatherwise, fool otherwise,
Mete him out of winds.

Alder, physic finger,
By power of divination
Diagnose all maladies
Of a doubtful mind.

Willow wand, ear finger,
By power of divination
Force confessions from the mouth
Of a mouldering corpse.

Finger-ends, five twigs,
Trees, true divining trees,
Discover all your poet asks
Drumming on his brow.

Poderes das árvores, pontas dos dedos,
Dos quatro a primeira pentade.
O que o poeta pedir, descobri,
Batucando-lhe na testa.

Vara de bétula, dedão vibrante,
Pelo poder da adivinhação,
Trazei-lhe vidoeiro, notícias de amor;
Pois alto já retumba o coração.

Vara de sorveira, dedo mostrador.
Pelo poder da adivinhação,
O enigma desvendai-lhe;
Pois a chave já foi para o ar.

Ó freixo, pai-de-todos da mão,
Pelo poder da adivinhação,
Tolineiro fazei vossa tolina,
Dai-lhe em doses a inspiração.

Amieiro, seu-vizinho curador,
Pelo poder da adivinhação,
Diagnosticai todos os males
De uma mente sem ardor.

Salgueiro, mindinho de condão,
Pelo poder da adivinhação,
Da boca de um corpo putrefato,
Arrancai de todo modo a confissão.

Pontas dos dedos, cinco gravetos,
Ó árvores da adivinhação,
Ao poeta fazei a festa,
Batucando-lhe na testa.)

O alfabeto dos dedos foi evidentemente empregado no culto das bruxas da Grã-Bretanha medieval a julgar pelas marcas do diabo tatuadas nas mãos das

feiticeiras. No livro de Joseph Glanvil, *Sadducismus Triumphatus*, de 1681, é feito minucioso relato sobre dois *covens* das bruxas de Somersetshire, um de treze formado em Brewham e outro em Wincanton, ambas as localidades situadas a 14 milhas de Glastonbury. O elemento racial britânico, predominante em Somerset e oposto ao saxônio, além da reverência popular por Glastonbury como o principal foco da antiga religião, era ainda forte no século XVII. Das confissões dos membros desses *covens* em seu julgamento em 1664 apreende-se que o chefe ou deus dessas bruxas era conhecido como Robin e que marcava suas iniciadas com uma espetadela de agulha feita entre as juntas superior e mediana do dedo anular. Este é precisamente o ponto onde se esperaria a picada, uma vez que as atividades dos *covens* incluíam tanto a magia branca quanto a negra: a articulação superior pertence a *Coll*, a aveleira, árvore da magia branca e da cura, a inferior a *Straif*, o abrunheiro, o qual, conforme se mostrará no Capítulo 14, era a árvore da magia negra e da destruição. Essas bruxas empregavam espinhos para espetar imagens de cera de seus inimigos sob orientação de Robin.

Na Escócia, o dedo-do-tolo, o médio, era empregado para a marca do diabo e, embora não se recorde com exatidão o lugar dela, era evidentemente mais abaixo, uma vez que Margaret McLevine of Bute reclamou que o diabo quase cortou seu dedo fora. A articulação inferior deste dedo é *Ura*, a urze — árvore adequada para a iniciação das bruxas escocesas que, segundo Shakespeare, encontrava-se em charnecas devastadas.

Duas feiticeiras de Northampton, Elinor Shaw e Mary Phillips, condenadas à morte em 1705, tinham sido marcadas nas pontas dos dedos: infelizmente não se especificou qual deles, mas talvez fosse o dedo que tinha na sua ponta o *Saille,* o salgueiro, dedicado a Hécate, mãe das bruxas.[6]

O dr. Macalister não confere muito mais importância ao *ogham* irlandês das árvores do que a outros sistemas cifrados registrados no *Book of Ballymote* como o *ogham* dos porcos, o *ogham* dos castelos e o *ogham* das frutas. Contudo, o fato de que o nome do alfabeto BLN, que é reconhecidamente anterior ao BLF, se inicie com três árvores prova que o *ogham* original era um alfabeto arbóreo. Além do mais, as associações mitológicas das árvores que compõem a lista de O'Flaherty são tão antigas, variadas e coerentes que parece impossível considerá-lo uma invenção "pedante e artificial" do final da Idade Média. Parece ser mesmo o alfabeto original inventado por Ogma da Face de Sol. O dr. Macalister menospreza o invento do *ogham* como pueril e indigno de uma divindade, porque considera o Boibel-Loth o único alfabeto ogâmico autêntico e o Beth-Luis-Nion uma abordagem experimental daquele, acreditando que ambos foram reti-

[6] Marinheiros britânicos costumavam sempre ter uma tatuagem com uma estrela na mão, entre a base dos dedos polegar e indicador, tendo o hábito sobrevivido em alguns portos. Isto, originalmente, significava uma súplica a Vênus, como deusa do mar, e a Júpiter, como deus dos ares, para que levassem o marinheiro são e salvo de retorno à costa, pois a estrela era símbolo de esperança e de guia.

rados do alfabeto grego. O doutor não é alguém que se deixe convencer de que qualquer um dos dois tenha alguma virtude além da óbvia função alfabética.

Levanta-se, a modo de objeção contra olhar o Beth-Luis-Nion como um alfabeto completo, o fato de ter só treze consoantes, sendo uma delas, *NG*, totalmente inútil, enquanto duas letras antigas, *Q* e *Z*, existentes no Boibel-Loth e conhecidas no *ogham* como *Quert* e *Straif*, são omitidas. *Straif* é o abrunheiro e *Quert*, a macieira selvagem: ambas árvores mitologicamente importantes. Se Ogma da Face de Sol erigiu quatro pilares de igual comprimento, o sistema original exigia cinco vogais e três grupos de cinco consoantes. Esta objeção será inteiramente confrontada no Capítulo 13. Basta, por ora, notar que O'Flaherty não estava sozinho ao registrar o alfabeto BLN com apenas treze consoantes. O *ogham* de O'Sullivan, citado no livro de Ledwich, *Antiquities of Ireland*, tem o mesmo número e omite, igualmente, o *Q* e o *Z*, embora traga *NG* em lugar do *P*. O'Sullivan acrescenta alguns ditongos e outros símbolos misteriosos, como *eg*, *feo* e *oai*, porém o cânon do alfabeto coincide com o que aqui tratamos.

Edward Davies considera que o alfabeto Beth-Luis-Nion tinha este nome porque BLN são as consoantes radicais de Belin, o deus celta do ano solar. Isto faz sentido uma vez que sugere uma identificação das treze consoantes, meses, do ano, com vários grupos mitológicos de treze — por exemplo, Arthur e seus doze cavaleiros da Távola Redonda; Balder e seus doze juízes; Odisseu e seus doze companheiros; Rômulo e seus doze pastores; Rolando e seus doze pares de França; Jacó e seus doze filhos e o dinamarquês Hrolf e seus doze loucos furiosos. Coincide também com a cabeça de Osíris e as demais doze partes de seu corpo esquartejado que Ísis recolheu do Nilo em sua embarcação; o mesmo Osíris que, originariamente, era uma divindade arbórea. Também podemos identificar as cinco vogais sazonais: com o misterioso grupo de cinco deusas britânicas, *deae matronae* (*y Mamau*), que aparecem em inscrições do período romano; e com as muitas folhas de cinco pontas consagradas à Deusa Branca, especialmente hera, videira, amoreira-preta, figueira e plátano;[7] além das várias flores de cinco pétalas consagradas a Ela — as eróticas prímulas e rosas silves-

[7] Outra folha de cinco pontas de uso sagrado era a da potentilha, ingrediente fundamental no ungüento que fazia voar as bruxas da França medieval. Uma alternativa para a receita era a folha do álamo, sem dúvida do tipo de cinco pontas. Como a flor-de-lis usada no mesmo ungüento — aparentemente por causa de sua flor com três pétalas e de suas sementes vermelhas contidas numa cápsula triangular —, que não tem efeito tóxico, mas que provavelmente foi introduzida como homenagem à Deusa (para tornar mais espesso, junto com fuligem e óleo ou gordura de criança) para aumentar o efeito dos demais ingredientes, a saber, a abortiva salsa, sangue de morcego para favorecer o vôo noturno e as altamente tóxicas: acônito, beladona e dois tipos de cicuta (*hemlock* e *cowbane*). As fórmulas estão citadas no livro da srta. M. Murray, *The Witch Cult in Western Europe*. O sr. Trevor Furze forneceu-me duas outras fórmulas de origem inglesa: 1ª) a gordura de criança recém-nascida; *eleoselinum* (*Vallisneria spiralis* ou zostera, também chamada aipo selvagem ou salsão d'água, um remédio medieval contra cólicas); chiri-

tres e a funesta congorsa ou vincapervinca azul, que os italianos chamam de "flor da morte" e da qual, na Inglaterra medieval, se faziam guirlandas que se punham nos condenados a caminho do patíbulo.

Entretanto, onde foi que se originou a série Beth-Luis-Nion? Ter-se-á observado que todas as suas árvores são nativas de florestas das ilhas britânicas, com exceção da videira. A única região que responderia a esta condição, pelo menos de meu conhecimento, era a do Ponto Paflagônio, na costa meridional do mar Negro. Deve-se descartar inteiramente uma origem cretense: pois as principais árvores, que aparecem nas numerosas pinturas e nas incisões sagradas recentemente escavadas em Creta, são a figueira, a oliveira, o plátano, o cipreste, a videira, o pinheiro e a palmeira.

Não se pode censurar o dr. Macalister por colocar em dúvida a antiguidade do Beth-Luis-Nion de O'Flaherty, pois, na Irlanda medieval, circulavam vários sistemas diferentes de classificação das árvores. Por exemplo, sob a legislação de Brehon (IV, 147), as árvores se dividiam em quatro categorias, com uma escala de multas para quem as derrubasse ilegalmente, cuja severidade diminuía de acordo com a categoria:

1ª) Sete árvores principais ou chefes:

Carvalho	*dair*
Aveleira	*coll*
Azevinho	*cuileann*
Teixo	*ibur*
Freixo	*iundius*
Pinheiro	*ochtach*
Macieira	*aball*

2ª) Sete árvores camponesas:

Amieiro	*fernn*
Salgueiro	*sail*
Pilriteiro	*sceith*
Sorveira	*caerthann*
Vidoeiro (bétula)	*beithe*
Olmo	*leam*
?	*idha*

via (*Pastinaca sativa*, cujas folhas eram consideradas venenosas, mas empregadas em cataplasmas); fuligem. 2ª) sangue de morcego, a ser conseguido ao nascer da lua nova; potentilha; folhas de álamo; fuligem. Talvez a "salsa" da receita francesa seja, na verdade, o salsão d'água, acrescentado para proteger as bruxas contra cólicas durante o vôo.

3ª) Sete arbustos:

Abrunheiro	*draidean*
Sabugueiro	*trom*
Aveleira-branca	*fincoll*
Álamo	*crithach*
Medronheiro	*caithne*
?	*feorus*
?	*crann-fir*

4ª) Oito arbustos espinhosos:

Samambaia	*raith*
Murta-do-brejo	*rait*
Tojo (giesta)	*aiteand*
Roseira-brava	*dris*
Urze (charneca)	*fraech*
Hera	*eideand*
Vassoura	*gilcoch*
Groselha-espinhosa	*spin*

Esta lei é muito mais tardia do que aquela celebrada nas *Triads of Ireland*, que, ao que parece, estabelecia a pena de morte para a derrubada ilegal de duas das árvores principais, a aveleira e a macieira:

> *Three unbreathing things paid for only with breathing things:*
> *An apple tree, a hazel bush, a sacred grove.*
>
> Três coisas que não respiram só são pagas por seres que respiram:
> Macieira, aveleira e um bosque consagrado.[8]

Isto pode ser explicado pelo poema do século VII, no final do *Crib Gablach*, no qual vêm arroladas as sete árvores principais ou comandantes, mas incluem o amieiro, o salgueiro e a bétula no lugar do freixo, do teixo e do pinheiro, constando que a multa por sua derrubada ilegal consistia numa ou três vacas por um bosque inteiro. Contudo, presumo que o poema seja mais tardio do que as *Tríades*, embora mais antigo do que a Lei Brehon, acredito ainda que a sentença de morte pelo abate da aveleira e da macieira acabou sendo substituída pela multa de

[8] Em Roma, no século II a.C., um bosque sagrado podia ser derrubado por um preço mais acessível: o sacrifício de um único porco. Catão, o Censor, em seu livro *De Re Rustica* cita a oração de aplacação que o camponês desejoso de madeira deveria dirigir à divindade correspondente.

uma vaca, como no caso das demais árvores. Segundo glosadores medievais, *Neimhead*, que significa "nobreza" ou "santidade", aplicava-se a reis ou chefes, poetas e bosques; em seu sentido secundário de "mérito, valor ou dignidade", dizia-se de músicos, ferreiros, carpinteiros, vacas e dignitários eclesiásticos.

O comentarista da lei Brehon explica a "nobreza" de suas sete árvores comandantes do seguinte modo:

Carvalho:	*tamanho, beleza e bolotas que engordam os porcos.*
Aveleira:	*suas sementes e varas.*
Macieira:	*seu fruto e sua casca apropriada para curtimento.*
Teixo:	*madeira própria para fazer vasilhames caseiros, peitorais etc.*
Azevinho:	*sua madeira, empregada para eixos de carroças.*
Freixo:	*sua madeira, usada para sustentar as coxas do rei* (isto é, para fazer tronos reais) *e para fazer flechas de armas.*
Pinheiro:	*madeira, que serve para construir pipas e barris.*

O triunfo do freixo de Gwydion sobre o amieiro de Bran em *Câd Goddeu* se manifesta aqui de modo apenas casual: o freixo, originalmente, excluído do bosque sagrado, agora surge como a única árvore mencionada em conexão com a realeza, e o amieiro se vê rebaixado à condição de camponês. A valoração utilitária da nobreza feita pelo glosador indica uma profunda mudança religiosa e, quando os valores relativos das árvores podem ser expressos em função da multa pecuniária por sua derrubada ilegal, a santidade do bosque se anula e a própria poesia declina. Porém, enquanto esta lei vigorou, o estudante para a condição de bardo tinha de memorizar o seguinte catecismo antigo, recordado por Calder em seu *The Hearings of the Scholars*, onde está contida também uma outra classificação das árvores:

Cis lir aicme Ogaim? A iii .i. viii n-airigh fedha
Quantos grupos de *ogham*? Responda três, a saber: oito árvores comandantes.

& viii n-athaigh & viii fidlosa. Ocht n-airigh
e oito árvores camponesas e oito arbustos. As oito comandantes:

cetus fernn, dur, coll, muin, gort, straif, onn, or.
em primeiro lugar, amieiro, carvalho, aveleira, videira, hera, abrunheiro, tojo, urze.

Ocht n-athaigh .i.
Oito árvores camponesas, a saber:

bethi, luis, sail, nin, huath, tinne, quert.
bétula, sorveira, salgueiro, freixo, pilriteiro, tojo,[9] macieira.

Ar chuit a feda is athaig feda fidlosa olchema.
Quanto a suas letras, todas as demais plantas são arbustos.

Aqui as árvores correspondem àquelas do Beth-Luis-Nion de O'Flaherty, sem a inclusão de arbustos, olmo, aveleira branca e o resto. Os "arbustos" que não são nomeados evidentemente incluem o sabugueiro, o junco ou o sabugueiro-d'água, giesta e a madressilva. Esta ordenação quanto à nobreza é excêntrica — a macieira e o azevinho sendo excluídos das comandantes — e está, possivelmente, vinculada às 24 letras do alfabeto grego mais do que com as vinte letras do *ogham* ou de sua expansão em 25 letras.

O tema é bastante difícil e os poetas irlandeses não tinham interesse algum em deixá-lo claro para os forasteiros.

[9] Evidentemente um erro; deveria constar "azevinho".

Capítulo 12

A canção de Amergin

Sugiro na parte inicial desta demonstração que todas as séries na primeira pessoa do singular, "sou" e "fui", freqüentes na antiga poesia do País de Gales e da Irlanda, sejam variações do mesmo tema calendar. Aqui, por exemplo, temos *A canção de Amergin* (ou Amorgen) que, segundo dizem, foi cantada pelo chefe bardo dos invasores milésios quando estes pisaram o território da Irlanda no ano 2736 do mundo, ou seja, 1268 a.C. Por desgraça, a versão que sobreviveu é mera tradução do gaélico antigo para o irlandês familiar. O dr. Macalister o declara "uma concepção panteísta de um universo onde a divindade está em toda parte e é onipotente" e sugere que se tratasse de um hino litúrgico de uso tão corrente como, digamos, o primeiro capítulo do Corão ou o Credo dos Apóstolos. Diz ele:

> Quando César escreveu "Os druidas ensinam sobre as estrelas e seus movimentos, sobre o mundo, sobre o tamanho das terras, sobre filosofia natural e sobre a natureza dos deuses", estaria pensando nesse hino ou no que lhe falaram sobre o seu conteúdo?

Observa ele que o mesmo poema "mutilado" foi colocado na boca do infante bardo Taliesin quando narrou suas transformações em existências anteriores. *Sir* John Rhys assinalou em seu livro *Hibbert Lectures* que:

> Muitos dos versos de Gwion do tipo "fui" ou "estive" implicam não uma transformação efetiva, mas mera semelhança, através de uma formação primitiva de um predicado sem a ajuda de uma partícula correspondente a uma palavra tal como "igual".

A canção de Amergin começa com treze afirmações, acompanhadas por glosas medievais. As treze assertivas são seguidas por seis questões, também providas de glosas. Estas, na versão do professor John MacNeill, vêm seguidas de uma diretriz, na qual o druida alerta o Povo do Mar para invocar o poeta da sagrada fortaleza pré-histórica irlandesa para que lhes dê um poema. O próprio sacerdote fornecerá ao poeta o material necessário e, juntos, comporão um encantamento.

A Canção de Amergin

Deus fala e diz:	*Glosas*
Sou um vento do mar,	*pela profundidade*
Sou uma onda do mar,	*pelo peso*
Sou um som do mar,	*pelo horror*
Sou um boi de sete lutas,	*pela força*
ou Sou um veado de sete pontas,	
Sou um grifo num penhasco,	*pela destreza*
ou Sou um falcão num penhasco,	
Sou uma lágrima do sol,	*"gota de orvalho" — pela claridade*
Sou fada entre as flores,	
Sou um javali,	*pelo valor*
Sou um salmão num tanque,	*"tanques do conhecimento"*
Sou um lago numa planície,	*pela extensão*
Sou uma colina de poesia,	*"e conhecimento"*
Sou uma lança combatente,	
Sou um deus que forma fogo,	(Segundo Macalister, que *"dá para uma cabeça inspiração": "para matar com ele".*)
ou Sou um deus que forma fumaça de fogo sagrado para uma cabeça.	

* * *

1. Quem ilumina a escabrosidade das montanhas? *ou* Quem senão eu conhece as reuniões da casa do dólmen na montanha de Slieve Mis?	*"Quem senão eu dará resposta a toda pergunta?"*
2. Quem senão eu sabe onde o sol haverá de se pôr?	
3. Quem prediz as fases da Lua?	
4. Quem traz o gado da casa de Tethra e o separa?	(Isto é, *"os peixes"*, para Macalister, *"as estrelas"*, para MacNeill.)
5. A quem sorri o gado de Tethra? *ou* A quem senão a mim dão as boas-vindas os peixes do sorridente oceano?	

6. Quem dá forma às armas
de colina em colina?

"onda por onda, letra por letra,
ponto por ponto."

* * *

Invoke, People of the Sea, invoke the poet, that he may compose a spell for you.
For I, the Druid, who set out letters in Ogham,
I, who part combatants,
I will approach the rath of the Sidhe to seek a cunning poet that together we may concoct incantations.
I am a wind of the sea.

Invocai, Povo do Mar, invocai o poeta, para que possa fazer-vos um encanto.
Pois eu, o Druida, que pus as letras no *ogham*,
Eu, que separo os combatentes,
Hei de abordar a fortaleza das *Sidhe* em busca de um poeta hábil, para que juntos possamos fazer conjurações.
Eu sou um vento do mar.

Tethra era o rei das terras debaixo d'água de onde, mais tarde, se supôs que tivesse vindo o Povo do Mar. Talvez seja uma masculinização de *Tethys*, a deusa do mar dos pelasgos, também conhecida como *Thetis*, com quem, como um *doge*, casou-se Peleu, o aqueu em Iolco, na Tessália. As *Sidhe* agora são popularmente consideradas fadas, mas na poesia da primitiva Irlanda apareciam como um povo realmente existente — uma nação de guerreiros e poetas, muito culta, mas em diminuição, que vivia em *raths,* ou fortalezas redondas sobre palafitas, a mais célebre das quais é New Grange, no Boyne. Todos tinham olhos azuis, rostos pálidos e vasta cabeleira loura cacheada. Os homens portavam escudos brancos e estavam organizados em companhias militares de cinqüenta. Eram governados por dois reis nascidos de virgens e eram sexualmente promíscuos, mas "sem culpa ou vergonha". Eram, de fato, os pictos (homens tatuados), e tudo que se pode saber deles se deve às observações de Xenofonte em seu escrito *Anabasis* sobre os primitivos mosinecos, ou mosinos ("habitantes de castelos de madeira") da costa do mar Negro. Os mosinecos estavam habilmente tatuados, portavam lanças compridas e escudos em forma de folha de hera feitos com o couro de boi branco, habitavam nos bosques e realizavam atos sexuais publicamente. Viviam em palafitas, das quais tomaram o nome e, na época de Xenofonte, ocupavam um território demarcado, na mitologia grega arcaica, como pertencente às Amazonas matriarcais. Considero que os "olhos azuis" das *Sidhe* eram anéis azuis tatuados ao redor dos olhos, pelos quais os habitantes da Trácia eram conhecidos no período clássico. Talvez sua palidez fosse também artificial:

"pintura bélica" branca, feita com giz ou gesso em pó, em honra da Deusa Branca, tal como sabemos que era usada em ritos órficos de iniciação, por uma cena de *As nuvens,* de Aristófanes, onde Sócrates pinta Estrepsíades de branco.

Slieve Mis é uma montanha de Kerry.

"De sete pontas" provavelmente significa de sete pontas em cada chifre, quatorze ao todo: o que o torna um "veado real". Contudo, a realeza também era concedida a um veado de doze pontas, uma vez que um animal desses deve ter sete anos de idade antes que tenha as doze pontas e "sete lutas" pode referir-se ao número de anos.

É pouco provável que fosse permitido revelar o significado esotérico desse poema a todos e a cada um; certamente foi "empastelado" como Gwion fez com seus poemas, por motivos de segurança. Assim, vamos reordenar a ordem das afirmações na forma de um calendário de treze meses, nas trilhas do Beth-Luis-Nion, aproveitando o que aprendemos sobre o significado mítico de cada letra-mês.

Dia/mês	*Letra*	*Deus fala e diz:*	*Árvore do mês*	
24/12 a 20/01	B	Sou um veado de sete pontas, *ou* Sou um boi de sete lutas,	Bétula	*Beth*
21/01 a 17/02	L	Sou vasta inundação na planície,	Sorveira	*Luis*
18/02 a 17/03	N	Sou vento em águas profundas,	Freixo	*Nion*
18/03 a 14/04	F	Sou lágrima brilhante do sol,	Amieiro	*Fearn*
15/04 a 12/05	S	Sou falcão num penhasco,	Salgueiro	*Saille*
13/05 a 09/06	H	Sou fada entre flores,	Pilriteiro	*Uath*
10/06 a 07/07	D	Sou o deus que coloca a cabeça em fogo com fumaça,	Carvalho	*Duir*
08/07 a 04/08	T	Sou uma lança combatente,	Azevinho	*Tinne*
05/08 a 1º/09	C	Sou um salmão num tanque,	Aveleira	*Coll*
02/09 a 29/09	M	Sou uma colina de poesia,	Videira	*Muin*
30/09 a 27/10	G	Sou implacável javali,	Hera	*Gort*
28/10 a 24/11	NG	Sou ameaçador rumor do mar,	Junco	*Ngetal*
25/11 a 22/12	R	Sou uma onda do mar,	Sabugueiro	*Ruis*
23/12		Quem senão eu conhece os segredos do dólmen de pedra bruta (não lavrada)?		

Pode haver poucas dúvidas quanto à adequação de uma tal ordem. *B* é o Héracles-veado (ou touro selvagem) que dá início ao ano. As sete lutas ou sete pontas de sua galhada são os meses futuros e os passados: pois Beth é o sétimo mês depois de Duir, o mês-carvalho, e o sétimo mês de Beth é novamente Duir. O *Boibalos* do feitiço de Héracles contido no Boibel-Loth era um antílope. O "boi de sete lutas" órfico é abordado por Plutarco em seu livro *Ísis e Osíris*, onde des-

creve como, no solstício de inverno, eles transportam a vaca dourada de Ísis, envolta num pano negro, por sete voltas em torno do santuário de Osíris, que o autor identifica com Dioniso:

> O circuito é denominado "A procura por Osíris", pois no inverno a Deusa suspira ardentemente pelas águas do Sol, ou seja, pelas cheias do Nilo no verão. E ela circula sete vezes porque ele completa, no sétimo mês, sua passagem do solstício de inverno ao de verão.

Plutarco devia estar contando meses de 28 dias e não de trinta; do contrário, a passagem seria completada no sexto mês.

L é fevereiro do fosso cheio, a estação das inundações.

N está centrado no princípio de março, que vem "como um leão" com ventos que secam as inundações.

F explica-se pelo sentimento do bem conhecido refrão medieval:

He came all so still
Where his mother was,
Like dew in April
That falleth on grass.

Veio para ficar
Onde sua mãe estava,
Como o orvalho de abril
A grama orvalhava.

Pois este é o verdadeiro início do ano sagrado, quando a corça e a vaca selvagem dão suas crias e quando o Héracles criança nasce, ele que foi fecundado durante as orgias do solstício de verão. Até agora esteve navegando em sua barquinha pelas águas e agora jaz resplandecente sobre a grama.

S é o mês em que os pássaros constroem seus ninhos. Em *Can y Meirch* (*A canção dos cavalos*) Gwion coloca como interpolação uma série parcial de "Eu fui". Um deles é: "Fui um grou num muro, uma paisagem maravilhosa." O grou era consagrado a Apolo de Delos e, antes deste, ao herói solar Teseu. Também aparece, em tríade, num baixo-relevo gaulês em Paris, e noutro em Trèves, em associação com o deus Esus e um touro. Grou, falcão ou abutre? Esta é uma pergunta importante porque a proveniência do poema depende da resposta. Caso não fosse o falcão real do egípcio Hórus, teria sido o milhano consagrado a Bóreas, o vento Norte; na mitologia grega, seus filhos da Trácia, de Calais e de Zetes, levavam plumas de milhano em sua honra e tinham o poder de transformarem-se neste pássaro. Estas duas aves estão vinculadas mitologicamente com o hieróglifo egípcio que representa o vento Norte, que é um falcão. Em galês, a palavra é *barcut* e, em iraniano, *barqut*, o que dá sustentação à

sugestão de Plínio (*História natural,* XXX, 13) de que existia uma grande relação entre os cultos persa e britânico do sol. Outro sinal da estreita semelhança consiste em que Mitra, o deus-sol persa, cujo nascimento se celebrava no solstício de inverno, era adorado como um touro de sete lutas: seus iniciados tinham de passar por sete provas antes que se lhes pusessem na fronte o selo de "soldados provados de Mitra". O mitraísmo foi o culto favorito dos legionários romanos na época imperial que, porém, nunca chegaram à Irlanda, e *A canção de Amergin* é, evidentemente, muito mais antiga do que a invasão de Cláudio à Grã-Bretanha. O abutre teria sido o grifo consagrado a Osíris, um pássaro também de grande importância para os áugures etruscos e cujas asas se abriam mais do que as da águia dourada. No *Cântico de Moisés* (Deuteronômio 32,11), identificava-se esta ave com Iahweh, o que prova que sua "impureza" na lista levítica significava santidade, mas não asquerosidade. O grifo heráldico é um leão com asas e garras de abutre e representa o deus-sol como rei da terra e do ar. O nome galense comum do falcão é *gwalch*, termo afim da palavra latina *falco*, e era a ele que os bardos de corte sempre comparavam seus patronos reais. Os nomes místicos Gwalchmai ("Falcão de Maio"), Gwalchaved ("Falcão de Verão"), mais conhecido como *sir* Galaad e Gwalchgwyn ("Falcão Branco"), mais conhecido como *sir* Gawain, ficam mais bem compreendidos em função dessa fórmula calendar.

H, que começa na segunda metade de maio, é a estação das flores, regida pelo pilriteiro-branco ou árvore-de-maio. Já foi feita uma referência a Olwen, a filha do "gigante pilriteiro". Seu cabelo era amarelo como a giesta, seus dedos pálidos como as anêmonas do bosque, suas bochechas tinham a cor das rosas e, de suas pegadas, nasciam trevos brancos — o trevo para demonstrar que ela era o aspecto estival da Tríplice Deusa. Tal peculiaridade deu-lhe o nome de Olwen — "Aquela do rastro branco". O trevo, aliás, era celebrado pelos bardos do País de Gales com louvores desmesurados pensando-se em sua beleza. Homero chamava-o de "o lótus" e falava dele como sendo boa forragem para os cavalos.

D é governado pelo carvalho do solstício de verão. O significado, acredito, é que a dolorosa fumaça do carvalho verde dá inspiração àqueles que dançam entre as duas fogueiras gêmeas sacrificiais acesas na véspera. Compare-se com *A canção das árvores da floresta*:

Fiercest heat-giver of all timber is green oak;
From him none may escape unhurt.
By love of him the head is set an-aching,
By his acrid embers the eye is made sore.

De toda essência a que dá mais calor é o carvalho
Dele ninguém escapa ileso.
Por amor a ele a cabeça fica dolorida,
Por suas fagulhas ardentes os olhos ficam irritados.

T é o mês da lança, o mês do *tanist*; a letra barda *T* tinha a forma de uma lança farpada.

C é o mês da noz. O salmão era e continua sendo o rei dos peixes de rio e, sendo difícil de pescar, uma vez aprisionado num tanque torna-se símbolo útil para um retiro filosófico. Por isso, Loki, divindade escandinava da astúcia, ocultava-se de outros deuses disfarçando-se em salmão, e só se podia tirá-lo do tanque empregando uma rede especial, idealizada por ele próprio. Já se explicou a relação do salmão com as nozes e com a sabedoria.

M é a inicial de Minerva, deusa latina da sabedoria e inventora dos números; de Mnemósina, mãe das Musas gregas; das próprias Musas; das Moiras, Parcas ou Fados, a quem alguns mitógrafos atribuem a primeira invenção do alfabeto. A videira, a principal árvore de Dioniso, está por toda parte associada à inspiração poética. O vinho é a bebida apropriada para os poetas, como Ben Jonson bem sabia quando pediu que o pagassem com vinho branco generoso seus honorários de poeta laureado. O vil Colley Cibber pediu que lhe pagassem com dinheiro em vez de vinho e, desde então, nenhum poeta laureado foi suficientemente poeta para pedir que se retomasse o costume da antiga paga.

G, o mês da hera, é também o mês do javali. Set, a divindade solar egípcia, disfarçado em javali, mata o Osíris da hera, o amante de Ísis. Apolo, o deus solar grego, disfarça-se no mesmo animal e mata Adônis, ou Tamuz, o sírio, amante da deusa Afrodite. Finn Mac Cool disfarçou-se em javali e matou Diarmuid, o amante da deusa irlandesa Grainne (Greine). Um deus desconhecido, disfarçado em javali, mata Anceu, rei da Arcádia e devoto de Ártemis, em sua vinha em Tegéia. Segundo o *Gannat Busamé* (*Jardim das Delícias*) nestoriano, o Zeus cretense foi morto da mesma forma. Outubro era a temporada de caça ao javali e, também, das orgias das bassárides ou bacantes com guirlandas de hera. O javali é o animal da morte e a "queda"[1] do ano começa em seu mês.

NG é o mês em que o terrível estrondo da arrebentação e o grunhir do cascalho, na costa atlântica, enchem de horror os corações e é, também, quando o vento silva lúgubre nos juncais à beira dos rios. Na Irlanda, acreditava-se que o rugido do mar profetizava a morte de um rei. Também a anunciava o irritante piar das corujas. Elas são sobremaneira ruidosas nas noites de luar de novembro e, depois, permanecem caladas até fevereiro. Este hábito, somado a seu vôo silencioso, ao odor putrefato de seus ninhos, por sua dieta de camundongos, e a seus olhos que brilham no escuro, torna as corujas mensageiras da deusa da morte, Hécate, ou Aténa ou Perséfone: de quem, como fonte suprema da profecia, elas tiram sua reputação de sábias.

R é o mês em que a onda volta para o mar, e o final do ano a seu início aquoso. Na poética irlandesa e galense, uma onda do mar é um veado marinho. Por

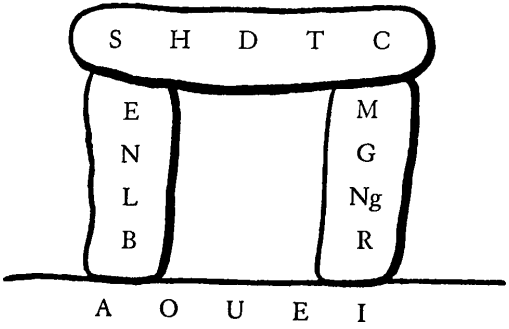
[1] Graves quer com este termo mostrar a relação entre *fall*, outono, e o cair do sol abaixo da linha do equador. (N. T.)

isso, o ano começa e termina com o corço branco. Na lenda irlandesa, tais deuses do ano, como Cuchulain e Fionn, combatem contra as ondas com espada e lança.

O texto correspondente em *O romance de Taliesin* está mais espalhado do que mutilado.

B Fui um touro feroz e um gamo amarelo.
L Fui um bote no mar.
N Fugi impetuosamente (...) pela espuma da água.
F Fui uma gota no ar.
S Viajei como uma águia.
H Deus me fez flores.
D Fui um tronco de árvore numa pá.
T Voei como ponta-de-lança de dor para quem deseja o sacrifício.
C Fui um salmão azul.
M Fui uma serpente pintada numa colina.
G Fugi como um javali eriçadamente visto num desfiladeiro.
Ng Fui uma onda a quebrar-se na praia.
R Num mar sem fim deixaram-me à deriva.

A chave para a ordenação deste alfabeto encontra-se na referência de Amergin ao dólmen. Este alfabeto é o que melhor explica a si próprio quando construído como um dólmen de consoantes com uma soleira de vogais. Os dólmens estão intimamente ligados com o calendário na lenda de Grainne e Diarmuid fugindo de Finn Mac Cool. A fuga durou um ano e um dia e, a cada noite, os amantes dormiam juntos, ao lado de um novo dólmen. Numerosos "leitos de Diarmuid e Grainne" podem ser vistos em Cork, Kerry, Limerick, Tipperary e no Ocidente, cada um deles marcado por um dólmen. Assim, esse alfabeto em forma de dólmen também serve como um calendário, com um pilar para a primavera, o outro para o outono, o dintel para o verão e a soleira para o dia do ano novo. Assim:



Logo de estalo percebe-se a referência ao *S* como um falcão ou grifo num penhasco; e ao *M* como a colina da poesia ou inspiração — uma colina enraizada na morte das letras *R* e *I* — e encimada pelo *C* da sabedoria. Assim, o texto da primeira parte de *A canção de Amergin* pode ser explicado como se segue:

God speaks and says:

I am the stag of seven tines.
Over the flooded world
I am borne by the wind.
I descend in tears like dew, I lie glittering,
I fly aloft like a griffon to my nest on the cliff,
I bloom among the loveliest flowers,
I am both the oak and the lightening that blasts it.

I embolden the spearman,
I teach the councillors their wisdom,
I inspire the poets,
I rove the hills like a ravening boar,
I roar like the winter sea,
I return again like the receding wave.
Who but I can unfold the secrets of the unhewn dolmen?

Deus fala e diz:

Sou um veado de sete pontas
Sobre o mundo inundado,
Sou sustentado pelo vento.
Desço em lágrimas como orvalho, jazo rutilante,
Vôo pelos ares como um grifo para meu ninho no penhasco,
Floresço entre as mais belas flores,
Sou o carvalho e o raio que o destrói.

Incentivo o lanceiro,
Ensino aos conselheiros a sabedoria,
Sou eu quem inspiro os poetas,
Percorro montanhas como javali voraz,
Rujo como mar invernal
E revolvo como a onda que retrocede.
Quem mais senão eu pode revelar os segredos /
do dólmen de pedra não lavrada?

Pois se o poema realmente consiste de duas estrofes, cada uma com duas tríades, finalizando com uma única assertiva autorizada, então o primeiro

"Quem senão eu" (pelo qual não terminam os outros cinco) é a conclusão da segunda estrofe pronunciada pelo Deus do Ano-Novo. Esta criança está representada pela soleira sagrada do dólmen, a trinca central de vogais, a saber, *O*, *U* e *E*. Contudo, deve-se ler estas letras na ordem inversa, na direção do percurso solar, para que tenha sentido. *EUO* é o nome sagrado de Dioniso, que em inglês é, comumente, escrito "EVOE".

Fica claro que "Deus" é, novamente, o Héracles celestial e que o poeta infante Taliesin uma pessoa mais adequada para pronunciar a canção do que Amergin, o líder dos milésios, a menos que este falasse como porta-voz de Héracles.

Existe um mistério relacionado com o verso "sou uma lágrima brilhante do Sol", porque *Deorgreine*, "Lágrima do Sol", é o nome de Niamh dos Cabelos Dourados, a adorável deusa mencionada no mito de Laegaire mac Crimthainne. Quando o Héracles celeste passa para o mês *F*, mês do amieiro de Bran, torna-se uma moça. Isto relembra histórias de heróis solares deste tipo, como Aquiles,[2] Héracles e Dioniso, que viveram por certo tempo disfarçados em moças dentro dos aposentos palacianos das mulheres e trabalhando na roca. Isto explica também o "Fui uma donzela" de uma série correspondente ao ciclo de Amergin atribuída a Empédocles, filósofo místico do século V a.C. O significado está no fato de que o sol ainda se encontra debaixo da tutela feminina durante a metade deste mês — os meninos de Creta que ainda não tinham idade para carregar armas eram chamados *Scotioi*, ou seja, membros dos alojamentos das mulheres —; depois, como a Aquiles, se lhes entregam as armas e eles voam regiamente como um grifo ou falcão para seu ninho.

Mas por que um dólmen? Um dólmen é uma câmara mortuária, um "ventre da Terra", que consiste numa pedra de coroamento apoiada sobre dois ou mais pilares, na qual um herói morto é enterrado acocorado, numa posição semelhante a um feto na barriga da mãe, esperando um renascimento. No castelo em espiral (passagem funerária), a entrada para a câmara interior é sempre estreita e baixa, representando a entrada para o ventre. Contudo, dólmenes são empregados na Melanésia (segundo o professor W. H. R. Rivers) como portas

[2] *Sir* Thomas Browne destacou em seu livro *Urn Burial* que "Qual a canção que as sereias cantavam?" ou "Que nome assumiu Aquiles quando se escondeu entre as mulheres?", embora perguntas enigmáticas não são despropositadas." Segundo Suetônio, os palpites de vários estudiosos a quem o imperador Tibério consultou sobre o tema apontavam para "Cercisera", por causa da roca (*kerkís*) que Aquiles manejava; para "Issa", por causa de sua velocidade (*aisso*, "eu me precipito"); e para "Pirra", por causa de seu cabelo ruivo. Higino acha que seria Pirra. Minha opinião é que Aquiles se deu o nome de Dacrioessa ("a Chorosa"), ou melhor, Drosoessa ("a Orvalhada"), sendo *drosos* uma forma poética sinônima para lágrimas. Segundo Apolônio, seu nome original, Líguiron ("lamento"), foi mudado por seu tutor Quirão. Isto é para sugerir que o culto de Aquiles veio para a Tessália vindo da Ligúria. Homero, fazendo um trocadilho, faz derivar Aquiles de *achos* ("angústia"), porém Apolodoro propõe sua origem em *a* ("não") + *cheile* ("lábios"). *Sir* James Frazer considera esta derivação absurda, mesmo que "sem lábios" seja um nome bastante apropriado para um herói oracular.

sagradas através das quais o iniciante do clã totêmico engatinha numa cerimônia de renascimento. Se, ao que parece, eles foram empregados para o mesmo propósito na antiga Grã-Bretanha, Gwion estaria, ao mesmo tempo, recontando as fases de sua existência passada e anunciando as fases de seu futuro existir. Existe, em Slieve Mis, uma fileira regular de dólmenes. Eles se erigem entre duas grandes pedras sagradas com marcas ogâmicas, tradicionalmente consagradas à deusa milésia Escota, que dizem lá estar enterrada. Alternativamente, num relato preservado por Borlase em seu livro *Dolmens of Ireland*, eram consagradas a "Bera, uma rainha que veio da Espanha". Contudo, Bera e Escota parecem ser a mesma pessoa, pois os milésios provinham da Espanha. Bera também é conhecida como a Bruxa de Beara.

As cinco perguntas que permanecem em aberto dizem respeito às cinco vogais, porém elas não são proferidas pela Deusa das cinco pontas da folha branca de hera, como se podia esperar. Elas devem ter substituído algum texto original falando de renascimento, iniciação, amor, repouso e morte; além disto, podem ser consideradas oriundas de um período bardo posterior. Com efeito, elas correspondem de perto ao *envoi* da primeira parte do *Saltair Na Rann*, escrito irlandês do século X, que parece ser uma versão cristianizada de um epigrama pagão.

For each day five items of knowledge
Are required of every understanding person —
From everyone, without appearance of boasting,
Who is in holy orders.

The day of the solar month; the age of the moon;
The state of the sea-tide, without error;
The day of the week; the calendar of the feasts /
of the perfect saints
In just clarity of their variations.

Para cada dia, cinco itens de conhecimento
Exigem-se de toda pessoa inteligente —
Todo aquele que, sem aparência de jactância,
Pertence a ordens sagradas.

O dia do mês solar; a fase da Lua;
O estado da maré do mar, sem erro;
O dia da semana; o calendário das festas /
dos santos perfeitos
Em exata clareza com suas variações.

Por "santos perfeitos" leia-se "divindades benditas" e nenhuma alteração posterior é necessária. Compare-se isto com os versos de Amergin:

Who but myself knows where the sun shall set?
Who foretells the ages of the moon?
Who brings the cattle from the house of Tethra /
and segregates them?
On whom the cattle of Tethra smile?
Who shapes weapons from hill to hill, wave to wave, /
letter to letter, point to point?

Quem senão eu sabe onde o sol haverá de se pôr?
Quem prediz as fases da Lua?
Quem traz o gado da casa de Tethra e o separa?
A quem sorri o gado de Tethra?
Quem dá forma às armas de colina em colina, onda por /
onda, letra por letra, ponto por ponto?

As duas primeiras perguntas de *A canção de Amergin*, sobre o dia do mês solar e sobre as fases da Lua, coincidem com os dois primeiros itens de conhecimento no *Saltair*: "Quem sabe onde o sol haverá de se pôr?" significa ao mesmo tempo: "Quem conhece a duração das horas iluminadas num dado dia do ano?" — um problema tratado à exaustão pelo autor do *Livro de Enoque* — bem como "Quem sabe num dado dia qual a duração do mês solar a que este dia pertence?"

A terceira pergunta é: "Quem traz o gado de Tethra (os corpos celestiais) para fora do oceano e coloca cada um em seu devido lugar?" Isto pressupõe um conhecimento: dos cinco planetas — Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno — os quais junto com o Sol e a Lua tinham os dias da semana designados a eles na astronomia babilônica e que ainda conservam em todas as línguas européias.[3] Assim, isto corresponde ao "dia da semana".

A quarta pergunta, como o glosador explica, refere-se a "Quem tem sorte na pesca?" Isto corresponde "ao estado da maré do mar", pois um pescador que ignore a maré que deve esperar não terá sorte na pescaria.

A quinta pergunta, lida à luz de seu comentário, equivale a "Quem ordena o calendário da onda *B*, que avança, até a onda *R*, que retrocede; de um mês do calendário até o seguinte; de uma estação do ano até a próxima?" (As três estações, primavera, verão e outono, estão separadas por pontos ou ângulos do dólmen.) Assim é que corresponde ao "calendário das festas dos santos perfeitos".

Outra versão do poema pode ser achada em *The Book of Leacan* e em *The Book of the O'Clerys*, e, quando restaurada de modo apropriado, soa da forma seguinte. As glosas são semelhantes em ambos os livros, embora O'Clerys seja o mais verboso.

[3] Com exceção da língua portuguesa, é claro! (N. T.)

B Sou sete batalhões *ou* Sou um boi forte — *pela força*
L Sou inundação na planície — *pela extensão*
N Sou vento no mar — *pela profundidade*
F Sou raio do sol — *pela pureza*
S Sou ave de presa num penhasco — *pela astúcia*
H Sou um navegante sagaz —
D Sou deuses pelo poder de transformação — *Sou um deus, um / druida e um homem que cria fogo da fumaça mágica para a destruição de todos e que faz magia no topo das colinas.*
T Sou um gigante com uma espada afiada / e destruo um exército — *para vingar-me*
C Sou um salmão num rio *ou* num tanque — *pela velocidade*
M Sou um artista hábil — *pela faculdade*
G Sou um javali feroz — *pelo poder de meu valor como comandante*
Ng Sou o rugir do mar — *pelo terror*
R Sou uma onda do mar — *pelo poder*

Esta parece ser uma versão posterior, pois ao mês *T* se lhe outorga uma espada e não a tradicional lança, e a redação original do verso *D* é recordada num comentário; além disto, omite-se: "Quem senão eu conhece os segredos do dólmen de pedra bruta?" Outra modificação importante é que o mês *H* vem descrito em termos de navegação e não de flores. O dia 14 de maio marcava o início da pesca de alto-mar na antiga Irlanda, quando os fortes ventos equinociais já se apaziguaram e se podia sair ao mar com segurança num *curragh* de couro de boi; porém, o ascético significado do pilriteiro é uma lembrança do interdito contra levar-se uma mulher numa viagem de pesca. Os acréscimos ao poema demonstram, até mesmo de modo mais claro do que o texto do dr. Macalister, que ele foi preservado enquanto encantamento para um bom sucesso na pesca tanto fluvial quanto marítima; sendo o druida pago pelo pescador para repeti-la e ameaçar as águas com a vingança dos dardos se um *curragh* houvesse de se perder:

Whither shall we go? Shall we debate in valley or on peak?
Where shall we dwell? In what nobler land than the isle of Sunset?
Where else shall we walk in peace, to and fro, on fertile ground?
Who but I can take you to where the stream runs, or falls, clearest?

Or who but I tell you the age of the moon?
Who but I can bring you Tethra's cattle from the recesses of the sea?
Who but I can draw Tethra's cattle shoreward?
Who can change the hills, mountains or promontories as I can?

I am a cunning poet who invokes prophecy at the entreaty of seafarers?
Javelins shall be wielded to revenge the loss of our ships.
I sing praises, I prophesy victory.
In closing my poem I desire other preferments, and shall obtain them.

Para onde iremos? Haveremos de discutir num vale ou num pico?
Onde teremos morada? Em que terra mais nobre do que a ilha
do Ocaso?
Em que outra parte andaremos em paz, de um lado a outro por
terreno fértil?
Quem senão eu pode levar-vos para onde corre o riacho
ou se precipita e é mais claro?

Ou quem senão eu pode dizer-vos a fase da Lua?
Quem senão eu pode trazer-vos o gado de Tethra dos lugares
recônditos do mar?
Quem senão eu pode conduzir o gado de Tethra até a costa?
Quem consegue mudar colinas, montanhas ou promontórios
como eu posso fazê-lo?

Sou um poeta hábil que invoca a profecia a pedido dos navegantes.
As lanças serão brandidas para vingar a perda de nossos barcos.
Canto louvores, profetizo a vitória.
Ao encerrar meu poema desejo outras nomeações, e hei de obtê-las.

O apêndice original de cinco versos do poema podia ter dito algo semelhante a isto:

A Sou o ventre de toda mata,
O Sou a labareda em toda colina,
U Sou a rainha de toda colméia,
E Sou escudo para toda cabeça,
I Sou a tumba de toda esperança.

Como e por que este alfabeto de treze consoantes cedeu lugar ao de quinze é outra questão, cuja solução será auxiliada por um estudo das lendas dos alfabetos grego e latino.

O fato de que o primeiro verso de *A canção de Amergin* tenha as leituras variadas "veado de sete pontas" e "boi de sete lutas" sugere que, na Irlanda, durante a Idade do Bronze, como na Grécia e em Creta, o veado e o boi eram consagrados à Grande Deusa. Na Creta minóica, o touro tornou-se dominante como Minotauro, "Touro-Minos"; contudo, também havia um *Minelaphos*,

"Veado-Minos", que figurava no culto da deusa-lua Britomartis; e existia também um *Minotragos*, culto do "Bode-Minos". A galhada achada na sepultura de New Grange sugere que o veado era o animal real dos daneses da Irlanda e ele tem uma participação proeminente no mito irlandês: um incidente em *The Cattle Raid of Cuailgne*, parte da saga de Cuchulain, mostra que uma liga de sacerdotes do veado chamava-se "As harpas belas e afortunadas" e tinha seu quartel-general em Assaroe, no Donegal. Oisin nasceu da deusa-corça Sadb e, ao final de sua vida, quando montou o corcel-fada de Niamh, a dos cabelos dourados, e correu entre os lamentos dos fenianos para a ilha paradisíaca dela, foi-lhe mostrada uma visão: um corço sem chifres era perseguido nas águas do mar pelos sabugos do inferno, brancos com orelhas vermelhas. O corço era ele mesmo. Existe uma passagem paralela a esta em *O Romance of Pwyll Prince of Dyfed*: Pwyll sai para caçar e encontra Arawn, rei de Annwn, montando um cavalo claro e perseguindo um corço com seus sabugos brancos de orelhas vermelhas. Agradecendo a cortesia de Pwyll, Arawn, embora o envie para o mundo subterrâneo do Annwn — pois o veado é a alma de Pwyll —, permite-lhe que reine lá em lugar dele. Outro paralelo está em *O Romance of Math the Son of Mathonwy*: Llew Llaw, em companhia da infiel Blodeuwedd, vê um veado sendo acossado até a morte: trata-se de sua alma e, quase imediatamente depois, é morto por Gronw, o amante dela.

O destino do rei chifrudo — de quem Cernunnos da Gália, "o Chifrudo", é um exemplo familiar — está expresso no primitivo mito grego de Actéon, que Ártemis transformou num veado e, com seus cães, o caçou até a morte. Ela fez isto por ocasião de seu *anodos*, ou seja, reaparição anual, quando renovava sua virgindade, banhando-se nua numa fonte sagrada, depois do que ela escolhia outro amante. A *Garbh Ogh* com sua matilha de caçadores era a mesma deusa: sua dieta consistia em carne de veado e peito de águia. O antigo mito do rei-cervo atraiçoado sobrevive, curiosamente, na convenção, que tanto é britânica quanto continental, que confere ao marido enganado um par de galhos. Os mascarados de veado do Primeiro de Maio em Abbot's Bromley, no condado de Staffordshire, são semelhantes aos de Siracusa, na Sicília antiga; e a julgar por um fragmento épico relacionado com Dioniso, um dos mascarados como o cervo Actéon era originalmente caçado e devorado. No recinto licaônico de Arcádia, sobrevivia, na época de Pausânias, a mesma tradição do homem vestido da pele de um veado que era caçado e comido, embora a caça fosse justificada como um castigo por alguma transgressão. Da Sardenha vem uma figurinha da Idade do Bronze que representa um homem-cervo com chifres que parecem a folhagem de um carvalho, com cauda curta, numa das mãos uma flecha e, na outra, um arco que se converteu numa serpente enroscada. Sua boca e seus olhos expressam um horror explicável diante da visão, pois a serpente é a morte. Que o cervo fosse parte do culto oracular elísio demonstra a lenda da visita do troiano Brut à ilha de Leogrécia, onde recebeu o oráculo da Lua, enquanto dormia sobre a pele recém-desossada de um veado branco cujo sangue fora derramado no fogo do sacrifício.

O culto do veado é muito mais antigo do que o do cretense *Minelaphos*: pode-se ver nas pinturas paleolíticas da caverna espanhola de Altamira e na *Caverne des Trois Frères*, em Ariège, nos Pirineus franceses, que datam de pelo menos 20 mil anos a.C. As pinturas de Altamira são obra dos aurinhacienses, que também deixaram registro de seus rituais nas cavernas de Domboshawa e noutras partes da Rodésia. Em Domboshawa, uma pintura bosquímana contendo vintenas de figuras, mostra a morte de um rei, que tem a máscara de antílope e está fortemente amarrado; ao morrer, com os braços abertos e um joelho levantado, ele ejacula, e sua semente parece formar uma moita de trigo. Uma velha sacerdotisa, que está deitada ao lado de um caldeirão, está arremedando sua agonia ou, talvez, induzindo-a por meio da magia simpática. Perto da cena, uma jovem sacerdotisa dança à beira de um riacho, encimado por muitas frutas e inúmeros cestos; animais carregados com frutas são conduzidos e um grande bisão é apaziguado por uma sacerdotisa acompanhada por uma píton ereta. Os cultos do cervo e do touro estavam evidentemente conjugados em Domboshawa, porém é provável que o veado fosse o animal mais régio, pois ao rei moribundo é dada maior preeminência. Os aurinhacienses combinavam também esses cultos. Numa caverna de Dordonha aparece um homem-touro dançando e tocando um instrumento musical que tem a forma de arco.

Parece que o culto à cabra Minotragos, em Creta, foi intermediário entre os cultos de Minelafos e do Minotauro. Amaltéia, a nutriz do Zeus cretense, era uma cabra. A deusa Atená carregava uma *aegis* (égide, escudo de pele de cabra) feito, segundo se diz, com a pele de Amaltéia, anteriormente usado por seu pai Zeus como uma cobertura de proteção. A deusa líbia apareceu na tríade a Jasão, nas margens do lago Tritão, local de nascimento de Atená, quando o *Argos* encalhou ali, e estava vestida com peles de cabra, razão pela qual foi identificada com Ega, que — irmã de Hélice ("Ramo de Salgueiro") e filha de um rei de Creta — era o duplo humano da cabra Amaltéia e com a própria Atená. A tradição sobre a origem líbia de Atená é apoiada por uma comparação entre métodos gregos e romanos de augúrios. Na Líbia, o ano começa no outono, com as chuvas invernais e com a chegada dos pássaros vindos do Norte; mas, no Norte da Europa e na área do mar Negro, começa na primavera com a chegada dos pássaros vindos do Sul. Na maior parte dos estados gregos, o ano começa no outono e os áugures voltam-se para o norte ao observar os pássaros, presumivelmente porque derivam sua tradição do local de nascimento de Atená, padroeira dos augúrios. Por outro lado, os áugures romanos voltavam-se para o sul, presumivelmente porque os dardânios (cujos descendentes patrícios eram os únicos autorizados a interpretar os augúrios) tinham migrado da área do mar Negro, onde os pássaros chegam da Palestina e da Síria na primavera. O ano romano começava na primavera.

O bode-Dioniso, ou Pã, era uma divindade poderosa na Palestina. Ele pode ter chegado lá vindo da Líbia, passando pelo Egito ou tomando uma rota de contorno passando por Creta, pela Trácia, Ásia Menor e Síria. O bode expiató-

rio, sacrificado no *Yom Kipur* hebraico, era um sacrifício dissimulado a esta divindade, recebendo o nome de Azazel. A fonte do rio Jordão era uma gruta consagrada a ele como Baal Gad, o rei-bode, antepassado de mesmo nome da tribo de Gad. A proibição feita no capítulo 14 do Livro do Deuteronômio, de cozinhar um cabrito no leite de sua mãe, parece enigmática apenas se a interpretarmos sentimentalmente; está claramente escrita no estilo severo do resto do capítulo, que começa com a proibição contra automutilação durante funerais, e fala, diretamente, contra um rito eucarístico já não tolerado pelo sacerdócio de Iahweh. A chave interpretativa acha-se numa bem conhecida fórmula órfica:

Como um cabritinho caí dentro do leite.

Esta era uma senha para os iniciados quando eles chegassem ao Hades e fossem desafiados pelos guardiães dos mortos. Eles haviam se tornado um só com O Cabrito, isto é, o imortal Dioniso, originalmente o Zagreu ou Zeus cretense, ao comungarem de sua carne, e com a deusa-cabra, sua mãe, em cujo caldeirão de leite ele fora cozido.[4] Uma canção sobre o nascimento dos deuses, numa tábua recentemente descoberta em Ras Shamra, contém uma proibição expressa contra cozinhar um cabrito no leite de sua mãe.

A proibição existente no Deuteronômio explica o mito, fácil e obviamente artificial, de Esaú, Jacó, Rebeca e da bênção de Isaac, o qual é introduzido no capítulo 27 do Gênesis para justificar a usurpação feita pela tribo de Jacó das prerrogativas sacerdotais e reais que pertenciam aos edomitas. A representação religiosa oferecida, iconotropicamente,[5] em apoio ao mito parece ter ilustrado a cerimônia de comer o cabrito em honra de Azazel. Vêem-se dois celebrantes vestindo peles de bodes, como disfarces, ao lado do caldeirão fervente presidido por uma sacerdotisa (Rebeca), um deles portando arco e aljava (Esaú) e o outro (Jacó) sendo iniciado nos mistérios pelo ancião, chefe da fraternidade (Isaac), que murmura a seu ouvido a fórmula secreta, o abençoa e lhe entrega — mais do que recebe dele — um pedaço de cabrito para comer. A cerimônia incluía, provavelmente, uma morte fictícia e a ressurreição do iniciado, o que explicaria a passagem do final do capítulo, na qual Esaú faz uma ameaça de morte a Jacó. Rebeca aconselha a este fugir para a casa de seu irmão, Labão, e menciona as orgiásticas "filhas de Het", presença do costume cretense subjacente. Os dois

[4] Constato que fui precedido nesta explicação por Maimônides ("Rambam"), judeu-espanhol do século XII, que reformou a religião judaica e que foi, por acaso, o médico real de Saladino. Em seu escrito, "Guia para os desviantes", interpreta o texto como uma proibição contra participar do culto de Astaroth.

[5] No prefácio de meu livro *King Jesus*, defino "iconotropia" como uma técnica de representação, propositalmente errônea pela qual antigos ícones rituais são tergiversados para que confirmem uma mudança profunda do sistema religioso existente — normalmente uma mudança do matriarcalismo para o patriarcado —, incorporando-se aos mitos os novos significados. Cito exemplos dos mitos de Pasífae, Édipo e Ló.

cabritos são possivelmente um erro: o mesmo cabrito é mostrado duas vezes: quando o tiram de sua mãe e, depois, quando é colocado no caldeirão de leite.

Nono, o escritor órfico, explica a mudança, em Creta, do sacrifício do bode para o do touro, dizendo que Zagreu, ou Dioniso, foi uma criança chifruda que ocupou o trono de Zeus por um dia. Os Titãs despedaçaram-no e comeram-no depois que ele rapidamente mudou várias vezes de forma: foi Zeus com a roupa de pele de cabra; Cronos, ao fazer chover; um jovem inspirado; um leão; um cavalo; uma serpente cornuda; um tigre; um touro, e foi com esta última aparência que os Titãs o comeram. Também os Mitras persas eram devorados na forma de touro.

Ao que tudo indica, houve na Irlanda um culto do bode anterior à chegada dos daneses e dos milésios, pois, numa passagem do *Book of the Dun Cow*, os "cabeças de bode" eram uma espécie de demônios associados com os *leprechauns*, pigmeus, e os fomorianos ou aborígines africanos.[6] Contudo, na época do herói ulsteriano Cuchulain, cuja morte é tradicionalmente datada no século II d.C., o culto do touro real já estava bem estabelecido. Seu destino estava ligado com o do novilho, filho do famoso touro marrom da rainha Maeve. Quando Morrigan, a deusa do destino, encontrou Cuchulain pela primeira vez, avisou-o de que só continuaria a viver enquanto o animal não ultrapassasse a idade de um ano. O episódio central na saga de Cuchulain é *A guerra dos touros*, travada entre os exércitos de Maeve e de seu marido, o rei Ailell, como resultado de uma vã discussão a respeito de dois touros. Ao final dela, o touro marrom, outra caracterização de Cuchulain, mata seu rival, o branco, que, por considerar-se demasiadamente nobre para servir a uma mulher, desertou do rebanho de Maeve indo para o de Ailell. É quando enlouquece de orgulho, investe contra uma rocha e parte a cabeça. Sucede-lhe seu filho e Cuchulain morre.

O culto do touro também se consolidou no País de Gales em priscas eras. Num dialogo poético galense contido no *Black Book of Carmarthen*, Gwyddno Garanhir, pai de Elfin, descreve o herói Gwyn como: "Um touro de luta, rápido na dispersão de um exército preparado para a batalha." "Touro de luta", aqui e noutros poemas posteriores, mais parece ter sido um título sagrado do que uma metáfora elogiosa; do mesmo modo que "falcão" e "águia" também o eram.

A guerra dos touros contém um exemplo da intricada linguagem do mito: o touro marrom e o branco eram, na verdade, porcariços reais que tinham o poder

[6] Os demônios e espectros são, invariavelmente, os deuses ou sacerdotes derrotados de uma religião substituída: por exemplo, as empusas ou lâmias da Grécia, que na época de Aristófanes eram consideradas como emissárias da Tríplice Deusa Hécate. As lâmias, belas mulheres que costumavam seduzir, enfraquecer e chupar o sangue dos viajantes, tinham sido sacerdotisas orgiásticas de Lâmia, a deusa-serpente. As empusas, demônios que tinham uma perna de latão e uma pata de asno, eram relíquias do culto de Set — os Lilim, ou filhos de Lilith, os devotos da deusa-coruja hebraica, que foi a primeira mulher de Adão e cujos filhos tinham pata de asno.

de mudar de forma. Parece que, em tempos arcaicos, o guardador de porcos tinha uma condição inteiramente diversa daquela conferida a ele na parábola do filho pródigo: o porcariço era, originalmente, o sacerdote a serviço da deusa da morte a quem o porco estava consagrado.[7]

A guerra dos touros tem como introdução os *Anais da grande academia barda,* uma sátira do século VII contra a cupidez e a arrogância da casta governante dos bardos, talvez composto por algum membro de uma fraternidade oracular anterior que fora deposta com o advento do cristianismo. O principal personagem aqui é Marvan, o porcariço real do rei Guaire of Connaught; que pode ser identificado com Morvran ("O Corvo Negro"), filho de Cerridwen, a porca branca divina, e que também aparece como Afagddu, o mais feio dos meninos, numa sátira galense semelhante, *O romance de Taliesin*. Como vingança pela perda de um javali mágico branco, logo seu médico, músico e mensageiro, que os bardos poderosos tinham persuadido Guaire de matá-lo, ele os dispersa num combate espirituoso, reduzindo-os ao silêncio e à ignomínia. Seanchan Torpest, o presidente da academia, dirige-se a ele como "O principal profeta dos céus e da Terra". Existe uma alusão no *Romance of Branwen* de que os porcariços do rei Matholwch da Irlanda eram magos com o poder de prever o futuro. Esta alusão é aumentada na *Tríade 56*, onde se atribui a Coll ap Collfrewr, o mago, um dos "três poderosos porcariços da Grã-Bretanha", a introdução do trigo e da cevada na ilha. Mas o crédito não era realmente este. O nome da porca branca, a quem servia em Dallwr, na Cornuália, e que percorreu o País de Gales dando presentes de grãos, de abelhas, bem como de seu próprio leitãozinho, era Hen Wen, "a Velha Branca". O presente que ela deu a Maes Gwenith ("Campo de Trigo") em Gwent consistiu em três grãos de trigo e três abelhas. Ela era, certamente, a deusa Cerridwen, disfarçada em animal. (A história está contida em três séries de tríades publicadas na *Myvyrian Archaiology*.)

O aspecto desagradável da natureza dela fica claro pelo presente que deu aos habitantes de Arvon: um gato selvagem, que cresceu e se tornou uma das três pragas de Anglesey, "o Gato Palug". Assim, Cerridwen é uma deusa-gata

---

[7] É prova de uma função análoga na Grécia primitiva o epíteto *dios*, divino, aplicado na *Odisséia* ao porcariço Eumeu. Por causa do horror que os porqueiros inspiravam aos judeus e egípcios, bem como do desprezo que se lhes teve durante longo tempo na Europa, graças ao "filho pródigo", a palavra é normalmente traduzida erroneamente por "honrado" e "digno", embora admita-se que se trate de um *Hapax legomenon*. [*N. T.: esta expressão grega designa casos lingüísticos singularíssimos, praticamente únicos, em determinado idioma.*] Numa única noite do ano, quando a lua cheia ocorria perto do solstício de inverno e o porco era sacrificado a Ísis e a Osíris, é que todos os egípcios comiam a carne desse animal. Nas demais ocasiões era proibido qualquer contato com porcos. Tratava-se de um tabu tão forte que os porcariços, embora egípcios de sangue (segundo Heródoto), eram evitados como a peste e forçados a casarem-se dentro de sua própria casta. No entanto, isto consistia num tributo à santidade deles mais do que qualquer outra coisa. O carrasco público era, de igual modo, evitado na França e na Inglaterra, porque desempenhava com coragem, no interesse da moralidade pública, uma função peculiarmente horrível e ingrata.

tanto quanto deusa-porca. Isto a vincula com o "gato como espírito do cereal", que *sir* James Frazer menciona como sobrevivente nas festividades de colheita no Norte e no Nordeste da Alemanha, na maior parte da França e na forma do monstro Chapalu do ciclo francês das lendas do rei Arthur.

Havia também um culto do gato na Irlanda. Uma "esguia gata preta que deitava numa cadeira de prata antiga" tinha santuário oracular numa caverna em Connaught, em Clogh-magh-righ-cat, agora Clough, antes da chegada de são Patrício. Essa gata dava respostas desaforadas aos consulentes que tentavam enganá-la e, ao que parece, era uma equivalente irlandesa da deusa-gata Pasht [ou Basteis] do Egito. Os gatos egípcios eram esguios, pretos, de patas compridas e de cabeça mirrada. Outro local de culto irlandês ao gato era Knowth, um sítio sepulcral no condado de Meath, contemporâneo de New Grange. Em *Os anais da grande academia barda*, diz-se que a câmara mortuária de Knowth fora a morada do rei-gato Irusan, que era tão grande quanto um boi de arado e que, certa feita, por vingança de uma sátira, carregou Seanchan Torpest, chefe dos poetas da Irlanda, em suas costas. Em sua obra *Astronomia poética*, Higino identifica Pasht com a Deusa Branca, recordando que, quando Tífon apareceu subitamente na Grécia — contudo, se ele está fazendo uma referência a uma invasão ou a uma erupção vulcânica, tal como a que destruiu a maior parte da ilha de Thera —, os deuses fugiram disfarçados em animais: "Mercúrio, em íbis; Apolo num grou, um pássaro da Trácia; Diana, na forma de gata."

O presente da velha porca branca ao povo de Rhiwgyverthwch foi um cão-lobo que também se tornou famoso. O "lobo como espírito do cereal" sobrevive, aproximadamente, na mesma região do "gato como espírito do cereal". Na ilha de Rügen, a mulher que amarra o último feixe da colheita é chamada de "o lobo" e tem de morder a dona da propriedade e sua empregada, que a aplacam com um grande pedaço de carne. Deste modo, Cerridwen era também uma deusa-loba, como Ártemis. Parece que ela veio para a Grã-Bretanha entre 2500 e 2000 a.C. com os agricultores neolíticos dolicocéfalos provenientes do Norte da África.

Não é difícil apurar por que o gato, o porco e o lobo eram considerados particularmente consagrados à deusa-lua. Os lobos uivam para a lua e se alimentam de carniça, seus olhos brilham no escuro e eles freqüentam as montanhas com florestas. Os olhos dos gatos também brilham no escuro, eles se alimentam de ratos (símbolo da pestilência), acasalam-se abertamente e caminham de modo inaudível; são prolíficos, porém comem suas próprias crias, e suas cores variam, como as da lua, entre o branco, o avermelhado e o negro. Os porcos também variam entre estas mesmas cores, alimentam-se de carniça, são prolíficos, porém devoram sua própria prole, e suas presas têm a forma de lua crescente.

Capítulo 13

Palamedes e o grou

No desenvolvimento do presente estudo, o que mais me interessa é a diferença constante que aparece entre os métodos de pensamento poético e prosaico. O método da prosa foi inventado pelos gregos da época clássica como uma garantia contra a submersão da razão na fantasia poética. Atualmente tornou-se o único meio legítimo de transmitir conhecimento útil. Na Inglaterra, como na maioria dos demais países mercantilistas, a concepção popular corrente é que a "música" e o vocabulário à moda antiga são as únicas características da poesia que a distinguem da prosa: que todo poema tem, ou deveria ter, um significado correspondente e preciso em prosa. Como resultado, a faculdade poética está atrofiada em toda pessoa culta que não faça esforços particulares a fim de cultivá-la: é um fato bem parecido à atrofia da faculdade de entender pinturas na Arábia dos beduínos. (T. E. Lawrence, certa feita, mostrou um esboço em lápis colorido de um *sheik* árabe a homens do próprio clã do retratado. Eles passaram de mão em mão, mas o palpite mais próximo sobre o que significava veio de um homem que achou que o pé do *sheik* era o chifre de um búfalo.) Desta incapacidade para pensar poeticamente — de reduzir o discurso a imagens originais e a ritmos, bem como a recombiná-los numa semântica múltipla com vários níveis simultâneos de pensamento — decorre a falência do pensamento claro em prosa. Nesta forma literária, pensa-se num só nível, de cada vez, e nenhuma combinação de palavras precisa conter mais do que um único sentido; não obstante, as imagens contidas nas palavras devam estar firmemente relacionadas para que a passagem atue com eficácia. Esta necessidade tão simples está esquecida e o que, hoje em dia, passa por mera prosa se reduz a uma amarração mecânica de grupos de palavras estereotipadas, sem que se preste atenção às imagens nela contidas. O estilo mecânico, que deve ter começado em algum escritório de contabilidade, agora já se infiltrou nas universidades e alguns dos seus exemplos mais bizarros e cadavéricos ocorrem nos trabalhos de eminentes professores universitários e teólogos.

Afirmações mitográficas, que são inteiramente razoáveis àqueles poucos poetas que ainda conseguem pensar e falar na "estenografia" poética, parecem ilógicas e infantis à quase totalidade dos literatos de universidade. Refiro-me a declarações do tipo: "Mercúrio inventou o alfabeto depois de observar o vôo dos grous" ou "Menw ab Teirgwaedd viu três varas de sorveira crescendo para fora da boca de Einigan Fawr e gravou nelas todo tipo de conhecimento e de sabedo-

ria". O melhor que os universitários disseram até o presente sobre os poemas de Gwion é que são "selvagens e sublimes" e nunca se questionaram quanto à premissa deles de que Gwion, seus colegas e seu público fossem pessoas de inteligência mal desenvolvida ou indisciplinada.

É, no mínimo, engraçado o fato de que, quanto mais prosaica seja a mentalidade de um acadêmico, maior se pressuponha sua capacidade em interpretar o significado da poesia arcaica e que nenhum deles ouse erigir-se como autoridade em mais de algum tema limitado, por medo de provocar a aversão e suspeição por parte de seus colegas. Conhecer bem apenas uma única coisa significa ter uma mente bárbara: a civilização implica a graciosa relação de todas as variedades de experiências com um sistema de pensamento central e humano. A era atual é peculiarmente bárbara: apresentemos, por exemplo, um especialista em hebraico a um ictiólogo ou a uma autoridade em topônimos dinamarqueses e eles não teriam em comum nenhum assunto, exceto o clima e a guerra (isto se, por acaso, estiver em andamento alguma guerra, o que é normal em nossa era bárbara). Porém, o fato de que tantos doutores sejam bárbaros não é de grande importância caso alguns poucos estejam dispostos a ajudar com seus conhecimentos especializados aos escassos pensadores independentes, a saber, os poetas que cuidam de manter viva a civilização. O erudito é um operário de pedreira, não um construtor, e tudo que se lhe pede é que explore bem seu canteiro de trabalho. Nele reside a garantia de que o poeta será protegido de algum erro factual. Neste mundo moderno, tão desesperadamente revolto e inexato, é bastante fácil ao poeta incorrer numa etimologia falsa, num anacronismo ou num absurdo matemático ao tentar ser o que ele não é. Seu trabalho mora na verdade, enquanto o do universitário especialista consiste no factual. Não se devem negar os fatos; pode-se dizer que esses são um tribuno do povo sem poder legislativo, mas só com o direito de veto. Fatos não são a verdade, porém o poeta que se contrapõe voluntariamente a eles não pode chegar a ela.

A lenda sobre Mercúrio e os grous está em *Fábulas*, de Caio Júlio Higino que, segundo o bem-informado Suetônio, era natural da Espanha, um liberto do imperador Augusto, conservador da Biblioteca Palatina e amigo do poeta Ovídio. Como este, no final da vida, Higino também caiu em desgraça diante do poder imperial. Se ele for o erudito autor das *Fábulas* que lhe são atribuídas, elas vêm sendo, desde então, abreviadas e remendadas por editores sem cultura; ainda assim, admite-se que contenham uma arcaica e mitológica matéria de grande importância, que não se encontra noutro lugar.

Em sua última fábula (277), Higino registra:

1. Que as Parcas inventaram as sete letras: *alfa* [*ômicron*], *ipsilon*, *eta*, *iota*, *beta* e *tau*.

   Ou, alternativamente, que Mercúrio as inventara depois de observar o vôo dos grous "que formavam as letras à medida que voavam".
2. Que Palamedes, filho de Náuplio, inventou outras onze.

3. Que Epicarmo da Sicília acrescentou ao grupo *teta* e *qui* (ou *psi* e *pi*).
4. Que Simônides acrescentou *omega*, *épsilon*, *dzeta* e *psi* (ou *omega*, *épsilon*, *dzeta* e *fi*).

Nada se diz aqui a respeito do fenício Cadmo, a quem é normal atribuir-lhe a invenção do alfabeto grego, cujos caracteres foram indiscutivelmente tomados de empréstimo ao alfabeto fenício. A afirmação sobre Epicarmo não faz o menor sentido, a menos que "da Sicília" seja uma estúpida glosa editorial introduzida no texto. Simônides foi um poeta grego do século VI a.C., muito bem conhecido, que escreveu sobre o alfabeto grego cadmeu e que introduziu em seus manuscritos alguns caracteres novos, mais tarde empregados por toda a Grécia. Epicarmo da Sicília, bem conhecido escritor de comédias que viveu um pouco mais tarde, era membro da família dos asclepíades de Cós e, evidentemente, pareceu ao editor de *Fábulas* um provável colaborador de Simônides. Entretanto, o provável é que a lenda original se refira a outro Epicarmo, bem anterior a este e ancestral do autor de comédias. Os asclepíades traçavam sua ascendência até o filho de Apolo Asclépio, ou Esculápio, o deus-médico de Delfos e Cós, e reivindicavam haver herdado dele segredos de valor terapêutico. Com efeito, na *Ilíada*, dois Asclépios são citados como sendo médicos dos gregos durante o cerco de Tróia.

Quanto a Palamedes, filho de Náuplio, lhe é creditada, por Filostrato, o lêmnio, e pelo comentador da tragédia *Orestes*, de Eurípides, a invenção não apenas do alfabeto, mas também dos faróis, das medidas, das balanças, do disco e da "arte de colocar sentinelas". Ele tomou parte na guerra de Tróia como aliado dos gregos e, quando morreu, dedicaram-lhe um santuário de herói na costa mísia da Ásia Menor, em frente a Lesbos.

As Três Parcas são uma forma dividida da Tríplice Deusa e, na mitologia grega, aparecem também como as Três Gréias e as Três Musas.

Assim, as duas afirmações iniciais feitas por Higino são responsáveis, apenas, por "treze letras" que, segundo algumas autoridades (é Diodoro Sículo quem diz), formavam o "alfabeto pelasgo" antes que Cadmo o aumentasse para dezesseis. É evidente que Diodoro quer falar de treze consoantes e não treze letras ao todo, o que não seria suficiente. Outras autoridades sustentaram que havia apenas doze delas. De qualquer modo, Aristóteles estabelece em treze consoantes e cinco vogais as letras do primeiro alfabeto grego, e sua lista corresponde, exatamente, ao Beth-Luis-Nion, exceto por trazer o *dzeta*, em lugar do *H* aspirado, e *fi* no lugar de *F* — contudo, no caso do *fi*, pelo menos há provas epigráficas primitivas contra ele. Esta não é a única referência ao alfabeto pelasgo. Eustácio, o gramático bizantino, cita um antigo comentador da *Ilíada* (II, 841), que diz que os pelasgos eram chamados de *dioi* ("divinos") por serem os únicos gregos que conservaram o emprego das letras depois do dilúvio. Para os gregos, o dilúvio foi aquele ao qual sobreviveram Deucalião e Pirra. Esta, cujo nome significa "a vermelha", talvez seja a deusa-mãe dos *puresati*, ou *pulesati*, ou seja, os filisteus.

Heródoto diz que os lícios da Ásia Menor provinham de Creta; por conseguinte, eram vizinhos dos cários, que pretendiam ser parentes dos lídios e dos mísios e que falavam quase a mesma linguagem bárbara, quer dizer, não grega. Os cários, que noutra época fizeram parte do Império Minóico, tinham dominado o Egeu entre a queda de Cnossos, em 1400 a.C., e a invasão dórica de 1050 a.C. Heródoto considerava os lícios os menos helenisados dentre essas quatro nações, e lembrava que eles reconheciam a descendência por parte da mãe e não do pai. A independência feminina da tutela masculina e a descendência matrilinear eram caraterísticas de todos os povos de origem cretense. Este mesmo sistema sobreviveu em algumas partes de Creta até muito tempo depois de sua conquista pelos gregos. Fírmico Materno informou a este respeito no século IV d.C.[1] Os lídios conservavam outro vestígio do sistema: as moças tinham o hábito de prostituírem-se antes do casamento e de disporem de suas posses e de suas pessoas conforme lhes aprouvesse.

Palamedes, por conseguinte, governou os mísios, que eram de origem cretense, porém tinha um pai grego e seu nome talvez significasse "cuidadoso com o ancião". Foi ele quem ajudou as Três Parcas (as Três Musas) na composição do alfabeto grego. Porém, os antigos sabiam, tal como nós sabemos, que todos os inventos atribuídos a Palamedes tinham sua origem em Creta. Disto se conclui que um alfabeto grego, baseado num modelo cretense, mas não fenício, cresceu de cinco vogais e treze consoantes para cinco vogais e quinze consoantes, por obra de Epicarmo, um asclepíade primitivo.

Mas por que razão Higino não especificou as onze consoantes de Palamedes como especificara as sete letras originárias, além das adições feitas por Epicarmo e Simônides? Antes é preciso averiguar por que cita *beta* e *tau* como sendo as duas consoantes inventadas pelas Três Parcas junto com as cinco vogais.

Simônides, natural de Cós, introduziu em Atenas, onde morava, as consoantes duplas *psi* e *qui*, a distinção entre as vogais *ômicron* e *omega* (*o* longo e breve), a distinção entre as vogais *eta* e *épsilon* (*e* longo e breve). Contudo, estas modificações não foram publicamente adotadas lá até o arcontado de Euclides (403 a.C.). A *eta*, quando se a distinguia de *épsilon*, se lhe atribuiu o caractere *H* que, até a ocasião, pertencia ao *H* aspirado, o qual se transformou, simplesmente, em "espírito forte", uma lua minguante em miniatura; ao passo que sua ausência numa palavra iniciada por vogal era assinalada pelo "espírito fraco", uma lua crescente. O digama (*F* que tinha o som de *V*) havia desaparecido como caractere ático muito tempo antes de Simônides. Em inúmeras palavras, era substituído pela letra *fi*, inventada para representar o som *FF*, que até então vinha sendo grafado pelo *PH*. Contudo, o *digama* foi conservado ainda por

[1] Hoje [*N. T.: O autor escreve na década de 1940*] em Creta, um *affair* amoroso pré-marital tem apenas dois resultados possíveis: uma faca no meio das costas do amante ou um casamento imediato. Os granadeiros alemães da divisão Panzer baseados em Creta, durante a Segunda Guerra Mundial tinham de obter licença para ir até o monte Atos quando queriam alguma diversão sexual.

algumas gerações pelos gregos eólios e desapareceu entre os dóricos (os últimos a usarem-na) durante este mesmo arcontado de Euclides — por volta da mesma época em que Gwydion e Amathaon venceram *A batalha das árvores* na Grã-Bretanha.

Esta é uma questão estranha. Embora seja possível que o som *V* tenha caído inteiramente da fala grega ordinária e, por isso, o digama (*F*) se tornasse uma letra desnecessária, de forma alguma se trata de um fato garantido; além disto, é também possível que o *H* aspirado continuasse fazendo parte da língua. Por que, então, o som aspirado fora suplantado pelo *eta*? Por que não se descobriu para este fonema um novo caractere? Por que foi na mesma época que se introduziram as consoantes duplas *psi*, outrora grafado *pi-sigma*, e *qui*, antes grafado *kapa-sigma*? Somente a doutrina religiosa pode ser responsável por esta esdrúxula modificação.

Uma das razões mostra-se na própria fábula. Higino correlaciona as quatro letras adicionais de Simônides com a cítara de Apolo: *Apollo in cithaera ceteras literas adjecit*. Isto significa, segundo creio, que cada uma das sete cordas da cítara — de origem cretense, mas levada da Ásia Menor para a Grécia por volta do ano 676 a.C., por Terpandro de Lesbos — tinha atribuída a si uma letra e que o número 24, a nova quantidade de letras do alfabeto, tinha um significado sagrado na música terapêutica com a qual Apolo e seu filho Asclépio eram homenageados em seus santuários insulares. Simônides, é bom que se ressalte, pertencia a uma corporação barda de Cós a serviço de Dioniso, que, segundo Plutarco, sacerdote do Apolo délfico, "estava também em sua casa em Delfos". Tanto Apolo quanto Dioniso, conforme vimos, eram deuses do ano solar. Igualmente o eram Asclépio e Héracles, e este foi um período de sincretismo religioso.

Higino narra que o alfabeto original de treze consoantes foi levado por Mercúrio para o Egito, de lá trazido de volta para a Grécia por Cadmo e daí levado por Evandro, o arcádio, para a Itália, onde sua mãe, Carmenta, a Musa, o adaptou para o alfabeto latino de quinze letras. Ele descreve este Mercúrio como sendo o mesmo que inventou os jogos atléticos: noutras palavras, era cretense ou tinha origem em Creta. No Egito, Mercúrio era Tot, o deus cujo símbolo era o íbis branco, um pássaro semelhante ao grou, e que inventara a escrita e reformara o calendário. A fábula começa a fazer sentido histórico. Higino talvez a tenha tirado de alguma fonte etrusca, pois os etruscos, ou tirrenos, eram de origem cretense e reverenciavam o grou. Essas aves voam formando um "V" e os caracteres de todos os alfabetos primitivos, talhados a faca na casca de árvores — como Hesíodo escreveu seus poemas — ou em tábulas de argila, eram todos naturalmente angulares.

Higino sabia, pois, que as cinco vogais do alfabeto arcádio tinham pertencido a um sistema religioso mais antigo do que as sete vogais do alfabeto grego clássico e que, na Itália, estas cinco vogais estavam consagradas à deusa Carmenta e que, lá ainda, um alfabeto sagrado de quinze consoantes foi empregado cerca de seis séculos antes do alfabeto greco-dórico de 24 letras, do qual se

sabe que derivam todos os alfabetos itálicos — etrusco, úmbrio, osco, falisco e latino. Neste ponto Higino recebe o apoio de Plínio, que afirma, de modo taxativo, em sua *História natural*, que o primeiro alfabeto latino foi pelasgo. Não menciona sua fonte, mas provavelmente foi Gneu Gélio, historiador bem-informado do século II a.C., que cita na mesma passagem ter sido Hermes (Mercúrio) o primeiro a inventar o alfabeto no Egito e que Palamedes inventou os pesos e as medidas. Deve-se presumir, pela falta de provas na forma de inscrições que corroborem o registro de Higino, que este alfabeto estava confinado, como ocorreu com o Beth-Luis-Nion em seus primórdios, a um emprego para a sinalização dos surdos-mudos. Sobre Carmenta, sabemos pelo historiador Dioniso Periergetes que ela pronunciou oráculos para Héracles e viveu até a idade de 110 anos. Cento e dez é um número canônico, idade ideal a qual todos os egípcios desejavam alcançar e a idade com que, por exemplo, morreu o patriarca José. Os 110 anos eram compostos de 22 *lustra* etruscos de cinco anos cada; e 110 anos compunham o "ciclo" que os romanos tomaram de empréstimo aos etruscos. Ao final de cada ciclo corrigiam-se as irregularidades do calendário solar, intercalando e celebrando os Jogos Seculares. O significado secreto de 22 — os números sagrados nunca eram escolhidos por acaso — consiste em ser a medida da circunferência quando o diâmetro é 7. Esta proporção era chamada na época de *pi*, já não é mais um segredo religioso e se a emprega na atualidade somente como uma fórmula empírica, pois o verdadeiro valor matemático de *pi* é uma cifra decimal que ninguém conseguiu resolver até agora, pois segue interminavelmente, como 22/7, numa clara série que se repete. Sete lustros somam 35 e, em Roma, esta era a idade em que se considerava que o homem alcançava a flor da vida e já podia ser eleito cônsul. (A mesma idade foi fixada pela Convenção Constituinte, de tendência clássica, como a mínima necessária para um americano poder ser eleito presidente dos Estados Unidos.)

A ninfa Egéria, a rainha do carvalho que instruía o rei Numa de Roma, era "a quarta Carmenta". Se a idade de cada Carmenta — claramente uma sacerdotisa sibilina — era de 110 anos, Numa não pode ter reinado antes que se passassem 330 anos depois da chegada de Evandro à Itália, cuja data tradicional é cerca de sessenta anos antes da queda de Tróia, isto é, 1243 a.C.

Evandro fora banido da Arcádia por ter matado o pai; e isto implica a substituição da Tríplice Deusa Carmenta, ou Tétis pelo olímpico Zeus. Tétis era o nome greco-eólio de Carmenta, sob instigação de quem Evandro desfechou o arco. Neste período, era comum, na Grécia e na Itália, um rei matar o pai (ou o predecessor real) por instigação de sua deusa-mãe. O motivo tradicional, pelo qual os daneses de Partolano invadiram a Irlanda e os dardânios de Bruto a Grã-Bretanha, foi semelhante: ambos foram banidos pelo parricídio que cometeram. A data de 1243 a.C. corresponde àquela lembrada pelo gregos posteriores como sendo a da invasão aquéia, a saber, 1250 a.C. Esta não foi a primeira invasão, mas, ao que parece, um movimento dos aqueus estabelecidos no noroeste da Grécia em direção ao Sul, sob pressão dórica. A história de Pélias e

de Neleu, filhos de Posídon, que depuseram os minóicos de Iolcos, na Tessália e Pilos, no Peloponeso ocidental, refere-se a esta invasão que resultou na instituição do olimpianismo.

Contudo, não permaneceria a lenda sobre a invenção do alfabeto précádmico de Palamedes — levado para a Itália por Evandro, o arcádico, antes da invasão da Grécia pelos dóricos — selada por todo este tempo no confuso mito iconotrópico de Perseu e da Górgona Medusa? Não poderia a história de Palamedes ser recuperada intacta pelo simples método de restaurar ao mito de Perseu a forma iconográfica e, então, reinterpretar os iconógrafos que o compuseram?

O mito narra que Perseu foi enviado para cortar a cabeça de serpentes da Górgona Medusa, que era uma rival da deusa Atená e cujo olhar tinha o poder de transformar os homens em pedra. Contudo, não conseguiria realizar esta tarefa sem antes passar pelas Três Gréias, as "Velhas", as três irmãs mais idosas das Górgonas, que compartilhavam entre si um único olho e um só dente. Tendo-lhes roubado o olho e o dente, Perseu conseguiu obrigá-las a revelar o local do bosque das Três Ninfas. Destas recebeu as sandálias aladas como as de Hermes, um saco para colocar a cabeça da Górgona e um capacete que o tornava invisível. Gentilmente, Hermes também lhe deu uma foice; Atená um espelho e mostrou-lhe um retrato de Medusa para que ele pudesse reconhecê-la. Perseu jogou o dente das três velhas, e alguns dizem que o olho também, no lago Tritão, para destruir seu poder, e voou para Tartesso, onde viviam as Górgonas num bosque à beira do oceano. Lá ele cortou, com a foice, a cabeça de Medusa, adormecida, sempre olhando pelo espelho para se proteger do encantamento petrificador, guardou-a dentro do saco e voou de volta para casa, perseguido pelas demais górgonas.

As Três Ninfas devem ser entendidas como as Três Graças, ou seja, a Tríplice Deusa do amor. As Gréias também eram conhecidas como as Fórcidas, o que significa filhas de Fórcis, ou Orco, que, segundo o comentarista de Ésquilo, tinham a forma de cisnes — isto se trata, provavelmente, de uma confusão com os grous, devido a uma leitura errônea de uma pintura sagrada, uma vez que tanto os grous quanto os cisnes são aves igualmente sagradas e voam de modo parecido, fazendo uma formação em "V". Elas eram, na verdade, as Três Sortes (ou Destinos). Fórcis, ou Orco, tornou-se sinônimo para o mundo subterrâneo; trata-se da mesma palavra que *porcus*, porco, o animal consagrado à deusa da morte; e talvez que *Parcae*, título das Três Sortes, comumente chamadas de *Moiras*, "as distribuidoras, ou dispensadoras". *Orc* é "porco" em irlandês, e daí *Orcades*, ou *Orkneys*, moradias da deusa da morte. Fórcis era também o pai da Górgona Medusa, a quem os argivos da época de Pausânias descreviam como uma bela rainha líbia decapitada por Perseu, ancestral deles, depois de uma batalha contra os exércitos dela, que pode ser, por isso, identificada com Lâmia (Neith), a deusa-serpente da Líbia, que foi traída por Zeus e, depois, passou a matar crianças.

Imaginem as pinturas num vaso. Primeiro, um jovem nu que se aproxima cauteloso de três mulheres cobertas por véus; aquela sentada no meio o presenteia com um olho e um dente; as outras duas apontam para o alto, onde se vê três grous voando em formação de "V" da direita para a esquerda. A seguir, o mesmo jovem, trajando sandálias aladas e segurando uma foice, está em pé, pensativo, debaixo de um salgueiro. (Árvore consagrada à Deusa, onde os grous fazem ninho e se reproduzem em bosques dela.) Adiante, outro grupo de três belas mulheres jovens sentadas lado a lado num bosque com o mesmo jovem rapaz diante delas. Acima deles três grous voam na direção contrária. Uma das jovens o presenteia com sandálias aladas; outra, com um saco e a terceira lhe oferece um capacete, que também tinha asas. A seguir, diversos monstros marinhos aparecem e uma deusa do mar usando um capacete traz numa das mãos um tridente e, noutra, um espelho no qual se reflete a face de uma górgona; e o rapaz é visto voando, com o saco e a foice nas mãos, em direção de um bosque, com a cabeça virada olhando para o espelho. Do saco pula fora a cabeça da Górgona. O dente e o olho estão pintados em tamanho grande a cada lado dele, dando a impressão de que os atirou fora. Perseguem-no três ameaçadoras mulheres aladas com cara de Górgonas.

Isto completa a pintura no vaso e volta-se para o primeiro grupo.

O mito, em sua forma mais conhecida, como aquela em que Zeus trai Lâmia, descreve a quebra do poderio da tríplice deusa argiva pela primeira onda de aqueus, personificado como Perseu, "o Destruidor". Contudo, o significado original das iconografias parece ser este: é conferida a Mercúrio, ou Hermes, ou Car, ou Palamedes, ou Tot, ou qualquer que fosse seu nome original, uma visão poética por parte das mulheres veladas (sua mãe Carmenta, ou Maia, ou Dânae, ou Fórcis, ou Medusa, ou qual fosse seu nome original, sob o aspecto profético das Três Parcas). Além disto, recebe ele a faculdade de vaticinar a partir da observação do vôo das aves e, ainda, o poder de entender o segredo alfabético representado pelos grous. O dente era um instrumento divinatório, como aquele embaixo do qual Fionn costumava colocar o polegar — depois de comer o salmão do conhecimento — sempre que necessitava de um conselho mágico. Carmenta inventou o alfabeto, porém dedica as treze consoantes a seu filho enquanto guarda para si as cinco vogais sagradas. Ele sai com sua foice, a qual tem a forma de meia-lua, em honra a ela, semelhante à foice que, posteriormente, o arquidruida gaulês empregará para cortar o visco e que, logo, cortará da moita as primeiras varetas do alfabeto, diante do qual a Deusa, agora desvelada, faz o papel de ninfa e já não de velha e aparece sentada em companhia de outras, formando graciosa trindade. Entrega-lhe, como presente, um capacete com asas e um par de sandálias aladas, simbolizando a rapidez do pensamento poético e um saco no qual deve guardar, bem escondidas, suas letras.

Em seguida, ela se revela como Atená, a deusa da sabedoria, nascida nas margens do lago Tritão, na Líbia, que parece ter sido originalmente, antes de seu monstruoso renascimento da cabeça do pai, Zeus, a Tríplice Deusa líbia

Neith, que os gregos chamavam de Lâmia ou Líbia. Agora pula fora do saco uma cabeça de Górgona, que é, meramente, uma máscara feia usada por sacerdotisas em ocasiões cerimoniais para afugentar os fantasmas dos mortos. Ao mesmo tempo elas fazem rumores sibilantes, o que explica as madeixas serpentinas da Medusa. Nunca existiu realmente Górgona alguma (conforme J. E. Harrison foi o primeiro a ressaltar); existiu, apenas, um rosto horrendo e profilático representado numa máscara. A face horrorosa na boca do saco simboliza que os segredos do alfabeto, que era o efetivo conteúdo, não podiam ser divulgados nem mal empregados. Do mesmo modo, na Grécia antiga, colocava-se a máscara de uma Górgona às portas de fornos e de estufas para afugentar maus espíritos (bem como crianças curiosas) que poderiam pôr a perder a fornada. As "Górgonas" aladas no quadro pintado estavam escoltando e não perseguindo Hermes (Mercúrio): elas são, novamente, a Tríplice Deusa que, ao usar estas máscaras rituais, o está protegendo de olhares profanos. Ela também se mostra no solo segurando seu espelho com a face de uma Górgona refletida nele para protegê-lo em seu vôo poético. Ele leva o saco para Tartesso, a colônia egéia em Guadalquivir, de onde os milésios, provavelmente, o levariam para a Irlanda. Gades, atualmente Cádiz, principal cidade da Tartéssida, foi fundada, segundo o historiador Veleyo Patérculo, contemporâneo de Augusto, no ano 1100 a.C. treze anos antes da fundação de Útica, no Norte da África. O vôo de Perseu estava representado nas incrustações de ouro e prata no escudo de Héracles, descrito de modo tão extravagante por Hesíodo, que o situa em meio a uma cena das Musas, cantando ao som de lira perto de um mar cheio de golfinhos, e outra que mostra as Três Parcas em pé do lado de fora de uma populosa cidade com sete pórticos. Se esta cidade for sua própria Tebas de sete portas, então o ícone que Hesíodo leu, erroneamente, é uma variante beócia do mito de Hermes (Mercúrio) e o herói junto do saco do alfabeto e das górgonas era Cadmo, o tebano.

Hermes chegou são e salvo em Tartesso, a julgar por uma observação cifrada de Pausânias (I, 35, 8) segundo a qual "existe em Gades uma árvore que assume diversas formas", o que parece uma alusão ao alfabeto das árvores. Gades (Cádiz) situa-se em Leão, uma ilha da Tartéssida; os vestígios mais antigos da cidade jazem na costa ocidental e incluem um famoso templo de Cronos mencionado por Estrabão. É provável que a ilha tivesse sido, em alguma época, como Faros, tanto um local de sepultamento quanto um entreposto comercial. Ferécides suspeitava que se tratasse da "ilha Vermelha" original, Erítia, onde governava Gerião, gigante de três corpos. Contudo, esta hipótese se fundava no insuficiente argumento de que lá o pasto era muito rico e que Héracles tinha um antigo santuário na costa oriental. Pausânias (X, 4, 6) registra a lenda, mais plausível, de que Leão era originariamente posse do gigante Títio, que, como será visto no Capítulo 16, era, na verdade, Cronos — o deus do dedo médio, ou dedo-do-tolo, que Zeus confinou ao Tártaro. (O Títio morto por Héracles e aquele morto por Zeus são o mesmo.)

O santuário de Héracles parece ter sido erigido pelos colonos de 1100 a.C., cerca de quatrocentos anos antes que colonos fenícios lá chegassem vindos de Tiro, depois de receberem instruções de um oráculo para se estabelecer perto das Colunas de Héracles. Subseqüentemente, os fenícios adoraram Cronos como Moloc e Héracles como Melkarth. Estrabão cita Posidônio para sustentar que as Colunas de Héracles não eram, como vulgarmente se supunha, os dois rochedos de Gibraltar e Ceuta, mas dois pilares eretos diante de seu santuário. Sugeri em meu livro *King Jesus* (Capítulo 16) que tais colunas estavam coligadas com o segredo do alfabeto pelasgo. Assim, é provável que o Héracles pré-fenício de Tartesso fosse Palamedes ou o deus Ogmios, que tinha pele de leão, a quem os irlandeses atribuíam a invenção do alfabeto que eles "tinham trazido da Espanha" e quem Gwion, em sua elegia sobre "Ercwlf" (Héracles), celebrava como um plantador de pilares alfabéticos. No período clássico os habitantes da Terássida ficaram famosos pelo respeito que tinham pelos anciãos; e Ogmios, segundo Luciano, era representado como um Héracles idoso. Que as Górgonas viviam num bosque em Tartesso só pode significar que elas tinham um alfabeto secreto para guardar. Este Héracles ogmiano era também adorado pelos latinos dos primórdios. O rei Juba II, da Mauritânia, que era também *duumvir* honorário de Cádiz, é citado por Plutarco (*Questões romanas,* 59) como sua fonte autorizada para afirmar que, certa feita, Héracles e as Musas compartilharam um altar porque ele ensinara o alfabeto ao povo de Evandro. Isto concorda tanto com o relato de Higino sobre como Carmenta, a Tríplice Musa, instruiu Evandro, quanto com a narrativa de Dioniso Periergetes sobre como ela "deu oráculos a Héracles".

Isidoro, arcebispo de Sevilha, que morreu em 636, escreveu um trabalho enciclopédico chamado *Vinte livros relativos às origens ou etimologias*, baseado num vasto estudo, ainda que pouco crítico, das literaturas pagã e cristã, mas que consiste no mais valioso repositório existente sobre a tradição ibérica. Este bispo não apresenta Palamedes ou Héracles, Ogma, Hermes ou Cadmo, como o benfeitor originário, mas a própria Deusa e cita a Grécia como o lugar de origem:

> *Aegyptiorum litteras Isis regina, Inachis* (sic) *regis filia, de Graecia veniens in Aegyptum repperit et Aegyptis tradidit.*
>
> A rainha Ísis, filha do rei Ínaco, quando veio da Grécia para o Egito trouxe consigo as letras e deu-as aos egípcios.
>
> *Originum I*, iii (4-10)

Ínaco, um deus-rio e legendário rei de Argos, era pai tanto da deusa Io, que se tornou Ísis, ao chegar ao Egito, quanto do herói Foroneu, fundador da raça pelasga, que já foi identificado com o deus Bran, aliás Cronos. Isidoro era um compatriota de Higino (que relatou a lenda do retorno de Hermes do Egito para a Grécia, trazendo o alfabeto pelasgo). Ele diferencia o dito alfabeto egípcio, ao mesmo tempo, das escritas hieroglífica e demótica, atribuindo aos fenícios a invenção do alfabeto grego comum.

O material de que era feito o saco de Hermes constitui uma indagação cuja resposta pode ser encontrada no mito paralelo de Manannan, filho de Lyr, um herói solar gaélico, predecessor de Fionn e Cuchulain, que transportou os Tesouros do Mar (isto é, o alfabeto secreto dos Povos do Mar) num saco feito com pele de grou. Para isto também colabora o mito de Mider, uma divindade gaélica do mundo subterrâneo, correspondente ao britânico Arawn ("Eloqüência"), rei de Annwm, que vivia num castelo na ilha de Man, que pertencia a Manannan com três grous à porta que tinham o dever de espantar os viajantes grugrulhando: "Não entrem! — Mantenham distância! — Passem direto!" O saco de Perseu deve ter sido feito de grou, pois este era o animal consagrado a Atená e a Ártemis, sua equivalente em Éfeso, além de ter sido fonte de inspiração para que Hermes inventasse as letras. As Górgonas voadoras, assim, são grous com a face da Górgona,[2] responsáveis pela guarda do segredo do saco de grou, ele próprio protegido pela cabeça de uma Górgona. Ignora-se como fosse, exatamente, a Dança do Grou, que, segundo Plutarco, Teseu introduziu em Delos, exceto que se realizava em torno de um altar com chifres e que representava os círculos que se enroscavam e desenroscavam no Labirinto. Meu palpite é que ela imitava a dança de acasalamento dos grous cortejadores e que cada movimento consistia em nove passos seguidos de um pulo. Conforme diz Polwart, em seu poema de 1605, *Flyting with Montgomery*:

The crane must aye
Take nine steps ere shee flie.

O grou deve sempre
dar nove passos antes de voar.

Os nove passos comprovam sua consagração à Tríplice Deusa; e o mesmo faz seu pescoço de penas brancas e pretas com a pele avermelhada aparecendo ou (no caso dos grous da Numídia ou das ilhas Baleares) com barbela vermelha. Os grous fazem sua espetacular migração do trópico de Câncer ao círculo polar Ártico e de retorno, duas vezes por ano, voando numa formação em "V", em ruidosa grugrulhada a enormes alturas; e isto deve tê-los ligado ao culto hiperbóreo como mensageiros voadores para o outro mundo que jaz atrás do vento Norte. No entanto, Tot, inventor dos hieróglifos, era simbolizado pelo íbis, outro pernalta também consagrada à lua; e os gregos identificaram Tot a Hermes, condutor de almas e mensageiro dos deuses, a quem Ferecides se dirigia como "aquele com a forma de íbis". Assim, Hermes recebeu o crédito de haver criado o alfabeto depois de ter observado o vôo dos grous, os quais herdaram os atributos literários do íbis, que não visitava a Grécia.

[2] E provavelmente também com seios conforme aparece num selo do Período Minóico Médio, oriundo de Zakros e publicado na obra *Palace of Minos*, de *sir* Arthur Evans.

Uma peculiaridade dos pernaltas como os grous e as garças está no fato de eles, depois de terem pescado, num rio, certo número de peixes pequenos para levar aos filhotes no ninho, os arranjam, nas margens, pelas caudas juntas em forma de roda, o que era antigamente um símbolo do sol e da vida do rei. Este fato deve ter deixado atônitos os antigos, tanto quanto me surpreendeu, na infância, quando observei uma garça fazendo isso no rio Nantcoll, no Norte do País de Gales. Contudo, os naturalistas explicam o arranjo de modo meramente utilitário, dizendo que, assim, os peixes ficam mais fáceis de serem apanhados e levados para casa. Na antiga Irlanda, a associação do grou com segredos literários é sugerida pelo augúrio dado por seu aparecimento repentino: uma cessação de guerra, pois uma das principais funções do poeta era apartar os combatentes, ficando ele próprio neutro na batalha. Na Grécia, o grou era associado aos poetas, e não apenas na história da transformação de Apolo em "um grou, um pássaro da Trácia" — significando o grou de barbela vermelha da Numídia que visitava o norte do mar Egeu —, mas, também, na história de Íbico, poeta erótico grego do século VI a.C., que, tendo passado a melhor parte de sua vida na ilha de Samos, foi, um dia, atacado por bandidos num local ermo perto de Corinto e ferido mortalmente. Ele conclamou um bando de grous que passava voando para que vingassem sua morte e, logo depois, os grous esvoaçaram sobre as cabeças da platéia num teatro ao ar livre de Corinto; foi quando um dos assassinos, que estava presente, exclamou: "Vejam, os vingadores de Íbico!" Ele foi preso e confessou tudo.

É hora de fazer um resumo do argumento histórico. Antes da guerra de Tróia, era de uso corrente no Peloponeso um alfabeto grego que consistia em treze consoantes e, posteriormente, em quinze, além de cinco vogais, consagradas à Deusa. Tais letras, em última instância, vinham de Creta. Foram levadas ao Egito — embora, talvez, apenas ao porto de Faros — e lá adaptadas ao uso semita pelos mercadores fenícios que as levaram de volta para a Grécia, alguns séculos depois, quando os dóricos já tinham quase inteiramente destruído a cultura minóica. Os caracteres com seus nomes semitas foram, então, adaptados ao já existente sistema de Epicarmo, contido nos caracteres ditos pelasgos e, normalmente, chamados de cadmeus, talvez por terem uso corrente na região de Cadméia, na Boécia. Mais tarde, Simônides, um devoto de Dioniso, modificou o alfabeto cadmeu segundo algumas obscuras teorias religiosas.

Este é um relato plausível. A história do alfabeto grego veio à luz nos últimos anos. Agora se sabe que teve origem em hieróglifos cretenses, os quais, no período tardio da era minóica, foram reduzidos a meios-termos entre um alfabeto e um silabário de 54 sinais: apenas quatro a mais do que o sistema sânscrito, cuja invenção é atribuída à deusa Kali, correspondendo cada uma das letras a um crânio de seu colar. Os micenos tomaram de empréstimo esse sistema cretense e fizeram o melhor que puderam para adaptá-lo às necessidades dos gregos. Em 1953, Ventris e Chadwick decifraram juntos a Inscrição Linear Micênica

B (1450-1400 a.C.), que contém 88 diferentes sinais fonéticos. Pouco antes, fora também introduzido, em formas ainda mais pesadas, em Chipre, na Cária e na Lícia. (Na *Ilíada,* VI, 168 ff., cita-se a história de como Belerofonte deixou Argos e entregou ao rei dos lícios uma tábua coberta de sinais.) Do século XVI a.C. em diante, foram feitas três ou quatro tentativas para simplificar os inúmeros silabários em uso corrente na época por todo o Oriente Próximo em alfabetos puros. A mais bem-sucedida delas foi a fenícia, da qual derivam os caracteres gregos "cadmeus". Até o século XII a.C., os príncipes semitas da Síria escreviam, em cuneiforme assírio, sua correspondência com os faraós do Egito; contudo, bem antes disto, os mercadores vinham usando o alfabeto fenício. Deste sistema, um terço dos caracteres fora tomado de empréstimo da escrita cretense — embora se ignore se o foi diretamente de Creta ou, indiretamente, através da Grécia ou da Ásia Menor — e o resto veio dos hieróglifos egípcios.

Nada há que demonstre terem os fenícios inventado o princípio de reduzir o silabário a letras. De acordo com o livro *Aegean Civilization*, do professor Eustace Glotz, os nomes dos ditos caracteres fenícios não constituem nomes semitas, porquanto os objetos representados pelos hieróglifos egípcios que correspondem àqueles não podem ser explicados em termos de nenhuma língua semita, enquanto suas formas são claramente derivadas da escrita linear cretense. Os semitas, embora bons comerciantes, não eram um povo inventivo e, por isso, os inexplicáveis nomes das letras são provavelmente gregos. Os daneses gregos, com toda probabilidade, simplificaram o silabário cretense num alfabeto sagrado e o passaram aos fenícios — embora confiando-lhes, apenas, as abreviações dos nomes das letras e alterando sua ordem, de modo a não transmitirem a fórmula religiosa secreta que expressavam. A mais antiga inscrição fenícia está num caco de cerâmica achado em Bet-Sames, na Palestina, datado do século XVI a.C. Os alfabetos palaio-sinaítico e *ras-shamra* podem ter sido compostos por incentivo do fenício, só que eram baseados na escrita cuneiforme, e não na cretense, tampouco nos hieróglifos do Egito. Os egípcios estavam trabalhando na elaboração de um alfabeto, em concorrência com os cretenses; no entanto, é difícil afirmar quem primeiro terminou a tarefa; provavelmente foram os egípcios.

Ora, é notável o fato de que os nomes de diversas letras do alfabeto irlandês Beth-Luis-Nion corresponda, mais exatamente, a seus equivalentes no alfabeto hebraico, que é fenício na origem, do que a seus correspondentes do grego clássico.

Grego	*Hebraico*	*Irlandês*
alpha	aleph	ailm (pronunciado "alev")
iota	iod	idho (originariamente "ioda")
rho	resh	ruis
beta	beth	beith
nu	nun	nion ou nin
eta	heth	eadha ("dh" pronunciado "th")
mu	mim	muin
o(micron)	ain	onn

Por outro lado, as letras gregas que restam correspondem bastante de perto às suas equivalentes hebraicas, enquanto as irlandesas são inteiramente diferentes.

Grego	*Hebraico*	*Irlandês*
lambda	lamed	luis
delta	daleth	duir
gamma	gimmel	gort
tau	tav	tinne
sigma	samech	saille
zeta	tzaddi	straif
kappa	koph	quert

Parece que o alfabeto irlandês se formou antes do grego clássico e que o nome de suas letras corresponde àqueles do alfabeto de Epicarmo que Evandro levou para a Itália, da Grécia dos daneses. Pode ter até guardado a ordem originária das letras.

Uma antiga tradição irlandesa, que reforça a invenção do alfabeto *ogham* por Ogma da Face de Sol, é citada na obra de Keating, *History of Ireland*:

> Feniusa Farsa, um neto de Magog e rei da Cítia, desejoso de dominar as 72 línguas criadas com a confusão de Babel, enviou 72 pessoas para aprendê-las. Ele fundou em Magh Seanair, perto de Atenas, uma universidade, presidida por ele, por Gadel e por Caoith. Estes formaram as letras gregas, latinas e hebraicas. Gadel classificou o irlandês (gaélico) em cinco dialetos: o feniano, para os soldados; o poético e o histórico, respectivamente, para os senescais e para os bardos; o médico para os curadores e o idioma comum para o vulgo.

Embora a uma primeira vista se trate de uma história absurda, elaborada a partir de fragmentos da tradição monástica (como a miraculosa tradução das sagradas escrituras hebraicas por 72 sábios, cada um dos quais teria trabalhado

separadamente durante 72 dias na ilha de Faros, e todos teriam chegado a uma mesma e idêntica versão), de quanto mais perto ela seja examinada, mais interessante se mostra. "Magh Seanair, perto de Atenas" sugere que a menção a Babel teria levado algum monge a emendar um texto obscuro, fazendo com que o evento tivesse ocorrido em Magh Seanair, "planície de Shinar", na Mesopotâmia, e presumindo que houvesse outra Atenas nas proximidades. Em *The Hearings of the Scholars*, insiste-se no fato de ter o alfabeto sido inventado na Grécia (Acaia), embora, em alguns manuscritos, Acaia tenha se corrompido em "Acad" e, noutros, em "Dácia", além de que todo o relato sofre uma profunda torção monacal. O original, penso eu, era "Magnésia, perto de Atenas", significando Magnésia, no Sul da Tessália. Foi definida como "perto de Atenas" para distingui-la de outras "Magnésias" pelasgas — uma na Cária, no rio Meandro, e outra na Lídia, no Hermo, relacionada com o mito do Titã Tício, de onde, nos tempos arcaicos, Héracles enviara um grupo de colonos para Gades, na Espanha. As três pessoas na história, Gadel, Caoith e Feniusa Farsa, são reconhecíveis numa tradução grega. Caoith é Coieus, o avô hiperbóreo do Apolo délfico; gadel é uma tribo das margens do rio Gadilum, ou Gazelle, na Paflagônia, de onde o aqueu Pélops começou suas viagens; Feniusa Farsa é *Foeneus ho Farsas* ("o homem-videira que une"), ou Feneu, pai de Atalanta, o primeiro homem a plantar uma vinha na Grécia. Segundo a mitologia grega, este Feneu, ou Eneu, quando perde o digama inicial, era filho de Aegyptos e vinha da Arábia, o que talvez signifique o Sul da Judéia; exatamente o mesmo relato feito pelos bardos irlandeses sobre Feniusa Farsa, que "foi exilado do Egito porque se recusara a perseguir os filhos de Israel", vagou pelo deserto durante 42 anos e, depois, foi para o Norte, até "os altares dos filisteus junto do lago dos salgueiros" — presumivelmente Hebron, no Sul da Judéia, famoso por seus lagos piscosos e altares de pedra —, e daí foi para a Síria, depois do que aparece na Grécia. A rainha de Feneu era Altéia, a deusa do nascimento, ligada a Dioniso. Para completar, sabe-se que *foinos*, vinho, é uma palavra de origem cretense.

Por que Feniusa Farsa — que era um ancestral dos milésios irlandeses — é descrito como cita, neto de Magog e fundador da raça dos milésios? Gog e Magog são nomes intimamente ligados. "Gogmagog", Gog, o filho de Gog — era o nome do gigante de quem se diz que "Brut, o troiano" derrotou em Totnes, no Devonshire, quando de sua invasão da Grã-Bretanha no término do segundo milênio a.C. Mas de onde se originava Gog mac Gog? A resposta encontra-se em Gênesis 10, 2, onde Magog é descrito como um filho de Jafé (que figura em mito grego como Jápeto, o Titã, pai, junto com a deusa Ásia, de Atlas, Prometeu e Epimeteu) e irmão de Gomer, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras — que normalmente se concorda que foram os cimérios, os medas, os jônios, tibarenianos, mosquianos e tirrenos. Os mosquianos e os tibarenianos que trabalhavam o ferro eram tribos da região Sudeste do mar Negro; a tribo errante dos cimérios do mar Negro transformou-se com o passar do tempo nos cimbros; os jônios figuravam como gregos nos tempos históricos, porém, talvez, fossem migrantes egeus

que entraram na Grécia oriundos da Fenícia; os tirrenos eram uma tribo egéia, e alguns membros dela emigraram da Lídia para a Etrúria, outros para Tarso (a cidade de são Paulo) e para Tartesso, na Espanha; os medas pretendiam descender da deusa pelasga Medéia. Com Gog, identifica-se a tribo setentrional dos Gagi, mencionada numa inscrição de Amenhotep III; e "Gogarene", na época de Estrabão, era o nome de uma parte da Armênia situada a leste do território dos mosquianos e dos tirrenos. O avô de Magog era Noé, e o monte Ararat situava-se na Armênia, razão pela qual se opina que Magog representa a Armênia, embora Flávio Josefo interprete a palavra como significando "os citas", que eram uma denominação genérica para todas as tribos que, na época, habitavam as cercanias do mar Negro. O "rei Gog de Meshech e Tubal", mencionado em Ezequiel 38, 17,[3] atualmente é identificado com Mitrídates VI do Ponto, cujo reino incluía o país dos mosquianos e dos tibarenianos.

A história de Feneu está relacionada com certas emigrações em massa de Canaã. Existe uma referência aos cananeus no mito grego de "Agenor ou Chnas, rei da Fenícia", irmão de Pelasgo, Iaso e Belo e pai de Egito e Dânao; Agenor invadiu a Grécia e tornou-se rei de Argos. É provável ter sido esta a invasão que mandou os *Tuatha dé Danaan* para fora da Grécia. Agenor tinha outros filho, ou tribos afiliadas, além de Feneu, Egito e Dânao. Estes eram Cadmo (palavra semita que significa "oriundo do Leste"), que se apossou de parte do que mais tarde se tornou a Beócia; Cílix, que deu nome à Cilícia; Fênix, que permaneceu na Fenícia e que se semitizou por completo; Tasos, que emigrou para a ilha de Taso, perto de Samotrácia, e Fineu, que emigrou para Tínia, perto de Constantinopla, onde se conta que os Argonautas o encontraram prisioneiro das Harpias. Os amoreus, parte dos quais viviam na Judéia, também eram cananeus, segundo o capítulo 10 do Livro do Gênesis, e, na época dos profetas hebreus, conservavam os antigos hábitos egeus, como a Festa dos Camundongos, a crucifixão dos reis, o oráculo pelas serpentes, a confecção de bolos de cevada em honra da deusa dos céus e a prostituição pré-matrimonial, embora tivessem sido semitizados, anteriormente, no que concerne à linguagem. No Gênesis, descreve-se o antigo Império cananeu como indo até o extremo sul do mar Morto, região de Sodoma e Gomorra. Esta deve ser uma lenda bastante antiga, pois, segundo o capítulo 14 do Livro do Gênesis, os cananeus foram expulsos da parte sul de seu território pelos elamitas — numa invasão que pode ser datada por volta de 2300 a.C.

O sentido histórico do mito de Agenor consiste em que, no final do terceiro milênio, uma confederação de tribos indo-européias — parte da enorme horda oriunda da Ásia Central que cobriu toda a Ásia Menor, a Grécia, a Itália e o Norte da Mesopotâmia — que desceu marchando da Armênia sobre a Síria e, daí, sobre Canaã, reunindo aliados pelo caminho. Algumas dessas tribos, cujos che-

[3] A versão em português da Bíblia de Jerusalém não registra "Meshech", mas sim a forma "Mosoc". (N. T.)

fes eram chamados pelos egípcios de hicsos, invadiram o Egito por volta de 1800 a.C. e foram, com dificuldade, expulsos dois séculos mais tarde. O fluxo e refluxo desse gigantesco movimento de tribos, que foi complicado pelas invasões semitas através do Jordão, deslocou da Síria, de Canaã e do Delta do Nilo inúmeros povos que adoravam a Grande Deusa sob títulos tais como Belili ou Baalith, Dânae e Fenissa, a Sanguinária. Um grupo, cujo principal símbolo religioso era a videira, marchou ou navegou ao longo da costa sul da Ásia Menor, parando um pouco em Mílias, antigo nome da Lícia; invadiu a Grécia, pouco antes que lá chegassem os aqueus indo-europeus vindos do Norte; finalmente, ocupou Argos, no Peloponeso, principal santuário de Io, a deusa-lua de chifres. A invasão cadméia ocorreu posteriormente: parece que uma tribo cananéia, no início, conhecida como os cadmeus, ou seja, orientais, tinha ocupado o montanhoso distrito na fronteira da Jônia e da Cária, a qual denominou de Cadméia. Daí atravessou o Egeu e tomou a faixa de terra voltada para a Eubéia, excelente para uma base naval e que passou a ser chamada de Cadméia.

No mito irlandês, Caoith é descrito como hebreu. Isto deve ser um erro: ele não era um dos *hapiru*, como os egípcios chamavam os hebreus, mas, muito provável, pelasgo e representante da bem conhecida classe sacerdotal da Samotrácia, os cabiros. O mito parece, assim, referir-se a um acordo sobre o uso comum das letras celebrado em Magnésia, na era micênica, pelos aqueus invasores da Grécia, representados por Gadel; pelos invasores cananeus, simbolizados por Feniusa Farsa, e pelos pelasgos nativos da Grécia, liderados por Caoith — tendo todos eles se reunido numa reverência comum pela videira. O número 72 sugere uma religião de mistérios unida pelo alfabeto. Trata-se de um número intimamente ligado tanto ao Beth-Luis-Nion quanto ao Boibel-Lot, estando associado, em ambos os casos, com o número cinco (o número de dialetos).

Mas isto não é tudo: a escola mais famosa da Antiguidade grega era a do Centauro Quirão, nas encostas do monte Pelião, na Magnésia. Dentre seus alunos estavam Aquiles, o Mírmidon, filho de Tétis, a deusa do mar; Jasão, o Argonauta; Héracles e todos os demais heróis destacados da geração anterior à guerra de Tróia. O Centauro era famoso por sua habilidade na caça, na medicina, na música, na ginástica e na arte divinatória, tendo Apolo e Ártemis sido seus instrutores; foi morto, num acidente, por Héracles, e tornou-se o Arqueiro do Zodíaco grego (Sagitário). Tratava-se, evidentemente, do herdeiro, tanto da cultura cretense que entrara na Tessália, pelo bem protegido porto de Iolcos, quanto da cultura independente da Hélade. Quirão foi cognominado de "O Filho de Cronos".

Talvez possamos estabelecer aqui outra identificação: de Feniusa Farsa com Anfíction, o fundador da Liga Anfictiônica ou Liga dos Vizinhos. A Magnésia era membro dessa antiga federação de doze tribos — das quais Atenas era a mais poderosa —, cujos representantes encontravam-se todo outono em Antela, perto do desfiladeiro das Termópilas, e toda primavera em Delfos. "Anfíction" era um filho de Deucalião ("vinho doce") cuja mãe era Pasífae, a deusa-lua de

Creta, e de Pirro ("o Vermelho"), o Noé grego e sua esposa. Foi ele "o primeiro homem a misturar o vinho com água." De modo característico, casou-se com a herdeira da Ática, Crânae — já mencionada como sendo um aspecto da Deusa Branca —, expulsou seu predecessor e erigiu altares ao Dioniso fálico e às ninfas. Sabemos que Anfíction não era seu nome verdadeiro, pois a liga foi, efetivamente, fundada em honra da deusa da cevada, Deméter, ou Dânae, na sua natureza de Chefe dos Vizinhos ("anfictionia") e os sacrifícios nos encontros de outono eram feitos em sua homenagem. Contudo, negar às mulheres o crédito de alguma invenção ou da instituição de algo importante era um costume usual na Grécia clássica da mesma forma que na Grã-Bretanha e na Irlanda clássicas. Assim, "Anfíction" era o substitutivo masculino de Anfictionia, do mesmo modo que "Don, rei de Dublin e de Lochlin" o era da deusa irlandesa Danu; e, conforme creio, da mesma maneira que o gigante Samothes, que deu à Grã-Bretanha sua primitiva designação de "Samothea", era o substitutivo masculino da Deusa Branca *Samothea*. Samothes recebeu tal crédito por parte dos primeiros historiadores britânicos, que citavam o babilônico Berosso pela invenção das letras, da astronomia e de outras ciências normalmente atribuídas à Deusa Branca. E como "anfíction" significa "colocou junto" os diversos estados e era um homem-videira, podemos chamá-lo "Feneu" ou "Dioniso".

O mais antigo relato grego preservado sobre a criação da videira constitui aquele registrado por Pausânias (X, 38): no tempo de Oresteu, filho de Deucalião, uma cadela branca pariu uma estaca, que ele plantou e que se transformou numa videira. Obviamente a cadela branca era, outra vez, a Tríplice Deusa: Anfictiônia. Da Liga Anfictiônica, oito tribos eram pelasgas e, segundo Estrabão, Galímaco e o comentador de *Orestes*, de Eurípides, fora originalmente regulamentada por Acrísio, avô de Perseu. Porém, na época clássica a composição da Liga era datada como remontando ao ano 1103 a.C. e como incluindo os aqueus de Ftiótida, que não participavam dela nos tempos de Acrísio. A conclusão que se tira é que quatro tribos pelasgas foram expulsas por sucessivas invasões gregas.

São Paulo citou um provérbio grego: "Todos os cretenses são mentirosos." Eles e os poetas eram considerados mentirosos pelo mesmo motivo: por terem um modo diferente de contemplar as coisas. Particularmente porque não se deixavam comover pela propaganda olímpica que, durante o milênio anterior, ou quase isto, havia insistido sobre Zeus, um pai eterno, onipotente e justo, que, a poder de seus raios, expulsara todos os antigos deuses cruéis e, para sempre, estabelecera seu trono radiante no monte Olimpo. Os verdadeiros cretenses diziam: "Zeus está morto. Seu túmulo pode ser visitado numa de nossas montanhas." Isto não era falado com amargor. Tudo que queriam dizer era que, muito tempo antes que Zeus se tornasse, na Grécia, um deus eterno e onipotente, fora um simples rei-Sol ao estilo antigo, anualmente sacrificado, um servo da Grande Deusa, e que seus restos eram habitualmente enterrados numa tumba no monte Jucta. Eles não eram mentirosos. Não havia nenhum deus-pai na

Creta minóica, e seu relato coincide com as descobertas arqueológicas recentemente feitas na citada montanha. Os pelasgos de Leros tinham reputação bastante semelhante à dos cretenses; contudo, parece ter sido ainda mais fortemente apegados à antiga tradição, a julgar pelo epigrama grego: "Os lerianos são todos maus, não apenas alguns dos lerianos, mas cada um deles — todos, a exceção, é claro, de Proclo, que também era de Leros."

Os primeiros historiadores da Irlanda e do País de Gales também são, geralmente, considerados mentirosos, porque seus relatos arcaicos são datados segundo um desconfortável passado e não coincidem com as datas convencionais bíblicas nem com a teimosa teoria de que, antes dos romanos, os habitantes de todas as ilhas britânicas eram selvagens berrantes, desprovidos de qualquer arte ou literatura nativas e que tinham o costume de pintar-se de azul. Os pictos e os bretões se tatuavam, certamente, como os dácios, os trácios e os mosianos faziam, com marcas pictóricas. O fato de empregarem o ísates com este fito comprova uma cultura avançada, pois a extração do anil dessa planta, conforme praticavam os antigos irlandeses, era um complicado processo químico. A cor azul talvez os santificasse diante da deusa Anu.[4] Não pretendo negar que tais relatos tenham sofrido grande número de edições descuidadas, piedosas ou desonestas a cada estágio do desenvolvimento religioso. Mas pelo menos elas parecem tão confiáveis quanto os relatos gregos equivalentes e, certamente, bem mais fidedignas do que as hebraicas — pelo simples fato de ter a Irlanda antiga sofrido menos com as guerras do que a Grécia ou a Palestina. Considerar o irlandês e o galense como crianças incoerentes traz uma grande vantagem: livra o historiador de qualquer obrigação de acrescentar a seus numerosos e variegados estudos o gaélico arcaico e o galês antigo.

Na civilização moderna, o local quase único onde um estudioso pode estudar à vontade se reduz a uma universidade. Mas nessas instituições é preciso que se tenha muito cuidado para não errar o passo com seus colegas e, especialmente, para não publicar nenhuma teoria heterodoxa. As opiniões ortodoxas são, em geral, baseadas numa conveniente teoria política e moral, originalmente refinada sob o olimpianismo, dom singularmente maior do paganismo ao cristianismo. E não só ao cristianismo. Há 25 anos, quando eu era professor de literatura inglesa na Real Universidade Egípcia do Cairo, um colega meu, um cego professor de literatura árabe, foi bastante imprudente ao sugerir, numa de

[4] Parece ter sido em honra dela, enquanto deusa do céu azul-escuro da noite e do mar azul-marinho, que as matronas e jovens da Grã-Bretanha, segundo Plínio, pintavam todo o corpo com anil para "certos ritos", até que ficassem tão escuras quanto as etíopes; era quando saíam nuas a passear. Um episódio do texto medieval *Vida de são Ciaran* prova que, na Irlanda, a tinta do ísates era um mistério feminino proibido para todo e qualquer homem. Se isto era também a regra na Trácia e na região norte do Egeu, explicaria o desagradável cheiro que, segundo Apolodoro, exalava das mulheres de Lemnos e fazia com que os homens se afastassem da companhia delas, pois a extração e o uso desse corante produzem tal aca que as famílias do Lincolnshire que se dedicam a esta tarefa sempre foram obrigadas a casar entre elas próprias.

suas preleções, que o Corão continha algumas composições métricas anteriores a Maomé. Isto era blasfêmia e uma boa desculpa para que estudantes temerosos dos exames entrassem em greve. Assim, o reitor o chamou ao dever e ele teve de enfrentar o dilema entre perder o emprego ou retratar-se. Retratou-se. Nas universidades americanas do *Bible Belt*[5] ocorre o mesmo tipo de pressão: se algum professor incauto e jovem sugerir que, talvez, a baleia não tenha engolido Jonas e fundamenta sua visão citando as opiniões de eminentes nomes da história natural, acaba demitido no final do ano escolar ou, até mesmo, antes. Na Inglaterra, a situação não é assim tão ruim, apenas suficientemente má. *Sir* James Frazer conseguiu conservar seus belos aposentos no Trinity College, na Universidade de Cambridge, até sua morte, porque navegou, com cuidado e método, em torno de seu perigoso tema, como se fizesse o mapa costeiro de alguma ilha proibida, sem efetivamente comprometer-se com uma declaração a respeito de sua existência real. O que ele estava dizendo, sem dizer, era que a lenda, o dogma e o ritual cristãos constituem o refinamento de um grande corpo de crenças primitivas e bárbaras e que a peculiaridade do cristianismo quase que se resume à personalidade de Jesus. Pesquisas recentes que fiz sobre as origens cristãs, a história da revolução americana e a vida privada de Milton, três tópicos perigosos, deixaram-me atônito e assombrado. Quão calculistamente enganosos são os manuais escolares! O cão, o abibe e o corço, há muito tempo, estão a serviço dos novos Olímpicos.

Voltemos ao dr. Macalister, que não dá explicação para os alfabetos irlandeses de treze consoantes e presume que os druidas não tivessem alfabeto antes que formassem o BLFSN a partir do Formello-Cervetri. Ele não despreza a questão a respeito dos motivos pelos quais o nome comum a todos os alfabetos irlandeses era Beth-Luis-Nion — o que significa que a seqüência original começava com BLN e não BLF —, mas faz uma complicada afirmação para a qual não tem prova epigráfica. Ele sugere que os druidas do Sul da Gália escolheram da lista do Formello-Cervetri as seguintes letras:

B L N F S, M Z R G NG, H C Q D T, A E I O U

E foi este seu primeiro alfabeto, que durou tempo suficiente para dar seu nome ao alfabeto irlandês. Ele também sugere (sempre sem prova epigráfica) que um alfabeto intermediário fora idealizado por algum foneticista brilhante, na seguinte ordem:

B F S L N, M G NG Z R, H D T C Q, A O U E I

[5] Literalmente, "cinturão bíblico". Designa uma área no Sul dos Estados Unidos onde predomina uma interpretação literal da Bíblia. Por extensão, aplica-se ao fundamentalismo bíblico em geral. (N. T.)

E, posteriormente, estabeleceu-se a seguinte ordem (pelo menos na Irlanda):

BLFSN, HDTCQ, MGNGZR, AOUEI

Esta ordem foi acrescida de cinco "ditongos", como ele denomina de modo um tanto enganoso as alusivas combinações vogais que se referem às letras estrangeiras para as quais se encontraram os caracteres em cinco das seis letras suplementares do alfabeto Formello-Cervetri. Macalister não nega que Beth, Luis e Nion sejam nomes de árvores, mas sustenta apenas como equivalentes cifrados dos nomes das letras do Formello-Cervetri, o qual ele acha que devem ter guardado suas formas semitas originais até o século V a.C., tendo elas sido escolhidas meramente por terem uma inicial semelhante e sugere que *L, Luis*, a sorveira, pode muito bem ter sido o lariço.

Este argumento serviria se não fosse o fato de os druidas serem famosos por seus bosques sagrados e por seu culto das árvores e de a antiga seqüência das três letras ter tal importância religiosa que o posterior alfabeto BLFSN, com a errônea troca de lugar do *N*, nunca conseguiu apagar sua memória. O dr. Macalister pode ver o *ogham* das árvores Beth-Luis-Nion como uma "artificialidade"; contudo, as árvores nele estão colocadas numa ordem sazonal, que tem forte apoio mitológico, enquanto a seqüência original que ele postula não faz sentido algum depois das primeiras cinco letras, as quais conservam uma ordem aceita. De minha parte não posso acreditar em suas afirmações; o carvalho e o sabugueiro não podem mudar de lugar; não é fácil ignorar o provérbio latino de que "não é de *qualquer* árvore que se esculpe a estátua de Mercúrio (Hermes)"; só como piada é que se irá colher avelãs, *coll*, e pilrito, *uath*, numa manhã fria de geada.

Em algum momento, ao que parece no século V a.C., os *caracteres* do alfabeto Formello-Cervetri foram tomados de empréstimo pelos druidas do Sul da Gália com o propósito de registrar tudo que não estivesse protegido por um tabu e foram, depois, transferidos por eles à Grã-Bretanha e à Irlanda. As letras estrangeiras que aparecem no referido alfabeto foram acrescidas a um alfabeto secreto previamente existente, o Boibel-Loth, cujos nomes das letras formam uma fórmula mágica em honra ao Héracles canópico. Contudo, isto não prova que os druidas não tivessem antes um alfabeto começando por BLN, com nomes de letras inteiramente diferentes e relacionado ao mais bárbaro dos cultos religiosos comemorado em *A canção de Amergin* e conservado, como relíquia, numa série tradicional de árvores formada pela bétula, sorveira, freixo, amieiro, salgueiro etc. Ou então que a tradição histórica, da qual o dr. Macalister sorri com indulgência, de que as letras já eram conhecidas na Irlanda muitos séculos antes que o Formello-Cervetri tivesse sequer chegado à Itália, seja uma ficção tardia. Se conseguirmos demonstrar que o alfabeto BLFSN era um desenvolvimento lógico do alfabeto arbóreo BLNFS e pudermos ligá-lo a uma nova concepção reli-

giosa sem termos de inventar formas intermediárias para as quais não existem evidências literárias, então tudo fará sentido tanto poético quanto prosaico. A necessidade religiosa é sempre uma explicação muito mais plausível das mudanças num alfabeto do que uma teoria fonética, único fato a que o dr. Macalister atribui sua hipotética modificação na seqüência do Beth-Luis-Nion: pois todas as pessoas sadias, mentalmente de toda parte, fazem uma natural oposição às tentativas dos fonetistas acadêmicos para melhorar seu familiar ABC, base de toda instrução e a primeira coisa que se aprende na escola.

No entanto, não se há de encontrar a resposta a nossa pergunta em *A batalha das árvores*? O que distingue o BLFSN do BLNFS é o fato de a letra N, *nion*, o freixo, árvore consagrada ao deus Gwydion, ter sido retirada do período morto do ano quando ainda tem os brotos negros, e colocada dois meses adiante, quando já tem folhas, enquanto o *fearn*, o amiciro, árvore consagrada ao deus Bran, que marca o momento em que o ano solar escapa, enfim, à tutela da noite, migra para o antigo lugar de *nion*. O BLFSN constitui o troféu que Gwydion recebe por vencer Bran. E não parece tampouco estranho o fato de que, justamente poucos anos antes que *A batalha das árvores* fosse combatida na Grã-Bretanha e a letra *F* fosse rebaixada, os gregos tivessem desfechado um golpe mortal ao seu *F (o digama)*, permanecendo este, apenas, como sinal numérico para 6? Aconteceu mais do que isso quando se alterou a ordem das letras; o freixo de Gwydion, *N*, ocupou o local da quinta consoante, *saille*, o salgueiro, *S*, o qual era naturalmente consagrado a Hermes (Mercúrio) ou Arawn; e, a partir daí, Gwydion tornou-se uma divindade oracular. Também Amathaon, que fora, evidentemente, um deus-salgueiro, *S*, ocupou o lugar de Bran no *F* e tornou-se um deus do fogo a serviço de seu pai, Beli, deus da luz. Nesta reordenação geral, só restou para Bran apossar-se do freixo marítimo a que Gwydion tinha renunciado e zarpar para seu famoso périplo das 150 ilhas. Com efeito, a navegação não era uma novidade para ele: Virgílio nos transmite uma antiga tradição segundo a qual os primeiros barcos a enfrentar as águas foram troncos de amieiro.

Capítulo 14

O corço na moita

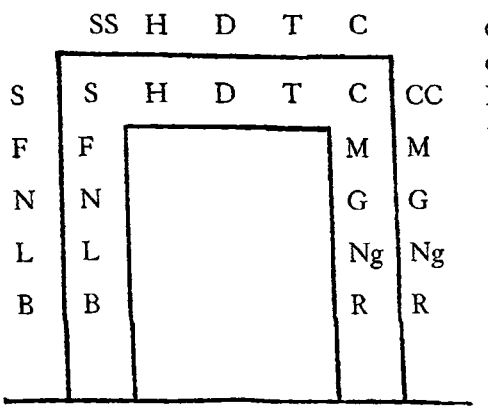
Merece uma explicação o fato de, no Beth-Luis-Nion de O'Flaherty e de O'Sullivan, se terem omitido árvores miticamente importantes, como *quert*, a macieira, e *straif*, o abrunheiro. Parece que a justificativa disto está em que, embora o Beth-Luis-Nion seja um calendário solar, pois expressa o curso do sol durante um ano, é governado pela Deusa-Lua Branca, cujo número sagrado é 13, quando se trata de expressar seu curso coincidente com o ano solar. Entretanto, é 15, à medida que se considere o fato de a lua cheia sempre cair no décimo quinto dia de cada lunação. Quinze é ainda o múltiplo de três e cinco: três expressa as três fases da Lua e os três aspectos da Deusa como moça, ninfa e velha; cinco exprime as cinco estações do ano, a saber: nascimento, iniciação, consumação, repouso e morte. Assim, por serem necessárias quinze letras para representar, simultaneamente, a Deusa como tríplice e como quíntupla, bem como para expressar os dias de um mês até a lua cheia, outrossim, considerando que só treze meses de 28 dias podem caber num ano, dois desses meses seriam correspondentes a duas árvores diversas.

Uma vez que a letra *Q* era, às vezes, grafada como *CC* pelos poetas irlandeses — como no alfabeto de O'Flaherty —, podemos concluir que o *Z* fosse escrito como *SS*, conforme era em latim durante grande parte do período republicano. Isto significa dizer que *quert*, a macieira silvestre, compartilhava do mês de *coll*, a aveleira, porque coincidem a colheita da maçã e a da avelã. E que *straif*, o abrunheiro, condividia o mês do *saille*, o salgueiro, porque a Deusa Branca precisa ter sua manifestação na forma de árvore durante a primavera — na França o abrunheiro é denominado "*La mère du bois*", ou seja, "A mãe do bosque".

O abrunheiro (*bellicum*, em latim) é uma árvore de má sorte. Os aldeões de Galmpton e Dittisham, no sul de Devon, temem ainda a "vara negra" usada como bengala pelas bruxas locais e que tinha o poder de provocar abortos e outros infortúnios. Quando o major Weir, presbiteriano por juramento solene e bruxo confesso, foi queimado em Edimburgo, em abril de 1670, junto com ele incinerou-se também um bastão de abrunheiro, tido como seu principal instrumento de feitiçaria. O abrunheiro é também a madeira tradicional com que os belicosos funileiros ambulantes irlandeses lutam durante as feiras (embora o *shillelagh* seja, ao contrário da crença popular, uma clava de carvalho), e as palavras inglesas *strife* (luta) e *strive* (lutar), derivadas do antigo falar do Norte da França *estrif* e *estriver*, podem bem ser a mesma palavra *straif*, derivada do bre-

tão; pelo menos não se sugeriu outra derivação mais plausível. Gilbert White ressalta em seu escrito *Selborne*: "O abrunheiro geralmente floresce quando sopram os ventos do Nordeste; de modo que o clima rude e desagradável que fustiga esta estação é chamado pelos camponeses de "inverno do abrunheiro". O abrunheiro também é chamado de *sloe* (abrunho), por causa de seu fruto; e, no inglês moderno, estão intimamente ligadas as palavras *sloe* e *slay* (*to slay* = matar, assassinar).[1] Como, às vezes, a Sexta-feira Santa cai neste mês, se disse que a coroa de espinhos foi feita de abrunho, sendo esta a explicação que os monges davam para que se a considerasse árvore de mau agouro. Conta-se ainda que o pilriteiro, árvore da castidade, destruirá qualquer abrunheiro que nasça perto dele.

É apropriado o fato de *quert* e *coll* partilharem o mesmo mês. A aveleira é a árvore do poeta, e o poder da maçã para salvar os poetas fica claro na mitologia galense de Sion Kent (da qual cito um verso no Capítulo 9), que o Príncipe dos Ares tentava seqüestrar· Kent conseguiu a permissão de, antes, "saborear uma maçã", e foi quando se viu apanhado pela macieira, um santuário do qual não podia ser retirado. Por isso, sendo muito pecador para os céus, porém livre do Inferno, ele perambula pela Terra como fogo-fátuo. Noutras palavras, garantiu sua imortalidade poética. *Quert* e *coll* são também associadas, no *Dinnschencas*, com o carvalho, o rei das árvores: a Grande Árvore de Mugna continha em si as virtudes da macieira, da aveleira e do carvalho, a cada ano dando colheita de excelentes maçãs, avelãs avermelhadas e bolotas com estrias: sua copa era ampla como a inteira planície, sua circunferência tinha 30 cúbitos e sua altura, 300." Ela tombou com o advento do cristianismo.

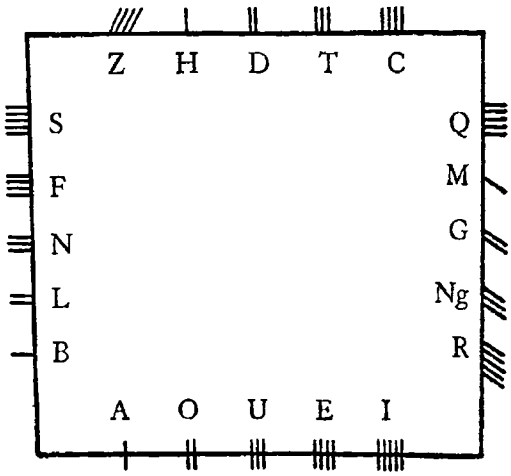


Em *A canção de Amergin* existe uma referência aos "segredos do dólmen não lavrado". Pode-se notar que há espaço para uma letra extra em cada canto do arco do dólmen, que construí para elucidar a referência: os *oghams* estão marcados nas quinas das pedras e não pintadas na face delas.

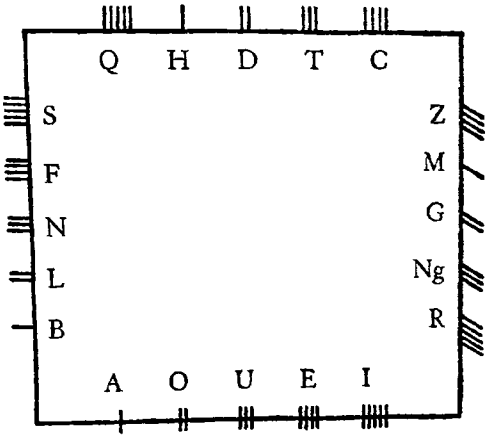
Será constatado que da sétima à décima primeira letras desse alfabeto, que observa a mesma seqüência do Boibel-Loth, estão as letras HDTCQ. Estas letras, conforme indicou *sir* John Rhys, formam as iniciais dos antigos numerais gaélicos de um a cinco: *a hoina*, *a duou*, *a ttri*, *a ccetuor*, *a qquenque*, que correspondem muito de

[1] É irresistível lembrar que, em português, o verbo "acabrunhar" significa abater, oprimir, afligir, atormentar. (N. T.)

perto aos numerais latinos *unum*, *duo*, *tres*, *quattuor*, *quinque*. Isto pode explicar por que os inventores do Boibel-Loth fizeram de HDTCQ as cinco letras centrais do alfabeto e transferiram o Z para uma posição entre o *NG* e o *R*. Ainda assim, a antiguidade dos numerais gaélicos sugere que, no alfabeto original dos dedos, o Beth-Luis-Nion, o primeiro grupo de consoantes — os meses da primavera — constava de apenas cinco e não seis para que HDTCQ pudesse formar a segunda série — a do verão — e, em conseqüência, o Z foi incluído na última série — a do inverno — como um premonitório "inverno do abrunheiro". Assim:



Cada série tem, desta forma, suas cinco letras completas, e a soma do número de traços em cada caso é quinze, como se vê a seguir:



Embora esta fosse uma ordenação lógica, exigida pelas iniciais dos primeiros cinco numerais em latim e no gaélico arcaico, um sentido de proporção matemática pedia que cada lado do dólmen tivesse uma única série talhada nele. Isto implicaria uma troca de lugares entre *Z* e *Q* para tornar macieira e salgueiro, aveleira e abrunheiro meses compartilhados. (Como se mostra anteriormente.)

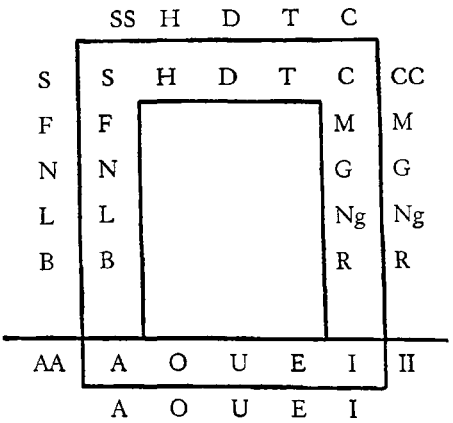
Esta ordenação tem um bom sentido sazonal, pois a maçã silvestre floresce durante o mês do salgueiro e o abrunho é colhido no mês da aveleira. Poeticamente também faz um bom sentido, pois a Deusa Branca da macieira, como introdutora do verão, é um augúrio mais feliz do que a Deusa Branca do abrunheiro. Este, que é hostil por causa do abrunho, que faz a boca se contrair, embora no mês da aveleira é complementar à maçã como representante da capacidade satírica do poeta. Acredito que estas duas ordenações foram feitas no alfabeto ogâmico para que se mantivesse a necessária ambivalência poética: é um axioma que a Deusa Branca é ao mesmo tempo adorável e cruel, ignóbil e afável.

Bem, há de se ter notado que duas posições de canto estão desocupadas na soleira do dólmen, o que representa o dia extra do calendário anual; e estes podem ser designados para *J* (pronunciado como *Y*) e para o *O* longo: o *Y* como duplicação do *I*, vogal da morte; o *O* como duplicação do A, vogal do nascimento. É sabido o fato de que apenas um único caractere servia tanto para o *J* quanto para o *I* no latim e no grego; e a íntima ligação entre o *O* (omega) e o *A* aparece tanto na Grécia jônica, quando o omega era freqüentemente empregado em lugar do *A* — *ōristos* em vez de *aristos* ("melhor") —, quanto na Grécia dórica quando o alfa era muitas vezes escrito no lugar do omega — como *prātistos* em vez de *prōtistos* ("primeiro").

O omega (literalmente, "grande O") parece significar o Ovo do Mundo dos mistérios órficos, que foi partido pelo demiurgo a fim de fazer o Universo: pois o caractere maiúsculo grego para omega representa o Ovo do Mundo pousado na bigorna e o caractere minúsculo mostra-o já partido em dois. O ômicron (literalmente, "pequeno O") maiúsculo e o minúsculo, ambos mostram o Ovo do Ano esperando para ser partido. O *glain* ou "ovo vermelho da serpente marinha", presente nos mistérios druidas, pode ser identificado com o Ovo do Mundo órfico: pois a criação do mundo, segundo os órficos, resulta do ato sexual realizado entre a Grande Deusa e Ofíon, a serpente-mundo. A própria Deusa tomou a forma de serpente para acasalar-se com Ofíon; e, por conseqüência, o acasalamento de serpentes na Grécia arcaica era uma visão proibida — o homem que testemunhasse algum desses atos acabava atingido pela "doença feminina": teria de viver, durante sete anos, como se fosse uma mulher, o mesmo castigo que foi imposto, de modo permanente, aos citas que saquearam o templo da Grande Deusa em Áscalon. O *caduceus* de Hermes, o bastão-insígnia de condutor de almas para o inferno, tinha a forma de cobras se acasalando. Depois, a Deusa pôs o Ovo do Mundo, que continha uma potencialidade infinita, mas que nada era em si até ser partido pelo Demiurgo. Este era Hélios, o Sol, com quem os órficos identificavam seu deus Apolo — tal fato parecia

natural pois, o sol choca os ovos das cobras — e o nascimento do mundo era anualmente celebrado no festival primaveril do Sol, ao qual a vogal ômicron está designada no alfabeto. Uma vez que o galo era a ave da ressurreição consagrado ao médico Asclépio, filho de Apolo, os ovos de galinha tomaram o lugar dos de serpentes nos mistérios druídicos tardios e foram pintados de vermelho em honra ao sol; e foi assim que acabaram se transformando nos ovos da Páscoa.

Contudo, o pequeno *O* não é o grande *O*. O omega deve ser visto como uma intensificação do alfa e como duplo símbolo de nascimento do nascimento. Assim fica, pois, a nova figura do dólmen:



E, por fim, podemos terminar nosso calendário Beth-Luis-Nion com a adequada árvore atribuída a cada letra — pois o duplo *I* ou *J*, letra-árvore, que designa o Dia da Libertação, mantido à parte dos 364 dias dos treze meses, é logo encontrado. Coloquem-se os requisitos de uma árvore em enigma bardo e só teremos uma única resposta:

The day that is no day calls for a tree
That is no tree, of low yet lofty growth.
When the pale queen of Autumn casts her leaves
My leaves are freshly tufted on her boughs.
When the wild apple drops her goodly fruit
My all-heal fruit hangs ripening on her boughs.
Look, the twin temple-posts of green and gold,
The overshadowing lintel stone of white.
For here with white and green and gold I shine —

Graft me upon the King when his sap rises
That I may bloom with him at the year's prime,
That I may blind him in his hour of joy.

O dia que não é dia uma árvore exige
Altiva, que árvore não seja e baixa cresça.
Quando a pálida Rainha do Outono as folhas perde,
As minhas, em frescos tufos, nos ramos dela, ficam.
Quando da macieira silvestre o fruto tomba,
O meu que tudo cura em seus galhos madura.
Vê os gêmeos pilares do templo verde e ouro,
A branca e ofuscadora pedra do dintel.
Pois aqui refuljo em branco, verde e ouro,
Enxerta-me no Rei quando sua seiva jorrar,
Para que possa com ele florescer no Ano-Novo,
Para que possa cegá-lo em sua hora de glória.

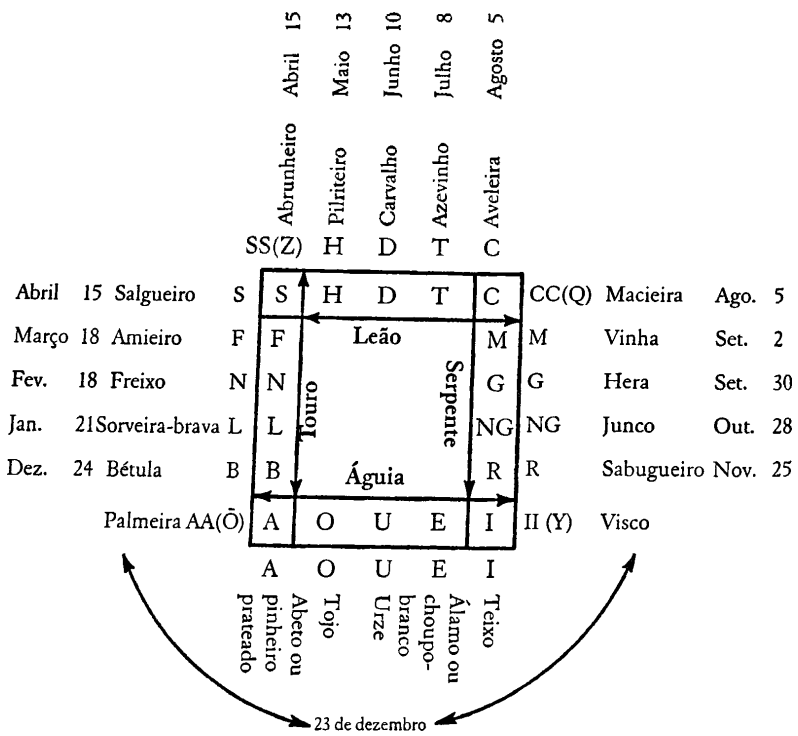
Com efeito, o visco, cujos frutinhos eram louvados antigamente como cura para todos os males e como afrodisíaco, não é uma árvore, pois não cresce do solo, mas sobrevive nas outras. Há dois tipos de visco, o visco propriamente dito e o loranto [da família das lorantáceas]. Os gregos os distinguiam, respectivamente, como *hypear* e *ixos* ou *ixias*. O loranto é encontrado na Europa Oriental, mas não na Ocidental e, diferentemente do visco, cresce nos carvalhos. Ela também cresce em tamargueiras e suas folhas cor de flama podem ter dado origem à "sarça ardente" na qual Iahweh apareceu a Moisés. Não é possível determinar se o loranto foi alguma vez nativo da Europa Ocidental, se os druidas celtas o levaram com eles da região do Danúbio, que foi onde sua religião recebeu sua formulação originária, ou se translocaram para seus carvalhos o visco propriamente dito do álamo, da macieira ou de outras hospedeiras. O mais provável é que o tenham enxertado, a julgar pela insistência do mito escandinavo, do visco do carvalho. Virgílio observa que o visco é a única árvore que mantém as folhas frescas no clima invernal. Suas cores são branco, verde e ouro, como os pilares e o dintel mostrados a Heródoto no antigo templo de Héracles em Tiro. No solstício de verão, na antiga Europa, o Olho do Ano era cegado com uma estaca de visco, pois todas as demais plantas (segundo lenda escandinava) se negavam a fazê-lo. A Igreja aceita atualmente o azevinho e a hera como respeitáveis ornamentos natalinos nos templos, mas proíbe o visco como sendo pagão. Entretanto, o visco não pode ser desalojado de sua soberania no solstício de inverno. A troca de beijos proibida em qualquer outra estação ainda é permitida debaixo de seus ramos, se neles houver frutinhos. Químicos tentaram, pela análise de seus alcalóides, descobrir por que motivo o visco mereceu a denominação de panacéia universal. Não conseguiram encontrar nenhuma virtude curativa, embora isto não constitua nenhuma prova definitiva de sua inutilidade medici-

nal. A camomila, por exemplo, tem propriedades medicinais, mas dela não se consegue extrair nenhum alcalóide. Raramente uma planta é premiada com virtude mística sem que tenha alguma propriedade benéfica para o homem. Contudo, o espetáculo contrastante das folhas verdes e dos frutos brancos com a árvore desnuda pode ter sido suficientemente singular para investir o visco de poderes sobrenaturais. Lembre-se ainda de que sua madeira é extremamente dura e resistente, além de que ele cresce muito lentamente; a lança de visco de Haedury, que feriu o gentil peito de Balder, na lenda, não era uma licença poética — certa feita, na Grã-Bretanha, cortei uma para mim.

Esse calendário explica a referência no *Preiddeu Annwm* de Gwion ao "touro com 140 nós em seu pescoço". O touro é a primeira série de cinco meses que formam 140 dias; seguem-se, provavelmente, um leão de 112 dias e uma serpente da mesma duração para justificar os textos de Eurípides já citados (no Capítulo 8) e o poeta galense Cynddelw — ambos pedindo ao deus do ano que aparecesse como touro selvagem, como leão que cospe fogo e como uma serpente de muitas cabeças. O grifo-águia deve ser a criatura do dia extra, uma vez que o deus se torna imortal sob esta forma. O ano formado do touro, do leão, da serpente e da águia é de origem babilônica: na Porta do Dragão, na Babilônia, existe uma besta-calendar chamada *Sir-rush*, que tem o corpo e os chifres de um touro; as patas dianteiras e a juba de um leão; a cabeça, escamas e a cauda de serpente; as patas traseiras e as garras de águia. O calendário tem inúmeras qualidades secretas. Uma delas é que o número das vogais aumentou para sete, o próprio número do corço. Outra delas é que, no alfabeto ogâmico, *II* (o duplo I, *ii*) forma uma letra de dez traços e AA, uma letra de dois traços: assim, o número total de traços das letras para completar o alfabeto de 22 letras soma 72, um número de constante recorrência em mitos e ritos primitivos; pois 72 é múltiplo de nove, número da sabedoria lunar, e de oito, número do crescimento solar.[2] Segundo sugere o sr. Clyde Stacey, 72 também está vinculado à Deusa, porquanto, astronomicamente, a estação de 72 dias é a duração que leva seu planeta, Vênus, para passar, sucessivamente, da máxima elongação oriental à conjunção inferior (maior proximidade da Terra) e desta à máxima elongação ocidental. Uma terceira qualidade consiste em que a proporção de todas as letras do alfabeto a respeito das vocais é de 22 para 7, a qual, como já foi dito, é a fórmula matemática outrora secreta da relação da circunferência do círculo com o diâmetro.

[2] A obsessão dos místicos órficos, de quem Pitágoras derivou suas principais doutrinas pelos números sagrados é ressaltada por Jâmblico no seu *A vida de Pitágoras*: "Orfeu disse que a eterna essência do número é o mais providencial princípio do universo, dos céus, da terra e das naturezas que lhes são intermediárias; e, além, esta é a base da permanência das naturezas divinas, deuses e demônios." Os pitagóricos tinham um provérbio: "Todas as coisas são assimiláveis ao número" e Pitágoras é citado por Jâmblico como tendo afirmado em seu *Discurso sagrado* que "(...) o número é o que governa as formas, as idéias e as causas dos deuses e demônios." Os números 8 e 9 eram o objeto preferido da adoração pitagórica.

Antes de examinarmos a quarta qualidade desse calendário e, para nosso propósito, a mais importante, devemos considerar a relação poética entre a aveleira e a macieira. Ficou estabelecido agora que o corço, originalmente uma corça branca, esconde-se numa moita e que esta é composta de 22 árvores sagradas. O poeta naturalmente se faz uma nova pergunta: "Mas onde exatamente o animal está escondido no bosque?"



"Onde?" É a pergunta que mais pesadamente deve ter sempre impressionado os poetas encarregados do único tema poético de vida e morte. Conforme indicou o professor Ifor Williams, é porque o cuco grita seu "onde?" tão insistentemente que acabou representado na primitiva poesia galense como um desmancha-prazeres: pois *cw-cw*, que se pronuncia *ku-ku*, significa "onde? onde?" Ele grita: "Onde foi parar o meu amor? Onde estão meus companheiros perdidos?" É bastante curioso que o mesmo sentimento ocorresse na elegia de Omar Khayyam na qual o "solitário pombo-torcaz" revoa pelo palácio em ruínas gritando "*Ku? Ku? Ku? Ku?*", sendo a forma iraniana para "onde" igual

à galense; e no mito grego, Tereu, a poupa, grita por suas noivas perdidas: "*Pou? Pou?*" "*Where?*" do inglês deriva, segundo o *Oxford English Dictionary*, "da raiz interrogativa *Qua*".

Com efeito, quase todas as interrogativas das línguas indo-européias começam com *Q* (exceto aquelas nas quais, como no grego, o *Q* foi transformado em *P*; ou como no alemão, em *W*). No escocês arcaico, "*where*" se soletra "*quhair*". O *Q* é, na verdade, a letra da perpétua pergunta. O latim tem uma bela fieira de *Qs*:

Quare? Quis? Quã? Quid? Qualis? Qui? Quo?
Quomodo? Quando? Quorsum? Quoties? Quantum? Quot?

E que não se esqueça da perigosa pergunta da serpente: "*Quidni?*" ("Por que não?"), nem, naturalmente, a pergunta *quã?* ("Onde?")

Contudo, a promessa da Musa ao poeta é: "Procure pacientemente e você há de achar." Assim, onde mais poderia esconder-se a corça selvagem, senão debaixo da árvore do *Q*, que é a macieira selvagem.

Foi o poeta Valentin Iremonger quem me confirmou isto em *The Hearings of the Scholars*:

Queirt dano is o chrand regainmnighead .i. abull ut dicitur clithar boaiscille .i. elit gelt quert .i. aball.

A letra *Q* vem de uma árvore chamada *quert*, isto é, a macieira. Como o ditado é "*quert* é o abrigo da corça selvagem", significa que a macieira é seu abrigo.

No mesmo livro ocorre uma interessante glosa poética sobre "abrigo da corça selvagem":

.i. boscell .i. gelt . basceall .i. is and tic a ciall do in tan degas a bas

Quer dizer, do *boscell*, "lunático", palavra que deriva de *basceall*, "sentido da morte", pois o louco recobra o juízo quando está próximo da morte.

O comentário significa que o amor da Deusa enlouquece o poeta: ele vai em direção da morte e esta o torna sábio.

Quert não é apenas uma das "sete árvores nobres e sagradas do bosque", mas é lembrada nas *Tríades da Irlanda* como *Coll*, sendo, junto com *hazel*, a aveleira, uma das duas árvores sagradas cuja derrubada era punida com a morte. Na literatura e no folclore europeus, a maçã é o símbolo da realização, assim como o ovo é o da iniciação. Os 112 dias da série dos meses do Leão no alfabeto Beth-Luis-Nion transcorrem *ab ovo usque ad malum*, do ovo até a maçã, do final de *saille*, o mês do aninhamento, até o final de *quert*, o mês da macieira. Assim, quando a lenda bíblica de Adão e Eva chegou ao noroeste da Europa, o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal foi compreendido como sendo a maçã — não como um figo, apesar de o contexto falar em folha da figueira.

Adão comera da Árvore Proibida da Inteligência que lhe fora dado por Eva, "a mãe de todos os viventes"; e, por isso, os bardos traduziram "fruto" por "maçã".

As sete essências sagradas do bosque particularizadas no poema do século XVII anexado à antiga lei irlandesa *Crith Gablach* eram: bétula (vidoeiro), amieiro, salgueiro, carvalho, azevinho, aveleira e macieira. Exceto que *beth*, a bétula, a benfazeja árvore do mês do nascimento, toma o lugar de *huath*, o nefasto pilriteiro, as árvores percorrem uma nítida seqüência do equinócio de primavera até o final da colheita da maçã. A bétula é mencionada como "muito nobre" em *Câd Goddeu* de Gwion, contudo a macieira era a mais nobre de todas, correspondendo à árvore da imortalidade. Os poetas do País de Gales sempre foram conscientes dessa preeminência espiritual, e o adorável *Afallenau* medieval:

> *Sweet apple-tree crimson in hue*
> *Which grows concealed in Forest Celyddon.* (...)
>
> Doce maçã cor-de-rosa
> que cresce oculta no bosque de Celyddon. (...)

Não se trata de uma poesia sobre a maçã do pomar, mas sobre a macieira do bosque sagrado, a árvore que dá abrigo à corça fugitiva. Como diz Gwion: "Fugi como um corço para o bosque emaranhado."

Para onde foi o rei Arthur curar-se de suas feridas dolorosas? Para a ilha de Avalon, a secreta "ilha das macieiras". Com que talismã foi Bran induzido pela Deusa Branca a entrar no País da Juventude? Com "um prateado ramo de macieira florido de Emain, no qual o ramo e as flores são um só". A ilha de Emain, os Campos Elísios gaélicos, é assim descrita num poema de Ragnall, filho de Godfrey, rei das ilhas:

> *An amaranthine place is faery Emain:*
> *Beauteous is the land where it is found,*
> *Lovely its rath above all other raths.*
> *Plentiful apple-trees grow from that ground.*
>
> Um lugar de cor amarantácea é a encantadora Emain:
> Belo, o território onde se encontra,
> Adorável, sua fortaleza acima de todas as demais.
> Generosas macieiras crescem nesta terra.

Quando Oisin foi levado a esta mesma Terra da Juventude por Niamh dos cabelos dourados, viu seu destino primeiro como um corço sem chifres perseguido por um cachorro branco com orelhas vermelhas, mas, em seguida, em sua

forma própria, regiamente vestido, montado num cavalo branco em perseguição de uma linda moça num corcel negro; e tendo nas mãos uma maçã dourada. Ambas as aparições deslizam rasantes sobre o mar sereno; ele não compreende o significado e Niamh gentilmente se esquiva de dar-lhe explicações a respeito. Sugeri numa nota de rodapé do Capítulo 12 que a deusa da ilha sepulcral de Alyscamps, no Reno, era chamada Alys e que o amieiro, em espanhol, é chamado *aliso* por causa de seu nome. Dauzat em seu *Dictionnaire Étymologique* vincula *alisier* (sorveira) com *aliso*, o amieiro que protege do vento essas ilhas tumulares. A mesma semelhança é encontrada entre o *els*, ou *elze* (sorveira), e *else* (amieiro) escandinavo e germânico do Norte; e o nome *Alys* parece ser recordado em *Ilse*, o riacho que corre do Brocken para o Oker, onde se afogou a princesa Ilse. Uma vez que o fruto da sorveira (tanto da variedade mediterrânea quanto daquela do Norte) é também uma espécie de maçã (*Sorbus domestica*), é provável que esta fosse a maçã da imortalidade na França, na Espanha e na Escandinávia pré-cristãs. Sendo assim, os Campos Elísios ou Alyscamps teria o mesmo significado de Avalon: pomares de macieiras. A sorveira simboliza "depois da corrupção, a doçura": ela não pode ser comida até que comece a apodrecer e tome a cor arroxeada de um cadáver. Talvez seja esta a razão pela qual a árvore é mencionada em *The Hearings of the Scholars* como um eufemismo para o teixo, a árvore da morte; embora lá se dê a explicação de que ambas tinham o nome "mais velho das madeiras": "mais velho", aplicado à sorveira, poderia apenas significar "a de fama mais antiga", pois não é uma planta particularmente longeva.

Em recente carta ao *Times Literary Supplement*, o sr. Kenneth Dutfield faz a plausível sugestão de que *Avernus*, morada dos mortos, que os latinos incorretamente acreditavam derivar do grego *a-ornis*, "sem pássaro", é a mesma palavra que *Avalon*, o que identificaria os Campos Elísios com *Avernus*. O lago Avernus, nas redondezas de Cumas, ao que parece, recebeu este nome por causa das emanações nefastas dos pântanos que o rodeavam e pelo vizinho santuário da sibila de Cumas, que invocava as almas dos mortos.

O dia 13 de agosto, a festividade pré-cristã da deusa-mãe Diana, ou Vesta, fora antigamente festejado com cidra, com um cabrito assado espetado numa vara de aveleira e com maçãs penduradas em cachos num arbusto. Outro nome dessa deusa era Nêmesis (derivado do grego *nemos*, "bosque"), o que no grego clássico conota a vingança divina por violar as proibições. Suas estátuas portam, numa das mãos, um ramo de macieira. Comodiano, poeta cristão do século V, a identifica com Diana *Nemorensis* ("do bosque"), cujos seguidores "adoravam um ramo e denominavam um tronco Diana". Contudo, ambas, Nêmesis e Diana *Nemorensis*, estão associadas com o culto do veado e não do cabrito. Nêmesis carrega, na outra mão, uma roda, para demonstrar que ela é a Deusa do ano que gira, como a egípcia Ísis e a latina Fortuna, porém geralmente se interpretou isto como se significasse que a roda descreverá, algum dia, o círculo completo e tom-

bará a vingança sobre o pecador.[3] Na Gália ela era Diana Nemetona, sendo *nemeton* um bosque sagrado; e era representada com um ramo de macieira, com vaso de cidra decorado pela silhueta de etíopes e com um grifo metade leão e metade águia, tudo isto para identificar a data de sua festa. Durante a Idade Média, esta data foi convertida na Festa da Assunção da Virgem Maria (15 de agosto) que, por causa das modificações do calendário feitas no século XVII (às quais já nos referimos ao falar do pilriteiro), significa, na realidade, o dia 6 de agosto, o começo do *quert*. Acredita-se que a Virgem morreu no dia 13 de agosto para despertar e subir aos céus no terceiro dia. Uma vez que a Virgem fora associada pela Igreja primitiva com a Sabedoria — tornando-se a santa "Sofia", ou santa Sabedoria, da basílica de Constantinopla —, foi muito feliz a escolha desta festa para a passagem da Sabedoria à Imortalidade.

A Ladainha da Virgem Maria contém a prece *Sedes sapientiae, ora pro nobis*, "Sede da Sabedoria, ora por nós!" É que são Pedro Crisólogo, em seu *Sermão pela Anunciação*, havia representado a Virgem como o templo de sete colunas que a Sabedoria construíra para si própria (segundo Provérbios 9, 10).[4] Assim, torna-se fácil o significado da alegoria medieval sobre o unicórnio branco como o leite que só poderia ser capturado com a ajuda de uma virgem pura: a própria Sabedoria. O unicórnio é o corço na moita. Ele se aloja sob uma macieira, a árvore da imortalidade através da sabedoria. Ele só pode ser capturado pela Sabedoria, cuja pureza virginal simboliza a integridade espiritual. O unicórnio pousa a cabeça em seu regaço e chora lágrimas de alegria. Contudo, a versão provençal da história conta que o animal fuça seus seios e intenta outras familiaridades, razão pela qual a virgem o pega pelo chifre e o leva para onde estão os caçadores: aqui é, em realidade, um símbolo do amor profano rejeitado pelo amor espiritual.

A natureza selvagem e indomável do unicórnio tornou-se proverbial nos tempos primitivos do cristianismo por causa do texto de Jó 39, 9:

---

[3] As rodas da fortuna oraculares, acionadas por cordas, que ainda são encontradas em algumas poucas igrejas primitivas da Europa continental, derivam dos *iynges* (literalmente "torcicolos") dourados, que eram rodas oraculares originalmente consagradas à Deusa Branca, que decoravam, entre outros, o templo de Apolo em Delfos. Filostrato, em sua obra *Vida de Apolônio*, as vincula a rodas semelhantes empregadas pelos magos da Babilônia. Elas também estavam presentes em templos egípcios do século III a.C. O tão celebrado druida irlandês Mogh Ruith de Kerry (segundo o *Cóir Anmann*), "tem nome, que significa *Magus Rotarum*, 'o mago das rodas', derivado das rodas empregadas por ele para fazer observações mágicas". Em *Silva Gadelica*, de O'Grady, há um relato da filha de Mogh Ruith que foi com ele para o Oriente aprender magia e lá fabricou uma "roda de remar".

[4] A Bíblia de Jerusalém traz esta citação no versículo 1 do mencionado capítulo. Assim, a referência deve ser Provérbios 9, 1, salvo o fato de Graves estar utilizando alguma edição com diferente numeração. (N. T.)

Consentirá o búfalo[5] [unicórnio] em servir-te e passar a noite em teu estábulo?

Esse unicórnio bíblico[6] acabou identificado com o bode, o *hirco-cervus* dos mistérios dionisíacos, que era outro animal selvagem indomesticável. Charles Doughty em seu livro *Arábia deserta* sugere que o *rem*, ou *reem*, não era o *aurochs*, mas um antílope ainda maior e muito perigoso chamado pelos árabes *wothyhi* ou "touro selvagem". É provável que ele tenha razão, e eu assumo que o *wothyhi* seja o *boubalis* ou *boibalis*, "um órix do tamanho de um touro" que Heródoto menciona (*Melpômene*, 192) e também referido por Marcial como uma fera empregada no anfiteatro romano. Doughty diz: "Seus chifres constituem varas tão delgadas como os 'chifres do unicórnio', cuja representação conhecemos desde a infância. Lemos na parábola de Balaão: "El os tirou do Egito; fê-lo como se tivesse a força do *reem*;[7] e na bênção das tribos por Moisés os chifres de José são os chifres de um *reem*." Doughty ilustra isto com um esboço de um chifre de *wothyhi*, de aproximadamente 66 centímetros e um tanto curvado, com anéis em relevo na base. Ele acrescenta: "Seria profunda ignorância dos monges em história natural atribuir um único chifre a uma cabeça simétrica." Isto seria injusto para com os monges: pois fora na Septuaginta anterior ao cristianismo onde, pela primeira vez, se atribuiu ao *rem* um único chifre. É possível que eles tivessem traduzido *rem* por "unicórnio" por terem interpretado mal um desenho na margem de um Pentateuco hebraico ilustrado, ilustrações estas que, por sinal, já se faziam. No contexto da bênção de Moisés, o José "com os chifres de um *rem*" seria, naturalmente, uma representação das pessoas de Efraim e Manassés, seus dois filhos, chamados conjuntamente pelo nome singular de José, como filhotes gêmeos de *rems* com apenas um chifre cada um. O chifre único, enfatizado por sua dupla ocorrência, teria sugerido aos tradutores o animal descrito por Ctésias em sua obra *Indica*. O chifre era uma panacéia e, especialmente, recomendado contra venenos.

A vinculação da macieira com a imortalidade é antiga e amplamente difundida na Europa. O que significa *apple*, pomo ou maçã? Segundo o *Oxford English Dictionary*, sua etimologia é desconhecida, mas a palavra percorre a Europa em direção do noroeste por todo o percurso dos Bálcãs até a Irlanda, tendo em todos os idiomas uma forma aproximada de *apol*.

Fica claro que tinha um significado inteiramente diverso o antigo ícone das Três Deusas, a maçã e o jovem pastor de Ida, que fora iconotropicamente inter-

[5] Cito aqui o texto da Bíblia de Jerusalém, colocando entre colchetes a tradução proposta por Graves. (N. T.)

[6] Houve uma tradução errônea feita pelos Setenta (a Septuaginta), que, efetivamente, eram 72 judeus de Alexandria, ao traduzir *rem*, o *aurochs* ou o touro selvagem da Judéia.

[7] A passagem citada corresponde a Números 24, 8 que, no texto da Bíblia de Jerusalém, foi traduzida como "Deus o tirou do Egito e é para ele como os chifres do búfalo". (N. T.)

pretado, por alguns primitivos inimigos das mulheres, na história do "pomo da discórdia" (de como Páris confiou a maçã, ou pomo, à deusa do amor). Entregar uma maçã à deusa do amor teria sido uma impertinência da parte do pastor. Todas as maçãs eram dela. Por acaso Merddin presenteou Olwen com um pomar de maçãs? Ou deu Adão uma maçã à Mãe de Todos os Viventes?[8] Obviamente, as três deusas são, como é usual, as três pessoas da Tríplice Deusa, não rivais ciumentas, e fica evidente que a deusa do amor está entregando a maçã ao pastor e não a recebendo dele. Trata-se da maçã da imortalidade, e ele é o jovem Dioniso — o deus celebrado pelo cabrito recheado de maçãs; pois, de acordo com Hesíquio e Estêvão de Bizâncio, um dos títulos de Dioniso era Érifos, o "cabrito". Virgílio expressou uma noção errônea em *As Geórgicas*: disse que o cabrito espetado em varas de aveleira é sacrificado a Dioniso porque o cabrito e a aveleira são, ambos, inimigos da videira. Trata-se de uma questão duvidosa se a palavra *apol* tem uma casual semelhança e aproximação com Apolo, que é a parte imortal de Dioniso, ou se a maçã recebeu o nome *apol* por causa dele. Contudo, é notável o fato de que, na Grécia, as palavras para "cabrito" (ou carneiro) e "maçã" sejam idênticas (*mēlŏn*) — a forma latina para "maçã" é *mālum*. Héracles, que combinava Dioniso e Apolo numa única pessoa, era chamado de *Mēlon* porque seus adoradores lhe ofereciam maçãs; e porque lhe fora dado o ramo com as maçãs de ouro pelas Três Filhas do Oeste — novamente a Tríplice Deusa; e foram estas maçãs que o tornaram imortal. A conclusão da história do "pomo da discórdia" que o pastor recebeu de Helena de que se tratava de uma recompensa pelo julgamento dele deriva evidentemente de um ícone que acompanhava aquele do "julgamento" e que mostrava um jovem pastor

[8] Na lenda de Adão e Eva narrada no Gênesis há uma evidente deformação iconotrópica. É claro que Iahweh não figurava no mito original. É a Mãe de Todos os Viventes, convertida em Tríade, quem expulsa Adão de seus férteis domínios ribeirinhos por haver ele usurpado algumas prerrogativas dela — não é certo se a caprificação [*N. T.: designa-se, assim, o ato de colocar figos tirados da figueira masculina presos nas figueiras femininas para que as vespas procedam à polinização dos figos femininos, tornando-os comestíveis.*] ou, então, o cultivo de cereais — para que ele tampouco viesse a usurpar outras prerrogativas dela, como a distribuição da justiça ou o proferimento de oráculos. Ele é expulso para cultivar a terra em alguma região menos fértil. Isto recorda algo que parece ser uma versão intermediária do mesmo mito: Triptólemo, um favorito de Deméter, deusa da cevada, é expulso de Elêusis para a Ática com um saco de sementes para ensinar a todo o mundo a agricultura, e parte num carro conduzido por serpentes. A maldição do Gênesis sobre a mulher, de que ela teria inimizade com a serpente, é obviamente mal situada: deve referir-se a uma antiga rivalidade decretada entre o rei sagrado Adão e a serpente pelos favores da Deusa; Adão está fadado a amassar a cabeça da serpente, porém esta morderá o calcanhar sagrado de Adão, causando cada um deles, a seu turno, a morte anual do outro. Que Eva, a Mãe de Todos os Viventes, foi criada por Deus com uma costela de Adão parece uma anedota baseada numa ilustração da deusa desnuda Anatha de Ugarit, ao observar quando Aleyn, chamado de Baal, crava uma faca curvada abaixo da quinta costela de seu gêmeo Mot: este assassinato foi iconotropicamente confundido como a remoção por Iahweh da sexta costela, que se transformou em Eva. Os gêmeos que lutavam por seus favores eram os deuses do Novo e do Velho Ano

de mãos dadas com Helena. Porém, Helena não era uma mulher mortal; era Helle, ou Perséfone, uma deusa da morte e da ressurreição. Héracles, Teseu, Cástor e Pólux aparecem em sua companhia em obras de arte arcaicas.

Embora a maçã fosse a mais palatável das frutas selvagens que cresciam em árvores, por que motivo lhe fora dada tamanha importância mítica? A chave deverá ser encontrada na lenda da alma de Curoi oculta numa maçã; quando a espada de Cuchulain partiu a maçã, "a noite caiu sobre Curoi". Pois, quando se corta uma maçã pela metade transversalmente, cada metade mostra no centro uma estrela de cinco pontas, que é símbolo da imortalidade, por representar a Deusa em suas cinco estações, desde o nascimento até a morte e novamente desta ao renascimento. Também representa o planeta Vênus — e a maçã era também consagrada a Vênus —, adorado como Véspero, a Estrela Vespertina, numa das metades da maçã, e, na outra, como Lúcifer, o Filho da Manhã.

É bem mais provável que o pomo do culto órfico da Trácia fosse a sorva antes que o marmelo, a maçã silvestre ou a maçã verdadeira, porque Orfeu, cujo nome e cuja cabeça cantante o identificam com Bran, o deus-amieiro, é chamado de filho de *Oeagrius*, sendo que *Oea Agria* significa a sorveira silvestre.

Capítulo 15

Os sete pilares

Os místicos hebreus identificam os sete pilares da Sabedoria com os sete dias da criação e com os sete dias da semana. Fica-se, assim, a suspeitar que o sistema astrológico que vincula os dias da semana a corpos celestes tivesse um equivalente arbóreo. O sistema astrológico é tão antigo, tão difundido e coerente em seus valores que vale a pena observar suas várias formas. Sua origem é provavelmente babilônica, mas não necessariamente. A segunda lista aqui mostrada pertence aos sabianos de Harran, que tomaram parte na invasão do Norte da Síria pelos Povos do Mar por volta de 1200 a.C.; ela estabelece uma correlação entre as listas da Babilônia e as do Ocidente.

Planetas	*Babilônica*	*Sabiana*	*Latina*	*Francesa*	*Alemã*	*Inglesa*
Sol	Samas	Samas	Sol	Dominus	Sun	Sun
Lua	Sin	Sin	Luna	Luna	Moon	Moon
Marte	Nergal	Nergal	Mars	Mars	Zivis	Zio
Mercúrio	Nabu	Nabu	Mercurius	Mercurius	Wotan	Woden
Júpiter	Marduk	Bel	Juppiter	Juppiter	Thor	Thor
Vênus	Ishtar	Beltis	Venus	Venus	Freia	Frigg
Saturno	Ninib	Cronos	Saturnus	Saturn	Saturn	Saturn

Na lista de Aristóteles, o planeta da quarta-feira é atribuído, de modo alternado, a Hermes (Mercúrio) ou a Apolo, tendo este, na época, superado Hermes em sua reputação de sábio. O da terça-feira é consagrado ora a Héracles ora a Ares (Marte), sendo Héracles uma divindade de melhor augúrio do que Ares. O astro da sexta-feira é consagrado, alternativamente, a Afrodite ou a Hera, sendo que esta corresponde mais de perto a Ishtar, deusa babilônica dos céus.

As sete árvores sagradas do bosque irlandês eram, tal como já se mencionou antes: a bétula; o salgueiro, o azevinho, a aveleira, o carvalho, a macieira e o amieiro. Esta seqüência também serve para os dias da semana, uma vez que se pode, com certeza, associar o amieiro a Saturno (Bran); a macieira à deusa do amor, Vênus ou Freia; o carvalho ao deus do trovão Júpiter ou Thor; o salgueiro à Lua (Circe ou Hécate); o azevinho a Marte, o deus da guerra de rosto ver-

melho; e a bétula, naturalmente, abre a semana tal como dá início ao ano solar.[1] A árvore da quarta-feira, consagrada ao deus da eloqüência, era de esperar que fosse o freixo de Woden; no entanto, a antiga árvore irlandesa da eloqüência e da sabedoria era a avelã e não o freixo; além disto, a deus belga Odin, ou Woden, só tardiamente é que chegou à Irlanda. Assim, estas são as sete árvores com seus sete planetas, os dias da semana e as respectivas letras:

Sol	Domingo	Bétula (vidoeiro)	B
Lua	Segunda-feira	Salgueiro	S
Marte	Terça-feira	Azevinho	T
Mercúrio	Quarta-feira	Aveleira (ou freixo)	C
Júpiter	Quinta-feira	Carvalho	D
Vênus	Sexta-feira	Macieira	Q
Saturno	Sábado	Amieiro	F

É fácil reconstruir em latim clássico a fórmula adequada para a dedicação diária do coração devoto ao Senhor dos Céus:

Benignissime, Solo Tibi Cordis Devotionem Quotidianam Facio.
Ó Benigníssimo, Só a Ti de Coração a Devoção Quotidiana Faço.

E os gregos, que haviam perdido seu *Q* (*koppa*) e seu *F* (*digama*), têm de contentar-se com um segundo *C* (*kappa*) e com um *PH* (*phi*):

Beltiste Soi Tēn Cardiān Didōmi Cathēmeriōs Phylaxomenēn.
Ó melhor de todos, a cada dia entrego meu coração à tua guarda.

Assim, a resposta poética à pergunta também poética de Jó "Onde se achará a sabedoria e qual é o lugar do entendimento?", que seu respeito por Iahweh, o Onisciente, o impede de confrontar, é: "Debaixo de uma macieira, por meio da pura meditação, numa noite de sexta-feira, na estação das maçãs, quando a lua estiver cheia." Contudo, quem a encontrar será filho da quarta-feira, isto é, do dia de Mercúrio.

Talvez haja uma referência ao bosque sagrado no capítulo 47 do Livro de Ezequiel (uma passagem citada na epístola gnóstica de Barnabé 11, 10). Numa visão, Ezequiel vê as águas sagradas de um rio, que sai do limiar da Casa de

[1] Numa balada do Norte da Inglaterra, *The Wife of Usher's Well*, os filhos mortos que retornam, no auge do inverno, para visitar a mãe trazem folhas de bétula em seus chapéus. O autor destaca que a árvore da qual retiraram as folhagens cresce na entrada do Paraíso, onde suas almas moravam, o que preenche as expectativas. Presumivelmente, ostentavam a bétula como sinal de que não eram espíritos maus presos à Terra, mas, sim, almas benditas em missão de compaixão.

Deus, correrem rumo ao leste cheias de peixes, com árvores em ambas as margens "cujas folhas não murcharão e cujos frutos não se esgotarão: produzirão novos frutos de mês em mês, porque a sua água provém do santuário, pelo que seus frutos servirão de alimento e as suas folhas de remédio."[2] "Eis os limites do país que haveis de repartir como herança entre as doze tribos de Israel, dando duas porções a José."[3] A referência a treze tribos e não a doze e aos "meses" das árvores sugere que estivesse sendo empregado o mesmo calendário. Além do mais, os temas da corça e da macieira ocorrem em Os Cânticos, também chamados de O Cântico dos Cânticos.

Embora, aparentemente, este livro da Bíblia não passe de uma coleção de canções de amor da aldeia, foi oficialmente interpretado pelos sábios fariseus do tempo de Jesus como sendo a essência mística da sabedoria do rei Salomão e uma referência ao amor de Iahweh por Israel. Por esta razão, na Bíblia anglicana, "os cânticos" são interpretados como "o amor de Cristo pela sua Igreja". O fato é que, originalmente, comemoravam os mistérios de um casamento sagrado anual entre Salmaah, o Rei do Ano, e a rainha das flores, ficando patente a influência helenística.

O segundo capítulo de O Cântico dos Cânticos diz o seguinte:[4]

> Sou um narciso [rosa] de Saron,
> uma açucena dos vales.
> Como açucena [flor-de-lis] entre espinhos,
> é minha amada entre as donzelas [filhas].
>
> [Como] macieira entre as árvores do bosque,
> é meu amado entre os jovens;
> à sua sombra eu quis assentar-me,
> com meu doce fruto na boca.
> Levou-me ele à adega
> e contra mim desfralda
> sua bandeira de amor.
> Sustentai-me com bolos de passas,
> dai-me forças com maçãs, oh!
> que estou doente de amor. (...)

[2] *Apud* Bíblia de Jerusalém, Ezequiel 47, 12. O texto de Robert Graves fala em "novo fruto segundo seus meses". (N. T.)

[3] *Apud* Bíblia de Jerusalém, Ezequiel 47, 13. O texto citado por Robert Graves não traz referência explícita às doze tribos; diz apenas: "(...) segundo as tribos de Israel". (N. T.)

[4] A boa técnica condena a tradução fragmentada e não autorizada de textos das Sagradas Escrituras. Por isso, como norma, nos textos bíblicos, sempre foi adotado o texto da Bíblia de Jerusalém traduzida ao português da versão francesa editada em 1973. Assim, serão inevitáveis algumas divergências com o texto usado por Graves. Optou-se, quando necessário, por registrar entre colchetes as diferenças apresentadas por Graves ou colocar observações no rodapé. (N. T.)

Sua mão esquerda
está sob minha cabeça,
e com a esquerda me abraça.

Filhas de Jerusalém,
pelas cervas [corças] e gazelas do campo,
eu vos conjuro:
Não desperteis, não acordeis o amor,
até que ele o queira!

A voz do meu amado!
Vejam: vem correndo pelos montes,
saltitando nas colinas!
Como um gamo é meu amado. (...)
um filhote de gazela.

[...]

Meu amado é meu e eu sou dele,
do pastor das açucenas!

As açucenas (ou flores-de-lis) são as anêmonas vermelhas que nasceram das gotas de sangue que caíram do lado de Adônis quando o javali selvagem o matou. A maçã é do tipo sidoniano (isto é, cretense) ou marmelo, consagrado a Afrodite, a deusa do amor, e cultivada pela primeira vez na Europa pelos cretenses. Nos tempos bíblicos, a maçã verdadeira não era conhecida na Palestina, e só recentemente foram introduzidas algumas variedades que dão fruto negociável. Porém, na Antiguidade a maçã silvestre crescia às margens a sul do mar Negro, de onde provinham as demais árvores da série, e ainda hoje formam pequenos bosques em torno de Trebisonda. Também crescia na Macedônia — terra original das Musas — e na Eubéia, onde Héracles recebeu a túnica envenenada que o fez subir à pira no monte Eta; mas, em ambos os casos, pode tratar-se de uma importação anterior.

Parece haver uma estreita relação entre o calendário das árvores e o ritual da Festa dos Tabernáculos que se realizava em Jerusalém e que já foi mencionada em ligação com o salgueiro e o amieiro. Os adoradores carregavam em sua mão direita um *ethrog*, um tipo de planta cítrica, e na esquerda um *lulab*, um tirso, feito com ramos entrelaçados de palmeira, salgueiro e mirto. O *ethrog* não era o fruto original, pois fora trazido da Índia, depois do Cativeiro, e acredita-se que substituiu o marmelo por causa das conotações eróticas que este tinha. Com a reforma religiosa que ocorreu durante o Exílio, os judeus romperam, na medida do possível, os laços que os uniam à religião orgiástica. No entanto, os judeus se encarregaram do ritual dos Tabernáculos junto com outros ritos em honra da

deusa-Lua, e a autoria das ordenações relativas a esta observância foi dada a Moisés como parte da grande revisão da Lei atribuída ao rei Josias, mas, com toda a probabilidade, tais ordenações foram processadas durante o Exílio. Já falei sobre a desdenhosa *Haggadah* sobre o salgueiro; o significado do mirto também mudou, deixando de ser sombra da morte e passando a ser a sombra do verão, fundando-se na autoridade de Isaías, que havia elogiado esta árvore (Isaías 41, 19; 55, 13).

A festa começava na primeira lua nova do ano, na estação do marmelo. Tanto o salgueiro quanto a maçã têm o cinco — número especialmente consagrado à deusa-lua — como o número de traços de sua letra no alfabeto ogâmico dos dedos. O mirto não ocorre no Beth-Luis-Nion, mas bem pode ser o equivalente grego da outra consoante deste alfabeto que tem cinco traços — o sabugueiro. O mirto era consagrado à deusa do amor, Afrodite, em todo o Mediterrâneo, em parte porque medra melhor perto do mar, em parte por causa de sua fragrância; não obstante, era a árvore da morte. Mirto ou Mirtéia, ou Mirtoessa, era um dos títulos desta deusa, e os poetas clássicos, deliberadamente, interpretaram mal as ilustrações em que ela aparece sentada com Adônis à sombra do mirto. Ela não o cortejava como disseram, mas estava prometendo-lhe a vida na morte; pois o mirto se mantinha sempre verde e consistia num sinal de ressurreição do falecido Rei do Ano. O mirto está vinculado na mitologia grega com a morte de reis: Mírtilo, filho de Hermes (Mercúrio), que era o cocheiro de Enômao, o rei de Élis, tirou os pinos da roda do carro de seu senhor e, assim, causou-lhe a morte. Pélops, que, depois, se casou com a viúva de Enômao, ingratamente atirou Mírtilo no mar. Este, num último alento, amaldiçoou a descendência de Pélops e, daí em diante, todo monarca pelópida foi perseguido por seu fantasma. A "roda" era a vida do rei; a última consoante do alfabeto, *R*, "tira os pinos" no último mês de seu reinado. A dinastia de Pélops obteve o trono de Élis, mas todos os seus sucessores igualmente encontraram seu fim no mês *R*. (Mírtilo se converteu na constelação setentrional do *Auriga*, ou seja, do Cocheiro.) O mirto se parece com o sabugueiro nas qualidades medicinais atribuídas a suas folhas e a seus frutinhos, que, por sinal, amadurecem em dezembro, o mês *R*. Os emigrantes gregos carregavam mudas de mirto quando tinham intenção de fundar uma nova colônia, como quem dissesse: "O velho ciclo terminou; esperamos começar um novo com os favores da deusa do amor, que governa os mares."

Assim, o tirso contém três árvores, cada qual representando uma série de cinco letras do calendário, ou seja, um terço do ano, além, é claro, da palmeira que representava o dia extra (ou o período de cinco dias) no qual nascia o deus-sol. O número 15 tinha, por conseguinte, uma importância fundamental no festival: os levitas cantavam os quinze Cânticos da Ascensão (atribuídos ao rei Davi) enquanto subiam os quinze degraus que levavam, do Pátio das Mulheres, até o Pátio de Israel, no Templo. O número aparece também na arquitetura da "casa do bosque do Líbano" de Salomão, que tinha mais de duas vezes o

tamanho da Casa do Senhor. Estava construída sobre três fileiras de pilares de cedro, sendo quinze em cada fileira e tendo 50 cúbitos[5] de comprimento por 30 cúbitos de altura e de largura; com um pórtico contíguo com 30 cúbitos de largura, 50 cúbitos de comprimento, desconhecendo-se a altura que, provavelmente, era de 10 cúbitos.

O cânon hebraico das sete árvores da semana, os sete pilares da sabedoria, não é difícil de estabelecer. Como a bétula (ou vidoeiro) não é uma planta da Palestina, seu substituto mais provável é o *retem*, ou a giesta selvagem, que foi a árvore debaixo da qual o profeta Elias descansou no monte Horebe ("a montanha do calor resplandecente") e parece ter sido consagrada ao sol. Como o vidoeiro era empregada como vassoura para expulsar os maus espíritos. O salgueiro permanece o mesmo. O azevinho troca-se pelo carrasqueiro, já mencionado no Capítulo 10, como sendo a árvore da qual os antigos obtinham sua tintura da cor escarlate real. A associação do carrasqueiro com Nergal ou Marte confirma-se por um trecho bem peculiar do *Golden Bough*, de Frazer:

> Os pagãos de Harran ofereciam ao Sol, à Lua e aos planetas vítimas humanas escolhidas com base em alguma suposta semelhança com os corpos celestes às quais eram sacrificadas; por exemplo, os sacerdotes, trajando vermelho e salpicados de sangue, ofereciam um homem ruivo de bochechas vermelhas ao "planeta vermelho Marte" num templo pintado de vermelho e decorado com cortinas vermelhas.

A substituta da aveleira era a amendoeira, que foi a árvore da qual Aarão tirou seu bastão mágico. A Menorá, o candelabro de sete braços do santuário do Templo em Jerusalém, tinha seus bocais na forma de amêndoas e representava o bastão de Aarão depois de brotado. Era desta planta o ramo mostrado a Jeremias (Jr 1, 11) como um indício visionário de que Deus lhe conferira sabedoria profética. Os bocais do candelabro representavam os sete corpos celestes da semana e o bocal central era o quarto, a saber, o que era dedicado à sabedoria, o qual dá seu nome a todos os demais; esse braço era o eixo da Menorá. O carvalho foi substituído pelo terebinto, consagrado a Abraão. A macieira, trocada pelo marmelo. O amieiro, uma vez que sabemos que fora abandonado nos cultos do Templo, cedeu lugar à romãzeira, que fornece uma tinta vermelha semelhante à do amieiro. A árvore da romã era sagrada para Saul e consagrada a Rimmon, outro nome para Adônis, de cujo sangue se diz ter ela brotado. A vítima pascal também era, segundo a tradição, espetada numa vara de romãzeira. A romã era a única fruta que se permitia levar para dentro do Santo dos Santos, o Santíssimo Santuário — miniaturas de romãs eram costuradas nas vestes do sumo-sacerdote quando ele fazia sua entrada anual. Como o sétimo

[5] O cúbito correspondia a uma medida que podia variar de 17 a 21 polegadas, cerca de 50 centímetros. (N. T.)

dia era consagrado a Iahweh e este era uma forma de Bran, Saturno ou Ninib,[6] tudo indica que a romãzeira era a árvore do sétimo dia. Assim:

Sol	— retama, giesta ou vassoura
Lua	— salgueiro, vimeiro ou chorão
Marte	— carrasqueiro
Mercúrio	— amendoeira
Júpiter	— terebinto
Vênus	— marmeleiro
Saturno	— romãzeira

Aqui, a única árvore duvidosa é a retama ou sua equivalente irlandesa, a bétula. As sete árvores do bosque irlandês pertencem todas aos meses do verão, exceto *B*, a bétula, que ocupou o lugar do *H*, o pilriteiro: e, ao que parece, foi escolhida por ser a letra que lidera a primeira série de cinco árvores, do mesmo modo como o *H* faz com o segundo grupo. Contudo, como se mostrará no próximo capítulo, o *B* era empregado como um caractere equivalente ao *H*, não apenas na *Fábula* 271 de Higino, mas, também, na inscrição ogâmica do século III d.C. em Callen Stone ("pedra falante"). Assim, parece que a letra original do domingo não era o *B*, mas o *H*. A árvore hebraica correspondente ao pilriteiro era o *sant*, ou seja, a acácia silvestre, de flores douradas e espinhos agudos, mais conhecida dos leitores da Bíblia como madeira de "shittim", quer dizer, de Chipre. Com sua essência impermeável, construíram-se as barcas do herói solar Osíris e de seus equivalentes Noé e o armênio Xisuthros; bem como a Arca da Aliança, cujas medidas relembradas comprovam estar consagrada ao sol. É a árvore hospedeira do loranto, planta lorantácea parecida com o visco, a oracular "sarça ardente" de Iahweh e a fonte do maná.

O uso do *H* como letra do domingo explica o enigmático relato de Lucano sobre o bosque sagrado de Marselha, que Júlio César derrubou porque impedia a fortificação da cidade. Marselha era uma cidade grega, um centro pitagórico, e o próprio César teve de empunhar um machado contra um dos carvalhos antes

[6] Ninib, o Saturno assírio, era a divindade do Sul e, desta forma, do sol do meio-dia e também do solstício de inverno, quando o astro alcança seu ponto mais meridional e dá uma parada de um dia. Nestas duas circunstâncias, era o deus do repouso, pois o meio-dia é a hora do repouso nos países quentes. A passagem de Amós 5, 26, ao mencionar que a imagem e a estrela de Sicot-Quiun (ou Sacut e Caivã) foram levadas ao santuário, prova que, em Betel, antes do cativeiro do Norte do país, Iahweh era identificado, de maneira aberta, com o Saturno-Ninib. A mesma coisa ocorria também em Jerusalém, conforme documenta a passagem de Ezequiel 8, 3, 5, lembrando que "o ídolo do ciúme" foi erigido na Porta Norte do Templo, de tal modo que os devotos eram obrigados a virar-se para o sul enquanto o adoravam; perto dali (versículo 14) mulheres sentadas pranteavam Adônis. [*N. T.: há um ligeiro equívoco de citação no original, pois está citado o capítulo 7 de Ezequiel, quando a passagem se encontra no capítulo 8; entretanto, os versículos estão corretíssimos.*]

que conseguisse convencer alguém a iniciar o trabalho de profanação. O bosque, segundo Lucano, compunha-se de azevinheiros, carvalhos de Dodona e amieiros; respectivamente, *T*, *D* e *F*. Ele não especifica nenhuma das demais árvores, exceto o cipreste, que os fundadores de Marselha haviam trazido da Fócida, sua região natal, onde era consagrado a Ártemis. Não se haveria de esperar encontrar ciprestes no bosque, mas, noutros lugares da Grécia, particularmente em Corinto e Messênia, era uma planta consagrada a Ártemis Crânae, ou Carnasia, o que a torna uma árvore *H*, uma substituta sempre verde para o pilriteiro, também consagrado a Crânae ou Carnea. Assim, pois, foi como árvore do dia do Sol (domingo) que sucedia o amieiro do sábado, que o cipreste passou a simbolizar a ressurreição nos mistérios órficos, a fuga do herói solar da ilha rodeada de amieiros de Calipso e acabou ligado ao culto do Héracles celestial. O cipreste ainda constitui o primeiro símbolo da ressurreição nos jardins das igrejas mediterrâneas.[7]

Existe uma clara correspondência entre este cânon e aquele dos sete dias da criação conforme fica caracterizado no primeiro capítulo do Livro do Gênesis:

---

[7] O cipreste aparece na enigmática lista de *Eclesiástico* 24, 13-17, onde a Sabedoria descreve a si própria da seguinte maneira:

> Cresci como o cedro do Líbano,
> como o cipreste do monte Hermon.
> Cresci como a palmeira em Engadi,
> como uma roseira em Jericó,
> como uma formosa oliveira na planície,
> cresci como um plátano.
> Como a canela e o acanto aromático exalei perfume,
> como a mirra escolhida exalei bom odor,
> como o gálbano, o ônix, o estoraque,
> como o vapor do incenso na Tenda.
> Estendi meus ramos como o terebinto,
> meus ramos, ramos de glória e graça.
> Eu, como a videira, fiz germinar graciosos sarmentos
> e minhas flores são frutos de glória e riqueza.

O Eclesiástico misturou as árvores alfabéticas com perfumes afrodisíacos e árvores de outra categoria; contudo, *H* para cipreste e *M* para videira fazem pensar que os nomes das últimas árvores ou daquelas que são apenas mencionadas nos versículos 13, 14, 16, 17 devem ser lidos *chokmah*, que é a palavra hebraica para Sabedoria: *Ched, Kaf, Mem, He*. (Em hebraico não se escrevem as vogais.) Se é assim, o oleandro [*N. T.: Na Bíblia de Jerusalém fala-se no terebinto.*] representa o *CH*; e o plátano é um substitutivo para a amendoeira, *K*, que, na qualidade da própria árvore da Sabedoria, não pode figurar no enigma do qual ela é a resposta; na época da redação do Eclesiástico [*N. T.: provavelmente escrito em grego por volta do ano 200 a.C.*], há muito que o plátano era associado pelos gregos com a busca pela Sabedoria. As quatro outras árvores — o cedro, a palmeira, a roseira e a oliveira doce — representam, respectivamente, a soberania, a maternidade, a beleza e a fecundidade: características da Sabedoria enquanto semideusa. [*N. T.: Graves propõe "oleandro", segundo a versão que cita de Edersheim.*]

Sol	— Luz
Lua	— Divisão das águas
Marte	— Terra seca, pastos e árvores
Mercúrio	— Corpos celestes e estações
Júpiter	— Animais do mar e pássaros
Vênus	— Animais da terra, homem e mulher
Saturno	— Repouso

A criação, aparentemente ilógica, da luz e mesmo dos pastos e das árvores antes dos corpos celestes e das estações — embora o sr. Ernst Schiff tenha emitido a engenhosa hipótese de que os corpos celestes não poderiam ser visíveis antes do quarto dia por causa da "bruma úmida" mencionada no versículo 9 da história da criação, e, por conseguinte, não estavam criados no sentido de que não se os via —, explica-se pelos poderes próprios dos deuses que regem os dias planetários da semana. O deus-Sol rege a luz; a Lua, a água; Marte, os pastos e as árvores; e Mercúrio constitui a divindade da astronomia. Evidentemente, a lenda do Gênesis é posterior à composição do cânon dos planetas, dos dias e dos deuses. A colocação dos animais marinhos e das aves no quinto dia é natural, porque o deus do culto do carvalho ou do terebinto geralmente se transforma neles por ser filho de uma deusa do mar à qual estão consagradas a pomba, a águia e outros pássaros. A ordem ao homem e à mulher para que copulem e produzam filhos, como as criaturas sobre as quais tinham domínio, é, com efeito, apropriada ao dia de Vênus. A agradável preguiça de Saturno — durante cuja Era de Ouro, a dar-se crédito aos poetas clássicos, os homens comiam mel e bolotas num Paraíso terrestre, sem preocuparem-se com a agricultura nem com a caça, pois a terra, generosa, produzia alimentos em abundância — explica o sétimo dia como sendo aquele do descanso. A profecia apocalíptica judaica (que Jesus tomou literalmente) do Reino dos Céus de Iahweh referia-se a uma restauração dessa mesma época dourada, bastando para isto que o homem parasse de ocupar-se com guerras e trabalhos, pois Iahweh exigia descanso no sétimo dia. Como já se explicou, variava a localização geográfica do antigo Paraíso terrestre. Os babilônios o situavam no Delta do Eufrates; os gregos, em Creta; os hebreus anteriores ao Exílio, em Hebron, no Sul da Judéia.

É da mais alta importância teológica o fato de Iahweh ter escolhido anunciar-se a Moisés como "Eu sou aquele que sou" (ou, mais ao pé da letra, "Sou quem Eu escolher ser"), a partir de uma acácia e não de outra árvore, pois isto constituía sua definição como Divindade Suprema. Se ele se tivesse anunciado de um terebinto, como o Iahweh mais arcaico havia feito em Hebron, isto o teria revelado como Bel, ou Marduk, deus da quinta-feira e do sétimo mês, como o Júpiter arameu ou o peônio Apolo. Contudo, havendo se manifestado na acácia, a árvore do primeiro dia da semana, revelou-se como o Deus da Menorá, divindade celestial e transcendental, aquele que logo dirá: "Não terás outro Deus senão Eu, pois Eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus ciumento." A

acácia é, com efeito, uma árvore espinhosa, ciumenta e auto-suficiente, precisa de pouca água e, como o freixo de Odin, sufoca com suas raízes todas as demais árvores que cresçam perto dela. *Uath*, o sexto mês, dedicado à acácia, era aquele no qual se realizava a feira anual de Hebron, e era tão sagrado (conforme se disse no Capítulo 10) que, durante ele, estavam proibidas as relações sexuais, bem como qualquer embelezamento de si próprio; nos templos da Grécia, da Itália e do Oriente Próximo, era o mês das purificações anuais.

As incompletas eras do mundo, a que Gwion se refere, citando Nênio, estão fundamentadas no mesmo cânone planetário:

[Domingo] "A Primeira Idade do Mundo vai de Adão até Noé."
Foi de Adão o primeiro olho humano a ver a luz do sol, ou seja, o Resplendor de Deus. O domingo é o dia da luz.

[2ª-feira] "A Segunda Idade dura de Noé até Abraão."
A Idade de Noé começou pelo dilúvio. A 2ª feira é o dia da água.

[3ª-feira] "A Terceira Idade vai de Abraão até Davi."
Abraão ficou famoso por suas manadas e rebanhos e por ter sido a terra fértil de Canaã prometida a seus descendentes. A 3ª feira é o dia das árvores e dos pastos.

[4ª-feira] "A Quarta Idade dura de Davi até Daniel."
A idade anterior deveria ter durado de Abraão até Salomão e a Quarta Idade de Salomão até Daniel — ao que parece, a mudança se deveu a uma homenagem feita a são Davi —, uma vez que o parágrafo introdutório de Nênio dá o número de anos, 1048, de Abraão até a construção do Templo por Salomão, embora este devesse ser construído por Davi, não fosse por seus pecados. A sabedoria de Salomão estava incorporada no Templo. A 4ª feira é o dia da Sabedoria.

[5ª-feira] "A Quinta Idade dura de Daniel até João Batista."
No parágrafo introdutório, Nênio dá o número de 612, "de Salomão até a reconstrução do Templo, que foi concluída sob Dario, rei dos persas". Nesta passagem, Daniel foi substituído por Dario (que o colocou na cova dos leões, na Babilônia) como agindo sob direção especial de Deus; mas, no mito de Jonas, o poder da Babilônia foi simbolizado pela baleia que o engoliu e, depois, vomitou o povo eleito quando ele gritou de dentro de sua barriga. A 5ª-feira é o dia dos animais marinhos e dos peixes.

[6ª-feira] "A Sexta Idade vai de João Batista até o Dia do Juízo Final."

Nênio dá o número de anos, 548, de Dario até o ministério de Jesus Cristo; assim, João Batista figura aqui como tendo assistido ao batismo de Jesus. O objeto do ministério era pregar o Evangelho do Amor; separar os carneiros dos cabritos; fazer o leão deitar-se ao lado do cordeiro; persuadir o homem a renascer — redimindo-se o primeiro Adão pelo segundo Adão. A 6ª-feira é o dia dos animais da terra, do homem e do amor.

[Sábado] "Na Sétima Idade, nosso Senhor Jesus Cristo virá para julgar os vivos, os mortos e o mundo pelo fogo."

Na atual idade, a sexta, da qual já se passaram 973 anos desde que Nênio escreveu, o homem deve olhar esperançoso em direção da Sétima Idade para o repouso final da alma. O sábado é o dia do repouso.[8]

A explicação rabínica da Menorá, em termos da criação do mundo em sete dias, é obviamente errônea: a associação da vela central com o *sabbath* contradiz o "Que se faça a luz", texto do quarto dia. A tradição mais antiga preservada no *Zohar* — "Estas luzes, como os sete planetas do céu, recebem sua luz do Sol" — remonta ao culto solar anterior ao Exílio. A Menorá ficava no Santuário voltada

[8] A tradição das Sete Idades de Nênio sobreviveu nos ditos populares ingleses nos seguintes versos:

The lives of three wattles, the life of a hound;
The lives of three hounds, the life of a steed;
The lives of three steeds, the life of a man;
The lives of three men, the life of eagle;
The lives of three eagles, the life of a yew;
The life of a yew, the length of a ridge;
Seven ridges from Creation to Doom.

A vida de três varas, a vida de um cachorro;
A vida de três cachorros, a vida de um corcel;
A vida de três corcéis, a vida de um homem;
A vida de três homens, a vida de uma águia;
A vida de três águias, a vida de um teixo;
A vida de um teixo, a duração de uma colina;
Sete colinas da Criação até o Dia do Juízo Final.

Uma vara dura três anos; por conseguinte, um cachorro, nove; um cavalo, 27; um homem, 81; uma águia, 243; e um teixo, 729. A duração de um *ridge* (colina, morro) é um erro evidente de tradução do latim dos monges, *aevum* (idade), que foi lido como *urvum* (*ridge*, colina, morro). Com a duração de uma idade chegando a 729 anos, a duração total das sete idades chega a 5.103 anos, o que corresponde bastante bem ao cálculo de Nênio.

para o sudoeste, em direção de On-Heliópolis, lar original do deus-Sol de quem Moisés era sacerdote.

Em seu livro *Antiguidades* (v. 5; 5), Flávio Josefo escreve sobre as três maravilhas do Santuário, a saber, a mesa dos pães da proposição, a ara do incenso e as lâmpadas:

> Agora, as sete lâmpadas significavam os sete planetas, pois era neste número que elas brotavam do candelabro. Os doze pães que se encontravam sobre a mesa simbolizavam o círculo do Zodíaco e o ano; e o altar do incenso por seus treze tipos de aromas doces com os quais o mar o repleta, significava que Deus é o Senhor de todas as coisas tanto nas partes da Terra habitáveis quanto nas inabitáveis e que todas elas devem ser dedicadas a seu serviço.

Esses treze aromas, em vez de quatro, devem pertencer a alguma tradição secreta mais antiga, que não vem mencionada na Lei, mas que é contemporânea das instruções existentes em Números 29, 13 para o sacrifício de treze bois no primeiro dia da Festa dos Tabernáculos. (De passagem, lembre-se de que o número total de bois sacrificados, desde o início do crítico sétimo mês até o final dos sete dias da festa, era novamente a cifra sagrada de 72. O sacrifício de um único boi no oitavo dia era um assunto em separado.) Flávio Josefo insinua que o número treze se refere a Rahab, a profética deusa do mar, guardiã do *Sheol* ("as partes inabitáveis do mundo"), região sobre a qual Deus também proclama Sua soberania.

Aquilo que parece ter sido uma série de pedras preciosas correspondente à série de árvores de Ezequiel estava ordenado em três fileiras no peitoral dourado que o sumo sacerdote usava, chamado em grego de *logion*, ou seja, "pequeno doador da palavra" (Êxodo 28, 15). Foi feito por artesãos egípcios, e o rei de Tiro usava um semelhante em honra de Héracles-Melkarth (Ezequiel 28, 13). As gemas, que davam respostas oraculares brilhando na escuridão do santuário, provavelmente, estavam ocas e tinham por trás um tambor giratório no qual havia uma pequena tira de fósforo; quando se girava o tambor, a mensagem se expressava como se fosse uma *ouija*, tábua de escritura espiritista, à medida que a tira de fósforo, a cada giro, se ia posicionando atrás das diferentes letras.

A descrição do peitoral feita pelo Êxodo fala em doze pedras preciosas gravadas com os nomes das doze tribos, encravadas numa placa de ouro quadrada e dupla com um palmo de cada lado (Êxodo 28, 16). No entanto, existe uma décima terceira pedra, à qual se dá grande importância noutro trecho da Bíblia, como, por exemplo, em Isaías 54, 12, e que nos permite supor que fizesse parte da série original. Trata-se da *kadkod*, que foi traduzida de maneira errônea pela Versão Autorizada anglicana como "ágata", mas que provavelmente se tratasse de um carbúnculo vermelho, ou seja, uma granada[9] almandina. Podemos associá-la à tribo de Gad, que desapareceu na remota história israelita. Todas as

[9] A Bíblia de Jerusalém a traduz por "rubi". (N. T.)

pedras estão traduzidas de modo errado na Versão Autorizada. No Livro do Apocalipse de João 21, 19, aparece uma série ligeiramente modificada como constitutiva das fundações da Nova Jerusalém. O peitoral ainda existia no tempo de Flávio Josefo, embora já não acendesse e provavelmente continha todas as pedras originais, exceto a *kadkod*. Disto podemos elaborar nossa seqüência de pedras preciosas, baseando-nos na sólida erudição de J. I. Myers e, assim, reorganizá-las numa ordem sazonal mais provável. Pois podemos supor que a ordem citada na Bíblia, assim como a posição dos elementos no *A canção de Amergin*, tivesse sido alterada de propósito por motivos de segurança.

Sabemos que a ametista, *ahlamah*, é a pedra do vinho — seu nome em grego significa "talismã contra a embriaguez" — e pode ser associada ao *M*, mês da videira. De igual modo, a serpentina amarela, *tarsis*, pertence naturalmente a *G*, o mês da hera de pequenos frutos amarelos. A ágata de listras vermelhas, *sebo*, pertence a *C*, o mês anterior à vindima, quando os bagos das uvas ainda estão vermelhos. A cornalina branca, *yahalem*, e o amarelado quartzo fumê, *lesem*, podem pertencer ao meses *D* e *T*, brilhantes e quentes. O carbúnculo vermelho, *kadkod*, corresponde a *S*, o mês da *razzia* ou das incursões. O lápis-lazúli, *sappur*, representa o *H*, o primeiro mês do verão, uma vez que a sua cor é a do céu azul-escuro. *Sappur* foi traduzida por "safira" na Versão Autorizada e Ezequiel fala dela como tendo a cor do trono de Deus. O jaspe verde-claro, *yäsepheh*, e a malaquita verde-escura, *soham*, servem para o *NG* e o *R*, os meses chuvosos do inverno na Palestina. *Nophek*, a granada brilhante vermelho-fogo, também chamada piropo, é provável que corresponda a *F*, mês do equinócio de primavera. A calcedônia edomita cor-de-ferrugem-avermelhada, *odem*, aparece pela primeira vez no ano em honra de Adão, "o homem vermelho", pois "Edom", "Adam" e "Odem" são variantes de uma mesma palavra que significa "ferrugem". *Odem* pertence ao mês *B*. As outras pedras preciosas, que correspondem a *L*, o mês da taça de ouro de Héracles, e a *N*, o mês de sua viagem por mar, são, respectivamente, *pitdan*, o crisólito de cor amarelo-claro, e *bareketh*, o berilo verde, pois a palavra *beryl* quer dizer, em grego, jóia marinha.

E caminhamos ainda mais adiante: com a ajuda dos nomes que as tribos recebem de suas mães, nos capítulos 29 e 30 do Livro do Gênesis, e das bênçãos ou maldições lançadas sobre elas por Jacó, nos capítulos 48 e 49 do mesmo livro, podemos designar uma letra e um mês a cada tribo. A Efraim ("fértil" ou "frutuoso") e Manassés ("aquele que faz esquecer"), os dois filhos de José, que era "uma videira frutuosa", podemos atribuir os meses *C* e *M*; e *B* a Rúben, o primogênito, que tinha ligações edomitas. Aos quatro irmãos de pai e mãe de Rúben: Gad ("quadrilha de ladrões"); Levi ("posto de lado"); Aser, ou Asher ("guloseimas reais estão em seu prato"), e Simeão ("irmão sanguinário cuja ira é feroz"), podemos atribuir os meses *S*, *H*, *D* e *T*. Gad tem o mês da *razzia*, quando o grão está convidativamente maduro; Levi, o mês *H*, porque este é particularmente sagrado; Aser, ou Asher, tem o importante mês real *D*, porque seu nome está ligado com *Ashera*, o bosque de terebinto do sacrifício do solstício de

verão; Simeão tem o *T*, o mês assassino, que é quando o sol está em seu máximo. A Issacar ("o asno forte entre dois fardos") podemos atribuir o *L*, mês do descanso, entre a semeadura e a colheita. A Zabulon ("entre os barcos") pertence o mês *N* da viagem marítima. A Judá ("filhote de leão") se dá o mês *F*, do equinócio de primavera; a Neftali ("ele se esforça") se associa o mês *R*, tempo de arar. Ao "pequeno Benjamim governante deles" pertence o dia do Ano-Novo, o dia da Criança Divina. Quando designamos *G* a Dan ("como uma serpente"), o serpentino mês, naturalmente completamos o mês *NG*, o único que permanece vacante, com a tribo de Dina: pois esta, irmã gêmea de Dan, era outra tribo que desapareceu nos primórdios (*cf.* Gênesis 34), e uma vez que o mês de *NG* assinala o início das chuvas e a retomada do ciclo sazonal do crescimento, este é o lugar adequado para uma mulher.

Em meu livro *King Jesus* tentei reconstruir o hino a Héracles-Melkarth no qual as bênçãos de Jacó parecem estar fundamentadas. Ele combina as palavras da bênção com os significados tradicionais dos nomes tribais, e começa com Héracles se balançando, para a frente e para trás, em sua taça de ouro. Aproveito esta oportunidade para corrigir-me quanto ao lugar errôneo assinalado aos irmãos Levi, Gad e Aser:

Rúben — B
VEJA O FILHO sacudido na água
com força vigorosa excelente,

Issacar — L
Descansando confortavelmente entre dois feitos,
pagou ao marinheiro todo seu SALÁRIO.

Zabulon — N
VIVENDO seguro num barco oco
até que os ventos o levassem para casa.

Judá — F
Escuta como ruge como filhote de leão,
escuta como seus irmãos ELOGIAM seu nome ...

Gad — S
Ainda que uma QUADRILHA de invasores o abata,
ele os abaterá quando chegar sua hora.

Levi — H
É POSTO À PARTE de todos seus irmãos
e mantido a serviço do Santuário.

Aser — D
Ele é FELIZ; seu pão é gorduroso,
guloseimas reais estão em seu prato. Etc.

Eis aqui uma lista válida das pedras preciosas, dos meses e das tribos. Quanto ao peitoral, cabe ainda dizer, que era feito inteiramente de ouro em honra ao Sol. Contudo, às cinco vogais, A, O, U, E, I, correspondia uma seqüência de cinco metais que, a julgar pelos selos planetários tradicionais vinculados a elas, eram: prata, ouro, cobre, estanho e chumbo.

B	24 de dez.	Calcedônia avermelhada	Rúben
L	21 de jan.	Crisólita amarelada	Issacar
N	18 de fev.	Berilo verde	Zabulon
F	18 de mar.	Granada vermelho-fogo	Judá
S	15 de abr.	Carbúnculo vermelho	Gade
H	13 de maio	Lápis-lazúli	Levi
D	10 de jun.	Cornalina branca	Aser
T	8 de jul.	Quartzo fumê amarelado	Simeão
C	5 de ago.	Ágata de listras vermelhas	Efraim
M	2 de set.	Ametista	Manassés
G	30 de set.	Serpentina amarela	Dan
NG	28 de out.	Jaspe verde-claro	Dina
R	25 de nov.	Malaquita verde-escura	Neftali

Para o dia extra, 23 de dezembro, que pertence a Benjamim, "filho de minha mão direita", o que significa "o governante do Sul" (uma vez que o sol chega a seu ponto extremo sul no solstício de inverno), a jóia preciosa é o âmbar, cuja cor Ezequiel atribui à metade superior do corpo de Iahweh, sendo a metade inferior de fogo. As árvores de Benjamim eram o hissopo ou alcaparra silvestre, que cresce verde nas paredes e frestas e que era a principal árvore purificadora dos rituais hebraicos, ou, então, o loranto sagrado, que cresce como parasita nas tamargas do deserto.

Capítulo 16

O Santo e Impronunciável Nome de Deus

No livro de Ledwich, *Antiquities of Ireland*, registra-se o *ogham Craobh*, atestado por uma inscrição alfabética em Callen, no condado de Clare, na Irlanda, que foi datada do ano 295 d.C. e que tem a seguinte ordem:

B	L	N	*T*	S
B	D	T	C	Q
M	G	Ng	Z	R

Este é o alfabeto ogâmico ordinário, conforme apresentado por Macalister, exceto pelo fato de que, onde se poderia esperar *F* e *H*, ele traz *T* e *B* — aquelas mesmas consoantes que ocorrem misteriosamente no relato de Higino sobre as sete letras originais inventadas pelas Três Parcas. Fica evidente que havia uma proibição em Callen quanto às letras *F* e *H*, criando a necessidade de colocar em seu lugar o *T* e o *B*. Parece que o mesmo tabu se aplicava ao alfabeto grego de quinze consoantes conhecido por Higino, que se absteve de referir-se à contribuição de Palamedes das onze consoantes, por não querer atrair atenção sobre a dupla aparição do *B* e do *T*.

Sendo assim, o alfabeto de Palamedes pode ser reconstruído, na ordem ogâmica, do seguinte modo:

B	L	N	F	S
H	D	T	C	
M	G	[Ng]		R

Em grego não existe um equivalente para o *Ng*, por isso o coloquei entre colchetes. Deve-se recordar que os pelasgos primitivos falavam um idioma que não era grego. Tal língua quase desaparecera por volta do século V a.C.; contudo, segundo Heródoto, sobreviveu em pelo menos um dos oráculos de Apolo, mais exatamente o de Apolo Ptôo, que se situava em território beócio. Ele registra que um certo Mis, enviado pelo genro do rei Dario, da Pérsia, para consultar-

se com oráculos gregos fora recebido por três sacerdotes beócios com tábuas de escrever triangulares. A sacerdotisa deu sua resposta num idioma bárbaro, que Mis transcreveu depois de tomar a tabuleta das mãos de um dos sacerdotes. Comprovou-se tratar do dialeto cário, que Mis entendia porque era "europeu", isto é, de origem cretense — Europa, filha de Agenor, foi levada da Fenícia para Creta no lombo de um touro. Se o idioma cretense era, como é provável, uma língua hamita, poderia perfeitamente ter *Ng* no 14º lugar. O *Ng* não faz parte do alfabeto grego e o dr. Macalister assinala que, nem mesmo no antigo gaélico, palavra alguma começava por *Ng* e que NGOMAIR e NGETAL, que apareciam em alfabetos ogâmicos como nomes da letra *Ng*, não passavam de formas inteiramente artificiais de GOMAIR e de GETAL. Contudo, nas línguas hamitas, a inicial *Ng* é comum, como pode demonstrar uma simples olhadela no mapa da África.

A existência dessa duvidosa letra pelasga *Ng*, que não foi tomada de empréstimo pelos criadores do alfabeto cadmeu, pode explicar a incerteza de "doze ou, como alguns dizem, treze letras", atribuída por Diodoro Sículo ao alfabeto pelasgo. Pode explicar, ainda, por que *Ng* no meio de uma palavra soletrava-se em grego *GG*, como em *aggelos* para *angelos*, sendo o *G* a letra que, imediatamente, precede *Ng* no alfabeto Beth-Luis-Nion. Sempre a partir da analogia com este citado alfabeto, pode-se suspeitar que o alfabeto de Palamedes contivesse duas letras secretas que elevavam o número para quinze. De qualquer forma, o alfabeto latino era composto, na sua origem, de quinze consoantes, mais cinco vogais e foi, provavelmente, organizado pela "Carmenta" da seguinte maneira:

B	L	F	S	N
H	D	T	C	Q
M	G	Ng	P	R

Isto porque os romanos, na era republicana, continuaram a empregar o som *Ng* no início das palavras — até soletravam *natus* como *gnatus* e *navus* ("diligente") como *gnavus* — e, provavelmente, o pronunciavam como *nh* no meio de palavras portuguesas, como *manhã* e *senhor*.

Parece ter sido o grego Epicarmo quem inventou a forma mais arcaica do alfabeto cadmeu, que Diodoro disse ter dezesseis consoantes, a saber, as treze do alfabeto de Palamedes, conforme citadas acima, menos o *Ng*, acrescido de *dzeta* com o *pi* substituindo *coppa* (*Q*), mais *qui* (*khi*) e *teta*. Contudo, Higino atribui apenas duas letras a Epicarmo, e estas aparecem nos mais renomados manuscritos como sendo *qui* e *teta*. O *pi* (ou *coppa*) e o *dzeta*, provavelmente, constituíam as letras ocultas do alfabeto de Palamedes, como *quert* e *straif*, as letras secretas do Beth-Luis-Nion, que não foram mencionadas por Higino por serem representadas pelo *C* e pelo *S* dobrados.

Sabemos que Simônides suprimiu o *H* aspirado e também o *F*, o digama, o qual foi trocado pelo *fi*, e introduziu o *psi* e o *csi*, além de duas vogais — o *E* lon-

go (*eta*), à qual atribuiu o caractere do *H* aspirado e o *O* longo (*omega*). Estas modificações elevaram o número total de letras para 24.

Todos estes alfabetos parecem ter sido cuidadosamente planejados como algo de natureza sagrada e não mera transcrição seletiva grega do alfabeto comercial fenício, que tinha 26 letras, conforme se vê nos vasos de Formello-Cervetri. Uma das virtudes do alfabeto de Epicarmo repousa no fato de ter 16 consoantes — sendo 16 o número do crescimento — e 21 letras no total, sendo 21 o número consagrado ao Sol, desde os tempos no faraó Akenaton que introduziu no Egito, por volta do ano 1415 a.C., o culto monoteístico do disco solar. Como Epicarmo era um asclepíade, era descendente do Sol.

Deve-se ressaltar que as novas consoantes de Simônides eram artificiais — previamente *csi* era soletrado *qui-sigma* e *psi*, *pi-sigma* — e que não havia uma real necessidade delas caso se comparasse, por exemplo, com a necessidade de novas letras para distinguir o *A* e o *I* longos dos breves. Suspeito que, ao compor um encantamento alfabético secreto, que consistia nos nomes familiares das letras do alfabeto grego arrumadas juntas com vogais e consoantes, em três partes de oito letras, cada letra sugere uma palavra do encantamento; por exemplo, *csi* e *psi* podiam representar uma *xiphon psilon*, ou seja, "uma espada desembainhada". Infelizmente as abreviações da maioria dos nomes das letras gregas são muito curtas para que este palpite se consubstancie; apenas uma ou outra letra ocasional, como *lambda*, que parece designar *lampada* (tochas) e *sigma*, que parece significar *sigmos* ("uma sibilação para impor silêncio", a interjeição "psiu!"), alude ao segredo.

Contudo, será possível adivinhar por que Simônides removeu o *F* e o *H* do alfabeto? E por que Higino, o espanhol autor das inscrições irlandesas em Callen, usou *B* e *T* como disfarce cifrado para as mesmas duas letras em questão? Podemos começar ressaltando que o calendário etrusco, adotado pelos romanos durante a República, ordenava-se em *nundina*, ou seja, períodos de oito dias, chamados em grego de ogdóades, e que o número consagrado à deusa romana da sabedoria, Minerva, era o cinco (que se escrevia "V"). Podemos identificá-la com a Carmenta porque a esta se atribuía, geralmente, em Roma, a invenção das artes e das ciências, e porque as embarcações decoradas com flores, provavelmente feitas com madeira de amieiro, eram lançadas à água durante o seu festival, as *Quinquatria*. Esta palavra significa "as cinco salas", presumivelmente as cinco estações do ano. Era uma festa celebrada cinco dias depois da Festa do Ano-Novo Primaveril, dedicada a Anna Perenna, a deusa do calendário. Isto sugere que os cinco dias eram aqueles deixados à parte, quando o ano foi dividido em cinco estações de 72 dias cada, tendo sido, igualmente, estabelecida no sistema Beth-Luis-Nion a sacralidade do 5 e do 72.

Um calendário alfabético composto de acordo com este princípio, com as vogais mantidas separadas das consoantes, implica um ano de 360 dias de cinco vogais-estações cada uma, de 72 dias com cinco dias de sobra; como cada estação se divide em três períodos, cada um deles compreende 24 dias. O ano de 360 dias

pode dividir-se, também, em honra à Tríplice Deusa, em três estações de 120 dias, cada uma delas com cinco períodos de igual duração, ou seja, 24 dias, com os mesmos cinco dias extras. Era este o ano empregado publicamente no Egito. Os egípcios diziam que os cinco dias eram aqueles em que o deus Tot (Hermes ou Mercúrio) ganhou, num jogo, da deusa lunar Ísis, compostos com a 72ª parte de cada dia do ano. Nesses dias eram celebrados os natalícios de Osíris, Hórus, Set, Ísis e Néftis, obedecendo-se a esta ordem. O sentido mítico da lenda consiste em que uma mudança de religião exige uma alteração do calendário. O velho ano da deusa lunar, com 364 dias e um dia extra, foi substituído pelo ano de 360 dias com cinco dias extras. Neste novo sistema, os três primeiros períodos do ano eram dedicados a Osíris, Hórus e Set, e os dois últimos a Ísis e a Néftis. Embora, sob a influência assíria, cada uma das três estações egípcias tenha sido dividida em quatro períodos de 30 dias e não em cinco de 24, a estação de 72 dias ocorre no mito egípcio-biblosiano (de Biblos, na Fenícia) no qual a deusa Ísis esconde seu filho Hórus, ou Harpócrates, da fúria do deus solar Set, de orelhas de burro, durante os 72 dias mais quentes do ano, isto é, a terceira das cinco estações, que era, astronomicamente, governada pelo Cão Sírius e os dois Asnos. (A ocultação do Hórus menino parece ter sido auxiliada pelo abibe, pássaro muito empregado na ciência etrusca dos augúrios, que os romanos tomaram emprestada; de qualquer modo, Plínio, por duas vezes, menciona em sua *História natural* que o abibe desaparece completamente entre o nascer de Sírius e o seu ocaso.)

Porém, aqui o assunto deve ser sustentado por uma discussão sobre Set e seu culto.

A lenda grega de que o deus Dioniso colocara os asnos no signo de Câncer ("o Caranguejo") sugere que o Dioniso que visitara o Egito e fora recebido por Proteu, rei de Faros, era Osíris, irmão de Tífon, divindade dos hicsos, também chamado Set. Os hicsos eram um povo de pastores não-semitas, que vieram da Armênia, ou de além desta, pressionados a atravessar a Capadócia, a Síria e a Palestina, até chegar no Egito por volta do ano 1780 a.C. O fato de terem conseguido se estabelecer de maneira tão fácil no Norte do Egito, mantendo sua capital em Pelúsio, no braço canópico do Delta do Nilo, só pode justificar-se por uma aliança com os biblosianos da Fenícia. Biblos, protetorado do Egito desde remota época, era a "Terra de Negu" ("das árvores"), de onde os egípcios importavam madeiras. Um selo em forma de cilindro do Antigo Império mostra Adônis, divindade de Biblos, em companhia da chifruda deusa lunar Ísis, ou Hator ou Astarté. Os biblosianos e os cretenses cuidavam do transporte das cargas dos egípcios, que tinham horror ao mar. Mantinham, por isso, entrepostos comerciais em Pelúsio e noutros locais do Baixo Egito desde épocas arcaicas. A julgar pela lenda homérica do rei Proteu, os mais antigos assentamentos pelasgos no Delta usaram Faros — a ilha do farol, nas costas de onde mais tarde veio a localizar-se Alexandria — como sua ilha oracular sagrada. Proteu, o profético Velho do Mar, que era rei de Faros e vivia numa caverna — onde Menelau foi

consultá-lo — tinha o poder da metamorfose como Merddin, Dioniso, Atabírio, Llew Llaw, Periclímeno e todos os heróis solares do mesmo tipo. Evidentemente, Faros era sua "ilha de Avalon". O fato de Apuleio coligar o *sistrum* de Osíris, usado para afugentar o deus Set, com Faros sugere que Proteu e Osíris lá fossem vistos como a mesma pessoa. Segundo Virgílio, Proteu tinha outra ilha sagrada, Cárpatos, que fica entre Creta e Rodes; mas este era o Proteu da Tessália. Um outro Proteu, que se escrevia Proetus (Preto), era arcádico.

Seria um grande erro pensar que Faros fosse uma ilha sagrada isolada e desabitada, onde só viviam os encarregados do oráculo: quando Menelau lá chegou com seus navios, entrou no maior de todos os portos do Mediterrâneo.[1] Gaston Jondet, em seu livro *Les ports submergés de l'ancienne Île de Pharos* (1916), encontrou provas da existência lá, mesmo em tempos pré-helênicos, de um amplo sistema de obras portuárias, agora submersas, que ultrapassavam em extensão a própria ilha. Consistia numa baía interna com cerca de 600 mil metros quadrados e noutra externa com cerca da metade da área, os maciços quebra-mares, cais e atracadouros feitos com enormes blocos de pedra, alguns dos quais pesando até seis toneladas. Ao que parece, as obras foram realizadas no final do terceiro milênio a.C. por trabalhadores egípcios, segundo os planos submetidos às autoridades locais por arquitetos marítimos de Creta ou da Fenícia. O enorme desembarcadouro situado na entrada do porto era feito de toscos blocos, que chegavam a ter cinco metros de comprimento, com entalhes axadrezados profundos em forma de pentágonos. Uma vez que os pentágonos são figuras inconvenientes para um xadrez, se comparados a quadrados ou mesmo a hexágonos, o número cinco deve ter tido algum significado religioso importante. Seria Faros o centro de um sistema de calendário baseado nas cinco estações?

A ilha era estranhamente ligada com os números 5 e 72 no início da era cristã: os judeus de Alexandria costumavam visitá-la por ocasião de um festival anual (seria de cinco dias?), cuja justificativa era o fato de que os cinco livros de Moisés — o Pentateuco ou a Torá — haviam sido traduzidos miraculosamente para o grego por 72 doutores da Lei (a Septuaginta ou Versão dos Setenta) que trabalharam inteiramente isolados durante 72 dias em suas versões, cujos textos,

[1] Homero diz que Faros dista um dia inteiro de vela do rio do Egito. Isto foi considerado de modo absurdo como se tratando do Nilo; o significado lógico é do rio do Egito (torrente do Egito, segundo Josué 15, 4), ou seja, a fronteira sul da Palestina, um riacho bem conhecido dos invasores aqueus dos séculos XVIII e XVII a.C.

O mesmo erro foi cometido pelo editor medieval da *Kebra Nagast*, a Bíblia etíope. Este considerou miraculosa a fuga dos homens que roubaram a Arca de Jerusalém, porque eles cobriram a distância entre Gaza e o rio do Egito em apenas um dia, quando o cronograma das caravanas assinalava que se tratava de uma viagem de treze dias. A ausência de remanescentes pré-históricos na própria ilha sugere que tudo, exceto a costa, era um bosque-santuário de Proteu, herói oracular e provedor de ventos.

ao final, coincidiram exatamente entre si. Existe algo por trás deste mito. Todos os festivais similares do mundo antigo comemoravam algum tratado tribal ou a celebração de algum ato de confederação. Neste caso, continua obscura a razão das comemorações, a menos que o faraó que se casou com Sara, a deusa-mãe da tribo "Abraão", que visitou o Egito no final do terceiro milênio a.C., fosse o rei-sacerdote de Faros. Se tudo correu assim, o festival recordaria o casamento sagrado por meio do qual os antepassados dos hebreus se uniram à grande confederação dos Povos do Mar, cuja base mais forte era Faros. Os hebreus parecem ter morado continuamente no Baixo Egito durante os dois milênios seguintes, mas o significado do festival caíra em esquecimento por ocasião da tradução do Pentateuco para o grego.

Na *Odisséia* — romance popular do qual não se pode depender para detalhes míticos —, as metamorfoses de Proteu são descritas como leão, pantera, serpente, javali, água, fogo e árvore frondosa. Trata-se de uma lista misturada,[2] que lembra o rol dos vários "eu fui" deliberadamente embaralhado por Gwion. O javali é o símbolo do mês *G*; o leão e a serpente são símbolos sazonais; a pantera é uma besta mítica, meio-leão, meio-leopardo, consagrada a Dioniso. É uma pena que Homero não especifique qual era a árvore frondosa; sua associação aqui com a água e com o fogo sugere o amieiro ou a cornácea, como consagrada a Proteu, um deus do tipo de Bran — embora, na história, Proteu seja degradado a um reles pastor de focas a serviço de Posídon, divindade do freixo.

Ésquilo chama o Nilo de ogigiano e Eustáquio, o gramático bizantino, diz que o primeiro nome do Egito foi Ogígia. Isto sugere que a ilha de Ogígia, governada por Calipso, filha de Atlas, era, na realidade, Faros, onde Proteu, também chamado de Atlas ou de "o sofredor", tinha seu santuário oracular. Faros dominava a embocadura do Nilo e os marinheiros gregos falavam em "velejar para Ogígia" em vez de "velejar para o Egito". Com freqüência, ocorre que uma pequena ilha usada como entreposto comercial dê seu nome a uma província inteira — Bombaim é um bom exemplo disto. As águas do Estígia também são chamadas de ogigianas por Hesíodo, não — como Liddell e Scott

[2] Compare-se a lista igualmente misturada que Nonnus fornece das transformações de Zagreus: "Zeus em seu manto de pele de bode, Cronos fazendo chover, um jovem inspirado, um leão, um cavalo, uma serpente com chifres, um tigre, um touro." Antes de seu casamento com Peleu, as metamorfoses de Tétis foram, segundo vários autores, de Píndaro a Tzetzes, em fogo, água, vento, árvore, pássaro, tigre, leão, serpente, sépia. As transformações de Tam Lin, na balada escocesa, eram em cobra ou tritão (salamandra aquática), urso, leão, carvão e ferro incandescente a ser temperado em água corrente. Os elementos zoológicos comuns a estas quatro versões de uma história original, a saber, serpente, leão, alguma outra fera (urso, pantera ou tigre), sugerem uma seqüência de calendário de três estações correspondentes ao leão, ao bode e à serpente, que compunham a Quimera cária; ou o touro, o leão e a serpente do babilônico *Sir-rush*; se for assim, então, o fogo e a água ocupariam o lugar do Sol e da Lua, que compartilham entre si o governo do ano. Entretanto, é possível que a lista de Nonnus — touro, leão, tigre, cavalo e serpente — forme um calendário traco-líbico de cinco e não de três estações.

sugerem — por causa de o termo "ogigiano" significar vagamente "primitiva", mas por causa das nascentes de água em Lusi, local das três filhas oraculares de Proetus (Preto), que parece ser o mesmo personagem de culto que Proteu.

Logo que os biblosianos trouxeram seu deus sírio das tempestades para o Egito — aquele que, disfarçado em javali, anualmente matava seu irmão Adônis, a divindade que sempre nascia debaixo de um pinheiro — eles o identificaram com Set, o deus egípcio do deserto, cujo animal sagrado era o asno selvagem e que anualmente destruía seu irmão Osíris, a divindade da vegetação do Nilo. Isto deve ser o que o fenício Sanchthoniatho, num fragmento guardado por Filão, quer dizer quando fala que os mistérios da Fenícia foram trazidos para o Egito. Ele registra que os dois primeiros inventores da raça humana, Upsouranios e seu irmão Ousous, consagraram dois pilares, um ao fogo e outro ao vento — presumivelmente Jaquim e Boaz, os pilares que representavam Adônis, a divindade do Ano-Novo e do Sol recém-nascido, e Tífon, deus do Ano-Velho e das ventanias destruidoras. Os reis hicsos, debaixo da influência biblosiana, igualmente converteram seu deus da tempestade em Set e seu novo irmão, o Osíris hicso, também chamado Adônis ou ainda Dioniso, fez uma visita de cortesia a seu equivalente pelasgo, o rei de Faros, Proteu.

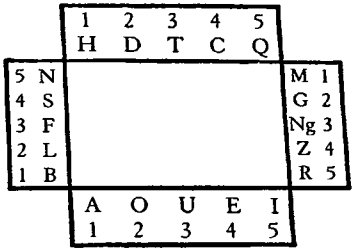
Em tempos pré-dinásticos, Set deve ter sido o chefe de todos os deuses do Egito, uma vez que o símbolo da realeza, que todas as divindades dinásticas portavam, era o cetro de junco com as orelhas asininas de Set. Contudo, já tivera diminuída sua importância antes que os hicsos reavivassem seu culto em Pelúsio e, quando esses foram expulsos do Egito, cerca de duzentos anos mais tarde, pelos faraós da XVIII dinastia, retornou à obscuridade.[3] Os egípcios o identificavam com a constelação de Órion, de orelhas longas, "Senhor das Câmaras do Sul". O "hálito de Set" era o vento sul dos desertos, o siroco, que ao soprar sempre provoca, até hoje, uma onda de violência criminosa no Egito, na Líbia e no Sul da Europa. O culto de Set com orelhas de asno no Sul da Judéia é comprovado pelo relato de Ápion sobre a máscara de ouro de um asno da edomita Dora, tomada pelo rei Alexandre Janeu e, habilmente, roubada de Jerusalém por um certo Zabidus. O asno aparece na maioria das historietas, obviamente iconotrópicas, do Gênesis e dos primeiros livros históricos da Bíblia: Saul foi escolhido como rei quando procurava os burros desgarrados de Kish; o asno junto de Abraão quando este estava para sacrificar Isaac; a queixada de jumento que Sansão usou contra os filisteus; o asno de Balaão, com sua voz humana. Além do mais, o tio de Jacó, Ismael, filho de Agar, junto com seus doze filhos, é descrito em Gênesis 16, 12, como um asno selvagem entre os homens. Isto sugere uma confederação de treze tribos adoradoras da Deusa que habitavam o deserto do sul, sob a liderança de uma tribo dedicada a Set. Ismael talvez significasse "o homem amado", o favorito da Deusa.

[3] No *Rig-veda* sânscrito, composto antes do ano 1300 a.C., a versão de Tifão recebeu o nome de Rudra, o protótipo do Shiva hindu, um demônio maligno, pai dos demônios das tempestades e que ostentava o título de "divino javali avermelhado".

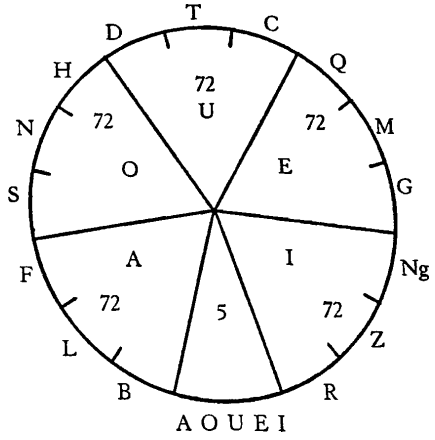
A lenda de Midas, o frígio, e as orelhas de asno confirma esta associação de Dioniso e Set, pois Midas, filho da deusa-mãe, era um devoto de Dioniso. Trata-se, evidentemente, de uma lenda iconotrópica, e Midas foi identificado, seguramente, com Mita, rei dos mosquianos, ou mushki, um povo da Trácia — originalmente do Ponto — que rompeu o poder dos hititas por volta do ano 1200 a.C., tomando-lhes sua capital, Pteria. Mita era um nome dinástico e diz-se que significava "semente" na linguagem órfica. Heródoto menciona certos roseirais de Midas no monte Bermios, na Macedônia, plantados antes que os mosquianos invadissem a Ásia Menor. É provável que seu nome grego, *moschoi*, "homens-bezerros", se referisse a seu culto do Espírito do Ano como um bezerro: um bezerro de ouro, tal como aquele a quem os israelitas atribuíram o mérito de sua saída a salvo do Egito.

A fato de se carecer de registro no Egito de um ano de cinco estações, concorrente àquele de três estações, não é uma prova de que tal calendário não fosse de uso popular entre os devotos de Osíris. Para dizer a verdade, não se encontrou nenhum registro faraônico oficial no Egito sobre a construção, nem sequer da existência, do porto de Faros, embora ele controlasse a embocadura do Nilo, o terminal sudeste das rotas marítimas mediterrâneas, e permanecesse em uso efetivo durante, pelo menos, um milênio. O culto de Osíris era a religião popular no Delta desde tempos pré-dinásticos; contudo, não tinha um *status* oficial. Os textos egípcios e seus documentos pictóricos são notórios por suprimirem ou distorcerem as crenças populares. Até mesmo em *O livro dos mortos*, que passa por popular, raramente expressa as verdadeiras crenças da massa devota de Osíris: os sacerdotes aristocráticos da religião oficialmente estabelecida começaram a adulterar os mitos populares já por volta do ano 2800 a.C. Um dos elementos mais importante do osirianismo, a adoração de árvores, não se oficializou antes do ano 300 a.C., durante o domínio macedônico dos Ptolomeus. Em *O livro dos mortos*, muitas crenças primitivas foram iconotropicamente suprimidas. Por exemplo, no final da 12ª hora de obscuridade, quando a barca solar de Osíris se aproxima da última porta do mundo subterrâneo, antes de novamente emergir para a luz do dia, o deus é representado atado para trás na forma de um aro, com as mãos para o alto e os dedos dos pés tocando a nuca. O fato é explicado como "Osíris, cujo circuito é o outro mundo", o que significa que, ao adotar esta postura acrobática, está definindo o "outro mundo" como uma região circular por trás do anel de montanhas que rodeia o mundo ordinário e tornando, assim, as doze horas análogas aos doze signos do Zodíaco. Aqui, uma elaborada idéia sacerdotal se superpôs claramente a uma imagem popular anterior: Osíris, aprisionado por seu rival Set, foi amarrado, como Íxion ou Cuchulain, com o laço quíntuplo que unia os pulsos, os calcanhares e o pescoço. "Osíris, cujo circuito é o outro mundo" é também uma maneira econômica de identificar o deus com a serpente Ofíon, enroscada em torno da terra habitável, um símbolo da fertilidade universal que deriva da morte.

O "Ercwlf" (Héracles) de Gwion empregou evidentemente o ano de três estações quando colocou em ordem seus "quatro pilares da mesma altura", no Boibel-Loth:



As vogais representam os cinco dias extras, a entrada do ano, enquanto o dintel e os dois pilares correspondem cada qual a 120 dias. Contudo, no Beth-Luis-Nion, o *Q* e o *Z* não têm mês próprio e sua ocorrência, como períodos de 24 dias, na segunda parte do ano Boibel-Loth, faz com que a letra central, a letra dominante, seja *Tinne* e não *Duir*, como no primeiro alfabeto-calendário. Tinnus, ou Tannus, tornou-se a divindade principal, tanto na Etrúria quanto na Gália druídica. Desta figura, tornou-se fácil a transição para uma ordenação em forma de disco:



Como o 8 constitui o número sagrado para o mês de Tinne — e, no calendário da Roma Imperial o mês dominante também era o oitavo, chamado *Sebastos* ("sagrado") ou *Augustus* —, de igual modo o período de oito dias governa o calendário. Com efeito, Tannus toma o lugar de seu irmão gêmeo, o carvalho Durus, e parece fazer isto como uma grande gentileza — a mesma que o Héracles celestial fez por Atlas ao aliviá-lo de seu fardo tradicional. Os gêmeos

já estavam ligados ao número 8 por causa de seu reinado de oito anos, que era fixado (como já vimos) pela aproximação, a cada centésima lunação, dos tempos lunar e solar. O fato de um calendário deste tipo ser empregado na Irlanda antiga fica demonstrado pelos numerosos monumentos arqueológicos dos Círculos do Sol, que consistem em cinco pedras que rodeiam um altar central; bem como pela antiga divisão do país em cinco províncias — Ulster, as duas Munster, Leinster e Connaught — que se encontravam num ponto central, agora conhecido como West Meath, demarcado por uma Pedra de Divisões. (As duas Munster já estavam unificadas por ocasião do reinado de Tuathal, o Aceitável, que durou de 130 a 160 d.C.; mas ele tomou parte do território de cada uma das quatro províncias para constituir seu domínio central em Meath.) Além disto, há uma evidente referência a este calendário no texto irlandês do século X d.C., o *Saltair na Rann*, onde se descreve uma cidade celestial com quinze fortalezas, oito portas e 72 tipos de frutas em seus pomares cercados.

Fica assim demonstrado que o deus Bran detinha um segredo alfabético bem antes que Gwydion, com ajuda de Amathaon, o roubasse dele em *A batalha das árvores*, durante a primeira invasão belga sobre as ilhas britânicas. E, também, que existiam estreitos laços religiosos entre os pelasgos e a Grã-Bretanha da Idade do Bronze; bem como que os pelasgos empregavam um alfabeto do mesmo tipo que o alfabeto arbóreo britânico, cujas árvores provinham do Norte da Ásia Menor.

Como se podia esperar, o mito que interliga Cronos, equivalente de Bran, com um segredo alfabético sobrevive em muitas versões. Refere-se a Dátilos ("dedos"), cinco seres criados pela deusa Branca Réia, "enquanto Zeus ainda era bebê, na caverna Dictéia, para que servissem a seu amante, Cronos. Este tornou-se o primeiro rei de Élis, onde os Dátilos eram adorados, segundo Pausânias, sob os nomes de Héracles, Peoneu, Epímedes, Íaso, Idas ou Acésidas. Eram também adorados na Frígia, na Samotrácia, em Chipre, em Creta e em Éfeso. Diodoro cita historiadores de Creta para provar que os Dátilos faziam encantamentos que causavam grande agitação na Samotrácia, e, além disto, que Orfeu — que empregava o alfabeto pelasgo — era discípulo deles. São chamados de "Pais dos cabiros" da Samotrácia e acredita-se que sua sede originária fosse a Frígia ou Creta. São, ainda, associados com os mistérios da fundição e Diodoro os identifica com os curetes, tutores do Zeus menino e fundadores de Cnossos. Os nomes deles, em Élis, correspondem exatamente aos cinco dedos. Héracles é o fálico polegar; Peoneu ("O que liberta do mal") é o alvissareiro indicador; Epímedes ("aquele que pensa tarde demais") é o médio, ou dedo do louco; Íaso ("O Curador") é o dedo do médico, o anular; Idas ("O que vem do monte Ida" — sede de Réia) é o dedo mindinho oracular. A sílaba *Aces* significa "O que evita a má sorte". O salgueiro órfico, a árvore que pertence à ponta do dedo mínimo, crescia justamente do lado de fora da caverna Dictéia, a qual, talvez por este motivo, era também chamada de Caverna de Idas.

O comentador alexandrino de Apolônio de Rodes chama a três dos Dátilos de Ácmon ("bigorna"), Damneu ("martelo") e Célmis ("fundidor"). Estes são, provavelmente, os nomes do polegar e dos dois dedos seguintes usados na bênção frígia (ou "latina"), pois as nozes são partidas entre o polegar e o indicador (a bigorna e o martelo) e o dedo médio baseado no *U*, a vogal da sexualidade, conserva ainda sua obscena reputação como fundidor da paixão feminina. Na Idade Média, era chamado de *digitus impudicus*, ou *obscenus*, porque, segundo Isbrand de Diemerbroek, médico do século XVII, era empregado "para apontar os homens que incorriam em infâmia ou escárnio" — como sinal de que tinham fracassado na tarefa de guardar o afeto de suas mulheres. Apolônio mencionou apenas dois dátilos pelo nome: Títias e Cilênio. Já mostrei que Cyllen (ou Cillenius) era filho de Élate, "a Ártemis do pinheiro"; assim, o dátilo Cilênio deve ter sido o polegar, que se baseia na letra *A*, do pinheiro. E Títias era aquele rei de Mariandine que Héracles matou em jogos fúnebres, na Bitínia, onde, também, roubou o cão. Alguns mitógrafos consideram Títias o pai de Mariandino, fundador da cidade. Como Héracles era o deus do Ano-Novo (ou ano crescente), que começa com o *A*, o polegar, se pode deduzir que Títias era o deus do Ano-Velho (ou ano minguante), que começa com U, o dedo do louco — aquele mesmo louco morto por Héracles no solstício do inverno. O nome Títias, ao que parece, é uma reduplicação da letra *T*, que pertence ao dedo-do-louco; e é idêntico ao do gigante Títio que foi morto por Zeus e entregue ao Tártaro.

Surge aqui um claro problema para a lógica poética: se o dátilo Cilênio é outro nome de Héracles, sendo este o polegar, e Títias é o dedo do louco, o dedo médio, deveria ser possível encontrar-se, no mito de Héracles e Títias, o nome do dedo indicador que está entre os dois, de modo a completar a tríade usada na bênção frígia. Uma vez que a seqüência numérica *Heis, Duo, Treis* — um, dois, três — corresponde no grego, no latim e no gaélico antigos às letras *H, D, T*, seqüência de letras representadas pelas articulações superiores dos dedos empregados nessa bênção, é provável que o nome que falta comece por *D* e tenha uma referência ao uso ou a associações religiosas do dedo. A resposta parece ser "dáscilos". Segundo Apolônio, este era o rei dos mariandinos e presidiu os jogos nos quais Hércules matou Títias. Trata-se do dedo indicador, e *dascylus* significa "o pequeno indicador", em grego *didasco*, em latim *disco*. Os presidentes dos jogos atléticos o empregavam para fazer uma advertência solene contra jogadas sujas, desleais. A raiz *Da* — da qual deriva Dáscilos — é também a raiz da palavra indo-germânica que significa "trovão", apropriada para a letra *D* como a letra do deus do carvalho e do trovão. Dáscilos era, ao mesmo tempo, pai e filho de Lico, que significa "lobo", animal este estreitamente ligado ao culto do carvalho.

Esta argumentação pode ir mais adiante. Mencionou-se, no Capítulo 4, que Pitágoras era um pelasgo de Samos que desenvolveu sua doutrina da transmigração das almas como resultado de suas viagens pelo resto do mundo. Segundo seu biógrafo, Porfírio, ele fora a Creta, sede da mais pura doutrina órfica, para receber a iniciação dos Dátilos Ideanos. Estes o purificaram ritualmen-

te com um raio, quer dizer, *fingiram* que o matavam com uma pedra meteórica ou com um machado neolítico (popularmente confundidos com raios), e ele, em seguida, passou toda a noite de bruços, à beira-mar, coberto por uma pele de carneiro negro; esteve "três vezes nove dias e noites sagrados na Caverna Ideana", e, por fim, de lá saiu para a iniciação. Provavelmente bebeu, então, ao amanhecer, a costumeira taça órfica de leite de cabra e mel (a bebida do Zeus cretense, que havia nascido na mesma caverna) e foi enfeitado com guirlandas de flores brancas. Porfírio não se recorda exatamente quando tudo isto ocorreu, exceto que Pitágoras viu o trono anualmente enfeitado com flores para Zeus. Este detalhe sugere que os 28 dias, transcorridos entre a sua "morte" pelo raio e sua ressurreição com leite e mel, configuravam o mês *R* de 28 dias, o mês da morte, regido pelo sabugueiro ou pela murta, e que Pitágoras renasceu no festival do solstício de inverno como encarnação de Zeus — um tipo de papa ou Aga Khan dos órficos — e atravessou a costumeira transformação mimética: touro, falcão, mulher, leão, peixe, serpente etc. Isto explicaria as honras divinas que foram prestadas, em subseqüência, a ele em Crotona, onde o culto órfico estava fortemente estabelecido. O fato explica ainda as honrarias prestadas a Empédocles, que o sucedeu e que afirmava ter também enfrentado essas transformações rituais. Aqui, os Dátilos são evidentemente os curetes, os sacerdotes-dançarinos do culto de Réia e Cronos, que tutoravam o Zeus-infante no calendário-alfabeto Beth-Luis-Nion dos pelasgos; a seqüência de árvores que fora trazida para a Grécia e para as ilhas do Egeu, desde a Paflagônia, atravessando a Bitínia Mariandine, a Frígia e que, lá, fora harmonizada com os princípios do alfabeto criado em Creta por "Palamedes". Por motivos climáticos, o cânon de árvores ensinado pelos Dátilos cretenses deveria diferenciar-se do ensinado na Frígia, na Samotrácia e na Magnésia. Na mesma Magnésia onde os cinco Dátilos eram relembrados como um único personagem e onde o pelasgo Queirão ("a mão"), filho de Cronos e de Filira (Réia), tutorou sucessivamente Héracles, Aquiles, Jasão, o herói órfico e, igualmente, inúmeros outros reis sagrados.

Entretanto, parece que Pitágoras,[4] depois de dominar o Beth-Luis-Nion cretense, descobriu que o calendário Boibel-Loth, baseado no ano de 360 mais

[4] Foi forte a influência de Pitágoras nos místicos medievais do noroeste europeu. Bernardo de Morlaix (por volta de 1140), autor do poema extático *De Contemptu Mundi*, escreveu: "Ouçam um homem experiente (...). Árvores e pedras lhes ensinarão mais do que poderão esperar dos lábios dos doutores em Teologia." Bernardo nasceu na Bretanha, de pais ingleses, e seus versos seguem a tradição poética irlandesa. Sua visão extática da Jerusalém celeste abre com o verso:

Ad tua mumera sit via doctora, Pythagoraea.
Que seja auspicioso teu caminho para as bênçãos de Pitágoras.

Como ele não era um adorador da natureza, mas sustentava as qualidades míticas de árvores escolhidas e pedras preciosas eleitas, conforme estudadas pelos pitagóricos, explicou os mistérios cristãos melhor do que santo Atanásio jamais fora capaz de fazer.

cinco dias e não em 364 mais um dia, era muito mais adequado que o Beth-Luis-Nion a suas profundas especulações filosóficas sobre o sagrado *tetractys*, os cinco sentidos e elementos, a oitava musical e a ogdóade.

Mas por que motivo era necessário alterar o alfabeto e o calendário de modo a tornar o oito um número importante em vez do 7? O alfabeto de Simônides, como se viu, foi ampliado para 3 x 8 letras; talvez isto fosse para preencher a sombria profecia corrente, na Grécia clássica, de que Apolo estava destinado a castrar seu pai com a mesma foice com que Zeus castrara o pai, Cronos, a qual estava guardada num templo da ilha de Drepane ("foice"), que tem a forma semelhante ao referido instrumento e que, hoje em dia, se chama Corfu. À medida que a divindade suprema dos druidas era um deus solar, o cumprimento desta profecia se demonstrava a cada ano pelo ritual que eles celebravam da emasculação do carvalho com a poda do visco, o princípio procriador, com uma foice de ouro — metal este consagrado ao Sol. O 7 era o número sagrado da semana, governada pelo Sol, pela Lua e por cinco planetas. Contudo, o 8 era consagrado ao Sol, na Babilônia, no Egito e na Arábia, porque o 8 é o símbolo da reduplicação 2 x 2 x 2. Daí o disco solar real, amplamente difundido, com uma cruz de oito braços nele, como uma versão simplificada do escudo da Grã-Bretanha; daí também os bolos sacrificiais de cevada assados no mesmo formato.

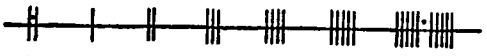
Agora, examinemos a famosa citação que Diodoro faz do historiador Hecateu, do século VI a.C.:

> Hecateu, como outros que trataram de histórias e tradições antigas, faz o seguinte relato: "Diante da costa da Gália celta existe uma ilha no oceano, que não é menor do que a Sicília, que jaz no norte e que é habitada pelos hiperbóreos, assim chamados por morarem para lá do vento Norte. É uma ilha de temperatura agradável, de solo rico e frutuosa em tudo, permitindo até uma dupla colheita a cada ano. A tradição diz que Latona nasceu ali e, por este motivo, os habitantes veneram Apolo mais do que qualquer outra divindade. São, em certo modo, sacerdotes dele, pois o celebram diariamente com longos cânticos de elogio e lhe rendem abundantes homenagens.
>
> Nessa ilha existe um magnífico bosque (ou recinto) de Apolo e um notável templo redondo, enfeitado com muitas doações consagradas. Há também uma cidade dedicada ao mesmo deus, cuja maioria dos habitantes é de harpistas que tocam continuamente no templo e cantam hinos à divindade, enaltecendo seus feitos. Os hiperbóreos falam um dialeto peculiar e sentem um notável afeto pelos gregos, especialmente pelos atenienses e pelos delíacos, cuja amizade vem de períodos remotos. Relata-se que alguns gregos visitaram outrora os hiperbóreos, com os quais deixaram presentes sagrados de precioso valor e que, também, em passado remoto, Ábaris, transferindo-se dos hiperbóreos para a Grécia, renovou o intercâmbio familiar com os delíacos.

Conta-se, ainda, que nessa ilha a Lua aparece tão próxima da Terra que podem nela ser observadas, com nitidez, certas eminências de forma terrestre. Fala-se que Apolo visita a ilha uma vez a cada dezenove anos, período que as estrelas levam para fazer suas revoluções, razão pela qual os gregos chamam o ciclo de dezenove anos pelo nome de "Grande Ano". Durante a estação em que aparece, Apolo toca harpa e dança todas as noites — do equinócio de primavera até que as Plêiades se levantem no horizonte —, feliz com seu próprio sucesso. A autoridade suprema naquela cidade e no recinto sagrado é investida por aqueles que se denominam boréades, sendo descendentes de Bóreas, cujos governos se transmitiram ininterruptamente nesta mesma linhagem.

Hecateu, ao que parece, atribuiu aos hiperbóreos anteriores aos belgas o conhecimento do ciclo de dezenove anos, a termo do qual coincidem os tempos solares e lunares, sob a condição de acrescentar-se, por último, um período complementar de sete meses. Este ciclo não fora adotado publicamente na Grécia até cerca de um século depois do tempo de Hecateu. Como um "número áureo" capaz de reconciliar os tempos solar e lunar, o dezenove pode ser deduzido do calendário Beth-Luis-Nion de treze meses, que continha quatorze estações solares — a saber, o primeiro dia de cada mês e o dia extra —, além das cinco estações lunares. Provavelmente era para homenagear este Apolo — Beli — que o principal círculo de pedras da área de Penzance, na Cornuália, se compunha de dezenove pilares e era denominado de Belerium. É evidente que algum fundamento existe para a história de que Ábaris foi quem instruiu Pitágoras na filosofia. É como se o povo da Idade do Bronze (que importou para a planície de Salisbury contas de vidro egípcias de Tell el-Amarna, a Cidade do Sol, que foi a breve capital do faraó Akenaton) tivesse refinado sua astronomia na planície inglesa e até mesmo se antecipado à invenção do telescópio. Uma vez que, segundo Plínio, na época dele o ano celta começava em julho (como também para os atenienses), a afirmação sobre a dupla colheita anual, uma no início e outra no final do ano, torna-se compreensível. A colheita do feno cairia no final do ano (Ano-Velho) e a de cereais, no início do ano (Ano-Novo).

O senhor da semana de sete dias era "Dis", o deus transcendental dos hiperbóreos, cujo nome secreto foi revelado para Gwydion. Mas já não teríamos nós mesmos descoberto o segredo por acaso? Não era o nome soletrado pelas sete vogais da soleira, feitas por 27 (3 x 9) entalhes sagrados e lidas no sentido do curso solar?



Vogais estas que, transcritas para letras romanas, resultam em: IAEVOAŌ

Sendo assim, o vínculo entre a Grã-Bretanha e o Egito fica evidente: Demétrio, filósofo alexandrino do século I a.C., depois de examinar, em seu tratado *Do estilo*, a elisão de vogais, o hiato e de dizer que "com a elisão, o efeito é mais rude e menos melodioso", ilustra a vantagem do hiato no seguinte parágrafo:

> No Egito, os sacerdotes cantam hinos aos deuses, pronunciando as sete vogais em sucessão, cujo som produz uma forte impressão musical a seus ouvintes como se fossem empregadas a flauta e a lira. Abrir mão do hiato significaria acabar ao mesmo tempo com a melodia e a harmonia da linguagem. Contudo, talvez fosse melhor eu não me delongar neste tema no presente contexto.

Demétrio não diz quais eram os sacerdotes, nem a que divindade eles se dirigiam, mas é um palpite seguro dizer que se tratava dos deuses dos sete dias da semana, compreendendo uma única divindade transcendente e que o hino continha as sete vogais que Simônides acrescentou ao alfabeto grego e às quais se atribuía um efeito terapêutico.

Quando o nome foi revelado, Amathaon e Gwydion instituíram um novo sistema religioso, um novo calendário, novos nomes das letras e elegeram o cão, o corço e o abibe como guardiães não do antigo nome, que ele tinha desvendado, mas do novo. O segredo do novo Nome parece vinculado à substituição do número sagrado 7 pelo, igualmente sagrado, número 8, bem como à proibição das letras *F* e *H* no uso alfabético corriqueiro. Seria porque o Nome tinha agora oito letras em lugar de sete? Sabemos pelo relato de Higino que Simônides acrescentou as duas letras — *omega* (*O* longo) e *eta* (*E* longo) — às sete letras originais — A O U E I F H — inventadas pelas Parcas; "ou, como dizem alguns, por Hermes". Ele também retirou o *H* aspirado do alfabeto quando atribuiu seu caractere ao fonema *eta*. Se ele fez isto por motivos religiosos, o óctuplo Nome de Deus, que continha o digama *F* (*V*) e o *H* aspirado, o nome sublime que conferia a Gwydion a legitimidade e a autoridade era, talvez:

JEHUOVAŌ

Mas soletrado, por motivos de segurança, como:

JEBUOTAŌ

Tem certamente a augusta sonoridade que falta a "Jahu" e a "Jahweh" e, se entendi corretamente, esta seria a "óctupla Cidade da Luz", onde se dizia que morava a "Palavra", a qual era Tot, Hermes, Mercúrio e, para os gnósticos, onde habitava Jesus Cristo. Contudo, as Parcas inventaram primeiro o F e o H; por quê?

JIEVOAŌ, a primitiva forma de sete letras, recorda as muitas conjecturas sobre o "Nome Bendito do Santo de Israel" feitas por sábios, sacerdotes e magos da Antiguidade. Este era um nome que só o sumo sacerdote estava autorizado a empregar, uma única vez ao ano e em voz baixa, quando ia ao Santo dos Santos, nome este que não podia ser escrito. Como, então, se transmitia o Nome de um sumo sacerdote a outro? Evidentemente, por meio da descrição do procedimento alfabético que o revelava. Flávio Josefo reivindicava o conhecimento do Nome, embora ele não pudesse jamais ter ouvido seu pronunciamento, nem tê-lo visto por escrito. Os chefes das academias dos fariseus também afirmavam conhecê-lo. Clemente de Alexandria não o conhecia, mas suspeitava que, nas origens, pudesse ter sido IAOOUE — que se encontra em papiros mágicos egipto-judaicos, "Zeus, trovejante, rei Adonai, senhor Iaooue" — que também se estendeu para IAOUAI e IAOOUAI. A fórmula oficial desfigurada, JEHOWIH ou JEHOWAH, escrita apenas JHWH, sugere que, na época de Jesus, os judeus tinham adotado o Nome revisado. Os samaritanos o escreviam IAHW e o pronunciavam IABE. O palpite de Clemente é, certamente, muito plausível, porque I A O OU E é o nome formado pelas vogais do ano de cinco estações que começa com a chegada do inverno, na abertura do ano agrícola.[5] O Nome ensinado nas academias é provável que tivesse sido algo complicado com 42 ou 72 letras. Ambas as formas são discutidas pelo dr. Robert Eisler no volume pelo jubileu do Grão-rabino da França, em *La Revue des Études Juives*. Já se tratou do mistério do número 72 para o calendário; o mistério do número 42 pertence ao sistema Beth-Luis-Nion.[6]

[5] Clemente aproxima-se, corretamente, seguindo outro raciocínio, decorrente da supressão, nos alfabetos fenício e hebraico primitivos, de todas aquelas vogais — exceto o *alef* — que ocorrem no alfabeto grego, com o qual se vinculam. A introdução na escrita hebraica de sinais de vogais puras, na forma de pontos, é atribuída a Esdras, que, com Neemias, estabeleceu a Nova Lei por volta do ano 430 a.C. É provável que as vogais tivessem sido suprimidas numa época em que o Santo Nome da divindade que presidia sobre o ano consistia apenas de vogais; e a prova de que Esdras não as inventou, mas apenas estabeleceu uma notação inofensiva para uma série sagrada há muito fixada na tradição oral, jaz na ordem por ele empregada — a saber: I Ē E U O A OU Ō. Esta é mesma série de Palamedes, I E U O A, acrescida de três vogais extras para elevar a soma até 8, o número místico do crescimento. Como os pontos que ele escolheu para representá-las não faziam parte do alfabeto e não tinham valor, exceto quando ligados às consoantes, podiam ser empregados sem ofensa. Não obstante, é de notar o fato de que as consoantes que compõem o *tetragrammaton* — a saber, *yod*, *he*, *vav* — podem perder a força consonantal quando tiverem os pontos das vogais ligados a elas; assim, JHWH poderia soar como IAŌOUĀ. Esta é uma peculiaridade que nenhuma outra consoante hebraica possui, exceto *ain*, mas não em todos os dialetos do hebraico. Clemente considerou erroneamente a última vogal E em lugar de Ā, talvez porque soubesse que a letra *H* é conhecida como *He* em hebraico.

[6] O número de crianças devoradas pelas ursas de Eliseu soma 42. Ao que parece, isto é um mito iconotrópico derivado de uma pintura sagrada do ritual da "Braurônia" do complexo líbio-traco-pelasgo. As duas ursas eram moças vestidas de amarelo que se fingiam de ursas e atacavam selvagemente rapazes que assistiam ao festival. O ritual era em honra de Ártemis Calisto, a lua como a deusa-ursa e, como se sacrificava um bode, parece que pertencia às festividades do solstício de verão. O mês *H* (do pilriteiro, de 13 de maio a 9 de junho) é de preparação para o casamen-

No Capítulo 9, Élio, escritor do século I d.C., foi citado como tendo dito que sacerdotes hiperbóreos visitavam Tempe com regularidade. Mas se seu negócio era com Apolo, por que motivo não iam para o santuário de Delfos, que era mais importante? Tempe, primitivo lar de Apolo, fica no vale do Peneu, entre os montes Ossa e Olimpo, e parece ter se tornado o centro de um culto a uma divindade pitagórica que partilhava da natureza de todas as divindades olímpicas. Sabemos alguma coisa sobre os mistérios do culto porque Cipriano, um bispo de Antioquia, do século III, foi iniciado neles com a idade de quinze anos. Como registra em suas *Confissões*, foi levado para o alto do monte Olimpo por quarenta dias e, lá, sete mistagogos ensinaram-lhe o significado dos sons musicais e as causas do nascimento e da decrepitude das ervas, das árvores e dos corpos. Teve a visão de troncos de árvores e de ervas mágicas, pôde contemplar a sucessão das estações e das representações de sua significação espiritual junto com cortejos de várias divindades e assistiu ao dramático desempenho de demônios em conflito. Num papiro mágico do Egito, publicado por Parthey, em 1866, uma estreita ligação fica estabelecida entre essas instruções, quase druídicas, e o misticismo essênio, como se lê nos seguintes versos:

Aproxima-te, anjo do grande Zeus IAO [Rafael],
E tu também, ó Miguel, que sustenta o céu [que governa os planetas],
E tu, Gabriel, arcanjo (que vem) do *(from)* Olimpo.

Como já se demonstrou, Gabriel era o equivalente hebraico de Hermes, o arauto oficial e o mistagogo do monte Olimpo.

O templo hiperbóreo de Apolo seria Stonehenge? A planta baixa de Stonehenge dá a impressão de um espelho redondo com cabo — um aterro, no qual se entra por uma alameda e que é fechado por um templo circular de pedra. O anel exterior de pedras do templo formava, antigamente, um círculo continuo de trinta arcos, construído com enormes pedras erigidas: trinta pilares e trinta dintéis. Este círculo circunda uma elipse, partida num lado, de modo que se assemelha a uma ferradura, que consiste em cinco dólmens separados, cada qual com dois pilares e um dintel, construído das mesmas pedras enormes. Espremido entre o círculo e a ferradura havia um círculo de trinta pilares menores. Dentro dela, novamente, se erigia outra ferradura, agora de quinze pilares semelhantes aos outros menores, ordenados em cinco grupos de três para corresponder aos cinco dólmens.

---

to e para orgia da morte no solstício de verão, ou seja, o dia 24 de junho, 14º dia do mês do carvalho (de 10 de junho a 7 de julho). Transcorrem, assim, 42 dias do início daquele mês e a data do solstício do verão. O 42 também era o número dos jurados do mundo subterrâneo que julgaram Osíris: os dias entre o solstício de verão e o final do mês *T* (do azevinho, de 8 de julho a 4 de agosto), quando ele chegava à ilha de Calipso, embora isto fique um tanto obscuro no sacerdotal *O livro dos mortos*. Segundo Clemente de Alexandria, existiam 42 livros de mistérios herméticos.

Ressalte-se que mais do que um "ferro para cavalo" se parecia com "ferros para burro", pois era assaz estreito. Se Stonehenge era um templo de Apolo e se Píndaro, em seu poema *A décima ode pítica*, se refere aos mesmos hiperbóreos que Hecateu, deveria tratar-se mesmo de uma ferradura para asno, pois Píndaro mostra que Apolo era adorado pelos hiperbóreos no estilo de Osíris, ou Dioniso, cujo triunfo sobre seu inimigo, Set, era celebrado com o sacrifício de uma centena de asnos por vez. Contudo, fica claro que, por volta da metade do século V a.C., a ligação entre a Grécia e os hiperbóreos já estava rompida, presumivelmente, porque as tribos belgas se haviam apossado dos acessos à Grã-Bretanha.

É fácil demonstrar que Píndaro estava enganado em sua *Terceira ode olímpica* quando faz Héracles ir apanhar a oliveira selvagem com os servidores de Apolo, os hiperbóreos, nas nascentes do Ister, para trazê-la de volta para Olímpia. Sabemos por outras fontes que ele trouxe de volta o choupo-branco, o álamo, e não a oliveira, que vinha sendo cultivada na Grécia durante séculos antes de sua época e que não é nativa da região do Alto Danúbio. Já se falou da conexão do álamo com o âmbar, que vinha do Báltico pelo Danúbio e Ístria e que era consagrado a Apolo. O erro de Píndaro deriva de uma confusão entre o Héracles que tomou o álamo de Epiro e aquele, bem mais remoto no tempo, que trouxe a oliveira da Líbia para Creta. Ele escreve no *A décima ode pítica*:

> Nem de barcos nem a pé consegue-se achar o maravilhoso caminho para a obscura terra dos hiperbóreos.
>
> Entretanto, em tempos remotos, Perseu, o líder de seu povo, compartilhou o banquete deles quando penetrou suas casas e os achou celebrando gloriosas hecatombes de asnos em honra de Deus. Nos banquetes e hinos daquela gente, Apolo alegra-se e ri ao contemplar as brutas bestas empinarem-se de modo obsceno. Contudo, no comportamento dos hiperbóreos, a Musa não é esquecida, pois, de toda parte, as danças das jovens, o tanger de liras e o som de flautas formam um círculo contínuo e as moças, com suas cabeleiras coroadas de folhas douradas de louro, trazem alegria. (...) Mesmo assim, protegem-se da inveja divina evitando excessos e guerras. E o filho das Danaides [Perseu] foi àquele lar de um povo feliz, respirando coragem, tendo Atená como guia. E ele trucidou a Górgona e retornou com a sua cabeça.

Píndaro parece estar errado sobre a Górgona e sobre as folhas de louro consagradas a Apolo no Sul; e como ele não nos conta em que estação o sacrifício fora celebrado, não podemos dizer de qual tipo fossem as folhas. Se ocorreu no solstício de inverno, deveriam ser folhas de sabugueiro; de qualquer modo, no folclore europeu, especialmente no francês, os asnos estão ligados às Saturnálias do solstício de inverno, que ocorriam no mês do sabugueiro, no final das quais o deus com orelhas de burro — mais tarde, o Louco do Natal — era morto por seu rival. Isto explica a vinculação, que de outra forma seria inexplicável, entre

loucos e asnos, na Itália e no Norte da Europa, pois os asnos são animais mais inteligentes que os cavalos. A existência de um culto do asno na Itália arcaica é um fato sugerido pelos respeitados nomes de clãs romanos — Asina e Asellus —, que eram plebeus e não patrícios; estes constituíam uma aristocracia adoradora do cavalo vinda do Leste e que escravizou os plebeus. O uso do azevinho nas Saturnálias italianas dá apoio a esta teoria: o azevinho era a planta do deus-asno, como o carvalho era a árvore de seu gêmeo, o touro selvagem, que se tornou preeminente na Roma patrícia.

Plutarco escreve em seu livro *Ísis e Osíris*:

> De tempos em tempos, em certas festividades, eles [os egípcios] humilhavam o poder suplantado de Set injuriando-o perversamente, chegando a fazer arrastar pela lama homens que tivessem cor tifônica e atirando asnos num precipício.

Pela expressão "certas festividades", deve-se entender a celebração da vitória da Criança Divina Harpócrates sobre Set, na Saturnália egípcia. Assim Set, o asno de pêlos vermelhos, veio a significar a luxúria da carne, que reinava à solta na Saturnália e que era repudiada pelo iniciado purificado. Com efeito, o espírito como cavaleiro e o corpo como asno, burro, agora são conceitos cristãos legítimos. A metamorfose de Lúcio Apuleio num asno deve ser compreendida neste sentido: foi o castigo por rejeitar os bons conselhos de sua parenta bem-educada, Birrena, e deliberadamente misturar-se com o culto erótico da Tessália. Só depois de pronunciar sua contrita oração à Deusa Branca (citada no final do Capítulo 4) é que ele se libertou da condição vergonhosa e foi aceito como um iniciado nos puros mistérios órficos dela. Assim também, quando Caridade ("Amor Espiritual") estava indo para casa, em casto triunfo, no lombo de um burro, vindo de um antro de ladrões, Lúcio brincou diante desse extraordinário espetáculo: a saber, que uma moça pudesse triunfar sobre seus desejos físicos a despeito de todos os perigos e assaltos. A degradação órfica do asno explica a passagem em *As rãs*, de Aristófanes, que, segundo assinala J. E. Harrison, se passa num inferno intensamente órfico. Caronte grita: "Alguém aqui das planícies de Lete? Alguém para as tosas do asno? Para o parque de Cérbero? Para o Tênaro? Para a estação do corvo?" A estação do corvo era, evidentemente, a sede infernal do Set-Cronos, para onde mandavam os gregos seus inimigos na imprecação "Que vá para os corvos!" As tosas do asno designavam o local onde os criminosos cheios de pêlos, que significavam os pecados, eram tosquiados até o sabugo. O cavalo era um animal puro para os órficos tanto quanto o asno era impuro. Esta tradição permanece na Europa e mostra-se bem clara na Espanha, onde *caballero* significa gentil-homem, e a nenhum filho de *caballero* se admite montar um asno, mesmo em emergência, sob pena de perder sua classe social. A antiga veneração daqueles espanhóis que não são nobres pelo asno se evidencia na palavra *carajo*, o grande aval de suas juras, a qual é empregada, indiscri-

minadamente, como substantivo, adjetivo, verbo ou advérbio; sua função é proteger contra o mau-olhado ou a má sorte, e quanto maior a freqüência com que se imiscui num juramento, melhor é. Tocar o falo ou um amuleto em forma de falo é um modo bastante difundido de evitar-se o mau-olhado ou olho-grande. *Carajo* significa o falo do asno. Trata-se de um apelo ao funesto deus Set, cujo falo rutilante cintila na constelação de Órion, a fim de aplacar sua ira.

Os grandes dólmens de Stonehenge, todos feitos com pedras da região, dão a impressão de terem sido erigidos para valorizar pedras menores, colocadas no local algum tempo depois deles, bem como o maciço altar de pedra situado no centro. Levantou-se a hipótese de que os dólmens menores, feitos de pedras que se sabem trazidas das montanhas Prescelly, em Pembrokeshire, estavam dispostas noutra ordem originária e foram reordenadas pelo povo que erigiu os maiores. Provavelmente foi assim. É também notável que essas pedras importadas não tivessem sido enfeitadas até serem erguidas novamente no próprio local de Stonehenge. A pedra do altar foi igualmente trazida da mesma região, provavelmente de Milford Haven. Como esse transporte ocorreu mais de mil anos antes da invasão belga, fica claro, pelo menos, que não há de ser a Gwydion que se deverá atribuir a obra.

A planta dos cinco dólmens corresponde exatamente ao disco alfabético, uma vez que existe um largo intervalo entre os dois que ficam mais próximos da alameda (como os intervalos que contêm os cinco dias sagrados do ano dos egípcios ou dos etruscos). Entre o intervalo e a alameda ficava um grupo de quatro pedras menores e brutas, que correspondiam aos grupos de três pedras do interior da ferradura, mas com um intervalo no meio. Bem atrás, na própria alameda, a enorme pedra bruta "Calcanhar" constituía a quinta pedra que ocupava o centro. Isto não significa afirmar que Stonehenge foi construído para ficar de acordo com o disco alfabético. O calendário pode ter antecedido o alfabeto de alguns séculos. Tudo isto parece claro e constitui o fato de que a fórmula alfabética grega que proporcionou ao Boibel-Loth os nomes de suas letras tem origem, pelo menos, em século ou dois anteriores ao ano de 400 a.C., quando se travou na Grã-Bretanha *A batalha das árvores*.

A fórmula é simples. A divindade solar de Stonehenge era o Senhor dos Dias e os trinta arcos do círculo externo e os trinta pilares do círculo interno representavam os dias do mês ordinário dos egípcios. Contudo, o segredo encerrado por estes círculos consistia em que o ano solar se dividia em cinco estações, cada qual destas, por sua vez, se subdividia em períodos de 24 dias, representados pelas três pedras componentes dos dólmens e subdivididos em três ogdóades, as quais eram simbolizadas pelos três pilares pequenos diante dos dólmens. O círculo estava de tal modo disposto que, na aurora do solstício de verão, o sol nascia exatamente na extremidade da alameda, em linha reta com o altar e a pedra "Calcanhar"; enquanto isto, do par restante das quatro pedras não lavradas, uma marca o nascer do sol no solstício de inverno e a outra, o pôr-do-sol no solstício de verão.

Mas por que foram a pedra do altar e os pilares transportados do Sul do País de Gales? Presume-se que para quebrar o poder religioso da deusa da morte de Pembrokeshire — a Annwm anterior aos celtas, como vimos, situava-se em Pembroke — pela remoção de suas mais sagradas pedras não lavradas e pela recolocação delas, já lavradas, noutro local na planície. Segundo Geoffrey de Monmouth, o feito se deve a Merlin. Geoffrey, que, erroneamente, data o evento do tempo de Hengist e Horsa, diz que Merlin obteve as pedras da Irlanda, mas a tradição talvez se refira à Terra de Erin — Erin, Eire ou Eriu, sendo uma deusa do destino, anterior aos celtas, que deu nome à Irlanda. "Erin", normalmente explicado como sendo o caso dativo do nome Eriu, pode ser a Tríplice Deusa grega do destino, chamadas Erínias, que conhecemos como as Três Fúrias. O âmbar encontrado nas tumbas perto de Stonehenge é, na maior parte, vermelho em vez de dourado; tal como aquele encontrado na costa fenícia.

O principal número canônico em Stonehenge teria sido 72, correspondentes aos dias da estação do solstício de verão. O 72 era o número mais grandioso do sol; oito multiplicado nove vezes pela fértil lua. A mãe do Apolo hiperbóreo, que era a lua, chamava-se Latona, e era quem decidia a duração do reinado do rei sagrado. A coincidência aproximativa dos tempos solar e lunar, que ocorria uma vez a cada dezenove anos — dezenove revoluções solares e 235 lunações —, determinava que Apolo deveria se casar novamente e ser coroado a cada ciclo de dezenove anos, no equinócio de primavera, quando ele gozava férias de sete meses em honra à lua. O número 19 fica em evidência em Stonehenge sob a forma de dezenove buracos arranjados em semicírculo no sudeste do círculo de arcos.[7] O destino do velho rei era talvez o mesmo de Aarão e Moisés no alto na colina, vagamente insinuado no Livro do Êxodo, ou o de Dioniso em Delfos:

[7] O número aparece também em broches reais — "rodas do rei" — descobertos em 1945 num cemitério "ibérico" da Idade do Bronze em Lluch, sede do culto da Virgem Negra e datados de cerca de 1500 a.C. O primeiro é um disco de 17 centímetros de diâmetro feito para ser cravado num manto e gravado com um sol com dezenove raios. Esse sol está cercado por duas faixas: a exterior contendo treze folhas separadas, de cinco diferentes tipos, talvez representando a oliveira selvagem, o amieiro, o carvalho espinhoso, a hera e o rosmarinho (alecrim), algumas voltadas para a direita e outras para a esquerda e todas, com exceção de duas delas, com botões de flores no meio de seus talos. A faixa interior contém cinco círculos a intervalos regulares; os espaços entre eles estão cheios de folhas da mesma espécie das que existem na faixa exterior, com exceção do amieiro que não está representado. A fórmula é: treze meses, uma pentade de deusas do ano e um reinado de dezenove anos.

O outro disco real, ligeiramente menor e encontrado no mesmo túmulo, tinha uma borda de dezenove semicírculos, um sol no centro com 21 raios separados e, entre o sol e a borda, duas faixas — a interior contava com 45 pequenas protuberâncias, e a exterior tinha vinte corações. A cabeça da agulha tinha a forma de um cisne, como também deveria ter a outra que se perdeu. Aqui a fórmula é um reinado de dezenove anos com uma nova vítima (os vinte corações) oferecida no começo de cada ano, sendo o próprio rei o vigésimo sacrifício. O cisne branco, sua mãe, irá levá-lo para seu paraíso hiperbóreo. O 21 é o número de raios do sol de Akenaton. O 45 é o quinteto das deusas do ano multiplicado por nove para mostrar que cada uma delas é um aspecto da deusa-lua.

ser despido e esquartejado por seu sucessor, e quando as partes fossem reunidas, ser secretamente enterrado num caixão, com a promessa de uma gloriosa ressurreição no final.

No presente, a construção de Stonehenge tem sido geralmente datada entre 1700 e 1500 a.C. e considerada obra de invasores dolicocéfalos da Idade do Bronze. As pedras estão tão bem talhadas e ajustadas que G. F. Kendrick, um responsável arqueólogo do museu Britânico, chega a dizer que elas não foram colocadas na posição até que chegassem os belgas; contudo, a explicação mais provável é que os arquitetos tenham estudado no Egito ou na Síria.

Então, se o deus de Stonehenge era primo do Iahweh do Tabor e do Sião, era de esperar que se encontrassem os mesmos interditos quanto a certos alimentos ou quanto à matança de certos animais, tal como observados na Palestina e na Grã-Bretanha arcaica uma vez que as proibições são bem mais fáceis de serem seguidas do que os dogmas. Esta proposição é simples de verificar. Basta investigar se os animais comestíveis, porém proibidos no Levítico, que são naturais de ambas as regiões, em algum tempo foram proibidos na Grã-Bretanha. Há apenas dois desses bichos, o porco e a lebre; pois o "coelho" do Levítico não é o coelho britânico, mas sim o *hyrax*, um animal próprio da Síria e consagrado à Tríplice Deusa por causa de seus dentes triangulares e por parir sempre três espécimes. A lebre e o porco eram proibidos na Grã-Bretanha antiga. Temos notícia da proibição da lebre por meio de Plínio. E o fato de que a lebre era um animal real se prova pela história que narra sua captura por Boadicéia numa batalha. Os camponeses de Kerry continuam detestando a carne de lebre; dizem que comê-la seria "comer a própria avó". A lebre era sagrada, suponho, por ser muito veloz, muito prolífica — até mesmo concebendo,

---

Pelo que sei, os ferreiros da Idade do Bronze e do começo da Idade do Ferro, que, como poetas e médicos, se achavam sob o patrocínio direto da Musa, nunca embelezavam suas obras com enfeites sem sentido. Todos os objetos que faziam — espadas, pontas de lança, escudos, adagas, bainhas, broches, jarros, arneses, canecões, baldes, espelhos ou o que quer que fosse — tinham propriedades mágicas, atestadas pela forma e pelo número dos vários enfeites. Poucos arqueólogos colocam alguma ênfase na magia e isto torna a maioria dos guias de museus tão aborrecida de ser lida. Por exemplo, no *British Museum Guide to the Antiquities of the Early Iron Age* (1905), na Figura 140, aparece um colar de contas de bronze oriundo de Lochar Moss, Dumfriesshire. O comentário do editor se reduz à forma de melões das contas as quais guardam, é ele quem diz, afinidades com as contas de vidro de cor turquesa comuns em sítios da Grã-Bretanha romana. O que precisava ser assinalado é que havia treze dessas contas no colar e que cada uma delas tinha sete gomos, e que o desenho da parte rígida em forma de lua crescente é um entrelaçamento de nove desses: um colar cheio de destinação lunar. Do mesmo modo, o disco de bronze (Figura 122) entalhado, descoberto no Tâmisa, em Hammersmith [*N. T.: Literalmente, "fundidor de martelo".*], é interessante, porque o sol que forma o seu centro tem oito raios e está vazado com uma cruz-de-malta; porém, o único comentário do redator se refere a sua relação estilística com peitorais de cavalo em bronze lavrado de uma carroça funerária gaulesa de Somme Bionne (Lâmina III), sendo que um deles tinha cruzes vazadas. Isto é irrelevante, a menos que se preste atenção às três suásticas no referido peitoral e aos números 9 e 13 que caracterizam a decoração dos freios de cavalo mostrados na mesma figura.

segundo assinala Heródoto, quando já está prenha —, e se acasala abertamente, sem embaraço, como as pombas-rolas, os cães, os gatos ou os pictos tatuados. A posição da constelação da Lebre, aos pés de Órion, sugere que, também na Grécia pelasga, se tratasse de um animal sagrado. O porco também era sagrado na Grã-Bretanha, e a proibição de comê-lo sobreviveu até recentemente no País de Gales e na Escócia. Contudo, tal como no Egito, e segundo Isaías, entre os cananitas de Jerusalém, esse tabu era quebrado uma vez por ano, no solstício de inverno, durante a festa do porco, a festa da cabeça do javali. A proibição do pescado, parcial no Levítico, era total na Grã-Bretanha e entre os sacerdotes do Egito e deve ter sido muito inconveniente. Ela sobreviveu até tempos recentes em partes da Escócia. A interdição de comer pássaros, já mencionada quando se tratou do abibe, comum à Grã-Bretanha e a Canaã, era bastante numerosa. O golfinho (traduzido erroneamente por texugo), de cuja pele era feita a cobertura para a Arca da Aliança, sempre foi um dos três "peixes" reais da Grã-Bretanha, sendo os demais a baleia — o primeiro ser vivente criado por Iahweh, em cuja classe se inclui o narval — e o esturjão, que não habita o Jordão, mas era sagrado na Grécia pelasga e na Cítia. Segundo Eliano, os pescadores que pescavam um esturjão colocavam guirlandas em si mesmos e em suas embarcações; segundo Macróbio, ele era levado para a mesa, coroado com flores e precedido por um flautista.

Parece que os hebreus tomaram sua cultura egéia — que compartilharam com os descendentes daqueles que invadiram a Grã-Bretanha durante a Idade do Bronze — de empréstimo, parcialmente, dos daneses de Tiro e dos sabianos de Harran, mas a maior parte — como já foi sugerido no Capítulo 4 — dos filisteus, dos quais foram vassalos por muitas gerações. Os filisteus, ou puresatis, foram imigrantes da Ásia Menor miscigenados com os cretenses de fala grega. Os de Gaza levaram consigo o culto do Zeus Marnas (diz-se que significa, em cretense, "nascido de virgem"), que foi também encontrado em Éfeso. Além disto, continuaram empregando a escrita egéia, até algum tempo depois que os biblosianos adotaram o cuneiforme babilônico. A cidade filistéia de Ascalão — a dar crédito a Xantos, primitivo historiador lídio — foi fundada por Áscalo, tio de Pélops de Enete, nas margens ao sul do mar Negro, cujo rei era Aciamo, nativo da mesma região. Entre os filisteus mencionados na Bíblia figuram Piram e Aquish, aos quais se pode identificar os nomes troiano e dardaniano Príamo e Anquises. Os dardanianos estavam entre as tribos sob liderança hitita que Ramsés II derrotou na Batalha de Kadesh, em 1335 a.C. É provável que a lista de animais e pássaros proibidos pelo Levítico tenha sido emprestada dos filisteus pelos israelitas e, talvez, posta por escrito no século IX a.C. Foi quando a lenda lícia de Preto (*Proetus*), Antéia e Belerofonte incorporou-se, ainda que de maneira imprópria, à história de José, e Antéia converteu-se na mulher de Potifar.

Indubitavelmente, Avebury data do final do terceiro milênio a.C. Trata-se de um aterro circular que encerra um anel de uma centena de pilares, os quais, por sua vez, encerram dois templos separados, sendo todas as pedras brutas e

enormes. Os templos consistem em círculos de pilares, cujo número exato é desconhecido, pois muitos foram removidos por causa do tamanho irregular dos que sobraram, o que dificulta o cálculo, contudo, parece que havia cerca de trinta em cada caso. No interior dos círculos havia outra ordenação circular de doze pedras; um deles contém um único altar de pedra e o outro, três.

Cem meses era o número de lunações do Grande Ano pelasgo, que terminava com uma aproximação dos ciclos de tempo lunar e solar, embora muito menos precisa do que o término do ciclo de dezenove anos. Cada um dos reis gêmeos reinava durante cinqüenta desses meses, o que pode explicar os dois templos. Se num dos templos os pilares do círculo exterior somavam trinta e no outro 29, isto representaria meses de 29 e de trinta dias alternadamente, como no calendário ateniense: uma lunação durava 29 dias e meio. Por analogia com o relato do Livro do Êxodo 24, 4, podemos supor que os círculos interiores representavam o rei e seus doze chefes de clã, mesmo que num caso o altar central fora aumentado para três, talvez em honra a um rei como o Gerião de três corpos.

Uma alameda coleia até entrar no aterro de Avebury, vinda do sudeste e do sudoeste, e circunda os dois túmulos, um deles marcado por um amontoado na forma de falo e o outro em forma de escroto. Para o sul, além destes, se eleva a Silbury Hill, o maior monte artificial de toda a Europa, que cobre cerca de 20 mil metros quadrados, com um topo plano, de diâmetro semelhante àquele de New Grange, embora 10 metros mais elevado. Considero Silbury como o Castelo Espiral original da Grã-Bretanha, assim como New Grange o é para a Irlanda; o santuário oracular de Bran, assim como o irlandês era de O Dagda. O sítio de Avebury, ele próprio, não foi usado como túmulo.

Certamente trata-se de interessante tema de especulação poética indagar por que a ordem das vogais do Beth-Luis-Nion — A O U E I, que é uma ordem que expressa foneticamente o avanço e a retirada do ano, tendo o *U* como seu cume — foi alterada nos alfabetos cadmeu e latino, tornando-se A E I O U. A resposta se encontra, talvez, nos valores numéricos que se sabem atribuídos, na literatura irlandesa medieval, às vogais, a saber: $A = 1$; $E = 2$; $I = 3$; $O = 4$. O valor numérico 5 foi atribuído à letra *B*, a primeira consoante do alfabeto; o que sugere que, nas origens, correspondia à letra *U*, a vogal que sobrou, que não tinha valor numérico neste sistema, mas que, no entanto, era o caractere que representava o número romano V (5). Se as vogais são vistas como uma seqüência sazonal: *A* para o ano-novo; *O* para a primavera; *U* para o verão; *E* para o outono e *I* para o inverno; os valores numéricos originais passam a fazer sentido poético. O *A* tinha 1, como a deusa do princípio do Ano-Novo; o *E* tinha 2, como a deusa do outono, da rotina e do combate; o *I* tinha o 3, como a invernal deusa da morte, representada como as Três Parcas, Três Fúrias, Três Gréias ou, ainda, como a cadela de três cabeças; o *O* tinha 4, como a deusa primaveril do crescimento; o *U* tinha 5, como a deusa do verão, o frondoso centro do ano, a rainha de toda a pentade. Disto decorre, como especulação, que o valor numérico original das vogais pelasgas — $A = 1$; $E = 2$; $I = 3$; $O = 4$; $U = 5$ — suge-

riu aos criadores do alfabeto cadmeu que as vogais deveriam ser logicamente arranjadas numa progressão aritmética simples de 1 a 5.

Os valores numéricos dados pelos irlandeses às letras restantes do alfabeto Beth-Luis-Nion de treze consoantes foram os seguintes:

B	*Beth*	5
L	*Luis*	14
N	*Nion*	13
F	*Fearn*	8
S	*Saile*	16
H	*Uath*	*Nenhum valor numérico*
D	*Duir*	12
T	*Tinne*	11
C	*Coll*	9
M	*Min*	6
G	*Gort*	10
P	*Peth*	7
R	*Ruis*	15

Pode-se discutir longamente sobre as razões pelas quais cada um desses valores foi atribuído a sua letra determinada. Contudo, os motivos poéticos aparecem em diversos casos. Por exemplo, 9 é o número tradicionalmente associado a *Coll*, a aveleira, árvore da sabedoria; 12 é o número do carvalho, pois o rei-carvalho tinha doze companheiros; 15 corresponde a *Ruis*, o sabugueiro, porque é a 15ª consoante do alfabeto completo. Os números 8 e 16 para as consoantes *F* e *S*, que seguem a vogal *O* ou 4 da primavera, têm um sentido óbvio no contexto do crescimento. Que se neguem valores numéricos ao *U* e ao *H* é uma indicação de que se as deixavam fora da série por motivos religiosos. O *U* era a vogal da deusa da morte e da vida, aquela que destronou o deus-Sol; *H* era a consoante de Uath, o mês de maio, infausto ou demasiadamente sagrado.

Se este sistema numérico é de origem apolínea e pertence ao período em que a Irlanda passou a receber influência grega, então é possível que se tenha atribuído ao *P* o valor 7, ao L, 14 e ao *N*, 13, em honra de Apolo. Com efeito, a designação destes valores às consoantes que compõem o nome de sete letras da divindade em grego — APOLLŌN — o transforma num calendário em miniatura: *P* para os sete dias da semana; *LL* para os 28 dias do mês do direito consuetudinário; *N* para os treze meses legais do ano. Os valores das vogais completam o quadro: *A* para o dia extra do ano; *O* (breve) para as quatro semanas do mês; *O* (longo, grafado com duplo *O*) para as duas metades do ano.

Este tipo de jogo engenhoso com letras e numerais era característico dos poetas celtas. Quanto não haviam de divertir-se em seus colégios nos bosques! E as restaurações de sua ciência poética, que ainda podem ser feitas com os documentos que sobreviveram, constituem algo mais que amenas curiosidades:

elas ilustram um método poético de pensamento que não perdera sua utilidade por mais grosseiros que tenham sido os abusos que dela fizeram os charlatães místicos nestes séculos que nos separam.

Considere-se, por exemplo, o *ogham* de aves e de cores de *O livro de Ballymote*. Os compositores destes dois códigos cifrados tinham de ter em mente não apenas a inicial de cada palavra, mas sua relação poética com a letra-mês já estabelecida. Assim sendo, nenhum pássaro migratório aparece na lista dos meses invernais. *Samad* (azeda-miúda) não se aplica ao mês *S*, como era de esperar, porque a planta só apresenta a coloração *sorrel* (marrom-claro avermelhado) no final do verão. As listas poderiam ter sido mais aproximadamente poéticas se as iniciais fossem admitidas; assim, o pintarroxo (*spidéog*) teria, sem dúvida, iniciado o ano se começasse pela letra *B* e não pelo *S*; e não se constata a presença de uma palavra para "coruja" que pudesse servir ao mês *NG*, quando elas estão mais barulhentas.

Creio alcançar melhor meu propósito glosando as cifras em imitação do estilo empregado no próprio *Livro de Ballymote*, em cada caso apoiando-me na tradição barda.

Dia do solstício de inverno:
A — *aidhircleóg*, abibe; *alad*, sarapintado.
Por que o abibe está a encabeçar as vogais?

A resposta não é difícil. É uma advertência de que os segredos do Beth-Luis-Nion devem ser ocultados por meio do engano e do equívoco, como o abibe oculta seus ovos. E malhada, branca e preta é esta estação de meados do inverno, quando os homens prudentes ficam perto da lareira, que, pelo lado de dentro, está negra de fuligem e, por fora, está coberta pela neve branca; é também a cor da deusa da vida na morte e da morte na vida, cuja ave profética é a pega malhada.

Dia do equinócio de primavera:
O — *odorscrach*, cormorão, o corvo-marinho; *odhar*, cor parda.
Por que vem o cormorão em seguida?

Fácil. Esta é estação da Quaresma, quando, por causa da proibição da Igreja de comer carne e da escassez de outros alimentos, os homens tornam-se cormorões em sua voracidade por pescado. E a cor parda corresponde à cor dos campos recém-arados.

Dia do solstício de verão:
U — *uiseóg*, cotovia; *usgdha*, cor de resina.
Por que a cotovia ocupa o lugar central?

A resposta é fácil. Nesta estação, o Sol se encontra em seu ponto mais alto e a cotovia voa e canta para adorá-lo. Porque o calor faz o tronco das árvores rachar e, assim, jorrar resina, cuja cor corresponde ao mel que as urzes fornecem.

Dia do equinócio de outono:

E — *ela*, o cisne sibilante (ou piador); *erc*, ruivo.

Por que o cisne piador vem logo em seguida?

Fácil. Nesta estação o cisne e sua ninhada preparam-se para voar. E ruiva é a cor dos brotos das samambaias e do pescoço dos cisnes.

Dia do solstício de inverno:

I — *illait*, filhote de águia; *irfind*, muito branco.

Por que vem o filhote de águia a seguir?

Fácil. Nesta estação o filhote de águia é insaciável, como a morte, que corresponde à presente estação. E muito brancos são os ossos em seus ninhos e a neve na beira dos penhascos.

* * *

24 de dezembro a 21 de janeiro:

B — *besan*, faisão; *bán*, branco.

Por que está o faisão no início das consoantes?

Fácil. Este é o mês do qual canta Amergin: "Sou o veado de sete pontas"; e assim como o veado é a melhor carne entre os bichos que correm, de igual modo é o faisão a melhor carne que voa. E branco é a cor desse veado e desse faisão.

22 de janeiro a 18 de fevereiro:

L — *lachu*, pato; *liath*, cinza.

Por que o pato vem logo a seguir?

Fácil. Este é o mês das inundações, quando os patos nadam sobre os pântanos. E cinza é a cor das águas das cheias e do céu chuvoso.

19 de fevereiro a 18 de março:

N — *naescu*, narceja; *necht*, claro, transparente.

Por que se segue a narceja?

Fácil. Este é o mês do vento louco de março, que corrupia como a narceja. E clara é a cor do vento.

19 de março a 15 de abril:

F — *faelinn*, gaivota; *flann*, carmesim.

E por que agora vem a gaivota?

Não é difícil. Neste mês as gaivotas se reúnem nos campos arados. E carmesim é a cor do *glain*, o ovo mágico que se encontra neste mês, bem como da tinta do amieiro e do jovem sol lutando contra a bruma.

16 de abril a 13 de maio:

S — *seg*, falcão; *sodath*, belas cores.

E por que se segue o falcão?

Fácil. Neste mês cantou Amergin: "Sou um falcão sobre um penhasco e de belas cores vivas são seus prados."

SS — *stmolach*, o tordo; *sorcha*, cores brilhantes.

E por que o tordo se une ao falcão?

Fácil. Os tordos cantam do seu modo mais doce durante este mês. E de cores brilhantes são as folhas das plantas.

14 de maio a 10 de junho:

H — *hadaig*, ave noturna de rapina, bufo ou corujão; *huath*, terrível.

Por que o corujão vem a seguir?

Não é difícil. Este é o mês em que se refreiam os prazeres carnais por causa do terror, que em irlandês é *uath*, e o corujão traz o terror. Terrível é a sua cor.

11 de junho a 8 de julho:

D — *droen*, carriça ou reizinho; *dub*, preto.

Por que a cambaxirra, carriça ou reizinho ocupa o lugar central?

Fácil. O carvalho é a árvore dos druidas, e o rei das árvores e o reizinho (*Drui-én*) é o pássaro dos druidas e o rei de todos os pássaros. O reizinho ou carriça é a alma do carvalho. O preto é a cor do carvalho quando o raio o fulmina e negros são os rostos dos que pulam as fogueiras no solstício de verão (folguedos de são João).

9 de julho a 5 de agosto:

T — *truith*, estorninho; *temen*, cinza-escuro.

Por que agora vem o estorninho?

Não é difícil. Amergin canta sobre este mês: "Sou uma lança que ruge por sangue." É o mês dos guerreiros e o bem-adestrado exército dos estorninhos gira rápida e suavemente sobre um pivô, para a direita ou para a esquerda, sem uma palavra de comando ou de exortação; assim são vencidas as batalhas e não por façanhas individuais, nem pelo rompimento das linhas de guerra. E o cinza-escuro é a cor do ferro, o metal dos guerreiros.

6 de agosto a 2 de setembro:

C — [*corr*, grou]; *cron*, marrom.

E por que este é o local do grou?

Fácil. Este é o mês da sabedoria. E a sabedoria de Manannan Mac Lir, a saber, o alfabeto Beth-Luis-Nion, estava embrulhado em pele de grou. E o marrom é a cor da avelã, e a aveleira é a árvore da sabedoria.

Do mesmo modo,

Q — *querc*, galinha; *quiar*, cor de rato.

Por que a galinha está junto do grou?

Fácil. Quando se termina a colheita e os catadores já se foram, as galinhas correm para os campos para empanturrar-se do que conseguem achar. E junto aparece seu pequeno rival cor de rato que rasteja a seu lado.

2 a 30 de setembro:

M — *mintan*, mejengra ou abelheiro; *mbracht*, matizado.

Por que se segue o abelheiro?

Fácil. Amergin canta a respeito deste mês: "Sou uma colina de poesia"; e este é o mês do poeta, que é dos homens mais difíceis de se desconcertarem, assim como o abelheiro é o mais difícil de se desconcertar entre os pássaros. Ambos, durante este mês, andam em bandos e passeiam em busca de liberalidade; como o abelheiro que voeja em espiral ascendente em torno das árvores, assim também o poeta ascende em espiral em direção da imortalidade. E matizada é a cor do abelheiro, semelhante à cor do manto do mestre de poesia.

Primeiro a 29 de outubro:

G — *géis*, cisne mudo; *gorm*, azul.

Por que o cisne mudo está nesta posição?

Fácil de responder. Neste mês ele se prepara para acompanhar seu companheiro, o cisne sibilante. Azul é a bruma nas colinas, azul é a fumaça do joio queimando e azul os céus antes das chuvas de novembro.

29 de outubro a 25 de novembro:

NG — *ngéigh*, ganso; *nglas*, verde vítreo.

Por que se segue o ganso?

Não é difícil. Neste mês os gansos domésticos são retirados dos pastos embrumados, enjaulados e cevados para a festa do solstício de inverno. E verde vítreo é a cor das ondas que arrebentam contra os penhascos, alertando que o ano chega ao fim.

26 de novembro a 22 de dezembro:

R — *rócnat*, gralha; *ruadh*, vermelho-sangue.

Por que ocupa a gralha este lugar?

Fácil. Ela traja luto pelo ano que morre neste mês. E vermelho-sangue são os restos das folhas do sabugueiro, símbolo da matança.

*****

O faisão era a ave mais indicada para o mês *B*, sendo *bran*, o corvo, e *bunnan*, o alcaravão, mais convenientes aos últimos meses do ano. O autor do ver-

bete sobre os faisões na *Enciclopédia Britânica* afirma que os faisões (pássaros sagrados na Grécia) são, provavelmente, nativos das ilhas britânicas e que o do tipo branco ou "da Boêmia" aparece, com freqüência, em meio aos faisões de plumagem ordinária.

É possível que a cor original do *S* fosse *serind*, a prímula, mas a reputação erótica desta acarretou sua substituição pelo eufemismo *sodath*.

A omissão de *corr*, o grou, para o mês *C* é intencional; o conteúdo do saco de pele de grou era um segredo fechado e toda referência a ele era desencorajada.

Enfim, o que se pode dizer do dia 23 de dezembro? Este era o dia extra do ano, no qual se coroava o jovem rei ou o Espírito do Ano, que recebia, então, asas de águia. Era também o dia que se representava pela semivogal *J*, grafada como duplo *I*. Seu pássaro era, naturalmente, a águia, *iolar*, em irlandês, que tem a inicial apropriada. Os poetas irlandeses eram tão escrupulosos ao mencionar este dia que não sabemos sequer qual era a árvore que lhe correspondia. E o fato de que tinham a águia como seu pássaro é comprovado pelo emprego de seu diminutivo, *illait*, aguiazinha, para a letra *I*. Isto significa dizer que, se o dia extra, o do duplo *I*, não tivesse secretamente recebido a cifra *iolar* semelhante, não teria havido necessidade de expressar o dia precedente, o do solstício de inverno, o do *I* simples, pelo diminutivo *illait*, aguiazinha. Com efeito, nem o *E* é denominado como "filhote de cisne", nem o *A* como "filhote de abibe".

Estas cifras eram empregadas para confundir e enganar as pessoas comuns que não estivessem vinculadas ao segredo. Por exemplo, se algum poeta perguntasse a outro em público: "Quando nos veremos de novo?", ele haveria de esperar uma resposta na qual fossem usados elementos de diversos alfabetos cifrados e, depois camuflados, soletrados de trás para a frente ou dito em língua estrangeira e, até, ambas as coisas ao mesmo tempo. Por exemplo, poderia receber como resposta uma sentença construída nos diversos *oghams*: das cores, dos pássaros, das árvores e das fortalezas. Assim:

When a brown-plumaged rook *perches on the* fir *below the Fortress* of Seolae.

[*brown - rook - fir - Fortress of Seolae*]

Quando uma gralha marrom pousar no pinheiro debaixo da fortaleza de Seolae.

[marrom - gralha - pinheiro - fortaleza de Seolae]

Isto soletra a palavra *CRAS*, em latim, que significa "amanhã".

Além dos 150 alfabetos cifrados regulares que o candidato a *ollave*, mestre de poesia, tinha de aprender, havia outros incontáveis truques para deixar o não-iniciado ignorando o assunto: era possível, por exemplo, empregar a letra anterior ou a posterior daquela esperada. Freqüentemente fazia-se uso de algum sinônimo ou perífrase em lugar da árvore simbólica da letra — "o prin-

cipal responsável pela torre de Nimrod" em lugar de *beth*, bétula; "atividade das abelhas" em lugar de *saille*, salgueiro; "alcatéia" em lugar de *straif*, abrunheiro; e assim por diante.

Num dos alfabetos cifrados, *Luis* é considerado olmo, em lugar de sorveira, porque a palavra irlandesa para olmo, *lemh*, começa pela letra *L*. *Tinne* é considerada sabugueiro, porque *trom*, que em irlandês significa sabugueiro, inicia pela letra *T*. De igual modo, *quert* representa *quulend*, o azevinho. Este truque pode explicar por que *Ngetal*, junco, seja lido, com certa freqüência, como *broom*, giesta ou retama, cuja forma irlandesa é *n'gilcach*; contudo, existe também uma razão poética para a mudança. *O livro de Ballymote* confere à retama (giesta ou ainda giesteira) o nome poético de "Força dos médicos", presumivelmente porque seus brotos amargos, sendo diuréticos, eram conceituados como "um remédio contra a indigestão e todas as demais enfermidades que dela decorrem". (Uma infusão de flores de retama era o remédio preferido de Henrique VIII.) Uma árvore medicinal convinha ao mês de novembro, quando o ano estava morrendo e os ventos frios obrigavam as pessoas de bem a ficarem dentro de casa com pouca diversão, exceto comer e beber.

Capítulo 17

O Leão de Mão Firme

Llew Llaw Gyffes ("o Leão de Mão Firme" ou "Forte") é um tipo de Dioniso ou Héracles celestial adorado na antiga Grã-Bretanha e, geralmente, identificado com Lugh, o gaélico deus-sol. Deu nome a diversas cidades, como Laon, Leyden, Lyons e Carlisle (*Caer* Lugubalion). O nome *Lugh* pode ser relacionado com o termo latino *lux* (luz) ou *lucus* (bosque sagrado); pode mesmo derivar do sumério *lug*, que significa filho. *Llew* é uma palavra diferente, ligada a *leo* (leão), um título de *Lugh*. Na Irlanda, era chamado "Lugh de Mão Longa", vencedor dos africanos, os primeiros a se assentarem nesta ilha. Possuía uma lança mágica, sedenta de sangue, que cuspia fogo ou urrava durante as batalhas. Foi o primeiro a empregar o cavalo em guerra. Quando se aproximou do oeste, na Batalha de Moytura, Breas (seria Bóreas?) Balor — o rei caolho dos velhos deuses e, mais tarde, considerado avô de Lugh — gritou: "Eu me pergunto se o sol, hoje, não se levantou no Oeste em vez de vir do Leste." E seus druidas responderam: "Oxalá não fosse mais do que o sol! Trata-se do rosto resplandecente de Lugh, o de mão longa" — o qual ninguém podia fitar sem atordoar-se. Outro relato deste parentesco é citado por H. d'Arbois de Joubainville em sua obra monumental *Cycle Mythologique Irlandaise*, e faz dele filho, não de Ethne, filha de Balor, com um certo Cian, mas de Clothru (que, ao que parece, é uma forma singular da Tríplice Deusa Eire, Fodhla e Banbha) com três netos de Balor: Brian, Iuchar e Iuchurba. Dois círculos vermelhos, em seu pescoço e na barriga, assinalam as partes de seu corpo geradas por seus três pais. Sua morte no primeiro domingo de agosto — chamado *Lugh nasadh* ("comemoração de Lugh"), mais tarde alterado para *Lugh-mass* ("missa de Lugh") ou *Lammas*, festividade de primeiro de agosto — até recentemente observada na Irlanda, com um luto semelhante ao da Sexta-feira Santa e guardada como uma festa dos familiares defuntos, sendo a procissão de luto sempre encabeçada por um jovem trazendo um círculo enfeitado com guirlandas. Na Idade Média, o *Lammas* também era observado na maior parte da Inglaterra, o que explica as manifestações extremamente populares quando o corpo de William Rufus foi trazido de New Forest para ser enterrado. Os camponeses estavam pranteando um Lugh mítico quando passava, numa carroça de colheita, o corpo de seu rei de cabeça vermelha. Em nossos dias, o único *Lammas* celebrado na Inglaterra consiste na semana da vigília no Lancashire, cujo significado lúgubre foi esquecido em meio aos folguedos de Blackpool.

Os famosos jogos "taillteanos" da Irlanda, originalmente jogos funerais à moda etrusca, com corrida de charretes e competição de esgrima, ocorrem em *Lammas*. A tradição irlandesa de que se realizavam em memória de Tailte, a mãe adotiva e defunta de Lugh, é recente e errônea. Os jogos, que no início da Idade Média eram tão freqüentados que os carros ocupavam quase 10 quilômetros de estrada, se caracterizavam pelos casamentos "tailteanos" (ou teltownianos) em honra de Lugh e de sua noiva caprichosa. Eram casamentos de experiência que duravam "um ano e um dia", ou seja, 365 dias, e que só podiam ser dissolvidos por um ato de divórcio realizado no local onde o haviam celebrado. Então, o homem e a mulher ficavam de costas um para o outro, no centro do terreiro (*Black Rath*), e separavam-se caminhando um para o norte e o outro para o sul. Lugh encarnou no famoso herói Cuchulain de Ulster: entrou voando pela boca de Dechtire, a mãe de Cuchulain, na forma de uma libélula. Cuchulain era tão evidentemente um deus solar que, quando foi colocado numa banheira, a água começou a ferver. O fato de ser a arma mágica de Lugh uma lança sugere seu pertencimento aos grupos que invadiram a Irlanda, no início da Era do Bronze, pois aqueles que vieram no período final estavam armados de espadas. Ele pode ser identificado com Gerião, o rei do Oeste, "que tinha três corpos num só", de quem Héracles despojou de seu gado vermelho, guardado por um cão bicéfalo e a quem matou em Eritéia ("a Ilha Vermelha").

Segundo os mitógrafos, Héracles navegou para ocidente vindo da Grécia, com navios de Creta, e seguiu a rota do Norte da África, o estreito de Gibraltar, Tartesso e a Gália (onde gerou os celtas). É a mesma rota que seguiram os milésios. Assim, o Décimo Trabalho de Héracles mais parece um relato da derrota dos invasores do Neolítico — dos povos de Partholan e de Nemed — pelos homens da Idade do Bronze vindos da Espanha. Contudo, a Eritéia talvez seja Devonshire, região famosa por seu solo vermelho e por seu gado avermelhado, que os homens da Idade do Bronze conquistaram às populações neolíticas. Foi durante esse trabalho que Héracles tomou de empréstimo ao sol a taça de ouro e se tornou "nascido do lótus". Gerião parece ter sido uma versão ocidental do deus védico Agni, a mais antiga das trindades indianas, que teve três nascimentos e três corpos. Enquanto nascido das águas, Agni era um bezerro que, todo ano, se convertia "num touro que afiava seus chifres"; enquanto nascido de duas varetas de madeira (usadas para fazer fogo), era um glutão com uma língua de fogo devoradora; enquanto nascido no mais alto dos céus, era uma águia. Os hinos védicos também o celebram como aquele que sustenta o céu, a saber, o pilar de nuvem que se eleva quando se acendem fogos em seu louvor, e, também, como um imortal onisciente que construiu morada entre os mortais. Assim, quando Héracles matou Gerião e levou seu gado, estava, de fato, tendo uma vitória sobre si mesmo.

Em alguns locais do País de Gales, o *Lammas* ainda é guardado como uma feira. *Sir* John Rhys lembra que, na década de 1850, as colinas de Fan Fach e Barrule do Sul, em Carmathenshire, estavam cheias de enlutados por Llew Llaw

no primeiro domingo de agosto, e a desculpa que davam era a de que estavam subindo para "chorar a filha de Jefté na montanha". Muito estranhamente, esta era a mesma desculpa que as moças judias do pós-Exílio davam, depois da reforma religiosa deuteronômica para disfarçar o fato de irem chorar por Tammuz, o equivalente palestino de Llew Llaw. Contudo, interrompeu-se o renascimento desta prática entre os habitantes do País de Gales logo que foi denunciada como pagã.

Vejamos a história do próprio Llew Llaw, retirada da tradução feita por *lady* Charlotte Guest, que compõe a segunda parte de *O romance de Math, o filho de Mathonwy*. Embora não se trate de uma saga em grande estilo como aquela de Cuchulain e tenha sido, em parte, adulterada pela intromissão do deus Woden (God Woden ou Gwydion) em território que não era originalmente o seu, mesmo assim trata-se de um dos melhores resumos existentes do tema poético fundamental.

A primeira parte desse romance relata o roubo que Gwydion fez dos porcos sagrados de Pryderi, o rei do Pembrokeshire Annwm, em favor de Math, o filho de Mathonwy, rei do Norte do País de Gales. Math é delineado como um rei sagrado do tipo antigo, cuja força estava nos pés. Exceto quando seu reino fosse atacado e ele obrigado a correr para a batalha, Math estava obrigado, pela convenção, a manter seu pé no colo de uma sacerdotisa. Até o início da Idade Média, as cortes principescas galenses guardaram o posto e ofício de porta-pé real, embora o cargo já não coubesse a uma mulher e sim a um homem. Mas o reino de Math era de linhagem materna, sendo seus herdeiros os filhos de sua irmã, o que significa dizer, no seu caso, os maridos das filhas de sua cunhada. Um deles, chamado Gilvaethwy, tenta usurpar o trono, seduzindo a rainha reinante, a porta-pé de Math, enquanto este se encontrava fora, numa campanha. Math emprega todos os seus recursos mágicos, elimina seu rival e, então, decide casar-se com sua sobrinha, Arianrhod. A função de porta-pé era, sem dúvida, protetora, sendo o calcanhar o ponto vulnerável dos reis sagrados. São muitos os testemunhos implicando diversos calcanhares: o de Aquiles, ferido pela flecha de Páris; o de Talo, ferido pelo alfinete de Medéia; o de Diarmuid, ferido pela cerda do javali Benn Gulban; o de Harpócrates, picado por um escorpião; o de Balder (na versão dinamarquesa do mito), ferido pelo visco arremessado pelo deus Holder sob instigação de Loki; o de Ra, picado pela serpente mágica enviada por Ísis; o de Mopsos, o lápita, ferido pela serpente negra da Líbia; o de Krishna, no *Mahabharata*, ferido por uma flecha que seu irmão, Jara, o caçador, atirou. Talo está estreitamente ligado a Aquiles na versão que Apolodoro apresenta do mito, em que a causa de sua morte se deve a uma ferida no pé decorrente de uma flecha atirada por Poeas, herdeiro de Héracles.

Como, há pouco, tive o azar de pisar uma víbora dos Pirineus — uma variedade que se diz oito vezes mais letal do que a inglesa —, posso desenvolver o raciocínio e afirmar confiantemente que a "Ilha de Prata" ou a "Ilha Branca" ou a

"Ilha Giratória", para onde ia o rei sagrado depois de sua morte, era profeticamente antevista por ele quando seu calcanhar era mordido por uma serpente, por um escorpião ou perfurada por uma flecha (presumivelmente) envenenada. Logo após as primeiras dores e os vômitos, minha visão começou a falhar. Um pequeno ponto prateado apareceu no centro de meu campo de visão, que, de maneira gradual, se foi alargando até tornar-se uma ilha com bastiões claramente definidos; suas praias se dilatavam cada vez mais largas, como se eu dela me aproximasse por mar. Quando comecei a caminhar para casa, não conseguia ver para onde estava indo; foi quando a ilha começou vagarosamente a girar no sentido dos ponteiros do relógio. Não saberia dizer se ela teria girado as quatro voltas canônicas, caso o veneno tivesse sido mais virulento ou caso eu estivesse tão obcecado pela sensação da morte próxima quanto estavam esses reis; a alucinação cessou bem antes que me aplicassem um antídoto. Eu estava agradecido pelo fato de, ao contrário de meu filho mais jovem, que eu carregava nos ombros no momento, não ter nascido no solstício de inverno. Meu pé continuou tão inchado que manquei por cerca de dois meses. Finalmente, um médico catalão receitou-me fricções de folhas de oliveira silvestre em infusão, o que reduziu o inchaço em dois dias. Este remédio tradicional tem um sentido mitológico, bem como seu valor prático: a clava de Héracles era feita de madeira de oliveira silvestre e, por conseguinte, constituía o mais apropriado para expulsar o veneno que restasse.

Eu deveria, é claro, ter me lembrado do edito especial do imperador Cláudio, recordado por Suetônio, de como "não há nada melhor contra a picada de uma víbora do que o suco de teixo". Este era o tratamento homeopático correto, assim como a oliveira silvestre era o alopático. Encontrei em Topsell, em seu livro *Serpents*, de 1658, uma recomendação de suco de pervinca; trata-se de outra medicação homeopática, pois a pervinca é "a flor da morte".

A HISTÓRIA DE LLEW LLAW GYFFES

(...) Math, o filho de Mathonwy disse:

— Dá-me teu conselho sobre que moça devo procurar.

E respondeu-lhe Gwydion, filho de Don:

— Senhor, é fácil aconselhar-te; mande procurar Arianrhod, a filha de Don, tua sobrinha e filha de tua irmã.

Eles a trouxeram até ele, a moça entrou. E ele disse:

— Ah, donzela, és tu a virgem?

E ela respondeu:

— Ignoro, senhor, qual seria a condição diferente da minha.

Ele apanhou sua vara mágica, a inclinou e disse:

— Passe por cima da vara mágica e logo saberei se tu és a virgem de quem se fala.

Ela passou, então, sobre a vara mágica e, imediatamente, apareceu um belo menino loiro e rechonchudo. Quando o menino chorou, ela foi em direção à porta. E, logo a seguir, eis que se percebe outra forma pequena. Mas antes que alguém tivesse tempo de lançar-lhe um segundo olhar, Gwydion já o apanhara, enrolara numa estola de veludo e o escondera. E o fez no fundo de uma canastra aos pés de sua cama.

E disse Math, filho de Mathonwy, a respeito do belo menino loiro:

— Verdadeiramente, ordeno que este seja batizado, e Dylan é o nome que lhe darei.

Assim, trataram de batizar o menino e, durante o batismo, ele pulou no mar. Logo que se viu no mar, revestiu-se de sua natureza e se pôs a nadar tão bem quanto o melhor peixe que lá houvesse. E fora por esta razão que o chamaram de Dylan, o filho das ondas. Abaixo dele nunca onda nenhuma se quebrava e o golpe que lhe causou a morte foi aplicado por seu tio Govannion. E foi chamado de "o terceiro golpe fatal".

Certa manhã, quando Gwydion ainda estava em sua cama, mas já acordado, ouviu um choro no baú a seus pés. Embora não fosse alto, era suficiente para que ele o ouvisse. Levantou-se de um pulo, abriu a arca e viu um pequenino que desvencilhava os bracinhos da estola e a atirava para o lado. Gwydion tomou o menino nos braços e o levou até um local onde sabia existir uma mulher que poderia amamentá-lo. E combinou com a mulher que ela deveria encarregar-se do menino. E naquele ano ele foi alimentado.

No final do ano, pelo seu tamanho, aparentava ter dois anos. No segundo ano, já era uma criança crescida e capaz de ir até a corte sozinho. Quando ele chegou na corte, Gwydion o notou e o menino se afeiçoou a ele e o amou mais do que a qualquer outra pessoa. Assim, o menino foi criado na corte até que completasse quatro anos, quando já era tão grande que parecia ter oito anos.

Um dia, Gwydion saiu para caminhar e o menino o seguiu, e foram até o castelo de Arianrhod. Quando entrou na corte, Arianrhod levantou-se para ir a seu encontro, saudou-o e fez uma inclinação de boas-vindas. Ao que ele respondeu:

— Que os céus te sejam propícios!

E ela perguntou:

— Quem é o menino que te acompanhas?

Ele respondeu:

— Este jovem é teu filho.

— Ai de mim! — exclamou ela. — Que aconteceu contigo para que me envergonhasses assim, para que me causasses tal vergonha e, por tanto tempo, a guardasses?

— A menos que tu sofras uma desonra maior do que esta que causo trazendo-te um menino como este, pequena será a tua desgraça!

— Qual é o nome do menino? — perguntou ela.

— Na verdade, ele ainda não tem nome.

E ela disse:

— Bem, lanço esta praga sobre ele, que não haverá de ter um nome, a menos que receba um de minha parte.

E Gwydion respondeu:

— Que os céus me sirvam de testemunha! Tu és uma mulher má! Mas o menino há de ter um nome, por mais desagradável que isto te seja. Quanto a ti, o que te aflige é que nunca mais serás chamada de donzela.

Assim, furioso, retornou a *Caer* Dathyl, onde passou a noite.

E, no dia seguinte, levantou-se e levou o menino consigo, e foram caminhar à beira do mar entre aquele local e Aber Menei. Lá ele viu alguns carriços e algas marinhas e os transformou num barco. Depois, de galhos secos e das junças fez uma grande quantidade de couro do tipo cordovão e pintou-a com cores tais que ninguém nunca vira couro mais bonito do que aquele. Em seguida, fez uma vela para o barco e ele e o menino velejaram até o porto do castelo de Arianrhod. Lá começou a moldar sapatos e a costurá-los, até que foi observado do castelo. Quando percebeu que o olhavam do castelo, disfarçou sua aparência e a do menino para que não os reconhecessem.

Foi quando Arianrhod perguntou a alguém do castelo:

— Que homens são aqueles naquele barco lá longe?

Responderam-lhe:

— São sapateiros.

— Vão até eles e vejam que tipo de couro têm e qual o trabalho que sabem fazer.

Assim, os serviçais foram até eles. Quando chegaram, ele estava colorindo o cordovão e o estava dourando. Os serviçais voltaram e lhe contaram isto e ela disse:

— Muito bem! Tirem a medida de meus pés e digam ao sapateiro que faça sapatos para mim.

E eles os fizeram para ela, mas não na medida certa, mas bem maiores. Levaram para ela os sapatos e se constatou que estavam grandes. E ela reclamou:

— Estes estão muito grandes, mas ele receberá sua paga. Digam-lhe que faça outros, mas que sejam menores do que estes.

E ele fez outro par de sapatos, que eram muito menores do que os pés dela.

Ela tornou a reclamar:

— Digam-lhe que estes não cabem em meus pés.

E ele respondeu:

— Na verdade, não lhe farei mais sapatos, a menos que eu veja seus pés.

E o recado foi levado a ela, que decidiu:

— Então irei até ele.

E ela desceu até o barco e, quando lá chegou, ele estava moldando os sapatos e o menino os costurava. E ele dirigiu-se a ela:

— Ah, minha senhora, bons dias!

— Que os céus lhe sejam propícios! Muito me espanta que não tenha conseguido fazer os sapatos segundo a medida.

E ele respondeu:

— Não consegui, mas agora hei de ser capaz de fazê-los.

Naquele instante uma cambaxirra [carriça ou reizinho] pousou na coberta da embarcação e o menino disparou um golpe contra a ave, ferindo-a entre o tendão e o osso. Ela sorriu e falou:

— Verdadeiramente com uma mão firme o leão o alcançou.

E ele postulou:

— Que os céus não te recompensem, mas agora ele tem um nome. E um nome bastante bom. Daqui em diante será chamado Llew Llaw Gyffes.

Logo o trabalho transformou-se em algas marinhas e junça e ele não continuou a farsa. É por essa razão que é chamado de "o terceiro sapateiro de ouro".

E ela disse:

— Na verdade, não há de ser tratando-me de modo insolente que tu hás de enriquecer.

Ele retrucou:

— Mas eu não lhe fiz mal algum até agora.

E, então, fez o menino voltar a sua forma própria. E ela disse:

— Muito bem! Vou jogar uma praga sobre este menino e ele não haverá de ter armas, nem armadura até que eu mesma o invista delas.

Exclamou ele:

— Pelos céus! Que tua maldade seja lá a que for, mas ele haverá de ter armas!

Então foram para Dinas Dinllev e lá ele criou Llew Llaw Gyffes até que este fosse capaz de conduzir qualquer cavalo e se tornasse perfeito em feições, em força e em estatura. Logo Gwydion percebeu que o rapaz andava triste porque não possuía nem cavalo nem armas. Chamou-o para perto de si e disse:

— Ah, jovem! Amanhã iremos sair juntos numa diligência. Mostra-te, pois, mais alegre do que estás.

E o moço respondeu:

— Esse é meu desejo.

Na manhã seguinte, ainda pela madrugada, eles se levantaram. Tomaram caminho ao longo da costa, até Bryn Aryen. No topo de Cevn Clydno, equiparam-se com cavalos e seguiram adiante, até o castelo de Arianrhod. Mudaram de aspecto e rumaram para a porta, na forma de dois jovens, embora Gwydion tivesse um aspecto mais grave do que o outro.

À porta gritou ele:

— Porteiro, entra e avisa que aqui estão dois bardos de Glamorgan.

O porteiro entrou e, depois, se ouviu Arianrhod:

— As boas-vindas celestiais estejam com eles, deixa-os entrar.

Foram saudados com grande alegria. O salão estava arranjado e eles passaram à restauração. Depois de comerem, Arianrhod conversou com Gwydion sobre lendas e histórias. Gwydion era, certamente, um excelente contador de histórias. E, quando terminou o tempo da festança, prepararam-lhes um quarto e eles foram descansar.

Antes da aurora, Gwydion acordou e invocou sua magia e seu poder. Quando o dia raiava, já ressoava por toda a terra um rebuliço de trombetas e gritos. Quando amanheceu, ouviu-se um bater na porta do quarto e Arianrhod pedia-lhes que abrissem. O jovem levantou-se, abriu a porta para ela e para a criada que a acompanhava. E ela disse:

— Ah, bons homens, estamos numa péssima situação!

Gwydion assentiu:

— Sim, é verdade, ouvimos trombetas e gritos; o que pensais, senhora, que possam significar?

— Na verdade, nem se consegue ver a cor do oceano de tão juntos que estão os barcos. E eles se encaminham para a terra a toda velocidade. O que poderemos fazer?

Disse-lhe Gwydion:

— Senhora, não há outro conselho senão o de nos trancarmos dentro do castelo e defendê-lo do melhor modo que pudermos.

— É verdade, e que os céus vos recompensem! Defendam-no. Aqui havereis de conseguir muitas armas.

E saiu para buscar as armas; pegando-as, logo retornou acompanhada de duas criadas trazendo armaduras para dois homens.

E Gwydion disse:

— Senhora, arma tu este rapaz, enquanto eu armo a mim mesmo com a ajuda dessas criadas. Andem logo, que já ouço o tumulto dos homens que se aproximam!

Arianrhod respondeu:

— Farei isso com prazer.

E ela o armou inteiramente e com alegria. E Gwydion perguntou-lhe:

— Senhora, terminaste de armar o jovem?

— Terminei — respondeu ela.

E Gwydion disse:

— E eu também. Agora vamos retirar nossas armas, pois não temos necessidade delas.

— Como não? — retrucou ela. — Há um exército em volta do castelo!

— Ora, minha senhora, não há exército algum.

Ela exclamou:

— Oh! De onde, pois, vinha esse tumulto?

— O tumulto era apenas para quebrar tua profecia e conseguir as armas para o teu filho. E agora ele já conseguiu as armas, sem sequer precisar agradecer-te.

Disse Arianrhod:

— Pelos céus! Tu és um homem mau! Muitos jovens poderiam ter perdido a vida no alvoroço que tu causastes hoje aqui no castelo. Agora lanço outra praga sobre este jovem. Nunca haverá ele de casar-se com uma esposa da raça que atualmente habita esta terra.

Disse Gwydion:

— Na verdade, sempre foste uma mulher maligna, e ninguém está obrigado a agüentar-te. Não obstante tua maldição, ele há de ter uma esposa.

Imediatamente, foram ao encontro de Math, filho de Mathonwy e, amargamente, se queixaram com ele a respeito de Arianrhod. Gwydion explicou, também, o modo como tinha conseguido armas para o jovem. E Math disse:

— Bem, trataremos eu e tu, por meio de encantamentos e ilusão, de criarmos para ele uma esposa com flores. Ele já tem a estatura de um homem e é o jovem mais bem-apessoado que já se viu.

Assim, apanharam flores de carvalho, flores de giesta [retama] e também de rainha-dos-prados e, com elas, criaram uma moça, a mais bela e graciosa jamais vista pelos homens. Batizaram-na e deram-lhe o nome de Blodeuwedd.

Depois que ela se tornara noiva do rapaz e tinham festejado, Gwydion falou:

— Não é fácil para um homem manter a si mesmo sem posses.

E Math disse:

— Isso é verdade. Darei ao jovem homem o melhor castelo para sua posse.

E Llew Llaw perguntou:

— Senhor, de que castelo se trata?

E Math respondeu:

— Do castelo de Dinodig.

Agora é chamado de Eivionydd e Ardudwy. E eles habitaram um palácio próprio num lugar chamado Mur-y-Castell, nos confins de Ardudwy. Lá ele habitou e reinou. Todos o amavam e apreciavam seu modo de governar.

Certo dia, foi até *Caer* Dathyl fazer uma visita a Math, filho de Mathonwy. No dia em que partiu para *Caer* Dathyl, Blodeuwedd foi passear no pátio. Ela ouviu o som de um chifre. Depois do som de chifre viu passar por ali um veado cansado, acossado por cães e por caçadores que o perseguiam. Atrás dos cães e dos caçadores vinha uma multidão de homens a pé. E Blodeuwedd disse:

— Enviem um rapaz para indagar quem é esta gente.

E o moço foi e perguntou-lhes quem eram, depois voltou para a senhora e disse:

— Trata-se de Gronw Pebyr, o senhor de Penllyn.

Gronw Pebyr perseguiu o veado e, pela altura do rio Cynvael, o alcançou e matou. A tarde começou a vir enquanto ainda descarnava o veado e dava de comer aos cães. Ao anoitecer, passou pelos portões do castelo de Blodeuwedd e ela comentou com os seus:

— Na verdade, o chefe falará mal de nós se o deixarmos partir a estas horas para outras terras sem convidá-lo a entrar.

E os seus responderam:

— Com efeito, senhora, será mais do que conveniente convidá-los a entrar.

E foram enviados mensageiros para encontrá-lo e convidá-lo ao castelo. Ele aceitou o convite de bom grado e se dirigiu para a casa de Blodeuwedd, que saiu a seu encontro, saudou-o e deu-lhe as boas-vindas. Ele disse:

— Senhora, que os céus recompensem tua gentileza!

Quando se desembaraçaram das tralhas, foram sentar-se. E Blodeuwedd o contemplou e, desde o momento em que o admirou, enamorou-se dele. E ele a olhou e lhe ocorreu o mesmo pensamento, de modo que não conseguiu disfarçar que a amava e, então, declarou-se a ela. E toda a conversação, durante esta noite, versou sobre o afeto e o amor que sentiam um pelo outro e que havia crescido no curto tempo de uma noite. E passaram a noite um em companhia do outro.

No dia seguinte ele quis partir. Porém ela lhe disse:

— Rogo-te que não te afastes de mim hoje.

E ele permaneceu mais esta noite e eles se indagaram como poderiam fazer para ficar juntos para sempre. E ele disse:

— Não há outra maneira. Deves sondar com Llew Llaw Gyffes de que modo ele há de encontrar a morte. Mas precisas fazer isto dando a impressão de que te preocupas com ele.

No dia seguinte Gronw tratou de partir, mas ela disse:

— Em verdade te aconselho a não te afastares de mim hoje.

E ele respondeu:

— Atendo a teus rogos e não partirei, ainda que, devo avisar-te, haja perigo de que o chefe e dono do castelo possa voltar para casa.

E ela prometeu:

— Amanhã, certamente, permitirei que partas.

No dia seguinte ele tratou de ir, porém ela ainda tentou impedi-lo. Mas ele a exortou:

— Recorda-te do que te disse e tenta falar longamente com ele e, envolvendo-o em carícias amorosas, tenta saber dele de que modo a morte poderá levá-lo.

Naquela noite Llew Llaw Gyffes voltou para casa. E passaram o dia conversando, cantando poemas e festejando. E à noite, quando foram repousar, ele dirigiu a palavra a Blodeuwedd e, depois, uma segunda vez. Mas, apesar disto, não conseguiu tirar dela nenhuma palavra. Então ele indagou:

— O que tu tens? Tu estás bem?

Foi quando ela disse:

— Estava pensando que tu nunca te preocupas comigo, pois me aflige a idéia de tua morte, de que tu morras antes de mim.

— Que os céus te recompenses por tua solicitude por mim; porém, até que os céus me levem, não me matarão facilmente.

— Pelo amor de Deus e pelo meu, diz-me como poderão matar-te. Tenho uma memória para guardar estas coisas melhor do que a tua.

— Contarei isto a ti de bom grado. Não me podem matar facilmente, exceto por uma ferida. E a lança com que me haverão de ferir terá de ser trabalhada durante um ano. E nada poderá ser feito para isso, exceto durante o sacrifício dos domingos.

E ela perguntou:

— Isso é garantido?

— É verdade. E não podem matar-me, nem dentro de casa, nem fora de casa. Nem a cavalo, nem a pé.

— Então, de que maneira te podem matar?

— Eu te direi. Preparando-me um banho numa curva de um rio e colocando um teto sobre a banheira [caldeirão], recobrindo de sapé bem amarrado, trazendo um bode e colocando-o ao lado da banheira [caldeirão] de água quente. Assim, se eu colocar um pé no lombo do bode e o outro na beira da banheira [caldeirão], quem quer que me ferir neste instante causará a minha morte.

E Blodeuwedd alegou:

— Bem, agradeço aos céus por ser fácil evitar tudo isso.

Imediatamente, depois desta conversa, ela se comunicou com Gronw Pebyr, que logo se pôs a trabalhar na lança que, depois de um ano, ficou pronta. E, neste mesmo dia, mandou que dessem a ela tal informação.

Então Blodeuwedd disse a Llew:

— Senhor, estive pensando sobre o que me dissestes e como poderás estar certo do que me contastes. Poderás me dizer como conseguirás estar ao mesmo tempo sobre a borda de uma banheira [caldeirão] e no lombo de um bode se eu te preparar um banho?

— Eu te mostrarei.

Ela mandou chamar Gronw e fez com que ele se escondesse de emboscada numa colina, agora chamada de Bryn Kyvergyr, nas margens do rio Cynvael. Ordenou ainda que se reunissem todas as cabras que havia em Cantrev e que se as levassem para o outro lado do rio, em frente a Bryn Kyvergyr.

No dia seguinte, ela se dirigiu ao marido e falou assim:

— Senhor, mandei prepararem o telhado e o banho e, vê só, já estão prontos.

— Muito bem, de bom grado irei ver isso.

No dia seguinte, foram até o local e contemplaram o banho, e ela perguntou:

— Não queres entrar no banho, senhor?

E ele respondeu:

— De bom grado entrarei.

Entrou, pois, no banho e se molhou. E ela disse:

— Senhor, vê os animais de que falaste e que chamam de bodes.

— Bem, faze com que apanhem um deles e o tragam até aqui.

E levaram o macho até perto da banheira [caldeirão]. Então, Llew saiu do banho, vestiu os calções e colocou um pé na borda da banheira [caldeirão] e outro no lombo do bode.

Foi quando Gronw se ergueu na colina chamada Bryn Kyvergyr, colocou um dos joelhos por terra e lançou a flecha envenenada, ferindo Llew Llaw no flanco, de modo que parte do projétil balançava, mas a ponta permanecia dentro do corpo. Llew Llaw voou em forma de águia e deu um grito espantoso. Desde então não se tornou a vê-lo.

Logo que ele desapareceu, Gronw e Blodeuwedd foram juntos para o castelo nesta mesma noite. No dia seguinte, Gronw levantou-se e tomou posse de Ardudwy. Depois de subjugar todo o país, governou-o, de modo que Ardudwy e Panllyn ficaram ambos sob o seu mando.

Estas notícias chegaram aos ouvidos de Math, filho de Mathonwy. O abatimento e o pesar se apossaram de Math, no entanto bem maior foi o sofrimento de Gwydion, que lhe disse:

— Senhor, não descansarei até que tenha notícias de meu sobrinho.

Respondeu-lhe Math:

— Oxalá os céus te dêem força.

Gwydion se pôs em marcha e começou a avançar. E foi através de Gwynedd e Powys, até os confins da terra. E quando havia feito isto, foi para Arvon e dirigiu-se à casa de um vassalo em Maenawr Penardd. Apeou na casa e lá passou a noite. O homem da casa e sua família se apresentaram e o último de todos a se apresentar foi o porcariço. Perguntou-lhe, então, o dono da casa:

— Bem, jovem, tua porca já apareceu esta noite?

E o rapaz respondeu:

— Ela já apareceu e, neste instante, já está com os porcos.

Gwydion perguntou:

— Aonde vai a porca?

— Todos os dias, quando se abre a pocilga, ela sai correndo e ninguém consegue descobrir aonde vai e nem se sabe, na verdade, se se esconde ou se é a terra que a engole.

Gwydion pediu então:

— Queres me fazer um favor? Não abra a pocilga até que eu esteja junto dela a teu lado.

— Farei isso de bom grado — respondeu o porcariço.

Descansaram esta noite e tão logo o porcariço viu a luz da aurora acordou Gwydion, que se levantou, se vestiu e foi com o porcariço e se pôs junto da pocilga. E logo que se abriu a porta a porca saiu desembestada e a toda velocidade. Gwydion a seguiu e a viu avançar, no sentido contrário ao da corrente de um rio e se dirigir a um córrego, agora chamado de Nant e Llew. Lá ela parou e começou a comer. E Gwydion se pôs debaixo de uma árvore para observar o que comia a porca. E viu que comia carne podre e vermes. Então olhou para a copa da árvore, viu que lá estava uma águia e, quando ela se sacudia, caíam delas vermes e carne apodrecida que a porca devorava. Pareceu-lhe que a águia era Llew. Assim, cantou um *englyn*:

Oak that grows between the two banks;
Darkened is the sky and hill!
Shall I not tell him by his wounds,
That this is Llew?

Carvalho que cresce entre duas margens,
Escuros estão o céu e a montanha!
Não hei de dizer-lhes por suas feridas
Que este é mesmo Llew?

Quando escutou isto, a águia desceu até o meio da árvore. E Gwydion, então, cantou outro *englyn*:

Oak that grows in upland ground,
Is it not wetted by the rain? Has it not been drenched
By nine score tempests?
It bears in its branches Llew Llaw Gyffes!

Carvalho que cresce em terra alta,
Não o molha a chuva? Não o encharcaram
Cento e oitenta tempestades?
Seus galhos sustentam Llew Llaw Gyffes!

Então a águia desceu ainda mais para o ramo mais baixo da árvore e foi quando Gwydion cantou o seguinte *englyn*:

Oak that grows beneath the steep;
Stately and majestic is its aspect!
Shall I not speak of it
That Llew will come to my lap?

Carvalho, que cresce precipício abaixo,
De aspecto imponente e majestoso!
Não haverei eu de dizer a ele
Que Llew há de vir a meu regaço?

E a águia desceu e postou-se nos joelhos de Gwydion. E com sua vara mágica Gwydion bateu nela, que logo retomou sua forma primitiva. E ninguém nunca teve visão mais triste, pois ele era apenas pele e ossos.

Dali seguiram para *Caer* Dathyl, para onde trouxeram os melhores médicos de Gwynedd e, antes que findasse o ano, Llew Llaw estava inteiramente curado.

E ele foi a Math, filho de Mathonwy, e disse:

— Senhor, já é tempo de que me vingue daquele por causa de quem sofri todo este infortúnio.

E Math concordou:

— É verdade, ele não poderá conservar a posse dos bens que te pertencem.

E Llew disse:

— Muito bem, o quanto antes recupere o que é meu, tanto mais satisfeito hei de sentir-me.

Em seguida visitaram juntos todo o Gwynedd e partiram para Ardudwy. Gwydion adiantou-se à frente e foi até Mur-y-Castell. Quando Blodeuwedd ouviu que ele se aproximava, fez-se acompanhar de suas damas e fugiu para as montanhas. E atravessaram o rio Cynvael e se dirigiram para um castelo que havia na montanha. Amedrontadas, caminhavam olhando para trás e, sem se aperceberem, caíram todas num lago, onde se afogaram com exceção de Blodeuwedd, que foi alcançada por Gwydion. E ele disse a ela:

— Não te matarei, porém farei algo ainda pior, vou transformá-la numa ave. Por causa da afronta que fizeste a Llew Llaw Gyffes, daqui em diante nunca mais mostrarás teu rosto à luz do dia, e isto por medo de todas as demais aves. Para elas será natural que te ataquem e te expulsem de onde quer que te encontrem. Tampouco perderás teu nome; ao contrário, serás sempre chamada de Blodeuwedd.

Na linguagem atual, Blodeuwedd significa "coruja" e, por esse motivo, a coruja é odiosa para todas as demais aves. E ainda hoje se chama a coruja de Blodeuwedd.

Logo, Gronw Pebyr retirou-se para Penllyn e de lá enviou uma embaixada. E os mensageiros enviados perguntaram a Llew Llaw Gyffes se ele tomaria terra, propriedade, ouro ou prata em troca da afronta que tinha recebido. E ele respondeu:

— Não tomarei coisa alguma, que os céus me sejam testemunha. Eis o mínimo que aceitarei dele: que venha até o local onde eu estava quando ele me feriu com a lança e eu ficarei onde ele estava, e hei de atirar um dardo contra ele. Isto será o mínimo que aceitarei.

Os mensageiros retornaram e disseram isto a Gronw Pebyr, que falou:

— Na verdade, será necessário que eu faça isto? Meus fiéis guerreiros, meus parentes, meus irmãos adotivos: não haverá entre vós alguém que queira receber o golpe em meu lugar?

E recebeu como resposta:

— Não há ninguém, certamente.

E por causa de sua negativa em receber o golpe em lugar de seu senhor, eles são chamados até o presente de Terceira Tribo Desleal.

Então Gronw disse:

— Muito bem, irei eu ao encontro disso.

Os dois contendores foram até as margens do rio Cynvael e Gronw ficou em pé no local onde estava Llew Llaw Gyffes, quando ele o feriu e Llew foi para o lugar onde estava Gronw no momento do ataque. Foi quando Gronw Pebyr disse a Llew:

— Posto que foi pelos estratagemas de uma mulher que eu te fiz aquilo que fiz, suplico-te, pelos céus, que me deixes colocar entre mim e o arco aquela laje lá adiante que tu podes ver na margem do rio.

E Llew respondeu:

— Não hei de recusar-te tal pedido.

Gronw agradeceu:

— Ah, que os céus te recompensem!

E assim Gronw apanhou a laje e colocou-a entre ele e o arco.

Llew, então, atirou a flecha nele e atingiu a laje, atravessou-a e atingiu Gronw, que foi ferido nas costas. Foi assim que Gronw Pebyr foi executado. Ainda existe a laje, nas margens do rio Cynvael, em Ardudwy, conservando o buraco que a atravessa. Desta forma, até hoje ela é chamada de Llech Gronw.

Pela segunda vez, Llew Llaw Gyffes tomou posse do país e o governou prosperamente. E segundo relata a lenda, depois disto tornou-se também senhor de Gwynedd.

Capítulo 18

A divindade com pata de touro

Os poetas preocupados com o Tema poético único não podem dar-se ao luxo de traçar uma verdadeira separação entre "história sagrada" e "mito profano" fazendo uma dissociação corriqueira entre eles, a menos que estejam preparados para rejeitar as Escrituras como inteiramente irrelevantes para a poesia. Isto seria de lamentar. Nesta época de tolerância religiosa, não consigo compreender por que se haveria de aceitar uma visão tão flagrantemente contrária à história, com relação à autoria, à proveniência, à datação e aos textos originais do Antigo Testamento quando se apresenta uma estreita vinculação com o Tema. No capítulo que se segue procurarei cerzir alguns pontos esgarçados.

O mito de Llew Llaw Gyffes guardou muito bem suas linhas mestras, apesar de cuidadosamente editado de modo a atribuir a divindades masculinas todos os créditos pelos feitos mágicos que conhecemos, em contraposição aos mitos do mesmo gênero, nos quais os feitos eram desempenhados, nas origens, por divindades femininas. Por exemplo, a Criança Divina Llew Llaw nasce de uma virgem, mas pela feitiçaria de Math, e Arianrhod não apenas desconhece que deu à luz uma criança, como se indigna justificadamente pela acusação de ser mãe solteira. Enquanto isso, na versão de Cuchulain da história de Llew, sua mãe, Dechtire, concebe, sem ajuda mágica, ao engolir uma libélula. E Nana, que é a equivalente frígia de Arianrhod e cujo filho, Átis, tem uma história posterior muito parecida com a de Llew Llaw, concebe por seu livre alvitre por meio do emprego mágico de uma amêndoa ou, segundo dizem alguns mitógrafos, de uma romã. Mais uma vez, Blodeuwedd, esposa de Llew, foi criada por Gwydion a partir de botões de carvalho, de retama (giesta), de rainha-dos-prados (ulmária), além de seis outras plantas e árvores, ao passo que, em lendas mais arcaicas, ela é Cibele, a Mãe de Todos os Viventes, inteiramente independente de qualquer demiurgo masculino.

O fato de os dedos de Blodeuwedd serem "mais brancos do que a nona onda do mar" prova sua conexão com a lua; 9 é o número lunar primordial, a lua rege as marés e a nona onda é, tradicionalmente, a mais alta. Assim, Heimdall, equivalente de Llew, porteiro dos céus nórdicos e rival de Loki, era "o filho da onda", tendo nascido de nove ondas por encantamento de Odin (Gwydion). Depois de sua luta com Loki, na qual ambos vestiam peles de foca, Heimdall recebeu a maçã da Vida-na-Morte das mãos de Iduna, nascida de flo-

res, correspondente a Blodeuwedd, e cavalgou seu "Crina Dourada" ao longo da Via Láctea, o que também ocorre na história de Llew Llaw. Contudo, o cadinho nórdico adulterou o mito, concedendo a Heimdall a vitória e duplamente ocultando a sedução de Iduna, noiva de Heimdall, por Loki.

Quando Blodeuwedd engana Llew Llaw, Gwydion a castiga transformando-a numa coruja. Esta é outra intromissão patriarcal. Ela já era uma coruja, mil anos antes que Gwydion nascesse: a mesma coruja representada nas moedas atenienses como símbolo de Atená, deusa da sabedoria; a mesma coruja que deu nome a Lilith, primeira mulher de Adão, e que, como Annis, a Bruxa Azul, chupa o sangue das criancinhas no folclore da primitiva Grã-Bretanha. Há um poema sobre a coruja Blodeuwedd, escrito por Davydd ap Gwilym, no qual ela jura por são Davi que é filha do Senhor de Mona, com dignidade igual à do próprio Meirchion. Isto equivale a chamar-se uma "filha de Proteu" — Meirchion podia metamorfosear-se segundo sua vontade — e, talvez, a identificar-se com a antiga religião sangrenta dos druidas, proibida por Paulinus em Anglesey, no ano 68 d.C. Davydd ap Gwilym, o mais admirado dentre todos os poetas galenses, foi muito atormentado pela atitude contemporânea para com as mulheres, e fez tudo o que pôde para convencer uma monja por quem se apaixonou a largar o claustro por ele.

No romance do capítulo anterior, só a porca comedora de carniça de Maenawr Penardd independe da vareta mágica do mago macho. Ela é Cerridwen, a Divina Porca Branca disfarçada. Há de notar-se que Arianrhod, a deusa do nascimento, Arianrhod, a deusa da iniciação que dá nome e armas a Llew Llaw, Blodeuwedd, a deusa do amor, Blodeuwedd, a coruja, deusa da sabedoria; e Cerridwen, a Velha Porca de Maenawr Penardd, formam uma pentade. Elas constituem a mesma deusa em seus cinco aspectos sazonais, aos quais correspondem as vogais *ailm*, *onn*, *ura*, *eadha* e *idho* no calendário Beth-Luis-Nion. A razão pela qual as duas Arianrhod e as duas Blodeuwedd não se distinguem no romance é porque a pentade também pode ser vista como uma tríade. O autor, para manter a seqüência mais inteligível, narra a história em termos de um ano com três estações.

Similarmente, Llew Llaw troca de nomes segundo as estações. Dylan, o peixe, é o nome do Ano-Novo — embora, em alguns relatos, Dylan e Llew sejam gêmeos. Llew Llaw é o leão com seu nome para primavera e verão. Omite-se o seu nome para o outono; mas, no solstício invernal, seu nome é a Águia de Nant y Llew. O conto o apresenta como um esplêndido cavaleiro; pois, também Héracles cavalgava o cavalo selvagem Aríon e Belerofonte, o Pégaso. Na mitologia irlandesa, seu equivalente, Lugh, recebe o crédito pela invenção da arte da cavalaria.

A história de sua traição por Blodeuwedd relembra a de Gilgamesh por Ishtar e a de Sansão por Dalila. Sansão era um deus solar da Palestina incluído de maneira imprópria no corpo dos mitos religiosos judaicos, cuja história recebeu uma redação final como um herói israelita do tempo dos Juízes. Ele perten-

cia a uma sociedade exogâmica e, assim, matrilinear, conforme se prova pelo fato de Dalila ter permanecido com sua própria tribo depois do casamento; em sociedade patriarcal, a esposa vai para a tribo do marido. O nome "Sansão" significa "do Sol" e "Dan", sua tribo, é a denominação de uma divindade assíria. Assim como Héracles, Sansão matou um leão com as próprias mãos, e seu enigma sobre as abelhas que infestam a carcaça do leão que matara, se remontada à forma iconográfica, mostra Aristeu, o Héracles pelasgo — pai de Actéon, rei do culto do veado e filho do Centauro Quirão — matando um leão-montês no monte Pelião, de cuja carne ferida saiu o primeiro enxame de abelhas. Na versão de Cuchulain da mesma história, Blodeuwedd é chamada Blathnat, e é quem consegue extrair de seu marido, o rei Curoi — o único homem que jamais atingiu Cuchulain com um golpe —, o segredo de que ele tinha a alma escondida numa maçã dentro do estômago de um salmão que aparece a cada sete anos numa nascente nos flancos de Slieve Mis (a montanha onde está o dólmen de Amergin). Essa maçã só pode ser cortada com sua própria espada. O amante Cuchulain espera, durante sete anos, e consegue a maçã. Blathnat, então, prepara um banho e amarra os longos cabelos de seu marido na cabeceira e nos pés da cama; apanha a espada dele e a entrega ao amante, que corta a maçã ao meio. O marido perde as forças e grita:

— Não se há de confiar segredos a mulheres, nem dar jóias a escravos!

E Cuchulain corta fora a cabeça dele.

Há uma referência a esta história num dos poemas de Gwion. E há uma versão grega da mesma história referente aos tempos minóicos: Niso, rei de Nisa — uma antiga cidade perto de Mégara, destruída pelos dóricos —, tem sua madeixa "púrpura" arrancada por sua filha, Escila, que quis matá-lo para casar-se com Minos de Creta. Os gregos deram a esta história o improvável final moral, dizendo que Minos afogara Escila como parricida, lançando-a da popa de sua galera. De qualquer modo, a genealogia dos reis de Nisa deixa claro que o trono se transmitia por sucessão matrilinear. Existe ainda outra versão no *Excidium Troiae*, um resumo latino da Guerra de Tróia, compilado de diversas fontes antigas. Aqui o segredo sobre o vulnerável calcanhar de Aquiles é tirado dele por sua esposa, Polixena, "(...) uma vez que não há segredo que uma mulher não consiga extrair dos homens como prova de amor". É possível presumir vários aspectos. Na lenda original de Osíris, Ísis era uma voluntária cúmplice de seu assassinato anual por Set. Na lenda original de Héracles, Dejanira fora uma cúmplice voluntária em seu assassinato anual executado por Aquelôo ou pelo Centauro Nesso. Cada um desses heróis foi morto durante um banho — como na lenda do assassinato de Minos num banho pela sacerdotisa Cócalo, sob instigação de Dédalo; como no assassinato de Agamêmnon por Clitemnestra sob instigação de Egisto —, ainda que, na versão popular da história de Osíris, se trate de um caixão e não de uma banheira o local onde ele é aprisionado. Os chacais que, no Egito, eram consagrados a Anúbis, o Guardião dos Mortos, porque se alimentam da carne dos cadáveres e têm misteriosos hábitos noturnos, devem ter tido conhecimento de todos os fatos sobre o assassinato.

THE JACKALS' ADDRESS TO ISIS

Grant Anup's children this:
To howl with you, Queen Isis,
Over the scattered limbs of wronged Osiris.
What harder fate than to be woman?
She makes and she unmakes her man.
In Jackal-land it is no secret
Who tempted red-haired, ass-eared Set
To such bloody extreme; who most
Must therefore mourn and fret
To pacify the unquiet ghost.
And when Horus your son
Avenges this divulsion
Sceptre in fist, sandals on feet,
We shall return across the sana
From loyal Jackal-land
To gorge five nights and days on ass's meat.

SÚPLICA DOS CHACAIS A ÍSIS

Ó Senhora Rainha Ísis,
Aos filhos de Anupu concedei
Que convosco lamentem
Os esquartejados membros do traído Osíris.
Que fado há mais cruel que ser mulher?
Fazer e desfazer o próprio macho.
Na terra do chacal não é segredo
Quem ao Set ruivo de asininas orelhas incitou
A tão sanguinário ato extremo; quem mais deveria
Por tal fato pôr luto e por tal ato sofrer
Até acalmar a penada e irrequieta alma.
E quando, vosso filho,
Tal esquartejadura vier vingar,
Cetro em mão e chanca aos pés,
Volveremos, através das areias,
Da leal terra dos chacais,
Para nos fartarmos com as carnes do onagro
Por cinco dias e por cinco noites.

Uma versão cananéia da mesma história aparece de forma iconotrópica no *Livro de Judite*, obra evidentemente não-histórica, composta na época dos macabeus. Parece que os judeus sempre basearam suas historietas religiosas

sobre alguma lenda existente ou sobre algum ícone, nunca escrevendo uma ficção pura, no sentido moderno do termo. Restauraremos os relatos de Judite, Manassés, Holofernes e Aquior a sua forma pictórica e, depois, recolocaremos os eventos em sua ordem natural. A rainha ata a cabelama de seu real esposo ao balaústre do leito para imobilizá-lo e o degola com uma espada (Jt 13, 6-8); uma serva leva a cabeça para o amante que a senhora escolhera para ser o novo rei (Jt 14, 6); depois de prantear para apaziguar o fantasma do velho rei, o Tammuz-cereal, morto na colheita da cevada (Jt 8, 2-6), ela se purifica em água corrente e se veste de noiva (Jt 10, 3 e 4); logo se forma um cortejo nupcial (Jt 10, 17-21); o casamento se celebra com grande júbilo (Jt 12, 15-20), fogueiras (Jt 13, 13), festejos religiosos (Jt 16, 20), danças e balançar de galhos (Jt 15, 12), muitos presentes (Jt 15, 2), matança de vítimas (Jt 15, 5) e a circuncisão ritual do noivo (Jt 14, 10). A rainha porta uma coroa de folhas oliveira, como símbolo de fecundidade (Jt 15, 13). A cabeça do antigo rei é pendurada nas muralhas da cidade como um encantamento profilático (Jt 14, 11) e a deusa aparece numa tríade: velha, noiva e virgem (Jt 16, 23) para abençoar a união.

O fato de a deusa Frigga ter ordenado luto geral por Balder a incrimina na morte dele. Ela era, na verdade, Nana, noiva de Balder, seduzida por Holder, seu rival; mas, como os sacerdotes egípcios de Ísis, os escaldos — antigos bardos escandinavos — nórdicos alteraram a história a bem dos interesses da correção marital. Precisamente, qual teria sido a parte do calcanhar ou do pé em que foram atingidos Talo, Bran, Aquiles, Mopso, Quirão e todos os demais mortalmente feridos? Os mitos de Aquiles e de Llew Llaw fornecem uma chave. Quando Tétis apanhou o Aquiles menino pelo pé e o mergulhou no caldeirão da imortalidade, as partes tocadas pelo seu polegar e pelo indicador permaneceram secas e, por causa disto, vulneráveis. Conforme ressaltei em meu livro *King Jesus*, este ponto, pelo que se pode presumir, entre o tendão-de-aquiles e o osso do tornozelo, foi onde se pregaram os pés do Crucificado ao lenho da cruz, num ritual romano tomado de empréstimo aos cananeus cartagineses, pois a vítima da crucifixão era, originalmente, um rei sagrado. Arianrhod louva a pontaria certeira do jovem Llew Llaw, porque, como o pintarroxo do Ano-Novo, alcunhado Belin, ele transfixa seu pai, Wren — alcunhado Bran, a quem a carriça, cambaxirra ou reizinho era consagrado —, justamente "entre o tendão e o osso" de sua perna.

A entrega que Arianrhod faz das armas ao filho é um hábito celta comum. O fato de que as mulheres tinham esta prerrogativa é mencionado por Tácito em sua obra sobre os germânicos — sendo a Alemanha daquela época uma região celta, ainda não invadida pelos povos patriarcais de cabeça quadrada que hoje chamamos de alemães.

Gronw Pebyr, que figura como o senhor de Penllyn — "Senhor do Lago" — e que também tem o título de Tegid Voel, marido de Cerridwen, é, na verdade, o irmão gêmeo e o *tanist* de Llwe Llaw, que nunca deixa de ter seu gêmeo. Gwydion é um substitutivo para Gronw durante a visita ao castelo de Arianrhod.

Gronw reina durante a segunda metade do ano, depois do assassinato sacrificial de Llew, e o velho cervo que ele mata e desossa, fora do castelo de Llew, representa o próprio castelão (um "veado de sete galhos"). Estas constantes alterações nos valores simbólicos tornam a alegoria de difícil acompanhamento para o leitor de mente prosaica, mas, para o poeta que se recorda do destino do Héracles pastoral, o sentido fica claro: depois de despachar Llew com o dardo disparado contra ele a partir de Bryn Kyvergyr, Gronw o esfola, retalha-o e distribui as partes entre seus companheiros. A chave é fornecida pela frase "dando de comer a seus cães". Da mesma forma, um pouco antes na história, Math transformara em cervo seu rival, Gilvaethwy. Parece provável que o sucessor medieval de Llew, o Robin Hood Vermelho, em alguma época fora adorado como um cervo. Sua presença na dança dos chifres do prior Bromley seria difícil de explicar de outra maneira e o musgo "os galhos de veado" é, às vezes, chamado de "faixa do chapéu de Robin Hood". É em maio que os cervos adquirem a cor avermelhada da pelagem.

Llew visita o castelo de Arianrhod num barco feito de ervas e carriços. Esse barco é a mesma velha cesta de colheita, a bordo da qual quase todos os antigos deuses solares realizam sua viagem de Ano-Novo e na qual a princesa virgem, sua mãe, sempre o espera nas margens do rio. Como já se mencionou, os habitantes de Delfos, uma vez por ano, adoravam Dioniso como a criança recém-nascida *Liknites*, "a criança da cesta de colheita", que era uma cesta em forma de pá, feita de junco e vime, de múltiplos usos: servia como cesta de colheita, como berço, como manjedoura e como peneira para lançar os grãos para o alto, contra o vento, de modo que eles se separassem da palha.

A adoração da criança divina foi estabelecida na Creta minóica, seu mais famoso e primitivo lar na Europa. Em 1903, no local do templo de Zeus Dictino — o Zeus que nascia, todo ano, na caverna de Réia em Dicta, perto de Cnossos, onde Pitágoras passou os "três vezes nove dias sagrados" de sua iniciação — foi achado um hino grego que parece preservar a fórmula minóica original na qual os curetes, ou tutores, empoados de gesso e dançando com espadas, saudavam a criança na festa de seu natalício. Nessa ocasião era saudado como "o croniano", que vem todos os anos a Dicta montado numa porca e escoltado por uma multidão de espíritos, e se lhes pede paz e abundância como recompensa por pulos de alegria. A tradição é preservada por Higino em sua *Astronomia poética*, de que a constelação de Capricórnio[1] ("o Bode") era Egipã, o irmão de criação de Zeus, o filhote da cabra Amaltéia, cujo chifre Zeus também colocou entre as estrelas, demonstrando ter nascido, o deus, no solstício de inverno, quando o Sol entra na casa de Capricórnio. A data é confirmada por uma versão alterna-

[1] No Zodíaco egípcio, o Capricórnio é representado com cauda de peixe, o que o torna, junto com Aquário e Peixes, um signo dos três meses de inundações. Contudo, a cheia do Nilo ocorre durante o verão, como resultado do derretimento das neves na Abissínia, de modo que o Zodíaco deve ter sido importado de outra região.

tiva do mito, em que Zeus fora amamentado por uma porca — evidentemente a mesma em cujo dorso ele ia anualmente até Dicta —, uma vez que, no Egito, só se permitia o consumo de carne e leite de suínos por ocasião do festival do solstício de inverno. É bem conhecido o fato de que as divindades solares Dioniso, Apolo e Mitra, segundo se acredita, também nasceram no solstício de inverno. Em 273 d.C., pela primeira vez, a Igreja Cristã estabeleceu, na mesma data, a Festa da Natividade de Jesus Cristo. Um século depois, são João Crisóstomo dizia que a intenção fora de que, "(...) enquanto os pagãos estavam ocupados celebrando seus ritos profanos, os cristãos podiam comemorar seus ritos sagrados sem perturbação", mas justificava o fato dizendo que a data era apropriada para quem era o "Sol da Retidão". Outra confirmação da data deriva do fato de que Zeus era o filho de Cronos, o qual identificamos com segurança como *Fearn* ou *Bran*, o deus do mês *F* no alfabeto Beth-Luis-Nion. Se contarmos, regressivamente, 280 dias do solstício de inverno, quer dizer, dez meses deste calendário — o período normal da gestação humana —, alcançamos o primeiro dia do mês *Fearn*. (De igual forma, se contarmos 280 dias adiante, a partir do solstício de inverno, chegaremos ao primeiro dia do mês *G*, *Gort*, consagrado a Dioniso, deus da videira e da hera, que, oposto ao deus solar, era filho de Zeus.) Cuchulain nasceu em decorrência de sua mãe ter engolido uma libélula; contudo, na Irlanda, estes insetos, com freqüência, aparecem no final de março. Desta forma seu aniversário, com toda probabilidade, caía na mesma data.

A alma de Llew escapa na forma de uma águia, como a alma de Héracles, e pousa num carvalho. Esta apoteose obedecia antiga tradição real. As almas de homens inferiores podiam escapar na forma de pássaros brancos ou de borboletas douradas, mas a alma de um rei sagrado contava com as asas de uma águia ou de um grifo real. Águias com cabeça de leão aparecem em sigilos da Creta minóica. Era da maior importância política o fato de que, ao morrer, o imperador Augusto fosse levado aos céus e se tornasse a principal divindade do Império Romano. Assim, o cavaleiro romano, que declarou sob juramento ter visto a alma do imperador elevar-se da pira funerária na forma de uma águia, mereceu um belo presente de Lívia, a viúva de Augusto. Ganimedes, na lenda original, era um príncipe frígio que subiu aos céus na forma de uma águia; não fora levado na costas de uma águia para ser o copeiro de Zeus, como na versão preferida pelos homossexuais. Tal como aconteceu com o Dioniso cretense, filho de Zeus; Ícaro, filho de Dédalo; Faetonte e Esculápio, filhos de Apolo; Demofonte, filho de Céleo; Melicertes, filho de Átamas; Mérmero e Feres, filhos de Jasão; Gwern, filho de Matholwch; Isaac, filho de Abraão; e muitos outros príncipes infortunados da mesma categoria — é provável que Ganimedes, filho de Trós, tivesse sido investido de realeza por um único dia e logo tenha sido queimado na pira.[2] Conforme

[2] O dr. Rafael Patai sugeriu, em seu livro *Hebrew Installation Rites* (Cincinnati, 1947), que o assassinato tentado por Saul contra seu filho Jônatas (1 Samuel 14, 44) [*N. T.: o original cita o versículo 15, mas o engano foi corrigido.*] só foi evitado pelo emprego de um substituto, e a

demonstrei no caso de Peleu, Tétis e Aquiles, o rei sagrado pelasgo do tipo minóico não podia continuar em seu posto além dos cem meses que lhe eram permitidos por lei, mas poderia suceder ao filho que fosse elevado ao trono titular no único dia que não fazia parte do ano. Durante o dia do reinado de seu filho, a julgar pela história de Átamas, o velho rei fingia estar morto, comendo os alimentos reservados aos mortos. Logo que findasse o dia e sacrificasse o filho, ele inaugurava um novo reinado por meio do casamento com sua nora, agora viúva, uma vez que o trono se transmitia por linhagem feminina. Quando o reinado estabelecido por lei chegava novamente a cem meses, o velho rei o prolongava ainda mais, raptando a herdeira mais próxima, teoricamente a própria filha, como no caso do rei Ciniras de Chipre. As lendas de Sexto Tarquínio e Lucrécia, de Davi e Betsabé, de Math e Arianrhod, devem ser lidas neste sentido.

A subseqüente ressurreição de Llew ocorre na morte do inverno, na estação da velha porca, na ocasião em que os atenienses celebravam seu sacrifício anual do porco à deusa da cevada, a sua filha Perséfone e a Zeus: "Nove vezes vinte tempestades", quer dizer, 180 dias tinham passado desde seu assassinato no solstício de verão. A pedra perfurada chamada de *Llech Gronw*, "a pedra de Gronw", era, talvez, apenas mais uma das muitas pedras perfuradas da pré-História, aparentemente representativa da boca da betílica deusa-mãe, por meio da qual os espíritos atravessavam e entravam nos ventres das mulheres que, por ali, passassem. Noutras palavras, ao interpor a pedra entre seu corpo e o dardo de Llew, Gronw garantiu para si mesmo uma regeneração.

A morte das servas de Blodeuwedd no lago se refere, ao que parece, à conquista das sacerdotisas da velha religião pelo novo corpo de sacerdotes de Apolo — e, assim, relembra a história de como Melampo curou as filhas loucas de Preto e as purificou da loucura numa fonte em Lusi. Contudo, há um paralelo mais claro do que este: a morte das cinqüenta sacerdotisas palântidas de Atenas que preferiram se lançar ao mar a submeter-se à nova religião patriarcal.

O romance termina com o assassinato de Gronw pelo renascido Llew Llaw, que torna a reinar sobre Gwynedd. Este é o fecho natural da história, exceto que Llew Llaw deveria, na verdade, ter outro nome quando mata Gronw. Pois este corresponde ao deus Set, que mata e retalha Osíris, ao Tífon grego, ao irlandês Finn Mac Coll, todos do mesmo tipo de divindade. Osíris morre, porém renasce como Harpócrates ("o menino Hórus"), e vinga-se de Set, exatamente como Wali vinga o assassinato de Balder por Holdur. Por este motivo, os faraós eram honrados com o nome de Hórus e se dizia que "Ísis os havia amamentado".

O nome outonal de Llew, omitido na história, pode ser recuperado pela lógica do mito. O fato de que sua rivalidade com Gronw, Senhor de Penllyn,

---

queima pelo fogo dos céus dos dois filhos de Aarão no dia de sua coroação (Levítico 10, 1-2), tratava-se, na verdade, de sacrifícios rituais. Se ele estiver certo com relação a Aarão, a história sofreu uma síncope temporal: cada um dos "filhos" deve ter sido queimado ao final de cada ano no posto e não, ambos, logo no início do mandato.

pelo amor de Blodeuwedd, é a mesma que Gwyn nutre contra Gwythyr ap Greidawl pelo amor de Creiddylad, o que pode ser provado pela *Tríade 14*, na qual Arianrhod é descrita como a mãe dos heróis gêmeos Gwengwyngwyn e Gwanat. Gwengwyngwyn significa apenas "aquele que é três vezes branco", ou seja, o nome de Gwyn repetido três vezes. E, como vimos, a tarefa de Gwyn consistia em conduzir as almas para o castelo de Arianrhod, igual ao Hermes Três Vezes Grande; com efeito, Gwyn, assim como Dylan e Llew, era filho de Arianrhod. Contudo, Dafydd ap Gwilym relata que a coruja outonal — Blodeuwedd disfarçada — era consagrada a Gwyn; em conseqüência, quando Llew, que começou o ano como Dylan, chegou a Bryn Kyvergyr, local povoado de caprinos, no auge do solstício de verão, e foi morto por seu rival "Victor, filho de Scorcher", ele desaparece do cenário e torna-se Gwyn, o chefe da caça outonal de animais silvestres. Assim como a Deusa Branca era, alternadamente, Arianrhod da roda de prata, Blodeuwedd das flores brancas e Cerridwen, a porca branca fantasmagórica, também ele alternava e era três vezes branco: como Dylan, o peixe prateado; como Llew, o cervo branco; e como Gwyn, o ginete branco que monta um cavalo igualmente branco e que lidera uma matilha de cães brancos de orelhas vermelhas. O fato de o pai de Gwyn ser Nudd, ou Lludd, e o de Gwengwyngwyn ser um Lliaws não prejudica a argumentação. Também na Grécia a paternidade de Hermes era igualmente disputada.

A urna onde Gwydion deposita Llew é um símbolo ambivalente. Em certo sentido, trata-se de uma urna de renascimento, do gênero em que os mortos de Creta eram colocados. Noutro sentido, consiste na arca na qual a Virgem e a criança — dentre vários exemplos, Dânae e Perseu são os mais conhecidos — o costume é que sejam deixados à deriva por seus inimigos. Trata-se da mesma arca de madeira de acácia em que Ísis e seu filho Harpócrates navegaram pelas águas do Delta inundado em busca dos pedaços espalhados de Osíris. Neste caso, entretanto, Arianrhod não se encontra na arca junto com Llew. O autor, certamente, dá o melhor de si para manter fora da história a deusa em seu aspecto maternal; ela nem sequer chega a amamentar Llew.

Mur-y-Castell, atualmente denominado Tomen-y-Mur, é uma fortaleza britânica medieval — um monte artificial de tamanho médio encimado por uma paliçada — nas colinas atrás de Ffestiniog, em Merioneth. Fora construída em torno do portal norte de um campo romano e lá ainda podem ser vistos, com clareza, várias ruínas de termas romanas, abastecidas com as águas do rio Cynfael. Ao que parece, o campo foi ocupado por galenses pagãos quando os romanos o evacuaram no século V, e tornou-se o centro de um culto a Llew Llaw — se é que já não o fora como os campos romanos de Laon, Lyons e Carlisle. O sistema de banhos nas termas presta-se por si próprio à história. O morro pode ser funerário e conter os restos de algum rei morto que teria sido enterrado nas ruínas de uma porta romana sobre a qual se empilhou o monte.

O banho, na história do assassinato de Llew, é, como se disse, familiar. Os reis sagrados, com freqüência, chegam a seu fim deste modo: por exemplo,

Minos, o deus solar cretense, em Agrigento, na Sicília, nas mãos da sacerdotisa Cócalo e de seu amante, Dédalo; ou ainda Agamêmnon, o rei sagrado de Micenas, nas mãos de Clitemnestra e, seu amante, Egisto. Trata-se de um banho lustral, do tipo que os reis tomam por ocasião de sua coroação: pois Llew Llaw se unge enquanto se banha. Os acompanhantes são descritos, habitualmente, como sátiros com patas de bode. No romance de Llew Llaw, eles também estão presentes na forma de cabras para testemunhar o sacrifício de seu senhor.

A tarefa de fazer sapatos é rara, porém lança luz sobre uma misteriosa balada francesa do século XII sobre um jovem sapateiro:

Sur les marches du palais
L'est une tant belle femme

Elle a tant d'amouroux
Qu'elle ne sait lequel prendre.

C'est le p'tit cordonnier
Qu'a eu la preférence.

Un jour en la chaussant
Il lui fit sa demande:

'La belle si vous l'vouliez,
Nous dormirons ensemble.

'Dans un grand lit carré,
Orné de têle blanche,

'Et aux quatre coins du lit
Un bouquet de pervenches.

'Et au mitan du lit
La rivière est si grande

'Que les chevaux du Roi
Pourroient y boire ensemble

'Et là nous dormirions
Jusqu'à la fin du monde.'

Nas escadarias do palácio,
Encontra-se belíssima mulher.

Tem ela tantos enamorados
Que não sabe qual deles aceitar.

Mas foi ao jovem sapateiro
Que ela deu sua preferência.

Um dia quando a calçava,
Ele fez sua proposta:

— Ó bela, se vós quiserdes,
Nós juntos dormiremos,

Numa grande cama quadrada,
Guarnecida de lençóis brancos,

Tendo, nos quatro cantos,
Um buquê de pervincas.

Pelo meio desta cama,
Passa um rio tão grande,

Que os cavalos do Rei
Poderão beber água juntos

E é lá que nós dormiríamos
Até que o mundo se findasse.

A bela dama de muitos amantes e um grande leito guarnecido por lençóis brancos é, evidentemente, a Deusa e o jovem sapateiro é Llew Llaw. As partes dos diálogos foram trocadas. Na segunda estrofe, o verso *Elle a tant d'amouroux* deveria ser, por força da rima, *Elle a tant d'enamourés.* Na quarta estrofe, o verso *En la chaussant Il lui fit sa demande* deveria ser *Sur la chaussée Elle lui fit sa demande.* Na quinta estrofe, *La belle* deveria ser *Bel homme;* na nona estrofe, *roi* deveria ser *rei.*[3] Por fim, na última estrofe, *nous dormirions* deveria ser *vous dormiriez*. Estes ramalhetes de pervincas demonstram que o "rio" — termo ainda empregado para designar o afundado do colchão em decorrência do ato sexual — onde todos os cavalos do rei poderiam beber ao mesmo tempo, é o rio da morte, bem como o fato de que o sapateiro não voltará a levantar-se do tálamo

[3] Com toda certeza, Graves quer dizer *reine* (rainha). Não faz nenhum sentido a palavra *rei*, cuja existência, em francês, não foi possível comprovar pelas pesquisas feitas. A leitura que modestamente sugerimos é da palavra *reine*, o que faz amplo sentido com a troca de gênero proposta por Graves para a interpretação da balada. (N. T.)

nupcial. Sua noiva o atará nos espaldares da cama e chamará seu rival para que o mate. A pervinca é a flor da morte nos folclores francês, italiano e britânico. Na Idade Média, era costume colocar uma guirlanda de pervincas na cabeça dos homens que iam ser executados. A flor tem cinco pétalas azuis e, por conseguinte, está consagrada à Deusa, e seus fortes cipós verdes servem para os laços com que ela amarra suas vítimas. Isto pode ser deduzido do nome latino da planta, *vincapervinca* ("amarra tudo em volta"), ainda que os gramáticos medievais relacionassem o termo com o verbo *vincere* ("vencer") em vez do verbo *vincire* ("amarrar"). Desta forma, "pervinca" significaria "a que tudo vence". Contudo, a morte é o que vence a tudo; assim, dá no mesmo. É muito provável que o hábito de colocar guirlandas de pervincas em criminosos derive do sacrifício ritual em honra de Llew Llaw, o sapateiro. Fica claro que o poder mágico de Arianrhod, tal como o de Math, estava em seu pé e que, uma vez que Llew o tomou nas mãos, foi capaz de obrigá-la a fazer o que ele queria. Talvez o conto de Perrault sobre o sapatinho da Cinderela seja uma versão degenerada do mesmo mito. Fetichistas podólatras não são, de modo algum, raros nos tempos modernos, e eles passam todo seu tempo livre comprando ou roubando sapatos femininos de saltos altos pela excitação que lhes proporciona a mera posse deles. Além disto, é possível que o fetichismo dos pés fosse um culto antigo em Ardudwy, o cenário deste romance, ainda que eu não saiba se a prova disto tenha sido alguma vez registrada oficialmente. A poucas milhas de Mur-y-Castell, nas colinas situadas entre Harlech (onde vivi na infância) e Llanfair, existe um acampamento gaélico, um grupo de choças redondas em ruínas, que data, talvez, do século IV e, perto dali, a caminho de Llanfair, existe a marca de um pé de mulher com uma profundidade de cerca de dois centímetros e meio numa grande laje de pedra. Nas redondezas, é conhecida como "a pegada da Virgem" e outra marca próxima é chamada de "a marca do polegar do diabo". A pedra se situa no canto mais distante do campo, à esquerda de quem percorre a estrada vindo de Harlech. Pegadas semelhantes são até hoje adoradas no Sul da Índia.

Por que "couro de Córdoba"? Provavelmente porque o culto de Llew migrou da Espanha para as ilhas britânicas, caminho este que, conforme se sabe, o borzeguim também seguiu. Em Uxama, na Espanha, encontrou-se uma dedicatória aos "Lugoves", quer dizer, aos Lughs, feita por uma corporação de sapateiros. Por que razão sapatos coloridos e dourados? Porque tais sapatos eram tidos como símbolos de realeza entre os celtas. Eles também costumavam figurar na cerimônia inglesa de coroação do rei, mas seu hábito foi abolido depois do reinado de George II. Embora, oficialmente, tratados como "sandálias", eram botas de cano curto douradas, como os borzeguins vermelhos com os quais se coroavam os imperadores bizantinos, com solas púrpura e saltos de madeira recobertos de couro escarlate. A tinta escarlate era um produto derivado de quermes que vivem no *Quercus coccifera*; e, sem dúvida, a madeira dos saltos vinha do carvalho. No romance, a cor dos sapatos não é especificada; no entan-

to, o que sugere a existência de um vínculo anterior com a Espanha é o fato de que, lá, *borceguíes de piel colorada* não significa "borzeguins de couro colorido", mas sim "borzeguins de couro escarlate". De modo semelhante, acredita-se que borzeguins eram empregados quando da santificação dos reis de Roma, uma vez que se tratava de uma parte das vestes sagradas do general triunfante dos tempos republicanos, traje este que tinha uma origem real. Sandálias também aparecem nas lendas do herói solar Teseu, cuja mãe-Deusa lhe dera um par na mesma ocasião em que o armou e o enviou para matar monstros: bem como nas lendas de Perseu, outro matador de monstros, e de Mercúrio.

É possível deduzir, desta parte da lenda, que Llew Llaw reservou para seu uso o terceiro par de sapatos dourados. Ele era um dentre "Os três britânicos tingidos de vermelho", conforme se lê na *Tríade 24*; outro deles foi o rei Arthur. Ser "tingido de vermelho" significava ser um rei sagrado: em Roma, o general triunfante tinha sua face e as mãos pintadas de vermelho, como um sinal de sua temporária realeza. Ao que parece, não se permitia que os reis sagrados colocassem seus calcanhares no solo: tinham de caminhar nas pontas dos pés, como Agag, o cananeu. O *cothurnus*, ou seja, o borzeguim de saltos altos do deus Dioniso, só se explica neste sentido, ainda que o motivo tivesse ficado oculto na Grécia pelo fato de que os coturnos faziam com que parecessem mais altos aqueles que os calçavam.

No capítulo 32, versículos 23 a 33 do Livro do Gênesis, Jacó luta, em Fanuel, durante a noite toda, contra um anjo, que acaba por aleijá-lo, atingindo o tendão da articulação e acarretando um afundamento do músculo da coxa. Jacó sofreu uma lesão comum, antigamente, a muitos lutadores, o deslocamento interno do quadril, o que, aliás, foi pela primeira vez diagnosticado por Hipócrates. Esta lesão, que resulta do esforço que é feito para manter as pernas separadas ao máximo, causa uma torção para o exterior: noutras palavras, só se consegue caminhar, quando se consegue, com um cambaleio, e se firmando nas pontas dos pés. A perna afetada se alonga, por causa da posição peculiar da cabeça do fêmur, ou, pelo menos, parece mais comprida do que a outra. O alongamento da perna estica os tendões da coxa e causa um espasmo dos músculos, o que, presumivelmente, significa o encolhimento do tendão no côncavo da coxa. Uma vez que Jacó pertence à era matrilinear, posto que recebeu, na mesma ocasião, seu nome sagrado e sua herança, elementos estes que só poderiam ser entregues por uma mulher, conclui-se que, evidentemente, a história foi censurada pelos editores patriarcais do Gênesis. Contudo, os lexicógrafos árabes concordam que, em decorrência da lesão sofrida, Jacó só conseguiria caminhar nas pontas dos artelhos da perna machucada; e, certamente, eles entendiam do assunto.

Quando ainda se encontrava no ventre da mãe, Jacó suplanta seu irmão gêmeo agarrando-o pelo calcanhar e tirando dele, assim, a virtude real. No livro do profeta Oséias 12, 4, vincula-se esta suplantação com o incidente da luta, o que sugere que o nome efetivo de Jacó tivesse sido Jah-aceb, "o deus-cal-

canhar". Na Versão Autorizada da Bíblia, Jacó é traduzido como "o suplantador". E o que significa suplantar senão colocar a mão *sub plantam alicujus*, ou seja, debaixo da planta do pé de alguém e derrubá-lo? A palavra grega *pternizein*, empregada pela Septuaginta neste contexto, é ainda mais precisa: significa derrubar alguém pelo calcanhar, e é o primeiro uso registrado da palavra com tal sentido. Jacó é o rei sagrado que conseguiu o posto pela derrubada de seu rival; mas a penalidade por sua vitória foi o fato de que ele nunca mais poria seu próprio calcanhar sagrado no chão. O comentário feito no Gênesis sobre a manqueira de Jacó é: "Por isso os israelitas, até hoje, não comem o nervo ciático que está na articulação da coxa (...)." Abraão, avô de Jacó, também tinha uma coxa sagrada e, em Gênesis 24, 2, ele faz seu criado colocar a mão sob ela para selar um juramento, tal como Jacó, com José em Gênesis 47, 29. A sra. Hermione Ashton escreve que diversas tribos do Sul da Arábia beijam, como homenagem, a coxa de seus emires; ela própria afirma ter visto o gesto entre os *qateibis*, que vivem a cerca de 160 quilômetros ao norte de Áden — uma das quatro tribos da raça amiri que se vangloriam de ser filhos de Ma'in e de constituir a raça mais antiga do mundo.

O modo de caminhar dos reis sagrados, a passos estanques ou cambaleantes, quer por defeito físico ou por imitação dele, era empregado por atores trágicos nos palcos gregos, que usavam o *cothurnus* em honra de Dioniso. Como afetação fora dos palcos, os gregos lhe atribuíam um sentido erótico: as letras *SALM*, que aparecem em inúmeros nomes de reis antigos, sugerem a palavra *saleuma* — uma oscilação, ou requebro, acrescentando-se ou subentendendo-se o complemento nominal "das nádegas" —, o que implica uma ostentação deliberada de encantos sexuais. As prostitutas gregas eram chamadas *salmakides*. Em Isaías 3, 16 há uma repreensão às filhas de Sião porque "andam de pescoço erguido e com olhos cobiçosos, visto que caminham a passos miúdos, fazendo tilintar as argolas de seus pés (...)".

Plutarco interroga em seu livro *Questões gregas*: "Por que as mulheres de Élis, em seus hinos, invocam Dioniso para que ele venha a elas com sua pata de touro?" É, sem dúvida, uma boa pergunta, mas, como J. E. Harrison bem observou, Plutarco sempre foi melhor ao fazer perguntas do que ao respondê-las. Por que não seus chifres, sua testa, suas omoplatas ou sua cauda de touro? Tudo isto não será mais simbólico do poder terrível do touro do que as patas? E por que *uma* e não *as* patas? Plutarco não apresenta nenhuma tentativa de resposta, mas, afortunadamente, cita o hino ritual cantado no mistério ao qual se refere e do qual se fica sabendo que as "mulheres de Élis" são representantes dramáticas das *Charites*, as Três Graças que, em Élis, compartilhavam um altar com Dioniso. A resposta parece ser: "Porque nos tempos arcaicos o rei sagrado do mistério dramático que aparecia, atendendo à invocação das Três Graças, tinha, na verdade, uma pata de touro." Isto quer dizer que o deslocamento da coxa fez com que um de seus pés se assemelhasse à pata de um touro, com o calcanhar parecido com a junta da quartela, e com que, de repente, andasse no meio delas

fazendo estardalhaço com os borzeguins. Plutarco devia ter se recordado de que, noutras épocas, na ilha pelasga de Tenedos, uma vaca sagrada era "reservada para Dioniso" e, quando esta ficava prenhe, era tratada como mulher durante o parto. Se ela parisse um terneiro, se lhe calçavam borzeguins e se o matava com um machado sacrificial, chamado *labris*, como se fosse Zagreus, o Dioniso infante — o que revela a vinculação ritual entre patas de touro e coturnos. Contudo, Eliano, a autoridade responsável por esta cerimônia, não fala que o bezerro fosse paramentado, coroado ou adornado com qualquer outra coisa. Talvez valha a pena observar que, na tourada espanhola,[4] trazida da Trácia para Roma pelo imperador Cláudio e, de lá, introduzida na Espanha, o toureiro que mata o touro com extraordinário heroísmo e graça é recompensado pelo presidente da corrida com *a pata* do animal.

A ligação do borzeguim com a sexualidade é explicado por inscrições egípcias e cipriotas. O nome da deusa Mari, de Chipre, se escreve com "vara curvada", que representa uma cabana de junco, significando "habitar em", e com um borzeguim. Assim, ela morava num borzeguim, como a deusa Ísis que, no Egito, tinha seu nome "Asht" na cabeça, junto com um borzeguim. Em ambos os casos, algum objeto pontiagudo sai pela boca do borzeguim, o que o sr. E. M. Parr considera um símbolo de fertilização, uma vez que o hieróglifo em forma de borzeguim se lê *Ush*, isto é, "a mãe". Isto lança novas luzes sobre o segundo casamento dos Mistérios de Elêusis, depois de cuja celebração sabe-se que o iniciado dizia: "Ajustei o que estava no tambor ao que estava no *liknos*." Sabemos o que estava no *liknos* — um falo — e, em analogia dos borzeguins apresentados cerimonialmente ao rei sagrado durante seu casamento, pode-se concluir que o tambor continha um borzeguim no qual o falo foi introduzido pelo iniciado como símbolo do coito.

Em 1 Reis 18, 26, registra-se um ato de invocação que corresponde ao ritual eliano mencionado por Plutarco e no qual os sacerdotes de Baal dançam diante do altar e gritam: "Baal, responde-nos!" —, implorando-lhe que acendesse a

[4] Contudo, pode ter havido uma anterior introdução das touradas na Espanha, por parte de colonos iberos do terceiro milênio a.C., que guardavam afinidades culturais com a Trácia. Provas arqueológicas de Creta indicam que a *fiesta* teve origem como uma exibição anual do domínio do touro por acrobáticas deusas lunares depois que se lhes tivesse dado a oportunidade de esgotarem-se, perseguindo homens e os matando: o animal era um substituto do rei sagrado. Entretanto, em nenhuma pintura ou escultura minóica encontra-se qualquer representação do episódio final da *fiesta*, no qual o touro é morto com uma espada. Isto pode ter sido omitido em Creta do mesmo modo que o é na tourada provençal. Mesmo na Espanha, onde o touro é sempre morto e onde a *fiesta* é uma instituição real, uma glorificação da coragem do homem (que se supõe morar em seus testículos) em honra das senhoras sentadas ao lado do camarote do presidente — especialmente em homenagem à rainha. Isabela II, por exemplo, não se envergonhou de ter o mais famoso toureiro de seu tempo como amante. A tradição da mulher toureira persiste obstinadamente. Quando o príncipe Carlos visitou Madri, em 1623, para fazer a corte à Infanta, ele assistiu a uma toureira matar o touro com habilidade e graça. Ainda há duas ou três mulheres na profissão.

fogueira da primavera e que queimasse o cadáver do Ano-Velho. Pulavam de um lado para outro, segundo a versão autorizada;[5] contudo, a palavra hebraica original era *PSCH,* que significa "claudicar" e da qual deriva *Pesach*, o nome da festa da Páscoa. Ao que parece, a Páscoa era um festival primaveril cananeu, que a tribo de José adotou e transformou numa comemoração de sua fuga do Egito sob Moisés. No Carmelo, a dança claudicante deve ter sido um ato de magia simpática para encorajar a aparição da divindade com pata de touro que, como Dioniso, estava armado de um archote. "Baal" significa simplesmente "senhor". O cronista se abstém de mencionar seu verdadeiro nome; porém, como os sacerdotes de Baal eram israelitas, é provável que fosse "Jah Aceb" ou "Jacó" — o deus-calcanhar. Ao que parece, Jah Aceb também foi adorado em Beth-Hoglah — "O santuário do coxo" —, um lugar entre Jericó e o Jordão, a sul de Gilgal e identificado por Epifânio como sendo Goren-Atad, a Eira de Atad, mencionada em Gênesis 50, 11 como o local onde José pranteou Jacó. Jerônimo associa este lugar a uma dança de roda, realizada em honra de Talo, o herói solar de Creta — Hesíquio diz que *Talo* significa "sol" — a quem a perdiz era consagrada. Na lenda ateniense, Talo foi atirado por Dédalo de um lugar muito alto, mas foi transformado numa perdiz por obra da deusa Atená, ainda no ar. A palavra árabe para "manqueira", que dá nome a Beth-Hoglah, deriva da palavra para perdiz; disto se pode deduzir que a dança era claudicante. A perdiz é uma ave migrante de primavera, consagrada à deusa do amor por sua reputação de lascívia (mencionada por Aristóteles e Plínio) e a dança deve ter imitado a dança de acasalamento que a perdiz macho realiza, como a galinhola, num terreiro normal. Trata-se de uma dança de guerra, realizada para uma platéia de fêmeas: os machos movem-se de um lado para outro girando e capengando, mantendo um esporão sempre pronto para atingir a cabeça do rival. As fêmeas assistem cacarejando com excitação. O provérbio citado por Jeremias: "A perdiz reúne crias que não pariu" significa que homens e mulheres judeus deixavam-se atrair por esses ritos orgiásticos estrangeiros. Também o esclarecido pintor Tiziano nos dá a visão de uma perdiz através de uma janela da habitação na qual sua desnuda deusa do amor medita, lasciva, sobre novas conquistas.[6]

[5] A Bíblia de Jerusalém traz a expressão "dançavam dobrando o joelho diante do altar que tinham feito". (N. T.)

[6] A codorniz, consagrada ao Apolo deliano e ao Héracles-Melkarth, era cortejada do mesmo modo e tinha reputação erótica semelhante. A moral dos bandos de codornizes que invadiram o acampamento israelita no deserto é cuidadosamente assinalada em Números 11-31-34. Ao passo que, em Êxodo 16, 13, numa versão mais antiga da história, os israelitas, ao que parece, comeram-nas, sem conseqüência negativa, segundo a promessa do Senhor; o autor de Números não lhes permite mais do que mastigar um pouco; logo recorda que Deus os castigou com uma grande peste e que o lugar ficou sendo chamado de Kibroth-Hattaavah, que significa "o túmulo da luxúria". Ele, por meio da alegoria, alerta sua audiência posterior ao exílio contra manter qualquer envolvimento com o culto de Melkarth.

A vinculação entre a codorniz capenga e o rei coxo é confirmada pelos mitógrafos Higino e Ovídio, que identificam o herói Perdix ("codorna, codorniz ou perdiz") com Talo. Apolodoro e Diodoro Sículo tornaram Perdix uma figura feminina, mãe de Talo, porém isto equivale a dizer que Talo nascera de uma virgem; porque, segundo Aristóteles, Plínio e Eliano, a perdiz fêmea pode ser emprenhada pelo simples som da perdiz macho ou, então, pelo seu odor levado pelo vento. Plínio diz que "nenhum outro animal tem tal suscetibilidade para as sensações sexuais" e, quando a fêmea está chocando seus ovos, os machos aliviam suas emoções com a prática da sodomia — uma observação que pode ter inspirado a sodomia organizada nos templos da deusa-lua síria, embora também se acredite que cães e pombos, igualmente vinculados a seu culto, tenham o mesmo costume. A ilha egéia mais famosa por suas codornizes era Anafe, o primeiro porto dos Argonautas em sua viagem de retorno para casa vindo de Creta depois que Medéia matara Talo; lá onde o Radiante Apolo era adorado com ritos muito parecidos com aqueles da festa hebraica dos Tabernáculos, ainda que com cores eróticas. Este Apolo era uma divindade solar e não infernal.

As perdizes ficam tão profundamente absorvidas em sua dança que mesmo que um homem surja e mate algumas das dançarinas, as demais continuam sem se perturbar, um hábito do qual os antigos tiraram muito proveito. Na estação de acasalamento, costumavam colocar como chama uma perdiz macho numa gaiola no final de um túnel comprido, estreito e tortuoso em algum matagal e lhes davam grãos de trigo. Seu grito solitário, que combinava o apelo ao amor com o pedido de comida, atraía as fêmeas ao longo do túnel, e quando elas chegavam à gaiola ele emitia seu grito costumeiro de desafio, ao qual outros machos atendiam correndo e acabavam abatidos pelos caçadores, que, com bastões, os aguardavam na saída do túnel. Assim, em 1 Samuel 26, 20,[7] Saul é repreendido por sua conduta indigna de um rei ao perseguir Davi que não é apenas insignificante como uma mosca, mas tão fácil de ser apanhado como uma codorniz. A perdiz usada como chama era uma que tinha deslocado a perna ao tentar escapar do laço de crina de cavalo pelo qual estava presa. Este chamariz capenga e, por isso, facilmente domado, era engordado numa gaiola como um rei sagrado num palácio — ambos honrados prisioneiros —, e quanto mais numerosas suas vítimas, mais jubiloso era seu grito. Em Eclesiástico 11, 30, a perdiz engaiolada é uma alegoria do homem orgulhoso que se alegra pelas desgraças para as quais atraiu seus semelhantes. Este esporte ainda é praticado nos países do Mediterrâneo, incluindo a região mais ocidental, como a ilha Majórica.

Assim, parece que, na *Pesach*, um culto ao touro se impusera sobre o culto da codorniz. E que o Minotauro, a quem rapazes e virgens (oriundos de Atenas e de outras cidades) eram sacrificados, representara, certa feita, a perdiz chama no meio de um labirinto de matagal, que a si atraía as demais para a dança da

[7] O mesmo conteúdo desta passagem se encontra, anteriormente, em 1 Samuel 24, 15. (N. T.)

morte. Com efeito, ele estava no centro do desempenho ritual, que originalmente honrava a deusa-lua, a lasciva codorniz que, em Atenas e noutras partes da Grécia, era a mãe e a amante do herói solar Talo. Contudo, a dança da perdiz-macho capenga, mais tarde, transformou-se noutra em honra da deusa-lua Pasífae, a vaca no cio, mãe e amante de Minos, herói solar com cabeça de touro. Por conseguinte, o jogo de Tróia dançado em espiral (chamado em Delos de "A Dança do Grou", por ter sido lá adaptada ao culto da deusa-lua como grou) tinha a mesma origem que a *Pesach*. O fato é provado por Homero, que escreveu:

Daedalus in Cnossos once contrived
A dancing-floor for fair-haired Ariadne.

Certa feita, em Cnossos Dédalo idealizou
Um local de dança para a loura Ariadne.

Seu comentador explica estes versos como pertinentes à dança do labirinto. Luciano também atesta em seu livro *Com relação à dança* uma mina de tradições mitológicas, ao indicar, como temas das danças cretenses, os seguintes mitos: "Aqueles de Europa, de Pasífae, dos dois touros, do labirinto, de Ariadne, de Fedra [filha de Pasífae], de Andrógeo [filho de Minos], de Ícaro, de Glauco [ressuscitado por Esculápio], da magia de Poliído e de Talo, o homem de bronze que ficava de sentinela em volta de Creta." Poliído significa "o que tem muitas formas" e, uma vez que o herói de Corinto, que tinha o mesmo nome, de modo algum se ligava com Creta, a dança era, provavelmente, aquela relativa às mudanças de forma de Zagreu, por ocasião das festas lenéias cretenses.

Aqui podem reunir-se alguns fios que estavam soltos. Foi dito que o padrão do labirinto representava o "castelo espiralado" ou "a cidade de Tróia", para onde vai o sagrado rei solar depois da morte e de onde, se for afortunado, retornará. O mito é claramente apresentado, por inteiro, num vaso etrusco de vinho, oriundo de Tragliatella, datado do final do século VII a.C. Nele aparecem dois heróis montados. O chefe porta um escudo com o emblema de uma codorniz e um demônio em forma simiesca está encarrapitado atrás dele. Seu companheiro traz uma lança e um escudo com o emblema de um pato. Eles cavalgam para fora de um labirinto assinalado "TRUIA" (Tróia). Ao que parece, o rei sagrado escapou, embora devesse morrer como a perdiz no labiríntico matagal e ser sucedido por seu *tanist*. O modo como escapou é mostrado, noutra pintura, no mesmo vaso: um rei desarmado lidera uma procissão a caminho do Sol, escoltado por sete lacaios, cada qual carregando três dardos e um enorme escudo com o emblema de um javali; o *tanist* armado com uma lança, que, por sinal, indica seu posto, segue na retaguarda. Os sete homens representam, evidentemente, os sete meses invernais do *tanist*, os quais vão da colheita da maçã até a Páscoa. O rei está sendo alertado sobre sua morte ritual. Uma sacerdotisa da lua veio a seu encontro — uma figura terrível vestida para a cerimônia — tendo uma das

mãos nas cadeiras e a outra a oferecer-lhe uma maçã, passaporte para o Paraíso. Os dardos ameaçam com a morte. Porém, uma outra figura feminina pequena, vestida como sacerdotisa, guia o rei — caso se trate do herói Teseu, podemos chamá-la de Ariadne — depois de tê-lo auxiliado a sair do labirinto. E ele exibe, com audácia, um contrafeitiço, que tem a forma de um ovo de Páscoa, ou seja, o ovo da ressurreição. A Páscoa significava a época em que se realizavam as danças da cidade de Tróia, nos labirintos formados por sebes podadas, existentes na Grã-Bretanha e, também, na Etrúria, onde o famoso Lars Porsena de Clusium construiu para si um túmulo em linhas labirínticas. (Tumbas de semelhante formato existiram na Grécia pré-helênica: perto de Náuplia, em Samos e em Lemnos.) Um ovo etrusco feito em traquito negro polido, encontrado em Perúgia, tendo ao seu redor uma flecha em relevo, constitui o mesmo objeto sagrado. Perto dos lanceiros do vaso está escrito *MAIM*; perto do rei, *EKRAUN*; perto da sacerdotisa, *MITHES. LUEI.* Se tais palavras, conforme parecem, estão em grego do Ocidente, elas significam, pela ordem: "Inverno", "Ele reinou" e "Pronunciando-se, coloca-o em liberdade". As letras escritas perto de Ariadne são indecifráveis.

O rei coxo é freqüentemente associado aos mistérios da metalurgia. Jacó estava ligado ao culto do deus-ferreiro quenita. Num relato, Talo era filho ou sobrinho por linhagem materna do ferreiro Dédalo; noutro, foi forjado na fornalha do ferreiro Hefesto. Dioniso, por causa de seus títulos *pyrigenes* e *ignigena* ("gerado pelo fogo") — uma referência ao outonal Dioniso-cogumelo engendrado pelo relâmpago —, pode ter sido equiparado com Talo neste sentido. Wieland, o deus-ferreiro da Escandinávia, foi aleijado por uma mulher.

Mas que evidências existem sobre a manqueira de Dioniso? Por que não teriam sido empregados os borzeguins, apenas para aumentar a altura, em lugar de serem usados como botas ortopédicas para compensar sua deformidade? A melhor prova está em seu nome, *Dio-nysus*, normalmente traduzido como "o deus luminoso do monte Nyse", mas que, com maior probabilidade, significa "o deus coxo da luz". *Nysos* era a palavra de Siracusa usada para significar "coxo" e, deste modo, tem origem coríntia, pois Siracusa era uma colônia de Corinto. Além do mais, conforme o sr. E. M. Parr chamou minha atenção, Dioniso pode, na verdade, ter derivado seu nome de *Nysë*, *Nyssa* ou *Nysia*, um nome ligado a vários santuários da região onde a manqueira sagrada era cultivada. Existem três *Nyssas* na Ásia Menor, Três *Nysias* na Trácia, uma *Nyza* perto de Mosul e uma *Nysia* na Arábia, onde, segundo Diodoro, nasceu a deusa Ísis. Isto sugere que *Nyse* fosse um título de Ísis, e que, como Dioniso era um título do Harpócrates traco-líbio, filho dela, os gregos de Corinto leram como *Nysus*, o que era apenas seu matronímico e significava "manco". Escreve o sr. Parr: "Resultados que geram confusão parecem produzir-se quando se mantém um título divino estabelecido em novo idioma. Por exemplo: o Apolo Agieueis de Atenas é descrito como o "chefe" de colônias, porém é mais provável que se tratasse do Apolo cipriota que usava uma guirlanda (*aga*, *agu*)." Dioniso, conside-

rado pelos gregos dos tempos clássicos como uma divindade trácia, é dito como tendo chegado lá vindo de Creta, tal como seu equivalente, o rei Proteu é tido como vindo de Faros. Em Creta, ele não era coxo, tampouco o era *Velchanos*, um demônio-galo cretense que se transformou em Vulcano quando seu culto foi introduzido na Itália. Contudo, na Itália, se considerará Vulcano coxo e se dirá que caminha com a ajuda de sapatos de ouro com saltos bem altos, porque será identificado com Hefesto,[8] uma divindade pelasga oriunda de Lemnos, a qual, como Talo, foi atirada de um morro. A tradição da coxeadura sagrada parece ter origem danesa e não na Creta primitiva. Segundo Homero, a mulher de Hefesto era Caris, que, noutras passagens, é chamada Afrodite. Explicam-se, assim, as Três Graças como Afrodite, deusa do amor, em seu tríplice aspecto; e, quando esta tríade invoca Dioniso em Élis, está clamando por seu esposo coxo de coturnos para realizar com ela (com as três) o ato de amor.

É hora de levarmos em conta outro título de Dioniso — *Merotraphes* — comumente traduzido por "nascido da coxa" por causa de uma ridícula fábula olímpica sobre ter sido Dioniso costurado dentro da coxa de Zeus, enquanto criança, para ficar escondido do ciúme furioso de Hera. Seu significado mais simples é "alguém de cuja coxa se toma conta muito bem". E quanto às sandálias aladas de Hermes, de Teseu e de Perseu? Hermes, ou Mercúrio é, normalmente, representado como estando apoiado nas pontas dos pés: seria por não poder colocar seu calcanhar no chão? É provável que as asas de águia em suas sandálias, nas origens, não fossem um símbolo de rapidez, mas um sinal da sacralidade do calcanhar e, desta forma, paradoxalmente, um indicativo da manqueira. No selo cilíndrico hitita reproduzido como ilustração de meu livro *King Jesus*, o rei que está a ponto de ser coroado, depois de subir três degraus do trono, tem seu calcanhar sagrado protegido por um demônio em forma de cão. Em latim, essas sandálias eram chamadas *talaria*, palavra derivada de *talus*, que significa calcanhar: e os dados, de jogo, eram denominados *tali* por serem feitos com ossos do calcanhar de ovelhas ou bodes consagrados a Hermes ou Mercúrio, embora aqueles de *boibalis*, antílope líbio, fossem muito mais estimados pelos iniciados.

Mercúrio não era apenas o padroeiro dos jogadores de dados, mas profetizava por meio deles. Ele empregava cinco dados com quatro marcas em cada um, em honra de sua mãe, exatamente como aqueles que eram oferecidos aos reis hindus quando da coroação, em homenagem a suas mães. Se, como suponho, os empregasse para a adivinhação alfabética, Mercúrio teria seu próprio alfabeto de quinze consoantes e cinco vogais. Ainda hoje o jogo com os ossos de calcanhar é jogado na Grã-Bretanha com o tradicional conjunto de cinco. Entretanto, no caso dos dados de seis faces, em tempos antigos o conjunto era

[8] Segundo Hesíodo, Hefesto era o partogênico filho de Hera — noutras palavras, pertencia à civilização pré-helênica — e nem mesmo a autoridade de Homero defendendo que Zeus fosse seu pai teve muito peso para os posteriores mitógrafos gregos e latinos. Sérvio deixa isto claro em seu comentário sobre a *Eneida*, 8, 454.

completado por três, o que proporcionava ao adivinho dezoito letras de um alfabeto de treze consoantes como o Beth-Luis-Nion.

Contudo, levanta-se a pergunta: o rei sagrado era escolhido por ter sofrido acidentalmente essas lesões ou elas lhe eram impostas depois de ele ter sido escolhido por motivos melhores? A resposta há de ser encontrada no detalhe — que, do contrário, careceria de significado — da história de Llew Llaw, quando ele se equilibra entre a borda do caldeirão sagrado (a banheira) e o lombo do bode. O casamento com Blodeuwedd, a Noiva de Maio, é que tornaria Llew um rei sagrado do tipo que caminha delicadamente com sapatos dourados ou com borzeguins de cor púrpura; no entanto, ele não estaria preparado, adequadamente, para o cargo até que tivesse sofrido a mesma lesão de Jacó, que o impediria de, até mesmo por engano, colocar o seu calcanhar sagrado no chão. Essa lesão foi provocada, de modo artificial, por um engenhoso incidente durante o ritual de coroação. Sua noiva o fez ficar em pé com um pé na beirada da banheira e com o outro no lombo de um animal sagrado, com os cabelos atados num ramo de carvalho acima de sua cabeça. Romanis e Mitchener, em seu livro *Surgery,* registram as seguintes palavras:

> Esses deslocamentos internos ou anteriores do quadril, produzidos por uma abdução das coxas, podem ocorrer quando uma pessoa, ao embarcar num bote, fica indecisa entre embarcar ou ficar em terra firme.

Da mesma forma, o que sucede com o bote e o cais acontece com o bode e o caldeirão (a banheira). Llew não conseguiu proteger-se, porque sua cabeça estava fixada pelos cabelos amarrados. A conseqüência foi o deslocamento anterior, mas, quando ele caiu, seu calcanhar sagrado não tocou o solo: seus cabelos o mantiveram suspenso, de modo semelhante ao que aconteceu a Absalão (literalmente, *ab-salão*, "pai-salmo") quando o animal saiu debaixo dele, no carvalho de Efraim. Defendo a tese de que um conjunto de ícones constitui a fonte principal das partes anedóticas dos livros mais antigos da Bíblia. Este conjunto foi apreendido pelos israelitas em Hebron e ilustrava o destino ritual do rei sagrado. Uma parte do conjunto foi reinterpretada iconotropicamente como a história de Saul; outra, como a de Sansão; outra, como a de Absalão; outra, como a de Samuel. Tentei fazer, no capítulo sobre o rei Adão, em meu livro *King Jesus*, uma restauração dos ícones.

Há de notar-se que todos esses nomes parecem corruptelas da mesma palavra *Salma,* ou *Salmon*, um título real entre os quenitas, ancestrais do rei Davi, entre os fenícios (*Selim*), entre os assírios (*Salman*), entre os daneses da Grécia e no período minóico tardio de Creta (*Salmoneus*). Também Salomão adotou o título. Seu nome original parece ter sido Jedidias (2 Samuel 12, 25); do contrário, teria tido um direito menos convincente ao trono do que Adonias. O nome original de Absalão é desconhecido; entretanto, sabe-se que era o favorito de Davi e não seu filho, exceto, talvez, por cortesia. É o que fica demonstrado em

2 Samuel 12, 11, onde é definido como o próximo de Davi. A discrepância entre o relato de seu parentesco, em 2 Samuel 3, 3 e 2 Samuel 13, 37, sugere que seu nome real fosse Talmai,[9] filho de Amiud, rei de Gessur e um dos aliados de Davi; e que se tornou Absalão só quando tomou o trono de Davi e se casou com o harém de herdeiras reais em Hebron. Como divindade, Salma é identificado com Resef, o Osíris cananeu. Entre estes ícones pode ter havido algum mostrando Absalão, com a cabelama amarrada a um ramo de carvalho — na verdade, um incidente no casamento do rei. Em tal situação seria fácil matar o rei, mas o objetivo do truque era a santificação e não a morte. Se pudermos aceitar a conclusão de A. M. Hocart, de que, em todo o mundo antigo, a cerimônia de coroação caracterizava o casamento do deus-Sol com a deusa-Terra, ou seja, sua morte como um membro de sua antiga tribo e seu renascimento para a tribo da rainha, recebendo novo nome, então o ritual sobre o qual todos estes mitos repousam deve ter incluído um assassinato fictício do rei durante a cerimônia do banho. Isto é provado pelas vítimas oferecidas em lugar do rei nas muitas formas de ritual conhecidas por nós. Os confusos elementos do mito de Hefesto — que se casou com a deusa do amor, foi por ela enganado, ficou aleijado depois de ter sido atirado do Olimpo pela deusa Hera e foi ridicularizado por todos os habitantes do céu — compõem outra variante do mesmo ritual. Bem primitivamente, o rei morria violentamente logo que tivesse copulado com a rainha, como, por exemplo, o zangão que morre depois da cópula com a abelha-rainha. Depois, a morte foi substituída pela emasculação e pelo aleijamento. Ainda mais tarde, a circuncisão substituiu a emasculação e o uso de borzeguins tomou o lugar do deslocamento do quadril.

Uma vez que saibamos que o rei sagrado era aleijado ritualmente de modo que isto o obrigava a um andar arrogante ou a cambalear sobre os saltos altos, compreenderemos, pelo menos, dois ou três ícones antigos até agora misteriosos. Tântalo, suspenso sobre a água, com um ramo de árvore frutífera sobre a cabeça e a água sempre escorrendo, fica claro que está sendo aleijado no modelo de Llew Llaw. Originalmente seus cabelos são amarrados no ramo, um dos pés fica na margem e o outro se apóia em alguma coisa na água — talvez uma grande banheira em forma de barco — que se vai afastando. Tântalo segue, tipicamente, o modelo de Dioniso: era casado com Eurianassa (variante de Eurímone), uma deusa-lua; foi atirado do alto do monte Sípilo, na Lídia pelasga, onde, depois, foi enterrado e tem seu santuário de herói; foi o pai canibal de Pélops; ajudou a roubar um cão de uma caverna em Creta e, de seu nome, deriva o significado de três outras palavras gregas, como *saleuein*, da qual se forma *saleuma*, "andar com arrogância (ou elegância) ou cambalear com graça": *tantaloein*, *tantaleuein* e, por metástese, *talantoein*.

Como Íxion e Salmoneu, Tântalo pertence à antiga religião sobrepujada pelo olimpianismo, cujos sacerdotes deliberadamente interpretaram, de manei-

[9] "Tolmai", segundo a Bíblia de Jerusalém. (N. T.)

ra errada os ícones em favor do Pai Zeus, apresentando o outro como odiento criminoso. O crime de Tântalo, explicam os mitógrafos, consistiu no fato de que ele, tendo tido o privilégio de comer ambrosia, o alimento dos deuses, junto com os habitantes do Olimpo, convidou os mortais a saboreá-la. *Ambrosia* era o nome da festa outonal de Dioniso na qual, sugiro, o tóxico cogumelo, outrora, inspirava seus adoradores a um frenesi divino. Em meu livro *What Food the Centaurs Ate*, demonstro que os ingredientes, citados pelos gramáticos clássicos como componentes da ambrosia, do néctar e de *kekyon* (bebida de Deméter em Elêusis), representam um *ogham* alimentar — todas as letras iniciais soletram formas de uma palavra grega para "cogumelo". A história do crime de Tântalo pode ter sido contada quando o vinho substituiu os cogumelos nas orgias das Mênades, e quando um cogumelo — talvez não o *Amanita muscaria*, mas o *Panaeolus papilionaceus*, que era mais suave e mais extasiante — passou a ser comido pelos adeptos dos Mistérios de Elêusis, de Samotrácia e de Creta, os quais se tornavam deuses por força das visões transcendentais que o fungo proporcionava.

Como quer que fosse provocado o deslocamento do quadril — e é provável que existisse outro modo praticado no alto de um morro e não junto a um rio —, existia em Canaã a proibição de comer a carne que rodeia o fêmur, como afirma de modo explícito o Gênesis na história da luta de Jacó em Peniel (mesmo que Fanuel, "a face de Deus"). Robertson-Smith, com acerto, relaciona esta proibição com a prática, comum em todos os países do Mediterrâneo, de ofertar aos deuses os fêmures de todos os animais sacrificados e as partes que o rodeavam. Essas partes eram as primeiras a serem queimadas e só depois os adoradores podiam comer o que restava dos animais. Porém, aqui também se aplica a regra antropológica: "Não existe tabu sem a sua mitigação." Nos tempos primitivos, o fêmur recoberto pela carne do rei defunto devia ser comido por seus companheiros. Esta prática, conforme registra o monsenhor Terhoorst, um missionário católico romano, era, até período recente, obedecida pelos guerreiros mais jovens da tribo banto dos bagiushu, da África Central, entre os quais ele trabalhou. A carne era comida por ocasião da morte do Ancião ou quando algum chefe de tribo inimiga era abatido em combate. Monsenhor Terhoorst afirma que isto era feito de modo a herdarem a coragem do morto, a qual se acreditava residir na coxa permanecendo intocado o resto do corpo. Os bagiushu, que talham os dentes incisivos de forma triangular, noutras ocasiões não agiam como canibais.

Em meu livro *King Jesus*, sugiro que a tradição judaica, encontrada no *Talmud Babli Sanhedrin* e no *Tol' Doth Yeshu,* de que Jesus ficou aleijado enquanto tentava voar, se refere a uma cerimônia secreta de coroação celebrada no monte Tabor, onde ele se tornou o novo Israel depois de ser aleijado, ritualmente, numa luta. Esta tradição é apoiada por uma evidência dos Evangelhos, que menciono, e por uma observação de Jerônimo sobre o fato de Jesus ser coxo. O monte Tabor era um dos principais santuários de Iahweh. Tabor recebeu o

nome por causa de Atabírio, filho de Eurínome e neto de Proteu, como reconhece a Septuaginta. Trata-se de uma divindade sobre a qual conhecemos muitos dados e em honra de quem fora construído um santuário no monte Atabíria, em Rodes, por alguém de nome Altêmenes de Creta. Altêmenes significa "cuidados para com a deusa Altéia". Com efeito, Altéia ("Aquela que faz crescer") era outro nome de Eurínome, deusa-lua dos órficos e mãe de Atabírio. O malvaísco — em galês, *hocys bendigaid*, a malva bendita — era a flor de Altéia, que amava Dioniso, o deus da videira. Com ele teve uma filha, Dejanira, a mesma que fez o papel de Blodeuwedd para o Héracles de Eta. Atabírio, sendo um dos telquines de Creta, tinha o poder de adotar qualquer forma, tal como Dioniso ou Proteu. Em seu santuário na ilha de Rodes lhe estavam dedicados alguns touros de bronze que mugiam sempre que estava próximo algum evento extraordinário. Eram eles do mesmo tipo daqueles feitos por Dédalo para o rei Minos de Creta. Sabemos ainda que Atabírio era o nome da divindade adorada como o Bezerro de Ouro a quem os israelitas, no deserto, creditaram o mérito de tê-los retirado do Egito. No entanto, a terminação *byrius* ocorre no título real de Burna-buriash, uma das três dinastias cassitas (indo-européia) dos reis de Babilônia, que reinaram de 1750 a 1173 a.C. Assim, compreende-se que Atabírio não era nativo de Creta, nem sequer semita, mas uma divindade cassita introduzida na Síria pelo início do segundo milênio. Não fica claro, entretanto, como e quando seu culto foi levado para a Trácia, para Rodes e para Creta; contudo, é provável que tenha sido levado para o Egito pelos hicsos. Também era chamado Tesup.

A esta confusão mitológica se acrescenta uma identificação do israelita Iahweh do Tabor ou Atabírio com o Dioniso, o deus-touro branco dos daneses: uma identificação fundamentada em respeitáveis autoridades clássicas. Na obra de Plutarco *Convivial Questions,* um dos convidados afirma ser capaz de provar que a divindade dos judeus é, na verdade, Dioniso Sabázio, o deus da cevada da Trácia e da Frígia. Também Tácito registra em sua *História* (v. 5) que "(...) alguns sustentam que os ritos dos judeus foram fundados em honra a Dioniso". Igualmente, o historiador Valério Máximo recorda que, por volta do ano 139 a.C., Cornelius Hispallus, o pretor dos estrangeiros, expulsou de Roma certos judeus que estavam "tentando corromper os costumes romanos por meio de um pretenso culto de Júpiter Sabázio". Infere-se disto que o pretor não os expulsou por um legítimo culto desta divindade, mas porque eles estavam enxertando novidades no culto trácio — provavelmente a circuncisão, que os romanos consideravam automutilação e corrupção dos costumes —, além de aceitarem a presença de pessoas estranhas em seus *Shabats.* Segundo o *Manual of Christian Archaeology* de Leclercq, tumbas no cemitério de Pretextato, em Roma, confirmam o culto de um Sabázio judeu. Os judeus da a Diáspora podem ter usado uma falsa etimologia para igualar "Sabázio" com "Sabaoth" — Iahweh era o Senhor do *Shabat* tanto quanto era o Senhor Sabaoth ("Senhor dos Exércitos") —, contudo este fato não exclui a identidade original das duas divindades.

Zeus Sabázio e Dioniso Sabázio eram nomes diferentes do mesmo personagem, filho de Réia, o que indica sua origem cretense. Os frígios o denominavam Átis e o tornaram filho de Cibele, mas isto dava no mesmo. Encontrou-se em Roma uma inscrição de origem judaica que dizia: "A Átis, o Deus Altíssimo que mantém o universo coeso." A serpente era consagrada a Sabázio, o que faz lembrar a serpente de bronze Seraph Ne-esthan, ou Nehushtan, que Moisés empregou como estandarte e que se acredita ter sido destruída pelo bom rei Ezequias, que a julgou uma prática idolátrica por causa do incenso que se lhe queimava como se divindade fosse.[10] Contudo, a seita judaica dos ofitas, que tinha seu centro na Frígia, na época do cristianismo primitivo reverenciava a serpente, sustentando que o Iahweh pós-exílico era não mais que um demônio que usurpara o reino da Sábia Serpente, a Ungida. O Dioniso Sabázio era representado com chifres de touro porque, conforme relembra Diodoro Sículo, foi o primeiro a empregar o gado na aragem do solo: noutras palavras, para plantar a cevada. Como Iahweh era, preeminentemente, um protetor da cevada — a Páscoa era um festival de colheita da cevada — o convidado de Plutarco não teve dificuldade em comprovar o que alegou, sobretudo porque, segundo a lenda, Sabázio fora esquartejado pelos Titãs em sete pedaços. Sete era o número místico de Iahweh; do mesmo modo que o número 42, a quantidade de letras que compunham seu nome ampliado, coincidentemente o mesmo número de pedaços em que os Titãs repartiram o deus-touro Zagreu.

Dioniso Sabázio era o Iahweh original da Páscoa. Plutarco também identifica o Iahweh da Festa dos Tabernáculos com o Dioniso Liber ou Lusios ("Aquele que está livre de culpa"), a divindade do vinho, chegando a sugerir que a palavra "levita" era derivada de *Lusios*. Diz ainda que os judeus se abstêm de comer carne de porco porque o Dioniso deles é também Adônis, que foi morto por um javali. Os rituais de Iahweh e de Dioniso, conforme indica Plutarco, guardam uma semelhança próxima: mistérios de feixes de cevada e de vinho novo, danças com tochas até o cantar do galo, libações, sacrifícios de animais, êxtase religioso. Também parece que as promíscuas orgias dos ritos cananeus, embora severamente punidos em Jerusalém, no período pós-exílico, continuaram entre os camponeses que compareciam à Festa dos Tabernáculos. Os sacerdotes do Templo, na época de Jesus, admitiam a natureza primitiva da festa ao declararem que sua natureza havia sido modificada quando anunciavam em seu encerramento: "Neste lugar, nossos antepassados davam as costas para o Santuário de Deus e, com as faces para o Oriente, adoravam o sol; contudo, nós nos voltamos para Deus." O sol representava a parte imortal de Dioniso, assim como a cevada e o vinho, sua parte mortal.

[10] Em seu livro *Historical Background to the Bible*, J. N. Schofield sugere que o rei a destruiu por motivos políticos — sendo egípcio o culto da serpente, Ezequias quis demonstrar seu retorno à vassalagem assíria.

Existe até mesmo uma comprovação numismática da identificação de Iahweh com Dioniso: uma moeda de prata do século V a.C. (que aparece na obra de G. F. Hill, *Catalogue of the Greek Coins of Palestine*), encontrada perto de Gaza e que tinha, num lado, uma cabeça barbuda do tipo da de Dioniso e, no outro, uma figura também barbuda, numa carruagem alada, designada pelas letras hebraicas JHWH — Iahweh. Certamente esta não é, de modo algum, a história completa de Iahweh, cuja afinidade com outras divindades, especialmente com Cronos (Bran), já foi mencionada. Talvez seja, em termos de dias da semana, o modo mais fácil de escrever sobre ele. Sua primeira aparição pictórica está nas minas de cobre de Ras-Shamra, no Sinai, num baixo-relevo do século XVI a.C. Lá está representado como Elath-Iahu, um deus-ferreiro, divindade da quarta-feira, presumível amante da deusa Baalith, a Afrodite local e deusa da sexta-feira. Mais tarde, em suas teofanias em Moreh, Hebron e Ophrah, ele é Bel, a divindade do terebinto, deus da quinta-feira. A história de sua derrota pelos profetas do Carmelo refere-se à conquista de seu aspecto enquanto Bel por Cronos, o deus do sábado, na pessoa de Elias. Bel e Cronos estão sempre aparecendo em oposição, Bel sendo Beli e Cronos, Bran, tal como já se mostrou. "Quando Israel estava no Egito", Iahweh era Set, o deus do domingo. Em Jerusalém, na Festa dos Tabernáculos, no dia dos salgueiros, era o deus da segunda-feira; seu nome El, vinculado com o carvalho escarlate, prova que também era o deus da terça-feira. Assim, a universalidade reivindicada para ele pelos fariseus e representada pela Menorá, o candelabro de sete braços, repousa sobre uma base mitológica bastante sólida.

Além disto, o nome Iahu recua a tempos anteriores ao século XVI a.C. e foi muito difundido. Aparece no Egito, durante a VI dinastia — em meados do terceiro milênio a.C. —, como um título do deus Set. Também está registrado no *Glossário acádio-sumério*, de Deimel, como um dos nomes para Ísis. Parece ainda estar na origem do nome grego *Iacchus*, um título do multiforme Dioniso Lusios nos mistérios cretenses. Assim, embora *I, A, U* sejam as vogais do ano das três estações do Nascimento, da Consumação e da Morte — ficando a morte em primeiro lugar, porque no Mediterrâneo oriental o ano agrícola começa na estação *I* — elas parecem derivar de um nome que já existia muito tempo antes que qualquer alfabeto fosse formado e cujos componentes são *IA* e *HU*. "Ia" significa "exaltado" em sumério e "Hu" quer dizer "pomba". Com efeito, o hieróglifo egípcio *Hu* é representado por uma pomba. A deusa-lua da Palestina asiática era adorada com pombas, como suas equivalentes da Tebas egípcia, de Dodona, de Hierápolis, de Creta e de Chipre. No entanto, também se a adorava como uma vaca de longos chifres, Hator, Ísis ou Ashtaroth Karnaim. Ísis é uma palavra onomatopaica asiática do Crescente Fértil — *Ish-ish* — que significa "aquela que chora", porque à lua se creditava o mérito do orvalho e porque Ísis, o original pré-cristão da *Mater Dolorosa*, pranteou Osíris quando Set o matou. Ela é considerada Io, a lua-vaca branca ou, segundo Moschus, dourada, que saiu de

Argos e se estabeleceu no Egito depois de longas andanças. A letra "o" no nome de Io é um *omega*, que constitui uma freqüente variante grega para a letra *alfa*.

Assim sendo, Ia-Hu parece uma combinação de *Ia*, "a Exaltada", a deusa-Lua como vaca, e *Hu*, a mesma deusa como pomba. Sabemos, por meio de Plutarco, que, nos mistérios do solstício de inverno, Ísis — enquanto vaca-lua dourada — rodeava o caixão de Osíris sete vezes, em comemoração aos sete meses que vão de um solstício a outro. Sabemos ainda que o clímax do orgiástico culto do carvalho, com o qual a deusa-pomba estava associada, ocorria no solstício de verão. Ia-Hu representa, pois, a deusa-lua como governante de todo o curso do ano solar. Este título era motivo de orgulho e parece que Set o reivindicou para si próprio quando seu cetro com orelhas asininas se tornou símbolo da realeza egípcia. Contudo, o menino Hórus, reencarnação de Osíris, anualmente derrota Set e constitui um lugar-comum o fato de os reis vitoriosos tomarem para si os títulos dos derrotados. Assim, Hórus também era Iahu, assim como seus equivalentes: o Dioniso cretense e o cananeu Bel que se tornaram, respectivamente, IACCHUS e (conforme registro egípcio) IAHU-BEL. A divindade galense Hu Gadarn e o deus Hou, ou Har Hou, de Guernsey, são provavelmente a mesma deidade: o fato de Hou ser um deus-carvalho é sugerido pela mesma fórmula que foi empregada tanto em seus ritos medievais quanto naqueles de Janicot, o deus-carvalho basco que era Jano.

Iahu como título de Iahweh o qualifica igualmente para ser o governante do ano solar, uma provável combinação transcendental de Set, Osíris e Hórus (também chamado Egli-Iahu, o bezerro Iahu). No entanto, a sílaba *Hu* de seu nome adquiriu grande importância no cristianismo, pois, por ocasião do batismo de Jesus por João Batista, entoou-se o salmo da coroação, e uma pomba desceu, o que deve ser entendido como o *ka*, ou seja, o duplo real que desceu sobre ele num rastrilho de luz que procedia de seu pai, Iahu — tal como descia, na forma de um falcão, sobre os faraós, durante a coroação, vindo de seu pai, o deus-sol Ra.

Até agora nenhuma menção foi feita sobre o significado religioso do cedro, que ocupa um lugar tão proeminente no Antigo Testamento como sendo, dentre todas as árvores, a de maior estatura e majestade: "Mesmo o cedro do Líbano que Tu plantaste." Esta essência foi usada por Salomão junto com o "pinheiro selecionado" na construção dos três templos vizinhos que ele erigiu em honra a uma tríade formada por Iahweh e mais duas deusas. A identidade do segundo destes templos foi disfarçada pelos editores fariseus como "a Casa da Floresta do Líbano", significando o templo da deusa-montanha, deusa do solstício, do amor e da batalha. A dedicação do terceiro templo foi disfarçada como "A Casa da Filha do Faraó", que, pela história de Moisés, é apresentada como a deusa do nascimento do solstício de inverno. Uma vez que sabemos que o pinheiro era consagrado à deusa do nascimento e que o pavimento do Templo era de tábuas de pinheiro, pode-se concluir que o cedro dos pilares e das vigas era consagrado à deusa do amor e das batalhas do monte Líbano, ou seja, Astarté ou Anatha. O

cedro representa, na verdade, a vogal *U*, cuja árvore, em Biblos e na Europa Ocidental, era a urze, ou charneca. Além destas, a única outra essência empregada nesses templos foi a oliveira, que já foi mencionada no contexto de Héracles e dos Dátilos e que representava o sol da primavera — Iahweh como Marduk, também chamado Apolo Peônio.

O cedro também se associa ao hissopo — provavelmente a planta que dá as alcaparras silvestres, de cor muito verde, que cresce nas gretas das rochas e dos paredões no Egito e na Palestina — nos dois sacrifícios mais primitivos do Antigo Testamento: o sacrifício da novilha vermelha, citado em Números 19, 6 e o sacrifício do "pardal" de Levítico 14, 4, ambos originalmente oferecidos a uma divindade feminina e não a um deus. O hissopo era evidentemente a planta que, na Palestina, correspondia ao visco, a planta do Dia da Libertação, com o qual se parece por crescer, às vezes, nas fissuras de velhas árvores onde se junta o adubo de folhas mortas que a mantém viva. Deste modo, a conjunção mitológica de cedro e hissopo pode significar o curso completo do sol, desde sua infância no solstício de inverno até sua plenitude no solstício de verão e assim por diante. Relembremos a passagem de 1 Reis 4, 29 e 33:[11]

> Deus deu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias (...). [Salomão] Falou das árvores, desde o cedro que cresce no Líbano até o hissopo que sobe pelas paredes (...).

Isto significa o mesmo que dizer que ele conhecia todo o enredo místico do alfabeto das árvores. Contudo, o hissopo era a planta do solstício do inverno, *IA*, e o cedro era a árvore do solstício do verão, *HU*. Deste modo, Salomão é considerado como conhecedor do Divino Nome, do qual *IAHU* era um sinônimo permitido.

O título massorético de *JHWH*, supostamente o mais antigo, era *Q're Adonai* ("O Senhor Q're"), embora alguns estudiosos hebreus prefiram interpretar as palavras como significando "Leia Adonai", isto é, "dando às consoantes de *JHWH* as mesmas vogais de Adonai". *Q're* soa como cretense. Os cários, lídios e mísios, que eram de origem cretense, tinham um santuário comum dedicado a Zeus Cários em Milassa, na Cária. Era uma divindade que seus primos, os tirrenos, levaram para a Itália como Karu, o mesmo Cáris, fundador de Mégara. Os quirites de Roma vinham de uma cidade sabina chamada *Qures*, que, ao que tudo indica, recebeu o nome do deus ou aquele de sua mãe, Juno Quirites, conforme Plutarco menciona. Também os curetes de Delos, de Cálcis,

[11] Corrigi, parcialmente, a citação feita no original, pois sua primeira parte está no versículo 29 e a segunda pertence ao versículo 33 e Graves cita apenas o versículo 33, no original. Mantive, assim, a numeração da Versão Autorizada, porque, na Bíblia de Jerusalém, a passagem vem numerada como 1 Reis 5, 9 e 13. Com efeito, o trecho é exegeticamente muito tumultuado. (N. T.)

de Etólia e de Creta tenham recebido tal nome por causa do deus, embora para os gregos, que nenhum emprego conseguiram dar à palavra bárbara *Q're*, "curetes" designasse os rapazes que tinham oferecido em sacrifício ao deus a sua cabeleira (*kourai*). Pausânias identifica esses curetes com os filhos de Anax, o filho de Urano que tinha cerca de 10 cúbitos de altura (algo entre 4,3 e 5,3 metros). Anax era um cário que governou Mileto antes que esta fosse conquistada pelos milésios de Creta, e lhe deu o nome de Anatólia e foi pai de Astério, que tinha a mesma altura dele. Pausânias associa Anax com os mistérios pelasgos da Samotrácia. Os filhos de Anax aparecem na Bíblia como o povo alto de Hebron a quem Caleb expulsou e que foi viver em Gaza e nas cidades vizinhas. Noutras palavras, eram o asiático "Povo do Mar" que adorava o deus Q're ou o "Grande Deus Ker", tal como era chamado na Síria na época de Tutmés, faraó do Médio Império. O principal título cário desta divindade era Panemérios ("de todos os dias da vida") — pelo menos esta era a versão grega de um original cário — e ele parece ter sido uma divindade do ano solar que, como Sansão de Tiro ou Niso de Nisa (Mégara), era, todo ano, despojado de sua cabeleira e de seu poder pela deusa-lua; seus adoradores masculinos ofertavam-lhe, em sinal de luto, suas franjas, por ocasião de um festival chamado Comíria. O fato de que se continuou sacrificando cabelos a Iahweh como *Q're*, tal como ao seu equivalente cário, até a reforma religiosa durante o Exílio, fica claro pela proibição do Deuteronômio: "Não te farás uma calvície entre os olhos por causa dos defuntos." As consoantes do radical de seu nome — *Q*, maçã, marmelo, ou *ethrog*, e *R*, murta — eram representadas no *lulab* ou tirso, empregado na Festa dos Tabernáculos como lembrança de sua morte anual e de seu translado para Elísio. Com efeito, esse festival lunar dava início à estação do ano que vai de Q até R.

No entanto, provavelmente o título de *Q're* deriva de sua mãe-lua — que, mais tarde, na Grécia, se mostra como sua irmã gêmea — a Deusa Branca Ártemis Cariátis ("da árvore de nozes"), cujo templo mais famoso estava em Cárie, na Lacônia. Ela era a deusa da cura e da inspiração, servida pelas sacerdotisas cariátides, a qual deve ser identificada com a ninfa Filis[12] que, na época de Teseu, foi metamorfoseada numa amendoeira — Filis pode ser uma variante grega de Belili. De qualquer maneira, *Q're* tornou-se por algum tempo Nabu, o sábio deus da quarta-feira, representado pelo talo de amendoeira da Menorá de sete braços. Foi especialmente a ele que Jó dirigiu sua pergunta: "Onde se encontrará a sabedoria?", fundamentado no fato de que era aquele que media, pesava e enunciava os poderes controlados por suas seis divindades companheiras, dentre elas Sin, o deus-chuva da segunda-feira, Bel, a divindade do trovão e do relâmpago da quinta-feira, e Ninib, o deus do repouso do sábado, controla-

[12] Gower quer que a palavra "*filbert*" ("avelã") derive de *Phylis*, embora a explicação ortodoxa seja de que as primeiras avelãs (*filberts*) amadurecem no dia de são Filisberto (22 de agosto segundo o antigo calendário).

dor dos ventos ctonianos. Ártemis Cariátis pode ser identificada com a Carmenta, a Musa, mãe de Evandro, o arcádio, que adaptou o alfabeto pelasgo ao latim. Tal nome — que Plutarco em seu livro *Questões romanas* fez, absurdamente, derivar de *carens mente*, "fora de si" parece compor-se de *Car* e de *Menta*: a primeira sílaba no lugar de *Q're* e a segunda, presumivelmente, no de *Mante*, "o Revelador". Plínio conserva a tradição de que "Car, a quem a região da Cária deve o nome, inventou os augúrios". Este Car, evidentemente o Grande Deus Ker de Tutmés, é mencionado por Heródoto como sendo irmão de Lidos e de Misos, os ancestrais epônimos dos lídios e dos mísios. Um outro Car, filho de Foroneu e irmão de Pelasgo, Europa e Agenor, é considerado por Pausânias como um primitivo rei de Mégara que deu nome à acrópole da cidade. O sexo de Car parece ter mudado em ambos os casos — pois os cários, mísios e lídios eram matrilineares e a acrópole de Mégara deve ter sido nomeada em homenagem à Deusa Branca que regia todas as colinas e montanhas importantes. A deusa Car, ao que parece, também regia o antigo nome do rio Ínaco, que se chamava Carmanor, até que Ínaco, o pai de Foroneu, segundo relato de Plutarco, enlouqueceu e atirou-se nele. Neste ponto podemos reconsiderar o relato miviriano de *A batalha das árvores* e sugerir uma emenda ao texto, tornando-o mais significativo:

> Nessa batalha havia um homem que era invencível, a menos que seu nome fosse conhecido, e havia no outro lado uma mulher chamada *Achren* ("Árvores") cujo bando era invencível, a menos que se descobrisse o nome dela. E Gwydion ap Don, instruído por seu irmão Amathaon, adivinhou o nome *da mulher* (...).

Com efeito, já se demonstrou que *A batalha das árvores* foi travada entre a Deusa Branca ("a mulher"), por cujo amor rivalizavam os deuses do ano velho e do Ano-Novo, e "o homem", o imortal Apolo, ou Beli, que desafiava o poder da Deusa. Noutras palavras, o nome sagrado IEVOA, ou sua forma alongada JIEVOAO, revelado por Amathaon a Gwydion e usado como instrumento para derrotar Bran, era o nome da Quíntupla Deusa Danu. Tratava-se de um nome graças ao qual Bran podia reivindicar o direito de pronunciar oráculos de seu reino (de'Ela) de Dis, como alguém que experimentara, de modo íntimo, cada uma de suas cinco pessoas — porque, sempre por ela, ele foi parido, iniciado, tornado amante, adormecido e, finalmente, morto. O novo nome de oito letras que substituiu IEVOA foi o de Beli-Apolo, que não era compartilhado pela Deusa Branca e, em conseqüência disto, os mitógrafos posteriores convenientemente se esqueceram do fato de que o nome original pertencia a Bran ou *Q're* ou Iahu apenas por força de seu nascimento, casamento e morte sob os auspícios femininos d'Ela. O professor Sturtevant, especialista em hititas, traduz *Q're* como *Karimni*, que significa meramente "ao deus"; contudo, conforme assinalou o sr. E. M. Parr, na Síria, El designa, ao mesmo tempo, a palavra corrente

para "deus" e o nome próprio da divindade do carvalho. Ele defende que constituem outras formas desta mesma palavra os nomes Hórus ou Qouros, um deus da ilha de Tera — a forma semítica de Hórus é Choru (leia-se Khoru). A identidade de *Q're* fica confusa pelo fato de os deuses Nergal e Marduk também terem assumido seu nome (Qaru): os amorreus de Marduk o chamavam de Gish Qaru, "o *Q're* das árvores e das ervas", para identificá-lo com Nergal, a divindade da terça-feira, dia em que foram criadas as árvores e as ervas.

Capítulo 19

O número da Besta

O pequeno Gwion impôs-se a mim — de modo agradável, porém inoportuno, como fazem as crianças — num dado momento, quando andava eu muito ocupado com certo livro para que conseguisse pensar noutra coisa. Recusou-se a deixar-me trabalhar, embora eu alegasse não ter a menor intenção em irromper no mito bardo, nem estar eruditamente preparado para tal. Apesar de, atualmente, parecer bem familiarizado com a literatura celta, na ocasião não conseguiria responder a uma única pergunta no quebra-cabeça do *Hanes Taliesin* (que, à primeira vista, recordava o "simpático enigma — todo em versos — todo sobre peixes" que a Rainha Branca propôs a Alice no final do banquete no País dos Espelhos) se, graças à intuição poética, eu não soubesse de antemão as respostas. Na verdade, tudo que precisava fazer era verificá-las textualmente. Embora tivesse pouco mais de um ou dois livros necessários em minha pequenina biblioteca, os demais logo chegaram, sem serem pedidos, enviados por poetas amigos ou caindo em minhas mãos de prateleiras de algum sebo à beira-mar. Em seis semanas já havia rascunhado, deste livro inteiro, cerca da metade do material que o compõe. Retomei o trabalho na outra obra, mas demorei seis anos polindo as arestas do rascunho.

A série de coincidências que tornaram minha tarefa possível foi daquele tipo que é familiar aos poetas. Afinal de contas, o que quer dizer "coincidência"? O que designava para Euclides? Significava, por exemplo, que, se, em certas circunstâncias, se aplicar o triângulo alfa-beta-gama ao triângulo delta-épsilon-zeta, acabavam situados mais ou menos identicamente. De igual modo, posto que eu conhecia, *a priori,* as respostas aos enigmas de Gwion, isto pressupunha como existente e acessível o necessário conhecimento livresco e, em conseqüência, os livros coincidiram logo com minhas necessidades. Zeta e gama se beijaram amavelmente e eu pude costurar, de forma racional, uma ordem nas idéias a que chegara de maneira irracional.

Certo dia, William Rowan Hamilton, cujo retrato aparece nos selos comemorativos do centenário do Eire, emitidos em 1943, atravessava o parque Fênix, em Dublin, quando teve a presciência de uma teoria matemática, que chamou de quaternião e que estabelecia um enorme fosso com relação ao desenvolvimento das matemáticas de seu tempo de tão avançada que era. Essa brecha só foi superada recentemente por uma sucessão de matemáticos intermediários. Todos os matemáticos de destaque têm esse poder de dar prodigiosos saltos mentais no

escuro e caírem firmes sobre os dois pés. Clerk Maxwell é o caso mais bem conhecido e ele revelou o segredo de seus métodos não científicos de pensamento, sendo um calculador dos mais medíocres: conseguia chegar à fórmula correta, mas precisava dos colegas para justificar o resultado mediante cálculos vulgares.

Os mais ilustres doutores diagnosticam uma doença da mesma maneira, embora, depois, possam justificar seus diagnósticos por um exame lógico dos sintomas. Na verdade não é exagerado dizer que todas as descobertas e invenções originais, bem como as composições musicais e poéticas sejam o resultado de um pensamento proléptico — a antecipação, por meio de uma suspensão temporal, de um resultado a que não se poderia chegar pelo raciocínio indutivo — e do que se poderia chamar de pensamento analéptico, a recuperação, pela mesma suspensão temporal, de acontecimentos perdidos.

Isto significa apenas que o tempo, ainda que uma convenção útil do pensamento, não tem mais valor intrínseco do que, diria eu, o dinheiro. Além disto, pensar em categorias temporais é uma maneira muito complicada e antinatural; muitas crianças dominam línguas estrangeiras e teorias matemáticas bem antes que tenham desenvolvido qualquer sentido de tempo ou aceito a tese facilmente desmentida de que a causa precede o efeito.

Há alguns anos escrevi sobre a Musa, num poema:

If strange things happen where she is
So that men say that graves open
And the dead walk, or that futurity
Becomes a womb, and the unborn are shed —
Such portents are not to be wondered at
Being tourbillions in Time made
By the strong pulling of her bladed mind
Through that ever-reluctant element.

Se onde ela estiver estranhas coisas aconteçam
E os homens digam que as tumbas se abrem
E os mortos caminhem; ou que o futuro,
Útero se faça e ao nascituro expila
Tais prodígios não nos devem maravilhar,
Pois turbilhões são criados pelo Tempo
Sob o forte impulso de sua mente afiada,
Por meio deste sempre relutante elemento.

Os poetas serão capazes de confirmar isto com sua própria experiência. Depois que escrevi este poema, J. W. Dunne colocou, na prosa de seu livro *Experiment with Time*, a noção de que o tempo não é aquela estável escada rolante que os prosadores, durante séculos, fingiram que fosse, mas, sim, algo que balança inexplicavelmente; assim, agora, também os prosadores, com faci-

lidade, perceberão a direção que tomo. Na arte poética, o tempo é suspenso e detalhes da experiência futura, com freqüência, se incorporam ao poema tal como ocorre nos sonhos. Isto explica por que a primeira Musa da tríade grega era chamada Mnemósina, "Memória": é possível ter uma memória do futuro tanto quanto se tenha do passado. A memória do futuro é, normalmente, chamada de instinto, nos animais, e de intuição, nos seres humanos.

Uma diferença óbvia entre poemas e sonhos consiste em que, nos primeiros, o sujeito tem (ou deveria ter) o controle crítico da situação; nos outros, a pessoa está delirante, mera espectadora do evento mitográfico. Contudo, nos poemas e nos sonhos existe uma suspensão dos critérios temporais. Quando os poetas irlandeses falavam de ilhas encantadas, onde trezentos anos se passavam como um dia, e as colocavam sob a soberania da Musa, o que faziam era definir esta suspensão. O súbito choque de um retorno ao modo temporal e familiar de pensamento vem exemplificado nos mitos pelo rompimento da barrigueira da sela de montaria, quando o herói cavalga de volta à casa encerrando uma visita à ilha. Seus pés tocam o solo e o encanto se quebra: "É quando os problemas da velhice e da doença repentinamente caem sobre ele."

Os poetas vivem constantemente uma sensação da natureza equívoca do tempo, o que descarta a esperança ou a ansiedade com respeito ao futuro, mas concentra o interesse no presente de modo desapegado. Em 1934, escrevi sobre isto com proléptico detalhamento num poema chamado *The Fallen Tower of Siloam*, que começa assim:

> *Should the building totter, spring for an archway!*
> *We were there already* (...).
>
> Se balançar o prédio, corra à procura de um arco!
> Lá já estaremos nós (...).

Porém, uma característica interessante da prolepse e da analepse é que a coincidência de conceito e de realidade nunca se dá de modo completamente exato: gama coincide com zeta, mas não de modo tão próximo para que percam suas identidades. Dir-se-ia que a coincidência é tão próxima quanto a que existe entre o Si natural e o Dó bemol, às quais, por economia, se lhes confere, no piano, uma mesma corda: têm longitudes de vibração ligeiramente diferentes; entretanto, só um ouvido muitíssimo apurado seria capaz de distingui-las. Ou uma proximidade como a que existe entre a fração de 22/7 e o número *Pi*: se quisermos calcular a extensão da borda do fundo de uma tenda de campanha redonda com três metros de diâmetro, a razão de 22/7 será um valor adequado.

Em setembro de 1943, quando não conseguia evitar que minha mente corresse dia e noite atrás do corço, tão rapidamente que minha pena mal acompanhava, tentei guardar um distanciamento crítico. Disse-me a mim próprio: "Não estou tendo nenhum prazer pessoal neste passeio. Não estou muito inte-

ressado na estranha região por onde minha vassoura psíquica me faz voejar e, de modo algum, estou certo de que me darei ao trabalho de desenhar um mapa dela." Foi quando me dirigi a mim próprio de modo esquizofrênico: "Digo-lhe uma coisa, Robert. Vou propor-lhe um enigma simples e bem conhecido, mas que, até agora, não foi resolvido, e se você for capaz de dar-lhe sentido, muito bem, então eu prestarei atenção a suas demais descobertas."

O enigma a que me propus desvendar era o último versículo do capítulo 13 do Apocalipse:

> Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da Besta, pois é um número de homem: o seu número é 666!

Vagamente recordava, de meus dias escolares, as duas soluções tradicionais para o criptograma de são João. Ambos se baseiam na suposição de que, uma vez que as letras do alfabeto eram empregadas para expressar os numerais tanto em grego quanto em hebraico, 666 era uma soma a que se chegara adicionando os valores das letras que soletram o nome da Besta. A solução mais primitiva, a de santo Irineu, um bispo de século II, é LATEINOS, que significa "O Latino", isto é a raça da Besta. A solução mais amplamente aceita hoje em dia — esqueci-me de quem — é NERON KESAR, a saber, o imperador Nero, considerado o Anticristo.[1] Nenhuma solução é bastante satisfatória. "O Latino" é uma caracterização muito vaga da Besta 666 e Kaisar, não, Kesar, era o modo de soletrar "Caesar" na coiné. Além disto, as combinações possíveis de letras com valor numérico que somem 666 e as possíveis ordenações anagramáticas de cada um desses conjuntos de letras-valores são tão numerosas que a totalidade de possibilidades chega próxima do infinito.

O Apocalipse foi escrito em grego. Contudo, minha natureza analéptica, quando assim lhe falei, insistiu obstinadamente em pensar em latim. E vi, numa espécie de aparição, os numerais romanos cintilando na parede da casa onde eu estava. Formavam um letreiro:

D. C. L. X.
V. I.

Quando se firmaram, olhei-as de soslaio. Os poetas sabem o que quero dizer com olhar de soslaio: é uma maneira de examinar uma palavra ou uma

[1] A solução está fundamentada no hebraico. *Nun* = 50; *Resh* = 200; *Vav* = 6; *Nun* = 50 = *Neron*. *Koph* = 100; *Samech* = 60; *Resh* = 200 = *Kesar*. Contudo, *Nero*, em latim, continua Nero quando escrito em hebraico, e *Kaisar* (que significa, em latim, "uma cabeça de cabelo" e "uma coroa", em hebraico — talvez ambas as palavras tivessem sido tomadas de empréstimo de um original egeata comum) deveria ser soletrado com um *kaph* (= 20) e não com um *koph*, o que faz a soma ir só até 626.

frase difícil para descobrir o significado que se esconde por trás das letras. Percebi que o letreiro era um *titulus*, ou seja, a inscrição romana que se colocava sobre a cabeça do criminosos no lugar da execução, explicando seu delito. Foi quando me percebi lendo o seguinte:

DOMITIANUS CAESAR LEGATOS XTI
VILITER INTERFECIT

Literalmente, "Domiciano César os enviados de Cristo vilmente matou". I.N.R.I. era o *titulus* de Cristo; D.C.L.X.VI., o do Anticristo.

A única palavra na qual tropecei era *viliter*, que tinha um aspecto nebuloso.

A perseguição da Igreja sob Nero e Domiciano nunca me interessou muito, e o teste a que submetia minha mente era apenas rotineiro — assim como me poderia ter testado com a rotineira fórmula: "A polícia de Leith nos soltou", se tivesse suspeitado que estava embriagado. Não havia preconceito histórico envolvido, por isso, há de se confiar em minhas observações clínicas sobre o caso.

Em primeiro lugar, eu estava consciente de que o Apocalipse se referia, na opinião da maioria dos estudiosos, ao reinado de Nero (54-67 d.C.) e não ao de Domiciano (81-96 d.C.), sendo todas as tendências das visões antineronianas E, no entanto, meus olhos liam "*Domitianus*". Em segundo lugar, sabia que, na Idade de Prata do latim, *viliter* significava "de modo barato" e que seu sentido derivado de "modo vil" implicava falta de valor e não crueldade. Mesmo assim meus olhos liam *viliter*.

Isto ocorreu algumas semanas antes que eu começasse a entender tal paradoxo. Parecia-me que o trabalho feito por meu espírito analéptico era bastante pertinente: D.C.L.X.VI. era o texto correto e a solução estava certa. Meus olhos, sob influência de meu espírito racional, tinham falhado, é claro: tinham feito uma leitura errônea, como sói acontecer, quando ainda não estou bem acordado, ao ler os títulos das matérias no jornal. Na verdade, o texto era:

DOMITIUS CAESAR LEGATOS XTI
VIOLENTER INTERFECIT

Contudo, como "*Domitius Caesar*" nada significava para meu ser racional — com efeito não existia ninguém com tal nome —, ele corrigiu automaticamente o erro, lendo "*Domitianus*". Agora relembrei-me de que Domitius era o nome original de Nero, antes que o imperador Cláudio o adotasse na família imperial e mudasse seu nome para Nero Claudius Caesar Drusus Germanicus e que ele, Nero, odiava ser lembrado de sua origem plebéia. (Acho que é Suetônio quem fala desta "sensibilidade" de Nero.) O pai criminoso de Nero, Gnaeus Domitius Ahenobarbus, quando foi congratulado pelo nascimento do menino, retrucou friamente que qualquer criatura dele e de sua mulher, Agrippinilla, só

poderia trazer ruína para o Estado. Em conseqüência, "Domitius Caesar" era um vitupério adequado para o criptograma — do mesmo modo que os anti-hitleristas, em 1933, tiraram proveito político de "chanceler Schickelgruber". Como era natural, são João Evangelhista não haveria de respeitar a sensibilidade de Nero quando escreveu. O emprego de D. C. em lugar de N. C. teria servido para proteger o segredo.

Violenter significa algo mais do que "rudemente" ou "impetuosamente": contém uma dose de sentido de fúria sacrílega e de ultraje. Assim, parecia que meus olhos corretores tinham retirado as letras *EN* de *violenter*, passando-as para a palavra acima de modo a formar "DomitiENus", o que chegava bastante próximo de "Domitianus" para que se a confundisse com esse nome e para que a palavra restante, *violter*, que nada significava, permanecesse na parte de baixo, nebulosamente, de modo que li equivocado como *viliter* e considerei uma palavra de condenação.

(O único valor que atribuo a esta leitura é o fato de ela fazer sentido histórico. Quem poderá dizer se o sentido foi colocado lá por são João a benefício meu, ou por mim, a benefício de são João? Tudo o que sei é que interpretei as palavras quase com a mesma facilidade com que os censores da correspondência dos soldados lêem o criptograma no final de alguma carta para alguma esposa: B.B.B. G.Q.F.V.V.N.G.? como "Beijos — Beijos — Beijos — Gostaria que fossem verdadeiros, você não gostaria?")

Isto não é tudo. Quando fui analisar mais detalhadamente o texto do Apocalipse, encontrei na margem uma referência ao capítulo 15, versículo 2, onde se lê:

> Vi também como que um mar de vidro misturado com fogo e os que venceram a Besta, sua imagem e o número do seu nome: estavam em pé sobre o mar de vidro e seguravam as cítaras de Deus (...).

A "imagem" é aquela mencionada no contexto anterior: aparentemente, o significado é que cristãos, que lealmente se recusaram a adorar a estátua de Nero, foram martirizados. Assim, "aqueles que obtiveram vitória sobre a Besta, sobre sua imagem, sobre sua marca e sobre o número de seu nome" eram os enviados de Cristo que se recusaram a ser forçados, pelo terror, a render culto ao imperador e, quando sacrilegamente trucidados, eram levados diretamente para o Paraíso.

Agora se levanta a pergunta: por que meus olhos leram "Domitianus" quando o texto dizia "Domitius"? Devia dar resposta a isto, pois meus olhos se haviam convencido de que o texto dizia Domiciano e não Nero; para provar sua versão, rapidamente emendou o texto. Talvez, afinal de contas, meus olhos tenham sido servos de meu louco espírito analéptico. Talvez ambas as formas estivessem ditas: Domitius e Domiciano. Quero dizer, talvez o Apocalipse tivesse sido escrito no tempo das perseguições de Nero, mas acrescido e atualizado

no reinado de Domiciano, que reviveu as perseguições neronianas e cujo nome significa "do tipo de Domitius". Quanto aos seguintes versículos:

> Uma de suas cabeças parecia mortalmente ferida, mas a ferida mortal foi curada. Cheia de admiração a terra inteira seguiu a Besta e adorou o Dragão por ter entregue a autoridade à Besta. E adorou a Besta dizendo: "Quem é comparável à Besta, e quem pode lutar contra ela?" Foi-lhe dada uma boca para proferir palavras insolentes e blasfêmias, e também poder para agir durante quarenta e dois meses. (...) Deram-lhe permissão para guerrear contra os santos e vencê-los; (...).[2]

Trata-se de uma clara referência à difundida crença da época de que Nero voltaria, sobrevivendo ao mortal golpe de espada, e à natural suposição cristã de que estaria reencarnado como Domiciano.

[Excelente: agora descubro que esta foi a conclusão do dr. T. W. Crafer em seu recente livro sobre o Apocalipse.]

São 42 o número de anos que transcorrem (54-96 d.C.) entre a ascensão ao trono de Nero, o sétimo César, e a morte, pela espada, de Domiciano, o 12º César. Neste gênero de escrito profético, os anos, normalmente, são expressos como meses e os meses como dias. A frase — "e também poder para agir durante quarenta e dois meses" — parece uma glosa interposta na profecia original de que Domiciano, blasfemando e chamando a si próprio de Senhor e Deus, teria um fim violento. A Igreja gozou de um período relativamente pacífico durante o reinado de Nerva, o sucessor de Domiciano.

O fato de alguns manuscritos assinalarem 616 em lugar de 666 não destrói minha argumentação, porque isto implica apenas uma supressão do *L* correspondente à palavra *legatos*. D.C.X.V.I. significa que, nas palavras de são Paulo, a Besta "crucificou o Filho de Deus outra vez".

O resultado da prova me satisfez. Espero que satisfaça a outros e que eu não tenha sucumbido a uma paranóia característica.

Entretanto, devo acrescentar que, tendo o capítulo 11 do Apocalipse predito a preservação do Templo, a versão original do livro talvez tenha sido escrita depois da morte de Nero, mas antes da destruição do Templo, numa época em que estavam amplamente difundidos os boatos sobre sua reaparição em carne e osso. Além disto, há também o fato de as letras hebraicas T.R.J.V.N. somarem 666 (*Tav* = 400; *Resh* = 200; *Yod* = 10; *Vav* = 6; *Nun* = 50) e, assim, formarem o disfarce cifrado, comum na literatura talmúdica, para Nero (*trijon* significa "pequena besta"). Contudo, é muito pouco provável que os autores do Talmude fizessem algum empréstimo aos cristãos não-judeus. É possível, então, que a primeira versão do Apocalipse fosse um tratado nacionalista judaico, escrito em aramaico, antes do ano 70 d.C., no qual 666 era uma cifra que significava

[2] As passagens citadas no original sem referência são do Apocalipse 13, 3-5 e 7a. (N. T.)

"pequena besta" e que apontava na direção de Nero. No entanto, o texto teria sido reescrito em grego e difundido entre os leitores cristãos, no final do século I, na ocasião em que os convertidos por Paulo, que ignoravam o hebraico, se achavam em dificuldade para provar que Jesus tinha rejeitado a Lei de Moisés e estavam a transferir as bênçãos de Iahweh, dos judeus, para si próprios. Nesta segunda versão, com suas muitas interpolações e uma manutenção acrítica de material deslocado no tempo, a cifra 666 teria recebido uma nova solução: algo que qualquer pessoa inteligente poderia entender sem necessidade de recorrer ao hebraico: a saber, DCLXVI. Se assim tiver sido, a inscrição nunca fora *Domitius Caesar* etc., e, novamente, meus analépticos olhos tinham razão em reconhecer que, uma vez que o significado original hebraico da cifra era TRIJON, o espírito bestial de Domitius que estava latente em Domitianus.

O método de pensamento proléptico ou analéptico, embora necessário a poetas, médicos, historiadores e a tantos outros, é tão facilmente confundido com a simples conjectura ou com a dedução a partir de dados insuficientes que poucos dentre eles confessarão tê-lo empregado. Por mais que eu corrobore a tese deste livro com a reprodução de textos, com citações e notas de rodapé, o fato de eu admitir o modo como me veio à mente, pela primeira vez, o excluirá da consideração dos sábios ortodoxos: mesmo que não consigam rejeitá-lo, não se atreverão a aceitá-lo.

Capítulo 20

Uma conversa em Pafo no ano 43 d.C.

Circling the circlings of their fish,
Nuns walk in white and pray;
For he is chaste as they (...).

Circundando o lago de seu peixe,
As freiras caminham de branco e rezam;
Pois ele é tão casto quanto elas (...).

Estas linhas servirão como texto demonstrativo da maneira peculiar de trabalhar do pensamento poético. Vieram-me de nenhum lugar em particular como os três primeiros versos de uma estrofe rimada, no estilo epigramático dos *englyns* galenses, que pede ainda dois outros para ficar completa. Seu significado manifesto é de que freiras brancas caminham em prece silenciosa, nos jardins de seu convento, rodeando o lago do peixe, percorrendo seus rosários em casta oração, enquanto, dentro d'água, o peixe nadava em torno da borda. Os peixes, como as monjas, são proverbiais por sua indiferença sexual, e a madre superiora permite que esse peixe seja a mascote do convento porque ele não poderia nunca despertar qualquer pensamento lascivo em suas subalternas.

Trata-se de uma boa observação, mas não chega a ser um poema; verdadeira, porém, apenas, uma parte da verdade. Para contar toda a verdade, teria de considerar, em primeiro lugar, o fenômeno das monjas, que renunciam voluntariamente aos prazeres do amor carnal e da maternidade para realizarem-se como as vestais noivas de Cristo. Em segundo lugar, teria de tratar do fenômeno dos peixes sagrados de todo tipo e tamanho, desde o gigantesco peixe que engoliu Jonas até o pequenino peixe pintado dos poços do desejo que ainda concede namorados ou bebês às camponesas de remotas paróquias; sem esquecer o "poderoso e imaculado peixe da fonte que uma virgem pura conseguiu fisgar", segundo consta do epitáfio do bispo Avirício de Pentápolis, na Frígia. Somente quando tivesse eu posto e respondido algumas vintenas de perguntas cansativas é que encontraria o quarto e o quinto versos para completar o poema com uma simples concentração de significado difícil.

Comecei por notar a estranha permanência no cristianismo do título, originariamente pagão, de Sumo Pontífice, que foi assumido pelo bispo de Roma, o sucessor de são Pedro, o pescador, dois séculos após o cristianismo haver-se firmado como religião do Estado. Pois o Sumo Pontífice, nos tempos republicanos e no início do Império, era pessoalmente responsável diante da Trindade capitolina (ou seja, Júpiter, Juno e Minerva) pelo comportamento casto das vestais, da mesma maneira que seu atual sucessor o é diante da Trindade cristã, pela castidade das freiras católicas romanas. Foi quando deixei minha mente cair num transe analéptico. Dei por mim ao escutar uma conversação em latim que eu acompanhava graças ao grego que eu entendia perfeitamente. Pouco depois comecei a distinguir as vozes de Teófilo, conhecido historiador sírio-grego, e de Lúcio Sérgio Paulo, um general-governador de Chipre, no reinado do imperador Cláudio.

Paulo estava dizendo com certo lamento:

— Meu erudito amigo, um sistema de festas de tamanha complexidade não poderia ser transportado de país em país entre os fardos de mercadorias com que comerciam os mercadores. Poderia ter sido imposto por meio da conquista; porém, se tivesse havido, na Europa, um Império que incluísse todas as longínquas partes que menciona...

— Eu deveria, também, ter incluído Portugal entre elas — interrompeu-o Teófilo.

— ... sem dúvida teríamos ouvido falar dele. Contudo, todas as conquistas de Alexandre foram na direção do Oriente: não se atreveu a desafiar o poderio da Roma republicana.

Disse Teófilo:

— O que quero dizer é o seguinte: postulo uma constante emigração, desde a Antiguidade, de tribos que habitavam a costa sul do mar Negro, processo que, na verdade, só se encerrou há um ou dois séculos. O clima era saudável; a população, vigorosa e bem organizada; mas a faixa de terra era muito estreita. A cada cem anos, mais ou menos, imagino, a terra ficava superpovoada e, necessariamente, uma ou outra tribo era forçada a sair dali em busca de sua própria sorte e a ceder espaço para as demais. Ou, ainda, pode ser que fossem obrigadas a mudar-se por pressão do Oriente, quando hordas vagantes vindas das planícies da Ásia irrompiam pelos portais caspianos das montanhas do Cáucaso. Algumas dessas tribos tomaram a rota do sul, através da Ásia Menor, e se aventuraram pela Síria e foram até o Egito — quanto a isto, contamos com a autoridade de Heródoto. Outras tomaram a rota do Ocidente, do outro lado do Bósforo, passando pela Grécia, pela Itália e chegando à Gália, e até, conforme disse, à Espanha e a Portugal. Algumas lutaram na direção sudeste, chegando à Caldéia através da cordilheira do Touro; outras se dirigiram para o norte até a costa ocidental do mar Negro, e logo subiram o Danúbio até Ístria e continuaram a caminhada através da Europa até chegar à ponta noroeste da Gália, de

onde, segundo se diz, algumas passaram para a Grã-Bretanha e, daí, para a Irlanda. Essas levaram consigo o sistema de festas.

E Paulo disse:

— Sua teoria é muito audaz. Não me recordo de nenhuma tradição autêntica que a fundamente.

Teófilo sorriu:

— Vossa Excelência é um verdadeiro romano — "não há verdade, a menos que a consagre alguma tradição". Muito bem; então, diga-me, de que terra veio seu herói Enéias?

— Ele era rei de Dárdano, no Bósforo, antes que se estabelecesse em Tróia.

— Ótimo! Dárdano fica a três quartos do caminho de volta de Roma ao mar Negro. E, diga-me, qual foi o precioso bem que Enéias levou consigo de Tróia? Perdoe-me pelo método dialético.

— Você deve estar se referindo ao Paládio, ó eruditíssimo Sócrates — respondeu Paulo com ares ironicamente acadêmicos —, sobre cuja segurança já repousara o destino de Tróia; e sobre a qual, agora, repousa o de Roma.

— E o que é, honorável Alcebíades, o Paládio?

— Uma venerada estátua de Palas Atená.

— E quem é ela?

— Hoje pela manhã você sugeriu, durante nossa visita à escola de luta, que ela era, originalmente, uma deusa do mar, como nossa divindade cipriota local, e que os mitógrafos registram que ela nasceu perto do lago Tritão, na Líbia.

— Isso mesmo. E quem ou o que era Tritão, além de ser o nome de um lago que já foi enorme e que, agora, está encolhendo e virando um pântano salobro?

— Tritão é uma divindade marinha, com corpo de peixe, que acompanha Posídon, o deus do mar, e sua esposa, Anfitrite, a deusa do mar, e que sopra um grande caramujo em honra deles. Diz-se que seja filho dessas duas divindades.

— Você me dá as respostas mais úteis. Mas o que significa Palas?

— Por quanto tempo vai demorar esse interrogatório? Quer me mandar de volta aos bancos escolares? Palas é um dos títulos de Atená. Nunca aceitei a etimologia de Platão que pretende derivar a palavra de *pallein*, "brandir"; ele diz ser ela chamada Palas porque brande seu *aegis*, seu escudo. A etimologia de Platão é sempre suspeita. O que me deixa confuso é que Palas é um nome masculino e não de mulher.

— Espero ser capaz de explicar o paradoxo. Mas, primeiro, o que sabe você sobre homens chamados Palas?

— Palas? Palas? Houve muitos homens com tal nome, desde o lendário Palas, o Titã, até o nosso atual egrégio secretário de Estado. Outro dia o imperador fez os senadores rirem à socapa ao declarar que o secretário pertencia à famosa família Palas que dera nome à colina do Palatino.

— Duvido que essa observação fosse tão absurda quanto pode ter parecido. Cláudio, apesar de suas excentricidades, não é um historiador qualquer e, como Sumo Pontífice, tem acesso a arcaicos registros religiosos negados a outra pessoa.

Vamos lá, Excelência, vamos rever juntos a lista de antigos Palas. Havia, como disse, Palas, o Titã, que era irmão de Astreu ("o Estrelado") e de Perses ("o Destruidor") e que se casou — o que quer que isto signifique — com o rio Estige, da Arcádia. Era pai de Zelo ("Zelo"), de Cratos ("Força"), de Bia ("Energia") e de Nique ("Vitória"). Isto não lhe dá a entender sua natureza mística?

— Lamento admitir que não. Tenha pena de mim, um romano ignorante, legalista e prático.

— Se a Excelência Vossa não considerar inconveniente, começarei elogiando seu poema elegíaco sobre a ninfa Egéria, cuja cópia, recentemente, me enviou de Roma um de nossos amigos comuns. Muito bem, segue-se o Palas de Homero, a quem ele chama de "pai da lua". Depois temos outro Titã, o Palas que foi descarnado vivo por Atená e de quem se diz que ela tomou o nome.

— Nunca ouvi tal história.

— Está garantida por uma grande autoridade. E segue-se Palas, o fundador de Palanteu, na Arcádia, um filho daquele Egeu que deu nome ao mar; no entanto, ele nos interessa porque seu neto Evandro emigrou para Roma sessenta anos antes da guerras troianas e levou consigo o alfabeto sagrado. Foi ele quem fundou uma nova cidade de Palanteu, na colina Palatina de Roma, há muito incorporada à cidade. Ele introduziu também os cultos de Nique, Netuno (agora identificado com Posídon), de Pã de Licos, de Deméter e de Héracles. Evandro teve um filho chamado Palas e duas filhas: Romé ("Força") e Dina ou Dauna ("Poder"). E eu quase me esquecia de outro Palas, irmão de Egeu e de Licos e, desta forma, tio do Palas, avô de Evandro.

— Uma boa colheita de "Palas". Mas continuo no escuro.

— Não recrimino Vossa Excelência. Mal consigo saber em que direção devo elevar a luz da lanterna. Contudo, apelo para sua paciência. Diga-me do que era feito o Paládio.

Paulo argumentou:

— Estou um tanto desatualizado em mitologia, meu caro Teófilo, mas acho que me lembro de que era feito dos ossos de Pélops.

Teófilo o congratulou e continuou:

— E quem era Pélops? O que significa seu nome?

— Eu estava lendo Apolônio de Rodes outro dia. Ele diz que Pélops veio para a Frígia de Enete, na Paflagônia, e que os habitantes desta região ainda se chamam de pelópidas. Apolônio era o bibliotecário da grande biblioteca de Alexandria e sua *História da Antiguidade* é tão digna de confiança quanto a de qualquer outro autor. Quanto à palavra "pélops", ela significa "de cara enlameada". O corpo de Pélops foi servido como repasto aos deuses por Tântalo, seu pai; foi em cima da hora que eles descobriram que se tratava de alimento proibido. Apenas o ombro tinha sido comido — foi por Deméter, não foi? —, outros falam em Réia e a restituição foi feita com um ombro de marfim. Pélops foi trazido de volta à vida.

— E o que você deduz desse mito canibalesco?

— Coisa alguma, exceto que, agora, parece que conseguimos traçar o caminho dos dardânios de volta até o mar Negro, se o Paládio sagrado era feito dos ossos de seu ancestral originário de Enete.

— Se eu lhe sugerir que Pélops e Palas são diferentes títulos reais da mesma dinastia primitiva da Grécia, isto ajudaria a Vossa Excelência?

— Certamente. Por favor, ajude-me a sair desse atoleiro!

— Permita-me colocar-lhe um enigma: o que é que, com a cara enlameada e um ombro de marfim, corre vitoriosamente rio acima, como se fosse a um casamento, cheio de zelo, de força e de vigor e cuja pele compensa escorchar?

— Sou bom em adivinhações, embora mal em mitos. Um peixe de algum tipo, suponho que o golfinho ou boto. Os botos não são peixes comuns, posto que vivem em casal: e quão majestosos adentram da foz do rio acima! É pálido por baixo e escuro da parte de cima e ostenta um rombudo focinho escuro. E tem uma fina nadadeira [omoplata] branca — larga como um remo; e o couro de boto proporciona a confecção dos melhores sapatos.

— Não é um peixe de modo algum. Trata-se de uma criatura de sangue quente, um *cetos*, um animal marinho com pulmões, não é um *ichtus*, um peixe com guelras e sangue frio. Segundo o sistema de Aristóteles, a esta família de mamíferos marinhos pertencem todas as baleias, as focas, os botos, orcas e golfinhos. Infelizmente, na Grécia, empregamos a mesma palavra *delphis* indiscriminadamente, tanto para o golfinho bicudo quanto para o boto de focinho rombudo. Ainda que a montaria musical de Aríon provavelmente fosse um golfinho verdadeiro, não se tem certeza de que Delfos tenha recebido este nome por causa dos golfinhos ou dos botos. "Palas", em grego, já significou jovem vigoroso, e suponho que se converteu num título real dos reis do Peloponeso, cujo animal sagrado era o vigoroso boto quando a tribo de Pélops desceu do mar Negro para a Grécia. Recorda-se o epíteto tão discutido que Homero confere a Lacedemônio — *Cetoessa*, que, literalmente, quer dizer "do animal (besta ou mamífero) marinho"?

— Tentarei pensar de acordo com os elementos de seu raciocínio — disse Paulo. — O Peloponeso é, certamente, às vezes, chamado de terra de Posídon, que é a divindade aquéia de todos os seres marinhos, mamíferos e peixes. Arcádia é o centro do Peloponeso, e lá reinou Palas, deus dos animais do mar, e também em Lacedemônia. Permita-me trabalhar isto sozinho. Sim, Palas casou-se com o rio Estige, o que quer dizer que, na estação do acasalamento, o boto sobe o Crátis até o citado rio. (Na foz do Crátis, situa-se Egéia — servi, por certo tempo, nesta região da Grécia —, o que explica a conexão com Egeu. Do lado oposto a Egéia, atravessando o golfo de Corinto, fica Delfos, consagrada a Apolo, o deus-golfinho ou o deus-boto.) Mais tarde, Evandro, que, além de ser neto de Palas, tinha um filho com este nome, abandona a Arcádia, por ocasião da grande invasão aquéia, e vai para Roma. Lá ele forma uma aliança com o povo de Enéias, reivindicando parentesco com eles em virtude de uma descendência comum de Pélops. É assim que você lê a história?

— Exatamente. E, provavelmente, Evandro era, também ele, Palas, mas teria mudado o nome para despistar as Fúrias vingadoras depois que assassinou o pai.

— Muito bem. Ele introduziu o culto do deus do mar, Netuno, de Nique, filha do Palas original, e de Héracles [em Roma, Hércules] —, mas por que Hércules?

— Seu vigor sexual o recomendava, e ele era não apenas neto de Pélops, mas também um aliado dos enecianos, os primitivos pelópidas.

— E por que Deméter?

— Para resgatá-la de Posídon, o deus dos aqueus que, como se conta, a tinha violentado. Você há de se lembrar que ela fugiu dele subindo o Crátis até o Estige, onde amaldiçoou a água. Deméter era a antiga Deo, a deusa-mãe da cultura da cevada, cultuada pelos daneses arcadianos. O fato de alguns mitógrafos a chamarem de Réia prova sua origem cretense. Sua famosa estátua com cabeça de égua em Figália, junto ao rio Neda, na Arcádia ocidental, tem um boto numa das mãos e, na outra, uma pomba negra sagrada como aquelas que são empregadas pelo oráculo do carvalho em Dodona.

— Por que ela tem cabeça de égua?

— O cavalo é um animal consagrado a ela e, quando os pelópidas começaram a se casar com os arcádios originais, isto ficou registrado no mito como um casamento de Pélops com Hipodâmia, "a domadora de cavalos", a qual alguns mitógrafos também chamam de Dânais. Entre seus filhos estão Crísipo ("Cavalo de Ouro"); Hipalco ("Cavalo Valente") e Nícipa ("Égua Vencedora"), nomes de novos clãs.

— Entendo. Não é tão absurdo quanto parece. Bem, agora posso completar a história. A deusa-mãe era servida pelas assim chamadas filhas de Preto, ou Proteu, isto é, *Proetus* ou *Proteus*,[1] que vivia numa caverna em Lusi, perto das nascentes do Estige. Suas sacerdotisas tinham o direito à nadadeira [omoplata] afiada do boto sagrado por ocasião da festa sacrificial. A carne de boto é um alimento muito bom, especialmente se o animal for morto de modo adequado. E Proteu, segundo Homero, tornou-se pastor a serviço de Posídon e cuidava de seus animais marinhos. Isto aconteceu, sem dúvida, depois de Posídon ter vencido a deusa, vitória que celebrou denominando-se "domador de éguas". Considero Proteu outro nome de Palas, o animal do mar: os aqueus, na verdade, escravizaram os pelópidas, que agora eram denominados daneses, e Posídon arrogou-se as prerrogativas e títulos de Palas.

— Parabéns, Excelência! É evidente que concorda comigo em descartar como errônea a concepção de que Pélops fosse um aqueu — a não ser, talvez, pertencente a uma horda aquéia primitiva que tivesse penetrado na Grécia muitos séculos antes junto com os eólios. Suponho que o erro decorre do conhe-

[1] *Proetus* é a primitiva grafia da palavra, que significa "homem primitivo", formada com o advérbio *proi* ou *pro*.

cimento de que Pélops fora, certa feita, adorado nas províncias do norte do Peloponeso, agora chamadas de Aquéia. Quanto à escravidão imposta aos pelópidas pelos aqueus, ela é comprovada por outro mito um tanto frívolo: diz-se que Posídon teria se apaixonado por Pélops, assim como Zeus por Ganimedes, e o raptara para ser seu copeiro. Você concordará que Netuno, que emigrou para a Itália era também Palas, e ele não deve ser confundido com Posídon, tal como é costume. Contudo, prefiro supor que Proteu fosse um nome genérico daquela divindade que é filho, amante e vítima da velha deusa-mãe, o qual assume uma variedade de formas. Ele não é apenas Palas, a besta marinha, mas também Salmoneu, o humano Rei do Carvalho, Crísipo, o Cavalo Dourado e assim por diante.

— Mas e quanto a Pã, de Licos? Que relação tinha Evandro com ele?

— Seu antepassado Pélops talvez o tenha levado lá do rio Licos, que desemboca no mar Negro, não muito longe de Enete. Era outra divindade vigorosa. Você há de recordar-se que dançou de alegria quando colocaram em Pélops o novo ombro branco. Por falar nisso, recorda-se das diversas lendas sobre a ascendência de Pã?

— A mais comum o declara ser filho da ninfa Dríope com Hermes.

— E o que isso lhe diz?

— Nunca pensei no assunto. "Dríope" significa "pica-pau" do tipo que faz ninhos nos carvalhos e, um barulho extraordinário quando pica as frestas das árvores e que sobe pelo tronco em espiral. Tem uma língua farpada e chama chuva, assim como o golfinho e o boto chamam tormentas com seus ruídos. E a ninfa Dríope está ligada ao culto de Hilas, uma modalidade frígia de Héracles que morria cerimonialmente a cada ano. E Hermes — que é a principal divindade fálica e também o deus da eloqüência, cujas estátuas são esculpidas normalmente em carvalho.

— A árvore dos pastores, a árvore de Héracles, a árvore de Zeus e de Júpiter. Contudo, Pã, como filho do pica-pau do carvalho, nasceu de dentro de um ovo.

E Paulo disse:

— Espere aí! Recordo-me de algo pertinente. Diz-se que nosso deus latino Fauno, que é idêntico a Pã, o deus dos pastores, foi o rei do Lácio que recebeu Evandro em sua chegada. E Fauno era filho de Pico, que é o nome latino do pica-pau. Evidentemente uma outra tribo pelópida chegara ao Lácio, vinda do mar Negro, antes de Evandro ou mesmo de Enéias. Fauno é adorado em bosques sagrados, onde pronuncia oráculos, principalmente por meio de vozes ouvidas durante o sono, enquanto o visitante jaz sobre um velo sagrado.

— Eis que se estabelece a relação mítica entre Pã, o carvalho, o pica-pau e o carneiro. Eu li também outra lenda desse nascimento. Ele é considerado como filho de Penélope, mulher de Ulisses, com o Hermes que a visitara em forma de um carneiro. De carneiro e, não, de bode! Isto é estranho, porque tanto o Pã arcádio quanto seu equivalente italiano Fauno têm pernas e corpo de bode.

Creio saber como isso aconteceu. Palas, o Titã, a besta marinha real, era filho de Crios, o carneiro. Isto significa que os colonos pelópidas de Enete fizeram aliança com os primitivos arcádios que adoravam o carneiro Hermes e o reconheceram como o pai de seu animal marinho, o rei Palas. Igualmente os egeatas — a tribo do bode — celebraram uma aliança com os mesmos arcádios e reconheceram Hermes como sendo seu rei-bode Pã, cuja mãe era Amaltéia e que se tornou o Capricórnio do Zodíaco.

Sorrindo, Paulo disse:

— Muito bem argumentado! Isso acaba com outra lenda escandalosa, segundo a qual Pã era filho gerado por Penélope com *todos* os seus pretendentes na ausência de Ulisses.

— De onde Vossa Excelência tirou tal versão? Ela é muito interessante.

— Não consigo recordar. De algum gramático, por certo. Ela faz pouco sentido para mim.

— Eu sabia que Pã era filho de Penélope, mas sua versão traz uma grande melhoria. Como pode ver, Penélope não é, realmente, a esposa de Ulisses, exceto por uma maneira de falar. Trata-se de uma ave sagrada, o *penelops*, ou o pato com raias púrpura. Assim, tal como na versão de sua ascendência relacionada com Dríope, Pã nasce de uma ave, o que explica a lenda de que estava completamente desenvolvido na ocasião de seu nascimento, do mesmo modo que um pinto ao sair do ovo. Passemos aos pretendentes, que, segundo temo, será uma longa argumentação. Postulo, primeiramente, que o Paládio é feito dos ossos de Pélops, ou seja, das nadadeiras de botos, um material adequado e duradouro e que se trata de uma estátua fálica e, não, a estátua de uma deusa. Apóio minha tese na existência, até há alguns anos, de uma outra omoplata sagrada de Pélops, no precinto que seu neto Héracles mandou construir em sua honra em Olímpia. Agora, segundo o mito, Pélops tinha apenas uma omoplata sagrada, a do lado direito; contudo ninguém nunca questionou a autenticidade quer da relíquia de Olímpia, quer do Paládio. A história da omoplata de Olímpia é a que se segue. Durante o cerco de Tróia, os gregos foram alertados por um oráculo de que a única contramagia ofensiva capaz de superar a magia defensiva do Paládio preservado na citadela de Tróia era a omoplata de Pélops que uma tribo de pelópidas havia levado para Pisa, na Itália. Por isso Agamênon mandou buscar o objeto, mas o barco que lhe estava trazendo a encomenda afundou na costa da Eubéia. Algumas gerações posteriores, um pescador êubio a arrastou em sua rede e reconheceu do que se tratava — provavelmente por causa de algum desenho gravado nele. Levou-o para Delfos, e o oráculo o confiou ao povo de Olímpia, que tornou o pescador um guardião pensionado. Se o osso era a omoplata de um boto ou golfinho sagrado e não de um homem, a dificuldade de Pélops ter mais de uma omoplata direita desaparecia. Da mesma forma, a dificuldade em acreditar que, quando foi cozido e comido pelos deuses, voltou à vida — se era fato que os devotos de Deo pescavam um novo boto sagrado e o comiam a cada ano em Lusi. Será que tudo isto parece razoável?

— Muito mais razoável do que a história fantástica usual, embora seja acreditável o canibalismo na Arcádia primitiva. Que o Paládio se trate de uma estátua fálica, em vez de a representação de uma deusa, é fato que explica o mistério que cerca seu aparecimento e o motivo por que esteja escondido no *Penus*[2] do templo de Vesta. Sim, embora sua tese seja estarrecente e, até mesmo, à primeira vista, indecorosa, contém muitos elementos que a recomendam.

— Muito obrigado. Continuando, recorda-se que dois ou três dos primitivos reis de Roma não tinham pai reconhecido?

— Certamente. Com freqüência me indaguei o que teria acontecido.

— Há de recordar-se, também, que o reinado se transmitia em linhagem feminina: um homem se tornava rei apenas porque se casava com uma rainha ou porque descendia da filha de uma rainha. Com efeito, o herdeiro do reino não era o filho do rei, mas o filho quer de sua filha, quer de uma irmã mais jovem — o que explica a palavra latina *nepos*, que significa, ao mesmo tempo, neto e sobrinho. O foco da vida comunitária era, literalmente, o *focus*, o lar da casa real, fogo este que era guardado pelas princesas da linhagem real, a saber, as virgens vestais. A elas foi entregue o Paládio, em segura custódia, como *fatale pignus imperii*, do penhor concedido pelas Parcas para permanência da linhagem real.

— Elas ainda o guardam. Porém, se você estiver correto sobre o caráter obsceno da estátua, é bastante estranho que se escolhessem justamente as virgens vestais como guardiães, uma vez que elas estão proibidas de manter relações sexuais.

Teófilo passou o indicador ao longo do nariz e disse:

— Trata-se de um paradoxo comum às religiões o fato de tudo que seja *nefas*, isto é, contrário à lei, em ocasiões particularmente sagradas, também seja *fas*, legal. Entre os egípcios, o porco era visto com horror, e o simples fato de tocá-lo poderia causar lepra — com efeito, o porco egípcio, por ser um animal que se alimentava de carniça e de cadáveres, merecia este asco —, mesmo assim os egípcios de mais alta estirpe comiam sua carne com satisfação durante a celebração de seus mistérios do solstício de inverno, sem temer qualquer conseqüência futura. Os judeus, conta-se, também faziam o mesmo, embora já não o façam. Da mesma maneira, as virgens vestais não podem ter sido sempre privadas de todos os privilégios naturais de seu sexo, pois nenhuma religião bárbara impõe a esterilidade permanente a mulheres casadouras. É minha opinião que, no solstício de verão, durante a Festa Albana, solenidade do casamento da Rainha do Carvalho — a encantadora ninfa Egéria de que fala Vossa Excelência — com o Rei Anual do Carvalho, oportunidade em que se liberavam namoros promíscuos e quando seis vestais, suas parentas, se uniam a seis dos doze companheiros do rei-carvalho, você há de recordar-se dos doze pastores de Rômulo. Isto se passava de modo silencioso, na escuridão de uma caverna sagrada, para

[2] *Penus* designa, em latim, o santuário do templo de Vesta. (N. T.)

que ninguém soubesse quem se deitou com quem nem qual era o pai de qualquer das crianças nascidas. E repetiam o mesmo ritual novamente com os outros seis companheiros no solstício de inverno, durante as Saturnais. Assim, se faltasse um filho à Rainha do Carvalho, o novo rei deveria ser escolhido entre algum dos filhos paridos por uma vestal. Desta forma explica-se o filho que Penélope teve com seis cortejadores. O deus vigoroso — fosse ele chamado Héracles (Hércules), Hermes, Pã, Palas, Pales, Mamúrio, Netuno, Príapo ou seja lá como se queira denominá-lo — comunicava aos jovens um vigor erótico quando dançavam pela primeira vez ao redor de uma fogueira flamejante presidida por sua estátua obscena: o Paládio. Por isso dizia-se que um rei havia nascido de uma mãe virgem ou que não tinha um pai conhecido ou que era filho do deus.

Paulo protestou:

— Tal opinião é ainda mais assombrosa do que a outra. Não vejo que prova dela você possa ter ou mesmo que consiga explicar como as vestais deixaram de ser ninfas do amor para se converterem nas atuais solteironas estéreis.

Teófilo replicou.

— O fim das orgias reais de amor segue de modo lógico o curso histórico de que falamos ontem: o prolongamento do reinado dos tempos antigos de um para quatro anos, de quatro para oito, de oito para dezenove, até que, finalmente, se tornou vitalício. Mesmo que as orgias amorosas populares pudessem prosseguir — e ainda continuam em Roma — realizando-se no solstício do verão e no final do ano, perderam o sentido de serem ocasiões propícias para gerar novos reis. Como sabemos, com freqüência nascem crianças em resultado dessas uniões festivas, se as consideram afortunadas e se as legitimam com júbilo, porém já não têm direito à dignidade real porque suas mães não são princesas como antigamente. Ao que parece foi o rei Tarquínio Prisco quem primeiro prescreveu, para as vestais, o equivalente à castidade perpétua, com o propósito de evitar que elas gerassem pretendentes ao trono. Certamente foi quem impôs o sepultamento em vida como castigo para a vestal que violasse a regra. Contudo, atualmente, a virgindade perpétua já não é obrigatória, uma vez que, depois de trinta anos, uma virgem vestal está, entendo eu, qualificada, se assim desejar, a abandonar a consagração e até a casar-se.

— É muito raro que isso aconteça. Depois de trinta anos de solteira ilustre, é difícil para uma mulher conseguir um marido que valha a pena; não tarda a entediar-se com o mundo e amiúde morre de arrependimento.

— Agora, quanto à prova de que, outrora, se permitia às virgens ocasionais deleites eróticos, direi o seguinte: em primeiro lugar, quando o Sumo Pontífice iniciava a noviça em nome da divindade, a chamava de "*amata*", amada, e lhe entregava uma peruca bordada com pura púrpura,[3] uma faixa estreita de lã e uma vestimenta branca de linho — vestes de noiva para o casamento real com o

[3] *Purpureus* é uma reduplicação de *purus*, significando "muito, muito puro".

deus. Em segundo lugar, sabemos que Sílvia, a mãe de Rômulo e Remo, era uma virgem vestal de Alba Longa que, inesperadamente, tornou-se noiva de Mamúrio, ou Marte, na época um deus-pastor erótico e de face vermelha, e não foi enterrada viva como agora ocorreria com uma vestal que engravidasse — ainda que bradasse que um deus a havia violentado.

— Mas, no fim das contas, Sílvia foi afogada no rio Ânio.

— Apenas como recurso retórico, acredito eu. Depois do nascimento de seus gêmeos, que depositou numa arca de vime e de juncos, elementos freqüentes em mitos de nascimento desse tipo, e os confiou à misericórdia das ondas, ela tomou aquele mesmo banho batismal para renovação da virgindade que a sacerdotisa de Afrodite toma aqui em Pafo,[4] anualmente, no mar azul, assim como a ninfa Dríope o faz em sua fonte em Pegea.

— A conexão entre Roma e a Arcádia é, concordo, muito estreita. O deus-pastor envia um lobo, *lycos*, para assustar Sílvia e, então, a violenta numa caverna. Quando nascem os gêmeos, um lobo e um pica-pau levam alimento para eles. Por falar nisso, como se explica que Pã tivesse um lobo a seu serviço? ele não é uma divindade dos pastores?

— Tratava-se, provavelmente, de um lobisomem. A teoria religiosa arcádia é de que um homem é enviado para os lobos. Ele se torna lobisomem durante oito anos e persuade a alcatéia a deixar em paz os rebanhos e as crianças do homem durante esse período. Foi Licáon, o arcádio, quem deu início a tal prática, segundo se conta, e é provável que a antiga liga sacerdotal do Lupercal, nas origens, também tivesse provido Roma de seus lobisomens. Contudo, voltando a falar de Sílvia, a divindade não apenas a violentou na escura caverna assombreada pelo bosque sagrado, mas aproveitou-se do eclipse total do sol. Imagino que ele estivesse ocultando sua verdadeira forma, que, por sinal, era a de um animal marinho.

— Você parece ter elaborado bem todo o assunto. Talvez possa também explicar o porquê de o cabelo de uma vestal ser cortado no casamento e de nunca mais lhe ser permitido deixá-lo crescer.

— Essa deve ter sido uma prudente regra estabelecida pelo rei Tarquínio Prisco. As mulheres cujos cabelos são cortados não podem proferir encantamen-

[4] Afrodite persiste tenazmente em Pafo. Na aldeia de Konklia — conforme é agora denominada depois do episódio em que a deusa desembarcou de uma concha em suas praias — uma pedra rudemente talhada, imagem neolítica da deusa, permanece no local do primitivo santuário grego e, para a população da região, ainda está impregnada de respeitoso temor. Perto dela existe uma igreja do tempo dos francos, reconstruída em 1450, na forma de uma comum capela grega, na qual a santa venerada é uma beleza loura chamada Panagia Crisopolitissa, "a santíssima mulher dourada da cidade" —, uma perfeita figura de Afrodite com Eros-infante nos braços. O sr. Christopher Kininmonth, que me fornece tais detalhes, diz que a praia é particularmente bela e que os romanos — que substituíram a primitiva construção grega por um templo de Vênus enorme e sem gosto — não rejeitaram a imagem cônica, mas a incorporaram a seu santuário.

tos. Sem dúvida, temia que se vingassem dele por sua severidade para com elas. Nessa época as virgens vestais estavam exclusivamente sob encargo do rei. Era ele, e não o Sumo Pontífice, quem tinha o privilégio de açoitar aquela vestal que deixasse apagar o fogo sagrado e de fustigá-la até a morte se ela tomasse um amante particular.

— Você pode me dizer também por que usavam, em seus sacrifícios, água de nascente misturada com salmoura reduzida a pó e purificada?

— Diga-me primeiro quais as propriedades medicinais da água de salmoura.

— É altamente emética e purgativa.

— Seria adequado para preparar as celebrantes para as festas dos solstícios de verão e de inverno? Eu não tinha pensado nesse emprego suplementar. O que sugiro é que, quando os doze pastores jovens — os sacerdotes bailarinos de Mamúrio ou de Palas — dançavam sua dança orgiástica, hora após hora, ao redor das fogueiras flamejantes, forçosamente suavam em demasia e ficavam a ponto de desmaiar.

— Compreendo o que quer dizer. Nos campos onde se faz a colheita, os camponeses se refrescam sempre com água salgada de preferência à água doce, o que restaura o sal que perdem suando. A água salgada que as vestais empregavam na orgia do solstício de verão seguramente restaurava o vigor dos pastores como por encanto. Mas ainda resta-me outra pergunta, como vingança por todas aquelas que me fez: como foi que Tritão se tornou filho de Posídon?

— Da mesma forma como Proteu se tornou seu pastor. Originalmente Posídon nenhuma relação tinha com o mar. O boto de Crátis, o golfinho de Delfos e a foca da Fócida pertenciam todos à civilização anterior. Posídon os herdou quando chegou ao Peloponeso e à costa oposta do golfo de Corinto e se casou com a deusa do mar, Anfitrite. Tritão deve ter sido filho dela, provavelmente com Hermes; talvez ele governasse na "Lacedemônia do animal marinho". De qualquer modo, Posídon tornou-se seu pai adotivo ao casar-se com Anfitrite, a deusa do mar — considero este um dos títulos primitivos de Atená. (Por falar nisto, o antigo rei-foca Foco, que deu nome à Fócida, era filho de Ornícion, o que significa "filho da galinha", e que este, suponho, seja novamente Pã, que nasceu de um ovo de pica-pau ou do ovo de uma pata penélope.) De uma coisa estou certo: a menos que reconheçamos Tritão, Palas e Pélops como sendo originariamente animais marinhos encarnados numa dinastia de antigos reis, não podemos esperar encontrar qualquer sentido nas lendas de heróis que salvam virgens de animais marinhos. Tais heróis são príncipes que desafiam o rei-animal marinho para um combate e que o derrotam, casando-se, em seguida, com a herdeira real a quem o falecido havia submetido com rigor, e ambos sobem ao trono em virtude do casamento. A herdeira real é a filha do rei, porém também é a reencarnação da lua, fato que explica por que o Palas de Homero era o pai da lua. Encontra-se a mesma lenda no casamento de Peleu com Tétis, a deusa do mar, depois que ele mata Foco, o rei-foca de Egina. Peleu significa "o Lamacento" e pode ser uma variante de Pélops, como o é, decerto, Pélias, o rei cujo terri-

tório Peleu anexou. Em Tróia havia um animal marinho que Hércules, em companhia desse mesmo Peleu, matou, libertando a princesa Hesíone e se fazendo dono da cidade. E claramente as numerosas lendas de príncipes salvos de afogamento por botos indicam pinturas sagradas desses príncipes cavalgando golfinhos como prova de soberania. Aríon, Icádio, Enalo...

— E Teseu, seguramente...

— E também Cerânos, Taras e Falanto. O populacho prefere sempre a anedota, por improvável que seja, ao mito, por mais simples que este for. Vêem um príncipe montado sobre um golfinho, e tomam a imagem como uma realidade literal, sentindo-se obrigados a explicar esta estranha escolha de montaria.

— Contudo, o que você havia prometido explicar no início de nossa conversa e que ainda não o fez é por que razão a deusa Atená tem um nome masculino como seu principal título.

— Ela se tornou andrógina: há muitas divindades desse tipo. Por exemplo, Sin, a divindade-lua dos semitas; Baalith, dos fenícios; e Mitra, dos persas. A deusa é adorada primeiro e é onipotente; pouco depois, um deus se equipara em poder a ela e, então, ou se tornam gêmeos, como aconteceu quando Ártemis concordou em compartilhar Delos com o Apolo de Tempe, ou se fundem num único ser bissexual. Assim é que o hino órfico celebra Zeus como pai e como virgem eterna. O Júpiter de vocês pertence a essa mesma tradição hermafrodita.

— Nosso Júpiter?! Você me surpreende.

— Verdade? Não conhece o dístico que escreveu Quinto Valério Sorano, a quem Craso elogiou como sendo o mais erudito entre todos que envergaram a toga? Não? É assim:

Juppiter Omnipotens, rerum regum-que repertor,
Progenitor genetrix-que Deum, Deus unus et idem.

All kings, all things, entire
From Jove the Almighty came —
Of Gods both dam and sire
Yet God the sole and same.

Júpiter onipotente, das coisas e dos reis criador,
Pai e mãe dos deuses, o mesmo único Senhor.

E Varro, seu rival em erudição, ao escrever sobre a Trindade capitolina, concordou que eles formavam uma única divindade: Juno sendo a natureza como matéria; Júpiter, a natureza como impulso criador; e Minerva, a inteligência que dirige o impulso que cria. Minerva, como se sabe, com freqüência direciona os raios de Júpiter. Por conseguinte, se Júpiter é a virgem eterna, Minerva é, igualmente, o pai eterno. E retornamos ao ponto: Minerva se identifica com

Palas Atená, que é a deusa da sabedoria. Atená, com relação a Palas, representa a mesma coisa que Minerva com respeito a Júpiter: sua melhor metade.

— Essas diversas deusas se confundem em minha mente. Seriam elas a mesma pessoa?

— Na origem, sim. Ela é a mais antiga dentre todos os deuses. Talvez sua forma mais arcaica seja a da deusa Líbia. Se você tiver lido Apolônio recentemente, há de recordar-se que ela apareceu a Jasão, perto do lago Tritão, vestindo pele de cabra.

Paulo teceu um comentário:

— Uma divindade bissexual, naturalmente, permanece casta, é pelo menos o que julgo, a partir do caso de Minerva.

— Casta como um peixe.

— Mas quando Júpiter começou, ele era lúbrico como um animal marinho.

— Foi Minerva quem o modificou.

— Ouso dizer que é por esse motivo que ela é considerada sua filha Sérgia, minha filha, modificou-me. Todas as filhas modificam os pais. Ou tentam. Fui um claudicante animal marinho quando jovem.

— Igualmente o foi Apolo antes que sua irmã Ártemis o modificasse: ele fora, antes, um lúbrico golfinho. Porém, agora, tem castos peixes sagrados em seus templos de Mira e de Hierápolis.

— Isso me recorda uma questão sobre a qual sou ansioso por ter alguma informação: o que você sabe sobre animais marinhos e peixes na religião dos judeus? Pelo que entendo, você deve ter lido seus livros sagrados com cuidado.

— Já faz tempo. Mas me lembro de que existe um interdito parcial sobre peixes na Torá, ou seja, na lei judaica, o que indica uma influência egípcia. Porém, não é relativo aos peixes com escamas, mas diz respeito apenas àqueles que não as têm. Tal fato pode indicar que tenham prestado reverência a animais marinhos como o boto ou golfinho. Além do mais, a Arca Sagrada deles — agora perdida — era coberta com pele de animais marinhos, o que é importante. Durante certo período, os judeus foram tributários dos filisteus, cuja divindade era um animal marinho capaz de muitas transformações chamado Dagon. Apesar de sua língua semita, os filisteus eram, originalmente, imigrantes da raça cretense. Segundo a história da qual me recordo, os filisteus conquistaram os judeus e depuseram a Arca no templo de Dagon, diante de sua estátua fálica, mas o deus que estava trancado na Arca lutou contra Dagon e despedaçou sua estátua. Sim, e o herói lendário que conduziu os judeus para a Judéia se chamava Joshua, ou Josué, "filho do peixe".

— É isso! É exatamente o que eu desejava saber. Outro dia aconteceu-me algo curioso. Recebi uma informação escrita narrando-me que um judeu chamado Barnabé andava pregando uma nova doutrina mística numa sinagoga situada no outro extremo da ilha. Meu informante era um grego-sírio de Antioquia, filho de mãe judia, e dizia que essa doutrina colocava em perigo a paz da ilha. Mandei buscar Barnabé e um outro e escutei o que ambos tinham a dizer.

Esqueci o nome original do segundo, mas se tornara cidadão romano e me pediu permissão para chamar-se Paulo, com o que tive a debilidade de concordar. Não descerei a detalhes da história, basta dizer que Barnabé estava pregando um novo semideus, pelo que pude entender uma recente reencarnação desse heróico Josué. Até que você me contasse eu não sabia que Josué era "filho de peixe"; talvez isto explique o mistério. Em todo caso, meu secretário oriental, um homenzinho inofensivo chamado Manahem, tomou, acaloradamente, partido de Barnabé, na verdade mais do que acaloradamente, e mandou o outro embora com uma ferocidade da qual nunca o supus capaz.

— Conheço Manahem. Ele veio da Corte de Antípas da Galiléia, não é?

— É ele mesmo. Agora está de licença em Alexandria. Muito bem, quando o caso ficou resolvido e Barnabé e o outro Fulano tinham sido ambos expulsos da ilha, com a recomendação de nunca mais voltarem, chamei Manahem a meus aposentos privativos e o repreendi. Não sou muito observador, mas por longa experiência como magistrado aprendi a utilizar meus olhos no tribunal e captei sinais sub-reptícios da parte de Manahem para Barnabé, dando-lhe a entender que deixasse o caso em suas mãos. Fazia um sinal secreto com o pé, um esboço de um peixe traçado no chão. Preguei em Manahem o maior susto de sua vida, ameaçando-o de tortura caso não me explicasse o que significava esse peixe. Confessou imediatamente e me suplicou o perdão. O sinal do peixe, segundo parece, é uma contra-senha da sociedade de Barnabé, que cultiva uma espécie de pacifismo universal sob o comando de um semideus chamado Jeshua — Jesus, em grego —, que tem o título de "O Ungido". A contra-senha é para ser empregada pelos judeus de fala grega e significa, segundo contou Manahem, *Jesus Christos Theos*, cujas iniciais constituem, é claro, as primeiras letras da palavra *ichtus*, peixe. No entanto, acredito que haja mais do que isso.

— Ouvi a respeito dessa sociedade. Eles celebram semanalmente uma festa do amor com peixe, vinho e pão, porém tendem a um ascetismo pitagórico. Pode ter certeza de que o peixe de Jeshua é o do tipo dos castos. O Jeshua que fundou essa seita foi executado durante o reinado de Tibério e, coisa curiosa, sua mãe era uma virgem do Templo de Jerusalém, e seu nascimento é envolto em mistério.

— Com efeito Manahem revelou o fato sob juramento. Você está certo quanto à castidade dessa divindade. Aliás, a religião erótica está fora de moda por toda parte; mostra-se incoerente com nossa moderna estabilidade social, exceto, claro, entre os camponeses. Sabe, Teófilo, forma-se um quadro em minha mente, quase uma visão. Vejo as virgens vestais vestidas de branco em áreas de seu templo oferecendo breves orações ao casto Júpiter, Pai e Virgem, a quem servem. Vejo-as dando voltas devotas ao redor do lago do peixe, onde também dá voltas místicas o peixe sagrado, o peixe de rosto frio e pálido tão casto quanto elas...

Teófilo o interrompeu:

— *Quem era moreno e ardente na época de Sílvia...*

— *E em seu lago se afogam todos os desejos não expressos* — continuou Paulo.

* * *

Teófilo se equivocava ao sugerir que o herói salvava a virgem aprisionada de um animal marinho macho. O animal marinho é uma fêmea — a deusa Tiamat, ou Rahab — e o deus Bel, ou Marduk, que a fere mortalmente e usurpa sua autoridade, a havia aprisionado, ele próprio, na forma feminina, amarrando-a na rocha para impedir que ela causasse maldades. Quando o mito chega à Grécia, Belerofonte e Héracles são representados, mais cavalheirosamente, como aqueles que a libertam do monstro. Até mesmo chegou a ser sugerido que, na iconografia original, as correntes da deusa eram, na verdade, colares, braceletes e tornozeleiras, embora fosse o animal marinho sua emanação.

Capítulo 21

As águas do Estige

Na edição de Parry da obra *Letters* do arcebispo Ussher — que foi erudito primaz da Irlanda durante o reinado de Carlos I, e que fixou a data da criação de Adão no ano 4004 a.C. — existe uma nota na qual se diz que o arqueólogo irlandês Langbaine informou ao arcebispo da seguinte tradição barda:

> Quando um erudito saxão discriminou Nemninus por ser bretão e, desta forma, ignorante dos rudimentos do conhecimento, ele inventou as seguintes letras de improviso para livrar sua nação da acusação de estupidez e ignorância:

ALAP	A	PARTH	P
BRAUT	B	QUITH	Q
CURI	C	RAT	R
DEXI	D	TRAUS	T
EGIN	E	SUNG	S
FICH	F	UIR	U
GUIDIR	G	JEIL	X
HUIL	H	OFR	E
JECHUIT	I	ZEIRC	Z
KAM	K	AIUN	AE
LOUBER	L	ESTIAUL	ET
MUIN	M	EGUI	EU
NIHN	N	AUR	AU
OR	O	EMC	EI
	KENC	ELAU	

Trata-se, obviamente, de uma brincadeira à custa da estupidez do saxão, porque os bardos britânicos vinham usando um alfabeto muitos séculos antes da chegada dos saxões. Mas o que significam esses nomes improvisados para as letras? Uma vez que o estúpido saxão teria empregado a ordem das letras do ABC latino e, ao que parece, ignorava qualquer outra ordem existente, tentemos restaurar o Alap-Braut-Curi à ordem do *ogham BLFSN*. E como podemos

estar bastante seguros de que Nemninus estava se vangloriando de seu conhecimento superior — provavelmente da língua grega para aborrecer o estúpido saxão que só conhecia um pouco do latim monástico — tratemos de transcrever os nomes das letras em grego e de ver se achamos certas combinações de palavras conhecidas.

Este é um quebra-cabeça difícil, porque as palavras adicionais *KENC*, *ELAU* e *ESTIAUL* foram inseridas sem explicação e porque as vogais foram misturadas. (Se *E* é *OFR*, *OR* é, provavelmente, *ER*.) Sem dúvida, a série *DEXI-TRAUS-KAM-PARTH* é estarrecente, pois trata-se, de modo claro, de uma fórmula egípcio-cristã. Recordando o vocabulário especializado de Clemente de Alexandria, lemos o seguinte:

DEXITERAN TRAUSEI PARTHENOMETRA KAMAX

"A lança há de ferir a Virgem Mãe quando estiver a sua destra." Este pentâmetro corretamente elaborado relembra o Evangelho de São Lucas (Lc 2, 35). *Kamax* é ao mesmo tempo "lança" e "estaca" de videira e, assim, uma palavra muito apropriada. A arma a que se refere Lucas é uma espada, porém o cumprimento da profecia, para os místicos cristãos, se realizou com a lança que atravessou o lado de Jesus na crucifixão. E tal como interpreto, no final, a seqüência de oito letras do nome sagrado, os "umbrais do céu" (*OPHREA OURANEIA*) "são convidados a lançar um grito" (*IACHESTHAI*) "de Shiloh" (*JEIL*), "pois o peixe do amor" (*EROS ALABES*) "se aproximou" (*EGGIKEN*) "da terra de On" (*AUNAN*). Aunan, ou On, chamada pelos gregos de Heliópolis e, provavelmente, a cidade mais antiga do Egito, era o centro do culto de Osíris, com probabilidade também do culto do "Cristo enquanto Osíris". Em "Aun", segundo tradição copta, a Virgem Maria lavou os cueiros do menino Jesus na fonte de Ain-esh-Shems, anteriormente consagrada ao deus solar Ra. Das gotas que respingaram das faixas cresceu a árvore do bálsamo sagrado. É provável que esta lenda se referisse, originalmente, à deusa Ísis e ao menino Hórus. Segundo acredito, Gwion fala dela no verso de *Câd Goddeu* — "fui faixas dos cueiros de um bebê — e nos de *Angar Cyvyndawd*. O *alabes* era um tipo de bagre do Nilo adorado em Aun.

Contudo, isto é uma digressão e deixarei a solução para algum erudito em grego interessado em elaborar o resto do encantamento, sem perturbá-lo com a minha própria resposta aproximada.

Dentre os vários objetivos a que me propus no Capítulo 8, um deles ainda não foi alcançado: permanece sem averiguação o significado dos nomes das letras do Beth-Luis-Nion. Podemos supor que, na origem, significassem algo além de árvores, pois os nomes delas em irlandês, com exceção de *Duir* e de *Saille*, não se formam de raízes comuns aos idiomas latino, grego e eslavo, como se poderia esperar.

O significado das vogais no Boibel-Loth demonstrou que expressava uma série de etapas na vida do Espírito do Ano encarnado como rei sagrado. As árvores nomeadas nas vogais do *Beth-Luis-Nion* provaram formar, igualmente, uma série sazonal. É possível que a separação entre vogais e consoantes fosse uma evolução posterior e que, nas origens, as primeiras estivessem distribuídas entre as consoantes a intervalos regulares, como estão nos alfabetos grego e latino: que a letra A, letra do nascimento, mais do que a letra B, letra do começo, iniciasse efetivamente o alfabeto; e que a forma "Ailm-Beth" fosse anterior à "Beth-Luis-Nion", uma vez que as lendas irlandesas sobre o alfabeto especificam a Grécia como o local onde fora inventado e que existe, na Irlanda, uma obstinada tradição camponesa, segundo a qual os *Tuatha dé Danaan* falavam a língua grega; por que motivo, então, não se coloca o Beth-Luis-Nion em grego antigo e não se distribuem as vogais em ordem sazonal entre as consoantes, situando-se: *A*, no solstício de inverno; *O*, no equinócio de primavera; *U*, no solstício de inverno; *E*, no equinócio de primavera; *I*, novamente no solstício de inverno; e por que não se colocam a *Straif* no começo e *Quert* no final do grupo das letras estivais? Será que elas soletrariam outro encantamento religioso?

Deste modo,

> *Ailm*, Beth, Luis, Nion, *Onn*, Fearn, Saille, Straif, Huath, *Ura*, Duir, Tinn, Coll, Quert, *Eadha*, Muin, Gort, Ngetal, Ruis, *Idho*.

Ailm e *Beth* não constituem um começo promissor até que se recorde que *Ailm* (pinheiro prateado, abeto) se pronuncia *Alv*, ou *Alph*, em irlandês. A raiz *alph* expressa tanto brancura quanto produto: assim, *alphos* é a lepra branca não-aguda (*albula*, em latim) e *alphe* significa "ganância"; *alphiton* é a cevada descascada e Alphito é a Deusa Branca do cereal, ou a porca Deméter, alcunhada Cerdo (o que também significa "ganho"), cuja relação com Cerridwen, a Deméter galense, chamada de Velha Branca, já foi ressaltada. O principal rio do Peloponeso é o Alfeu. *Beth*, ou *Beith*, é o mês do vidoeiro, ou bétula, e como em latim é *betulus*, podemos transliterá-lo em grego e escrever *Baitulus*. Imediatamente as palavras começam a adquirir sentido como uma invocação. *Alphito-Baitule*, palavra composta com *Alphito-mantis* ("A que adivinha com a cevada descascada"), indica uma deusa da mesma classe de *Ashima Baetyl* e *Anatha* Baetyl, as duas esposas do hebraico Iahweh, em seu culto do século V a.C., em Elefantina, no Egito. *Baitulos* significa "pedra sagrada onde mora uma divindade" e parece relacionar-se com a forma semita *Bethel* ("Casa de Deus"), porém não se sabe se *Baitulus* é que deriva de Bethel ou vice-versa. Originariamente, a deusa-leoa Anatha Baetyl não era semita, e recebia culto, na Armênia, como Anaítis.

Luis, a letra seguinte do Beth-Luis-Nion, sugere *Lusios*, um título divino comum a inúmeras divindades gregas, que significa "Aquele que limpa a culpa". É particularmente aplicado a Dioniso, sendo *Liber* seu equivalente latino.

Contudo, Dioniso, nos hinos órficos, também é aclamado *Luseios* e *Luseus*, o que sugere que o adjetivo não se formou, diretamente, do verbo *louein*, "lavar", mas da cidade de Lusi, na Arcádia, famosa por sua conexão com Dioniso. Lusi é sombreada pela enorme montanha Aroânia, atualmente o monte Quelmos, e encontra-se perto dos vales do rio Aroânio, que deságua no Alfeu, e do Estige, que desemboca no Crátis. O Estige ("Odiado") era o rio da morte, pelo qual se diz que os deuses juravam e que foi amaldiçoado por Deméter, a Mãe Cevada, quando Posídon a perseguiu com suas atenções mal recebidas, provavelmente, durante a conquista aquéia do vale do Crátis.

ALPHITO-BAITULE LUSIA
"Ó Branca Deusa da Cevada, livra-nos da culpa"

Eis uma descrição que Pausânias faz de Lusi e das redondezas:

> Quando se vai de Feneu para o oeste, a estrada da esquerda leva à cidade de Clítor, ao lado do canal que Héracles construiu para o rio Aroânio. (...) A cidade fica à beira do rio Clítor, que deságua no Aroânio a quase sete estádios de distância. Entre os peixes do Aroânio, encontram-se os sarapintados sobre os quais se diz que cantam como tordos de arribação. Cheguei a ver alguns que tinham sido pescados, mas não produziram som algum, mesmo quando me pus junto ao rio até o pôr-do-sol, que é a hora em que melhor cantam. Os santuários mais famosos de Clítor são: o da Mãe Cevada, de Asclépios e da deusa Ilítia, a quem Olen, antigo poeta lício, num hino composto para os delíacos, chama de "a fiandeira habilidosa" e, assim, claramente, a identifica com a deusa do destino.
>
> A estrada da direita conduz a Nonácris e às águas do Estige. Nonácris ("Nove Alturas") foi outrora uma cidade da Arcádia que recebeu nome por causa da mulher de Licáon.

Licáon, o pelasgo, filho da deusa-ursa Calisto, praticava o canibalismo e deve ter sido um rei-carvalho, uma vez que foi morto pela queda de um raio. Seu clã empregava o totem do lobo e Licáon, enquanto rei-lobo ou lobisomem, reinava até o nono ano. A escolha do rei se definia durante uma festa canibalesca. Sua esposa, Nonácris, era evidentemente a nônupla deusa. Ele é definido como sendo o primeiro homem a civilizar a Arcádia.

Perto das ruínas de Nonácris está o mais alto penhasco que jamais vi ou de que se ouvira falar, e o fio d'água que dele verte é chamado de Água do Estige. (...) Homero coloca na boca de Hera uma referência ao Estige:

> Testemunhem terra e amplo céu
> E o cadente filete do Estige!

Poderia até parecer que Homero havia visitado o lugar, pois faz a deusa Atená dizer:

> Se minha mente sagaz isto soubesse,
> Quando Zeus, Héracles, ao Hades enviou
> Para Cérbero livrar do horrível antro,
> Nunca ele teria logrado a água do Estige
> Que do alto precipita.

A água, que tomba dessa falésia em Nonácris, cai, primeiro, sobre uma rocha alta e, depois, vai para o rio Crátis, é mortífera para os homens e para quaisquer outras criaturas viventes. (...) É também notável o fato de que apenas o casco de cavalo seja imune a seu veneno, pois conterá a água sem ser por ela destruído, como sucede com os recipientes de vidro, cristal, pedra, louça, chifre ou osso. A dita água corrói também o ferro, o bronze, o chumbo, o estanho, a prata, o eletro e até o ouro. Se Alexandre o Grande efetivamente morreu envenenado por essa água ou não, é coisa que ignoro: no entanto, a história certamente corre por aí.

Acima de Nonácris estão as montanhas Aroânias, e nelas existe uma caverna para a qual, se conta, correram as filhas de Preto quando ficaram loucas. Mas Melampo, por meio de sacrifícios secretos e de ritos purificatórios, as trouxe de volta a Lusi, uma cidade perto de Clítor, da qual hoje em dia não sobraram vestígios. Foi lá que ele as curou de sua loucura num santuário da deusa Ártemis a quem o povo de Clítor sempre denominou de "A Consoladora".

Melampo, que significa "Pé Negro", era filho de Amitáon com a ninfa Melanipe ("Égua Negra"). A narrativa de como ele purgou as filhas de Preto com heléboro negro e sacrifícios de porcos e, depois, as livrou de suas loucuras banhando-as nas águas de um córrego, provavelmente se refere à tomada desse santuário danês pelos aqueus, embora seja Melampo considerado um eólico mínio. Ele também conquistou Argos, o centro do culto danês. As três filhas eram a Deusa Tríplice, a Deméter do Estige, que deve ter tido a cabeça de égua, do contrário o casco de cavalo não teria sido uma prova contra o veneno da água. Contudo, segundo Filo de Heracléia e Eliano, o chifre de um asno-unicórnio da Cítia também era resistente ao veneno. Na obra *A vida de Alexandre*, Plutarco diz que o casco de asno é o único vaso seguro. Perto de lá, em Estínfalo, existia um tríplice santuário fundado por Têmenos ("precinto"), o pelasgo, em honra da deusa Hera como "menina, noiva e viúva", uma notável sobrevivência da tríade original. Segundo Pausânias ouviu dos habitantes do local, ela era chamada "viúva" porque discutiu com Zeus e se retirou para Estínfalo; isto provavelmente se refere a uma tardia revivificação do culto primitivo em desafio ao olimpianismo.

Em 1895, *sir* James Frazer visitou Lusi e deixou um valioso relato dela que nos permite interpretar Nonácris como um nome da série de nove precipícios do monte Aroânia que domina o desfiladeiro do Estige. Mesmo em meados do verão ainda havia neve nos penhascos, que ele descreveu como "a mais terrível linha de precipícios" que jamais vira. O Estige se forma da neve derretida e parece negro ao descer pela encosta escura da rocha, porém logo adquire cor azul brilhante por causa do leito de ardósia sobre o qual corre no desfiladeiro. Toda a linha de precipícios é coberta de listras verticais vermelhas e negras — ambas cores da morte na Grécia antiga —, e Frazer explica a descrição de Hesíodo dos "pilares de prata" do Estige, com a observação de que, no inverno, enormes pingentes de gelo emparedam o passo. Ele registra ainda que uma análise química da água do Estige prova que não contém qualquer substância venenosa, embora seja extremamente fria.

A próxima letra do Beth-Luis-Nion sendo *Nion* nos permite continuar a dactílica invocação:

ALPHITO-BAITULE LUSIA NONACRIS
"Ó Branca Deusa da Cevada, livra-nos da culpa,
Senhora das nove alturas"

Frazer achou que ainda sobrevivia em Lusi a crença nos peixes pintados que cantavam — que relembram os peixes pintados do poço de Connla[1] — e também resquícios da tradição das serpentes que Deméter colocara vigiando a água do Estige. Visitou a caverna das filhas de Preto, que domina o precipício do Estige, e descobriu que lá havia uma janela e uma porta naturais formadas pela ação da água.

A letra seguinte é *Onn*. Contudo, como o *A* e o *O* são facilmente confundidos em quase todas as línguas, podemos dar prosseguimento com:

[1] Pausânias tinha chegado, evidentemente, numa época inoportuna do ano, pois, na estação das libélulas, as trutas emitem um guincho seco quando se projetam boquiabertas para fora d'água e sentem o ar em suas guelras. A lenda irlandesa das "trutas cantoras", ao que parece, refere-se a uma dança erótica da primavera em honra da Deusa Branca, de ninfas-peixes que imitavam os pulos e os guinchos das trutas: pois a princesa irlandesa Dechtire concebeu seu filho Cuchulain, uma reencarnação do deus Lugh, como resultado de haver engolido uma libélula; e, logo que ele nasceu, já conseguia nadar como uma truta. O equivalente grego de Cuchulain era Eufemo ("Bem-Falado"), o famoso nadador, filho da deusa-lua Europa, que nasceu junto ao rio Cefiso, na Fócida, mas que tinha um santuário de herói em Tênaro, a principal entrada do Peloponeso para o mundo subterrâneo. O modo de nadar de Eufemo consistia em pular para fora d'água como um peixe e deslizar de uma onda para outra; na época clássica, Posídon, deus dos peixes, reivindicou para si a paternidade do herói.

Tomamos como fundamento para tal escolha a deusa pelasga Ana, irmã de Belus, que os italianos chamavam de Ana Perena. Ovídio, em sua obra *Fasti*, afirma que esta Ana era considerada por alguns como a deusa-lua Minerva e, por outros, como Têmis ou Io de Argos. Ele também a vincula com os bolos de cevada. Seu festival cai no dia 15 de março (idos de março), que é exatamente quando ocorre *Onn* no calendário Beth-Luis-Nion. Provavelmente Ana significa "rainha" ou "deusa-mãe". Safo empregava *Ana* em lugar de *Anassa* (rainha). Ela aparece, na mitologia irlandesa, como a deusa danesa Ana ou Anan, que tinha duas personalidades diferentes. A primeira era a beneficente Ana, um título da deusa Danu, mencionado por Cormac em seu *Glossary* como equivalente a *Buan-ann* (glosado como "boa mãe"). Ela era a mãe dos três deuses primitivos dos daneses, Brian, Iuchurba e Iuchar, aos quais amamentou e criou tão bem que seu nome "Ana" chegou a significar "abundância", tendo sido adorada em Munster como deusa da fartura ou da abundância. Duas montanhas em Kerry, chamadas de "Os seios de Anu", receberam tal nome por causa dela. Também foi identificada por E. M. Hull com Aine de Knockaine, uma deusa-lua de Munster que era encarregada da colheita e do gado e que, na lenda, está ligada com a ulmária, também chamada rainha-dos-prados, a quem outorgou seu perfume; e, também, vinculada ao festival das fogueiras do solstício de verão. A maléfica Ana era a principal pessoa da trindade do destino — Ana, Badb e Macha —; juntas, conhecidas como a Morrigan ou a Grande Rainha; Badb, "fervente", evidentemente, se refere ao caldeirão; Macha, no *Livro de Lecan*, é glosada como significando "corvo".

Ana aparece no floclore britânico como a Annis Negra de Leicester, que tinha uma choupana nas colinas danesas e que costumava devorar crianças cujas peles ela pendurava num carvalho para secar. Era conhecida como "A Gata Ana", mas, segundo E. M. Hull, Annis é uma forma abreviada de Angness, ou Agnes, o que a identificaria com Yngona, "Ana dos ângulos" (dos cantos), uma bem conhecida deusa dinamarquesa. A Annis Negra estava relacionada com uma caçada de lebres na véspera do dia primeiro de maio, posteriormente transferida para a segunda-feira da Páscoa e, por isso, deve ter sido tanto uma ninfa quanto uma velha. Yngona, certamente, era, ao mesmo tempo, Nanna (dividindo seus favores entre Balder e seu rival negro, Holder) e Angurboda, a Velha (a Bruxa) do Bosque de Ferro, mãe de Hel. Contudo, o mais provável é que tivesse residido nas redondezas de Leicester, muito antes que os dinamarqueses houvessem ocupado a parte dela em Mércia e que fosse a deusa danesa Anu, bem antes de se tornar Agnes. Na era cristã, tornou-se uma freira, e existe um retrato dela usando um hábito religioso na sacristia da igreja de Swithland. É também a Bruxa Azul[2] cantada por Milton em suas obras *O paraíso perdido* e

[2] No original consta *Blue Hag*, o que acarreta um problema de ambivalência. *Blue* se traduz

Comus, como uma sugadora noturna do sangue de crianças, que aparecia disfarçada em coruja. A Bruxa de Beare irlandesa também se tornou uma freira; era fácil cristianizar uma deusa da morte porque sua face já estava coberta por um véu. No Capítulo 3 mencionei que Beli era tido como filho de Danu; e a identidade entre Ana e Danu fica bem clara numa genealogia do *Manuscrito 20*, existente no Colégio de Jesus, datado, ao que se supõe, do século XIII, de acordo com a qual Beli, o Grande, é filho de Ana, absurdamente dita filha do imperador de Roma. Noutro trecho faz-se remontar a genealogia do príncipe Owen, filho de Howel o Bom, a *Aballac filius Amalechi qui fuit Beli Magni filius, et Anna mater ejus.*[3] E, por absurdo que pareça, acrescenta-se: *quam dicunt esse consobrinam Mariae, Virginis Matris Domini nostri Jhesu Christi.*[4]

Ovídio e Virgílio sabiam que sua deusa Ana Perena era uma irmã de Belus, ou Bel, que, por seu lado, constituía uma masculinização da deusa suméria Belili; assim como o deus Anu, da trindade babilônica completada por Ea e Bel, era a masculinização da deusa suméria Abba-Nin, usualmente abreviada para Nana.[5] A mulher de Bel era Belit e a de Anu, Anatu. A mulher de Ea, que era a terceira integrante da trindade feminina suméria, chamava-se Dam-Kina, cuja primeira sílaba mostra que ela foi mãe dos daneses. Anna Nin foi, posteriormente, identificada por J. Przbuski na *Revue de l'Histoire des Religions* (1933) com Ana-hita, a deusa do *Avesta*, a quem os gregos denominaram Anaítis e os persas, Ana-hid — o nome que deram ao planeta Vênus.

---

tanto por "azul" quanto por "triste" e *hag* pode ser "bruxa" ou "velha"; pode-se, assim, ler também "Velha Triste". (N. T.)

[3] Isto é estranho. Caso se refira a Abimelec, filho de Amalec, o filho de Baal, e de Anatha, comemora, então, uma tradição segundo a qual a família remonta aos antigos senhores da Siquém cananéia. Quando a tribo israelita de Efraim assentou-se em Siquém — uma cidade que *O Cântico de Débora* mostra ter pertencido, originariamente, à tribo de Amalec —, foi celebrado um tratado de casamento entre o chefe efraimita Gideão, que, desde então, tomou o nome de Jerubaal ("Que seja Baal a lutar"), e a herdeira local, presumivelmente, uma sacerdotisa da deusa-leoa Anatha. Depois de um massacre contra seus rivais, o filho dela subiu ao trono por direito matrilinear e assumiu o título cananeu de Abimeleque; firmando sua posição com a ajuda dos parentes de sua mãe e do deus Baal-berith.

[4] "Abalac, filho de Amalec que era filho do Grande Beli e de sua mãe, Anna, de quem se diz ser prima da Virgem Maria, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo." (N. T.)

[5] No início do Capítulo 11, descrevi Átis, filho de Nana, como o Adônis frígio; no princípio do Capítulo 18, mencionei que Nana o concebera, virginalmente, em conseqüência de ter engolido uma amêndoa madura ou uma semente de romã. A distinção mitológica é importante. A romã estava consagrada a Átis, enquanto Adônis-Tamuz-Dioniso-Rimmon, e, em Jerusalém, como se demonstrou, o culto da romã se ligava ao de Iahweh. Contudo, a amêndoa também era, ao que parece, consagrada a Átis, enquanto Nabu-Mercúrio-Hermes-Tot, cujo culto foi, igualmente, assimilado ao de Iahweh, o que explica o mito registrado por Evêmero, o cético siciliano, segundo o qual Hermes, longe de ordenar o curso das estrelas, apenas foi instruído na astronomia por Afrodite, quer dizer, sua mãe Nana, em honra a quem foi nomeado o planeta Vênus. Assim, Nana, como mãe de Iahweh. Desta maneira, Nana, como mãe de Iahweh em duas de suas personalidades, pode ser considerada avó paterna e materna do Filho Unigênito de Iahweh.

O sr. E. M. Parr escreveu-me dizendo que *An* é uma palavra suméria que significa "céu" e que, em sua opinião, a deusa Atená era outra Anna, a saber, Ath-enna, uma inversão de Anatha, também chamada Neith da Líbia; diz ainda que *Ma* é uma abreviatura da forma suméria *Ama*, "mãe", e que Ma-ri significa "mãe fecunda", derivado de *rim*, "parir uma criança". Mari era o nome da deusa, por causa de quem os egípcios de 1000 a.C. chamavam Chipre de "Ay-mari", e que governou em Mari, no Eufrates — uma cidade saqueada por Hamurabi, em 1800 a.C. — e em Amari, na Creta minóica. Assim, *Ma-ri-enna* significa "a fecunda mãe do céu", aliás, Miriam, Marian de Mariandyne, "a saltitante Myrrhine" de Tróia, e Mariamne: uma palavra de tríplice poder. Contudo, a palavra fundamental é *Anna*, a que confere divindade pelo simples ato de parir e que, também, parece fazer parte do nome de Arianrhod. Com efeito, *Arianrhod* pode não ser uma degradação de *Argentum* e de *rota*, "prata e roda", mas *Ar-ri-an*, "Altíssima mãe fecunda" que faz girar a roda do céu; sendo assim, Ariadne, o equivalente cretense de Arianrhod, seria Ar-ri-an-de, onde o *de* significa cevada, tal como em Deméter. A forma simples Ana, ou Anah, ocorre como nome de um clã horreu (hurrita) no capítulo 36 do Livro do Gênesis; embora masculinizada em duas das três referências a ela, é principalmente celebrada como a mãe de Oolibama (Aholibamah, "tabernáculo do lugar alto"), a herdeira com que casou Esaú em sua chegada às pastagens de Seir. (A suposta descoberta que Ana faz de mulas no deserto se deve a um erro do escriba.) James Joyce celebra a universalidade de Ana em seu *Anna Livia Plurabelle*. E, na verdade, caso se precise de um nome único, simples e abrangente para a Grande Deusa, o melhor é Ana. Para os místicos cristãos ela é "a avó de Deus".

A próxima letra, *Fearn*, explica Perena como uma corrupção de *Fearina*, o adjetivo formado de *Feär* ou *eär*, primavera. Em latim, a palavra conservou seu digama e se escreve *ver*. Disto se conclui que o nome grego de Bran, Foroneu — cujas variantes Vront, Berng e Efron já assinalamos —, era uma variação de *Fearineus* e que, originalmente, era o Espírito do Ano em seu aspecto primaveril vigoroso, ainda que predestinado. A forma latina parece ter sido Veranus, que explicaria o nome familiar plebeu de Veranius, e o verbo *vernare*, "renovar-se na primavera", que se supõe ser uma derivação irregular de *ver, veris*, mas que pode ser uma abreviatura para *veranare*.

ANNA FEARINA
"Rainha da Primavera"

A próxima letra é *Saille*. Vimos que *Saille* está ligada no Boibel-Loth com Salmoneus, Salmaah e Salmon e isto sugere que a palavra correspondente no encantamento seja Salmone, outro título da deusa. Assim:

SALMAONA
"Mãe do Salgueiro"

Houve muitos lugares nomeados por causa dela no Mediterrâneo oriental, incluindo o cabo Salmone, em Creta; a cidade de Salmone, em Élis, além de Salmone, uma aldeia perto de Lusi. O título, ao que parece, se compõe de *Salma* e *Onë*, como em Hesi-onë, que se diz significar "Senhora da Ásia". Pode-se deduzir o sentido de *Salma* a partir de sua ocorrência em topônimos. Trata-se de uma palavra egéia, extraordinariamente difundida e, quase sempre, vinculada à idéia de orientalidade.[6] Salma era uma tribo ao sul da Judéia que vivia a leste da colônia minóica de Gaza; também uma estação na Arábia central na rota de caravana do Mediterrâneo para o golfo Pérsico. Salmalassus era uma estação, na Armênia Pequena, situada na rota de caravana de Trebizonda até o Extremo Oriente. Salmydessus era a cidade mais oriental da Trácia, nas margens do mar Negro; Salmone era o cabo mais a leste de Creta; Salamis, a cidade mais oriental de Chipre; a ilha de Salamina se encontra a leste da cidade cretense de Corinto e a montanha consagrada a Salamanes (em assírio, Salmanu) fica a leste da planície do grande rio, atrás de Antioquia. Como já foi assinalado, Salma tornou-se nome divino na Palestina e disto são variantes Salomão, Salmão e Absalão. Originalmente chamava-se Salma, a divindade a quem a colina de Jerusalém estava consagrada; este lugar é mencionado nas *cartas de Tell-el-Amarna* (1370 a.C.) como Ur-Salim e, nos monumentos assírios, como Ur-Salimu. Em 1400 a.C. o local foi dominado por um chefe de nome semita Abd-Khiba, um vassalo do Egito, que, tal como Melquisedeque de Salém — Ur-Salim? — dizia que governava não por direito de linhagem paterna ou materna, mas por vontade divina. O professor Sayce traduz Uru-Salim como "cidade do deus Salim". Flávio Josefo registra que o primeiro nome da cidade foi Solyma. Salma ou Salim era, evidentemente, o deus semita do sol nascente ou renovado. Salmaone era a deusa egéia da qual ele tomou seus títulos, tal como fez Salmoneus, o eólico, que se opôs aos tardios invasores aqueus e insistiu em produzir raios, matraqueando um carro de latão — infringindo, assim, a prerrogativa do Zeus olímpico. Contudo, é provável que Salma tenha tirado este nome

[6] A palavra egéia contrária a Salma deve ter sido *Tar*, que significava Ocidente ou o sol poente. Tartesso, no Atlântico, era o entreposto comercial mais ocidental dos egeatas, assim como Salmydessus era o mais oriental. Tarraco era o porto no extremo ocidental do Mediterrâneo e Tarrha, o principal porto ocidental de Creta. A reduplicação *tar-tar*, significando "o Ocidente mais longe, mais longe", evidentemente, deu à terra dos mortos seu nome *Tartara*. Ainda que Homero, em *A ilíada*, situe o Tártaro "tão abaixo da terra quanto o céu está acima", Hesíodo torna-o residência de Cronos e dos Titãs, dos quais sabemos que se mudaram para o Ocidente depois de derrotados por Zeus. Taranis era uma divindade gaulesa mencionada por Lucano como sendo cultuada com ritos ainda mais terríveis do que a Diana cita e que significava a Ártemis Tauria, que amava os sacrifícios humanos. Embora os romanos tenham identificado Taranis com Júpiter, provavelmente ela foi, no princípio, uma deusa da morte, a saber, Tar-Anis, a Annis do Ocidente.

na qualidade de semideus do sol renovado, de sua noiva-lua Circe — ou Belili, a Mãe-Salgueiro, Sal-Ma, em honra de quem, em sua estação, se agitavam ramos de salgueiro — e que o significado de orientalidade lhe seja secundário.

ANNA FEARINA SALMAONA
"Rainha da Primavera, Mãe do Salgueiro"

Straif é a letra que se segue. É preciso um verbo principal para começar o segundo grupo de letras. *Strebloein* ou *strabloein* — formado com a raiz verbal *streph*, "retorcer" — significa "passar uma corda pelo sarilho", "torcer ou puxar com força", "deslocar", "torturar", o que confere a *Straif*, o abrunheiro, sua conotação necessariamente cruel.

Depois vem *Huath*. O *u* demonstra apenas que o *H* é aspirado. Não temos a chave para o nome da pessoa ou pessoas a quem a deusa suplicia. Presumivelmente trata-se de Duir, o carvalho; contudo, meu palpite é que sejam Athaneatids, ou Hathaneatids, membros de um dos quatro clãs reais originais da Arcádia. É provável que esta palavra, como *athanatoi*, signifique "aqueles que não são mortais", sendo a palavra grega *thnētos* ("mortal") uma forma sincopada de *thaneātos*. O clã do qual se escolhia o rei sagrado, a vítima da história que se está explicando, naturalmente receberia o nome de "Os Imortais", porque apenas o rei podia conseguir imortalidade por seus sofrimentos, enquanto os membros inferiores da nação estavam fadados a tornarem-se almas atribuladas no inferno.

Assim:

STRABLOE [H]ATHANEATIDAS URA
"Ura, que tortura os Imortais"

Uma vez que *Ura* é a letra seguinte do alfabeto, correspondente ao solstício de verão, a letra da Vênus Urânia, o aspecto mais violento da Tríplice Deusa. Como já se indicou, Ura significa verão, mas, também, a cauda de um leão ou de um urso, expressão de sua fúria. Desta mesma raiz, forma-se a palavra *ouraios* (*"uraeus"*), a serpente sagrada do Egito. Segundo a mitologia clássica, "Uranus", o pai dos Titãs, provavelmente foi, na origem, a mãe deles — Ura-ana, a Rainha Ura. No entanto não devemos procurar apenas um ou dois significados da sílaba *ur*; quanto mais numerosos forem os significados poéticos que puderem ser concentrados num nome sagrado, maior será o seu poder. Os autores da obra irlandesa *The hearings of the Scholars* vinculam *Ur*, a letra do solstício de verão, com *ur*, "terra"; e somos recordados de que esta é a raiz encontrada nas palavras latinas *area*, "uma parcela de terreno", *arvum*, "um terreno arado", e *urvare*, que significa "conduzir, cerimonialmente, um arado em torno do terreno de uma futura cidade" — sentido este também encontrado no grego homérico *ouron*, "limites demarcados pelo arado". Os gramáticos pressupõem que a primitiva palavra grega *ĕra*, "terra", esteja ligada a este grupo de vocábulos — o que sugere

que Erana, Arana ou Urana fosse a deusa-terra cujos favores tinham de ser suplicados quando se aravam os campos ou se fundavam cidades (*urves*, *urbes*) — e que o casamento com suas representantes locais conferia ao chefe o direito de governar sobre suas terras. Sendo assim, o *uraeus* da coroa real tanto simbolizava a grande serpente que envolvia a Terra, quanto as cobras oraculares pintadas consagradas à Deusa. Porém, seu nome podia ter mais três ou quatro significados. Pode estar no lugar de "deusa-montanha (do grego homérico *ouros*, uma montanha), o que indicaria sua identidade com *Mousa*, a Musa, um título de igual significação. Ou no lugar de "Rainha dos Ventos" (do grego homérico *ouros*, um vento), o que explicaria o *uraeus* como símbolo do poder dela sobre os ventos, todos os ventos tendo caudas serpentinas e habitando uma caverna na montanha. Deste modo Urana é um título múltiplo: Mãe Terra, Nossa Senhora do Verão, Deusa da Montanha, Rainha dos Ventos, Deusa da Cauda de Leão. Igualmente pode significar "rainha guardiã" (*ouros*, "um guardião"). Com referência aos aspectos dela como lua-vaca, "governante dos touros selvagens" (*ourus*, do latim *urus*, "gado selvagem"), como a deusa irlandesa Buana. E não podemos esquecer a palavra sânscrita *varunas*, que significa "o firmamento noturno", da raiz *var*, "cobrir", da qual deriva Varuna, o terceiro membro da trindade ariana. Quando a primeira onda de aqueus entrou na Grécia e ficou sob a soberania da Tríplice Deusa Ana, De-Ana, Ath-Ana, Di-Ana ou Ur-Ana, que governava ambos os mundos diurno e noturno, *varunas* perdeu seu sentido especializado e mudou da forma *varun-* para *uran-*, em honra dela e passou a designar o céu em geral. Daí vem Urânia, o título clássico de Ana, que quer dizer "A Celestial".

STRABLOE ATHANEATIDAS URA DRUEI
"Ura, que tortura os Imortais em seu carvalho"

A próxima palavra, *Tinne* ou *Tann*, pode ser expandida para *tanaous*, "esticar", em memória da derivação que Hesíodo propõe da palavra *titan* de *titainein*, "esticar". Ele diz que os Titãs eram homens "esticados", ou suspensos no tronco, na roda, como Íxion. Frazer observa que o carvalho sagrado, que é a árvore de *Tinne*, cresce, majestosamente, em Lusi e que o vale do Estige está cheio de álamos, *Eadha*, a árvore consagrada a Héracles.

A letra *Coll* completa o segundo grupo do alfabeto. *Kolabreusthai* ou *kolabrizein*, que significa dançar um bailado trácio selvagem e insultante, denominada *kolabros*, semelhantes àquela que a deusa Kali dança sobre os crânios de seus inimigos:

DRUEI TANAOUS KOLABREUSOMENÃ
"Esticada, disposta a insultá-los em sua dança selvagem"

A dança, evidentemente, estava relacionada com os porcos, pois *kolabros*, também significa "leitão". Na poesia irlandesa antiga chamam-se os crânios dos

homens recém-mortos de "as bolotas da Morrigan", isto é, de Ana, a deusa do destino disfarçada em porca. Como se pode observar, em Cogul, na pintura da caverna, datada do Paleolítico, um leitão aparece na dança das nove mulheres-lua.

As palavras que vêm depois são *Quert*, também soletrada *Kirt*, *Eadha* e *Muin*. Meu palpite é o seguinte:

KIRKOTOKOUS ATHROIZE TE MANI
"E reúne as filhas de Circe juntas com a Lua"

Circe, "filha de Hécate", era deusa de Ea ("Lamento"), uma ilha sepulcral no Adriático setentrional. Seu nome significa "falcão-fêmea", que é um pássaro de agouro, também está ligado a *circos*, um círculo, por causa dos vôos circulares e por causa do círculo mágico usado em encantamentos; a palavra é onomatopaica, pois o grito dos falcões é "circ-circ". Diz-se que ela transforma homens em porcos, leões e lobos, e as Filhas de Circe, provavelmente, são mulheres vestidas como porcas, participantes em algum festival da lua cheia celebrado em honra dela e de Dioniso. Heródoto descreve este ritual como sendo uma prática comum aos gregos e aos egípcios. Nas orgias persas de Mitra, que tinha uma origem comum com aquelas de Deméter e nas quais um touro era sacrificado e devorado cru, celebrantes, quando homens, eram chamados *Leontes* (leões) e, quando mulheres, *Hyaenae* (porcas). É possível que homens-leões também tomassem parte nesta *kolabros* como filhos de Circe.

As últimas letras são *Gort*, *Ngetal*, *Ruis* e *Idho*. E aqui nos situamos em terreno muito inseguro. A única chave para *Idho* consiste em ser a forma hebraica dela *iod* e a cadméia, *iota*, e no fato de a única palavra grega que começa com *gort* ser Górtis, o famoso fundador da cidade de mesmo nome, na Arcádia meridional, situada num afluente do Alfeu, o *Gortynios* (também chamado Lusios). Gortina, nome de uma famosa cidade de Creta, pode ser a palavra necessária e representar algum título da deusa. No entanto, talvez a abreviatura *Gort* devesse ser *Gorp*. *Gorgopa*, "a de face terrível", um epíteto da deusa da morte Atená, parece fazer um bom sentido. Para preservar a métrica, a palavra deveria ser soletrada *Grogopa*, assim como *kirkos*, com freqüência, se soletra *krikos*.

GROGŌPA GNATHŌÏ RUSĒIS IOTĀ
"Como a deusa do destino, de face terrível, proferirá um rosnido com os maxilares"

Iotes (em cólico, *Iotās*) é uma palavra homérica que significa vontade ou comando divinos; pode ter proporcionado esta personificação da deusa do destino, como *Anagke* ("Necessidade"), cuja primeira sílaba é, provavelmente, *Ana*, ou *Anan* e, como *Têmis* ("Lei"), são ambas do gênero feminino. Eurípides diz que Anagke é a mais poderosa de todas as divindades e que foi de Têmis que

Zeus obteve sua autoridade jurídica; segundo Homero, Têmis era mãe das Parcas e quem convocava as assembléias dos olímpicos. Já dissemos que Ovídio a identifica com Anna.

Assim:

ÁLPHITO-BÁITULE LÚSIA NÓNACRIS ÁNNA FEÁRINA SÁLMAONÁ

"Ó Branca Deusa da Cevada, livra-nos da culpa, Senhora das Nove Alturas, Rainha da Primavera, Mãe do Salgueiro"

STRÁBLOE HÁTHANEÁTIDAS ÚRA DRUÉI TANAOÚS KOLABRÉUSOMENÁ

"Ura, que tortura os Imortais esticados em seu carvalho, disposta a insultá-los em sua dança selvagem"

KÍRKOTOKOÚS ATHROÍZE TE MÁNI GROGÓPA GNATHÓI RUSÉIS IOTÁ[7]

"E reúne as filhas de Circe juntas sob a lua; como Deusa do Destino, de face terrível, proferirá um rosnido com os maxilares"

Pode ser que, nessa ocasião, a Deusa aparecesse como a cadela de três cabeças, a Hécuba ou Hécate, pois *ruzein* era um verbo aplicado principalmente para cachorros; mas, uma vez que Cerridwen, normalmente, está presente à morte do herói solar, talvez o ruído a que se refere fosse o lamurioso grunhido da comedora de carniça, a Velha Porca de Maenawr Pennardd, para quem "os crânios são bolotas".

Nenhum verso grego de época bastante remota sobreviveu para comprovar a métrica e as formas verbais dessa hipotética canção. Pelo menos resultou composta de forma lógica, contra minhas expectativas de como ela sairia. Assim, não posso considerá-la como uma criação propriamente minha. A supressão de palavras dactílicas (uma sílaba longa e duas breves) por anapésticas (duas breves e uma longa) e jâmbicas (breve e longa), na segunda parte da canção, aconteceu de modo natural sem que me desse conta de seu significado. Originalmente, na Grécia, o pé dáctilo e trocaico expressava louvor e bênção, porém os anapésticos e os jâmbicos se restringiam às sátiras e às maldições, assim como o pé espondaico (duas longas) era empregado nos cantos fúnebres.[8] (O uso do jâmbico foi ampliado à tragédia porque esta estava relacionada com o cumprimento de alguma maldição divina, e à comédia, porque esta tinha uma intenção satírica.) Essa canção sugere uma dança de doze pessoas ao redor de um cír-

[7] Os acentos agudos indicam as vogais e ditongos longos, e a ausência indica os breves. (N. T.)

[8] Os fundamentos anglo-saxônios do inglês impedem o emprego do dáctilo clássico como métrica básica. Os poemas dactílicos ou anapésticos, tentados, no princípio e nos meados do século XIX, por Byron, Moore, Hood, Browing e outros, soaram com exuberância exagerada e até vulgar, embora as crianças da escola os apreciem. O que se foi convertendo, gradualmente, na métrica inglesa característica é um meio-termo entre o jâmbico — tomado de empréstimo do francês e do italiano e, originalmente, do grego — e o ritmo tônico dos anglo-saxões, baseado no puxar dos remos. É esclarecedora a gradual modificação que Shakespeare faz do verso jâmbico de dez sílabas que tomou de empréstimo de Wyatt e do conde de Surrey.

culo de doze pedras erguidas — e tendo doze compassos para cada metade — sendo cada compasso alternado marcado por um dançarino que bate com a palma da mão numa pedra perto dele ou, talvez, com uma bexiga de porco. No meio do círculo o rei sagrado é amarrado no carvalho podado, com o nó de cinco laços, numa corda feita com tiras de salgueiro, esperando a morte cruenta.

De acordo com alguns mitógrafos, existiram doze Titãs, machos e fêmeas; e este número canônico foi preservado na quantidade de deuses e deusas olímpicos que os sucederam. Heródoto registra que os pelasgos não adoravam deuses e consentiram no sistema olímpico apenas sob ordem expressa do oráculo de Dodona — suponho que foi quando este, outrora o porta-voz da deusa dos bosques, foi tomado pelos aqueus. É provável que estivesse correto: afinal, os pelasgos adoravam apenas uma deusa e seu filho semidivino, o rei. Na Arcádia, parece que este usava galhos como chifres. Uma tardia gema minóica que possuo — um pendente de coralina branca com faixas — mostra um corço agachado perto de um bosque, numa atitude chamada, na heráldica, de *regardant*. As dez pontas de seus galhos, talvez, se refiram ao décimo mês, *M*, correspondente à lua da vindima; além do que uma lua nova sobe acima dele. O fato de estes Titãs figurarem, na mitologia grega, como filhos de Urano só pode significar serem companheiros do rei sagrado, o qual recebia seu título da deusa Urânia. Os outros Titãs, que são sete, regiam a semana sagrada.

Se, conforme foi sugerido, Pitágoras fora iniciado neste mistério alfabético pelos dáctilos, é possível que tenha feito derivar deles sua teoria sobre as cono-

---

Os primeiros versos de *O rei João* dizem:

REI JOÃO: *Now say, Chatillon, what would France with us?*

CHATILLON: *Thus, after greeting, speaks the King of France,*
In my behaviour, to the majesty,
The borrowed majesty of England Here (...).

Quinze anos mais tarde, em *A tempestade*, depois de abrir a cena, quase que inteiramente em prosa, Miranda se dirige a Próspero:

If by your art, my dearest father, you have
Put the wild waters in this roar, allay them!
The sky, it seems, would pour down stinking pitch
But that the sea, mounting to the welkin's cheek
Dashes the fire out. O, I have suffered (...).

Sugeriu-se que Shakespeare andava trabalhando, de modo consciente, na direção de uma prosa rítmica. Parece-me uma interpretação errônea de suas intenções: depois das variações destruidoras das normas do jâmbico de dez sílabas, ele sempre retornou a elas como um lembrete de que ainda estava escrevendo versos; e nunca poderia fazer de outro modo. Aqui, por exemplo, Miranda, depois de sua primeira explosão de horror, termina sua fala numa grande sobriedade métrica. [*N. T. Como o objetivo é mostrar a métrica, pareceu inconveniente e prejudicial qualquer tradução do texto citado.*]

tações místicas do número; e tal possibilidade torna-se probabilidade quando as letras iniciais do encantamento são numeradas de 1 a 20:

A	— 1	D	— 11
B	— 2	T	— 12
L	— 3	C	— 13
N	— 4	Q	— 14
O	— 5	E	— 15
F	— 6	M	— 16
S	— 7	G	— 17
Z	— 8	Gn	— 18
H	— 9	R	— 19
U	— 10	I	— 20

Nesta tabela descobre-se uma maior aproximação da verdade poética do que por parte do sistema bardo irlandês das letras-numerais registrado no final do Capítulo 16, o qual se baseia numa ordem alfabética diferente e nega qualquer valor ao *H* e ao *U*. Aqui, a pentade dominante das vogais ocupa o primeiro e o último lugares e, como se poderia esperar, também o quinto e o décimo (respectivamente, "o bosque dos sentidos" e "a perfeição" no sistema pitagórico) e o extático 15, o ápice da lua cheia da *Canção da subida* a Jerusalém. O segundo, o quarto, o sexto e o oitavo lugares — no sistema pitagórico os números pares são masculinos e os ímpares, femininos — são ocupados por *B* (começo), *N* (inundação), *F* (fogo) e *Z* (paixão furiosa), uma seqüência crescente de luxúria masculina que, depois de ser refreada pelo *H*, 9, a letra da castidade prémarital imposta pela Nônupla Deusa, encontra sua consumação no *U*, 10, onde se reúnem os princípios masculino e feminino. As letras intermediárias são *L*, 3, a letra da tocha da regeneração presidida pela Hécate das três tochas; *O*, 5, a letra da iniciação nos mistérios do amor; *S*, 5, a letra do encantamento feminino ("Atená", no sistema pitagórico). O 11 e o 12 são ocupados, respectivamente, por *D* e *T*, as chefes gêmeas da companhia de 12 (no sistema irlandês a ordem está trocada); o 13 pelo *C*, a letra dos sacrossantos magos porqueiriços da Deusa; e o 19 pelo *R*, a letra da morte, adequada para encerrar o ciclo de dezenove anos. Os valores numéricos das letras restantes se resolvem com a mesma facilidade. Como o encantamento ensinado pelos dáctilos era orgiástico, continha adequadamente vinte elementos — como se fossem os dedos das mãos da mulher e aqueles de seu amante, mas Pitágoras se contentou em especular apenas sobre o tetráctis de seus próprios dez dedos.

Em resumo, esse encantamento de vinte palavras gregas fornecia os nomes das letras de um alfabeto que era empregado, na tardia Arcádia minóica, até a segunda invasão aquéia, pelos descendentes dos invasores originais, os quais se haviam convertido à adoração da Deusa Branca. Seu culto implicava o emprego de um calendário solar artificial de treze meses, em que cada mês se representava por diferente árvore, o qual fora inventado, independentemente, do

alfabeto e cujo uso era amplamente difundido. Pode-se demonstrar que alguns de seus elementos sazonais datam de tempos pré-dinásticos, e embora as árvores da versão irlandesa — a única que sobrevive completa — sugiram uma origem no Ponto ou na Paflagônia, o calendário pode ter origens no Egeu, na Fenícia ou na Líbia, com um cânone arbóreo ligeiramente diverso. Tampouco é provável que o alfabeto e o calendário tenham chegado juntos à Grã-Bretanha. O calendário pode ter sido introduzido, no final do terceiro milênio a.C., por um povo neolítico que tinha contato próximo com a civilização egéia, junto com a agricultura, a apicultura, a dança do labirinto e outros implementos culturais. Ao que parece, o alfabeto foi introduzido depois, no final do segundo milênio a.C., por refugiados oriundos da Grécia.

Como sempre havia doze pedras no *gilgal*, ou círculo de pedras, usado para fins sacrificiais, a próxima empreitada consiste em caçar o corço branco, de modo especulativo, em torno das doze casas do Zodíaco.

Não se sabe quando e onde o Zodíaco teve origem, mas acredita-se que tenha evoluído, gradualmente, na Babilônia, a partir das doze passagens da vida do herói Gilgamesh: o fato de ele matar o Touro, seu namoro com a Virgem, suas aventuras com os dois homens-escorpiões (posteriormente a Balança tomou lugar de um deles) e o episódio do dilúvio (correspondente ao Aguadeiro, ou Aquário). Tabuinhas de calendário do século VII a.C. dão apoio a isto, mas a *Epopéia de Gilgamesh* não é um texto efetivamente antigo; Gilgamesh, ao que se acredita, foi um invasor hicso (cassita) da Babilônia no século VIII a.C., para quem se transferiu a história de um herói anterior, um Tamuz de tipo familiar já vinculado ao Zodíaco.

A julgar pelos dados astronômicos desatualizados, citados num poema de Aratus, um grego helenista, o Zodíaco original já estava difundido no final do terceiro milênio a.C. Contudo, é provável que tivesse sido fixado pela primeira vez numa época em que o sol se levantava: em Gêmeos, no equinócio de primavera, festa dos pastores; em Virgem, geralmente identificada com Ishtar, deusa do amor, no solstício de verão; em Sagitário, ou Arqueiro, identificado com Nergal (Marte) e, mais tarde, com Quirão, o Centauro, no equinócio de outono, estação tradicional da caça; em Peixes, símbolo da ressurreição, no solstício de inverno, tempo das chuvas fortes. (Há de recordar-se que as transformações do herói solar Llew Llaw têm início por um peixe no solstício de inverno.)

Os signos do Zodíaco foram tomados de empréstimo pelos egípcios, num período que remonta, no máximo, ao século XVI a.C., com certas alterações — Escaravelho em lugar do Caranguejo (Câncer), Serpente em vez do Escorpião, Espelho em substituição do Capricórnio etc. —, contudo, nesta ocasião, o fenômeno conhecido como precessão dos equinócios já havia estragado toda a história original. A cada dois mil anos mais ou menos, o Sol se levanta num signo anterior; assim, em 3800 a.C., o Touro começou a empurrar Gêmeos para fora da casa do equinócio de primavera e deu início ao período relembrado por Virgílio em seu relato sobre o nascimento do homem:

The white bull with his gilded horns
Opens the year (...).

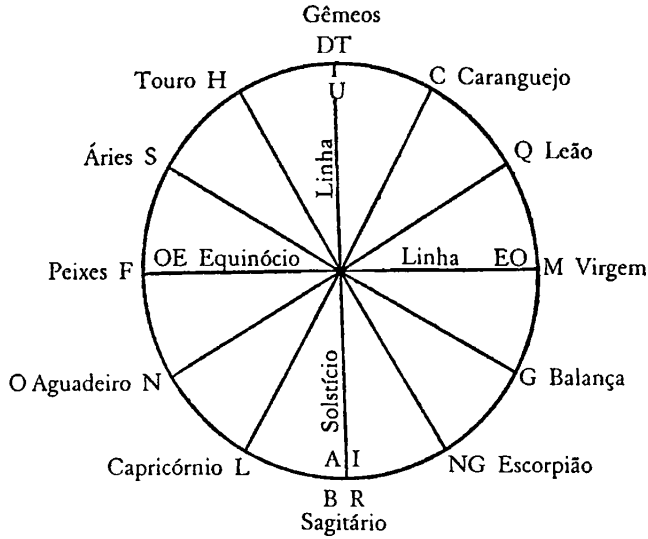
O branco touro de doirados chifres
Ao ano dá início (...).

Na mesma época, a cauda do Leão entra no lugar de Virgem no solstício de verão — ao que se deve, presumivelmente, o título da deusa como "*Oura*", a cauda do leão — e, pouco a pouco, se seguiu o corpo do Leão, depois do que, por certo tempo, ela se tornou leonina, mantendo apenas a cabeça de Virgem. De igual modo, O Aguadeiro (Aquário) sucedeu Peixes no solstício de inverno e forneceu a água para que flutuasse o berço do Espírito do Ano.

Por volta de 1800 a.C., o próprio Touro foi empurrado para fora da casa da primavera pelo Carneiro (Áries). Isto pode explicar a restauração do mito do Zodíaco em honra de Gilgamesh, um rei-pastor desse período; ele era o Carneiro que destruiu o Touro. Igualmente, o Caranguejo sucedeu ao Leão no solstício de verão; assim, a deusa do amor tornou-se uma divindade marítima com templos espalhados pela costa. O Bode (Capricórnio) sucedeu ao Aguadeiro (Aquário) no solstício de inverno. Deste modo o Espírito do Ano-Novo nascia de uma cabra. Os gregos do Egito chamaram, então, o Carneiro de "O Velo de Ouro" e passaram a narrar a lenda do Zodíaco como a viagem dos Argonautas.

A grande desvantagem do Zodíaco consiste em seu fracasso como um calendário perene, tal como serve a seqüência das árvores do Beth-Luis-Nion, o qual, por sua vez, nenhuma tentativa faz para relacionar os equinócios e solstícios com as doze constelações do Zodíaco. Talvez o mito do Zodíaco primitivo estivesse fundamentado na história do corço que se relaciona com a seqüência arbórea em *A canção de Amergin*, desde que se lhe faça um melhoramento científico, porque é mais difícil de se manejar um ano de treze meses com estações de equinócio e de solstício caindo em intervalos irregulares, do que um ano de doze meses que tenha intervalos exatos de três meses entre cada uma das quatro estações. De qualquer forma, o arquétipo de Gilgamesh, o herói do Zodíaco, era *Tammuz*, um herói do culto das árvores que tinha inúmeras aparências; e o calendário arbóreo de treze meses parece mais primitivo do que o de doze meses.[9]

[9] O fato de que o ano de Osíris consistisse, originalmente, em treze meses de 28 dias, mais um dia extra, parece sugerido pela duração legendária do reinado de Osíris, a saber, 28 anos — sendo que, em mitologia, os anos querem dizer dias e os dias, anos — bem como pelo número de pedaços em que ele foi retalhado por Set, a saber, treze partes, além do falo que representava o dia extra. Quando Ísis reuniu os pedaços, o falo havia desaparecido, devorado por um peixe. Isto explica a proibição sacerdotal, no Egito, de comer peixe, exceção feita apenas num dia do ano.



Certamente a história que ele narra é mais coerente do que aquela de Gilgamesh ou a de Jasão. Trata-se de mito puro, descontaminado da história. Assim, ocorre que o alfabeto das árvores, tendo os Gêmeos [*D* e *T*] combinados num único signo, coincide com o Zodíaco tal como ele se apresenta hoje em dia, com Peixes na casa do equinócio de primavera. (Ver a figura acima.)

Contudo, ainda não respondemos à pergunta por que Higino atribuiu às Parcas a invenção das letras *F* e *H*.

Trata-se de uma chave bastante útil o fato de Higino atribuir a Palamedes a invenção do disco, caso o professor O. Richter esteja correto ao sugerir que a imagem de Atená com seu *aegis* (escudo) é antecipada pelas figuras femininas cipriotas de período tardio que seguram discos do mesmo tamanho dos discos de Festos (com 18 centímetros de diâmetro). Sabemos, pela lenda do infante Erictônio, que o *aegis* era um saco feito de pele de cabra, transformado em escudo por uma armação circular. Seria esse saco ou bolsa utilizado para guardar o disco sagrado, semelhante ao saco de pele de garça ou de grou que continha as letras do alfabeto pelasgo de Palamedes, tendo na boca uma semelhante máscara de Górgona como sinal de alerta? Se assim for, parece provável que o disco guardado tivesse gravado em espiral seu próprio Sagrado e Inefável Nome enquanto deusa líbia-pelasga da sabedoria. Caso esse Nome estivesse escrito com letras e não com hieróglifos, poder-se-ia soletrá-lo com as cinco letras *IEUOA* ou com as sete letras *JIEUOAŌ*, duplicando-se a primeira [*J* no lugar de *Y*] e a última letras de *IEUOA*. Ou ainda uma vez que se tratava da Deusa-Lua Tríplice, ou seja, as próprias Três Parcas que inventaram as cinco vogais, juntamente com o *F* e o *H*, podia ser que, no disco, estivesse escrito o nome de

nove letras *JIEHUOVAŌ* [lendo-se o *V* com o som de *F*, obviamente], composto para que contivesse não apenas o Nome de sete letras, mas, também, o primeiro e o último dias da semana, o que a revelava como a Sabedoria feita com o material dos Sete Pilares. Se era *JIEHUOVAŌ*, então Simônides (mais provavelmente Pitágoras, que o precedeu) demonstrou pouca inventividade ao cunhar a forma de oito letras *JEHUOVAŌ* em honra do imortal deus solar Apolo, omitindo o *I*, vogal da morte, e conservando o *Y* (*J*), a semivogal da geração.

Capítulo 22

A Tríplice Musa

Por que os poetas invocam a Musa?

Milton, nos primeiros versos de seu *Paraíso perdido*, resume de modo breve a tradição clássica e afirma sua intenção, como cristão, de transcendê-la:

> *Sing, heav'nly Muse, that on the secret top*
> *Of Oreb, or of Sinai, didst inspire*
> *That shepherd, who first taught the chosen seed*
> *In the beginning how the heav'ns and Earth*
> *Rose out of Chaos: Or if Sion hill*
> *Delight thee more, and Siloa's brook that flow'd*
> *Fast by the oracle of God: I thence*
> *Invoke thy aid to my advent'rous song*
> *That with no middle flight intends to soar*
> *Above th'Aonian mount, while it pursues*
> *Things unattempted yet in prose ou rhime.*

> Canta, ó celestial Musa, como ensinaste,
> Sobre o secreto cume, do Horebe ou do Sinai,
> Ao pastor que primeiro ensinou à raça eleita
> Como, no princípio, céu e terra
> Do caos surgiram: ou, se a colina de Sião
> Preferires, como o riacho de Siloé veloz
> Corre junto ao oráculo de Deus: a partir daí
> Invoco tua ajuda para meu canto audacioso
> Que, em alto vôo, pretende o monte Aônio
> Ultrapassar, enquanto segue e persegue
> Coisas nunca tentadas em prosa ou verso.

O monte Aônio é o monte Hélicon, na Beócia, uma montanha situada a poucos quilômetros a leste de Parnasso e conhecida na época clássica como "O Trono das Musas". É também uma referência ao memorável verso do poema *As geórgicas*, de Virgílio:

Aonio rediens deducam vertice Musas

Este verso é pronunciado por Apolo, deus da poesia, que, nos tempos de Virgílio, era também reconhecido como divindade solar. O verso significa: "No meu retorno, farei as Musas descerem do alto do monte Hélicon". Apolo refere-se à transferência do culto das Musas de Ascra, uma cidade nas fraldas do Hélicon, para Delfos, no monte Parnasso, local este que acabara de ser-lhe consagrado. No Hélicon existe uma nascente chamada Hipocrene, "O Poço do Cavalo", que tem a forma de uma ferradura. A lenda conta que o local foi tocado pelo casco do cavalo Pégaso, cujo nome significa "das nascentes d'água". Diz-se que os poetas bebiam da fonte de Hipocrene para obter inspiração. Daí os versos de John Skelton (*Against Garneshe*):

I gave him of the sugryd welle
Of Eliconys waters crystallyne.

Dei-lhe das águas cristalinas
Do sagrado poço de Hélicon.

No entanto, pode-se supor que Hipocrene e Aganipe tenham sido, originalmente, marcadas pelo casco em forma de lua de Leucipe ("Égua Branca"), a própria mãe com cabeça de égua, e que a lenda segundo a qual Belerofonte, o filho de Posídon, dominou Pégaso e, em seguida, destruiu a Quimera de forma tríplice, é, na realidade, uma narrativa sobre a tomada pelos aqueus do santuário da Deusa. Com efeito, anteriormente Pégaso chamava-se Aganipe. *Aganos* é um adjetivo homérico aplicado aos dardos de Ártemis e de Apolo, com o significado de "o que proporciona uma morte misericordiosa"; assim, Aganipe significaria "a égua que destrói de maneira misericordiosa". Tal suposição é fortalecida pela lenda grega da perseguição de Deméter, a Mãe Cevada, pela divindade aquéia Posídon. Deméter, para escapar a seu assédio, disfarça-se em égua e esconde-se entre os cavalos de Ôncios, o arcádio, mas Posídon transforma-se num garanhão e a cobre: sua raiva por este ultraje explica sua estátua em Onceum, chamada Deméter Erina — a Fúria.

Deméter, como deusa-égua, era amplamente adorada com o nome de Epona, ou "As Três Eponas" entre os celtas gauleses, e existe um estranho relato em *Topografia da Irlanda*, de Geraldo de Câmbria demonstrando que resquícios do mesmo culto sobreviveram na Irlanda até o século XII. Refere-se à coroação de um reizinho irlandês em Tyrconnell e, num prólogo a esta história, fala de seu renascimento simbólico de uma égua branca. Ele engatinhou nu na direção dela como se fosse seu potrilho; logo mataram a égua e puseram seus pedaços para ferver num caldeirão. Então ele entrou no caldeirão e começou a sugar o caldo e a comer a carne. Depois colocou-se sobre uma pedra de entronização, recebeu de presente uma vara branca e reta e a girou três vezes da esquerda para a direita e

três vezes da direita para a esquerda — "em honra à Trindade". Originalmente seria, sem dúvida, em honra da Tríplice Deusa Branca.

O cavalo, ou o pônei, tem sido um animal sagrado na Grã-Bretanha desde os tempos pré-históricos, e não apenas depois da introdução, na Idade do Bronze, da raça asiática mais forte. A única figura humana representada no espólio do Paleolítico britânico é um homem usando uma máscara de cavalo numa peça esculpida em osso, encontrada numa caverna em Derbyshire Pinhole, um remoto ancestral dos atores disfarçados em cavalos que atuam durante o Natal na Inglaterra. Saxões e daneses veneravam o cavalo tanto quanto seus predecessores celtas, e a proibição de comer carne de cavalo sobrevive, na Grã-Bretanha, na forma de forte repugnância física, apesar das tentativas feitas durante a Segunda Guerra Mundial para popularizar a hipofagia. Contudo, entre os britânicos da Idade do Bronze, a proibição deveria ser levantada durante uma festa anual do cavalo, celebrada em outubro, tal como entre os latinos. Na Dinamarca medieval sobreviveu, entre os pagãos da classe servil, um festival extático do cavalo, que durava três dias e que acabou proibido pela Igreja. Johannes Jensen dá uma descrição circunstancial dele em seu *Fall of the King*. Ele relata que o sacerdote, tomando o sangue do cavalo numa tigela, primeiramente o aspergia nas direções sul e leste — o que demonstra ser o cavalo uma encarnação do Espírito do Ano Solar, filho da deusa-égua.

No *Romance of Pwyll, Prince of Dyfed*, a Deusa aparece como Rhiannon, mãe de Pryderi. Rhiannon é uma corruptela de Rigantona ("Grande Rainha") e Dyfed compreendia a maior parte de Carmarthen, o Pembrokeshire inteiro e incluía a diocese de são Davi; seu ponto central era chamado de "A Porta Escura", uma entrada para o mundo subterrâneo. Quando Pwyll ("Prudência") vê Rhiannon pela primeira vez e se apaixona por ela, persegue-a em seu cavalo, que era mais veloz, mas não consegue alcançá-la; evidentemente, na lenda original, ela assumiu a forma de uma égua branca. Quando, por fim, ela consente em ser alcançada, casando-se com ele doze meses depois, dá-lhe um filho chamado Pryderi ("Ansiedade"), que desaparece logo ao nascer. Suas damas de companhia levantam um falso contra ela e a acusam de tê-lo devorado, salpicando-lhe a face com o sangue de cachorros. Como penitência, ordenam-lhe que fique num poial do lado de fora do palácio de Pwyll, como uma égua, pronta para carregar os convidados em seu dorso.[1] A vida de seu filho, Pryderi, está intimamente ligada a um potro mágico que fora salvo de uma harpia; todos os potrilhos anteriores da mesma égua tinham sido arrebatados na véspera do dia Primeiro de Maio e jamais tornaram a ser vistos. Pryderi, um Menino Divino do tipo que é tirado de sua mãe — tal como Llew Llaw, Zeus e Rômulo — e, como de costume, mais

[1] No Norte esta tradição mágica sobreviveu no culto das bruxas. Em 1673, Anne Armstrong, bruxa de Northumberland, confessou, em seu processo, que sua senhora, Ann Foster, de Stockfield, a transformou temporariamente numa égua, colocou-lhe um bridão pela cabeça e a montou até um encontro de cinco bruxas em Riding Mill Bridge End.

tarde recebe dela o nome e as armas, monta o cavalo mágico e, finalmente, se converte no Senhor dos Mortos. Como se observa, Rhiannon é uma deusa-égua, mas é também uma deusa-Musa, pois as sereias que aparecem em *As tríades* e, também, no *Romance de Branwen*, cantando com maravilhosa doçura, são chamadas de "Os pássaros de Rhiannon". A lenda sobre os cachorros recorda o hábito romano de sacrificar cães avermelhados na primavera para evitar a influência nefasta da estrela Sírius sobre os seus cereais. Rhiannon, com efeito, é a Deméter-égua, sucessora da Deméter-porca Cerridwen. Que a primeira devorava crianças, tal como esta segunda, comprova-se por meio do mito de Leucipe ("Égua Branca"), a Orcomênia, que junto com duas irmãs ficaram selvagens e devoraram seu filho Hipasso ("potrilho"); e, também pelo mito relembrado por Pausânias de que Réia, quando deu Posídon à luz, ofereceu a seu amante, Cronos, um potro para que ele devorasse em lugar da criança, que ela entregara, secretamente, aos cuidados dos pastores do Arno arcádico.

O monte Hélicon não foi o primeiro lugar das deusas-Musas, tal como demonstra seu título "As Piérides" — geralmente diz-se que a palavra "Musa" deriva da raiz *mont*, que significa "montanha" —, cujo culto fora levado para o Hélicon na Idade Heróica durante uma migração de beócios do monte Piéria, situado no norte da Tessália. Contudo, de modo a fazer com que as Musas transplantadas se sentissem em casa, no Hélicon, e a preservar a antiga magia, os beócios nomearam os aspectos geográficos da montanha — fontes, picos e grutas — segundo os acidentes que lhes correspondiam no Piéria. Nessa ocasião as Musas eram em número de três, uma Trindade indivisível, tal como os católicos da Idade Média reconheceram ao construir uma igreja dedicada a sua Santíssima Trindade no lugar do santuário abandonado das Musas heliconianas. Os nomes adequados das três pessoas eram Meditação, Memória e Canção. O culto das Musas no Hélicon (e, presumivelmente, também no Piéria) relacionava-se com a maldição e a bênção mágicas. O Hélicon era famoso pelas ervas medicinais que suplementavam as encantações — especialmente pelo heléboro negro de nove folhas, empregado por Melampo em Lusi como remédio para as filhas de Preto. Esta planta podia curar ou provocar a insanidade, e tem uma ação estimulante sobre o coração similar ao *digitalis* (dedaleira). O referido monte era famoso também pelas danças eróticas da fertilidade perto de um Hermes em Téspias, cidade situada em suas fraldas, na qual intervinham as mulheres adoradoras das Musas. Spenser chama as Musas de "Virgens do Hélicon"; ele poderia tê-las chamado igualmente de "bruxas", pois as bruxas de sua época adoravam a mesma Deusa Branca — chamada, em *Macbeth*, de Hécate —, dançavam as mesmas danças da fertilidade em seus *sabats* e eram dotadas, igualmente, de magia encantatória e do conhecimento de ervas.

As sacerdotisas da Musa do Hélicon, segundo se pode presumir, empregavam dois produtos do cavalo para estimular seus êxtases: o viscoso fluido vaginal da égua no cio e a membrana negra ou *hippomanes*, cortada da fronte de um potro recém-nascido, a qual a égua (segundo Aristóteles) come normalmente,

como meio de aumentar seu amor materno. Na *Eneida*, Dido emprega o *hippomanes* em seu filtro do amor.

Skelton, em seu livro *Garland of Laurell*, assim descreve a Tríplice Deusa em suas três personagens como Deusa do Céu, da Terra e do Mundo Subterrâneo (ou inferno):

> *Diana in the leavës green,*
> *Luna that so bright doth sheen,*
> *Persephone in Hell.*
>
> Diana nas folhas verdes,
> Lua que tão brilhante resplandece,
> Perséfone no Inferno.

Como Deusa do Inferno, preocupava-se com o nascimento, com a procriação e com a morte. Como Deusa da Terra, com as três estações, primavera, verão e inverno: animava árvores e plantas e governava todos os seres vivos. Como Deusa do Céu, era a Lua, em suas três fases: nova, cheia e minguante. Isto explica por que de uma tríade, com freqüência, era aumentada para uma Enéade. Contudo, não se deve nunca esquecer que a Deusa Tríplice, como adorada, por exemplo, em Estinfália, era uma personificação feminina primitiva — mulher criadora e destruidora. Como lua nova, ou primavera, era uma jovem; como lua cheia, ou verão, era mulher adulta; como lua minguante, ou inverno, era a velha bruxa.

Numa "*allée couverte*" de um cemitério galo-romano em Tressé, perto de São Malo, na Bretanha, num megálito ereto está esculpido um par de seios de jovem; noutro, um par de seios maternais; uma terceira pedra está quebrada, mas V. C. C. Collum, que escavou o cemitério, sugere que poderia representar o terceiro par — provavelmente os seios murchos da velha bruxa. Neste mesmo cemitério, datada do século I d.C. por uma moeda de bronze de Domiciano, foi encontrada uma ponta de flecha no formato comum de folha de salgueiro, decorada com a incisão de duas meias-luas. Como se sabe, o salgueiro era consagrado à lua e, no Beth-Luis-Nion, é *saille*, a letra *S*. O caractere mais primitivo da letra grega *S* é o *C*, tomado de empréstimo da escrita linear cretense. *Sir* Arthur Evans, em seu livro *Palace of Minos*, fornece uma tábua mostrando o gradual desenvolvimento dos caracteres cretenses a partir de ideogramas, e, ali, o sinal *C* é explicado como uma lua minguante — a deusa-lua como velha bruxa. A ponta de flecha — que estava deslocada, inteiramente, no tempo da Bretanha romana, exceto para usos rituais, tal como hoje em dia estão deslocados a espada estatal da rainha e o báculo arcebispal — deveria constituir uma oferenda à terceira pessoa da Trindade feminina.[2] V. C. C. Collum se deu ao trabalho de

[2] Ainda não se prestou atenção suficiente à origem mágica, antes que utilitária, das pontas

mandar analisar o carvão encontrado debaixo dos monumentos, aparentemente os restos de uma pira funerária na qual o morto fora cremado. Tratava-se de carvão respectivamente de salgueiro, carvalho e aveleira, uma expressiva seqüência: encantamento, realeza e sabedoria.

No princípio não havia na Europa deuses masculinos contemporâneos da Deusa que pudessem desafiar seu prestígio ou poder; porém, ela tinha um amante que era, alternativamente, a benéfica Serpente da Sabedoria e o benéfico filho Estrela da Vida. O filho se encarnava nos demônios masculinos das diversas sociedades totêmicas governadas por ela, que participava das danças eróticas celebradas em sua honra. A serpente, encarnada nas serpentes sagradas, que representavam os fantasmas dos mortos, era quem enviava os ventos. O filho, que também se chamava *Lucifer* ou *Phosphorus* ("Aquele que traz a luz") porque, como estrela vespertina, trazia a luz da lua, renascia a cada ano, crescia à medida que o calendário corria, destruía a serpente e conquistava o amor da Deusa. Esse amor o aniquilava, mas, de suas cinzas, nascia outra serpente que, na Páscoa, colocava o *glain*, ou o ovo vermelho, que ela comia; de modo que o filho, mais uma vez, renascia dela como criança. Osíris era uma estrela-filho e, ainda que depois de sua morte desse voltas ao redor do mundo como uma serpente, quando seu falo de 50 jardas de comprimento era transportado em procissão, ele era coroado por uma estrela dourada; isto o representava, de modo renovado, como Hórus infante, filho de Ísis, que fora, ao mesmo tempo, sua esposa e aquela que preparou seu corpo para o enterro e que, agora, se tornava novamente sua mãe. O poder absoluto dela se provava por um holocausto anual em sua honra como "senhora das coisas selvagens", no qual o pássaro ou outro animal totêmico de cada sociedade era queimado vivo.

Assim, o ícone mais familiar da religião egéia era uma mulher-lua, um filho-estrela e uma sábia serpente pintada reunidos sob a copa de uma árvore frutífera — Ártemis, Héracles e Erecteu. O filho-estrela e a serpente estão em luta, um sucede ao outro nos favores da mulher-lua, assim como o verão sucede o inverno

---

de flechas de sílex. A ponta de flecha pontiaguda em forma de pinheiro com espigão, por exemplo, exige explicação. Deve ter sido muito difícil bater, sem romper uma das espigas ou o talo projetado entre elas. Além do mais, na caçada ela não tinha vantagem alguma sobre os demais tipos, quer da folha simples do salgueiro, quer daquela do sabugueiro. Pois embora uma estreita ponta de flecha de bronze com quatro espigas não possa ser retirada com facilidade de uma ferida, porque a carne se fecha atrás dela, aquela de sílex largo, com duas espigas, não seria mais difícil de retirar do que a outra em forma de folha de sabugueiro ou de salgueiro que se atire contra o animal com igual força. A forma de pinheiro parece, deste modo, conter uma intenção mágica: um apelo à Ártemis Élate — Diana, a Caçadora, deusa do pinheiro — para que conduzisse a flecha para o alvo. A ponta era, provavelmente, untada com um veneno paralisante; era um dardo misericordioso, do tipo que se atribuíam à Deusa. Uma ponta de flecha de pinheiro irlandesa que tenho em minha posse, achada num cemitério da Idade do Ferro, não poderia estar destinada, seriamente, à arte do arco. A lasca de sílex branco da qual foi feita está estranhamente curvada e tem um "bulbo de percussão" tão grande e um talo tão curto que a impediam de ser lançada de um arco: é claro que seu uso era exclusivamente funerário.

e este vem depois daquele; do mesmo modo como a morte se segue ao nascimento e este a sucede. O sol cresce mais fraco ou mais forte à medida que o ano segue seu curso, os ramos das árvores ora estão carregados, ora desnudos, mas a luz da lua continua invariável. Ela é imparcial: destrói e cria com igual paixão. O conflito entre os gêmeos recebe uma versão engenhosa no *Romance de Kilhwych e Olwen*: Gwyn ("Branco") e seu rival Gwythur ap Greidawl ("Vítor, filho do Devastador") travavam uma guerra perpétua por Creiddylad (Cordélia), filha de Lludd (também chamado Llyr, Lear, Nudd, Nuada ou Nodens), seguidamente a roubando um do outro, até que o fato foi levado a conhecimento do rei Arthur. Este pronunciou a irônica sentença mandando que Creiddylad fosse entregue ao pai e que os gêmeos "lutassem por ela a cada primeiro de maio, até o Juízo Final" e que aquele que fosse o vencedor ficasse com ela.

Contudo permanece a ausência da figura paterna, pois a serpente e o filho-estrela são, concomitantemente, pai e filho um do outro. Eles são gêmeos, e isto nos faz retornar ao Tema poético único. O poeta se identifica com o filho-estrela e seu odiado rival é a serpente; apenas no caso de estar escrevendo sátira é que se identifica com a serpente. A Tríplice Musa é a mulher em seu personagem divino: aquela que encanta o poeta, o único assunto de suas poesias. Não se deve esquecer de que o próprio Apolo fora, certa feita, a vítima anual da serpente: pois Pitágoras gravou uma inscrição em seu túmulo em Delfos, relembrando sua morte numa luta com o píton local — a mesma serpente que, normalmente, se supunha que ele tivesse matado. O filho-estrela e a serpente são ainda meros demônios e, em Creta, a Deusa não é sequer representada com a criança divina nos braços. Ela é a mãe de todas as coisas e, apenas, por beneplácito seu, filhos e amantes partilham de sua essência sagrada.

A revolucionária instituição da paternidade, transportada do Oriente para a Europa, trouxe consigo a instituição do casamento individual. Até então houvera apenas casamentos grupais de todas as fêmeas de determinada sociedade totêmica com todos os machos de outro totem. A maternidade de cada criança era certa, mas sua paternidade, discutível e irrelevante. Quando tal revolução ocorreu, modificou-se o *status* social da mulher: o homem assumiu muitas das práticas sagradas de que, antes, seu sexo o excluía e, finalmente, declarou-se chefe da família, embora muitas propriedades continuassem passando de mãe para filha. Este segundo estágio, o período olímpico, exigia uma mudança na mitologia. Não bastava introduzir o conceito de paternidade no mito ordinário, conforme a fórmula órfica citada por Clemente de Alexandria: "O touro que é o pai da serpente e a serpente que é o pai do touro". Precisava-se de um novo rebento que tivesse precedência sobre o filho-estrela e a serpente. Ele foi comemorado pelos poetas como a criança-trovão, a criança-machado ou a criança-martelo. Existem diversas lendas sobre o modo como ele derrotou seus inimigos. Em algumas, toma de empréstimo a foice dourada da mulher-lua, sua mãe, e castra o filho-estrela; noutras, o atira do alto de uma montanha, e há, ainda, aquelas nas quais ele o golpeia e mata com seu machado. A serpente é morta

imediatamente. Torna-se ele, então, o deus-pai ou o deus-trovão, casa-se com a mãe e tem com ela seus filhos e filhas divinos. As filhas foram, na verdade, versões limitadas da mãe nos aspectos de lua crescente e lua cheia. Em seu aspecto de lua minguante tornou-se mãe de si própria, avó ou irmã, e os filhos eram relembranças limitadas do filho-estrela e da serpente destruídos. Entre esses filhos estava o deus da poesia, da música, das artes e das ciências, que acabou sendo reconhecido como o deus-sol e atuou, em muitos países, como o efetivo regente em lugar de seu pai senil, o deus-trovão. Em alguns casos até mesmo o destronou. Os gregos e os romanos tinham chegado a este estágio religioso quando o cristianismo começou a difundir-se.

O terceiro estágio do desenvolvimento cultural — aquele puramente patriarcal, no qual não existe nenhuma deusa — corresponde ao do judaísmo tardio, do cristianismo judaico, do maometismo e do cristianismo protestante. Tal etapa só foi alcançada na Inglaterra quando do período de Cromwell, posto que, no catolicismo medieval, a Virgem e o Menino — que ocuparam os ritos da mulher-lua e de seu filho-estrela, passando a receber suas honrarias — tinham maior importância religiosa do que o Deus-Pai. (A serpente tornou-se o diabo, o que era apropriado, pois Jesus havia oposto o peixe à serpente, em Mateus 7, 10, e seus seguidores o simbolizaram pelo peixe.) No País de Gales continuou-se adorando a Virgem e o Filho por mais cinqüenta anos depois dos ingleses; na Irlanda ainda são adorados. Tal estágio é desfavorável à poesia. Os hinos dedicados ao deus-trovão, por mais que sejam revestidos pelo estilo da divindade solar — até mesmo o magnífico *Hino a Deus-Pai*, de Skelton —, fracassaram como poemas, porque o fato de atribuir-lhe um poder irrestrito e ilimitado nega a inalienável fidelidade do poeta à Musa; além de que, embora o deus-trovão tenha sido jurisconsulto, dialético, declamador e prosador, desde que se libertou da tutela de sua mãe, nunca foi poeta, nem jamais teve sequer uma leve compreensão do que fosse um verdadeiro poema.

Na Grécia, quando a mulher-lua tornou-se subordinada ao deus-trovão na qualidade de esposa, ela delegou a responsabilidade da poesia a sua dita filha, outra de si mesma enquanto Tríplice Musa. Assim, nenhum poema era considerado auspicioso se não começasse com um apelo para que a Musa lhe desse inspiração. Desta forma, a primitiva balada *A ira de Aquiles*, que introduz *A ilíada* de Homero, começa: "Canta, ó Deusa, a destrutiva ira de Aquiles, filho de Peleu (...)" O fato de Aquiles ser indicado como filho de Peleu, em vez de filho de Tétis, prova que o sistema patriarcal já dominava com força, embora a sociedade totêmica subsistisse como conveniência social, sendo Aquiles um rei sagrado dos mirmidões da Tessália, ao que parece um clã da formiga, súdito da Deusa na forma da ave torcicolo. Contudo, a Deusa é, nitidamente, a Tríplice Musa e não, apenas, uma das nove Musas menores mencionadas num trecho mais recente de *A ilíada*, que, mais tarde, Apolo fez descer do Hélicon e levou para o Parnaso, ocasião em que, conforme está registrado no *Hino a Apolo Pítio*, ele as fez substituir a deusa-terra local na parte central do santuário de Delfos.

Apolo ("Destruidor" ou "Desviador") era, nessa época, considerado irmão gêmeo de Ártemis; ambos eram nascidos na ilha da codorna, nas costas de Delos, e representados como filhos da união do deus-trovão com a deusa Latona, a Hiperbórea, filha de Febo e Ceos ("Luar" e "Iniciação").

Neste ponto os mitos ficam confusos, porque Latona, sendo uma recém-chegada a Delos, não foi logo reconhecida pela Tríplice Deusa local e porque Ártemis, o nome da gêmea de Apolo, fora, anteriormente, um título grego da própria Tríplice Deusa. Ártemis, provavelmente, significava "a Dispensadora de água" das raízes *ard-* e *themis*. Apolo, pode-se dizer, estava garantindo sua posição ao persuadir sua gêmea a tomar os símbolos e títulos de sua predecessora: ele próprio adotou os títulos e símbolos de um pelasgo "Desviador" ou "Destruidor", em certo aspecto (tal como seu título "Esminteu" o comprova), um demoníaco camundongo cretense. Assim, juntos, Apolo e Ártemis tomaram da Tríplice Deusa (neste contexto, sua mãe, Latona) a responsabilidade pela poesia; mas logo Ártemis deixou de ser equiparada a Apolo, embora continuasse a ser uma deusa de encantamentos mágicos, e acabou, apenas, recebendo o crédito pelos encantamentos maléficos. Assim, Taciano registra em sua obra *Address to the Greeks* (*Oração aos gregos*): "Ártemis é uma envenenadora, e Apolo realiza curas." De modo semelhante, na Irlanda, a deusa Brigite acabou à sombra do deus Ogma. No *Glossary* de Cormac tornou-se preciso explicá-la como: "Brigite, filha de Dagda, a poetisa, isto é, a deusa adorada pelos poetas, por causa da grande e ilustre proteção que ela lhes concede." Era em sua honra que o *ollave* carregava um ramo dourado com guizos quando ia ao exterior.

Por volta do século VIII a.C., a Musa Trina expandiu-se sob influências da Trácia e da Macedônia, tornando-se três tríades, ou seja, uma Enéade. Deve-se recordar que é daí que derivam as sacerdotisas orgiásticas da ilha de Sein, a oeste da Bretanha, assim como as nove donzelas no *Preiddeu Annwm*, cujos bafos aqueciam o caldeirão de Cerridwen. A Musa Nônupla exprimia melhor a universalidade do poder da Deusa do que uma tríplice; contudo, os sacerdotes de Apolo que dominaram a literatura clássica da Grécia aproveitaram a mudança para enfraquecer seu poder por um processo de fragmentação em compartimentos. Hesíodo escreve sobre as nove filhas de Zeus a quem, sob o patrocínio de Apolo, foram conferidos os seguintes nomes e funções:

Poesia épica, Calíope.
História, Clio.
Poesia lírica, Euterpe.
Tragédia, Melpômene.
Dança coral, Terpsícore.
Poesia erótica e pantomima, Érato.
Poesia sagrada, Polímnia.
Astronomia, Urânia.
Comédia, Talia.

Calíope ("Belo Rosto") era um dos nomes da Musa original, em seu aspecto de lua cheia; do mesmo modo que Érato, "A Bem-Amada", e que Urânia, "A Celestial". A primeira referência a Érato, na mitologia grega, é como a rainha do carvalho, com quem Arcas se casou. Ele deu nome à Arcádia e era filho de Calisto, a Ursa, e pai de Ateneátis. Ao que parece, os demais nomes se referem às diversas funções das Musas. Há de se notar que, embora as Musas do Hélicon ainda tivessem tendências eróticas, sua principal função — que era de curar e de enfeitiçar por meios mágicos — lhes fora retirada sob o olimpianismo. Este dom foi apropriado pelo próprio Apolo e por seu substituto, Asclépio, seu filho médico.

Embora divindade da poesia e chefe das Musas, Apolo ainda não reivindicava, entretanto, a *inspiração* de poemas: ainda se acreditava que esta fosse dada aos poetas pela Musa ou pelas Musas. Nas origens, Apolo fora um simples Demônio[3] a quem sua mãe Musa inspirara o transe poético; agora ele exigia que ela, como Musa Nônupla, inspirasse os poetas em honra dele — embora não até o ponto do êxtase. A esses poetas, que lhe provassem ser devotos e confiáveis servos, ele premiava com uma guirlanda de louro — em grego, *daphne*. O vínculo entre a poesia e o louro não se explica apenas porque este se mantenha sempre verde e, assim, simbolize a imortalidade: trata-se também de um tóxico. As sacerdotisas da Tríplice Deusa no vale de Tempe mascavam folhas de louro para chegar ao transe poético e erótico, do mesmo modo como as bacantes mascavam hera. É bem provável que *daphne* seja uma forma sincopada de *daphoine*, "a Sanguinária", outro título da Deusa. Quando Apolo tomou o oráculo de Delfos, as pitonisas aprenderam a mascar louro para alcançar a inspiração oracular. O louro estava consagrado a Apolo — e a perseguição que ele empreendeu à ninfa Dafne recorda a tomada do santuário da Deusa no vale de Tempe, perto do monte Olimpo — porém, como agora ele era a divindade da razão e defendia o lema "nada em excesso", seus iniciados usavam o louro mas já não o mascavam. Empédocles, sucessor semidivino de Pitágoras, achava um horror tanto o hábito de mascar louro quanto de comer feijões. A poesia, como prática mágica, já se encontrava em declínio.

Os romanos conquistaram a Grécia e levaram consigo para a Itália, o deus Apolo. Tratava-se de uma nação militar, envergonhada por sua grosseira tradição poética; porém, houve lá quem começasse a considerar seriamente a poesia grega como parte de sua educação em retórica política, uma arte tida como necessária para consolidar as conquistas militares. Roma estudou sob a orientação de sofistas gregos e aprendeu com eles que a grande poesia era uma forma de retórica mais musical e mais filosófica do que jamais poderia a prosa alcan-

[3] Os antigos estavam bem conscientes das freqüentes mudanças nas funções divinas de Apolo. Cícero, em seu livro *Sobre a natureza dos deuses*, distinguiu quatro Apolos numa ordem decrescente de antiguidade: o filho de Hefestos; o filho do cretense Coribantes; o Apolo arcádico que estabeleceu as leis da Arcádia; e, finalmente, o filho de Latona e de Zeus. O escritor romano poderia ter aumentado esta lista para vinte ou trinta outros Apolos.

çar e que a poesia menor era a forma mais perfeita de elegância social. Os verdadeiros poetas hão de concordar que a poesia é uma iluminação espiritual legada pelo poeta a seus iguais; não é uma técnica sofisticada de dominar uma platéia popular ou para entreter os comensais embriagados de algum jantar; e haverão de lembrar-se de Catulo como um dos pouquíssimos poetas que transcenderam a tradição poética greco-romana. Talvez a razão disto estivesse no fato de ele ser celta de nascimento: de qualquer modo, era destemido e tinha uma sensibilidade original e emotiva, elementos que, de modo geral, estavam ausentes dos poetas latinos. Só ele demonstrou um amor sincero pelas mulheres: os demais se contentavam em celebrar fosse a camaradagem leal ou a homossexualidade divertida. Virgílio, que era seu contemporâneo, deve ser lido por qualidades que não são poéticas no sentido de invocarem a presença da Musa. A habilidade musical e retórica, as perífrases sonoras e os períodos rebuscados são admirados pelos classicistas, mas a *Eneida* foi planejada para deslumbrar e dominar. Os verdadeiros poetas não consideram seguir o exemplo de Virgílio algo que seja coerente com a integridade que buscam. Eles prestigiam mais Catulo, que nunca parece estar exigindo deles, como pósteros, que aplaudam uma demonstração de genialidade imortal; antes, dirige-se a eles como a contemporâneos: "Não é isto mesmo?" Podem sentir afeição por Horácio como escritor de versos elegantes e até admirar sua intenção de evitar extremos de sentimentalismo e a natural tentação romana por ser vulgar. No entanto, malgrado todo seu espírito, afabilidade e destreza como cantor ambulante, dificilmente eles o considerariam um poeta, assim como não poderiam reconhecer como tal um Calverley ou Austin Dobson.

Façamos um resumo da história das Musas gregas.

A Tríplice Musa, as Três Musas, a Musa Nônupla, Cerridwen ou qualquer que seja o nome que se lhe queira dar, é, originariamente, a Grande Deusa em seu aspecto poético ou mágico. Tem um filho que é também seu amante e sua vítima — o filho-estrela, Demônio ou o Ano-Novo. Nos favores dela ele alterna com seu *tanist* Píton, a Serpente da Sabedoria, o Demônio do Ano-Velho, sua parte sombria.

Em seguida ela é cortejada pelo deus-trovão (um filho-estrela rebelde e contaminado pelo patriarcalismo oriental) e com ele gera gêmeos, um macho e uma fêmea — chamados na poesia galense de Merddin e Olwen. Ela permanece como a Deusa dos encantamentos, mas cede parte de sua soberania ao deus-trovão, em particular o que concerne à feitura das leis e ao testemunho dos juramentos.

Depois ela divide o poder do encantamento poético entre seus gêmeos, cujos símbolos são a estrela matutina e a estrela vespertina, estando a própria fêmea dos gêmeos em declínio, enquanto o macho revive o papel do filho-estrela.

Ela se multiplica, embora perdendo parte de seu poder, num bando de nove deusas compartimentadas da inspiração, sob a tutela do outrora gêmeo macho.

Finalmente, Apolo, que é o gêmeo macho, se autoproclama o Sol Eterno, as nove Musas tornam-se suas açafatas e ele delega as funções delas a divindades masculinas que são, por sua vez, ele próprio multiplicado.

(As legendárias origens da poesia japonesa residem num encontro entre a deusa-lua e o deus-sol quando eles caminhavam em torno do eixo do mundo em direções opostas. A deusa-lua foi quem falou primeiro, em versos:

Que incomparável alegria
Ver um homem tão lindo!

O deus-sol se enfureceu porque ela havia falado fora de hora e de maneira inconveniente; mandou que ela retornasse e viesse novamente a seu encontro. E desta feita foi ele quem falou:

Ver uma jovem tão linda,
Que incomparável alegria!

Este foi o primeiro verso que foi composto. Noutras palavras, o deus-sol tomou da Musa o controle da poesia e fingiu que fora ele quem dera origem a ela — uma mentira que não fez bem algum aos poetas japoneses.)

Com isto a poesia torna-se acadêmica e decadente até que a Musa decida reafirmar seu poder no movimento que se chamou de Renascimento Romântico.

Na poesia medieval, a Virgem Maria foi inteiramente identificada com a Musa ao ser encarregada do caldeirão de Cerridwen. D. W. Nash assinala em sua edição dos poemas de Taliesin:

> Os bardos cristãos dos séculos XIII e XIV, repetidamente, se referiam à própria Virgem Maria como o caldeirão ou a fonte de inspiração — a que eles eram conduzidos, ao que parece, em parte, por um jogo com a palavra *pair*, um caldeirão, e a forma secundária desta mesma palavra, que assumia a forma de *mair* por abrandamento de sua inicial. E *mair* também significa Maria. Maria era *Mair*, a mãe de Cristo, o receptáculo místico do Espírito Santo, e *pair* era o caldeirão ou receptáculo e fonte da inspiração cristã. Assim, temos num poema de Davydd Benfras do século XIII:
>
> *Crist mab Mair am Pair pur vonhedd.*
> *(Christ, son of Mary, my Cauldron of pure descent.)*
>
> Cristo, filho de Maria, meu caldeirão de descendência pura.

Na poesia irlandesa medieval, Mary também era totalmente identificada com Brigit (Brígida), a deusa da poesia: pois santa Brígida, a Virgem enquanto Musa, era popularmente conhecida como "Maria gaélica". Brígida, como deusa, tinha sido uma Tríade: a Brígida da poesia, a Brígida da cura e a Brígida da fun-

dição. Na Escócia gaélica seu símbolo era o cisne branco e ela era conhecida como "Noiva dos cabelos dourados", "Noiva das colinas brancas", "Mãe do Rei da Glória". Nas ilhas Hébridas era a padroeira dos partos. Seu protótipo egeu parece ter sido Brizo de Delos, uma deusa-lua a quem se ofereciam barcos votivos e cujo nome os gregos fizeram derivar da palavra *brizein*, "enfeitiçar, encantar". Brígida era muito cultuada, na Gália e na Grã-Bretanha durante o período romano, conforme atestam inúmeros monumentos a ela dedicados. Em certas regiões da Grã-Bretanha santa Brígida guardou sua característica de Musa até a revolução puritana, sendo seus poderes curativos amplamente exercidos por meio de encantamentos poéticos em poços sagrados. Originariamente Bridewell, a penitenciária feminina de Londres, foi um convento de monjas de sua ordem.[4]

Eis uma invocação típica da Cornuália à Tríade da Brígida local:

Three Ladies came from the East,
One with fire and two with frost.
Out with thee, fire, and in with thee, frost.

Três damas vieram do Oriente,
Uma trazia o fogo e duas, o gelo.
Para fora fogo, para dentro gelo.

Trata-se de um encantamento contra queimaduras. Mergulham-se nove folhas de amoreira-preta em água de fonte e, então, se as aplica sobre a queimadura; deve-se pronunciar o encantamento três vezes para cada folha, de modo a obter-se o resultado. A amoreira-preta é consagrada tanto à pentade quando à tríade das deusas sazonais, variando o número de folhas de cada ramo entre três e cinco — por isso na Bretanha e em parte do País de Gales existe uma forte proibição de comer amoras. Neste encantamento as deusas são claramente sazonais, sendo que a deusa do verão traz o fogo e suas irmãs, o gelo. Normalmente acrescenta-se um quarto verso, para aplacar o clero: "*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*"

A Brígida medieval compartilhava a natureza de Musa com outra Maria, a Egipcíaca, ou santa Maria do Egito, cujo nome era pronunciado para confirmar um juramento: "Marry" ou "Marry Gyp"! Esta encantadora virgem de vestes azuis e colar de pérolas era a antiga deusa pagã do mar Marian, com um disfarce transparente: Marian,[5] Miriam, Mariamne ("ovelhinha do mar") Myrrhine,

[4] A santa sueca Brigid, ou Birgit, do século XIV, que fundou a Ordem de Santa Brígida, certamente não era a santa original, apesar de que algumas casas desta ordem se reverteram com grande alegria ao paganismo.

[5] Primitivamente, o nome da Virgem era soletrado, em inglês, Marian e não Mariam que é a forma grega empregada nos Evangelhos.

Myrtea, Myrrha,[6] Maria ou Marina, padroeira dos poetas e apaixonados e orgulhosa mãe do Arqueiro do Amor. Nas baladas, Robin Hood sempre jura em nome dela. Ela tinha o rosto escuro (negra?) e, na obra medieval *O livro dos santos* ela é recordada como tendo conseguido sua passagem para a Terra Santa — onde viveu muitos anos como anacoreta no deserto —, oferecendo-se como prostituta a todos os tripulantes da única embarcação que partia para lá; e, por este motivo, quando foi para o céu, demonstrou particular indulgência pelos pecados da carne.

Outro disfarce familiar desta mesma Marian é a sereia (*merry-maid*, ou como se escrevia, *mermaid*). A imagem convencional da sereia — uma bela mulher com um espelho, um pente de ouro e com cauda de peixe — expressa que "a deusa do amor surge do mar". Todo iniciado nos Mistérios de Elêusis, que tinham origem pelasga, passava por um rito de amor com sua representante depois de tomar um banho no caldeirão (banheira) à moda de Llew Llaw. O espelho redondo, que fazia conjunto com o pente, pode ter sido uma interpretação errônea de algum artista do passado que o trocou pela maçã (ou marmelo) que Marian sempre portava na mão como uma dádiva amorosa; porém o espelho também fazia parte dos instrumentos sagrados dos mistérios e cujo significado, provavelmente, fosse "conhece a ti mesmo". O pente foi originalmente um plectro com o qual se vibravam as cordas da lira. Os gregos a chamavam de Afrodite ("nascida da espuma do mar") e usavam, como afrodisíacos, o atum, o esturjão, as vieiras e as litorinas (caramujos marinhos) — todos consagrados a ela. Seus templos mais famosos eram construídos à beira-mar e, assim, é fácil entender sua simbólica cauda de peixe. Ela pode ser identificada com a deusa-lua Eurínome cuja estátua em Figália, na Arcádia, era uma sereia esculpida em madeira. A murta, o múrice e a árvore da mirra também eram, por toda a parte, consagrados a ela junto com a palmeira (que cresce em terreno salobro), a pomba fiel ao amor e as cores branca, verde, azul e vermelha. *O nascimento de Vênus*, de Botticelli, é a imagem exata de seu culto. Alta, cabelos dourados, olhos azuis e rosto pálido, a deusa do amor chega em sua concha de vieira ao bosque de murta e a Terra, num vestido florido, corre para cobri-la com um manto vermelho de franjas douradas. Na poesia das baladas inglesas, a sereia representa a amarga doçura do amor e o perigo que correm os marinheiros (*mariners*, outrora soletrado *merriners*) suscetíveis em portos estrangeiros. O espelho e o pente dela simbolizam a vaidade e a crueldade.

Constantino, o primeiro imperador cristão, aboliu oficialmente o culto de Maria, mas grande parte do antigo ritual sobreviveu dentro da Igreja: por exemplo, entre os coliridianos, uma seita (ou heresia) árabe, era costume ofertar o bolo e a bebida que, outrora, ofereciam a Astarté. A mirra também, mas esta era mais ortodoxa, porque são Jerônimo havia louvado a Virgem como *Stilla Maris*,

[6] Esta era a mãe de Adônis; daí o gramático alexandrino Lícofron denominar Biblos como "A cidade de Myrrha".

a Mirra do Mar. São Jerônimo fez um trocadilho com o nome "Maria", relacionando-o com as palavras hebraicas *marah* (salmoura) e *mor* (mirra), relembrando um dos presentes dos Reis Magos.

Quando os cruzados invadiram a Terra Santa, construíram castelos e ali se estabeleceram; encontraram várias seitas cristãs heréticas que viviam sob a proteção muçulmana e que não demoraram muito em afastá-los da ortodoxia. Foi assim que o culto de Maria Egipcíaca chegou à Inglaterra, levado, através de Compostela, na Espanha, por peregrinos pobres que carregavam ramos de palmeira nas mãos, cópias dos evangelhos apócrifos em sua bagagem e as conchas do mar de Afrodite costuradas em seu gorros. Esses eram os peregrinos celebrados na canção que Ofélia canta em *Hamlet*. Os trovadores com calças vermelhas que tocavam liras — dentre os quais o mais famoso na Grã-Bretanha foi o rei Ricardo Coração de Leão — adotaram com entusiasmo o culto mariano. De suas canções francesas derivam os poemas líricos de Anon, que constituem a principal glória da poesia inglesa primitiva, assim como os mais belos cânticos natalinos decorrem dos evangelhos apócrifos graças àqueles peregrinos que carregavam palmas. O resultado mais significativo das Cruzadas foi a introdução, na Europa Ocidental, de uma certa idéia de amor romântico que, expresso em termos das lendas dos antigos menestréis galenses, acabou por transformar os barões rudes e larápios e suas desgrenhadas esposas numa sociedade refinada de senhores e damas de corte. Do castelo e da corte difundiram-se as boas maneiras e a cortesia até os camponeses; e isto explica por que a "Merry England" ("A Feliz Inglaterra") é o país onde era mais intenso o culto de Maria.

Na Zona Rural inglesa, Maria Egipcíaca foi logo identificada como a deusa do amor conhecida pelos saxões como "A noiva de maio", por causa de sua antiga associação com o culto da árvore de maio, o pilriteiro, trazido para a Grã-Bretanha pelos atrebatas no século que antecedeu a Cristo e naquele que se lhe seguiu. Ela se equiparou a Merddin, que foi cristianizado como "Robin Hood", ao que tudo indica uma variante do nome saxônio de Merddin, ou seja, *Rof Breoht Woden* — "força brilhante da floresta" — também conhecido eufemisticamente como "Robin, bom companheiro". Em francês, a palavra *Robin* é tida como diminutivo de *Robert*, mas, provavelmente, constitui um vocábulo pré-teutônico, com o significado de carneiro e, também, de diabo. Um *robinet*, "torneira", tem este nome porque, nas fontes rústicas, havia a forma de uma cabeça de carneiro. Os dois sentidos de carneiro e de diabo aparecem combinados na ilustração de um panfleto publicado em Londres em 1639: "*Robin Goodfellow, his mad pranks and merry gests*" (Robin, bom companheiro, suas loucas diabruras e seus feitos maravilhosos"). Robin é representado como uma divindade itifálica das bruxas com chifres de carneiro jovem despontando na fronte, com pernas de carneiro, uma vassoura de bruxa sobre o ombro esquerdo e uma vela acesa na mão direita. Atrás dele, numa roda de dança, um grupo de homens e mulheres bruxos, vestidos como puritanos; um cão negro o adora, um músico toca uma trombeta e uma coruja esvoaça sobre as cabeças. Se há de recordar que

as bruxas de Somersetshire chamavam sua divindade de Robin. E "Robin, filho da Arte", era o diabo da dama Alice Kyteler, a famosa bruxa de Kilkenny, no início do século XIV, e que costumava, às vezes, assumir a forma de um cão negro. O diabo na forma de carneiro tem sua fonte clássica naquele que, em 1303, o bispo de Coventry, honrou com uma missa negra e depois saudou com um beijo no traseiro. Na Cornuália "Robin" significa o falo. "Robin Hood" é também o nome dado por camponeses a um tipo de cravo vermelho *campion* ou *champion*, talvez porque sua pétala se pareça com uma pata de carneiro e porque "Red Champion" ("Campeão Vermelho") fosse um título da divindade das bruxas. Pode não se tratar mais do que uma coincidência o fato de "carneiro", em sânscrito, ser "*huda*". *Robin*, significando "um carneiro", tornou-se, mitologicamente, equivalente a Robin (do latim *rubens*), que significa "de peito vermelho".

Neste ponto a história começa a se complicar. As divertidas proezas de um certo Robin Hood, o famoso proscrito da floresta de Sherwood — cuja existência histórica foi comprovada, recentemente, por J. W. Walker[7] e que nasceu em Wakefield, no Yorkshire, entre os anos de 1285 e 1295, e serviu ao rei Eduardo II nos anos de 1323 e 1324 —, tornaram-se ligadas, intimamente, aos folguedos de Primeiro de Maio. Provavelmente isto se deve ao fato de o guarda florestal Adam Hood, pai do proscrito, tê-lo batizado com o nome de Robert e, também, porque, durante os 22 anos em que passou como bandido na floresta, ele tratou de intensificar sua identificação com Robin, rebatizando sua mulher, Matilda, com o nome de "Maid Marian" ("virgem ou donzela Maria"). A julgar pela balada primitiva — *The Banished Man* (*O proscrito*) —, Matilda deve ter cortado seus cabelos e vestido trajes masculinos para poder participar da confraria dos proscritos, do mesmo modo que, até hoje, na Albânia, jovens mulheres se juntam aos homens nas caçadas, vestidas como eles e sendo tratadas como homens (cujo protótipo foi Atalanta de Caledônia, ao tomar parte na caçada caledoniana do javali selvagem). Na ocasião, o bando dos proscritos formava um grupo de treze, sendo que Marian atuava como *pucelle* ou donzela do agrupamento; provavelmente ela trajava roupas adequadas à noiva de Robin nas orgias de Primeiro de Maio. Por seu bem-sucedido desafio ao clero, Robin tornou-se um herói tão popular que, mais tarde, foi considerado o fundador da religião de Robin Hood, cuja prática ritual primitiva é difícil de reconstituir. No entanto, "Hood" (ainda "Hod" ou "Hud") significa "lenho" ou "tronco" — o lenho colocado na base da fogueira — e tratava-se do mesmo lenho, cortado do carvalho sagrado, onde já se acreditara residir o Robin. Daí nasce a expressão "o corcel de Robin Hood", a cochonilha que saía correndo quando começava a queimar o lenho do fogo natalino. Na crendice popular, o próprio Robin fugia chaminé acima, na forma de um Robin e, quando o período do Natal terminava, saía como Belin contra seu rival Bran, ou Saturno — que fora o "Senhor da Desordem" durante as festividades do tempo natalino. Bran escondia-se da per-

[7] *Yorkshire Archaeological Journal*, nº 141, 1944.

seguição nas moitas de hera, disfarçado como cambaxirra de crista dourada; mas Robin sempre o alcançava e o enforcava. Daí o verso da canção:

"Who'll hunt the Wren?' cries Robin the Bobbin.
"Quem caçará a carriça?", grita Robin, o Bilro.

Uma vez que "Maid Marian" atuara com a Senhora da Desordem nos folguedos natalinos e abandonou Robin por causa de seu rival, é fácil compreender por que ela ganhou um nome por sua inconstância. Assim em lugar de "Maid Marian", com freqüência se escrevia "Maud Marian", sendo "Maud" Maria Madalena arrependida. Em *A canção de Tom O'Bedlam*, ela é a Musa de Tom — "Merry Mad Maud".

O Natal era festivo na Idade Média, mas o Primeiro de Maio era ainda mais divertido. Era tempo dos postes enfeitados com fitas, dos bolos de cevada e da cerveja clara, das coroas de flores e ramalhetes, dos presentes entre enamorados, dos torneios de arqueiros, de "*merritotters*" (as gangorras) e de "*merribowks*" (grandes vasilhames de ponche de leite). Porém, sobremaneira, dos casamentos chamados de "*Mad Merry*" ("diversão louca") debaixo de alguma árvore do bosque, quando os dançarinos, de mãos dadas, iam, dos prados, para as moitas altas e construíam para si pequenos ninhos amorosos com ramos verdes e escutavam esperançosos o alegre rouxinol. "*Mad Merry*" é outra forma popular de soletrar "*Maid Marian*" e, como adjetivo, acabou vinculada ao mago Merlin (o "*Old Moore*", o "Velho Moore" dos almanaques populares) cujos almanaques proféticos se vendiam nas feiras e festanças. Merlin era, na verdade, Merddin, conforme explica Spenser em *Faerie Queene*, mas Robin Hood tomou seu lugar como o amante da Noiva de Maio e aquele acabou se transformando num velho profeta barbado. A gangorra, "*merritotter*", talvez tenha recebido o nome por causa da balança (que representa o equinócio de outono) nas mãos da Virgem do Zodíaco, que figurava no almanaque no Mad Merry Merlin: que os leitores devotos, naturalmente, identificavam com santa Maria Egipcíaca, pois os destinos dos verdadeiros amantes oscilavam em sua balança como numa gangorra.

Muitos desses casamentos no bosque, abençoados por algum frade renegado do tipo do frei *Tuck*, posteriormente eram confirmados de modo formal na Igreja. Contudo, o mais freqüente era que os homens se recusassem a reconhecer como seus "os frutos da folia". A cada ano, por antigo costume, escolhia-se o rapaz mais alto e mais forte da aldeia para ser o "João Pequeno" (*Little John* ou *Jenkin*), representante de Robin na festa de máscaras. Este é, provavelmente, o motivo por que, dentre os nomes mais comuns da Inglaterra, estão Johnson, Jackson, Jenkinson — todos filhos das folias do João Pequeno. No entanto Robin também gerou alegremente os Robson, Hobson, Dobson (todos diminutivos de Robin), Robinson, Hodson, Hudson e Hood; Greenwood e Merriman eram de paternidade duvidosa. Os festejos natalinos (como diz *sir* James Frazer em *The Golden Bough*) também davam suas "colheitas" de crianças. Quem sabe

quantos Morris e Morrison têm os patronímicos derivados dos enamorados "*morrice-men*",[8] dos "*merry-weathers*" ("bons momentos") de Marian? Ou quantos "príncipes", "senhores" ou "reis" descendem do natalino rei, príncipe ou senhor da desordem?

A representação teatral da noite de Natal tinha um papel importante nas festividades natalinas: dessas permaneceram sete ou oito versões. Os principais eventos eram a decapitação e a ressurreição do Rei do Natal ou o Bobo do Natal. Esta é uma das reminiscências mais claras da religião pré-cristã, que, em última instância, deriva da antiga Creta. Firmico Materno, em seu escrito *Sobre o erro da religião profana*, narra como o Dioniso cretense (Zagreu) foi morto sob ordem de Zeus, cozido num caldeirão e comido pelos Titãs. Os cretenses, diz ele, celebravam uma festa funerária anual na qual representavam o drama dos sofrimentos do menino — e suas metamorfoses —, devoravam um boi vivo como vítima vicária. Contudo, Zagreu não morria, pois, segundo Epimênides, citado por são Paulo, Minos lhe compôs um panegírico, que dizia:

> Tu não morres, mas vives e perduras eternamente.

E são Paulo cita uma passagem similar do poeta Arato:

> Em ti vivemos, nos movemos e temos nosso ser.

Em Atenas, num festival semelhante, chamado lenéias — "Festival das Mulheres Ensandecidas" — eram celebrados, com igual dramatização, no solstício de inverno, a morte e o renascimento do infante Dioniso das colheitas. No mito original não eram os Titãs, mas as mulheres ensandecidas, as nove representantes da deusa-lua Hera, que retalhavam a criança em pedaços e a comiam. Nas lenéias era comido anualmente um cabrito e não um boi; quando Apolodoro diz que Dioniso transformou-se no cabrito Érifo para salvar-se da ira de Hera, isto significa que, no passado, ela o devorava na forma de uma criança, mas quando os homens (os Titãs, ou tutores) foram admitidos ao festival, o cabrito tornou-se a vítima vicária.

A mais arcaica reminiscência de práticas religiosas européias encontra-se nas pinturas de uma caverna em Cogul, no Nordeste da Espanha, que mostra uma lenéia do Paleolítico. Um jovem Dioniso, com enorme genitália, está em

---

[8] *Morrice-men*. [Dançarinos de antigas festas camponesas da Inglaterra.] Esta mesma palavra "*morris*", bem como o prefixo em "*morris-pike*" [lança de infantaria do século XV], era primordialmente escrita "*maris*": assim é provável que os *morris-men* fossem "*Mary's men*" ("homens de Maria") e não mouriscos nem mouros, conforme normalmente se supõe. A inocente palavra "*merry*" enganou os editores do *Oxford English Dictionary*. Eles traçaram sua etimologia até a raiz indo-germânica *murgjo*, que significa "breve", argumentando que o tempo voa quando se está muito feliz, mas o fizeram sem muita firmeza, pois foram obrigados a admitir que *murgjo* não segue este caminho em nenhum outro idioma.

pé, desarmado, sozinho e exausto no meio de um semicírculo de nove dançarinas que olham para ele. Ele está nu, exceto por alguma coisa que se parece com um par de botas muito apertadas e amarradas nos joelhos. Elas estão inteiramente vestidas e usam pequenos chapéus em forma de cone. Estas mulheres selvagens se diferenciam por seus rostos e pelos detalhes de seus vestidos, que aumentam progressivamente à medida que se olha no sentido dos ponteiros do relógio, acompanhando o semicírculo. O grupo começa à direita com três jovens, tendo as duas primeiras vestes longas, e termina, à esquerda, com duas mulheres de idade avançada, magras e morenas, seguidas por uma velha extenuada no extremo; a anciã tem um rosto em forma de lua minguante. No meio estão três vigorosas mulheres louras, uma delas com traje de festa curto e elegante. Evidentemente representavam as respectivas tríades da lua nova, da velha (ou seja, minguante) e da cheia, sendo a anciã, Átropos, a integrante mais velha da tríade da lua velha ou minguante.

Diante da figura mais velha da tríade da lua nova há um animal cujas patas dianteiras estão cobertas por sua saia e que parece um porco preto. No primeiro plano do desenho, atrás da tríade da lua cheia, afasta-se saltitante o mesmo animal que Oisin viu quando foi conduzido por Niamh, a dos cabelos dourados, até a Terra da Juventude, ou seja, um corcinho mocho. Equilibrando-se em pé no pescoço do corço e olhando para trás está um diabinho ou duende de aspecto infantil que se diria tratar-se da alma fugitiva do condenado Dioniso, pois as mulheres frenéticas o vão encurralando e acabarão por despedaçá-lo e devorá-lo. Apesar de nada haver na ilustração que indique a estação do ano, podemos ter certeza de que se tratava do solstício de inverno.

Assim, mais uma vez retornamos ao dramático romance de Gwion — o menino que foi comido por Cerridwen, a bruxa má, e que renasceu na forma de Taliesin, a criança miraculosa — e à disputa entre Phylip Brydydd e os "rimadores vulgares" (ver o Capítulo 5) sobre quem deveria ser o primeiro a apresentar um poema a seu príncipe no dia de Natal. O *Romance de Taliesin* é uma espécie de auto de Natal no qual os sofrimentos do menino que muda de forma são apresentados enigmaticamente. Esta é a versão mais antiga, que reflete a teoria religiosa da sociedade européia primitiva na qual a mulher era a dona do destino do homem: perseguida, não era perseguida; violentada, não era violentada, como se pode ver nas lendas de Dríope e Hilas, Vênus e Adônis, Diana e Endímion, Circe e Ulisses. O perigo de várias ilhas de mulheres consistia, exatamente, no fato de que o macho que se aventurasse nelas poderia ser atacado sexualmente naquelas mesmas maneiras assassinas com as quais, segundo B. Malinówski relata em *A vida sexual dos selvagens*, os homens do noroeste da Melanésia são punidos quando infringem privilégios femininos. Durante os primórdios da Idade Média pelo menos um grupo de nove mulheres frenéticas (ou selvagens) parece ter andado em atividade no Sul do País de Gales: o velho são Sansão de Dol, quando viajava acompanhado por um jovem, teve o azar de entrar no espaço dessas mulheres. Logo ouviu-se um grito espantoso e viram

pular, para fora de uma moita, uma bruxa grisalha com roupas vermelhas e com um tridente ensangüentado nas mãos. São Sansão manteve-se firme, mas seu companheiro foi logo alcançado e morto a golpes de faca. A bruxa recusou-se a admitir a reprovação que são Sansão lhe fez e informou-lhe que era uma das nove irmãs que viviam naquele bosque com sua mãe — ao que parece, a deusa Hécate. Talvez, se as irmãs mais jovens tivessem chegado primeiro ao local, o jovem teria sido vítima de um ataque sexual em grupo. Nove mulheres assassinas vestidas de negro aparecem na saga irlandesa de Thidrandi, o qual, certa noite, abriu sua porta ao ouvir que batiam, embora alertado para as conseqüências, e as viu correrem sobre ele vindas do Norte. Resistiu-lhes o ataque com a espada por breves momentos, mas caiu mortalmente ferido.

As transformações de Gwion seguem uma ordem estritamente sazonal: lebre, no outono, que é a estação de caça; peixe, durante as chuvas do inverno; pássaro, na primavera, quando as aves migratórias retornam; e, finalmente, grão de cereal, no verão, tempo da colheita. A Fúria o persegue, primeiro, na forma de uma fêmea de galgo; depois, como fêmea de lontra; em seguida, como falcão; e, finalmente, sob a forma de uma galinha preta de crista alta, de penacho vermelho e plumas negras, o devora, o que indica que se tratava da deusa da morte. Neste relato o ano solar termina no início do outono, tempo da crivagem, o que indica uma origem mediterrânea para a história. Nos tempos clássicos, o ano cretense, cipriota ou délfico, bem como o da Ásia Menor e da Palestina, acabava em setembro.

Entretanto, quando a vitória dos indo-europeus revolucionou o sistema social do Mediterrâneo oriental, foi invertido o mito da caçada sexual. As mitologias grega e latina contêm numerosas historietas de perseguição e de estupro de esquivas deusas ou ninfas por parte de deuses disfarçados em animais: especialmente os dois deuses mais velhos, Zeus e Posídon. De igual modo, no folclore europeu, existem inúmeras variantes sobre o tema dos "Dois Magos", no qual o mago macho, depois de uma acalorada perseguição, vence a magia da fêmea e toma sua virgindade. Na balada inglesa de *The Coal Black Smith,* que é um excelente exemplo de variante dessa caçada, a ordem sazonal correta dos eventos aparece rompida porque seu contexto original foi esquecido. Ela vira um peixe e ele, uma lontra; ela se torna uma lebre e ele, um galgo; ela, uma mosca e ele, uma aranha que a atrai para sua toca; finalmente, ela se transforma num forro de cama e ele, numa colcha e, assim, ganha o jogo. Numa variante francesa ainda mais corrompida, ela fica doente e ele se torna seu médico; ela se faz uma freira e ele vira um padre que a confessa dia e noite; ela se transforma numa estrela e ele, numa nuvem que a cobre.

No culto britânico das bruxas, o macho dominava — embora Hécate, a Rainha dos Elfos ou Fada, ainda governe em partes da Escócia — e é provável que *The Coal Black Smith* tenha sido a canção no dramático cumprimento da caça no *sabat* das bruxas. Com efeito, a associação dos ferreiros (*smiths*) com deuses chifrudos remonta aos antigos tempos de Tubal Cain, o deus-bode dos

cainitas. O diabo com chifres do *sabat* mantinha relações sexuais com todas as bruxas freqüentadoras, embora, ao que parece, usasse um enorme membro artificial e não o seu próprio. Anne Armstrong, bruxa de Northumberland, mencionada, testemunhou, em 1673, que, num bem freqüentado *sabat* realizado em Allasford, Ann Baites de Morpeth, uma de suas companheiras, transformou-se sucessivamente em gato, lebre, galgo e abelha para permitir que o diabo — "um homem negro e alto, protetor delas, a quem chamavam de seu deus" — pudesse admirar seus dotes em metamorfosear-se. A princípio pensei que ele — ao perseguir Ann Baites, que era, ao que tudo indicava, a Virgem, ou seja, a líder feminina do *coven*, em torno da roda de bruxas, enquanto ela imitava os diversos modos de locomover-se desses animais e seus ruídos — adequasse suas transformações às metamorfoses dela. Em *The Coal Black Smith*, a fórmula é "ele se transformou num cachorro galgo" ou "tornou-se uma lontra marrom" e "trouxe-a de volta para casa". A expressão "de volta para casa" é empregada aqui no sentido técnico de "retorno a sua forma própria", posto que Isobel Gowdie de Auldearne, durante seu julgamento, em 1662, citou a fórmula das bruxas para se transformar em lebre:

I shall go into a hare
With sorrow and sighing and mickle care,
And I shall go in the Devil's name
Aye, till I come back home again.

Hei de entrar numa lebre,
com pesar, suspiro e minucioso cuidado,
E entrarei em nome do diabo,
Até voltar para casa novamente.

Fica claro, por seu relato subseqüente, que não houve mudança na forma exterior, mas, exclusivamente, no comportamento; e o poema sugere uma dança dramática. Agora compreendo que Ann Baites fez apenas uma representação, imitando, alternadamente, ora a perseguida, ora o perseguidor, e que o diabo se contentava em meramente aplaudi-la. Provavelmente a seqüência era sazonal — lebre e galgo; truta e lontra; abelha e andorinha; rato e gato —, herdada de uma modalidade primitiva de caça, com o perseguidor, na forma da gata-Deméter, finalmente destruindo o rato Esminteu no terreiro, na época do aventamento. É fácil restaurar, por inteiro, a versão original da canção.[9]

Cunning and art he did not lack
But aye her whistle would fetch him back.

[9] O poema que vem a seguir foi colocado por Graves como nota de rodapé. Nesta tradução foi colocado no texto para dar ao leitor maior visibilidade. (N. T.)

O, I shall go into a hare
With sorrow and sighing and mickle care,
And I shall go in the Devil's name
Aye, till I be fetchèd hame.
— Hare, take heed of a bitch greyhound
Will harry thee all these fells around,
For here come I in Our Lady's name
All but for to fetch thee hame.

Cunning and art he did not lack
But aye her whistle would fetch him back.

Yet I shall go into a trout
With sorrow and sighing and mickle doubt,
And show thee many a merry game
Ere that I be fetchèd hame.
— Trout, take heed of an otter lank
Will harry thee close from bank to bank,
For here come I in Our Lady's name
All but for to fetch thee hame.

Cunning and art he did not lack
But aye her whistle would fetch him back.

Yet I shall go into a bee
With mickle horror and dread of thee,
And flit to hive in the Devil's name
Ere that I be fetchèd hame.
— Bee, take heed of a swallow hen
Will harry thee close, both butt and ben,
For here come I in Our Lady's name
All but for to fetch thee hame.

Cunning and art he did not lack
But aye her whistle would fetch him back.

Yet I shall go into a mouse
And haste me unto the miller's house,
There in his corn to have good game
Ere that I be fetchèd hame.
— Mouse, take heed of a white tib-cat
That never was baulked of mouse or rat,
For I'll crack thy bones in Our Lady's name:
Thus shalt thou be fetchèd hame.

Cunning and art he did not lack
But aye her whistle would fetch him back.

Nem de astúcia nem de arte carecia,
Mas o assobio dela de volta o trazia.

Oh! Entrarei na pele de uma lebre,
Com tristeza, soluço e extremo cuidado,
E irei certamente, em nome do diabo.
Sim, até que seja trazida de volta à casa.
— Lebre, cuidado com a cadela galga.
Ela te perseguirá por todos esses pastos,
Pois aqui venho eu, em nome de Nossa Senhora,
Para o que seja, menos, mandá-la de volta à casa.

Nem de astúcia nem de arte carecia,
Mas o assobio dela de volta o trazia.

E ainda entrarei na pele de uma truta,
Com tristeza, soluço e extrema dúvida,
E lhe mostrarei muitos jogos divertidos,
Antes que eu seja trazida de volta à casa.
— Truta, cuidado com a lontra lisa.
Ela te perseguirá de uma margem a outra,
Pois aqui venho eu, em nome de Nossa Senhora,
Para o que seja, menos mandá-la de volta à casa.

Nem de astúcia nem de arte carecia,
Mas o assobio dela de volta o trazia.

E ainda entrarei no corpo de uma abelha,
Com enorme horror e asco de ti
E voarei para a colméia em nome do diabo,
Antes que eu seja trazida de volta à casa.
— Abelha, cuidado com a andorinha.
Ela te perseguirá de perto, por ceca e meca.
Pois aqui venho eu, em nome de Nossa Senhora,
Para o que seja, menos mandá-la de volta à casa.

Nem de astúcia nem de arte carecia,
Mas o assobio dela de volta o trazia.

E ainda entrarei na pele de camundongo
E correrei para a casa do moleiro,
Onde em seus grãos me fartarei
Antes que eu seja trazida de volta à casa.
— Camundongo, cuidado com a terrível gata branca,
De quem nunca escapou camundongo ou rato,
Pois hei de partir teus ossos, em nome de Nossa Senhora:
E assim é que tornarás à tua casa.

Nem de astúcia nem de arte carecia,
Mas o assobio dela de volta o trazia.

Existe uma forma intermediária do mito dos dois magos citada por Diodoro Sículo, por Galímaco (em seu *Hino a Ártemis*) e por Antonino Liberal, mitógrafo do século II d.C. (em sua obra *Transformações*), mas cada um a situa em diferentes regiões. Trata-se de um relato em que a deusa Ártemis, também chamada Afeia, Dictina, Britomártis ou Atergátis, é perseguida, sem sucesso, e, finalmente, escapa na forma de um peixe. Galímaco faz com que Minos de Creta seja o perseguidor erótico e Britomártis, a casta perseguida, relatando que a perseguição demorou nove meses, desde o início da estação das cheias até a época do aventamento. O mito busca explicar a cauda de peixe das estátuas da deusa em Ascalão, Figália, Crábos, Egina, Cefalênia, no monte Dicta, em Creta e alhures, bem como dar justificativa a seus devotos locais para que permanecessem fiéis aos ritos pré-helênicos e aos costumes maritais. Os pescadores que têm um papel relevante na história — Dictina significa "rede" —, são notoriamente conservadores com relação a suas crenças. Na versão filistéia de Ascalão, citada por Ateneo, a deusa era Dérceto e o perseguidor era um tal Moxo ou Mopso: talvez se tratasse de Mosco, o ancestral da tribo do rei Midas, que derrotou os hititas. A tentativa de Apolo em tirar a virgindade da ninfa Dafne também se assemelha a este mito.

A perseguição amorosa constitui, de modo surpreendente, a base da lenda da *lady* Godiva de Coventry. A chave da interpretação é fornecida por um setial da catedral de Coventry, que tem um grotesco entalhe mostrando aquilo que os livros-guias chamam de "uma figura emblemática da luxúria": uma mulher com cabelos muito compridos envolta numa rede, montada de lado sobre uma cabra e precedida por uma lebre. Nas histórias de Gaster sobre o *Targum* judaico coletadas por toda a Europa, fala-se de uma mulher a quem foi pedida uma prova de amor por parte de seu amante real. Ela deveria vir até ele "nem vestida, nem despida; nem a pé, nem a cavalo; nem por água, nem por terra seca; nem com um presente, tampouco sem ele". Então ela foi vestida de uma rede, montada numa cabra, com o pé arrastando numa valeta e precedida por uma lebre. A mesma história, com pequenas variações, foi narrada por Saxo Gramático em sua *História da Dinamarca*, escrita no final do século XII. Aslog, a últi-

ma da casa dos Volsung, filha de Brynhild e de Sigurd, vivia numa granja em Spangerejd, na Noruega, disfarçada numa cozinheira de rosto sujo de fuligem que se chamava Krake ("gralha" ou "corvo"). Mesmo assim sua beleza causou tal impressão aos seguidores do herói Ragnar Lodbrog que este pensou em esposá-la. Como teste que provasse o valor dela, disse-lhe que viesse até ele do seguinte modo: nem a pé, nem a cavalo; nem vestida, nem nua; nem jejuando, nem comendo; nem acompanhada, nem sozinha. Ela chegou no dorso de uma cabra, com um pé arrastando no chão, vestida apenas por seus cabelos e por uma rede de pesca, com uma cebola na boca e com um cão a seu lado.

Se ambas as histórias estão conjugadas num quadro, a "imagem emblemática da luxúria" tem um rosto negro, longos cabelos, um corvo (ou gralha) esvoaçando sobre a cabeça, uma lebre correndo na frente, um cão a seu lado, um fruto na boca, uma rede sobre ela e uma cabra (ou bode) sob ela. Assim, facilmente se a reconhece como sendo o aspecto, na véspera do dia Primeiro de Maio, da deusa Freya, do amor e da morte, que também era chamada Frigg, Holda, Held, Hilde, Goda ou Ostara. No Neolítico, ou no começo da Idade do Bronze, ela foi para o Norte, tendo partido do Mediterrâneo, onde era denominada Dictina (por causa da rede), Egea (pela cabra), Corônis (pelo corvo) e, ainda, Réia, Britomártis, Ártemis etc., tendo ela levado consigo a dança do labirinto.

O fruto em sua boca é, provavelmente, o pomo da imortalidade e o corvo significa morte e profecia — o corvo profético de Freya foi tomado dela por Odin, da mesma forma que Bran tomou de Danu e Apolo de Atená. Sob os nomes de Rhiannon, Arianrhod, Cerridwen, Blodeuzedd, Danu ou Anna, a deusa já se tinha estabelecido na Grã-Bretanha muito antes que os saxões, anglos e daneses tivessem introduzido versões muito similares dela. Hilde estava em seu elemento, na Via Láctea, assim como Réia em Creta e Blodeuwedd (Olwen) na Grã-Bretanha, sendo estas duas relacionadas com cabras; sendo um espécime desses sacrificado em sua honra na cerimônia celebrada na vigília do dia Primeiro de Maio. Como Holda, ela vinha montada numa cabra seguida por uma matilha de 24 cadelas caçadoras, suas filhas, que corriam a seu lado — eram as 24 horas da véspera do dia Primeiro de Maio — às vezes representadas como animais malhados de modo a evidenciar seu aspecto ambivalente, negro como a Mãe Terra e branca, cadavérica, como a Morte: Holda e Hel como Ostara, a deusa anglo-saxônia, cujo nome passou a designar a Páscoa em inglês (*Easter*), ela assistia ao *sabat* da véspera do dia Primeiro de Maio, quando lhe era sacrificada uma cabra. Seu animal ritual era a lebre, que ainda hoje "põe" os ovos de Páscoa. A cabra propiciava a fertilidade do gado; a lebre garantia boas caçadas; a rede, uma pesca farta, e os cabelos longos, boas safras.

Conforme fica claro pelas cerimônias inglesas das bruxas e pelo auto sueco de maio, chamado *Bükkerwise*, o bode da véspera do dia Primeiro de Maio se acasalava com a deusa, era sacrificado e ressuscitava: isto significa dizer que a sacerdotisa mantinha conjunção com o rei anual vestido com a pele de bode e, depois, ele era sacrificado e ressuscitava na pessoa de seu sucessor, ou ainda um

bode era sacrificado em seu lugar e seu reinado se prolongava. Este rito de fertilidade estava na base dos "Mistérios Menores" de Elêusis, altamente intelectualizados, que se celebravam em fevereiro, representando o casamento do bode-Dioniso com a deusa Tione, "a rainha furiosa", bem como a morte e a ressurreição dele.[10] Em Coventry, é evidente que ela ia para a cerimônia montada em seu dorso para demonstrar a dominação que exercia sobre ele — tal como Europa montou o touro de Minos ou como Hera, o seu leão.

A lebre, conforme se destacou no Capítulo 16, era sagrada tanto na Grécia pelasga quanto na Grã-Bretanha porque era ligeira, prolífica e se acasalava abertamente sem embaraço. Eu deveria ter mencionado naquele contexto que, na Grã-Bretanha primitiva, havia um tabu da caça à lebre, cuja infração era castigada com a covardia, mas que esta interdição era levantada num único dia do ano — na véspera do Primeiro de Maio. De igual modo, o tabu da caça da carriça se suspendia apenas no dia de santo Estêvão. (Boadicéia soltou a lebre durante sua batalha contra os romanos, presumivelmente na esperança de que eles a feririam com suas espadas e, assim, perdessem a coragem.)

Na véspera do dia Primeiro de Maio a lebre era caçada ritualmente e a "imagem da luxúria" do setial — que constitui uma boa descrição da deusa em tal ocasião — está soltando a lebre para que suas filhas a cacem. A esta noite de ritos bruxescos, evidentemente, pertence a canção *If all those young men*:

> *If all those young men were like hares on the mountain*
> *Then all those pretty maidens would get guns, go a-hunting.*
>
> Se todos aqueles rapazes fossem como lebres na montanha,
> Então todas as belas tomariam armas e iriam à caça.

"*Get guns*" (literalmente "pegar espingardas") pertence ao século XVIII; em seu lugar deve-se ler "turn hounds" (literalmente "se tornariam cadelas caçadoras"). Mas há ainda outros versos:

> *If all those young men were like fish in the water*
> *Then all those pretty maidens would soon follow after.*

[10] Nos antigos mistérios da Grã-Bretanha que correspondem a estes parece ter existido uma fórmula na qual a Deusa, provocadoramente, prometia ao iniciado, com quem ela celebrava o casamento sagrado, que ele não morreria "nem em pé, nem montado num cavalo; nem na água, nem na terra; nem no chão, nem no ar; nem dentro, nem fora de casa; nem calçado, nem descalço; nem vestido, tampouco nu". E, depois, como demonstração de seu poder, conduziu-o a uma posição em que a promessa não tinha validade — tal como na lenda de Llew Llaw e Blodeuwedd, onde aparece um bode na cena do assassinato. Uma parte dessa fórmula sobrevive no ritual maçônico de iniciação. O aprendiz — "nem despido nem vestido, nem descalço nem calçado, despojado de qualquer metal, com os olhos vendados e com uma corda amarrada no pescoço — é conduzido até a porta da loja com uma postura cambaleante."

Se todos aqueles rapazes fossem como peixe na água,
Então todas as belas logo iriam atrás deles.

Iriam com redes? Conforme sabemos pela história do príncipe Elfin e do pequeno Gwion, a véspera do Primeiro de Maio era o dia adequado para se lançar a rede num açude. Além disto, não era gratuito o fato de a Deusa levar sua rede para o *sabat*.

If all those young men were like rushes a-growing
Then all those pretty maidens would get scythes go a-mowing.

Se todos aqueles rapazes fossem como junco a crescer,
Então todas as belas buscariam foices para ceifá-los.

Outra vez aparece a caçada erótica: a alma do rei sagrado, rodeada por um grupo de mulheres orgiásticas, trata de escapar, na forma de lebre, de peixe ou de abelha; no entanto elas o perseguem implacavelmente e, no fim, ele é apanhado, estraçalhado e devorado. Numa variante da canção folclórica, o homem é o perseguidor e não o perseguido.

Young women they run like hares on the mountain
If I were but a young man I'd soon go a-hunting.

Jovens mulheres correm como lebres pelas montanhas
Fosse eu jovem rapaz e logo à caça delas iria.

A história de *lady* Godiva foi registrada por Roger de Wendover, um cronista da diocese de santo Albano, no século XIII. Narra ele que, pouco antes da conquista normanda, a saxônia *lady* Godiva (Godgifu) pediu a seu marido, Leofric Earl of Mércia, para que aliviasse o povo de Coventry das taxas opressivas. Ele assentiu sob a condição de que ela atravessasse nua e a cavalo a multidão do mercado num dia de feira. Assim fez ela, acompanhada por um cavaleiro a cada lado, mas preservou seu pudor, cobrindo-se com seus cabelos, de modo que apenas suas "pernas muito brancas" ficaram à mostra. A história — que também é contada tendo a condessa de Hereford e o "rei John" como protagonistas de uma distribuição de pães e queijos na festa de são Briavel, em Gloucerstershire — não pode ser historicamente verdadeira, porque, nos tempos de *lady* Godiva, Coventry era uma pequenina aldeia, sem taxas nem feiras. Contudo, sabe-se ao certo que, em 1040, ela persuadiu Leofric a construir um monastério para os beneditinos e a dar-lhes generosa dotação. O que provavelmente aconteceu foi que, depois da conquista normanda, o costume local da procissão da véspera do Primeiro de Maio dedicada à deusa Goda, durante a qual todos os cristãos piedosos deviam trancar-se em casa, foi disfarçada pelos

monges numa edificante historieta sobre sua benfeitora *lady* Godiva, cooptando a lenda saxônia. A fraude fica evidente na procissão de "*lady* Godiva" em Southam (que dista cerca de 18 quilômetros a sul de Coventry e que pertence ao condado de Leofric), durante a qual se carregam duas figuras, uma branca e outra negra — a Deusa como Holda e Hell, amor e morte. A história de Tom, o alfaiate *voyeur*, não é relatada por Roger de Wendover, mas pode se tratar de uma tradição primitiva autêntica. Diz-se que a cerimônia de são Briavel comemorava a abolição dos impostos sobre a lenha seca recolhida no bosque da vizinhança. Essa festa, tal como as procissões de Southam e Coventry, caía em *Corpus Christi*, uma data associada tanto em Coventry quanto em York com os autos de mistérios. A festa de *Corpus Christi* sempre cai numa sexta-feira,[11] dia próprio da Deusa, e corresponde, aproximadamente, à véspera de Primeiro de Maio. Em conseqüência disto, parece que os autos de mistérios tinham origem nas festividades da véspera de Primeiro de Maio, a Bükkerwise em honra de Goda, a *Bona Dea* (Deusa Boa). É possível que a figura do alfaiate *voyeur* Tom seja resquício da recordação de um provável interdito quanto aos homens assistirem à procissão, tal como: em Roma, durante as cerimônias da *Bona Dea*; na Alemanha celta, conforme registrou Tácito (*Germânia*, Cap. 40), durante o banho anual de Hertha, depois do retorno a seu bosque sagrado; ou, ainda, na Grécia, na época de Actéon, quando Diana tomava seu banho no bosque.

Os britânicos constituem uma raça misturada, mas os ramos não-teutônicos dos adoradores da Deusa são os mais fortes. Isto explica por que a poesia escrita em inglês continua sendo obstinadamente pagã. A concepção bíblica da necessária supremacia do homem sobre a mulher é estranha à mentalidade britânica: entre todos os bretões de sensibilidade, a regra é sempre "primeiro as damas" em todas as ocasiões sociais. O homem da época da cavalaria errante, com maior prontidão, estava mais disposto a morrer por uma rainha do que por um rei. A autodestruição é, com efeito, uma reconhecida prova de grande paixão:

And for the bonnie Annie Laurie
I wad lay me doon and dee.

E por causa da bela Annie Laurie
Me entregaria ao destino e à morte.

Na Grã-Bretanha existe um nostálgico suspirar pelas deusas, senão mesmo por uma deusa tão dominadora quanto a aborígine Deusa Tríplice. A Trindade masculina corresponde, cada vez menos, ao sistema social britânico, em que a mulher, agora que se tornou proprietária e eleitora, está quase a reconquistar a

[11] Quanto a esta afirmação, é provável que se trate de um equívoco, porque esta festa católica móvel sempre se comemora numa quinta-feira, por seu vínculo com a instituição do Corpo Eucarístico de Cristo, na quinta-feira da Semana Santa. (N. T.)

posição de respeito que usufruíra antes da revolução dos puritanos. Na verdade, a Trindade masculina datava de antes desse movimento revolucionário, mas era, então, um conceito teológico e não emocional. Conforme foi mostrado, a Rainha dos Céus com seu séquito de santas tinha uma presença muito mais marcante na imaginação popular entre as cruzadas e a Guerra Civil do que o Pai ou o Filho. Com efeito, um dos resultados da ruptura de Henrique VIII com Roma foi o fato de sua filha, a rainha Elisabeth I, ao se tornar chefe da Igreja Anglicana, passar a ser vista, popularmente, como uma espécie de divindade. Os poetas não só a transformaram em Musa deles, mas lhe deram títulos — Febe, Virgínia, Gloriana — que a identificavam com a deusa-lua, e o extraordinário afeto que por ela sentiam seus súditos era algo que se devia em grande parte a esse culto.

A passageira reinstalação do deus-trovão na soberania religiosa efetiva, durante a República de Cromwell, foi o acontecimento mais notável da moderna história britânica. A causa residiu numa fermentação mental induzida pela Bíblia, na versão do rei Jaime, entre as classes mercadoras das grandes cidades, bem como em partes da Escócia e da Inglaterra onde corria diluído o sangue celta. A Primeira Guerra Civil foi travada, principalmente, entre a nobreza cavalheiresca, com seus dependentes, e as classes mercadoras, com os artesãos que as apoiavam. O Sudeste anglo-saxônico-danês era, majoritariamente, parlamentarista, e o noroeste celta era, profundamente, a favor do rei. Desta forma, os gritos de guerra bradados pelas partes em conflito durante a batalha de Naseby, na qual se decidiu a guerra, foram apropriados. Gritava o exército parlamentarista: "Deus, nossa força!", e as tropas realistas bradavam: "Rainha Marie!" A rainha Marie era católica e seu nome evocava a Rainha dos Céus e do Amor. O deus-trovão venceu naquele dia e manifestou seu ódio não apenas sobre a Virgem e seu séquito de santas, mas sobre a Donzela Marian e seus postes de maio, assim como sobre o outro culto da Tríplice Deusa, que ainda sobrevivia nas ilhas britânicas: o culto das bruxas. No entanto, seu triunfo durou pouco, porque, depois de vitorioso, destronou o rei,[12] seu principal representante. Teve um segundo período de fortalecimento, por ocasião da Restauração, quando retornou em 1688, tendo um rei protestante como seu deputado, mas, então, sua fúria tonitruante já se arrefecera. Teve um segundo acesso de força com o reavivamento religioso entusiasmado, impulsionado pela classe mercadora, fato que acompanhou a Revolução Industrial, porém voltou a perder terreno no começo do século XX.

Elisabeth I foi a última rainha a desempenhar o papel de Musa. Vitória, bem coma a rainha Ana preferiram representar a deusa da guerra inspirando

[12] É um paradoxo estranho o fato de Milton — que foi o primeiro escritor parlamentarista a defender a execução de Carlos I e poeta laureado do deus-trovão — ter se deixado seduzir pelos encantos da "Musa do Norte", ou seja, a rainha Cristina da Suécia. Em sua obra *Second Defense of the English People*, o enaltecimento que dela faz não só se compara, como também excede, aquilo que os elisabetanos escreveram sobre Elisabeth, embora pareça inteiramente sincero.

seus exércitos, e provaram ser um eficiente substituto para o deus-trovão. No reinado do neto de Vitória, o 88º regimento dos *Carnatics*[13] do exército indiano ainda cantava:

Cooch parwani

Good time coming!
Queen Victoria
Very good man!
Rise up early
In the morning.
Britons never, never
Shall be slave (...).

Cooch parwani

Bom tempo está vindo!
Rainha Vitória
Homem muito bom!
Levantem-se bem cedo
Pela manhã.
Os britânicos nunca, nunca
Hão de ser escravos (...).

Contudo, Vitória esperava que as mulheres da Inglaterra reverenciassem seus maridos assim como ela reverenciara o seu, e não demonstrava qualquer coqueteria sexual, interesse pela poesia amorosa ou pela erudição, elementos que servem para tornar uma rainha Musa dos poetas. As rainhas Ana e Vitória deram ambas nome a bem conhecidos períodos da poesia inglesa, mas o nome da rainha Ana relembra um pudor desapaixonado na escrita e o de Vitória, o didatismo e a ornamentação rococó.

O amor dos britânicos pelas rainhas não parece fundamentar-se apenas no lugar-comum de que "a Grã-Bretanha nunca é tão próspera como nas épocas em que reina uma rainha": antes, tal afeto reflete uma teimosa convicção de que se trata de uma pátria-mãe e não de um país-pai — aliás, uma peculiaridade que os gregos clássicos também destacavam a respeito de Creta —, e de que a principal função do rei consiste em ser o marido da rainha. Tais apreensões, convicções ou obsessões nacionais constituem a fonte primeira de toda religião, mito ou poesia. Não podem ser erradicadas nem pela conquista, nem pela educação.

[13] Naturais do Sudeste da Índia, atual Estado de Madras. (N. T.)

Capítulo 23

Animais fabulosos

Os místicos hindus sustentam que, para pensar com perfeita clareza, em sentido religioso, se deve, primeiro, eliminar todo desejo físico, até mesmo aquele de continuar vivo; mas tal não é o caso do pensamento poético, uma vez que este se enraíza no amor e, o amor, no desejo, que, por sua feita, se nutre na esperança de uma existência continuada. Entretanto, para pensar com perfeita clareza em sentido poético é preciso que nos desembaracemos de grande parte dos inconvenientes intelectuais, até mesmo de todos os preconceitos doutrinários dogmáticos. O pertencimento a qualquer partido político, seita religiosa ou escola literária deforma o sentido poético — é como se algo irrelevante e destrutivo se introduzisse naquele círculo mágico que o poeta traça com a vara de freixo, aveleira ou salgueiro, de modo a isolar-se para o ato poético. É preciso que consiga independência, a qualquer preço, aprenda a pensar tanto mítica quanto racionalmente e nunca se surpreenda com os estranhos animais não-zoológicos que entrarem dentro do círculo; eles vêm para ser questionados e não para assustar.

Caso o visitante seja uma Quimera,[1] por exemplo, o poeta a reconhecerá pela cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente, como um animal do calendário cário — uma variante do bode (ou cabra) alado no qual, segundo Clemente de Alexandria, Zeus subiu aos céus. A Quimera era uma filha de Tífon, o destrutivo deus das tormentas, com Equidna, uma deusa-serpente do inverno. Os hititas a tomaram de empréstimo aos cários e esculpiram sua imagem num templo em Carquêmis, no Eufrates. Também é provável que Cérbero, uma cadela confundida com cachorro, apareça dentro do círculo: trata-se de um animal semelhante, que tem normalmente três cabeças — leoa, lince e porca. O lince é uma fera do outono, ao que parece mencionada por Gwion em seu *Can Y Meirch*, embora possa estar se referindo ao gato Palug, a gata-Deméter de Anglesey: "Eu fui um gato com pintas na cabeça, numa árvore bifurcada."

O unicórnio pode deixar o poeta perplexo. Contudo, aquele que foi descrito por Plínio — e que está incorporado no unicórnio heráldico do brasão real britânico, exceto pelo fato de o chifre ser uma espiral branca perpendicular — é

[1] No final do século XX, tal termo passou a ser empregado para designar animais produzidos por meio de engenharia genética. No original, o autor colocou, entre parênteses, *she-goat*, "cabra", indicando, assim, sua tradução para o termo grego *kímaira* ("cabritinha"). (N. T.)

coerente com o sentido do calendário: representa o ano solar com as cinco estações do alfabeto Boibel-Loth. O chifre está no centro dos dias caniculares[2] e constitui um símbolo de poder: "Exaltarei o teu chifre." É quando inicia a estação *E*, que ele representa; assim como o líder dos veados representa a estação *I*, época em que estes animais são caçados; como o corpo do cavalo simboliza a estação *A*, em cujo começo se sacrificava, em Roma, o Cavalo de Outubro; como a pata do elefante, a estação *O*, durante a qual a terra mostra seu maior vigor; assim como a cauda (*Ura*) do leão é emblema da estação *U*. Ao que parece, o animal de chifre era, originalmente, o rinoceronte, o animal mais formidável do mundo — "aquele que enfrenta o rinoceronte macho faz algo que a pantera não ousa fazer" —, porém, por causa da dificuldade em obter chifres de rinoceronte, os mercadores do tempo de Plínio faziam passar como sendo de unicórnios os compridos chifres curvos de órix, um antílope abissínio. Plínio deve ter visto algum exemplar desses chifres porque, apesar de sua normal aversão e desconfiança romana pelos animais fabulosos, menciona o unicórnio como uma espécie zoológica autêntica. Entretanto, na Grã-Bretanha, o chifre[3] do narval tornou-se o tipo mais aceito, por causa de sua cor branca, de sua dureza superior e por ser retorcido como a espiral da imortalidade. E também porque a divindade do ano, que recebe inúmeros nomes, sempre vem do mar — tal como Gwion diz em seu *Angar Cyvyndawd*: "Das profundezas ele veio em carne e osso." Em conseqüência disto, o narval passou a ser chamado de "unicórnio marinho". Entretanto, foram poucos os mitógrafos britânicos que aceitaram a opinião de Plínio, tal como fez Thomas Boreman, no princípio do século XVII, ao recordar: "Seu chifre é tão duro quanto o ferro, e áspero como uma lima, retorcido e crespo como uma espada flamejante; muito reto, afiado e todo negro, com exceção da ponta." Uma interessante variante desse animal fabuloso é o asno selvagem de um único chifre, que Heródoto aceitava como um autêntico espécime zoológico; o asno selvagem é o animal de Set, cuja quinta parte do ano se concentra no solstício de verão e cujo chifre, assim, é exaltado. No entanto, não se deve esquecer que Ctésias, historiador do século V a.C. e o primeiro grego a escrever sobre o unicórnio em sua obra *Indica*, descreve o chifre como sendo branco, vermelho e preto. Tais cores pertencem à Tríplice deusa-lua — conforme ficou demonstrado no enigma de Suidas sobre a amora e a novilha, citado próximo ao final do Capítulo 4 — a quem o Deus do Ano era submisso.

É provável que o unicórnio tivesse um significado tanto espacial quanto temporal, embora o espaço tenha sido sempre dividido pelos quatro pontos do

[2] A expressão "dias caniculares" traduz "Dog days", que significa o período do ano em que a estrela Sírius se eleva no horizonte junto com o Sol, entre 3 de julho e 11 de agosto, período mais quente no hemisfério Norte, do que se tira a expressão da língua portuguesa "calor de cão". (N. T.)

[3] Na realidade, trata-se de uma presa, ao que parece, um dente incisivo e não exatamente de um chifre. (N. T.)

horizonte e não por cinco. A cruz quadrada, simples ou convertida numa suástica ou cruz gamada, desde tempos imemoriais tem representado a mais completa amplitude da soberania; foi o principal símbolo da Creta minóica, solitária ou encerrada num círculo, e era reservada para a Deusa e para seu filho, o rei. Em regiões da Índia onde Kali é adorada — com ritos que se parecem de perto com aqueles da Grande Deusa cretense e pelasga, como sendo a mais poderosa de uma pentade, a saber, Shiva, Kali, Vishnu, Suria e o deus-elefante Ganesh, toscamente correspondente à pentade egípcia Osíris, Hórus, Ísis, Set e Néftis —, o número 5 tem tido definitivamente um significado espacial. No ritual da coroação de um rei indiano, o celebrante, quando veste o rei com um manto sagrado denominado "o Ventre", numa cerimônia de renascimento, entrega a ele cinco dados e diz: "Tu és o amo, e que estas tuas cinco regiões te caiam com sorte." As cinco regiões são os quatro quadrantes do horizonte e o zênite.

Assim, o chifre solitário e exaltado do unicórnio representa "o pólo superior" que vai diretamente do rei até o zênite, o ponto mais quente que o Sol atinge. O chifre do unicórnio, na arquitetura egípcia, é o obelisco, que tem uma base quadrada encimada por uma ponta piramidal. Sua forma mais agachada é a pirâmide, e a dominação, que originalmente expressava, não era aquela do deus-sol, que nunca se levanta do Norte, mas sim a da Tríplice Deusa cujo triângulo de mármore branco encerra de cada lado a tumba de seu filho real.

Tal como a sua equivalente Minerva, a Kali também se consagra o número 5. Por isso é com as seguintes palavras que o místico Ram Prasad fala dela e de sua dança ensandecida sobre o corpo prostrado de Shiva:

My heart is five lotuses. You building these five into one, dance and swell in my mind.

Meu coração são cinco lótus. Tu transformas os cinco num único, danças e te expandes em minha mente.

Refere-se ele aos cultos das cinco divindades, que são todos, na verdade, cultos de Kali. Há de se lembrar que Dioniso e Io de Argos, a vaca branca sagrada, que acabou se transformando em Ísis, fizeram visitas à Índia.

Nos mistérios dionisíacos, o bode era símbolo da ressurreição, da esperança humana de imortalidade e parece que, quando os druidas hiperbóreos visitaram a Tessália reconheceram o bode associado a maçãs. Pois a macieira, diga-se de passagem, é o abrigo da corça branca. É do bode que o unicórnio da heráldica e da arte medieval herdaram sua barba ocasional; contudo, entre os místicos cristãos, o bode grego de um só chifre da visão de Daniel é que conferiu belicosidade a este animal, uma feita pacífico.

Na Grã-Bretanha e na França o corço e a corça brancos não foram destituídos pelo unicórnio; perduraram na tradição popular e apareciam nos romances

medievais com símbolo do mistério. O rei Ricardo II adotou "um corço branco alojado" como insígnia pessoal, que foi o modo como o animal foi parar nas placas indicativas das pousadas britânicas. Às vezes ele trazia uma cruz entre seus galhos, tal como aparecera a santo Humberto, padroeiro dos caçadores, que o caçara sem descanso, durante semanas, através de densa floresta, e a são Juliano, o Hospitalário. Assim, o unicórnio do deserto e o corço branco da floresta têm o mesmo significado místico. Porém, durante a onda hermetista do princípio do século XVII, tiveram seu significado diferenciado, respectivamente, em espírito e alma. Os hermetistas eram neoplatônicos que costuraram seus mantos filosóficos com retalhos da tradição barda já um tanto esquecida. Em *The Book of Lambspring*, um tratado hermético de grande raridade, há uma gravura que mostra um veado e um unicórnio, de pé, juntos numa floresta. E o texto diz:

> Os sábios dizem, em verdade, que dois animais existem neste bosque: um deles, que é glorioso, belo e veloz, é um cervo grande e forte; o outro é um unicórnio. (...) Se aplicamos a parábola de nossa arte, chamaremos de bosque ou floresta o corpo (...). O unicórnio será o espírito em todos os tempos. O cervo não deseja outro nome do que aquele de alma (...). Aquele que for capaz de domá-los, de dominá-los pela arte, colocando-os juntos, e de guiá-los para dentro do bosque e de lá os conduzir, poderá receber, com justiça, o nome de Mestre.

Um animal anônimo pode aparecer diante do poeta tendo cabeça de cervo coroada com ouro, corpo de cavalo e cauda de serpente. Ele sairá de um poema gaélico publicado por Carmichael em *Carmina Gadelica*, de um diálogo entre Bride e seu filho, cujo nome não é citado:

BRIDE: *Black the town yonder,*
Black those that are in it;
I am the White Swan,
Queen of them all.

SON: *I will voyage in God's name*
In likeness of deer, in likeness of horse,
In likeness of serpent, in likeness of king.
More powerful will it be with me than with all others.

NOIVA: Negra é a cidade distante,
Negros os que nela estão;
Eu sou o Cisne Branco,
Rainha de todos eles.

FILHO: Viajarei em nome de Deus
Na forma de cervo e, ora, como cavalo,
Na forma de serpente e, ora, como um rei.
Mais poderoso comigo será do que com qualquer outro.

O filho é evidentemente um Deus do Ano-Velho, conforme demonstra a seqüência do veado, do cavalo e da serpente.

Ou, então, é uma fênix que entra voando no círculo. Embora os romanos nela cressem, literalmente — fato que se explicaria por serem suas visitas a On-Heliópolis consideradas tão breves e espaçadas que não lhes permitia questionar sua existência — a fênix era um animal calendar. Como os egípcios não conheciam o ano bissexto, a cada ano sobravam algumas horas, que eram postas à parte até que, depois de 1.460 anos, somassem um ano inteiro, o chamado Ano Sotíaco. Era quando os festivais fixos, que se tinham deslocado à medida que os séculos corriam (com o mesmo tipo de inconvenientes causados aos neozelandeses pelo Natal no solstício de verão), acabavam voltando a seu ponto original, possibilitando que se intercalasse um ano inteiro nos anais. Tratava-se de uma ocasião de grande regozijo e, em On-Heliópolis, principal templo solar do Egito, ao que parece, uma águia com asas pintadas era queimada viva, com especiarias, num ninho feito de folhas de palmeira, com o fito de comemorar o evento.

Essa águia representava o deus-sol e a palmeira era consagrada à Grande Deusa, sua mãe; o sol completara sua grande revolução e o velho sol-águia, assim, retornara ao ninho para a inauguração de uma nova era da fênix. A lenda conta que, das cinzas da fênix, nascia um pequeno verme que, pouco depois, se transformava numa verdadeira fênix. Esse verme eram as seis horas e os poucos minutos que sobravam do próprio Ano da Fênix: em quatro anos somavam um dia inteiro, um filhote de fênix. Do confuso relato que Heródoto traça sobre a fênix, deduz-se que, em On-Heliópolis, se mantinha sempre uma águia sagrada que, ao morrer, era embalsamada num ovo redondo de mirra, o que a preservaria indefinidamente, sendo, então, consagrada outra águia. Presume-se que tais ovos de mirra eram incluídos no holocausto final. O fato de que a fênix viesse voando da Arábia não significa mais do que o sol que se eleva do deserto do Sinai. É irônico que os primitivos cristãos continuassem a acreditar numa fênix literal, que eles transformaram em símbolo do Cristo ressuscitado muito tempo depois que a fênix fora morta. Foi o imperador Augusto, no ano 30 d.C., quem a matou, sem que ele tivesse consciência disto, por causa da estabilização que fez no calendário egípcio.[4]

Ou, então, pode aparecer a visão de uma matilha de caçadores de Gabriel com orelhas vermelhas e focinhos rosados, correndo em perseguição a alguma

[4] Em 264 a.C., o rei Ptolomeu Evérgeta ("o Benfeitor") sentenciara a fênix à morte, mas os sacerdotes ignoraram sua ordem para reformar o calendário. Assim, foi Augusto quem recebeu a notoriedade pelo feito.

alma pagã. Apesar de sua aparência espectral e de sua sinistra reputação na mitologia britânica, tais animais são decentemente zoológicos. São os antigos cães de caça egípcios representados nas pinturas das tumbas, que, apesar de extintos no Egito, são criados na ilha de Ibiza, para onde foram levados por colonos vindos de Cartago. A raça também pode ter sido introduzida na Grã-Bretanha perto do final do segundo milênio a.C. junto com as contas egípcias azuis encontradas nos túmulos da planície de Salisbury. São maiores e mais ligeiros do que os galgos e tanto caçam pelo olfato, quanto pela visão; como estratégia, imitam o ganido dos gansos selvagens migratórios — especialmente o ganso bernaca — ao sobrevoarem à noite: um barulho que é considerado no Norte e no Oeste da Inglaterra como um prenúncio de morte próxima. Anúbis, a divindade embalsamadora, que levou a alma de Osíris para o mundo subterrâneo, era originalmente um chacal errante, mas veio a ser pintado como um cão de caça de coração nobre, sendo que só a cauda permaneceu com evidência de seus dias de chacal.

Ou, talvez, o visitante possa ser um querubim. Mencionado no primeiro capítulo do Livro de Ezequiel, trata-se, claramente, de um animal calendar. Tem quatro partes, que representam os "quatro anos novos" da tradição judaica: o leão para a primavera; a águia para o verão; o homem para o outono, o principal Ano-Novo; o touro para o inverno, que é a estação judaica da aradura. Ezequiel identifica esse querubim a uma roda ardente, que é, evidentemente, a roda do ano solar, assim como o Deus a quem serve é, sem dúvida, o Sol da Retidão, uma emanação do Ancião dos Dias. Além do mais, cada querubim — há quatro deles — corresponde a uma roda do carro de Deus e avança em frente sem desviar-se. A síntese de Ezequiel: "E a aparência deles e seu trabalho era como se fossem uma roda no meio de outra roda"[5] tornou-se proverbial por sua ininteligibilidade. Contudo, tem um sentido simples no contexto de calendário. Cada roda da carruagem de Deus representa o ciclo anual, ou roda, de quatro estações; a chegada da carruagem inaugura um novo ciclo, ou roda, de quatro anos. Cada ano, com efeito, são rodas dentro de uma roda de quatro anos, desde o início até o fim dos tempos: e o Eterno Condutor é o Deus de Israel. Ao tornar rodas os próprios querubins, confere-se ao carro o poder de movimento e Ezequiel evita ter de colocar um cavalo angélico entre os eixos: ele se lembrou de que a carruagem votiva puxada por cavalos colocada pelo rei Manassés no Templo de Jerusalém fora removida como sendo idolátrica pelo bom rei Josias. No entanto, na verdade, a águia de Ezequiel deveria ter sido um carneiro ou um bode e o homem, uma serpente ígnea com rosto humano; com asas de águia para cada um dos quatro animais. Seus motivos para fazer esta representação errônea serão mostrados em meu último capítulo.

[5] A Bíblia de Jerusalém traz as seguintes palavras, em Ezequiel 1, 16b: "Quanto ao seu aspecto e à sua disposição, davam a impressão de que uma roda estava no meio da outra." (N. T.)

A cor desses brilhantes querubins nascidos das nuvens era o âmbar apolíneo, tal como aquela do Homem a quem serviam. Eles bem podem ter sido ministros do hiperbóreo Apolo, o deus-solar, a quem era consagrado o precioso âmbar. Além do mais, cada raio dourado da roda terminava na perna de um bezerro, sendo o bezerro de ouro o animal sagrado do deus que, segundo o rei Jeroboão, havia tirado Israel do Egito, tal como também era consagrado a Dioniso, a parte mutante do imutável Apolo.

Esta aparente identificação de Iahweh com Apolo teria alarmado os fariseus, embora não tenham ousado rejeitar a visão. Consta que um estudante, que reconheceu o significado de *hashmal* ("âmbar", *hashmal*, no hebraico moderno, é a palavra usada para designar "eletricidade"; por outro lado, "eletricidade" deriva da palavra grega para âmbar) e a discutiu com imprudência, acabou fulminado por um raio (*Haggada*, 13.B). Por este motivo, segundo a *Mishnah*, o *Ma'aseh Merkabah* ("trabalho do carro" ou "da carruagem") só pode ser ensinado a quem, além de ser sábio, também seja capaz de deduzir conhecimento através de sua própria sabedoria ("*gnosis*"); além disto, ninguém mais pode estar presente durante o ensinamento. "Seria melhor que aquele que falar de coisas que foram antes, atrás, acima e em baixo nunca tivesse nascido." No conjunto, considerava-se mais seguro deixar de lado o *Merkabah*, especialmente porque foi profetizado que "na plenitude dos tempos, Ezequiel voltará e abrirá para Israel as câmaras do *Merkabah*" (*Cant. Rabbah*, 1, 4).

Assim, apenas alguns poucos rabinos conhecidos ensinaram o mistério e somente a seus discípulos mais seletos. Dentre eles estavam o rabino Johan ben Zadkai, o rabino Joshua (vice-presidente do Sinédrio sob Gamaliel), o rabino Akiba e o rabino Nehunia. O rabino Zera disse que nem sequer os títulos do *Merkabah* deviam ser comunicados, exceto a uma pessoa que estivesse liderando uma academia e que fosse de temperamento cauteloso. O rabino Ammi disse que a doutrina devia ser confiada apenas a quem tivesse todas as cinco qualidades enumeradas em Isaías 3, 3: comandante de esquadrão, homem respeitável, conselheiro, artífice hábil e orador eloqüente. Difundiu-se a crença de que as exposições do mistério do *Merkabah* provocaria a aparição de Iahweh.

O rabino Johanan ben Zadkai percorria a estrada montado em seu asno, e seu discípulo Eleazar ben Arak caminhava atrás dele. Disse o rabino Eleazar:

— Mestre, ensine-me sobre o Trabalho da Carruagem.

E o rabino Johanan declinou. O rabino Eleazar insistiu:

— Será que me é permitido repetir em sua presença algo que o mestre já me ensinou?

O rabino Johanan consentiu, mas desmontou do asno, enrolou-se em suas vestes e foi sentar-se sobre uma pedra debaixo de uma oliveira. Ele declarou que era indecoroso que continuasse montado enquanto seu discípulo estava falando de um mistério tão tremendo e enquanto a *Shekinah* ("A Refulgência") e os *Malache ha-Shareth* ("Anjos Auxiliares") os estavam

acompanhando. Logo que o rabino Eleazar deu início a sua exposição, desceu fogo dos céus e os circundou, bem como a todo o terreno. Os anjos se reuniram para escutar, assim como os filhos dos homens se juntam para assistir às festividades de algum casamento e houve um canto nas árvores de terebinto:

— De toda a Terra, louvai o Senhor, vós, dragões e todos os abismos, árvores frutíferas e todos os cedros, louvai o Senhor!

Ao que respondeu um anjo em meio ao fogo, dizendo:

— Tal é o Trabalho da Carruagem!

Quando Eleazar terminou, o rabino Johanan se levantou e o beijou na cabeça. E disse:

— Louvado seja o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, pois Ele deu a nosso pai Abraão um filho sábio que sabe como discursar sobre a Glória de nosso Pai celestial.

O rabino José ha-Kohen e o rabi Joshua tiveram experiências semelhantes. E certa feita o rabino ben Azzai estava sentado meditando sobre as Escrituras quando, de repente, uma labareda o envolveu. Seus discípulos correram para o rabino Akiba, que veio até ben Azzai e lhe perguntou: "Estás estudando os mistérios do *Merkabah*?"

O mistério não era monopólio dos judeus. Segundo Macróbio, o oráculo de Cólofon, uma das doze cidades jônicas da Ásia Menor, atribuía uma natureza quádrupla ao deus transcendente Iao. No inverno, ele era Hades, ou Cronos; na primavera, Zeus; no verão, Hélios (o Sol); no outono, Iao ou Dioniso. Estes conhecimentos deviam fazer parte da instrução, mencionada no Capítulo 15, dada pelos sete mistagogos no monte Olimpo a Cipriano de Antioquia. Na religião órfica, Iao também era conhecido como o Fanes (de *phaino*, "eu apareço") de quatro olhos, o primogênito entre os deuses. No fragmento órfico 63, ele é descrito como tendo asas douradas e cabeças de carneiro, touro, serpente e leão. A cabeça de touro estava presa a seu flanco para demonstrar sua natureza principal, e ele usava uma grande cobra como toucado, "que se parecia como todo tipo de animal selvagem".

Aqui podemos estabelecer uma ousada identificação entre o querubim e a roda giratória que guarda os paraísos da lenda celta, pois, segundo Gênesis 3, 24, os querubins ficavam estacionados no portão oriental do Éden. Estavam armados com "a espada turbilhonante de Iahweh" — com a qual ele matou (segundo Isaías 27, 1) o dragão, tal como Marduk havia matado Tiamat — para impedir que alguém entrasse. O Paraíso da tradição de Ezequiel (Ez 28, 13-16)[6] é um jardim bem irrigado na base de um colina, ocasionalmente visitada por heróis como o rei de Tiro. Lá brilham pedras preciosas e se ouvem tambores e flautas.

[6] No original em inglês consta a citação de Ezequiel 38, 13-16, quando o procedente é o capítulo 28, conforme se colocou na presente tradução. (N. T.)

Vimos que Gwion o situa no vale de Hebron. Os serafins, ou "serpentes flamejantes", associados com os querubins nos deveres de guardião, são evidentemente outra maneira de expressar as espirais sagradas gravadas como um aviso na porta do recinto sagrado; os querubins, porque se distinguiam deles, eram provavelmente representados por suásticas ou rodas de fogo.

No relato de Ezequiel é fácil reconhecer o rei de Tiro como o Héracles canópico, originalmente um herói-solar egeu que acabou assimilado pelos semitas como Melkarth, a principal divindade de Tiro. Acredita-se que a pequena ilhota diante de Tiro tinha a função de principal entreposto usado pelos Povos do Mar durante o segundo milênio a.C. para o comércio com a Síria, assim como Faros para negociar com o Egito. Ezequiel, conhecedor da primitiva proximidade entre os cultos de Iahweh e de Melkarth, declara que já não era possível um entendimento religioso entre Jerusalém e Tiro como houve no tempo de Salomão e Hiram. O rei Hiram, de Tiro, como Salomão, a quem se igualava e até superava em sabedoria, era sacerdote de Melkarth e Iahweh, agora, admite pela boca de Ezequiel: "Tu selas a perfeição, cheio de sabedoria e perfeito na beleza."[7] No entanto, ele acusa o atual rei de Tiro de ter cometido o pecado de pretender ser um deus, Melkarth como imortal, e o castigo por tal presunção era a morte. Isto é um aviso indireto que Ezequiel faz a seu próprio rei, Sedecias de Judá, um descendente de Salomão, para que não se deixe conduzir pela tentação do rei de Tiro e achar que fosse o próprio Iahweh. (Sedecias não escutou o aviso e "o profano e malvado príncipe" morreu cego e acorrentado em Riblah, a capital de seus inimigos cuchitas. E foi o último rei de Judá.) Assim Ezequiel pronuncia um lamento por Melkarth, que, como Adão, fora expulso do Paraíso pelo querubim, apesar de sua santidade e sabedoria originais, tendo sido, então, queimado e reduzido a cinzas. É claro que isto não era senão o destino de Melkarth: no relato grego, ia para um pomar de macieiras no Oeste — o jardim das Hespérides —, mas tem de obedecer ao arauto Copreu e retornar de suas delícias para terminar em cinzas na pira do monte Eta.

O vínculo poético do querubim com a morte e incineração do Hércules-Melkarth consiste no fato de que a pira era acendida por aquele, o que significa dizer, pela rotação de uma roda de fogo em forma de suástica atada a um trado. Este método de produzir fogo pela fricção de uma vareta de carvalho usada como broca sobreviveu até o século XVIII no altiplano escocês, mas apenas para acender os fogos de Beltane [Festa de Primeiro de Maio], aos quais se atribuíam virtudes miraculosas. O pilriteiro, a madeira da castidade, era empregada com freqüência para friccionar. *Sir* James Frazer descreve com minúcias a cerimônia dos fogos de Beltane em sua obra *The Golden Bough*, e mostra que, originalmente, culminava com o sacrifício de um homem representando o deus-carvalho.

[7] O trecho citado corresponde a Ezequiel 28, 12b, que na Bíblia de Jerusalém traz as seguintes palavras: "Tu eras um modelo de perfeição, cheio de sabedoria, de uma beleza perfeita." (N. T.)

Em alguns distritos da Escócia a vítima, até mesmo, era denominada "Baal", que constituía o título usual de Melkarth.

Assim, vemos que Ezequiel era um mestre em afirmações ambivalentes. Tornou o destino de Héracles um símbolo da iminente destruição de Tiro pelo rei Nabucodonosor da Babilônia; como castigo pelo pecado do orgulho que, por causa da prosperidade comercial alcançada pela cidade, corrompera seus governantes. "Em virtude de teu comércio intenso, te encheste de violência" (Ez 28, 16a).

Nem todos os animais compostos constituem referências ao calendário. A Esfinge, por exemplo, com seu rosto de mulher, corpo de leão e asas de águia, é Ura, ou Urânia, a Deusa, com domínio sobre o ar e a terra, aquela que delega a soberania a seu filho real, o rei. Por outro lado, o touro alado assírio, com sua face de homem, é o equivalente patriarcal da Esfinge. É provável que uma interpretação iconotrópica errônea do touro alado dos assírios explique os curiosos detalhes da loucura do rei Nabucodonosor no *Livro de Daniel*:

> — Pai, o que é isso?
>
> — É uma antiga estátua, meu filho, que representa o rei Nabucodonosor, que levou nossos ancestrais em cativeiro para longe, há mais de trezentos anos, por que eles tinham aborrecido o Senhor Deus. Depois disto, dizem eles, ele perdeu a razão por 49 meses e vagou pelos lindos jardins de seu palácio como um animal.
>
> — Mas tinha realmente este aspecto?
>
> — Não, meu filho. Esta é uma estátua simbólica que significa que ele compartilhava da natureza das criaturas que compunham seu corpo e seus membros.
>
> — Então quer dizer que ele comia grama como um touro, batia os braços como se fossem asas, escavava coisas com as garras, permanecia a noite toda ao relento e à chuva e nunca aparava os cabelos?
>
> — Deus tem estranhos modos de demonstrar seu descontentamento, meu filho.

A esfinge egípcia tornou-se masculina tal como era o touro alado da Assíria, sendo o culto faraônico patriarcal, embora também matrilinear. Contudo, a esfinge pelasga permaneceu fêmea. "Esfinge" significa "A Estranguladora" e, nas cerâmicas da arte etrusca, ela é, normalmente, representada segurando homens ou em pé sobre seus corpos prostrados, porque ela só se revelava inteiramente no final do reinado do rei, quando o sufocava. Depois que foi substituída no cargo de governante do ano por Zeus ou Apolo, esta convenção artística fez com que ela fosse associada, na Grécia, com doença e morte, sendo definida como filha de Tífon, cujo hálito era o insalubre siroco. A reivindicação, que faz Apolo, de ser o governante do ano era apoiada pelas esfinges em seu trono em Amiclas, da mesma forma que Zeus o era por aquelas em seu trono em Olímpia — a serem compreendidas como troféus de sua conquista de Tífon. No entanto, Atenas

continuava a usá-la em seu capacete, pois ela fora, noutra época, a própria Esfinge.

Pode, ainda, um bando de Sereias aladas irromper dentro do círculo. Tendo eu me aventurado, no Capítulo 12, a conjecturar "qual nome Aquiles assumira quando se escondeu entre as mulheres, uma pergunta que, apesar de enigmática, não tem resposta inatingível", sinto certa compulsão poética em responder uma outra pergunta que *sir* Thomas Browne vinculou àquela: "Que canção cantavam as Sereias?" As Sereias ("Emaranhantes", "Embaraçantes") eram uma tríade — talvez, originalmente, uma enéade, pois Pausânias registra que elas, certa feita, competiram, seu sucesso, com as nove Musas — e viviam numa ilha do mar Jônico. Segundo Platão, eram filhas de Forco (ou seja, Fórcis, a Deméter-porca); já segundo outros, de Calíope ou de alguma outra Musa. Ovídio e Higino as relacionam com o mito siciliano de Deméter e Perséfone. Recebem nomes diversos, como "Persuasiva", "Rosto Brilhante" e "Enfeitiçadora ou Encantadora"; "Rosto Virginal", "Voz Estridente" e "Esbranquiçada". Suas asas eram, talvez, empréstimos feitos às corujas, pois Hesíquio menciona uma variedade de coruja chamada "sereia"; tais pássaros, segundo Homero, viviam em Ogígia, a ilha de Calipso circundada por amieiros, junto com os oraculares corvos marinhos. Na época clássica, ainda havia, em Sorrento, um templo que lhes era dedicado.

Tudo isto significa que constituíam um colegiado de nove sacerdotisas orgiásticas da lua, servidoras do santuário de alguma ilha oracular. Sua canção de nove estrofes pode ser reconstruída, sem recurso ao vigoroso poema *Ulisses e as sereias*, de Samuel Daniel, seguindo como modelo as canções semelhantes pertencentes à arcaica literatura irlandesa: por exemplo, "*The Sea God's Address to Bran*", em *The Voyage of Bran, Son of Febal*, e "*Mider's Call to Befind*", em *The Wooing of Etain*. Ambos os poemas consistem de versões ligeiramente cristianizadas de um antigo tema, a viagem de Bran (Cronos), o herói amieiro e corvo, a sua ilha, Elísio. No primeiro poema o narrador deve ter sido, originariamente, a rainha da ilha e não o deus do mar. No segundo, Befind e Mider trocaram, claramente, seus papéis, sendo o convite original dirigido da princesa ao herói e não dele para ela. A lenda homérica do danês Odisseu e as Sereias indica que "Odisseu" (segundo Homero, "Furioso" ou "Enraivecido") era um título de Cronos e se referia a sua face artificialmente colorida de vermelho pela tintura do amieiro sagrado. A origem da história de que Odisseu tampou seus ouvidos com cera e se recusou a atender os apelos das Sereias provavelmente reside no fato de que, no final do século XIII a.C., algum rei sagrado de Ítaca, representante de Cronos, se recusou a morrer no final de seu mandato. Isto explicaria por que ele matou todos os que pretendiam a mão de sua esposa Penélope, depois de se disfarçar com trapos e sujeira durante a costumeira abdicação temporária.

The Sirens' Welcome to Cronos

Cronos Odysseus, steer your boat
Toward Silver Island whence we sing:
Here you shall pass your days.

Through a thick-growing alder-wood
We clearly see, but are not seen,
Hid in a golden haze.

Our hair the hue of barley sheaf,
Our eyes the hue of blackbird's egg,
Our cheeks like asphodel.

Here the wild apple blossoms yet,
Wrens in the silver branches play
And prophesy you well.

Here nothing ill or harsh is found.
Cronos Odysseus, steer your boat
Across these placid straits.

With each of us in turn to lie
Taking your pleasure on young grass
That for your coming waits.

No grief nor gloom, sickness nor death,
Disturbs our long tranquillity;
No treachery, no greed.

Compared with this, what are the plains
Of Elis, where you ruled as king?
A wilderness indeed.

A starry crown awaits your head,
A hero feast is spread for you:
Swineflesh, milk and mead.

Tua nave conduze, ó Cronos Odisseu,
Para a ilha de prata de onde cantamos:
pois aqui tua vida hás de passar.

Através de espesso bosque de amieiros
tudo percebemos, porém ninguém nos vê,
ocultas em doirada bruma.

Nossos cabelos lembram os feixes de cevada,
nossos olhos, os ovos dos negros melros,
e nossas faces, abróteas da primavera.

Por cá 'inda floresce a maçã silvestre,
cambaxirras em prateados ramos brincam
e te fazem alvissareiras profecias.

Aqui, nem mal nem aspereza se encontra.
Tua nave conduze, ó Cronos Odisseu,
por esses plácidos estreitos.

Com uma de nós, por vez, hás de deitar,
haurindo teu prazer na grama fresca,
conosco que por tua vinda esperamos.

Nada de pesar, tristeza, doença ou morte
vem nossa serena tranqüilidade perturbar,
tampouco traição ou ganância.

Comparadas com isto, o que são as planícies
de Élis, que como rei governaste?
Com efeito, mero deserto.

Uma coroa de estrelas espera por tua cabeça,
Um banquete de herói para ti se prepara:
Carne suína, leite e hidromel.

As Sereias são os pássaros de Rhiannon que, no mito de Bran, cantam em *Harlech*.

Contudo, se quem faz visita ao círculo mágico é a velha "égua da noite" (pesadelo), então o que vem a seguir é um poema, do qual darei uma versão em prosa:

Se o visitante é a "égua da noite" (pesadelo), o poeta a reconhecerá pelos seguintes indícios. Ela aparecerá como uma pequena e fogosa égua, com menos de treze palmos de altura, da raça familiar dos mármores de Elgin: de cor creme, bem formada, cabeça longa, olhos azulados, de crina e cauda onduladas. Seus nove aspectos a acompanharão como nove potrancas muito semelhantes a ela, exceto pelos cascos, que têm aspecto comum enquanto que os dela se dividem em cinco dedos como os do cavalo de Júlio César. Ao redor de seu pescoço ela porta dependurado um brilhante peitoral do tipo que os arqueólogos chamam de *lunula*, ou seja, pequena lua: um fino disco de ouro de Wicklow talhado em forma de crescente com as pontas prolongadas e transformadas numa lâmina, amarrado atrás de seu pescoço com uma trança de linho escarlate e branco. Como Gwion fala dela numa passagem de *A canção dos cavalos*,[8] que fora inserida, por engano, em *Câd Goddeu* (versos 206-209), e que estava destinada aos lábios da própria Deusa Branca:

Handsome is the yellow horse,
But a hundred times better
Is my cream-coloured one
Swift as a sea-mew (...).

Lindo é o cavalo baio,
mas cem vezes melhor
é o meu de cor creme,
rápido como a gaivota (...).

Quando ela põe as orelhas para trás, sua velocidade é mesmo maravilhosa; nenhum puro-sangue do mundo consegue acompanhar seu passo por muito tempo sem que sue copiosamente e fique ofegante, com os flancos sangrando e a boca espumando. E prova disto é a condição lastimável em que se costumava encontrar nos estábulos, pelo amanhecer, os animais montados pelas bruxas que os roubavam para as orgias da meia-noite.

Que o poeta a ela se dirija como Rhiannon, "Grande Rainha", e evite a descortesia de Odin e de são Swithold, e a saúde com um respeito tão afetuoso como aquele que Kemp Owyne demonstrou pelo verme Laidley, na balada: ela, então, responderá com amável complacência e o levará para dar um passeio pelos seus ninhos.

[8] Esta canção pertence ao relato de uma corrida de cavalos no final da *História de Taliesin*, quando este ajuda o jóquei de Elfin a vencer os 24 cavalos de corrida do rei Maelgwn na planície de Rhiannon, ao carbonizar as 24 varas de azevinho com as quais se açoitava a garupa dos cavalos à medida que os alcançava, até que os ultrapassou a todos. Os cavalos representam as últimas 24 horas do Ano-Velho, sobre o qual governava o rei-azevinho, as quais (com a ajuda de magia destrutiva) a Criança Divina supera uma a uma. Deve-se relembrar que a ação principal da *História de Taliesin* se passa no solstício de inverno.

É bastante pessoal a pergunta que eu gostaria de fazer a ela: se ela alguma vez ofereceu a si própria como um sacrifício humano. Acredito que sua única resposta seria um sorridente e negativo movimento de cabeça, significando "na verdade, nunca". Isto porque o assassinato ritual de mulheres é raro na mitologia européia, e a maioria deles, ao que parece, se refere à dessacralização dos santuários da Deusa pelos invasores aqueus. Que havia matanças sangrentas e estupros de sacerdotisas é algo que se mostra nas batalhas do Héracles tirintiano contra as Amazonas, contra a própria Hera (ele a feriu no seio), contra a Hidra de nove cabeças, um animal representado nos vasos gregos como gigantesca lula que tinha uma cabeça na extremidade de cada tentáculo. Sempre que ele cortava alguma das cabeças da Hidra ela se regenerava e crescia novamente, até que ele decidiu empregar o fogo para cauterizar as pontas dos tentáculos: noutras palavras, foram ineficazes os ataques dos aqueus aos santuários, cada grupo de nove sacerdotisas orgiásticas armadas, até que os bosques sagrados fossem destruídos pelo fogo. *Hydrias* significa uma sacerdotisa da água com uma *hydria*, ou seja, com um vaso de água ritual; e a lula era um peixe que aparece em obras de arte dedicadas à Deusa não apenas na Creta minóica, mas também nas esculturas bretãs da Idade do Bronze.

As histórias de princesas sacrificadas por motivos religiosos, como Ifigênia ou a filha de Jefté, referem-se a uma era patriarcal posterior; e o destino supostamente reservado a Andrômeda, Hesíona e outras princesas salvas, no derradeiro instante, por heróis, provavelmente se deve a um erro iconotrópico. A princesa não é a futura vítima da serpente marinha ou da fera selvagem; ela é amarrada nua a um penhasco litorâneo por Bel, Marduk, Perseu ou Héracles, depois que ele derrotou o monstro que era uma emanação dela. Contudo, o tabu do assassinato de uma sacerdotisa pode ter sido suspenso, em teoria, em certas ocasiões raras; por exemplo, no término de cada *saeculum*, de cem ou cento e dez anos, que era quando a sacerdotisa Carmenta acabava sua vida, segundo Dionísio Periergetes, e, então, o calendário era reatualizado.

Os contos populares alemães *A Bela Adormecida* e *Branca de Neve* parecem estar relacionados com esse tipo de morte. No primeiro conto, doze bruxas são convidadas para o aniversário da princesa. Onze delas a cobriram de bênçãos; a última, chamada Held, que não fora convidada porque só havia doze pratos de ouro no palácio, a amaldiçoou e anunciou que ela morreria ao picar o dedo num fuso quando completasse quinze anos. Entretanto, a 12ª bruxa converteu a maldição da morte num longo transe de cem anos, do qual o herói a desperta com um beijo depois de romper um cerco de espinheiros, no qual outros pereceram, e cujos espinhos se transformaram em rosas a sua passagem. Helda é a equivalente nórdica de Hera, de cujo nome deriva a própria palavra *herói*, assim como *held* significa "herói" em alemão. O décimo terceiro mês é aquele da morte, governado pelas Três Parcas ou Fiandeiras. Assim, o fuso devia ser de teixo. Quinze, com já se demonstrou, é um número de completude: três vezes cinco.

Na história da Branca de Neve, uma invejosa madrasta, o aspecto mais velho da Deusa, tenta assassinar a jovem princesa. Primeiramente ela é levada para a floresta para ser morta, mas o caçador traz de volta o pulmão e o fígado de um jovem javali que fez passar pelos dela. Assim, segundo determinado relato, uma corça substituiu Ifigênia em Áulis. É quando a madrasta, que escurece o rosto para mostrar que ela é a deusa da morte, se vale de um cinto com poder de apertar, de um pente envenenado e, finalmente, de uma maçã também envenenada; e Branca de Neve é depositada como se estivesse morta numa urna de vidro em cima de uma colina arborizada, mas, pouco depois, acaba salva por um príncipe. Os sete anões, seus servidores, que trabalhavam metais preciosos e a salvaram dos primeiros atentados contra ela, lembram os telquines e substituem as sete árvores sagradas do bosque ou os sete corpos celestes. O caixão de vidro é o nosso familiar castelo de vidro onde os heróis eram entretidos pela Deusa da Vida-na-Morte. O pente, o vidro, o cinto e a maçã que aparecem na história são suas conhecidas propriedades. A coruja, o corvo e o pombo, que a pranteiam, são pássaros consagrados a ela. Estas mortes são, deste modo, apenas fictícias, pois a Deusa é, evidentemente, imortal; elas são encenadas, talvez, durante o período de dias ou horas intercalados, no final do *saeculum* sagrado, por meio do sacrifício de um leitão ou de uma corça; porém, logo se repete o drama anual, com o príncipe apaixonado irritado com as restrições acéticas do pilriteiro, mas livre para fazer o que lhe agradar no mês do carvalho, o mês da sebe de rosas, quando sua noiva consente em abrir seus entrefechados olhos e sorrir.

Capítulo 24

O Tema poético único

A poesia — considerada como o conjunto daquelas instâncias, das quais cada novo poeta deduz sua idéia própria dela — tem sido ampliada ao longo de muitos séculos. Os casos são tão numerosos, variados e contraditórios quanto as instâncias do amor, que constitui palavra detentora de tal magia suficientemente poderosa para fazer com que o verdadeiro enamorado esqueça seus empregos mais baixos e falsos. Assim também acontece com os verdadeiros poetas com relação à "poesia".

Originalmente o poeta era o líder de uma sociedade totêmica de dançarinos religiosos. Seus versos — *versus* é a palavra latina que corresponde ao grego *strophe*, ambas com o significado de "uma volta" — eram dançados em torno de um altar ou num recinto sagrado, e cada um deles dava início a uma nova volta ou movimento na dança. A palavra "balada" tem a mesma origem: deriva do latim *ballare*, dançar, e designa um poema dançado. Todas as sociedades totêmicas na Europa arcaica se encontravam sob o domínio da Grande Deusa, a Senhora das Coisas Selvagens. As danças eram sazonais e se adequavam a um padrão anual do qual, gradualmente, emerge o grande tema poético único: vida, morte e ressurreição do Espírito do Ano, filho e amante da Deusa.

Neste ponto se há de perguntar: "Então será o cristianismo uma religião adequada ao poeta? Em caso contrário, haverá alguma alternativa?"

A Europa tem sido, oficialmente, cristã pelos últimos dezesseis séculos, e embora os três principais ramos da Igreja Católica sejam desunidos, todos reivindicam ter recebido seu mandato de Jesus como Deus. Isto parece muito desleal com Jesus, que rejeitou claramente a condição de Divindade: "Por que me chamais de bom? Ninguém é bom senão o Pai" e "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Além do mais, os cristãos também renunciaram à obediência à Lei Mosaica, tal como fora aperfeiçoada por Hillel e seus companheiros fariseus, que Jesus considerava essencial para a salvação e, apesar de conservarem o código ético farisaico, souberam incorporar ao cristianismo todos os antigos festivais pagãos comemorativos do Tema e adorar Jesus como "a Palavra (Verbo ou *Logos*) de Deus encarnado", no sentido gnóstico pré-cristão, e como o Sol da Retidão — o homem-deus crucificado do paganismo pré-histórico.

Ainda que Jesus tenha negado o Tema, por sua inflexível lealdade ao Deus único da época, que rompera qualquer vínculo com as deusas, declarando guerra à Fêmea e a todas as obras dela, o culto cristão pode ser, em grande parte, jus-

tificado historicamente. Jesus descendia de uma estirpe real, tinha sido coroado, secretamente, Rei de Israel, segundo antiga fórmula conservada no Salmo 2, que o tornava filho titular do deus-sol e terminava dizendo que estava destinado a ser o Messias. Na última ceia, com o propósito de cumprir uma paradoxal profecia de Zacarias, ofereceu-se a si próprio como sacrifício eucarístico por seu povo, ordenando a Judas que apressasse os preparativos para sua morte. No evento, foi crucificado como um Tamuz da colheita e não atravessado por uma espada como o Messias estava fadado a ser. Como Iahweh havia amaldiçoado o homem crucificado, ele estava privado de participar do mundo além-tumba judaico e não havia razão pela qual não devesse ser adorado como um deus do gentio. Com efeito, muitos poetas e santos, sem darem-se conta do judaísmo inflexível de Jesus, o adoraram como se fosse um outro Tamuz, Dioniso, Zagreus, Orfeu, Héracles ou Osíris.

ACHAIFA, OSSA, OURANIA, HESUCHIA e IACHEMA — as cinco estações pelas quais atravessava o Espírito do Ano no culto do Héracles canópico — podiam ser expressas na fórmula:

He shall be found.
He shall do wonders.
He shall reign.
He shall rest.
He shall depart.

Ele será encontrado.
Fará milagres.
Reinará.
Descansará.
Irá embora.

O seguinte dito, extraído do Evangelho dos Hebreus e citado por Clemente de Alexandria, parece uma adaptação de sua fórmula às necessidades da mística cristã:

Let him who seeks continue until he find.
When he has found, he shall wonder.
When he has wondered, he shall reign.
When he has reigned, he shall rest.

Que aquele que busca continue até que encontre.
Quando encontrar, ficará maravilhado.
Quando se maravilhar, há de reinar.
Quando tiver reinado, há de repousar.

Uma vez que o místico, unido com o Jesus solar pelo sacramento, compartilhava de seu triunfo sobre a morte, ele se eximia da quinta estação. Jesus era comparado com HESUCHIA (o repouso), a quarta estação, quando as árvores deixam cair suas folhas e descansam até os primeiros movimentos da primavera. É provável que a fórmula transmitida pelos mistagogos aos iniciados pré-cristãos de Héracles fosse mais ou menos a seguinte:

Seek the Lord, the beloved of the Great Goddess.
When he is borne ashore, you shall find him.
When he performs great feats, you shall wonder.
When he reigns, you shall share his glory.
When he rests, you shall have repose.
When he departs, you shall go with him
To the Western Isle, paradise of the blest.

Procura o Senhor, o amado da Grande Deusa.
Quando ele for trazido à praia, tu o encontrarás.
Quando prodígios realizar, tu te maravilharás.
Quando reinar, hás de compartilhar de sua glória.
Quando ele repousar, também terás o teu repouso.
Quando partir, hás de ir junto com ele
Para a ilha Ocidental, paraíso dos benditos.

Neste Evangelho dos Hebreus, que foi perdido, existe um trecho conservado por Orígines:

> Agora mesmo, minha mãe, o Espírito Santo pegou-me pelos cabelos e me levou até o grande monte Tabor.

Como já foi dito, o Tabor era um antigo centro do culto do Bezerro de Ouro, ou Atabírio, o Espírito do Ano, filho da deusa Io, Hator, Altéia, Débora ou como quer que se a queira chamar. Por conseguinte, no princípio do século II, a relação entre o cristianismo greco-sírio e o tema poético único era muito estreita, apesar de que, mais tarde, o Evangelho dos Hebreus tenha sido suprimido como herético, ao que parece por deixar entreaberta a porta para o retorno à religião orgiástica.

O cristianismo é agora a única religião européia de alguma conseqüência. O judaísmo é exclusivamente para judeus e a abortada tentativa de Ludendorff em reavivar a religião teutônica primitiva era um assunto que interessava apenas à política interna alemã. O paganismo greco-romano estava morto antes do final do primeiro milênio d.C., e a revolução puritana destruiu o paganismo do noroeste da Europa, que ainda tinha seu vigor no início do século XVII e que havia deitado raízes na Nova Inglaterra. O triunfo final do cristianismo foi asse-

gurado logo que o imperador Constantino o transformou na religião oficial do Estado em todo o mundo romano.[1] Ele tomou esta decisão de má vontade, sob pressão de seu exército, recrutado entre as massas servis que tinham respondido à boa acolhida que a Igreja concedia aos pecadores e proscritos e dos funcionários da administração pública que admiravam a energia e a disciplina da organização eclesiástica. A doutrina acética, que constituía o principal elemento do cristianismo primitivo, foi gradualmente perdendo força, mas só no século XI é que Réia, a antiga Deusa Virgem — mãe de Zeus e, agora, identificada com a mãe de Jesus —, recomeçou a ser honrada com todos os seus títulos e atributos do passado e viu restaurada sua condição de Rainha dos Céus. Embora esta restauração tenha começado no século V, quando o imperador Zenão reconsagrou à Virgem Maria o templo de Réia em Bizâncio, ela só veio a se completar no século XX.[2]

O revolução puritana foi uma reação contra o culto da Virgem, que, em muitos distritos da Grã-Bretanha, havia assumido um desenfreado caráter orgiástico. Embora comprometidos com a doutrina mística do nascimento virginal, os puritanos consideravam Maria uma personagem inteiramente humana, cuja importância religiosa terminava no parto. Eles anatematizavam todo ritual ou doutrina da Igreja que fosse mais um empréstimo ao paganismo do que ao judaísmo. A iconoclastia exagerada, a tristeza carregada de pecaminosidade e a miséria sabatista que os puritanos trouxeram consigo chocaram imensamente os católicos. Isto serviu de aviso e fez com que estes fortalecessem, em vez de enfraquecer, o lado festivo de seus cultos; apegassem-se à Virgem Maria como a principal fonte de sua alegria religiosa e enfatizassem, ao mínimo, o judaísmo ortodoxo de Jesus. Ainda que recentes papas tenham condenado a tentativa de crer-se naquilo que se sabe ser historicamente falso — a "família dividida" da fé e da verdade —, os católicos cultos, na prática, desviam seus olhos do Jesus e da Maria históricos e os fixam devotadamente no Cristo e na Virgem Santíssima. Ficam felizes em supor que Jesus falava de si próprio e não que profetizasse em nome de Iahweh ao dizer "Eu sou o Bom Pastor" ou "Eu sou a Verdade", prometendo a vida eterna para quem nele cresse. Embora muitos membros do clero medieval não apenas fossem coniventes com o paganismo popular, mas até o abraçassem ativamente, há muito se pôs ordem na casa e, hoje, a Rainha dos Céus e seu Filho estão, definitivamente, livres dos ritos orgiásticos outrora praticados em honra deles. Embora continuem sendo doutrina ortodoxa para toda

[1] Na verdade, Constantino I apenas levantou a proibição do exercício da religião cristã em 313, pondo fim às perseguições, mas o processo de hegemonia do cristianismo só culminou em 392, quando Teodósio I (378-395) vinculou a cidadania romana à prática da fé cristã e considerou criminosa a prática do paganismo. Assim, o feito, a que Graves se refere como tendo sido de Constantino I, se deveu, na realidade, a Teodósio I. (N. T.)

[2] Como Graves publica este texto em 1948, deve estar se referindo à iminente proclamação do dogma da Assunção de Maria, fato que se concretiza por decisão de Pio XII, em 1950. (N. T.)

profissão de fé cristã os fatos de que o Filho invadiu o Inferno como Héracles, Orfeu e Teseu e de que o casamento místico do Cordeiro com a Princesa Branca representa suas bodas com a Igreja; o episódio de Sansão e Dalila não é admitido no mito, tampouco o velho diabo com patas de bode, seu inimigo mortal, já não é apresentado como seu irmão gêmeo. A velha religião era dualista: num relevo em marfim do século XIV a.C. encontrado em Ras Shamra, a Deusa aparece em trajes minóicos, com um feixe de três espigas de cevada em cada mão, dividindo seus favores entre um carneiro com rosto humano à esquerda, deus do Ano-Novo, e um bode à direita, deus do Ano-Velho. O bode berra protestando porque a cabeça da deusa está voltada para o outro lado, insistindo em que agora é sua vez de ser afagado. No cristianismo, a ovelha é permanentemente preferida em detrimento do bode, e o Tema acaba mutilado: a disciplina eclesiástica torna-se antipoética. A Deusa Branca cruel, caprichosa e incontinenti, e a Virgem bondosa, constante e casta, só se reconciliam no contexto natalino.

A fenda que separa o cristianismo e a poesia é, na verdade, a mesma que dividiu o judaísmo e o culto de Astarot depois da reforma religiosa posterior ao Exílio. As inúmeras tentativas de estabelecer uma ponte sobre ela, feitas pelos clementinos, colirídios, maniqueus, bem como por outros heréticos do cristianismo primitivo, por peregrinos e trovadores da época das Cruzadas, deixaram sua marca no ritual e na doutrina da Igreja, mas foram sempre sucedidas por forte reação puritana. Tornou-se impossível conjugar aquelas funções, outrora idênticas, de sacerdote e poeta, sem agredir, com violência, a um ou a outro aspecto, tal como se pode observar em ingleses que continuaram a escrever poesia depois de sua ordenação: John Skelton, John Donne, William Crashaw, George Herbert, Robert Herrick, Jonathan Swift, George Crabbe, Charles Kingsley e Gerard Manley Hopkins. O poeta sobrevivia com maior força somente quando o padre se retirava; tal como quando Skelton, para mostrar sua independência da disciplina eclesiástica, usava o nome da Musa "Calíope" bordado em seda e ouro em sua batina. Ou então quando Herrick demonstrou sua devoção ao mito poético ao oferecer a um paparicado leitão branco libações de cerveja de Devonshire numa taça de prata. Em Donne, Crashaw e Hopkins, a guerra entre o poeta e o sacerdote se travou em elevado nível místico. Contudo, será possível preferir os *Poemas divinos* de Donne, escritos depois da morte de Ann More, sua única Musa, a seus apaixonados *Canções e sonetos*? Ou se poderá louvar o autotorturado Hopkins por submeter seus êxtases poéticos ao confessionário?

No Capítulo 1, ressaltei que os poetas podiam ser julgados pela acuidade do retrato que traçam da Deusa Branca. Shakespeare sabia disto e a temia. Ninguém se deve deixar enganar pela jocosa tolice dos trechos amorosos de um de seus primeiros trabalhos, *Vênus e Adônis*. Tampouco se confundirá com a mistura mitográfica de seu *Sonhos de uma noite de verão*,[3] na qual Teseu figura como

[3] Em inglês o título é mais esclarecedor, pois *Midsummer* significa exatamente a noite do solstício de verão ou noite de São João. Definitivamente não se trata de uma noite qualquer de verão. (N. T.)

um engenhoso galanteador elizabetano; as Três Parcas[4] como as rodopiantes fadas Flor de Ervilha, Teia de Aranha e Grão de Mostarda; Héracles como o travesso Robin Bom Companheiro; o Leão de Mão Firme como Pedro Pinho, o carpinteiro; e, o mais monstruoso de todos, o Asno selvagem Set-Dioniso e a Rainha dos Céus coroada de estrelas, como o Botão de orelhas de burro e a reluzente Titânia. Ele mostra a Deusa com grande sinceridade em *Macbeth* como a Tríplice Hécate no comando do caldeirão das bruxas, pois é o espírito dela que entra em possessão de *lady* Macbeth e a inspira o assassinato do rei Duncan; e como a devassa Cleópatra por cujo amor Marco Antônio se destrói. A última aparição dela nas peças é como a "maldita bruxa Sycorax" em *A tempestade*.[5] Shakespeare, na pessoa de Próspero, reivindica o fato de tê-la dominado por meio de livros mágicos, dividido seu poder e ter escravizado Caliban, o monstruoso filho dela — não sem antes tê-lo convencido a contar seus segredos com artifício de fingida amabilidade. Contudo não pode negar os direitos de Caliban à ilha, nem a cor azul original dos olhos de Sicorax, ainda que, no jargão elisabetano, "olhos azuis" significasse também "olheiras de libertino". Sicorax, cuja conexão com Cerridwen já foi indicada, anteriormente, no Capítulo 8, veio para a ilha com Caliban num barco, tal como Dânae foi de Argos para Sérifos, com o infante Perseu; ou como Latona foi para Delos, com o nascituro Apolo. Era uma deusa com poder de comandar a lua visível — "de controlar o fluxo e o refluxo das marés". Shakespeare diz que ela foi expulsa de Argiers (seria, na verdade, Argos?) por causa de suas feitiçarias. No entanto, ele foi poeticamente justo com Caliban, colocando em seus lábios a poesia mais verdadeira da peça:

Be not afeared; the isle is full of noises,
Sounds and sweet airs that give delight and hurt not,
Sometimes a thousand twangling instruments
Will hum about mine ears; and sometime voices,
That if I then had walk'd after long sleep
Will make me sleep again: and then in dreaming

[4] Neste ponto suprimiu-se uma observação de Graves sobre o fato de a palavra *fay* (fada) derivar de *Fates* (Parcas). Em português, não se mantém a derivação, exceto quanto ao termo "fado" para "destino", trabalho das Parcas. (N. T.)

[5] *A tempestade* parece basear-se num sonho forte de conteúdo extremamente pessoal, expresso numa mistura de mal ordenadas reminiscências literárias: não apenas do *Romance de Taliesin*, mas do Capítulo 29 do Livro de Isaías, de um romance espanhol de Ortuñez de Calahorra intitulado *Espejo de hazañas y caballerosidad principescas*, de três relatos de recentes viagens ao Novo Mundo, de diversos panfletos huguenotes da época antiespanhola, de um livro de magia chamado *Steganographia*, escrito em latim por um monge de Spanheim e, por fim, de uma peça alemã de Ayrer, *Von der schönen Sidee*. Caliban é, em parte, o Afagddu do *Romance de Taliesin*, em parte Ravaillac, o assassino de Henrique IV a mando dos jesuítas, em parte um demônio do Adriático do romance de Calahorra, em parte monstro marinho, "na forma de homem", visto na costa das Bermudas durante uma estadia lá do almirante Sommers, e, em parte, o próprio anjo mau ou gênio maligno de Shakespeare.

The clouds methought would open and show riches
Ready to drop upon me; that, when I wak'd
I cried to dream again.

Não tenhas medo; a ilha está cheia de rumores,
De sons, de suaves brisas que deleitam e não ferem.
Certas vezes, mil instrumentos estridentes
Ressoarão em meus ouvidos; e, noutras, vozes
Que, como se eu de longo sono acordasse,
Far-me-ão novamente adormecer. E, então, sonhando,
Veria nuvens se abrindo e riquezas revelando
Prontas a me cobrir; a tal ponto que, quando despertei,
Chorei por voltar de novo ao sonho.

Há de se notar que a seqüência ilógica dos tempos cria uma perfeita suspensão cronológica.

Donne adorava cegamente a Deusa Branca na figura daquela mulher que ele transformou em sua Musa; ficara tão incapaz de recordar seu aspecto exterior que a única coisa que dela se lembrava eram seus próprios olhos refletidos nos dela. Em *Uma febre* ele a chama de "Alma do Mundo", pois, se ela o deixasse, o que restaria do mundo seria uma carcaça.

Thy beauty and all parts which are thee
Are unchangeable firmament.

Tua beleza e todas as partes que te compõem
Conformam imutável firmamento.

Sobre a Deusa, escreveu John Clare:

Estes sonhos com uma bela presença, uma divindade feminina, forneceram a minha imaginação as mais sublimes idéias de beleza. Tendo estado na noite de ontem com a mesma presença, a divina dama deixou, em meu sono, um quadro vivo de sua visita, em meu sonhar com sonhos, que já não podia duvidar de sua existência. Assim, coloquei-os por escrito para prolongar a felicidade de minha crença de que ela era meu gênio protetor.

Keats viu a Deusa Branca como *La Belle Dame Sans Merci* (*A bela dama impiedosa*). Seus cabelos eram longos, seu pé era leve e seu olhar, selvagem, porém, Keats, caracteristicamente, transferiu os lírios de sua fronte para as frontes de suas vítimas e fez com que o cavaleiro a colocasse em seu cavalo em vez de ele montar no dela, como Oisin montara no cavalo de Niamh dos Cabelos de Ouro. E também escreveu sobre Lâmia, a deusa-serpente, como se ela fosse uma Gretchen ou uma Griselda angustiada.

O caso de *La Belle Dame Sans Merci* exige um exame detalhado à luz do Tema. Eis aqui o poema tal como foi difundido pela primeira vez, com alguns poucos comentários jocosos no final, copiado de uma carta que Keats enviou para a América a seu irmão George. As palavras suprimidas foram colocadas entre parênteses e em tipo redondo [no original em inglês, pois, na presente tradução, estão em itálico].

Quarta-feira à noite[6]

LA BELLE DAME SANS MERCI

O What can ail thee Knight at arms
Alone and palely loitering?
The sedge is withered from the Lake
And no birds sing!

O What can ail thee Knight at arms
So haggard and so woe begone?
The squirrel's granary is full
And the harvest's done.

I see (death's) *a lily on thy brow*
With anguish moist and fever dew,
And on thy cheeks a fading rose
Fast Withereth too —

I met a Lady in the (Wilds) *Meads*
Full beautiful, a faery's child
Her hair was long, her foot was light
And her eyes were wild —

I made a Garland for her head,
And bracelets too, and fragrant Zone,
She look'd at me as she did love
And made sweet moan —

I set her on my pacing steed
And nothing else saw all day long,
For sidelong would she bend and sing
A faery's song —

[6] Provavelmente tratava-se do dia 28 de abril de 1819.

She found me roots of relish sweet
And honey wild and (honey) *manna dew,*
And sure in language strange she said
I love thee true —

She took me to her elfin grot
And there she wept (and there she sighed)
and sighed full sore,
And there I shut her wild wild eyes
With kisses four —

And there she lulled me asleep
And there I dream'd Ah Woe betide!
The latest dream I ever dreamt
On the cold hill side.

I saw pale Kings, and Princes too
Pale warriors death pale were they all
Who cried La belle dame sans merci
Thee hath in thrall.

I saw their starv'd lips on the gloam
(All tremble)
With horrid warning (wide agape) *gaped wide,*
And I awoke, and found me here
On the cold hill's side

And this is why I (wither) *sojourn here*
Alone and palely loitering;
Though the sedge is withered from the Lake
And no birds sing — (...)

LA BELLE DAME SANS MERCI
(*A bela dama impiedosa*)

Oh! Que pode afligir-te, cavaleiro,
Que flanas só e pálido?
As junças do lago estão secas
E não canta pássaro algum!

Oh! Que pode afligir-te, cavaleiro
Que tão triste e abatido ficas?
Está cheio o celeiro do esquilo
E a colheita terminada.

Vejo um lírio *(da morte)* em tua fronte
Com angústia e orvalho febril
E em tuas faces o róseo empalidece,
Rápido também te ressecas.

Encontrei uma dama no prado *(selvagem)*
Toda linda, uma fada menina;
Seus cabelos eram longos, seu pé, leve
E seu olhar era selvagem.

Fiz uma guirlanda para sua fronte
E também braceletes e uma cinta perfumada,
Olhou-me ela como se fizesse amor
E suavemente gemeu.

Coloquei-a em meu cavalo de marcha
E nada mais vi o dia todo,
Inclinada sobre mim ela cantava
Uma canção de fada.

Encontrou-me ela raízes de doce sabor
E mel silvestre e maná de orvalho *(mel)*
E, em língua estrangeira, disse:
— Te amo verdadeiramente.

Levou-me para sua gruta de duendes
E ali ela chorou *(e ali suspirou)*
e desatou a soluçar,
E lá cerrei seus olhos tão selvagens
Com quatro beijos.

E lá me acalmou até que adormeci
E sonhei — Eis que a dor já vem! —
O último dos sonhos que sonhei
No lado frio da colina.

Vi pálidos reis e príncipes também,
Todos, guerreiros mortalmente pálidos
Que gritavam: *La belle dame sans merci*
Em servidão te mantém.

Vi que seus famintos lábios na penumbra
(Todos tremiam)
Em horrível alarme boquiaberto.
Acordei e aqui me achei
Neste lado frio da colina.

É por isso que eu *(seco)* aqui permaneço
Flanando solitário e pálido;
Embora a junça do lago esteja seca
E não cante pássaro algum (...)

Mas por que quatro beijos? — hás de perguntar-me. — Quatro, porque quero refrear a temerária impetuosidade de minha Musa — ela, de boa vontade, teria dito vinte, sem prejudicar a rima —, mas temos de temperar a Imaginação, como dizem, com Juízo, os críticos. Fui obrigado a escolher um número que gratificasse igualmente a ambos os olhos, e para falar sinceramente acho que dois em cada um são suficientes. Imagine se eu dissesse sete. Caberiam três beijos e meio a cada um — uma conta muito canhestra, totalmente fora de minhas preocupações.

O contexto do poema é amplamente discutido no livro *A vida de Keats*, de *sir* Sidney Colvin. O poeta andava lendo uma tradução, então atribuída a Chaucer, de *La Belle Dame Sans Mercy*, de Alain Chartier, na qual "um cavalheiro que não encontrou piedade nas mãos de uma dama morreu de tristeza". Na tradução, ocorrem os seguintes versos:

I came into a lustie green vallay
Full of floures (...). Riding an easy paas.
I fell in thought of joy full desperate
With great disease and paine, so that I was
Of all lovèrs the most unfortunate.

Entrei num vale exuberante e verde
Cheio de flores (...). Cavalgando a passo calmo.
Da alegria caí em tristeza profunda,
Prisioneiro de males e dores, de modo que
De todos os amantes, tornei-me o mais infeliz.

Foram encontradas outras fontes literárias da balada. Em *Faerie Queene* (II, 6) de Spencer, a feiticeira Fedria é avistada pelo cavaleiro Cymochiles num barco a remo que passeava pelas margens do rio. Aceitou o convite para embarcar com ela e passaram um prazeroso tempo juntos. Ela canta, faz gracejos, coloca grinaldas na cabeça e flores em volta do pescoço, para maravilhosa alegria do cavaleiro. Desembarcam numa ilha do lago do Ócio, onde ela leva seu

"desditoso servo" para um vale sombrio, fazendo-o logo, adormecer com a cabeça em seu regaço e lá o abandona. De igual modo, em *Morte D'Arthur* (IV, 1), de Malory, o profético poeta Merlin foi tratado da mesma maneira pela feiticeira Nimue, que o atrai a uma gruta e lá o deixa emparedado.

Amy Lowell descobriu outra fonte do poema no romance *Palmyrin of England* que, como se sabe, Keats leu com grande avidez. Palmyrin encontra-se loucamente apaixonado por Polinarda, a quem teme ter ofendido, e se lamenta por isso debaixo de árvores à beira d'água... "E tão forte se tornou a paixão que seu coração não resistiu, e tal era o poder desses pensamentos fantásticos sobre ele que, com a aparência de um morto, deixou-se ficar ao pé do salgueiro." Noutro episódio, Palmyrin "observava uma donzela que cavalgava em sua direção num palafrém branco, com os cabelos caindo pelos ombros e com vestimenta bastante imprópria; por todo o caminho, enquanto cavalgava, lançava gritos e penosas lamúrias, enchendo os ares com seu pranto." Era uma enviada da feiticeira Eutropa, e vinha com a missão de seduzi-lo. Lá pelo final do romance faz-se uma descrição de reis e príncipes embalsamados num templo funerário da ilha Perigosa, o que parece explicar o verso "pálidos reis e príncipes também".

Em *La Belle Dame Sans Merci* também existem reminiscências do *Kubla Khan*, de Coleridge, com suas moças cantoras e seu poético orvalho de mel ("mel silvestre e maná de orvalho", conforme a versão de Keats), de um verso de Wordsworth "seus olhos selvagens" e de um outro de *Pastorals*, de William Browne, "Que nenhum pássaro cante..." Contudo, a fonte mais importante de todas é a *Ballad of Thomas the Rhymer*, da qual uma versão foi publicada, recentemente, por *sir* Walter Scott em seu *Border Minstrelsy*, bem como uma outra por Robert Jamieson em sua obra *Popular Ballads*. Thomas of Erceldoune foi obrigado pela rainha de Elfland a montar em seu corcel branco como o leite, e foi por ela levado a um jardim onde o alimentou com pão e vinho, colocou-o a dormir em seu regaço e lhe conferiu o dom da intuição poética, porém o advertiu de que podia estar destinado ao inferno como um sacrifício sabático se fosse pelo caminho "que se desvia de nosso frio páramo" (ou "lado frio da colina").

Keats tinha na época 24 anos e sua vida estava em crise. Tinha abandonado a medicina pela literatura, mas estava cada vez mais duvidoso de que pudesse se manter com ela; mais tarde, uma "flanante indolência" se apossara de seu trabalho. Ele sentia uma paixão possessiva e ciumenta pela "bela e elegante, graciosa, tola, *à la mode* e estranha... MINX", Fanny Brawne. Evidentemente ela estava tocada por suas palavras e desejosa de deixar que se tornasse seu namorado, embora as maneiras frívolas dela lhe causassem profundo penar, e, além disto, não estava em condição de oferecer-lhe casamento ou de insistir para que ela lhe permanecesse fiel. Os "quatro beijos" no poema são, provavelmente, autobiográficos, mais do que uma modificação, para fazer rima, da convencional fórmula da balada "três beijos". Mas parece que Fanny com freqüência o tratasse, impiedosamente, como resposta a seus modos dominadores e até mesmo, tal como se queixa numa carta, tenha feito um "futebol

de seu coração, por ter flertado com Brown", amigo seu. Assim, a *La Belle Dame* era, em certo aspecto, a travessa Fanny Brawne, aquela que, metaforicamente, se colocou diante dele na sela de seu Pégaso. Contudo, é verdade que ela admirava seus poemas o bastante para copiar um ou dois deles num livro manuscrito que conservava.

Quando Keats escrevia a George, seu irmão, o qual se achava em dificuldades e longe da casa familiar, esforçava-se para disfarçar tanto a força de sua paixão por Fanny quanto a gravidade de seu estado de saúde, que complicava seus demais infortúnios. Estava na primeira fase de uma tuberculose contraída seis meses antes, numa exaustiva excursão a pé pela Escócia, da qual retornara para ver seu irmão mais velho morrer da mesma doença. Como ex-aluno de medicina, sabia que nenhuma cura havia, então, para aquele mal. Vira o lírio na fronte de Tom, a rosa héctica em sua face, seus lábios exangues entreabertos em horrível advertência e cerrou os olhos fraternos, esbugalhados e selvagens, com moedas, em vez de beijos.

Na carta que contém *La Belle Dame Sans Merci,* menciona um recente encontro com Coleridge, que caminhava por Highgate Ponds com Green, um antigo instrutor médico de ambos. Foi preservado um relato de Coleridge sobre esse encontro. Ao despedir-se, Keats pediu para apertar-lhe a mão, querendo levar consigo a memória do encontro, e, quando se foi, Coleridge disse a Green: "Há morte naquela mão." Definiu-a como "um calor e certa umidade", mas, nas palavras de Keats, "orvalho febril". Assim, *La Belle Dame Sans Merci* era, noutro aspecto, a própria tísica cujas vítimas o alertavam de que ele agora fazia parte do grupo. Embora se tivesse passado ainda quase outro ano inteiro, antes que recebesse sua "sentença de morte" na forma de violenta hemorragia arterial nos pulmões, Keats já devia ter tomado consciência de que, embora fosse possível, do ponto de vista financeiro, sustentar Fanny, não poderia honradamente pedi-la em casamento. Sobretudo porque a tuberculose fora agravada por uma doença venérea que contraíra havia dois anos em Oxford, enquanto visitava seu amigo Bailey, um estudante de teologia. Assim, as feições de *La Belle Dame* eram lindas, numa estranha palidez e tênue como as de Fanny, mas sinistras e sarcásticas: elas representavam, ambas, a vida que amava — em suas cartas para Fanny, ele a identificava ao mesmo tempo com a vida e com o amor — bem como com a morte que temia.

Existe um terceiro elemento nessa figura de *nightmare* (pesadelo): o espírito da Poesia. O principal consolo de Keats em suas agruras, paixão que o dominava e arma com a qual contava abrir sua estrada em direção do amor de Fanny, era a ambição poética. No entanto, agora, a Poesia demonstrava ser uma senhora implacável. No estado perturbado de mente e espírito, não conseguia colocar por escrito os épicos românticos sobre os quais, seguindo as pegadas de Milton, pretendia erigir sua fama. Recentemente parara de trabalhar em *Hyperion,* depois de escrever dois livros e meio, e confidenciara a Woodhouse, seu amigo, que estava tão insatisfeito com ele que não conseguia dar continuidade.

La Belle Dame representava, de uma só vez, o amor, a morte pela tísica (a lepra moderna) e a Poesia. E isto pode ser confirmado por um estudo dos romances dos quais Keats desenvolveu o poema. Parece que ele sentiu com a intuição, mais do que soube historicamente, de que eram todos baseados no mesmo mito arcaico. A rainha de Elfland em *Thomas the Rhymer* era a sucessora medieval da Deusa Branca anterior aos celtas, que conduzia o rei sagrado, no final de seu reinado de sete anos, para a sua ilha Elísia, onde ele se transformava em herói oracular. A história do profeta Merlin e da feiticeira Nimue tinha a mesma origem; assim como a de Palmyrin e a feiticeira no cavalo branco e também a de Cymochiles e a encantadora Fedria. Ela era a Morte, mas conferia imortalidade poética àquelas vítimas seduzidas por seus encantos amorosos.

É notável o caso de *Thomas the Rhymer*, também conhecido como Thomas de Erceldoune. Era um poeta do início do século XIII, que afirmava ter recebido a intuição poética da rainha de Elfland, ou Elfame, que, repentinamente, apareceu-lhe quando estava deitado nas margens do Huntlie e o escolheu para seu amante; e foi por este motivo que seus vaticínios se tornaram tão altamente estimados pelos escoceses. (Em 1870, Thomas Chambers disse que eles "ainda estavam amplamente difundidos entre os camponeses".) Embora pareça, à primeira vista, que Thomas tivesse simplesmente tomado de empréstimo o mito gaélico de Oisin e de Niamh dos Cabelos Dourados, do qual a variante arturiana é o romance de Ogier, o danês,[7] e Morgana, a fada, e aplicado a si próprio, é bem pouco provável que se tratasse disto. O que aconteceu efetivamente, quando estava refestelado às margens do Huntlie, não foi sua abordagem por nenhum fantasma, mas por uma mulher viva, a titular "rainha de Elfame", a encarnação, na época, de Hécate, a deusa das bruxas. Ela fez com que ele renunciasse ao cristianismo e o introduziu no culto das bruxas com o novo nome iniciático de "Verdadeiro Thomas".

Como se depreende dos julgamentos escoceses de bruxas três ou quatro séculos mais tarde, a mesma aventura aconteceu com outro, igualmente jovem e escocês. Por exemplo, em Aberdeen, em 1597, Andro Man confessou seus contatos carnais com a então rainha de Elfame, que "dominava todas as artes" e que tinha ido, naquele ano, à festa da colheita em Binhill e Binlocht montada

[7] A tardia lenda medieval de Ogier, o danês, prova que os escritores do ciclo do rei Arthur entendiam que Avalon era uma ilha dos mortos, pois fazem referência ao fato de Ogier haver passado duzentos anos no castelo de Avalon, depois de suas primeiras façanhas no Oriente, quando, então, retornou à França, nos dias do rei Filipe I, portando uma tocha da qual dependia sua vida — como aquela de Meléagro, o Argonauta. Mas o rei Filipe reinou duzentos anos depois de Carlos Magno, que, no ciclo carolíngeo, era o suserano de Ogier; noutros termos, o segundo Ogier era reencarnação do primeiro. Não havia nada novo no fato de Ogier, o danês, viver em Avalon. Seu nome é meramente uma corruptela de "Ogyr Vran", o qual, tal como se sugeriu no Capítulo 5, significa "Bran, o Maligno" ou "Bran, Deus dos Mortos". Seu equivalente nórdico Ogir ("o Terrível") era o deus do mar e da morte e tocava harpa numa ilha onde vivia com suas nove filhas.

num cavalo branco. "Ela é muito agradável e pode ficar velha ou jovem conforme lhe agrade". (Velha e nova, naturalmente, porque ela representava a deusa-lua em suas sucessivas fases.) William Barton de Kirkliston, que, igualmente, tornou-se o amado de uma rainha posterior, segundo ele próprio confessou em seu julgamento em 1655, abjurou o cristianismo, recebeu o novo nome de João Batista, bem como as marcas do diabo. Mas, por volta do século XIII, parece que já não se insistia no sacrifício do rei no sétimo, ou sabático, ano, ou era apenas realizado de modo simbólico, pois, no jardim para onde a rainha levou Thomas de Erceldoune, ele foi advertido com ameaça de pena capital para não colher as maçãs que ali frutificavam, porque eram alimento tradicional dos mortos oraculares. Se Thomas tivesse comido delas não teria sobrevivido para contar sua história e conservado seus "sapatos de veludo verde e seu casaco de igual tecido" que foram suas vestes enquanto valete da rainha. O relato de suas experiências místicas corresponde ao que se conhece como cerimônia iniciática do culto das bruxas. Tal como Ogier, o danês, ele primeiramente a confundiu com a Virgem, um erro perdoável uma vez que (segundo a confissão da bruxa Marion Grant of Aberdeen, uma companheira de Andro Man) as bruxas a chamavam de "Nossa Senhora" e ela aparecia trajando um "manto branco".

Keats em suas cartas a Fanny deixa claro que, para tornar-se seu amante, no completo sentido em que Thomas de Erceldourne foi da rainha de Elfame, ele, de bom grado, teria recebido a Marca e firmado com sangue o pacto pelo qual depois entregaria a alma ao inferno. Ele não era cristão. "Minha religião é o Amor, e tu és o único artigo de fé", escreveu para Fanny. Contudo, ela não estava bem preparada para o papel que ele lhe impingia. Ainda que, no princípio, tal como a rainha que William Barton encontrou a caminho de *Queen's Ferry*, ela fingia ficar "irritada e muito aborrecida" quando recebia seus galanteios e, depois, se compadecia de seu sofrimento e o consolava até certo ponto, e certamente nunca "permitiu que ele fizesse aquilo que ouvidos cristãos sequer deveriam ouvir".

Coleridge, no melhor de si, teve uma consciência poética mais severa do que Keats. Embora a segunda parte de *Christabel* desminta a magia lunar da primeira, sua descrição, em *Ancient Mariner*, de uma mulher que joga dados com a Morte no navio fantasma é o retrato mais fiel que existe da Deusa Branca:

Her lips were red, her looks were free,
Her locks were yellow as gold,
Her skin was white as leprosy.
The Nightmare Life-in-Death was she,
Who thicks man's blood with cold.

Seus lábios eram vermelhos, seu olhar, franco,
Seus cachos, de um louro dourado
E sua pele era alva como a lepra.
Era o pesadelo da Vida-na-Morte,
Que gela e engrossa o sangue do homem.

Constantemente autores anônimos de baladas inglesas celebraram a beleza e o terrível poder da Deusa. *A canção de Tom o' Bedlam* é diretamente inspirada por ela:

The Moon's my constant mistress
And the lonely owl my marrow,
The flaming drake
And the night-crow make
Me music to my sorrow.

A Lua é minha constante senhora
E a coruja solitária, minha parceira,
O pato flamejante
E o corvo noturno fazem
Coro para minha aflição.

E também *A Terra Santa de Walsinghame*:

Such a one did I meet, good sir,
Such an angelic face
Who like a nymph, like a queen, did appear
In her gait, in her grace.

She hath left me here alone,
All alone, as unknown,
That sometime did me lead with herself
And me loved as her own.

— Com uma tal me encontrei, ó bom senhor,
Com tal face angelical
Que ninfa ou rainha parecia
Em sua graça e alegria.

— E ela aqui deixou-me solitário,
Sozinho e desconhecido,
Aquela que outrora consigo me levava
E, como se dela fosse, me amava.

Este poema recorda a terna descrição da Deusa no antigo poema irlandês *Sickbed of Cuchulain* (*O leito de enfermo de Cuchulain*), pronunciado por Laegh depois de visitar o túmulo fortificado de Sidhe:

There is a maiden in the noble house
Surpassing all women of Ireland.
She steps forward, with yellow hair,
Beautiful and many-gifted.

Her discourse with each man in turn
Is beautiful, is marvellous,
The heart of each one breaks
With longing and love for her.

Há, na nobre casa, uma donzela
Que todas da Irlanda supera
Ela avança, cabeleira dourada,
Linda e tão cheia de dotes.

Sua fala com cada homem por vez
É bonita, maravilhosa e bela
E, de cada um, o coração parte
De suspiro e amor por ela.

Embora ela ame apenas para destruir, a Deusa destrói apenas para ressuscitar.

A menção que Coleridge faz à lepra é, curiosamente, exata. A brancura da Deusa sempre foi um conceito ambivalente. Em certo sentido, trata-se da agradável brancura da cevada perolada, do corpo de uma mulher, do leite ou, ainda, da neve imaculada; noutro, exprime a horripilante brancura de um cadáver, de um fantasma ou da lepra. Assim, em Levítico 14, 10, a oferenda prestada por um leproso depois de sua cura e, originariamente, paga à Deusa-Mãe, era uma medida de farinha de cevada. Como foi demonstrado, Alfito combinava os dois sentidos: pois *alphos* é a lepra branca, tipo de vitiligo que ataca a face, *alphiton* é a cevada e Alfito morava no alto dos penhascos de Nônacris, na neve eterna. Pausânias correlaciona lepra, cujo significado é "escamosidade", uma característica da verdadeira lepra, com a cidade de Lepreu, que fica próxima do rio Alfeu, no distrito de Trifília ("trevo"), onde havia uma colônia de leprosos fundada por uma deusa chamada Lepréia e que, posteriormente, passou à proteção de "Zeus, do álamo-branco", posto que um outro nome da lepra é *leuce*, que também significa "álamo-branco". Isto alinhava uma série de pontas soltas da argumentação. O trevo branco que brota por onde Olwen, a deusa do amor caminhava pode ser descrito como "branco como a lepra". E podemos presumir que as folhas do álamo-branco (a árvore correspondente ao outono no Beth-Luis-Nion), que ainda cresce no vale do Estige, eram profiláticas contra todas as formas de lepra: pois *albus* e *aubulus* têm, em latim, todas as conotações da palavra grega *alphos*. Quando Evandro foi da Arcádia para a Itália, levou consigo o

nome do rio Alfeu: *Albula* era o antigo nome do Tibre, embora suas águas barrentas lhe teriam conquistado o nome de *Xantos*, ou *Flavus*, se a Deusa Branca não tivesse apadrinhado a migração.

É provável que, na Antiguidade, as sacerdotisas da Deusa Branca costumassem passar giz no rosto para imitar o disco branco da lua. É possível que a ilha de Samotrácia, famosa por seus Mistérios em honra da Deusa Branca, tenha recebido seu nome por causa da lepra escamosa, pois é fato conhecido que *Samo* significa "branco" e que a palavra gaélica para este tipo de doença era *samothrusc*. Estrabão fornece uma variante para esta sugestão em sua obra *As geórgicas*: cita Artemidoro como tendo escrito que "perto da Grã-Bretanha há uma ilha onde se celebram os mesmos ritos em honra de Ceres e de Perséfone tal como em Samotrácia".

No poema *Ancient Mariner*, quando o(a) pesadelo (égua da noite) Vida-na-Morte ganha o jogo de dados:

> *'The game is done, I've won, I've won,'*
> *Quoth she and whistles thrice.*
>
> "O jogo terminou e eu venci, eu venci",
> Exclamou ela e por três vezes assobiou.

Ela assobia para provocar a brisa mágica que logo vai salvar a vida do marinheiro. Também nisto Coleridge mostra uma exatidão perfeita. A Deusa Branca Cardea, conforme já se falou, estava encarregada dos ventos dos quatro pontos cardeais; mitologicamente, o mais importante era o vento Norte, atrás do qual ela tinha seu castelo estrelado, perto do eixo polar do Universo. Este era o mesmo vento que soprou, em resposta ao último enigma de Gwion, no romance e que ajudou a libertar Elfin, bem como aquele mesmo vento que, segundo Hecateu, deu nome ao sacerdócio hiperbóreo de Apolo. Assobiar três vezes em honra da Deusa Branca é o modo tradicional empregado pelas bruxas para fazer ventar; disto decorre o proverbial infortúnio de "uma galinha que cacareja e uma virgem que assobia". "Dar-te-ei um vento" "E eu outro" — como dizem as bruxas em *Macbeth*. (...) "Todos os quadrantes que eles conhecem, sou o mapa do marinheiro." A íntima relação dos ventos com a Deusa é mostrada também na bem difundida crença popular de que somente porcos e cabritos (ambos arcaicamente consagrados a ela) podem ver o vento e de que as éguas só conseguem emprenhar se virarem as ancas para o vento.

A referência clássica mais antiga a esta crença sobre as éguas consta de *A ilíada*, onde Bóreas se enamora das três mil éguas do dardânio Eritônio quando as vê pastando nas planícies das cercanias de Tróia e emprenha doze delas. Os eruditos da literatura clássica deram-se por satisfeitos ao identificar nisto uma simples alegoria da rapidez dos doze cavalos sagrados nascidos de Bóreas,

porém o mito é muito mais complexo. Bóreas vivia com seus três irmãos, os outros ventos cardeais, numa caverna sagrada no monte Hemo, na Trácia, que fica no norte de Tróia, mas era também adorado em Atenas. Os atenienses lhe conferiram o título honorífico de "cunhado", e seu antigo respeito por ele aumentou por sua súbita descida do Hemo, durante a invasão persa à Grécia, quando ele afundou a maior parte da esquadra de Xerxes nas margens do cabo Sépias. Bóreas estava representado na famosa arca entalhada de Cípselo como metade homem e metade serpente — uma recordação de que os ventos estavam sob o comando da deusa da morte e que tinham origem em cavernas oraculares ou em buracos no solo. Ele era representado no ato de seqüestrar a ninfa *Oreithuia* (Orítia), filha de outro Erictônio,[8] o primeiro rei de Atenas (que lá introduziu os carros de quatro cavalos), para sua residência montanhosa na Trácia.

[8] Este Erictônio, também chamado Erecteu, figura naquele mito, complexo e sem sentido, de Prócne, de Filomela e do rei trácio Tereu de Dáulis, que parece ter sido inventado pelos gregos fócios para explicar uma série de pinturas religiosas traco-pelasgas que encontraram num templo de Dáulis e que não conseguiram decifrar. A história é que Tereu esposou Prócne, filha do rei Pândion da Ática, com quem teve um filho, Ítis. Em seguida, a ocultou no campo para poder se casar com a irmã, Filomela. Disse a esta que Prócne tinha morrido e, quando ela ficou sabendo da verdade, cortou-lhe a língua para que não contasse a ninguém. Mas ela bordou algumas letras num peplo, o que permitiu que Prócne fosse achada a tempo. Prócne retornou e, como vingança pelo maltrato recebido, matou seu filho Ítis e o serviu numa travessa a Tereu. Enquanto isso, Tereu tinha ido consultar um oráculo que lhe revelara que Ítis seria assassinado. Pensando que Drias, seu irmão, fosse o predestinado assassino, Tereu o matou. Foi quando as irmãs fugiram e Tereu as perseguiu com um machado. Os deuses, então, os transformaram em pássaros: Prócne virou uma andorinha, Filomela um rouxinol e Tereu, uma poupa. Prócne e Filomela tinham dois irmãos gêmeos, que sobreviveram a elas: Erictônio e Butes.

Este mito iconotrópico, quando se retorna a sua forma pictórica, configura uma série de cenas instrutórias e cada uma delas representa um diferente modo de conseguir oráculos.

A cena do corte da língua de Filomela mostra uma sacerdotisa que entrou em transe profético mascando folhas de louro; sua face está contorcida pelo êxtase, não pela dor, e a língua que fora cortada é, na verdade, uma folha de louro que uma assistente lhe está dando para mascar.

A cena das letras bordadas no peplo mostra uma sacerdotisa que jogara varetas oraculares sobre um pano branco, à moda celta, conforme descrição de Tácito; elas caem e formam letras que ela então interpreta.

A cena de Ítis sendo comido por Tereu mostra um sacerdote desvendando augúrios das entranhas de um menino sacrificado.

A cena de Tereu e o oráculo, provavelmente, mostra-o adormecido sobre uma pele de ovelha num templo e tendo a revelação durante um sonho; os gregos não haveriam de enganar-se com esta cena.

A cena do assassinato de Drias por Tereu mostra um carvalho e sacerdotes interpretando augúrios debaixo dele, à moda druídica, a partir da maneira de cair de um homem ao morrer.

A cena de Prócne transformada em andorinha mostra uma sacerdotisa disfarçada na mesma ave, concluindo augúrios da observação do vôo deste tipo de pássaro.

As cenas de Filomela transformada em rouxinol e de Tereu transformado numa poupa têm sentido semelhante.

As duas cenas seguintes mostram um herói oracular desenhado com pernas em forma de serpentes, sendo consultado com sacrifícios de sangue, e um jovem consultando um oráculo-abelha.

Isso fornece uma chave para a origem do culto do vento Norte. As éguas de Erictônio eram, na realidade, as éguas do próprio Bóreas, pois aquele era igualmente metade homem e metade serpente. De Erictônio, chamado Autóctone — que significa literalmente "aquele que brotou da terra" —, dizia-se, a princípio, que era filho de Atená com o demiurgo Hefestos; porém, posteriormente, quando os atenienses começaram a insistir na virgindade imaculada da deusa de sua cidade como uma questão de orgulho cívico, alterou-se sua filiação para Hefestos e Géia, a Deusa Terra. O nome *Oreithuia* (Orítia), a ninfa que ele levou, significa "Aquela que se enfurece nas montanhas" — evidentemente a deusa do amor da tríade divina da qual Atená era a deusa da morte, o que explica Bóreas como seu cunhado e, por isso, cunhado de todos os atenienses cuja antiga amizade com o sacerdócio hiperboreal de Bóreas é mencionada por Hecateu. No entanto, como o vento Norte não pode soprar para trás, a história do rapto de Orítia por Bóreas para a Trácia deve se referir à difusão por aquela região do culto orgiástico ateniense da tríplice deusa-cabra e seu amante Erictônio, alcunhado Ofíon, e sua adaptação lá, nas redondezas de Tróia, a um culto orgiástico da tríplice deusa-égua, sendo que os doze cavalos sagrados de Bóreas proporcionavam a ela três carros de quatro cavalos. Uma vez que Erictônio, logo depois do nascimento, refugiou-se de seus perseguidores na *aegis* de Atenas — o saco feito com o couro de Amaltéia —, ele deve ter vindo da Líbia com ela. Na Líbia, ele deve ter sido mais amado do que na Grécia; as brisas do norte refrescam as madrugadas por toda a costa líbia durante todo o verão — assim é que Hesíodo chama Bóreas de filho de Astreu ("o Estrelado") e de Eos ("Aurora"). Dizer que as éguas portuguesas eram fecundadas por Zéfiro — segundo Varro, Plínio e Columela — constitui um erro patente que decorre da posição de Portugal no Extremo Ocidente. Com razão, o filósofo Ptolomeu atribui o fato apenas ao planeta Zeus (Júpiter), que governava o Norte, "ventos que fertilizam", e Bóreas era um dos títulos de Zeus.[9] Lactâncio, o escritor patrístico do final do século III, torna esta fertilização das éguas uma analogia da misteriosa fecundação da Virgem Maria pelo Espírito Santo (literalmente, *pneuma* quer dizer "sopro"): um comentário que, na época, não era considerado de mau gosto.

Segundo a *Odisséia*, a morada dos Ventos, o que significa o centro do culto de Bóreas e de seus irmãos, não ficava no monte Hemo, mas numa ilha da

---

Estes são, respectivamente, Erictônio e Butes (o mais famoso criador de abelhas da Antiguidade), irmãos de Prócne e de Filomela. A mãe deles era Zeuxipe ("Aquela que unge cavalos"), evidentemente uma Deméter com cabeça de égua.

[9] Remanescentes de um culto do vento Norte na Palestina podem ser encontrados em Isaías 14, 13, em Ezequiel 1, 4, em Salmos 48, 2 e em Jó 37, 22. A montanha de Deus é colocada no longínquo Norte e ventosas manifestações de sua Glória procedem de lá. Numa primitiva designação das partes do mundo aos deuses, Bel ficava com o pólo Norte e Ea, com o Sul. Bel era Zeus-Júpiter, o deus da quinta-feira, com freqüência identificado com Iahweh; mas herdara o governo do Norte de sua mãe, Belili, a Deusa Branca.

Eólia, que talvez fosse a ilha egéia de Tenos, que se situa logo a norte de Delos, onde um monumento megalítico era apontado como a homenagem erigida por Héracles em honra de Calais e de Zetes, os heróicos filhos de Bóreas e Orítia. Contudo, o culto de Bóreas espalhou-se para oeste e para o norte de Atenas — os túrios da Itália o adoravam —, e é provável que tenha chegado até a Espanha, levado por outros colonos gregos. No fim da época clássica, acreditava-se que a "ilha eólia" de Homero fosse Lípari, que fora colonizada por eólios. Lípari é um arquipélago situado no norte da Sicília, de onde tal crença, provavelmente, se originou.

Um poema irlandês pagão, ligeiramente cristianizado, publicado no Volume II de *Ossianic Society's Publications*, de 1855, fornece as características natais dos quatro ventos cardeais. Não apenas mostra a ligação dos ventos com *Fate* (as Parcas, ou o Destino), mas, também, identifica a criança que nasce quando sopra o vento Norte como sendo uma espécie de Héracles.

WINDS OF FATE

The boy who is born when the wind is from the west,
He shall obtain clothing, food he shall obtain;
He shall obtain from his lord, I say,
No more than food and clothing.

The boy who is born when the wind is from the north,
He shall win victory, but shall endure defeat.
He shall be wounded, another shall he wound,
Before he ascends to an angelic Heaven.

The boy who is born when the wind is from the south,
He shall get honey, fruit he shall get,
In his house shall entertain
Bishops and fine musicians.

Laden with gold is the wind from the east,
The best wind of all the four that blows;
The boy who is born when that wind blows
Want he shall never taste in all his life.

Whenever the wind does not blow
Over the grass of the plain or mountain heather,
Whosoever is then born,
Whether boy or girl, a fool shall be.

O menino que nascer ao soprar o vento Oeste
Há de obter roupas, alimento há de obter;
De seu senhor obterá, afirmo eu,
Nada além de roupas e alimento.

O menino que nascer ao soprar o vento Norte
Terá vitória, mas há de sofrer derrota.
Será ferido e a um outro há de ferir,
Antes de sua ascensão a angelical Paraíso.

O menino que nascer ao soprar o vento Sul
Conseguirá mel, e fruta há de conseguir,
Em sua casa há de receber
Bispos e refinados músicos.

Carregado de ouro vem o vento Leste,
O melhor vento dos quatro que sopram;
O menino que nascer quando o Leste ventar
Nenhuma privação em sua vida passará.

Sempre que o vento não estiver soprando
Sobre a erva da planície ou urze da colina,
Quem quer que então venha a nascer,
Menino ou menina, um tolo há de ser.

Neste ponto podemos agora esclarecer um ou dois enigmas importantes. Se os atenienses adoravam o vento Norte em tempos muito primitivos e tinham trazido este culto consigo da Líbia, então os hiperbóreos originais, o "povo de trás do vento Norte", um sacerdócio preocupado com um outro mundo no Norte, eram líbios. Isto explicaria a errônea afirmação de Píndaro de que Héracles trouxera a oliveira silvestre do longínquo Norte: na verdade, ele a trouxe do Sul, talvez da latitude da Tebas egípcia, onde ela ainda crescia, nos tempos de Plínio, junto com carvalhos e abacateiros — da mesma forma que a Górgona, que Perseu matou durante sua visita aos hiperbóreos sacrificadores de asnos, era a sulista deusa Neith da Líbia. Este não era o Héracles, o herói do carvalho, mas um outro tipo de Héracles, o polegar fálico, chefe dos cinco dátilos, que, segundo uma tradição encontrada por Pausânias em Élis, trouxera enorme abundância de oliveiras de Hiperbórea e sobre cujas folhas frescas adormeceu com os irmãos depois de coroar o vencedor de uma corrida competida por eles. Pausânias, embora nomeie os competidores, não diz o nome do vencedor, mas é claro que foi Peônio, o dedo indicador, que sempre chega em primeiro lugar

quando se fazem correr os dedos por uma mesa como se disputassem uma corrida, pois *paean*, ou *paeon*, era o canto de vitória. Além disto, Pausânias conta que Zeus lutou contra Cronos nessa ocasião e o venceu; Zeus é o deus do dedo indicador e Cronos o deus do dedo médio, o dedo-do-tolo. O Dátilo que chegou em segundo lugar na corrida era, evidentemente, Epimedes, "aquele que pensa em retardo", o tolo, pois Pausânias narra os nomes na seguinte ordem: Héracles, Peônio, Epimedes, Iásio e Idas.

Assim, o azambujo ou oliveira silvestre servia de coroa para Peônio, o dedo indicador, o que significa que a vogal deste dedo, a saber, o fonema /o/, que era designado pelo tojo (retama ou giesta) no Beth-Luis-Nion, era representada pela oliveira selvagem no alfabeto arbóreo dos gregos. Isto explica o uso, no mundo antigo, da oliveira nos festejos primaveris, o que continua na Espanha durante a Festa de Ramos; seu emprego para fazer a clave de Héracles — o sol se arma pela primeira vez no equinócio de primavera — bem como o raminho de oliveira no bico da pomba de Noé, o que simboliza o fim das cheias invernais por benesse do sol primaveril. Isto também explica Peônio como um título de Apolo Hélio, a divindade do sol jovem, o que, no entanto, parece ter tomado da deusa Atená Peônia, que foi a primeira a levar a oliveira para Atenas; assim como o nome da peônia, *paeonia*, uma flor selvagem mediterrânea que só floresce no equinócio de primavera e que rapidamente perde as pétalas.

A Deusa Branca de Spenser constitui a "Senhora do Lago" do ciclo arthuriano, também chamada de "Serpente Branca", "Nimue" e "Vivien", que o professor Rhys, em seu livro *Arthurian Legend,* identifica com Rhiannon. Ela é aquela amada de Merlin (Merddin) que, traiçoeiramente, o aprisiona na caverna mágica depois que este lhe contou alguns segredos seus, do mesmo modo que ocorreu com Llew Llaw e Blodeuwedd, Sansão e Dalila, Curói e Blathnat. Entretanto, no primitivo relato galense, o *Dialogue of Gwenddydd and Merddin,* ela lhe diz para sair de sua prisão e "abrir, sem temor, os livros da inspiração". Neste diálogo ela o chama de "irmão gêmeo", o que a revela como Olwen, e ela própria é tratada como *Gwenddydd wen adlan Cerddeu — Dama Branca do Dia, refúgio dos poemas*, o que comprova que ela era a Musa, a Cardea-Cerridwen, que inspira *cerddeu* (poemas), em grego *cerdeia.*

Há uma pergunta que se faz continuamente: o que é a "inspiração"? A derivação da palavra fornece duas respostas correlatas. "Inspiração" pode ser a aspiração pelo poeta dos vapores inebriantes que emanam de algum caldeirão embriagante, os *Awen* do caldeirão de Cerridwen, que continha, provavelmente, uma mistura de cevada, de bolotas, de mel, de sangue bovino e de ervas sagradas, como hera, heléboro[10] e louro; ou dos vapores mefíticos que exalam de

[10] Isto talvez signifique *Helle-bora*, "o alimento da deusa Helle", que tinha origem pelasga e que deu nome à região do Helesponto.

correntes do subsolo, como em Delfos; ou, ainda, dos vapores que sobem às narinas quando se mastigam certos cogumelos. Tais vapores induzem a um transe paranóico em que o tempo se suspende, embora a mente permaneça ativa e possa relatar em versos suas apreensões prolépticas ou analépticas. No entanto "inspiração" também pode referir-se à indução de igual estado poético por meio do ato de escutar o vento, o mensageiro da deusa Cardea, num bosque sagrado. Em Dodona, os oráculos eram escutados nos bosques de carvalhos e os transes proféticos eram talvez induzidos nas sacerdotisas da pomba negra que, no princípio, controlavam o oráculo pela mastigação de bolotas: de qualquer forma, um comentarista das notas de Lucano observa que este método era empregado pelos druidas gauleses. Em Canaã, a principal árvore oracular era a acácia — a "sarsa ardente" da qual se falou no Capítulo 15 —, e existe uma referência a este tipo de inspiração em 1 Crônicas 14, 15:

> E quando ouvires um ruído de passos no alto das amoreiras, então [apressa-te.] darás início à batalha.

Aqui o termo "amoreiras" deve substituir "acácias". O próprio Iahweh estava no vento e, no contexto — o ataque de Davi sobre os filisteus de Gabaon até Gazer —, fica claro que ele sopra do Norte. Esta história data de uma época em que Iahweh ainda não era uma divindade transcendental, mas que vivia, como Bóreas, numa montanha no Norte. Ele era, na verdade, a divindade do touro branco, Baal-Zephon ("o Senhor do Norte"), que recebera este nome de empréstimo a sua mãe, a deusa Baaltis Zapuna, um nome atestado por uma inscrição de Goshen, onde, por certo tempo, esteve assentada a tribo de José. Os cananeus o adoravam como "o rei do outro mundo, no Norte" e os filisteus de Acaron tinham-se apropriado do culto; tratava-se de uma divindade da profecia e da fertilidade. Outro título seu era Baal-Zebul, "o senhor da mansão [do Norte]", de onde deriva o nome da tribo de Zabulon, que, por sua vez, o adorava no monte Tabor. Quando o rei Ocozias de Israel mandou consultar o oráculo desta divindade em Acaron (2 Reis 1, 1-4), sofreu a reprovação da parte de Elias por não ter ido escutar o oráculo nativo de Israel, supostamente situado no Tabor. Suspeito que Baal-Zebul fosse um Dioniso outonal cujos devotos se intoxicavam com o *Amanita muscaria*, que ainda hoje cresce pela região; o nome bíblico para esses cogumelos era "*emrods*", ou "raposinhas".

Quando do tempo de Jesus, que foi acusado de manter relações com Belzebu, já havia muito que os reinos de Israel e de Filistéia tinham sido suprimidos e os santuários do Tabor e de Acaron destruídos. As funções de Baal-Zebul foram assimiladas pelo arcanjo Gabriel, e aquele decaiu a um simples diabo chamado depreciativamente de Baal-Zebub, "Senhor das Moscas". Mesmo assim, os açougueiros levitas continuaram o antigo ritual de virar a cabeça da vítima para o norte na hora do sacrifício.

A acácia continua sendo uma árvore sagrada nos desertos da Arábia e quem quer que lhe arranque um graveto tem o fado de morrer no prazo de um ano. A

representação clássica mais comum da Musa sussurrando ao ouvido do poeta se refere à inspiração da copa arbórea: a Musa ou é *dryad* (fada do carvalho), ou *mēlia* (fada do freixo), *mēlia* (fada do marmeleiro), *caryatid* (fada da noz), *hamadryad* (fadas do bosque em geral), *heliconian* (fada do monte Hélicon, que herda o nome tanto de *helicë*, o salgueiro sagrado para os poetas, quanto do riacho que corria em espiral ao seu redor).

Nos tempos atuais raramente os poetas empregam auxiliares artificiais para inspirarem-se, embora o barulho do vento nos salgueiros ou numa área reflorestada ainda exerça, em suas mentes, uma influência estranhamente poderosa. E a palavra "inspiração" se aplica, por conseguinte, a qualquer meio que sirva para induzir ao transe poético. Contudo, não são poucos os charlatões e pusilânimes que recorrem à escrita automática ou psicografia e ao espiritismo. Vem a calhar como recomendação a antiga distinção hebraica entre profecia legítima e ilegítima — a palavra *profecia* significando aqui aquela poesia inspirada em cujos termos os eventos futuros, normalmente, se cumprem, mas não necessariamente. Caso um profeta entrasse em transe e, depois, se esquecesse do que tinha balbuciado, sua profecia seria ilegítima; no entanto, caso permanecesse em posse de suas faculdades críticas durante o transe e depois dela, então a profecia seria legítima. Seus poderes eram exaltados pelo "espírito de profecia", de modo que suas palavras cristalizavam, numa jóia poética singular, uma imensa experiência; contudo, ele era, por graça de Deus, o vigoroso autor e regulador de sua obra. Por outro lado, o médium do tipo espírita, cuja alma, momentaneamente, se ausenta para que principados demoníacos e potestades possam ocupar seu corpo e sibilar por sua boca não era considerado profeta e era "afastado da congregação" caso se considerasse que ele, deliberadamente, induzira o transe. A proibição, presumivelmente, se estendia à escrita automática, à dita psicografia.

Capítulo 25

Guerra nos céus

Será que a poesia tem de ser necessariamente original?

Segundo a teoria apolínea ou clássica, não precisa, pois o que prova um bom poeta é sua capacidade em expressar sentimentos testados pelo tempo em formas já consagradas, como maior fluidez, encanto, sonoridade e sabedoria do que seus rivais. Pelo menos tais são as exigências para que um homem obtenha uma cátedra barda. A poesia apolínea constitui, essencialmente, uma poesia de corte, escrita para sustentar a autoridade delegada aos poetas pelo rei (visto como um *Roi Soleil*, vigário de Apolo), entendendo-se que eles celebram e perpetuam sua magnificência e terror. Assim sendo, empregam um vocabulário arcaico, a beleza formal e uma métrica regular, sóbria e bem acabada como recurso para ressaltar a dignidade de seu ofício, traçando freqüentes e elogiosas referências a eventos e instituições ancestrais. Existe uma monotonia extraordinária em seus elogios: os astecas bajulavam seu chefe patriarcal como "um falcão bem alimentado, sempre pronto para a guerra", frase esta que constituía um lugar-comum entre os bardos galenses do início da Idade Média.

Trata-se de uma técnica clássica aperfeiçoada por esses bardos, pelos poetas franceses do período de Luís XIV ou pelos poetas ingleses da era augustana do início do século XVIII, que é um indício seguro da estabilidade política fundada no poder das armas. Em tais épocas, ser original significaria deslealdade ou vagabundagem.

A era augustana recebeu este nome porque, depois dos tumultos que levaram à execução de um rei e ao banimento de outro, os poetas ingleses celebravam o mesmo renascimento de um governo central firme que os latinos (sob ordens de Mecenas, ministro da Propaganda e das Artes) após o triunfo de Augusto, no término das guerras civis romanas. A nova técnica poética estava fundada, em parte, na prática francesa de então — se iniciava a Era de Ouro da literatura francesa — e, por outro lado, nos tempos áureos do latim. O verso jâmbico de dez ou doze sílabas, em moda, bem balanceado e carregado de espírito antitético era francês. O emprego da "perífrase poética" como ornamento formal pertencia ao latim: esperava-se que o poeta se referisse, por exemplo, ao mar como "profundezas salobras" ou "reino dos peixes" e ao fogo como "o elemento devorador". Os motivos originais para tal convenção foram esquecidos, mas derivavam de arcaicos tabus religiosos quanto à menção direta de coisas perigosas, poderosas ou azarentas. (Tal interdito sobreviveu até bem recen-

temente, nas minas de estanho da Cornuália, onde o temor de duendes fazia os mineiros evitarem referências "a corujas, raposas, lebres, gatos ou ratos, exceto no jargão peculiar de sua categoria profissional"; igualmente, na Escócia e no Nordeste da Inglaterra, entre os pescadores, havia o mesmo medo de irritar os duendes por uma menção não perifrástica de porcos, gatos ou padres.) Por influência dos poetas latinos que tinham uma dicção poética própria, com vocabulário e sintaxe proibidos aos prosadores, e à qual creditavam grande serventia na solução de estranhos problemas de métrica.

O emprego caprichoso de perífrases estava difundido no período intermediário do classicismo vitoriano. Lewis Carrol parodiou com talento os poetas de seu tempo em *Poeta Fit, Non Nascitur* (1860-1863):

'Next, when you are describing
A shape, or sound, or tint
Don't state the matter plainly
But put it in a hint;
And learn to look at all things
With a sort of mental squint.'

'For instance, if I wished, Sir,
Of mutton-pies to tell
Should I say "dreams of fleecy flocks
Pent in a wheaten cell"?'
"Why, yes," the old man said: "that phrase
Would answer very well."'

"Depois, quando tiveres de descrever
Forma, som ou matiz,
Não afirmes a questão inteiramente,
Mas a lance insinuando;
E aprenda a olhar todas as coisas
Numa espécie de soslaio mental".

"Por exemplo, se eu quisesse, ó senhor,
A empadões de carneiro referir-me,
Deveria dizer 'sonhos de rebanhos lanosos
numa cela de trigo encerrados?'
'Sim' — respondeu o ancião —, 'tal frase conviria.'"

O renascimento romântico tinha trazido à moda uma maneira de falar extremamente arcaica. Era considerado impróprio escrever, por exemplo:

But where the west wind blow
You care not, sweet, to know.

Porém para onde sopra o vento ocidental
Não te importas em saber, ó querida.

A linguagem correta seria:

Yet whitherward the zephyrs fare
To ken thou listed not, O maid most rare.

Para onde cavalguem os Zéfiros
Não almejas conhecer, ó preciosa donzela.

Caso se empregasse *wind* (vento), seria preciso rimá-lo com *mind* (mente) e não com *sinned* (pecado; part. pass.). No entanto, o classicismo vitoriano estava contaminado pelo ideal de progresso. O cansativo e seguro "cavalinho de balanço" do verso alexandrino augustano e o dístico heróico tinham sido abandonados desde que Keats os atacou, quando os poetas foram encorajados a experimentar a diversidade métrica e a colher sua temática onde quer que lhes aprouvesse. A mudança assinalava a instabilidade do sistema social: o cartismo andava ameaçado; a Monarquia, impopular, e as reservas da velha aristocracia rural eram, diariamente, invadidas por capitães de indústria e por nababos da Companhia das Índias Orientais. A originalidade tornou-se uma virtude elogiável: ser original, no sentido dos meados do período vitoriano, implicava aquele "soslaio mental" que ampliava o campo da poesia, lançando encantamentos poéticos sobre coisas úteis, porém vulgares, tais como barcos a vapor, empadões de carneiro, exposições comerciais e lampiões a gás. Implicou, ainda, o empréstimo de temas da literatura persa, árabe ou hindu, além da assimilação, como formas métricas inglesas, de poemas sáficos, alcaicos, rondéis e triolés.

O verdadeiro poeta deve ser sempre original, mas num sentido mais simples: deve se dirigir apenas à Musa — não ao rei, ao chefe dos bardos ou ao povo em geral — e contar-lhe a verdade sobre si próprio e sobre ela, em palavras apaixonadas e peculiares. A Musa é uma divindade, mas é também uma mulher, e se aquele que a celebra faz amor com ela, empregando as mesmas frases de segunda mão e os truques verbais que usa para bajular seu filho, Apolo, ela o rejeita de modo ainda mais decisivo do que faz com o tartamudo e com o canhestro. A Musa nunca fica inteiramente satisfeita. Laura Riding a defende em três memoráveis versos:

Forgive me, giver, if I destroy the gift:
It is so nearly what would please me
I cannot but perfect it.

Perdoa-me, ó doador, se destruo tua oferta:
Tanto dista do que me agradaria,
Que só me resta aperfeiçoá-la.

Um poeta deixa de sê-lo caso tenha a sensação de haver conquistado a Musa para sempre, de que ela esteja permanentemente a seu bel-dispor.

Irlandeses e galenses distinguiam, com muito cuidado, os poetas dos escritores satíricos. A função do poeta era criativa ou curativa, enquanto a do satirista, destrutiva ou nociva. Um poeta irlandês podia compor um *aer*, ou seja, uma sátira, com poder de arruinar colheitas, secar o leite, encher com pústulas o rosto de sua vítima e destruir sua reputação para sempre. De acordo com *The Hearings of the Scholars*, empregava-se como sinônimo de sátira a expressão *Brimón smetrach*, que significa um puxão de orelhas com as palavras. Puxar a vítima pelo lóbulo da orelha era um recurso fraternal aplicado pelos poetas quando recitavam alguma sátira. Como nesta parte do corpo não há osso algum, o ofendido não podia reivindicar nenhuma compensação pela desonra. Tampouco podia revidar pela força, posto que o poeta era sacrossanto. Contudo, se a sátira não fosse merecida, as pústulas apareceriam no rosto do próprio poeta e o matariam no ato, tal como aconteceu com os poetas que escarneceram dos inocentes Luan e Cacir. Edmund Spenser, na obra *View of the Present State of Ireland*, escreve sobre poetas irlandeses, contemporâneos seus:

> Ninguém se atreve a aborrecê-los por medo de suscitar suas reprovações por tê-los ofendido e ficar, por isso, malfalado na boca do povo.

Shakespeare refere-se ao poder que tinham de "matar ratos com as rimas", tendo até mesmo ouvido falar de um certo Seachan Torpest, magistral poeta da Irlanda que, certo dia, descobrindo que ratazanas haviam comido seu jantar, pronunciou o vingativo *aer*:

Rats have sharp snouts
Yet are poor fighters...

Os ratos podem ter compridas fuças
Mas são covardes nas escaramuças...

E, prontamente, liquidou dez deles.

Na Grécia, o metro que cabia ao satirista era a métrica poética invertida. A sátira pode ser considerada uma poesia canhota. A lua se move da esquerda para a direita, tal como o sol, mas, conforme envelhece e míngua, eleva-se, a cada noite, um pouco mais para a esquerda. Por conseguinte, uma vez que a velocidade de crescimento dos vegetais sob o crescente é maior do que sob o minguante, a mão direita ficou associada sempre com o crescimento e a força, ao passo que a

esquerda o foi com a fraqueza e decadência. Talvez seja, por isso que a própria palavra *left* (esquerda) significasse, no alemão arcaico, "fraco, velho, paralisado". As danças de bom agouro feitas pelos devotos da lua eram, deste modo, para a direita, no sentido do relógio, a fim de propiciar prosperidade; as nefandas, para causar dano ou morte, eram feitas para a esquerda. De igual modo, a suástica ou a roda de fogo dextrogira era auspiciosa e sua oposta, a sinistogira, que foi aquela adotada pelo nazismo como símbolo, era nefasta. O culto da deusa hindu Kali tem dois lados: sua face direita, como benfeitora e Mãe Universal, e sua face esquerda, como fúria e ogra. A palavra latina *sinistra* passou a designar algo mais do que meramente "esquerda", porque, para os áugures clássicos, os pássaros vistos na direção da mão esquerda eram prenúncios de má sorte.

A palavra inglesa *curse*, que significa "feitiço" ou "praga", deriva do latim *cursus* (corrida) — especialmente do tipo circular, típico das corridas de bigas —, que é a forma abreviada de *cursus contra solem*. Assim, na Escócia do século XVI, Margaret Balfour foi acusada de bruxaria por dançar nove vezes, no sentido anti-horário, em torno da casa de alguns homens, inteiramente nua. Certa feita, por acaso, A. K. Smith, um amigo meu, viu uma feiticeira hindu nua fazendo a mesma coisa, no Sul da Índia, como cerimônia de enfeitiçamento. As musas-sacerdotisas do Hélicon e da Piéria, com espírito sinistro, devem ter dançado nove vezes em torno do objeto de sua praga ou de algum símbolo dele.

A maioria dos poetas ingleses, vez por outra, permitiu-se a sátira de esquerda. Dentre eles Skelton, Donne, Shakespeare, Coleridge e Blake. Outros — como Samuel Butler, Pope, Swift e Calverley —, que construíram a reputação, principalmente sobre sátiras ou paródias, apenas com má vontade é que se lhes atribui a categoria de poeta. Contudo, na linguagem, nada há que se equipare aos poetas irlandeses em sua natureza vingativa, exceto o que foi escrito por anglo-irlandeses. A técnica da paródia é semelhante àquela empregada pelas bruxas russas: elas caminham discretamente atrás da vítima, imitando exatamente seu jeito de andar; quando conseguem perfeita sintonia, de repente, tropeçam e caem, procurando tombar de maneira suave, enquanto o alvo de sua astúcia cai violentamente. Uma paródia habilidosa de um poema fere sua dignidade, às vezes de modo permanente, como no caso das poesias de antologia escolar parodiadas por Lewis Carroll em *Alice no País das Maravilhas*.

O objetivo da sátira é destruir o excesso, a decadência e o enfado, limpando o solo para nova aragem. Assim entendiam os cipriotas o mistério do Deus do Ano ao descrevê-lo como *amphidexios*, palavra que abrange o sentido de ambidestro, ambíguo e ambivalente, e ao colocar, em cada uma de suas mãos, uma arma. Ele é ele próprio e outro de si, ao mesmo tempo o rei e aquele que o suplanta, vítima e assassino, poeta e satirista, alguém cuja mão esquerda ignora o que faz a direita. Na Mesopotâmia, como Nergal, era igualmente o semeador, que levava fartura aos campos, e o ceifador, o deus dos defuntos. Noutras regiões, para simplificar o mito, era representado como gêmeos. Tal simplificação levou, por meio de uma teologia dualista, à teoria de que a morte, o mal,

a decadência e a destruição constituem conceitos errôneos que Deus, o Bom, a Mão Direita, algum dia, rejeitará. Teólogos ascetas tentaram paralisar e podar a mão esquerda em honra da direita. Contudo, os poetas têm consciência de que cada uma das gêmeas tem sua vez de vitória, numa longa guerra cavalheiresca combatida pelas graças da Deusa Branca, tal como os heróis Gwyn e Greidawl lutaram pelos favores de Creiddylad ou os heróis Mot e Aleyn combateram por Anatha de Ugarit. A guerra entre o Bem e o Mal, durante os últimos dois milênios, foi travada de modo indecente e doloroso, porque os teólogos, por não serem poetas, impediram que a Deusa arbitrasse a contenda e fizeram com que Deus impusesse ao diabo, em termos impossíveis, uma rendição incondicional.

Que a mulher não devesse ser excluída da companhia dos poetas era uma das normas inteligentes da taverna do diabo, na rua Fleet, pouco antes da revolução puritana, quando Ben Jonson ditou as leis da poesia para os jovens, seus contemporâneos. Ele sabia o risco que corriam os apolíneos que tentam ser inteiramente independentes das mulheres: caem na homossexualidade sentimental. Quando o homossexual começa a ditar as modas poéticas e se introduz o "amor platônico" — o idealismo homossexual —, a Deusa procura vingar-se. Sócrates, convém lembrar, teria banido os poetas de sua tediosa República. A evasão alternativa do amor da mulher constitui a ascese monástica, cujos resultados são mais trágicos do que cômicos. Entretanto, a mulher não é um poeta: ela há de ser a Musa ou não será coisa alguma.[1] Isto não significa que a mulher deva abster-se de escrever poemas; apenas que ela deve escrever como mulher e não como um homem honorário. O poeta era originariamente o *mystes*, ou seja,

[1] Na literatura inglesa só se registram algumas poucas referências a uma Musa "masculina". A maioria delas ocorre em poemas escritos por homossexuais e pertence a uma patologia mórbida. No entanto, George Sandys, em *A Relation of a Journey Begun* (1615), chama James I de "Musa Coroada", talvez porque James se comportasse mais como uma rainha do que como um rei para com seus favoritos na corte e porque ele publicou um tratado elementar sobre métrica. E, em *Lycidas*, Milton escreve:

> *So may some gentle Muse*
> *With lucky words favour my destin'd urn*
> *And, as he passes, turn,*
> *And bid fair peace to my sable shroud.*
>
> Oxalá possa alguma suave e gentil Musa
> Com o doce verbo favorecer minha destinada urna
> E, quando ele passar de volta,
> Justa paz ofereça a minha arenosa mortalha.

Porém, trata-se de mera suposição. "Musa", neste contexto, está no lugar de "poeta possuído pela Musa": Milton apenas acabara de se dirigir tradicionalmente à Musa feminina com:

> *Begin, then, Sisters of the sacred well (...).*
> Começai, pois, Irmãs do sagrado poço (...).

o extático devoto da Musa. As mulheres que tomavam parte em seus ritos eram representantes dela, como as nove dançarinas nas pinturas da caverna de Cogul ou as nove mulheres que aqueceram o caldeirão de Cerridwen com o bafo no poema *Preiddeu Annwm* de Gwion. Na verdade, em sua forma arcaica, a poesia ou era a lei moral e religiosa estabelecida para os homens pela nônupla Musa ou, então, o extático murmúrio dos homens no cumprimento dessa lei e na glorificação da Musa. É a imitação da poesia masculina o que faz com que soe falsa a obra de quase toda poetisa. Uma mulher que se interessa pela poesia deveria, em minha opinião, ser uma Musa silenciosa e inspirar os poetas com sua presença feminina, como fizeram a rainha Elizabeth I e a condessa de Derby. Ou, então, deveria encarnar a Musa em sentido completo: deveria ser, sucessivamente, Arianrod, Blodeuwedd e a Velha Porca de Maenawr Penardd que devora seus leitõezinhos e, em cada um destes aspectos, escrever com sua arcaica autoridade. Ela deveria significar a lua visível: imparcial, amorosa, severa e sábia.

Safo entendeu tal responsabilidade: não se deve acreditar nas mentiras malévolas dos cômicos áticos que traçavam sua caricatura como uma lésbica insaciável. A qualidade de seus poemas prova que foi uma verdadeira Cerridwen. Certa feita, perguntei a meu orientador moral em Oxford, que era um intelectual clássico e apolínico: "Diga-me, por favor: o senhor considera que Safo era uma boa poeta?" Ele olhou para um lado e para outro da rua, como quem investiga se há alguém ouvindo e, então, me respondeu, em tom confidencial: "Sim, Graves, este é o problema, ela era boa, *muito* boa!" Captei que ele considerava afortunado o fato de que apenas uma parte tão pequena de sua obra tivesse sobrevivido. Gwerfyl Mechain, poetisa galense do século XVI, também parece ter desempenhado o papel de Cerridwen: "Sou anfitriã da Taverna da Balsa, uma lua trajando branco e saudando qualquer homem que a mim venha trazendo prata."

O principal tema da poesia consiste, convenientemente, nas relações entre homem e mulher, bem mais do que naquelas exclusivamente entre homens, como os clássicos apolíneos preferiram. O verdadeiro poeta que vai para a taverna e paga o tributo em prata a Blodeuwedd atravessa o rio para a morte. Tal como na história de Llew Llaw: "Naquela noite, toda conversa deles foi relativa à afeição e ao amor que tinham um pelo outro e que havia despertado no breve espaço de uma noite." Este paraíso dura apenas do dia Primeiro de Maio, até a véspera de São João. Arma-se o complô, os dardos são desfechados e o poeta sabe que assim deve ser. Para ele não existe outra mulher além de Cerridwen e ele deseja uma única coisa, que coloca acima de todas as demais coisas do mundo: o amor dela. Como Blodeuwedd, ela de bom grado lhe dará seu amor, mas somente a um preço: a vida dele. Pontual e sanguinariamente, exigirá sua paga. Outras mulheres, outras deusas, parecem mais bondosas. Vendem seu amor a um preço mais razoável — às vezes um homem pode merecê-lo pelo simples pedir. Mas não Cerridwen, pois o amor desta acompanha a sabedoria. E por mais amarga e grosseiramente que o poeta vitupere contra ela no momento de

sua humilhação — Catulo é o caso mais conhecido —, ele foi cúmplice de sua própria traição e não tem motivo justo para reclamar.

Cerridwen permanece e espreita. A poesia teve início na era matriarcal, recebe sua magia da lua e não do sol. Nenhum poeta pode esperar entender a natureza da poesia, a menos que tenha tido a visão do rei desnudo, crucificado no carvalho podado, e contemplando, com os olhos injetados pelas fumaças acres das fogueiras sacrificiais, as dançarinas marcarem o ritmo da dança, inclinando rudes os corpos para a frente e cantando a monótona jaculatória: "Mata! Mata! Mata!... Sangue! Sangue! Sangue!"

O constante emprego iletrado da frase "cortejar a Musa" tem obscurecido seu significado poético: a compreensão da comunhão interior do poeta com a Deusa Branca como fonte da verdade. Os poetas usaram, como alegoria da verdade, a mulher nua: uma mulher despida de todo enfeite ou ornamento que a vinculasse a algum lugar particular no tempo e no espaço. A deusa-lua síria também se representava assim, tendo um penteado em forma de serpente para lembrar ao devoto que era a morte disfarçada e, aos pés, um leão agachado mas atento. O poeta está apaixonado pela Deusa Branca, pela verdade: seu coração suspira ofegante de amores por ela. Ela é a deusa-flor Olwen, ou Blodeuwedd; mas, igualmente, é a coruja Blodeuwedd, de olhos faiscantes e pio triste, com seu imundo ninho no oco de alguma árvore morta; ou Circe, o impiedoso falcão; ou Lâmia, com sua meneante língua; ou a deusa-porca que, grunhindo, devora suas vítimas; ou Rhiannon, com cabeça de égua, que se alimenta de carne crua. *Odi atque amo* (odeio e amo): amar alguém também é odiar. Determinados a fugir deste dilema, os apolíneos pregam o menosprezo da mulher e ensinam-na a depreciar a si própria.

O gênio de Salomão é cruelmente sucinto: "A sanguessuga (*Haemopsis marmoratis*) tem duas filhas: *Dar* e *Dar*". Este tipo de sanguessuga é um pequeno animal de águas claras semelhante à sanguessuga medicinal, mas tem trinta dentes. Quando um animal, geralmente um cavalo, vai a um riacho beber água, a sanguessuga entra em sua boca e gruda na carne macia do fundo de sua garganta. Então põe-se a sugar o sangue até ficar totalmente inchada, deixando o animal furioso. Por causa de sua voraz obstinação, confere nome a Alukah, que é a Lâmia cananéia, súcubo ou vampiro. As duas filhas de Alukah são insaciáveis como a própria mãe e seus nomes são Gehena e Ventre, ou seja, Morte e Vida. Salomão diz, noutras palavras: "As mulheres sentem-se ávidas de filhos: sugam o vigor de seus maridos, como o vampiro; são sexualmente insaciáveis"; parecem-se com a sanguessuga dos charcos que ataca os cavalos. E para que nascem os homens das mulheres? Apenas para acabarem morrendo. A tumba e a mulher são ambas igualmente insaciáveis." Mas o Salomão do Livro dos Provérbios era um filósofo ácido, bem diferente de um poeta romântico como o Salomão galileu de Cântico dos Cânticos, que era, na verdade, Salmá, o Dioniso quenita, que fazia amor, no estilo helenístico, com sua irmã gêmea, a noiva de maio de Shulem.

O motivo pelo qual, em nossos dias, sejam tão poucos aqueles poetas que continuem a publicar poesia depois de havê-lo feito na juventude de seus vinte anos não reside necessariamente — como numa época pensei — na decadência do mecenato e na impossibilidade de haurir algum ganho decente da profissão de poeta. Há inúmeras maneiras de se manter na vida compatíveis com a arte de escrever poesia; além disto, a publicação de poemas não é tão difícil. O motivo está em que alguma coisa morre dentro do poeta. Talvez ele tenha comprometido sua integridade poética avaliando superiormente à poesia algum outro campo da experiência — literário, religioso, filosófico, dramático, político ou social. Entretanto, talvez tenha perdido também seu sentido da Deusa Branca: a mulher que ele considerava uma Musa, ou que era uma Musa, transformou-se numa mulher doméstica e ele, igualmente, converteu-se num homem domesticado. A lealdade o impede de separar-se dela, sobretudo se ela for a mãe de seus filhos e se tiver orgulho em ser uma boa dona de casa. Assim como fenecem as próprias Musas, também os poetas declinam. Os poetas ingleses do princípio do século XIX, quando o público leitor de poesia era muito numeroso, tinham a incômoda consciência deste problema e muitos deles, tais como Southey e Patmore, tentaram fazer poesia da domesticidade, embora nenhum deles tenha obtido sucesso poético com tais temas. A Deusa Branca é antidoméstica. Ela é perpetuamente "a outra mulher", e seu papel é, com efeito, bastante difícil para que uma mulher de sensibilidade possa representar por mais de alguns poucos anos, porque a tentação de se suicidarem na domesticidade simples jaz latente no coração de toda Mênade e Musa.

No século VII d.C., em Connaught, Liadan de Corkaguiney, uma mulher da aristocracia e também poeta, tentou uma infeliz solução para tal problema. Ela viajava com seu séquito de 24 discípulos de poesia, conforme costume muito antigo, fazendo um *cuairt*, ou seja, um circuito de visitas. Numa delas o poeta Curithir organizou, em sua homenagem, uma festa regada a cerveja e foi quando ela se apaixonou por ele. Curithir correspondeu ao amor e perguntou-lhe:

— Por que não nos casamos? Um filho nascido de nós dois seria famoso.

E ela argumentou:

— Agora, não. Isto iria atrapalhar meu circuito de visitas poéticas. Mais tarde, vem encontrar-te comigo em Corkaguiney e partirei contigo.

Depois ela começou a matutar sobre as palavras dele e, quanto mais refletia menos gostava delas: ele não falara do amor que sentiam, mas apenas da fama que gozavam e de quão famoso haveria de ser o filho que poderia, um dia, deles nascer. Por que um filho? Por que não uma filha? Estaria ele colocando seus dotes acima dos dela? E por que contemplar, tão extemporaneamente, o nascimento de um futuro poeta? Por que Curithir não se contentava em ser, ele próprio, um poeta e de viver na poética companhia dela? Ter filhos de tal homem seria um pecado contra ela própria; e, no entanto, amava-o de todo o coração e havia prometido, de maneira solene, que o acompanharia.

Sendo assim, quando Liadan terminou seu circuito de visitas às casas de reis e de chefes de Connaught, trocando conhecimentos poéticos com poetas que por lá encontrava e recebendo presentes de seus anfitriões, ela resolveu fazer um voto de castidade, punível de morte caso fosse quebrado. Não o fez por nenhum motivo religioso, mas porque era poeta e tomara consciência de que o casamento com Curithir haveria de destruir o vínculo poético entre eles. Algum tempo depois ele foi apanhá-la e, honrando sua palavra, ela o acompanhou; mas, igualmente cumprindo seu voto, negou-se a deitar com ele. Inteiramente acabrunhado, ele fez um voto semelhante. Submeteram-se ambos à direção espiritual do severo e desconfiado são Cumino, que deu a Curithir a escolha de ver Liadan sem falar com ela ou de poder conversar com ela sem vê-la. Como era poeta, preferiu a conversa. Um e outro, alternadamente, vagavam em volta da cela de cerrada treliça de cada qual, no monastério de Cumino, sem que nunca lhes fosse permitido um encontro. Quando, finalmente, Curithir tentou persuadir Cumino a mitigar a severidade desta regra, o monge os acusou de falta de castidade e expulsou Curithir do local. Curithir renunciou ao amor, tornou-se um peregrino, e Liadan faleceu de remorsos pela estéril vitória que conquistara sobre ele.

Desde os tempos pré-cristãos, os irlandeses estiveram conscientes do amor problemático do poeta. Em *Sickbed of Cuchulain*, que além de herói era poeta Cuchulain abandonara Emer, sua esposa, e caiu sob os encantamentos de Fand, uma rainha de Sidhe. Emer fora originalmente sua Musa e, no primeiro encontro, travaram uma conversação poética de compreensão tão difícil que nenhum dos presentes entendeu coisa alguma; contudo, o casamento os separou. Emer dirige-se furiosa até a fortaleza de Fand em busca de Cuchulain, e Fand renuncia à posse dele, admitindo que ele, na verdade, não a ama e que era melhor que voltasse para Emer:

Emer, noble wife, this man is yours.
He has broken away from me,
But still I am fated to desire
What my hand cannot hold and keep.

Ó nobre esposa Emer, este homem é teu.
Desapegou-se ele de mim,
Mas continuo fadada a desejar
O que as mãos já não podem guardar.

Cuchulain vai embora, mas a vitória de Emer é tão estéril quanto a de Liadan de Corkaguiney. Justifica-se, assim, uma antiga tríade irlandesa: "Três coisas são mortíferas: mofar-se de um poeta, amar um poeta ou ser um poeta."

Examinemos agora Suibne Geilt, rei-poeta de Dal Araidhe, sobre quem um irlandês anônimo do século IX compôs um conto em prosa, *The Madness of Suibne* (*A loucura de Suibne*), incorporando uma série de poemas dramáticos fundamentados em certos originais do século VII atribuídos ao próprio Suibne. No conto, tal como a nós chegou, Suibne enlouquece por haver insultado por duas vezes a são Ronão. A primeira foi quando interrompeu o santo, enquanto este demarcava o local para um novo templo sem a real permissão, atirando-lhe o saltério num riacho. A segunda foi ao agredi-lo com uma lança quando o santo se empenhava em fazer a paz entre o principal rei da Irlanda e o senhor de Suibne, pouco antes da batalha de Magh Rath. A lança atingiu a campainha de missa de são Ronão, mas não o feriu, mas este lançou sobre Suibne uma maldição: a loucura de voar. No entanto, em três crônicas anteriores há provas de que o segundo insulto foi dirigido não a são Ronão, mas a um *ollave*, um sacrossanto poeta que tentava estabelecer a paz na véspera de Magh Rath entre os comandantes dos exércitos rivais, a saber, o rei Domnal, o escocês, e um outro Domnal, o principal rei da Irlanda. No século VII essa mediação pacificadora era função do poeta e não de algum sacerdote. Talvez a lança de Suibne tenha atingido o ramo com guizos de ouro que constituía símbolo do ofício de *ollave*. Como vingança o poeta jogou-lhe na face um punhado de palha, gesto mágico tradicional chamado "punhado de loucura", que fez Suibne chispar como um doido do campo de batalha. De qualquer modo Éorann, esposa de Suibne, tinha tentado dissuadi-lo deste ato de insanidade, por isso livrou-se da maldição. A loucura de voar consistia, segundo a descrição, em ficar com o corpo tão leve que poderia pousar nas copas das árvores e dar saltos desesperados de até 30 metros de altura, ou mais, sem fazer-se mal algum. (Os filósofos latinos medievais descreviam esse estado como *spiritualizatio, agilitas et subtilitas* e o aplicavam aos casos de levitação de santos em êxtase.) Cresceram-lhe penas pelo corpo e ele viveu como selvagem: alimentava-se de abrunhos, frutinhos do azevinho, tipos de agrião e bolotas; dormia em teixos e em grutas de rocha cobertas de hera e até em arbustos de pilriteiros e de amoreiras. O menor ruído o fazia fugir voando e, além de tudo, fora amaldiçoado com uma perpétua desconfiança pelo gênero humano.

Suibne tinha um amigo chamado Loingseachan, que, constantemente, ia em sua busca, tentando alcançá-lo e curá-lo. Em três ocasiões, Loingseachan foi bem-sucedido em seu intento, mas Suibne acabava tendo uma recaída: uma fúria denominada "A Bruxa do Moinho" logo o tentava a recomeçar seus pulos frenéticos. Depois de sete anos de loucura, durante um período de lucidez, Suibne visitou Éorann, que estava sendo obrigada a esposar seu sucessor, o novo rei — e um dos mais emocionantes poemas dramáticos registra a conversa que tiveram.

SUIBNE: *'At easy you are, bright Éorann,*
Bound bedward to your lover;
It is not so with Suibne here —
Long has he wandered footloose.

'Lightly once, great Éorann,
You whispered words that pleased me.
"I could not live," you said, "were I
Parted one day from Suibne."

'Now it is clear and daylight clear,
How small your care for Suibne;
You lie warm on a good down bed,
He starves for cold till sunrise.'

ÉORANN: *'Welcome, my guileless madman,*
Dearest of humankind!
Though soft I lie, my body wastes
Since the day of your downfall.'

SUIBNE: *'More welcome than I, that prince*
Who escorts you to the banquet.
He is your chosen gallant;
Your old love you neglect.'

ÉORANN: *'Though a prince may now escort me*
To the carefree banquet-hall,
I had liefer sleep in a tree's cramped bole
With you, Suibne, my husband.

'Could I choose from the warriors
Of Ireland and of Scotland,
I had liefer live, blameless, with you
On watercress and water.'

SUIBNE: *'No path for his belovéd*
Is Suibne's track of care;
Cold he lies at Ard Abhla,
His lodgings cold are many.

'Far better to feel affection
For the prince whose bride you are,
Than for this madman all uncouth,
Famished and stark-naked.'

ÉORANN: *'I grieve for you, toiling madman,*
So filthy and downcast;
I grieve that your skin is weather worn.
Torn by spines and brambles (...)

'O that we were together,
And my body feathered too;
In light and darkness would I wander
With you, for evermore!'

SUIBNE: *'One night I spent in cheerful Mourne,*
One night in Bann's sweet estuary.
I have roved this land from end to end (...)'

SUIBNE: Estás tranqüila, minha feliz Éorann,
Pulando para a cama com teu amante:
Já não acontece o mesmo com Suibne,
Que, por tanto tempo, anda errante.

Outrora, grande Éorann, com alegria,
A mim murmuravas palavras gratas:
Que viver não poderias — dizias —
Se, um dia, de Suibne te apartasses.

Agora fica claro e claro como dia,
Quão pouco te importas com Suibne;
Enquanto em leito fofo jazes quente
Ele passa frio até que nasça o sol.

ÉORANN: Bem-vindo sejas, meu louco inocente,
O mais amado dentre todos os homens!
Embora em conforto jaza, meu corpo se consome
Desde o malsinado dia de tua ruína.

SUIBNE: Muito mais bem-vindo é o príncipe
Que aos banquetes ora te acompanha.
É quem escolhestes para cortejador,
Abandonando teu antecedente amor.

ÉORANN: Ainda que me acompanhe um príncipe
Ao alegre salão de banquete,
Numa árvore dormir preferiria,
Se contigo que meu marido foste.

Pudesse escolher dentre todos os guerreiros
Das terras de Irlanda e de Escócia,
Contigo prefereria viver, sem reclamar,
Alimentando-me de agrião e simples água.

SUIBNE: Para sua amada não há caminho algum
Nas trilhas pelas quais Suibne vaga;
Em Ard Abhla, friorento se recosta,
E gelados abrigos não lhe faltam.

É muito melhor que sintas afeto
Pelo príncipe de quem ora és noiva,
Do que por este tão rude demente
Que circula faminto e quase desnudo.

ÉORANN: Por ti me aflijo, heróico e tolo lutador,
Por tão sujo e abatido estares;
Aflijo-me por tua pele ao relento exposta.
Por espinhos e sarças machucada ...

Oh! Se nós dois juntos pudéssemos andar
E meu corpo igualmente criar penas;
Nas luzes e nas trevas haveria de errar
Contigo e para sempre, ó meu amor!

SUIBNE: Uma noite passei nas alegres serras de Mourne,
Uma noite, no doce estuário do Bann, eu fiquei.
De um extremo a outro esta terra eu cruzei (...).

E a narrativa continua:

"Tão logo Suibne pronunciou essas palavras, o exército ocupou o campo vindo de todas as direções. Ele fugiu num vôo selvagem, como sempre fizera antes. Pouco depois, quando já havia pousado num ramo alto, recoberto pela hera, a Bruxa do Moinho veio colocar-se a seu lado. Foi quando Suibne fez o seguinte poema, descrevendo as árvores e ervas da Irlanda:

Bushy oak, leafy oak,
You tower above all trees.
O hazel, little branching one,
Coffer for sweet nuts!

You are not cruel, O alder.
Delightfully you gleam,
You neither rend nor prickle
In the gap you occupy.

Blackthorn, little thorny one,
Dark provider of sloes.
Watercress, little green-topped one,
From the stream where blackbirds drink.

O apple-tree, true of your kind,
You are much shaken by men;
O rowan, cluster-berried one,
Beautiful is your blossom!

O briar, arching over,
You never play me fair;
Ever again you tear me,
Drinking your fill of blood.

Yew-tree, yew-tree, true of your kind,
In churchyards you are found;
O ivy, growing ivy-like,
You are found in the dark wood.

O holly, tree of shelter,
Bulwark against the winds;
O ash-tree, very baleful one,
Haft for the warrior spear.

O birch-tree, smooth and blessed,
Melodious and proud,
Delightful every tangled branch
At the top of your crown (...).

Ó carvalho cerrado e frondoso
Despontas acima de toda árvore.
Ó aveleira, de pequenos ramos,
Entesouras tantas e doces avelãs!

Tu não és cruel, ó amieiro.
Refulges magníficas delícias,
Mas não rachas nem espetas,
Na clareira que ocupas.

Abrunheiro, pequeno espinheiro,
Escuro provedor de abrunhos.
Agrião, com seu pequeno topete verde,
Cresces nos riachos onde bebem os melros.

Ó macieira, a verdadeira de seu gênero,
És muito sacudida pelos homens;
Ó sorveira, com teus cachos de frutos,
Como são belas as tuas flores!

Ó urze, que cresces em arcos,
Nunca jogas limpo comigo,
Estás sempre a me rasgar
E a beber tua cota de sangue.

Teixo, teixo, verdadeiro de teu tipo,
Nos jardins paroquiais tu abundas;
Ó hera, que cresces como hera de verdade,
Tu te encontras no escuro bosque.

Ó azevinho, árvore de abrigo e refúgio,
Baluarte contra as ventanias;
Ó freixo, és mesmo muito funesto,
Serves para a lança do guerreiro.

Ó bétula, suave e bendita,
És melodiosa e tens orgulho,
Deliciosos os ramos entrelaçados
Que te coroam no topo (...).

E, no entanto, as desgraças se cumulavam umas sobre outras, até um dia quando Suibne colhia agrião de um riacho em Ros Cornain e a mulher do guardião do monastério o pôs para correr e catou toda a verdura para si própria, o que o fez pronunciar desesperado:

Gloomy is this life,
In lack of soft bed,
To know the numbing frost,
And rough wind-driven snow.

Cold wind, icy wind,
Faint shadow of a feeble sun,
Shelter of a single tree
On the top of a flat hill.

Enduring the rain-storm,
Stepping alone deer-paths,
Slouching through greensward
On a day of grey frost.

A belling of stags
That echoes through the wood,
A climb to the deer-pass,
The roar of spumy seas (...).

Stretched on a watery bed
By the banks of Loch Erne,
I consider early rising
When the day shall dawn.

Mui triste é esta vida,
Quando, na falta de um leito macio,
Se experimenta a geada que entumece
E a rude neve que o vento sopra.

Vento forte, vento glacial,
Esmaecida sombra de fraco sol,
Uma única árvore como abrigo,
No topo de um pequeno morro.

Resistindo às chuvas fortes,
Caminhando pelas trilhas dos veados,
Cruzando acabrunhado os gramados,
Numa jornada cinzenta e gélida.

Bramidos fortes de cervos machos
Reboam pelo bosque e é preciso
Trepar numa árvore e salvar a pele
Ao feio ronco de águas espumosas. (...)

Distendido em molhado leito
Nas margens do lago Erne,
Reflito sobre o cedo despertar
Antes mesmo de a aurora chegar.

Nesta ocasião, o pensamento de Suibne volta-se novamente para Éorann e a história prossegue:

Depois disso, Suibne dirigiu-se a um local onde estava Éorann e lá ficou do lado de fora da porta da casa na qual estavam a rainha e suas damas de companhia e tornou a dizer-lhe:

— Fica tranqüila, Éorann, ainda que eu não conheça tranqüilidade alguma.

— É verdade — disse Éorann. — Mesmo assim, entra.

— De modo algum entrarei — respondeu Suibne. — Lá sei eu se o exército não irá prender-me dentro da casa?

— Ao que parece, tua razão não melhora com o tempo e, uma vez que não queres ficar conosco, parte e não nos visite nunca mais, pois temos vergonha de que sejas visto nestes andrajos por quem te tenha visto em teu verdadeiro aspecto.

— Isto é, na verdade, uma desgraça — disse Suibne. — Infeliz daquele que confia numa mulher!

Suibne recomeçou suas infrutíferas andanças até que o amparasse a mulher de um vaqueiro que, em segredo, lhe vertia um pouco de leite num buraco que ela fizera com o calcanhar no esterco do estábulo. Ele bebeu o leite com gratidão, até que, certo dia, ela o confundiu com o amante e atirou-lhe uma lança, ferindo-o mortalmente. Foi quando Suibne recobrou o juízo e morreu em paz. Ele jaz enterrado debaixo de uma bela lápide que lhe mandou fazer o bondoso são Moling. (...)"

Este relato inverossímil oculta uma outra história, que é verídica: a do poeta obcecado pela Bruxa do Moinho, que nada mais constituía do que um outro nome da Deusa Branca. Ele a chamava de "a mulher esbranquiçada de farinha", do mesmo modo que os gregos a denominavam "Alfito, deusa da farinha de cevada". Este poeta querela, ao mesmo tempo, com a Igreja e com os bardos da Academia, sendo proscrito por ambas as instituições. Ele perde contato com sua esposa, de caráter mais prático, que fora sua Musa, e que, agora, embora lamentando tal desgraça e afirmando ainda um interminável amor por ele, já não se encontra ao alcance do poeta. Ele não confia em ninguém, nem mesmo em seu melhor amigo, e não aprecia senão a companhia dos melros, dos cervos, das cotovias, dos texugos, das pequenas raposas e das árvores silvestres. No final da história de Suibne ele acabou perdendo até a própria Bruxa do Moinho, que parte o pescoço acompanhando-o num de seus pulos. Isto significa, suponho, que ele sucumbe, como poeta, ao peso da solidão. No seu extremo, Suibne retorna a Éorann, mas, a essa altura, seu coração já feneceu e ela, friamente, manda que ele parta.

A narrativa parece ter sido criada como ilustração à tríade que reza "morte para quem se mofa de um poeta, morte para quem ama um poeta e morte para quem é um poeta". Suibne encontrou a morte por mofar-se de um poeta e por ser um poeta; Éorann encontrou a morte ao amar um poeta. Apenas muito tempo depois de ter morrido na miséria é que a fama de Suibne voltou a florescer.

Esta deve constituir a descrição mais crua e amarga de toda a literatura européia sobre a triste condição de um poeta obcecado. A situação da mulher poeta está descrita num conto quase igualmente pungente, *The Loves of Liadan and Curithir*, que se discutiu e que é tão triste quanto o de Suibne.

Mas não nos deixemos atolar nessas desgraças e nas loucuras voadoras. Um poeta escreve, via de regra, enquanto é jovem e se encontra sob o feitiço da Deusa Branca:

My love is of a birth as rare
As' tis by nature strange and high:
It was begotten by despair
Upon impossibility.

Meu amor que tem um precioso berço
É, por natureza, supremo e estranho:
É fruto nascido do casamento
Do impossível com a desesperança.

Em conseqüência, ou bem ele perde a garota, por completo, como tinha motivos para temer, ou, então, casa-se com ela e a perde apenas parcialmente. E por que não? Se ela se torna uma boa esposa, por que motivo haveria de fomentar a obsessão poética para sua própria ruína? E, da mesma forma, se uma mulher poeta pode ter uma saudável criança em troca do dom da poesia, por que não? A soberana Deusa Branca despede a ambos os desertores com um pálido sorriso de desdém e nenhum castigo lhes impõe, que eu saiba; porém, tampouco os elogiou ou os condecorou enquanto a serviram. Não há desgraça alguma em ser um ex-poeta, desde que se deixe claro que se abandonou completamente a poesia, tal como fez Rimbaud ou, mais recentemente, Laura Riding.

Contudo, será a alternativa entre o serviço à Deusa Branca, de um lado, e a cidadania respeitável, de outro, algo tão cortante quanto apresentavam os poetas irlandeses? Suibne, em seu conto, tem uma obsessão exagerada pela poesia; da mesma forma Liadan na sua história. Entretanto, algum deles era dotado de senso de humor? Indubitavelmente, não. Caso contrário, nunca teriam punido a si próprios de modo tão cruel. O humor é um dom que ajuda homens e mulheres a sobreviverem à tensão desgastante da vida urbana. Se o poeta conserva seu senso de humor, poderá enlouquecer com graça, digerir seus desapontamentos amorosos também com graça, rejeitar o sistema de poder, de modo gracioso e, até, graciosamente morrer, sem causar nenhuma sublevação na sociedade. Tampouco cairá na autocomiseração nem causará aflição àqueles que o amam. Isto serve de igual maneira para uma mulher poeta.

O humor é certamente compatível com a devoção à Deusa Branca, como, aliás, também o é com a santidade perfeita de um sacerdote católico, cujo

desempenho intelectual tem um âmbito muito mais restrito do que o de um poeta e cuja Bíblia não contém um único sorriso do Gênesis ao Apocalipse. Em 1597, Andro Man disse a respeito da rainha de Elfame: "Ela pode ser jovem ou velha, conforme lhe apraza"; e, com efeito, a Deusa reserva uma deliciosa risadinha juvenil para quem se sentir intimidado por seu habitual olhar marmóreo de adulta. Ela poderá até mesmo permitir que seu poeta tenha um futuro casamento feliz, se ele tiver conseguido não desanimar diante dos primeiros contratempos. Pois ainda que, por definição, ela não seja humana, o fato não implica que seja inteiramente desumana. Suibne reclama de uma tempestade de neve que o apanhou sem roupas num galho de árvore.

I am in great distress tonight,
Pure wind my body pierces;
My feet are wounded, my cheek pale,
Great God, I have cause for grief!

Esta noite sofro uma enorme desgraça,
O vento cortante fustiga meu corpo;
Meus pés estão feridos e a face pálida,
Deus grandioso, tenho motivo de aflição!

No entanto, seus sofrimentos não eram, de modo algum, a totalidade de sua história. Ele usufruía a vida plenamente em clima mais favorável: suas refeições de morangos silvestres ou de mirtilos, seus vôos rápidos que lhe permitiam ultrapassar as pombas torcazes, suas corridas na galhada de cervos ou no lombo de um pequeno corço de pele suave. Ele poderia até dizer: "Não tenho prazer na conversa amorosa de um homem com uma mulher; muito mais adorável para meus ouvidos é o canto do melro." Ninguém pode reprovar Éorann por ter pedido, polidamente, a Suibne que partisse quando ele chegou a tal estágio. O que a salvou e do que ele carecia não era, seguramente, o senso de humor? O desejo anterior de Éorann, de que lhe crescessem penas no corpo para que pudesse revoar pelo mundo em companhia dele, sugere que ela também começou como poeta, mas teve a sensibilidade de resignar-se quando passou o tempo de poesia.

Pode-se encerrar aqui o assunto? Deveria ser encerrado aqui? Em nossa caçada atrás do corço:

We'm powler't up and down a bit and had a rattling day.

Vagamos para cima e para baixo e um dia agitado tivemos.

Tal como tiveram os Três Caçadores Joviais. Porém, será que é suficiente ter descrito algo sobre a maneira peculiar em que os poetas sempre pensaram e, ao

mesmo tempo, ter registrado a sobrevivência de vários temas e conceitos antigos ou, ainda, ter sugerido uma nova abordagem intelectual dos mitos e da literatura sagrada? O que virá a seguir? Deveria fazer-se o esboço de um credo poético prático, que pudessem os poetas discutir, ponto a ponto, até que ficassem satisfeitos como algo importante para suas necessidades imediatas de escrita e de forma adequada a uma aceitação unânime? No entanto, quem haveria de se atrever a convocar esses poetas para um congresso ou a presidir suas sessões? Quem poderia ter qualquer reivindicação ao posto de poeta-chefe e vestir aquele manto bordado do cargo que os antigos irlandeses denominavam *tugen*? Quem poderia sequer considerar-se um *ollave*? Este, na Irlanda antiga, tinha de dominar 150 *oghams*, ou códigos verbais cifrados, que lhes permitiam dialogar com seus companheiros poetas acima do entendimento da platéia ignorante. Os *ollaves* tinham de ser capazes de repetir imediatamente qualquer um dos 350 longos romances e lendas tradicionais, até mesmo os poemas que, por acaso, incluíssem, com o adequado acompanhamento da harpa. Tinham de saber de cor um número imenso de outros poemas de diferentes tipos; de ser eruditos em filosofia; de conhecer o direito civil; de compreender a história moderna, medieval e antiga da Irlanda, incluindo as derivações e as alterações de significado de cada palavra. Tinham de ser habilidosos na música, nos augúrios, nas adivinhações, além de medicina, matemática, geografia, história universal, astronomia, retórica e línguas estrangeiras. Isto tudo sem falar na capacidade de improvisar poemas em mais de cinqüenta complicadas métricas. O surpreendente é que alguém tenha sido capaz de qualificar-se como *ollave*. As famílias desses poetas tendiam a contrair casamento entre elas. Entre os maoris da Nova Zelândia prevalecia um sistema curiosamente assemelhado: a capacidade do *ollave* para decorar, abranger muitos assuntos, elucidar e improvisar causou assombro ao governador Grey e a outros dentre os primeiros observadores britânicos.

Retomando: se esse hipotético congresso fosse reservado a poetas cuja língua materna fosse o inglês, quantos deles que tivessem paciência e integridade necessárias para produzir um documento autorizado haveriam de responder à convocação? E, ainda que tal congresso fosse convocado, não surgiria, de imediato, uma patente divisão entre os devotos de Apolo e os da Deusa Branca? A atual civilização é apolínea. É verdade que, em países anglófonos, a posição social da mulher melhorou enormemente nos últimos cinqüenta anos,[2] e é provável que melhore ainda mais agora que uma parte tão significativa da riqueza nacional está nas mãos de mulheres — nos Estados Unidos, mais da metade. A época das revelações religiosas parece encerrada. A seguridade social está tão intrincadamente vinculada ao casamento e à família — até mesmo onde predominam os casamentos registrados — que a Deusa Branca, em sua natureza orgiástica, não parece ter a oportunidade de uma reabilitação até que as próprias mulheres se cansem do patriarcalismo decadente e venham a se converter, novamente, em

[2] Tenha-se em mente que a primeira edição de *The White Goddess* data de 1948. (N. T.)

bassarides.[3] Por enquanto isso é oem pouco provável, embora os arquivos da patologia clínica estejam cheios de casos de bassárides. Pode ocorrer que uma mulher inglesa ou americana, num ataque de nervos de origem sexual, com freqüência reproduza o antigo ritual dionisíaco, de modo instintivo e com fidelidade de detalhes até mesmo repugnantes. Eu próprio, com certo horror, já testemunhei o fato.

O ascético deus-trovão que inspirou a revolução protestante novamente cede o lugar de honra ao Héracles celestial, desde as origens padroeiro da Monarquia inglesa. Todas as festas populares no calendário cristão se referem ao Filho ou à Mãe, nunca ao Pai, ainda que se lhe dirijam, um tanto desentusiasmadamente, as preces por chuva, por vitória e pela saúde do rei ou do presidente. Foi apenas a exclusiva vassalagem de Jesus, conforme registrada nos Evangelhos, que impediu o Pai de seguir "o caminho de toda carne"— o caminho de seus predecessores como Saturno, Dagda e Kai[4] — para acabar como cozinheiro-chefe e bufão nas festas de máscaras do solstício de inverno. Se as forças religiosas populares continuarem a operar em seu modo tradicional, ainda poderá ocorrer na Grã-Bretanha a derrocada do Pai. Significativo sinal disto é a conversão de são Nicolau — padroeiro de marinheiros e crianças, cuja festa cai, apropriadamente, no dia 6 de dezembro — no Papai Noel de barbas brancas, bufoneante padroeiro das festas. Na madrugada do dia de Natal, trajando uma velha roupa vermelha, o Papai Noel enche as meias das crianças com nozes, passas, biscoitos doces e laranjas. Enquanto a família está na igreja cantando hinos em louvor do Recém-nascido, fica, na cozinha, dirigindo a preparação do peru, dos assados, do pudim de ameixas, do creme de conhaque e repartindo as tortas. E, quando as velas da árvore de Natal já queimaram inteiramente, sai na neve — ou na chuva — com o saco vazio, emitindo senis suspiros de despedida.

A presente civilização é tipicamente *cockney*[5] e as referências mais ordinárias aos fenômenos naturais na poesia tradicional, que era escrita por homens do campo para gente como eles, estão se tornando incompreensíveis. Nenhum poeta inglês, na casa dos cinqüenta, consegue identificar as árvores comuns do Beth-Luis-Nion, nem distinguir um *roebuck* de um *fallow-deer* (espécies de veados), um acônito de qualquer erva daninha ou um torcicolo de um pica-pau. O arco e a lança são armas antiquadas; os navios deixaram de ser joguetes para o vento e as ondas; o medo de fantasmas e duendes está restrito às crianças e a poucos camponeses idosos; e os grous já não "traçam letras quando voam" — o último grou a procriar nesse país foi caçado em Anglesey no ano de 1908.

[3] A palavra "bassárides", que vem de Bassareus, uma divindade lídia em forma de raposa, associada a Dioniso, era empregada como sinônimo de Mênades ou Bacantes. (N. T.)

[4] Vulcano é outro exemplo de um deus que "seguiu o caminho de toda carne" antes de sua extinção final. O último acréscimo à lenda de Vulcano foi feito por Apuleio em *O asno de ouro*, onde o deus aparece preparando o desjejum do dia das bodas entre Cupido e Psiqué.

[5] Esta palavra designa as camadas populares de Londres; talvez conviesse traduzi-la simplesmente pelo adjetivo "urbana". (N. T.)

Os próprios mitos vêm experimentando um desgaste. Quando a língua inglesa foi se formando, todas as pessoas cultas pensavam dentro da estrutura do ciclo do mito cristão, que era greco-judaico com numerosos acréscimos pagãos disfarçados nas vidas dos santos. Com raríssimas exceções, a revolução protestante eliminou praticamente todos eles. Desde a controvérsia do darwinismo, o crescimento do racionalismo vem enfraquecendo de tal modo as Igrejas que os mitos bíblicos já não servem como fundamento seguro da referência poética. Quantas pessoas hoje em dia seriam capazes de identificar as citações de um sermão da metade da era vitoriana? Além do mais, os mitos gregos e latinos, que sempre foram tão importantes para os poetas (ao menos para os profissionais) quanto aqueles cristãos, também estão perdendo sua validade. Só uma educação clássica severa é capaz de imprimi-los na mente de uma criança de uma maneira suficientemente forte e que lhes confira importância emocional. E, no entanto, os clássicos já não predominam nos currículos escolares, seja na Grã-Bretanha, seja nos Estados Unidos. Não existe sequer um cânon oficial de duzentos ou trezentos livros que se possa supor cuidadosamente lidos por cada pessoa educada, e o cânon oficioso contém muitos livros famosos que pouquíssimas pessoas efetivamente leram — por exemplo, *Piers Plowman*, de Langland; *Utopia*, de *sir* Thomas More e o *Euphues*, de Lyly.

Os dois únicos poetas ingleses que tinham erudição, talento poético, humanidade, dignidade e independência de mente necessárias para ser chefe dos poetas foram Skelton e Ben Jonson; ambos honraram os louros que portaram. Skelton, que privava uma cômoda intimidade com Henrique VIII, ex-aluno seu, considerava a si próprio espiritualmente superior, tanto como estudioso quanto como poeta a seu superior eclesiástico, o cardeal Wolsey, um novo-rico semiculto contra quem, correndo risco de morte, publicou as sátiras mais cáusticas. Em conseqüência disto, passou os últimos anos de sua vida asilado na abadia de Westminster, recusando-se à retratação. Jonson viajou em circuitos poéticos como um *ollave* irlandês, às vezes acompanhado de discípulos, sendo seu grupo chamado de "A Tribo de Ben". Com reconhecida autoridade, Jonson falou sobre todas as questões da profissão. Sobre ele escreveu o segundo lorde Falkland, na qualidade de um de seus anfitriões:

He had an infant's innocence and truth,
The judgement of gray hairs, the wit of youth,
Not a young rashness, not an ag'd despair,
The courage of the one, the other's care;
And both of them might wonder to discern
His ableness to teach, his skill to learn.

Inocência e veracidade de menino tinha,
O juízo das cãs e o espírito dos jovens,
Não a temeridade, nem o desespero,

Mas a coragem de um e a cautela do outro;
E a ambos maravilhava com seu discernimento,
Habilidade para ensinar e dom para aprender.

Estas linhas constituem um memorável resumo do temperamento poético ideal. Desde Jonson não houve nenhum poeta-chefe que merecesse tal título, nem aqueles formalmente indicados nem os informalmente apontados.

O único poeta, de meu conhecimento, que alguma vez tentou com seriedade instituir o bardismo na Inglaterra foi William Blake, autor de *Livros proféticos*, que pretendiam ser um corpo completo de referências poéticas, mas por carência de colegas inteligentes foi obrigado a se transformar, ele próprio, em todo um colégio bardo, sem um único iniciado que desse continuidade à tradição depois da sua morte. Por não querer restringir-se, empregando versos brancos nem o dístico heróico, modelou seu estilo de acordo com as traduções em verso livre feitas por James Macpherson das lendas gaélicas de Oisin e nos profetas hebraicos sonoramente traduzidos pela Versão Autorizada da Bíblia. Alguns de seus personagens mitológicos, tais como o gigante Albion, Jó, Erin e o anjo Uriel, são figuras constantes no bardismo medieval; outros são anagramas ou palavras-chaves encontradas numa Bíblia poliglota, como, por exemplo, "Los", em lugar de sol, o deus-sol. Ateve-se estritamente a seu sistema e só vez por outra é que, em suas profecias, ocorrem imagens que parecem pertencer a sua história particular mais do que ao mundo da literatura. Porém, como escreveu um dos principais críticos literários ingleses sobre os leitores de Blake que admiram o estilo trovadoresco de *Songs of Innocence*, "Poucos farão, em algum momento, mais do que mergulhar em poemas proféticos e nadar uma braçada ou duas nas águas revoltas de símbolos e lendas". E cita os seguintes versos de *Jerusalém*:

Albion cold lays on his Rock: storms and snows beat round him
Beneath the Furnaces and the starry Wheels and the Immortal Tomb:

* * *

The weeds of Death inwrap his hands and feet, blow incessant
And wash'd incessant by the for-ever restless sea-waves foaming abroad
Upon the White Rock. England, a Female Shadow, as deadly damps
Of the Mines of Cornwall and Derbyshire, lays upon his bosom heavy,
Moved by the wind in volumes of thick cloud, returning, folding round
His loins and bosom, unremovable by swelling storms and loud rending
Of enraged thunders. Around them the Starry Wheels of their Giant Sons
Revolve, and over them the Furnaces of Los, and the Immortal Tomb around,
Erin sitting in the Tomb to watch them unceasing night and day:
And the body of Albion was closed apart from all Nations.

Over them the famish'd Eagle screams on boney wings, and around
Them howls the Wolf of famine; deep heaves the Ocean black, thundering ...

O frio Albion jaz em sua Rocha: açoitam-no neves e tempestades,
Abaixo das Fornalhas, das Rodas Estreladas e da Tumba Imortal:

A mortalha já lhe envolve mãos e pés, que incessantemente incham
E, sem cessar, as espumas marinhas fustigam e banham a branca Rocha.
E a Inglaterra, esta sombra feminina, como letal neblina
Das minas da Cornuália e Derbyshire, seu peito oprime densa,
Movida pelo vento em carregadas nuvens, retorna e lhe envolve
Rins e tronco, paralisado pelas tormentas e os rasgos rumorosos
De furiosos raios. As Estreladas Rodas de seus gigantes filhos, em torno
Giram-lhe e, acima, os fornos de Los, e a tumba imortal em volta,
Erin, sentado sobre o sepulcro, dia e noite, os assiste sem cessar:
E lá está o corpo de Albion encerrado e apartado de todas as nações.
Sobre eles grita a águia famélica de ossudas asas e em volta deles
Uiva o lobo da fome; e o oceano escuro se arrasta profundo a trovejar.

O importante crítico literário comenta:

> Os sentimentos e hábitos de Blake eram os de um artesão, de um trabalhador manual. Seu ponto de vista era aquele de uma classe que fora escravizada pela capitalização da indústria e à qual a introdução das máquinas solapou desastrosamente a paz e o bem-estar. Convém relembrar como as imagens de engrenagens, forjas, fornalhas, fumaça, "fábricas satânicas", enfim, estão associadas em *Livros proféticos* com a miséria e o tormento. E, também, recordar que Blake viveu numa época de guerras incessantes. É óbvio que as imagens dessa passagem, bem como de muitas outras, consistem numa irrupção da consciência subliminar de Blake por paixões políticas. Albion, enquanto personagem mitológico, pode simbolizar sabe Deus o que mais além de si próprio, mas isto fica um tanto vago e não tem importância. Observem-se ainda as imagens de guerra e de mecanismo. (...)

Trata-se de uma função de os críticos populares ingleses julgarem toda poesia por padrões trovadorescos. Assim, as claras imagens tradicionais empregadas por Blake são, caracteristicamente, descartadas como "um tanto vagas e sem importância" e se o acusa de não saber o que está escrevendo. A Roda Estrelada da Deusa Branca, multiplicada aqui pelos doze signos girantes do Zodíaco, os fornos de Los (Apolo) e a tumba de Albion — outro nome para Llew Llaw Gyffes, que também aparece como a águia famélica de ossudas asas —, são mal interpretados como escuras imagens da engrenagem da opressão capitalista. Além disto, acaba desprezada a distinção perfeitamente clara entre a arcaica Albion e a moderna Inglaterra. Blake tinha lido os tratados escritos em sua época sobre o druidismo.

O vínculo que unia os poetas das ilhas britânicas nos tempos pré-cristãos era o voto de segredo, jurado por todos os membros dos colégios poéticos subsidiados. A questão consistia em ocultar, selar e nunca revelar os segredos da instituição. Entretanto, quando o cão, o corço e o abibe começaram a relaxar a vigilância e, em nome de um esclarecimento universal, permitiu-se a livre publicação dos segredos do alfabeto, do calendário e do ábaco, terminou a era da erudição. Em seguida, uma espada como a de Alexandre cortou o nó górdio,[6] os colégios foram dissolvidos, as autoridades eclesiásticas reivindicaram o direito exclusivo de pregar e interpretar os mitos, a literatura dos menestréis começou a suplantar aquela dos eruditos e os poetas que, em seguida, se negaram a tornar-se lacaios da corte, da Igreja ou do populacho, acabaram obrigados a refugiar-se na aridez da solidão. Com raras interrupções, lá permaneceram esquecidos desde então, e é provável que assim continuem, embora, às vezes, depois que morrem se façam peregrinações a suas tumbas oraculares. Quem se há de importar?

Na solidão, a tentação do desvario obsessivo, da paranóia e do comportamento excêntrico foi demasiadamente forte para muitos dos exilados. Faltalhes, agora, um poeta-chefe ou um *ollave* visitante que os advirta, com severidade, de que o bom nome da poesia está sendo desonrado por seus dengues e caretas. Eles deliram como os abraamitas elizabetanos, até que o desvario torne-se uma afetação profissional e, assim, a maior parte da poesia moderna deixe de ter sentido poético, prosaico ou, até, patológico. Dá-se uma estranha inversão da função ao longo do tempo. Na Antiguidade, eram os poetas que forneciam seus

[6] A cidade de Górdio ficava na parte oriental da Frígia e, segundo uma tradição local, quem desatasse o nó se tornaria senhor da Ásia. Alexandre, que não tinha o conhecimento, a paciência nem a ingenuidade necessários para executar a tarefa decentemente, usou sua espada. Tratava-se de um nó dado numa tira de couro cru, feita para amarrar uma junta de bois, que pertencera a um camponês frígio chamado Górdio, que fora escolhido para a realeza por vontade divina, quando uma águia pousou no jugo. Pelo casamento com a sacerdotisa de Telmesso tornou-se um pequeno rei, mas logo estendeu seu domínio sobre toda a Frígia. Quando construiu a fortaleza de Górdio, dedicou o jugo ao rei Zeus, conta-se, e o deixou na cidadela. Górdio controlava a principal rota, através da Ásia Menor, do Bósforo até Antioquia. Assim, o significado patente da profecia era o de que ninguém poderia governar a Ásia Menor sem haver tomado Górdio. Com efeito, foi de Górdio que Alexandre começou sua segunda campanha oriental, que acabou na derrota de Dario em Isso. Pois bem, Górdio era o pai de Midas, que já foi mencionado como um devoto do Dioniso órfico. Deste modo, o jugo deve ter sido originariamente dedicado ao rei Dioniso e não ao pai Zeus. E o segredo do nó deveria ser de natureza religiosa, pois um dos modos mais difundidos de registrar mensagens nos primórdios, além de chanfros em varas e de letras traçadas em barro, consistia em dar nós em cordas ou tiras de couro cru. Na verdade, o nó górdio deveria ter sido "desatado" pela leitura da mensagem nele contida, que, talvez, fosse um nome divino de Dioniso, aquele que continha as vogais do Beth-Luis-Nion. Ao cortar o nó, Alexandre cancelou uma antiga lei religiosa e, como seu ato parece ter ficado impune — pois, em seguida, conquistou todo o Oriente até o vale do Indo —, tornou-se um precedente para colocar-se o poder militar acima da religião e da cultura. Da mesma forma, a espada de Breno, o Gaulês, ao ser colocada no prato da balança que pesava o ouro para os tributos romanos acordados, forneceu um precedente para situar o poderio militar acima da justiça e da honra.

temas aos pintores, se bem que com liberdade para estes se entregarem a um jogo decorativo razoável dentro dos limites de determinado tema. Posteriormente, a incapacidade dos poetas em sustentar suas posições diante dos assuntos obrigou os pintores a pintarem qualquer coisa que lhes encomendassem os clientes ou o que quer que tivessem à mão e, finalmente, a fazerem experiências com a decoração pura. Atualmente as afetações e loucuras em poetas são perdoadas pela falsa analogia com as experiências pictóricas em forma e cores não figurativas. Foi por isso que Sacheverell Stiwell escreveu na *Vogue* (agosto de 1945):

> Mais uma vez estamos liderando a Europa no campo das artes. (...)

Em seguida, elenca pintores e escultores da moda e acrescenta:

> Não é difícil encontrar as obras de poetas que se lhes equiparem (...). Dylan Thomas, cuja textura é tão abstrata quanto aquela de qualquer pintor moderno (...). Não há sequer qualquer necessidade de que ele explique suas imagens, pois sua intenção é que sejam apenas parcialmente compreendidas.

Não é o caso de que os chamados surrealistas, impressionistas, expressionistas e neo-românticos estejam escondendo um grande segredo, fingindo-se de loucos, no estilo de Gwion; o que escondem é sua infeliz falta de segredo.

Agora já não há segredos poéticos, salvo, é claro, aqueles de cujo conhecimento o povo comum é excluído por falta de percepção poética e pelos quais não têm respeito por sua educação antagônica à poesia (talvez, com exceção do interior do País de Gales). Tais segredos, até mesmo o Trabalho do Carro, podem ser revelados com segurança em qualquer restaurante ou bar lotados sem o temor de que um raio vingador caia: o som da orquestra, o barulho dos pratos e o burburinho de centenas de conversas desconexas, efetivamente, sufocarão as palavras — de qualquer modo, ninguém estará mesmo ouvindo.

* * *

Fosse este um livro comum, terminaria, agora, num agonizante fecho. Cheguei mesmo a tentar encerrá-lo aqui, para não arriscar uma queda no tédio. Contudo, o diabo estava nele e não me deixaria em paz até eu dar o que lhe era devido por justiça. Entre as perguntas poéticas que eu não respondera estava aquela de Donne: "Quem fendeu os cascos das patas do diabo?" E o demônio, que bem conhece suas Escrituras, acusou-me de haver passado de modo bastante ligeiro sobre alguns elementos relativos à visão de Ezequiel quanto ao Carro (ou Carruagem). Condenou-me, também, por ter eu evitado qualquer discussão pertinente ao único mistério que, no mundo ocidental, ainda é considerado com certo temor reverencial. Deste modo tive de retomar, ainda que cansado, a

questão do Carro e sua presença histórica em *A batalha das árvores* e os problemas poéticos enunciados no início deste livro. Trata-se de uma questão de princípio poético nunca trapacear com o diabo dando-lhe uma resposta pela metade ou fornecendo-lhe alguma mentira.

A visão de Ezequiel concernia a um homem entronado circundado por um arco-íris, cujas sete cores correspondiam aos sete corpos celestes que governavam a semana. Quatro desses planetas estavam simbolizados pelos quatro raios das rodas do Carro: Ninib (Saturno), pelo raio do solstício de inverno; Marduk (Júpiter), pelo do equinócio de primavera; Nergal (Marte), pelo do solstício de verão; e Nabu (Mercúrio), pelo do equinócio de outono. E o que dizer com relação aos três outros corpos celestes — o Sol, a Lua e Ishtar (Vênus) — correspondentes tanto à Trindade capitolina quanto à Trindade adorada em Elefantina e em Hierápolis? Há de recordar-se que a explicação metafísica deste tipo de Trindade, interpretação esta que foi levada para Roma pelos órficos, consistia em compreender Juno (Ishtar) como a natureza física, Júpiter (o Sol) como princípio fecundador ou animador e Minerva (a Lua) como a sabedoria condutora atrás do Universo. Esta concepção não era atraente para Ezequiel, porque ela limitava a função de Iahweh a uma paternidade cega; assim, embora o sol apareça em sua visão com as asas da águia, da imagem estão ausentes a lua e Ishtar.

O diabo estava correto. A visão não pode ser integralmente explicada sem que se revele o mistério da Santíssima Trindade. Deve-se lembrar que, nas religiões antigas, cada "mistério" implicava um mistagogo que explicava oralmente sua lógica para os iniciados: com freqüência podia fornecer uma explicação falsa ou iconotrópica, mas era pelo menos completa. Conforme li em *Contra Celsum*[7] de Orígenes, padre do século II d.C., a Igreja primitiva tinha certos mistérios explicados apenas a pequeno grupo de presbíteros (literalmente, "dos mais velhos"). Na verdade, Orígenes se pergunta: "Por que não devemos guardar nossos mistérios para nós mesmos? Vocês (os pagãos) fazem isto!" A explicação lógica da Trindade, tema ilógico para os membros comuns da Igreja que tinham de engoli-lo por um ato de fé, deve ter sido a tarefa mais importante do mistagogo. O próprio mistério não constitui segredo algum, pois está afirmado, com precisão, no Credo de Atanásio; tampouco o mistério que dele deriva, ou seja, a redenção do mundo pela encarnação do *Logos* (Verbo) como Jesus Cristo. Contudo, a menos que o colégio cardinalício tenha sido notavelmente discreto durante todos os séculos que transcorreram desde então, foi perdida há muito a explicação original dos Mistérios, o que tornava desnecessária a fórmula *Credo quia absurdum*. Ainda assim, acredito, não foi extraviada de modo irrecuperável, uma vez que podemos ter certeza de que a doutrina desenvolvi-

[7] As diversas edições deste livro à mão do tradutor registram o nome da citada obra como *In Celsum*, mas todos os catálogos patrísticos arrolam o título *Contra Celsum*, razão pela qual se corrigiu o original. (N. T.)

da da mitologia judaico-cristã, em sua instância última, está fundada sobre o Tema poético único.

O conceito religioso do livre-arbítrio entre o Bem e o Mal, que é comum à filosofia pitagórica e ao judaísmo profético, desenvolveu-se a partir de uma manipulação do alfabeto das árvores. No primitivo culto da Deusa Universal, para o qual o alfabeto das árvores constitui um guia, não havia lugar para o arbítrio: seus devotos aceitavam os eventos por vezes agradáveis e, por outras, dolorosos, que ela lhes impunha como destino na ordem natural das coisas. A modificação foi provocada pela troca da Deusa pelo Deus Universal e está relacionada historicamente com a remoção forçada das consoantes *H* e *F* do alfabeto grego e a incorporação delas no Nome secreto de oito letras deste Deus. Parece claro que os místicos pitagóricos, os mesmos que instigaram esta mudança, haviam adotado o mito judaico da Criação e consideravam as duas letras mencionadas como sendo particularmente sagradas uma vez que não estavam contaminadas pelos erros do universo material, ainda que na velha mitologia H e F tivessem participado como aqueles meses consagrados, respectivamente, à rigorosa Cranea, à deusa do espinheiro, e a seu condenado companheiro, Cronos; na nova, representavam a primeira e a última árvores do bosque sagrado, os dias primeiro e último da Criação. No primeiro dia, nada fora ainda criado, com exceção da luz incorpórea, e, no último, coisa alguma foi criada. Deste modo, as três consoantes do *Logos* (ou Verbo) ou "óctupla cidade da luz" eram: *J*, a letra da nova vida e da soberania; *H*, a letra do primeiro dia da Criação, "Haja luz"; enfim, F, a letra do último dia da Criação, "Haja o descanso", o qual aparece como *W* no *tetragrammaton* J H W H. É notável que esses sejam os meses-letras atribuídos às três tribos do Reino do Sul — Benjamim, Judá e Levi — e que as três gemas respectivamente aplicadas a elas, na seqüência das gemas — âmbar, granada ("o cristal terrível") e safira —, são as três correlacionadas por Ezequiel com a Resplandecência de Deus e com Seu trono. O homem no trono não é Deus, como se poderia supor: Deus não permite a ninguém ver Sua face e viver. Trata-se da semelhança de Deus refletida no homem espiritual. Assim, embora Ezequiel guarde a imagem tradicional do imutável deus-sol, que governa do ápice de um cone de luz sobre as quatro regiões do Universo circular — a águia equilibrada sobre os quatro animais — e do sempre mutante bezerro, o Héracles celestial, ele retirou Iaweh da antiga trindade de *Q're* (Sol), *Ashima* (Lua) e *Anatha* (Ishtar) e o redefiniu como sendo o Deus que exige perfeição nacional, cuja similitude é um Ser Sagrado, metade Judá, metade Benjamim, assentado no trono de Levi. Isto explica Israel como "um povo peculiar"— o texto do Deuteronômio data da mesma época que a visão de Ezequiel — dedicado a uma divindade peculiarmente sagrada com um novo nome, derivado de uma nova fórmula poética que emana vida, luz e paz.

Na verdade, minha sugestão consiste em afirmar que a revolução religiosa que acarretou as modificações alfabéticas na Grécia e nas ilhas britânicas teve origem judaica e foi iniciada por Ezequiel (622-570 a.C.) e, posteriormente,

adotada pelos judeus-egípcios de falar grego, de quem os pitagóricos a tomaram como empréstimo. Os biógrafos de Pitágoras — que se destacou pela primeira vez em Crotona, em 529 a.C. — acreditam ter ele estudado com judeus e com egípcios. Assim, os gregos podem ter sido os primeiros a internacionalizar o Nome de oito letras. O Nome deve ter chegado até as ilhas britânicas passando pelo Sul da Gália, região onde os pitagóricos cedo se estabeleceram.

Não foi inteiramente feliz o resultado de ter-se conjeturado esse Deus de pura contemplação — a Inteligência Universal continua postulada pelos mais afamados filósofos modernos — e de havê-lo entronizado acima da natureza como verdade e bondade essenciais. Muitos pitagóricos sofreram, como os judeus, de um constante sentimento de culpa, e o antigo Tema poético insistia em reafirmar-se de maneira perversa. O novo Deus reivindicava ser dominante como Alfa e Ômega, como começo e fim, pura santidade, puro bem, pura lógica, capaz de existir sem a ajuda da mulher; mas foi natural identificá-lo com um dos rivais originais do Tema e reunir, em permanente aliança contra ele, a mulher e o outro rival. Isto resultou no dualismo filosófico com toda a calamidade tragicômica que acompanha a dicotomia espiritual. Se o Deus verdadeiro, o Deus do *Logos*, era pensamento puro, de onde provinham o mal e o erro? Havia a supor-se duas criações separadas: a verdadeira criação espiritual e a falsa criação material. Com respeito aos corpos celestes, Sol e Saturno, juntos, se opunham a Lua, a Marte, a Mercúrio, a Júpiter e a Vênus. Os cinco corpos celestes em oposição constituíram uma forte aliança, tendo uma mulher no início e outra no final. Júpiter e a deusa-lua constituíam uma dupla que governava o mundo material, os amantes Marte e Vênus se uniam como a carne lasciva e entre os pares situava-se Mercúrio, que era o diabo, o criador do cosmo (demiurgo) ou autor da falsa criação. Estes constituíam a *hyle*, ou bosque pitagórico, dos cinco sentidos materiais; e os homens de mentalidade espiritual, vindo a considerá-los fontes de erro, tentaram tornar-se superiores a eles pela contemplação pura. Esta política foi radicalizada pelos essênios, tementes a Deus e que formaram suas comunidades monásticas dentro de muros encimados por sebes de acácia, proibidas a toda e qualquer mulher; viveram asceticamente, cultivaram um doentio asco por suas funções naturais e afastaram seus olhares do mundo, da carne e do diabo. Embora guardassem o mito do touro-novilho, transmitido desde a época de Salomão, como símbolo da vida espiritual do homem mortal, e o vinculassem ao nome com sete letras do Deus Imortal, fica evidente que os iniciados de grau superior cultivaram o Nome de oito letras, ou aquele mais ampliado de 72 letras, e que se dedicavam inteiramente à vida contemplativa: governados pela acácia e pela romã, pelo domingo e pelo sábado, pela iluminação e pelo repouso.

Agora declarara-se guerra nos céus: Miguel e os arcanjos lutando contra o diabo, a saber, o Demiurgo *cosmocreator*. Sob a nova ordem, Deus não podia se permitir entregar toda a semana de trabalho ao diabo. Assim, Ele indicou os arcanjos como representantes, cada qual com seu dia, que eram os arcanjos cul-

tuados pelos essênios. Miguel recebeu encargo sobre a quarta-feira (dia de Mercúrio); assim, coube-lhe não apenas colher o pó para a verdadeira criação de Adão, mas travar batalha contra o diabo, que disputava este dia com ele. O diabo era Nabu, representado como um bode alado do solstício de verão; assim, a resposta à pergunta de Donne quanto à pata do diabo é: "O profeta Ezequiel." A vitória de Miguel deve ser lida como uma profecia mais do que como um registro: uma profecia que Jesus tentou implementar ao pregar uma perfeita obediência a Deus e uma permanente resistência ao mundo, à carne e ao diabo. Em Sicar, Jesus recriminou a samaritana, numa conversa enigmática que ela teria ou não compreendido, por ter tido cinco maridos, os cinco sentidos materiais, e por ter, como atual marido, um que não era realmente seu marido, a saber, o Demiurgo, ou seja, o diabo. Disse a ela que a salvação chegara, não da parte do deus-bezerro que os pais dela idolatricamente adoraram nos vizinhos montes Ebal e Gerizim, mas do Onipotente Deus do judeus — o que significa dizer o Deus de Judá, Benjamim e Levi. Sua crença consistia em que se toda a nação se arrependesse de sua devoção errônea ao universo material e se abstivesse de todos os atos sexuais e quase sexuais, haveria de vencer a morte e viver por mil anos, ao final dos quais se uniria ao verdadeiro Deus.

Os judeus não estavam preparados para dar este passo, embora muitos deles o aprovassem em teoria. Uma minoria conservadora, os ofitas, continuou a rejeitar a nova fé, sustentando que o verdadeiro Deus era o Deus da quarta-feira, o qual eles representavam como uma serpente benigna e não como um bode; defendiam ainda que o Deus do *Logos* era um impostor. Para isso fundamentavam-se na Menorá, utensílio do culto anterior ao Exílio, cujos sete braços saíam do talo central de amendoeira, simbolizando a quarta-feira. Com efeito, a opinião revista, registrada pelo Talmude, de que o talo representava o sábado, não fez sentido poético, tampouco histórico. Originalmente essa serpente foi Ofion, com quem, segundo o mito órfico da Criação, a Deusa Branca se acasalara na forma de uma serpente fêmea. Por isso Mercúrio, o Demiurgo, usava um bastão de serpentes se acasalando como insígnia de seu cargo. Fica claro agora por que motivo Ezequiel disfarçou dois dos quatro animais planetários de sua visão: registrou uma águia em vez de um bode com asas de águia e o homem em lugar da serpente com rosto humano. Sua intenção era manter o Demiurgo fora da imagem, quer na forma de bode, quer na de serpente. Pode muito bem ter sido Ezequiel quem anexou a historieta iconotrópica da sedução de Adão e Eva pela serpente ao mito da Criação no Gênesis e, quando este acréscimo foi aprovado como canônico no século IV a.C., o entendimento ofita se tornou uma heresia. Deve-se ressaltar que a narrativa do Gênesis sobre os sete dias da Criação está fundada no simbolismo da Menorá, uma relíquia do culto solar egípcio não decorrente do épico babilônico da Criação, no qual o Criador é o deus-trovão Marduk, que derrota Tiamat, a monstruosa fera marinha, que ele divide ao meio. Marduk-Bel, numa versão prévia da história, era a divindade da quinta-feira, não Nabu, o deus da quarta-feira, nem Samas, o deus do domingo. As

semelhanças entre ambos os mitos são superficiais, embora o dilúvio que incide no Gênesis tenha sido tomado diretamente do épico, apesar de uma provável edição por mão de Ezequiel.[8]

Na tradição rabínica, a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, cujo fruto, na alegoria do Gênesis foi dado pela serpente a Adão e Eva para que eles comessem, era de um gênero composto. Isto significa que, embora fossem originalmente inocentes e santos, o fruto proibido lhes apresentou os prazeres dos sentidos materiais. O salgueiro da segunda-feira e o carvalho (ou azevinho) da terça-feira não fornecem alimento humano, mas eles devem ter comido amêndoas (ou avelãs) da quarta-feira, pistaches (ou bolotas comestíveis) da quinta-feira e marmelo (ou maçãs silvestres) da sexta-feira. Assim, Deus os expulsou do Paraíso arbóreo por temer que eles pudessem intrometer-se com a Árvore da Vida — presumivelmente a acácia do domingo enxertada com a romãzeira do sábado — e, deste modo, imortalizar suas loucuras. Esta leitura do mito encontra apoio em antiga lenda irlandesa, publicada pela primeira vez em *Eriu IV*, Parte 2, de *Trefuilngid Tre-eochair* ("o tríplice portador da tríplice chave" — ao que tudo indica, uma forma irlandesa de Hermes Trismegisto), um gigante que apareceu na Irlanda no princípio do século I d.C., com imenso esplendor, durante uma reunião do grande conselho feudal de Tara. Portava na mão direita um ramo de uma árvore do Líbano com três tipos de frutos — avelãs, maçãs e bolotas comestíveis — que o sustentavam indefinidamente com alimento e bebida. Ele contou que, ao investigar o que, naquele dia, obstruíra o sol no Oriente, descobrira que o astro não brilhara lá porque um homem de grande importância (Jesus) tinha sido crucificado. Quando o gigante partiu, algumas das frutas caíram no Leste da Irlanda e delas brotaram cinco árvores — as cinco árvores dos sentidos — que haveriam de tombar só quando o cristianismo triunfasse. Essas árvores já foram mencionadas na discussão do alfabeto das árvores. A grande Árvore de Mugna, fiel ao ramo de origem, deu sucessivas safras de maçãs, avelãs e bolotas comestíveis. As demais parecem glosas alegóricas acrescentadas por

[8] No épico babilônico, foi Ishtar quem causou o dilúvio e não alguma divindade masculina. Gilgamesh (Noé) encheu uma arca com animais de toda espécie e ofereceu uma festa de ano novo aos construtores com generosa oferta de vinho novo, tratando-se, então, de uma festa outonal. O mito parece ser iconotrópico, pois o relato do grande consumo de vinho que aparece na versão do Gênesis como uma anedota moral sobre a embriaguez de Noé e a má conduta de seu filho, relembra o mito do deus do vinho Dioniso. [*N. T.: Segundo a Bíblia de Jerusalém, o filho de Noé era Cam, pai de Canaã, mas a maldição recai sobre Canaã.*] Quando capturado por piratas tirrenos, Dioniso transformou os mastros do seu barco em serpentes, a si próprio, em leão e os marinheiros, em golfinhos, amarrando tudo com hera. O ícone original da Ásia Menor, de onde ambos os mitos presumivelmente derivam devia ter mostrado o deus num barco lunar durante a festa da vindima, atravessando suas habituais metamorfoses do ano-novo — touro, leão, cobra e assim por diante —, o que deu origem à história babilônica do carregamento de animais. O navio dos piratas é definido como tirreno, provavelmente por ter na proa uma carranca na forma de Telquine, um cão que tinha nadadeiras em lugar de patas e que era um servidor da deusa-lua.

algum poeta posterior. A Árvore de Tortu e a Árvore Bifurcada de Dathi eram freixos, presumivelmente simbolizando a falsa magia dos cultos dos freixos bretão e danês. A Árvore de Ross era um teixo e simbolizava a morte e a destruição. Não consigo identificar a que gênero pertencia a antiga Árvore de Usnech: é possível que fosse um abrunheiro, representando a discórdia.

A doutrina da Santíssima Trindade era pré-cristã, fundamentada na visão de Ezequiel, consistindo a Trindade nos três principais elementos do *tetragrammaton*. A Primeira Pessoa era o verdadeiro Criador, o Pai de tudo, "Haja luz", representado pela letra *H*, a acácia, árvore do domingo e árvore de Levi, e pelo lápis-lazúli, simbolizando o céu azul ainda desabitado pelos corpos celestes; ele era identificado pelos judeus apocalípticos como sendo o "Ancião dos Dias" na visão de Daniel, uma profecia posterior e menor que data da época selêucida. A Segunda Pessoa estava subentendida no Homem Entronizado de Ezequiel — homem espiritual como imagem de Deus, homem que se abstinha, em perfeita paz, dos perigosos prazeres da falsa Criação, e que estava destinado a governar a Terra para sempre; era representado pela letra F, a granada, a romã, árvore do sábado e de Judá. Os apocalípticos identificaram-no com o Filho do Homem na visão de Daniel. Contudo, apenas a metade inferior do corpo do Homem era de granada: a parte masculina. A metade superior era de âmbar: a parte real, unindo-o à Terceira Pessoa. As seis letras restantes do nome expressavam a Terceira Pessoa, sendo o 6 o Número da Vida na filosofia pitagórica.

Estas letras eram as vogais originais da Deusa Branca — A O U E I —, que representavam o Espírito que se movia sobre as águas na narrativa do Gênesis: mas com a vogal da morte, *I*, substituída pela consoante real, *J*, o âmbar, letra de Benjamim, a letra da Criança Divina nascida no Dia da Libertação; e com o *omega*, a vogal do "nascimento do nascimento", complementando o *alfa*, a vogal do nascimento. A Terceira Pessoa era, por conseguinte, andrógina: "virgem com filho", conceito que aparentemente explica a reduplicação da letra H no *tetragrammaton* J H W H. A segunda letra, *H*, significa a *Shekinah*, a Resplandecência de Deus, a emanação mística feminina de *H*, a Primeira Pessoa masculina; sem existência separada dele, mas identificada com a Sabedoria, o brilho de sua contemplação, que "talhou a partir dela os Sete Pilares" da verdadeira Criação e do qual deriva a "Paz que ultrapassa a compreensão", quando a Luz se liga à Vida. O significado deste mistério está contido na Bênção de Aarão (Números 6, 22-27), que apenas os sacerdotes estavam autorizados a pronunciar:

> Iahweh te abençoe e te guarde!
> Iahweh faça resplandecer o Seu rosto sobre ti e te seja benigno!
> Iahweh mostre para ti a Sua face e te conceda a paz!

Essa quádrupla bênção que, certamente, não foi composta antes do tempo de Ezequiel, se explica no último verso do capítulo como uma fórmula que encerra o *tetragrammaton*:

Porão assim [Aarão e seus filhos] o meu nome sobre os filhos de Israel e eu os abençoarei!

As primeiras duas bênçãos constituem, na verdade, uma só, representando juntas a Terceira Pessoa, *J* e *H* — Vida e Resplandecência. A terceira bênção representa a Primeira Pessoa, *H* — Luz. A quarta bênção significa a Segunda Pessoa, *W* — Paz. Esta Trindade é um Deus indivisível. Caso uma única letra seja omitida, o Nome perde seu poder, porque os três conceitos são interdependentes. A Segunda Pessoa é "gerada pelo Pai antes de todo o mundo", no sentido de que "o mundo" é uma criação falsa, que foi por ele precedida. Esta interpretação de J H W H como "Luz e Glória, Vida e Paz" explica, além do mais, por que os sacerdotes, às vezes, ampliaram-na para 42 letras. No sistema pitagórico, o 7, escrito como H aspirado, era o número que correspondia à Luz; o 6, escrito como o digama *F* (*W*, em hebraico), significava a Vida. Contudo, o 6 também representava a Glória e, o 7, a Paz, como o sétimo dia da semana: assim, 6 vezes 7, a saber 42, expressava a Glória e a Paz multiplicada pela Vida. Embora os judeus empregassem a notação fenícia das letras-numerais para propósitos públicos, é provável que tenham usado o grego primitivo em seus Mistérios do mesmo modo que usaram o calendário-alfabeto grego denominado "*Boibalos*".

A Menorá simbolizava a completude da Criação de Iahweh. Mesmo assim não continha a primeira das quatro letras do *tetragrammaton:* e suas luzes relembravam seu Nome de sete letras, mas não o de oito letras. Entretanto, na festa dita da Iluminação, ou das Luzes (mencionada em João 10, 22 e na obra de Flávio Josefo, *Antiquities,* xii, 7. 7), antiga festa hebraica do solstício de inverno, usava-se um candelabro de oito braços, como ainda é nas sinagogas judaicas, conhecido como candelabro da Chanuká. O relato rabínico dá conta de que esse festival de oito dias, que começa no 25º dia do mês de Casleu (Kislev), foi instituído por Judas Macabeu e celebra um milagre. O evento miraculoso deu-se quando de uma consagração do Templo pelos macabeus que acharam um pequeno frasco de óleo consagrado, escondido por um sumo sacerdote anterior, e que queimou por oito dias. Por meio desta lenda, os autores do Talmude esperavam ocultar a antiguidade da festa que, originalmente, celebrava a data de nascimento de Iahweh como deus-sol, cuja comemoração remontava, pelo menos, ao tempo de Neemias (2 Macabeus 1, 18).[9] Antíoco Epifânio sacrificara a Zeus Olímpico, três anos antes da reinstituição do festival por Judas, no mesmo local e no mesmo dia. Também o aniversário de Zeus caía no solstício de inverno — do mesmo modo que o de Mitra, o deus-sol persa cujo culto muito impressionara os judeus no tempo em que foram protegidos por Ciro. Segundo o costume rabínico, a cada dia do festival acendia-se uma chama do candelabro,

[9] O original não especifica de qual dos dois livros dos Macabeus é retirada a citação, razão pela qual foi necessário acrescentar a referência específica à fonte, isto é, ao Segundo Livro dos Macabeus. (N. T.)

até que todas as oito estivessem acesas. A tradição anterior consistia em dar início à festa com todas as oito chamas acesas e ir apagando uma a cada dia até que todas estivessem apagadas.

Entre os judeus do Marrocos (cuja tradição é mais antiga e mais pura), o candelabro da *Chanuḳá* traz, em cima, uma pequena romã e tem as oito luzes enfileiradas, cada qual em diferente braço, como na Menorá, e do pedestal parte uma haste com uma chama separada, a partir da qual todas as demais são acesas. A oitava luz da fileira deve simbolizar o dia extra do ano, o dia da letra *J*, o qual está intercalado no solstício de inverno: porque a romã, que simboliza não apenas o sétimo dia da semana, mas também o planeta Ninib, regente do solstício de inverno, mostra que este candelabro é uma Menorá aumentada para conter todas as letras do *tetragrammaton*, que constitui, na verdade, a "Óctupla Cidade das Luzes", onde reside a Palavra (*Logos* ou Verbo). O 8, número do crescimento do deus-sol, relembrava a ordem de Iahweh para crescer e multiplicar; e, além do mais, as oito luzes podiam ser interpretadas (como será demonstrado) como símbolos dos oito Mandamentos essenciais.

O candelabro da *Chanuḳá* foi o único utilizado ritualmente nas sinagogas da Diáspora, por causa de uma lei do Sinédrio proibindo a reprodução da Menorá ou de qualquer outro objeto guardado no Santo dos Santos. Esta lei foi estabelecida para evitar a fundação de algum templo rival àquele de Jerusalém. Contudo, também se endereçava, ao que parece, aos ofitas, que justificavam suas opiniões religiosas heréticas pela centralidade da quarta chama (aquela correspondente à Sábia Serpente Nabu) no candelabro de sete braços. No candelabro da *Chanuḳá* não havia uma chama central. A chama separada, provavelmente, indicava a unidade absoluta de Iahweh, enquanto contrastante com a diversidade de seus trabalhos e elevava o número de luzes para nove, simbolizando a Trindade três vezes santa. O significado da romã, no topo, foi esquecido pelos judeus-marroquinos, que a olhavam como mera decoração, embora reconhecendo que tivesse grande antiguidade. Os judeus da Europa Central a substituíram por uma saliência arredondada com uma estrela-de-davi em cima. Entre os judeus-marroquinos também é colocada uma romã sobre os bastões em torno do qual se enrolam os sagrados manuscritos da Torá; os bastões são denominados *Es Chajim*, "a Árvore da Vida". Os judeus da Europa Central reduziram essa romã a uma coroa formada por seu insípido cálice. A explicação rabínica, fundada no senso comum, para a santidade da romã consiste em afirmar que esta é a única fruta que os vermes não corrompem.

Os Dez Mandamentos,[10] que estão entre os últimos acréscimos feitos ao Pentateuco, foram concebidos como glosas ao mesmo mistério. A estranheza da

[10] Esta passagem bíblica encontra-se em Êxodo 20, 1-17, mas como a Bíblia de Jerusalém traz palavras ligeiramente divergentes, houve exigência de que se traduzisse o texto que Graves apresenta. (N. T.)

escolha deles parece ter deixado Jesus impressionado quando citou os mandamentos "Ama teu Deus" e "Ama teu próximo" arrolados noutro trecho do Pentateuco como sendo superior aos demais em valor espiritual. Os mandamentos — que são, na verdade, oito e não dez, para igualarem-se ao número das letras do Nome — se dividem em dois grupos: o primeiro agrupamento é constituído por três mandamentos afirmativos "Farás!" e diz respeito à verdadeira Criação; o segundo agrupamento compreende cinco interditos do tipo "Não farás!" e está correlacionado com a falsa Criação. Cada um destes grupos vem precedido de uma advertência, e a ordem deles está deliberadamente empastelada, como, aliás, era de se esperar.

O primeiro agrupamento corresponde às letras do *tetragrammaton* e a advertência que o antecede é, assim, o III: "Não usarás Seu Santo Nome em vão."

V — "Honrarás teu pai e tua mãe."
Ou seja, J e H: Vida e Resplandecência.

IV — "Observarás o dia do sábado."
Ou seja, W: Paz.

I — "Adorarás somente a Mim."
Ou seja, H: Luz.

O segundo agrupamento é relativo aos poderes dos cinco planetas excluídos do Nome e a advertência que o precede constitui o II: "Não farás imagem nem adorarás o simulacro de qualquer estrela, criatura ou monstro marinho."

X — "Não farás feitiçaria."
(A lua como deusa dos encantamentos.)

VI — "Não matarás."
(Marte como deus da guerra.)

VIII — "Não roubarás."
(Mercúrio, como o deus dos ladrões,
que roubara o homem de Deus.)

IX — "Não levantarás falso testemunho."
(Júpiter, como o falso deus diante
de quem eram feitos os juramentos.)

VII — "Não cometerás adultério."
(Vênus como a deusa do amor profano.)

Os oito Mandamentos são ampliados para um decálogo, ao que parece, porque a série, a que ele se sobrepõe e que pode ser encontrada em Êxodo 34, 14-26, também era um decálogo.

Na tradição talmúdica, esse novo decálogo estava gravado em duas lâminas de *sappur* (lápis-lazúli); e, em Isaías 54, 12, as portas da Jerusalém ideal eram de carbúnculo (piropo ou granada). Deste modo, a fórmula poética é:

> *Light was my first day of Creation,*
> *Peace after labour is my seventh day,*
> *Life and Glory are my day of days.*
> *I carved my Law on tables of sapphirus,*
> *Jerusalem shines with my pyrope gates,*
> *Four Cherubs fetch me amber from the north.*
> *Acacia yields her timber for my ark,*
> *Pomegranate sanctifies my priestly hem,*
> *My hyssop sprinkles blood at every door.*
> *Holy, Holy, Holy is my name.*

> Luz foi meu primeiro dia de Criação,
> Paz após os trabalhos é o meu sétimo dia,
> Vida e Glória são o dia de meus dias.
> Lavrei minha lei em tábuas de safira,
> Jerusalém brilha com minhas portas de piropo,
> Quatro querubins trazem-me âmbar do Norte.
> A acácia fornece madeira para minha arca,
> A romã santifica as bordas de minha casula,
> Meu hissopo esparge sangue em cada porta.
> Santo, Santo, Santo é Meu nome.

Este Deus místico difere não apenas dos babilônicos Bel ou Marduk, mas de Ormuzd, o deus supremo do zoroastrismo persa, com quem alguns sincretistas judeus o identificaram depois de tê-lo apartado do universo material errôneo para viver encerrado, em segurança, em sua abstrata cidade de luz. Ormuzd era um tipo de Gerião de três corpos, a habitual trindade masculina ariana que primeiro esposou a Tríplice Deusa e, logo, a despojou e saiu andando trajando suas três cores — branco, vermelho e azul-escuro, tal como a novilha do enigma de Suidas — e exercendo suas antigas funções. Assim, Ormuzd aparece vestido com o branco sacerdotal, para criar (ou recriar) o mundo; com o vermelho do guerreiro; com o azul-escuro do agricultor para "incrementar a fecundidade".

Os apocalípticos judeus pré-cristãos, provavelmente influenciados por teorias religiosas trazidas da Índia, junto com o *ethrog*, por mercadores judeus, esperavam o nascimento de uma Criança Divina: a criança, profetizada pela Sibila, que livraria o mundo do pecado. Isto implicava que Miguel e os arcan-

jos, a quem o novo Deus idealista havia delegado os cuidados imediatos pelo gênero humano, tivessem se revelado incapazes de superar o mundo, a carne e o diabo — as potências mais grosseiras que Ele havia repudiado. A única solução consistia em recorrer ao Príncipe da Paz, a saber, a Segunda Pessoa, o Filho do Homem, que, até este ponto, não tivera existência independente,[1] a encarnar-se como homem perfeito — o Messias humano nascido de Judá, Benjamim e Levi. Denunciando a vaidade da Criação material, ele conduziria todo o Israel ao arrependimento e, assim, daria início ao imortal e milenário Reino de Deus na Terra, no qual, por fim, seriam admitidas todas as nações gentias. Esta era a fé de Jesus, que era de Judá, Benjamim e Levi e que tinha sido novamente gerado, de modo ritual, por sua coroação: ele esperava um aparecimento do Filho do Homem no monte das Oliveiras, efetivo e histórico, e o cumprimento de sua própria profecia sobre a morte por espada, até mesmo tendo garantido a seus discípulos que muitos deles que estavam vivos nunca morreriam e que entrariam diretamente no Reino de Deus. A profecia não se realizou porque estava fundada sobre uma confusão entre mito poético e evento histórico, e, assim, frustaram-se as esperanças de todos no *millennium*.

Os judeus do mundo helênico, então, alardearam que essas esperanças não foram de forma alguma prematuras, que Jesus tinha sido, com efeito, a Segunda Pessoa da Trindade e que o Reino de Deus estava próximo. Os terríveis sinais que iriam pressagiar sua vinda, as chamadas Angústias do Messias, estavam às vistas de todos. Entretanto, quando a Igreja dos gentios estava completamente separada da sinagoga, e quando Jesus, como Rei de Israel, tornou-se um conceito incômodo para os cristãos que queriam escapar de qualquer suspeita de serem judeus nacionalistas, ficou decidido que ele nascera como a Segunda Pessoa, não no momento de sua coroação, mas no instante do próprio nascimento físico; apesar de gerado, espiritualmente, antes de todo o Mundo. Isto transformou Maria, a mãe de Jesus, no imaculado receptáculo humano da Luz e da Resplandecência de Deus, a Terceira Pessoa da Trindade; assim foi preciso presumir que ela própria fora concebida, imaculadamente, por sua mãe, sant'Ana. Aqui estava um campo fértil para todo tipo de heresia e, logo, voltamos em nosso raciocínio ao ponto onde, no âmbito popular, o Tema se reafirmou; tendo a Virgem, como a Deusa Branca; Jesus, como o sol crescente; o diabo, como o sol minguante. Aqui não sobrava lugar para o Deus-Pai, exceto como um adjunto místico de Jesus — "Eu e o Pai somos Um".

[1] No ano de 244 d.C., Berilo, bispo de Bóstia, foi aí acusado de heresia por defender esta opinião.

Capítulo 26

O retorno da Deusa

Tendo tudo isto em mente, pergunta-se: qual há de ser o futuro da religião no Ocidente?

Sir James Frazer atribuiu os erros da civilização européia "à doutrina egoísta e imoral das religiões orientais que inculcaram a comunhão da alma com Deus e sua salvação eterna como sendo os únicos objetivos que conferem valor à vida". Isto, argumenta ele, solapou o ideal altruísta das sociedades grega e romana, que subordinavam o indivíduo ao bem-estar do Estado. Adolf Hitler disse mais tarde, de modo ainda mais sucinto: "Os judeus são responsáveis por todos os nossos problemas." Entretanto, ambas as afirmações são historicamente falsas.

Considerando que Frazer era uma autoridade em religião grega, deveria ser de seu conhecimento o fato de que a obsessão salvacionista dos gregos órficos era traco-líbia e não oriental. Além disto, muito antes que os judeus da Diáspora tivessem introduzido no mundo grego sua doutrina farisaica da unidade com Deus, já havia sido destruído, por dentro, o idealismo da cidade-Estado. Uma vez que a filosofia especulativa tornara céticos todos os gregos instruídos que não eram órficos nem membros de alguma outra irmandade, tanto a fé pública quanto a particular foi solapada e, apesar das prodigiosas conquistas de Alexandre, a Grécia foi facilmente derrotada pelos romanos semibárbaros, que conjugavam o conservadorismo religioso com o *esprit de corps* nacionalista. Em seguida, os nobres romanos começaram a estudar sob a orientação dos gregos e contraíram a infecção filosófica, e seu próprio idealismo desmoronou, sendo o colapso político evitado pelo *esprit de corps* das legiões incultas, combinado com o culto do imperador segundo modelo oriental. Finalmente, no século IV d.C., a pressão dos bárbaros contra suas fronteiras aumentou tanto que, para conservar o que restara do Império, só coube o recurso àquela fé que ainda era vigorosa, ou seja, o cristianismo.

A observação citada de Hitler, que nada tinha de original, referia-se à suposta opressão econômica da Europa por parte dos judeus. Ele estava sendo injusto: sob o cristianismo, durante séculos os judeus foram proibidos de possuir terra e de participar como membros das mais comuns corporações de artesãos, tendo de viver de seu próprio gênio. Tornaram-se joalheiros, médicos, prestamistas e banqueiros e deram início a indústrias novas e altamente especializadas, como a manufatura de lentes óticas e de medicamentos. A súbita expan-

são comercial da Inglaterra, no século XVII, deveu-se à acolhida que Cromwell deu a judeus-holandeses, que trouxeram, para Londres, seu moderno sistema bancário. Se os europeus não gostaram das conseqüências do capitalismo incontido e do progresso industrial, devem culpar, exclusivamente, a si próprios. Originalmente, os judeus invocavam o poder do dinheiro como proteção contra a opressão dos gentios. Eles eram proibidos, pela Lei Mosaica, tanto a emprestar dinheiro a juros entre eles quanto a deixar que as dívidas se prolongassem indefinidamente — a cada sete anos o devedor tinha de ser liberado de seu débito. Não foi culpa dos judeus se o dinheiro deixou de ser um meio prático do intercâmbio de bens e serviços para tornar-se uma divindade irresponsável, no mundo dos gentios.

Não obstante, Frazer e Hitler não estavam muito longe da realidade. A verdade é que os primitivos cristãos não-judeus tomaram de empréstimo dos profetas hebraicos dois conceitos religiosos até então desconhecidos do Ocidente, os quais se transformaram nas principais causas de nosso desassossego. São eles: a idéia de um Deus patriarcal, que se recusa a qualquer intercâmbio com a Deusa e se conclama Auto-suficiente e Onisciente, e o conceito de uma sociedade teocrática, desdenhosa das pompas e glórias do mundo, na qual todos aqueles que cumprem, corretamente, seus deveres cívicos passam a ser "filhos de Deus", tornando-se qualificados para a salvação — qualquer que seja a fortuna ou o posto hierárquico — em virtude de sua comunhão direta com o Pai.

Desde então esses dois conceitos foram energicamente refutados no interior da própria Igreja. Por mais profundamente que os ocidentais possam admirar a devoção exclusiva de Jesus ao distante e santíssimo Deus universal dos profetas hebraicos, poucos dentre eles em algum momento aceitaram de boa vontade o antagonismo entre carne e espírito que seu culto implica. E, embora a nova divindade parecesse, filosoficamente, incontroversa, quando o petulante Zeus-Júpiter, com seus indiscretos amores e sua briguenta família olímpica, cessara de merecer o respeito de pessoas inteligentes, logo os Padres da Igreja nascente acharam que o homem ainda não estava preparado para a anarquia ideal. Como resultado, o Todo-Pai, um patriarca exclusivamente contemplativo, que não intervinha de modo direto e pessoal nos negócios mundanos, precisou retomar seus raios de modo a impor respeito. Até mesmo o princípio comunista, por cuja infração Ananias e Safira foram fulminados, foi abandonado por não ser prático. Tão logo o poder papal foi reconhecido como sendo superior ao dos reis, os papas assumiram a magnífica pompa temporal, passaram a tomar parte na política, a fazer guerras, a recompensar os ricos e bem-nascidos com indulgências pelos pecados no presente mundo e com promessas de um tratamento preferencial no vindouro, além de anatematizarem os princípios igualitários de seus predecessores mais simples. Em Roma não foi apenas, o monoteísmo hebraico que se modificou pela gradual introdução do culto da Virgem, mas, também, foi cancelada a comunicação direta entre o leigo católico e Deus. Agora, apenas por meio da mediação de um sacerdote, é que ele podia confessar seus pecados e tomar conhecimento da Palavra de Deus.

O protestantismo foi uma contundente reafirmação dos dois conceitos rejeitados, os quais os judeus nunca abandonaram e aos quais os maometanos têm sido quase igualmente fiéis. As guerras civis na Inglaterra foram vencidas pelas qualidades bélicas dos puritanos independentes, que odiavam a Virgem e que almejavam uma sociedade teocrática ideal, na qual toda pompa sacerdotal e episcopal deveria ser abolida e onde qualquer homem pudesse estar habilitado a ler e a interpretar as Escrituras como lhe aprouvesse, como acesso direto a Deus-Pai. O puritanismo enraizou-se e floresceu na América e as doutrinas do igualismo religioso, que carregava consigo o direito a um pensamento independente, transmutou-se em igualitarismo social, ou seja, democracia, uma teoria que, desde esta época, tem dominado a civilização ocidental. Encontramo-nos, agora, numa etapa em que as pessoas comuns da cristandade, estimuladas por seus demagogos, ficaram tão orgulhosas que já não se contentam em ser as mãos, os pés e o tronco do corpo político, mas também querem ser o seu intelecto ou, ao menos, tanto intelecto quanto seja necessário para satisfazer seus apetites simplórios. Em conseqüência, todos, com poucas exceções, descartaram seu idealismo religioso, católicos romanos e protestantes, e se converteram a algumas conclusões privadas: de que o dinheiro, embora raiz de todo mal, é o único meio prático de expressar valor ou de determinar a precedência social; de que a ciência é o único modo preciso de descrever os fenômenos; de que a moral da honestidade comum não é importante para o amor, para a guerra, para os negócios nem para a política. Ainda assim, sentem-se culpados por sua apostasia e mandam os filhos para a escola dominical, apóiam as Igrejas e olham alarmados para o Oriente, de onde uma fé mais nova e mais fanática os ameaça.

Aquilo que aflige o cristianismo hoje em dia é o fato de não ser uma religião solidamente fundada sobre um único mito; trata-se de um complexo de decisões jurídicas tomadas sob pressão política numa antiga pendenga quanto aos direitos religiosos entre os adeptos da Deusa-Mãe — que, em certa época, era suprema no Ocidente — e do Deus-Pai usurpador. Diferentes tribunais eclesiásticos chegaram a decisões diversas, mas já não existe uma Corte suprema. Agora, quando até mesmo os judeus foram seduzidos a fugir da Lei Mosaica e a idolatrar falsos deuses, os cristãos se desgarram, para mais longe do que nunca, daquela santidade ascética para a qual pretendiam conduzir o mundo, Ezequiel, seus sucessores essênios e Jesus, o último dos profetas hebraicos. Embora o Ocidente continue sendo nominalmente cristão, acabamos governados na prática por um triundivinato profano composto por Plutão, Apolo e Mercúrio, respectivamente deuses da riqueza, da ciência e dos ladrões. Para piorar as coisas, medram violentos a discordância e o ciúme entre os três: Plutão e Mercúrio injuriando um ao outro enquanto Apolo brande a bomba atômica como se fosse um raio, pois, desde que a Idade da Razão fora anunciada por seus filósofos do século XVIII, ele assentou-se, como Regente Triundivinal, no trono vacante de Zeus que anda temporariamente indisposto.

Os órgãos de propaganda do Ocidente alardeiam seguidamente que a única saída para nossos atuais problemas consiste num retorno à religião, mas pretendem que ela não deve ser definida em nenhum sentido preciso. Nenhum bem decorreria da difusão pública, quer das contradições entre as principais religiões reveladas e suas seitas hostis entre si, quer dos fatos truncados contidos em suas doutrinas, quer das vergonhosas ações que todas elas se acostumaram a ocultar num momento ou noutro. Na realidade, o que urge é uma melhoria das éticas nacionais e internacionais, não um retorno súbito de todos às crenças de suas infâncias. Tal retorno, se for empreendido com verdadeiro entusiasmo religioso, obviamente conduzirá a um renascimento das guerras de religião: só quando a crença se enfraqueceu por toda parte é que os sacerdotes de religiões rivais consentiram em adotar uma política de boa vizinhança. Então, por que não falar de ética uma vez que é evidente que escritores e oradores, com poucas exceções, tampouco têm convicções religiosas arraigadas? Por três motivos: porque se sustenta que a ética decorre da religião revelada, sobretudo dos Dez Mandamentos e, por isso, o comportamento antiético de comunistas é atribuído ao total repúdio que têm pela religião; porque a coexistência de confissões contraditórias dentro de um Estado é acreditada pelos não-comunistas como uma prova de sanidade política; enfim, porque uma Cruzada anticomunista só pode ser acionada em nome da religião.

Comunismo é uma fé, não uma religião. Trata-se de uma teoria pseudocientífica adotada como uma causa. Compreende, em suas origens, um igualitarismo social simples, generoso e não-nacionalista. Entretanto, seus expoentes foram forçados, tal como os primeiros cristãos, a adiar suas esperanças de um *millennium* imediato e a adotar uma política pragmática que, pelo menos, há de garantir sua própria sobrevivência num mundo hostil. O repositório da fé comunista é o Kremlin e, sendo os eslavos aquilo em que seu clima impiedoso os transformou, o Partido escorregou, com bastante facilidade, na direção do autoritarismo, do militarismo e da chicana política, elementos estes que acarretaram distorção da história e interferências na arte, na literatura e, até, na ciência; embora tudo isto, afirmam eles, sejam, apenas, medidas defensivas temporárias.

Considerando-se que a fé comunista, por mais fanaticamente que seja sustentada, não é uma religião e que todas as religiões contemporâneas contradizem umas às outras, apesar de o fazerem com polidez, em seus artigos de fé levanta-se a questão da possibilidade de estabelecer-se alguma definição da palavra *religião* que seja relevante para a solução dos atuais problemas políticos?

Os dicionários registram sua etimologia como "duvidosa". Cícero a vincula com o verbo *relegere*, que significa "ler adequadamente", donde quer dizer "estudar com afinco" o conhecimento divino. Cerca de quatro séculos e meio mais tarde, santo Agostinho a fez derivar de *religare*, isto é, "voltar a ligar" e supôs que isto significava a obrigação piedosa de obedecer a lei divina: desde então tal é o sentido que se tem dado à palavra "religião". O palpite de Agostinho, bem como o de Cícero (embora este tenha estado mais próximo da verdade), não

levaram em consideração nem o tempo longo da primeira sílaba de *religio*, na obra anterior de Lucrécio, *De rerum natura*, nem a grafia alternativa da palavra *relligio*, que só pode ser formada a partir da frase *rem legere*, ou seja, "escolher ou apanhar a coisa certa". Com efeito, para os primitivos gregos e romanos, religião não constituía a obediência a leis, mas o modo de proteger a tribo contra o mal por eficientes contramedidas do bem. Encontrava-se nas mãos de um sacerdócio de mentalidade mágica, cujo dever consistia em indicar qual a ação que agradaria aos deuses em ocasiões peculiarmente favoráveis ou desfavoráveis. Por exemplo, certa vez, repentinamente, no *Forum* romano, abriu-se uma fenda abissal e interpretou-se o fato como sinal de que os deuses pediam um sacrifício do que Roma tivesse de melhor. Foi quando um tal Mettus Curtius se sentiu chamado a salvar a situação, escolhendo a coisa certa, e, assim, todo armado e montado em seu cavalo, precipitou-se no abismo. Noutra ocasião, um pica-pau apareceu no Fórum, onde Aelius Tubero, pretor da cidade, administrava justiça. Pousou na cabeça dele e deixou-se apanhar com a mão. Como o pica-pau era um pássaro consagrado a Marte, esta domesticidade nada natural alarmou os áugures e eles pontificaram que, caso fosse solto, um desastre arrasaria Roma e que, caso fosse morto, o pretor seria morto por seu ato sacrílego. Patrioticamente, Aelius Tubero torceu-lhe o pescoço e, em seguida, foi violentamente massacrado. Parece que o colégio dos áugures inventou estas narrativas, sem fundamento histórico, para servirem de exemplo do modo como os sinais podiam ser interpretados e de como os romanos deveriam agir em resposta a eles.

O caso de Aelius Tubero traz uma demonstração útil não apenas de *relligio*, mas também da diferença entre tabu e lei. A teoria do tabu diz que certas coisas são profeticamente anunciadas por um sacerdote ou sacerdotisa como sendo nocivas a certo povo em determinada época — embora não necessariamente a um outro povo na mesma ocasião, nem ao mesmo povo em época diversa. O primitivo castigo pela quebra de um tabu não é ordenado pelos juízes da tribo, mas pelo próprio transgressor que, ao tomar consciência de seu erro, morre de vergonha, de tristeza, ou foge para outra tribo e muda sua identidade. Era sabido, em Roma, que um pica-pau, na qualidade de pássaro de Marte, não podia ser morto por ninguém, exceto o rei, ou seu sucessor ritual, durante a República, e isto numa única ocasião durante o ano, como sacrifício expiatório à Deusa. Numa sociedade menos primitiva, Tubero teria sido julgado publicamente sob tal ou qual lei por matar um pássaro sagrado e, então, o teriam executado, multado ou aprisionado, mas, em sua época, o castigo por sua violação do tabu ficou a cargo de seu próprio sentido de vingança divina.

Em Roma, a primitiva religião estava ligada à Monarquia sagrada: o rei era tolhido por uma grande quantidade de tabus instituídos para agradar a pluridenominada Deusa da Sabedoria, a quem ele servia, e aos membros da divina família dela. Parece que o dever de seus doze companheiros sacerdotais, um para cada mês do ano, chamados *lictores*, ou "escolhedores", consistia em protegê-lo contra a má sorte ou a profanação e em prestar cuidadosa atenção às necessida-

des reais. Dentre suas tarefas devem ter constado a *relictio*, ou seja, a cuidadosa leitura de sinais, presságios, prodígios e augúrios, e a *selectio* de suas armas, roupas, alimentos e das ervas e folhas de seu *lectum*, "leito".[1] Quando a Monarquia foi abolida, as funções puramente religiosas foram absorvidas pelo sacerdote de Júpiter e aquelas executivas passaram para os cônsules; os lictores se converteram em guarda de honra deles. A palavra *lictor*, então, tornou-se popularmente vinculada com a palavra *religare*, "atar, amarrar", por se tratar de uma função própria do lictor amarrar quem se rebelara contra o poder dos cônsules. Originalmente não havia a Lei das Doze Tábuas nem qualquer outro código romano de leis; havia apenas a tradição oral, fundada em bons princípios instintivos e em avisos mágicos particulares. Mettus Curtius e Aelius Tubero não são apresentados como estando sob nenhuma obrigação legal de fazer o que fizeram; eles fizeram uma opção individual por motivos de ordem *moral*.

Deve-se explicar que a palavra *lex*, "lei", começa com o sentido de uma "palavra escolhida", ou seja, pronunciamento mágico, e que, assim como *lictor*, mais tarde veio a receber uma falsa derivação de *ligare*. Em Roma, a lei decorreu da religião: pronunciamentos ocasionais desenvolveram uma força proverbial e tornaram-se princípios legais. Mas logo que a religião, em seu sentido primitivo, veio a ser interpretada como obrigação social e definida por leis inscritas em tábuas, acaba a magia inspirada e o que resta é teologia, ritual eclesiástico e comportamento contrário à ética. De modo paralelo, Apolo, o Organizador, deus da ciência, usurpa o poder de sua mãe, a deusa da verdade inspirada, da sabedoria e da poesia, cujos devotos ele tenta amarrar por meio de leis.

Em conseqüência, caso se deseje evitar a desarmonia, o enfado e a opressão em todos os contextos sociais (e literários), cada problema tem de ser visto como exclusivo e resolvido pela escolha certa fundada em bons princípios instintivos e não por referência a um código ou a um rol de casos precedentes. Considerando-se como fato que a única saída de nossos problemas políticos seja um retorno à religião, esta deve, de alguma forma, ser libertada de seus acréscimos teológicos. O ato positivo de escolher corretamente baseado em princípios morais deve suplantar o respeito negativo pela Lei que, embora apoiada pela força, se inchou de modo tão desesperado e se tornou tão complexa que nem mesmo um experimentado advogado pode acreditar-se familiarizado com mais de um único de seus ramos. A boa vontade em agir corretamente pode ser inculcada na maioria das pessoas se elas forem educadas desde pequenas, mas bem poucas têm a capacidade de fazer uma escolha moral adequada entre circunstâncias ou atitudes que à primeira vista parecem igualmente válidas. Em síntese, o principal problema do mundo ocidental consiste em como trocar a demagogocracia, disfarçada em democracia, por uma aristocracia não-hereditária cujos líderes serão inspira-

[1] A palavra inglesa *litter*, derivada de *lectum*, tem o duplo sentido de "cama" e "roupa de cama"; e o *lord* da mansão de Oterarsee, na época de Angevin, recebeu seu feudo em troca "do serviço de obter *litter*" para o leito do rei: no verão, pasto e ervas; no inverno, palha.

dos a escolher corretamente em cada ocasião em vez de seguirem cegamente um processo autoritário. O Partido Comunista russo confundiu o problema apresentando-se como tal aristocracia e reivindicando ser inspirado em sua escolha política; contudo, suas decisões mantêm pouca relação com a verdade, com a sabedoria ou com a virtude — ele é inteiramente autoritário e se preocupa apenas com o cumprimento final das profecias econômicas de Karl Marx.

* * *

Há duas linguagens distintas e complementares. Uma é a antiga e intuitiva linguagem da poesia, rejeitada na área de influência do comunismo e apenas mal falada noutros lugares. A outra, mais moderna, constitui a linguagem racional ou prosa difundida pelo mundo inteiro. Mito e religião são revestidos pela linguagem poética; a ciência, a ética, a filosofia e a estatística, pela prosa. Alcançou-se uma etapa da história em que se admite, de modo generalizado, que as duas formas de discurso não devem se misturar numa fórmula única. O dr. Barnes, o bispo liberal de Birmingham, lamenta[2] que a maioria dos bispos reacionários gostaria de insistir numa crença literal até mesmo nas histórias da arca de Noé e da baleia de Jonas. O bispo está correto em deplorar a maneira em que estes veneráveis símbolos religiosos foram mal interpretados por motivos didáticos; e deplorar ainda mais a perpetuação de fábulas como verdade literal da Igreja. A história da arca é provavelmente derivada de um ícone do Oriente Médio no qual o Espírito do Ano Solar é representado numa barca lunar atravessando suas metamorfoses habituais do ano novo — touro, leão, serpente e assim por diante. E a história da baleia deriva de um ícone semelhante que mostra o mesmo Espírito sendo engolido no final do ano pela deusa da lua e do mar, representada por um monstro marinho, para renascer, pouco depois, como um peixe do ano-novo ou como uma cabra dotada de nadadeiras. O monstro fêmea marinho Tiamat, que, na primitiva mitologia babilônica, engoliu o deus-sol Marduk (mas a qual, depois, este se vangloriou de haver matado com sua espada), foi usado pelo autor do Livro de Jonas para simbolizar o poder da cidade maldita, mãe de prostitutas, que engoliu os judeus e, em seguida, os vomitou. O ícone, familiar ao Mediterrâneo oriental, sobreviveu na arte órfica, onde representava um cerimonial de iniciação: o iniciado era engolido pela Mãe Universal, o monstro marinho, e renascia como encarnação do deus-sol. (Num vaso grego, o personagem semelhante a Jonas é denominado Jasão, porque a história de sua viagem no *Argos*, naquela época, fora vinculada a sinais do Zodíaco, em torno do qual o Sol percorre sua viagem anual.) Os profetas hebraicos conheciam Tiamat como Rahab, a deusa da lua e do mar, mas a rejeitaram como a senhora de toda corrupção carnal, razão pela qual no acético Apocalipse promete-se aos fiéis "nunca mais o mar".

[2] Em fevereiro de 1949.

O dr. Barnes citava as lendas da arca e da baleia como evidentemente absurdas, mas, ao mesmo tempo, advertia seus companheiros bispos de que poucas pessoas instruídas acreditavam literalmente sequer nos milagres de Jesus. A atitude meramente agnóstica — "Ele pode ter subido aos céus; não temos provas contra nem a favor desta proclamação." — agora cedeu espaço, em conversas reservadas, à afirmação positivamente hostil: "Cientificamente não faz sentido." Outro dia, um cientista nuclear neozelandês me assegurou que o golpe mais forte contra o cristianismo ocorrera em 1945: um dogma fundamental, a saber, que o corpo de Cristo se desmaterializou na Ascensão, foi desmentido espetacularmente em Hiroshima e Nagasaki — qualquer um com a mínima percepção científica pode concluir que um semelhante colapso da matéria provocaria uma explosão suficientemente poderosa para aniquilar todo o Oriente Médio.

Agora, quando os cientistas já estão falando nesse tom, o cristianismo tem pouca *chance* de manter sua posição junto às classes governantes, a menos que a parte histórica da doutrina eclesiástica possa ser dissociada da mítica. Isto significa dizer: a menos que se possa traçar uma distinção entre o conceito histórico "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus" e os conceitos míticos igualmente válidos de "Cristo" e "Filho do Homem", únicos termos em que o nascimento virginal e sua ascensão fazem um sentido a prova de desafios. Se tal acontecesse, o cristianismo poderia desenvolver-se num puro culto de mistérios, com um Cristo divorciado de sua história temporal prestando uma obediência filial à Virgem Rainha dos Céus que Jesus de Nazaré reservou para seu Inacessível Pai. Talvez os cientistas acolhessem bem esta mudança à medida que atendesse às necessidades psicológicas das massas e fosse desprovida de absurdos anticientíficos. Além do mais, teria um efeito estabilizador na civilização, pois um dos motivos de inquietude da cristandade sempre foi o fato de que os Evangelhos postulam um fim imediato do tempo e, desta maneira, nega ao gênero humano um sentido de segurança espiritual. Confundindo as linguagens da prosa e do mito, seus autores reivindicavam que, por fim, fora feita uma última e definitiva revelação: todos devem arrepender-se, desprezar o mundo e humilhar-se diante de Deus à espera do iminente Juízo Universal. Um Cristo místico nascido de uma virgem, desvinculado da escatologia judaica e não situado na Palestina do século I, poderia devolver à religião um auto-respeito contemporâneo.

Entretanto, sob as atuais condições, tal mudança religiosa é impossível: qualquer tentativa neo-ariana de reduzir Jesus da condição divina à humana encontraria oposição, porque diminuiria a autoridade de sua mensagem ética de amor e paz. Da mesma forma, o mito da Mãe e do Filho está tão intimamente vinculado com o ano natural e seu ciclo de eterno retorno, observado em eventos dos reinos vegetal e animal, que é de pouco apelo emocional para os empedernidos homens das cidades, que tomam conhecimento da passagem das estações apenas pelas flutuações de suas contas de luz e gás ou pelo peso de suas roupas de baixo. Ele é cavalheiro para com as mulheres, mas só pensa em pro-

sa; a única variedade de religião aceitável para ele é de natureza lógica, ética e altamente abstrata, que apela para seu orgulho intelectual e sua sensação de afastamento da natureza selvagem. A Deusa não é uma mulher urbana: é a Senhora das Coisas Selvagens, que freqüenta o cume das colinas cobertas de bosques — Vênus Cluacina, "aquela que purifica com a murta" e não Vênus Cloacina, "padroeira do sistema de esgotos", como chegou a ser, pela primeira vez, em Roma. Embora o homem urbano agora tenha começado a insistir em estabelecer um limite para as áreas construídas e a discutir a descentralização (a divisão das grandes cidades em pequenas comunidades independentes e bem separadas), seu propósito é unicamente urbanizar o campo e não ruralizar as cidades. A vida agrícola está rapidamente tornando-se industrializada e, na Inglaterra, o laboratório social mais controlado do mundo, os últimos vestígios das antigas celebrações pagãs da Mãe e do Filho estão sendo apagados, apesar do insistente gosto por cinturões verdes, por parques e por jardins particulares. Apenas em remotas e atrasadas regiões do Sul e do Oeste da Europa é que, no campo, ainda permanece vivo algum senso de seu ininterrupto culto.

Parece que não teremos escapatória de nossas dificuldades até que o sistema industrial, por uma razão ou outra, entre em colapso, conforme quase aconteceu, na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial. Então, será hora de a natureza se reafirmar, entre as ruínas, por meio de ervas e árvores.

As Igrejas protestantes estão divididas entre a teologia liberal e o fundamentalismo, mas as autoridades do Vaticano decidiram como enfrentar os problemas do momento. Elas encorajam a coexistência, dentro da Igreja, de duas tendências antinômicas de pensamento: a autoritária ou paterna ou lógica, como meio de garantir a influência do sacerdote em sua paróquia e impedir os fiéis de pensar livremente, bem como a mítica ou materna ou supralógica, que representa uma concessão à Deusa, sem a qual a religião protestante perdeu seu ardor romântico. Reconhecem-na como uma obsessão vivaz, variegada e imemorial, profundamente arraigada na memória racial do camponês europeu e impossível de exorcizar; contudo, estão igualmente conscientes de que esta é uma civilização essencialmente urbana, por isso autoritária e, em conseqüência, patriarcal. É verdade que, ultimamente, na maior parte do mundo ocidental, a mulher se tornou a chefe virtual da família, controla as finanças e pode abraçar qualquer carreira e ocupar qualquer cargo que queira; contudo, é pouco provável que repudie o atual sistema, em que pese a estrutura patriarcal. Apesar de todas estas desvantagens, a mulher goza de maior liberdade de ação sob ele do que o homem conseguiu garantir para si próprio. Embora ela possa saber, intuitivamente, que o sistema exige uma mudança revolucionária, não se preocupa em apressá-lo, tampouco em antecipar o fato. É mais fácil para ela jogar o jogo do homem, por um pouco mais de tempo, até que a situação se torne absurda e incômoda para a complacência. O Vaticano observa com atenção e espera.

Enquanto isso, a própria ciência está em dificuldades. A pesquisa científica tornou-se tão complicada e requer aparatos tão gigantescos que só o Estado ou

patronos extremamente ricos podem financiá-la, o que, na prática, significa que a busca desinteressada de conhecimento está atrelada à exigência por resultados que justifiquem o investimento: os cientistas têm de transformar-se em diretores de espetáculo. Além do mais, precisa-se de um enorme corpo de administradores técnicos que implemente as idéias, e também estes são arrolados como cientistas, ainda que, tal como assinalou[3] o professor Lancelot Hogben (que é uma exceção e, na qualidade de membro da Royal Society, tem suficiente conhecimento de história e de humanidades para ser capaz de ver a ciência com objetividade), não passam de "companheiros de viagem" — carreiristas, oportunistas e burocratas autoritários. Uma instituição benevolente sem fins lucrativos, como a Fundação Nuffield, diz Hobgen, é tão despótica ao tratar cientistas como um departamento do Governo controlado pelo Tesouro. Em conseqüência, o único campo livre que resta para a ciência é o da matemática pura. Além disto, o corpo do conhecimento científico, tal como aconteceu com o Direito, cresceu tão canhestramente que a maioria dos cientistas não apenas ignora até mesmo os rudimentos de mais de um campo de especialidade, como também não consegue manter-se atualizada a respeito das publicações em seu próprio campo, sendo forçada a confiar em descobertas que deveriam ser adequadamente testadas por experiência pessoal. Com efeito, Apolo, o Organizador, sentado no trono de Zeus, está começando a achar seus ministros um entrave; seus cortesãos um enfado; suas insígnias espalhafatosas e de mau gosto; suas responsabilidades quase reais entediantes, e assiste ao colapso do sistema de governo por excesso de organização. Apolo lamenta ter aumentado seu reino até proporções tão absurdas e entregue a seu tio Plutão e a seu meio-irmão Mercúrio uma participação na regência; contudo, não ousa litigar com esses canalhas indignos de confiança por temer que façam algo ainda pior; tampouco ousa reescrever a Constituição com a ajuda deles. Seus apuros fazem a Deusa dar um sorriso terrível.

Este é o *Admirável mundo novo*, satirizado por Aldous Huxley, ex-poeta convertido em filósofo. O que tem este autor a oferecer em lugar desse mundo? Em sua obra *Filosofia perene*, recomenda um santificado misticismo do não-ser, no qual a mulher figura apenas como um símbolo da capitulação da alma à luxúria criativa de Deus. Na verdade, diz que o Ocidente fracassou porque seus sentimentos religiosos ficaram durante um tempo demasiadamente longo vinculados ao idealismo político ou à busca do prazer; agora ele deve voltar-se para a Índia para receber orientação na rigorosa disciplina do ascetismo. Certamente os místicos hindus pouco ou nada conhecem que fosse ignorado por Honi, o traçador de círculos; por outros terapeutas essênios, com quem Jesus tinha tão estreita afinidade, ou por místicos maometanos. Contudo, falar de reconciliação política entre o Extremo Oriente e o Extremo Ocidente é assunto da moda e o

[3] *The New Authoritarianism*, Conway Memorial Lecture, 1949.

sr. Huxley prefere, deste modo, tornar-se um devoto de Ramakrishna, o mais famoso místico hindu dos tempos modernos.

O caso de Ramakrishna é interessante. Morou a vida toda nos terrenos do templo da Deusa Branca Kali, em Dakshineswar, às margens do Ganges, e, em 1842, com a idade de seis anos, desmaiou ao contemplar a beleza de um bando de corvos, pássaros a Ela consagrados, que voava através de densas nuvens de tormenta. A princípio dedicou-se ao culto de Kali com verdadeiro êxtase poético, como seu predecessor, Ramprasad Sen (1718-1775); mas, quando ficou adulto, cedeu a uma sedução: de maneira inesperada foi aclamado como reencarnação de Krishna e de Buda por alguns *pundits* [sábios e eruditos brâmanes] hindus, que o convenceram a adotar técnicas ortodoxas de devoção. Tornou-se, então, um santo ascético do tipo familiar, com devotados discípulos e com um evangelho ético, publicado depois de sua morte. Teve a sorte de casar-se com uma mulher com as mesmas aptidões místicas que ele, a qual, concordando em renunciar à consumação física, o ajudou a dar exemplo de uma união puramente espiritual dos sexos. Embora não precisasse declarar guerra à fêmea, tal como Jesus fizera, se dedicou, a duras penas, a "dissolver sua visão da Deusa" de modo a alcançar a beatitude última do *samadhi*, ou seja, da comunhão com o Absoluto, sustentando que a Deusa, ao mesmo tempo, aquela que amarra e liberta o homem físico, não encontra lugar neste remotíssimo paraíso esotérico. No fim da vida afirmou que comprovara, por experiência, que também cristãos e muçulmanos podiam conseguir a mesma beatitude que ele; primeiramente tornou-se cristão e se dedicou à liturgia católica até chegar à visão de Jesus Cristo e, depois, muçulmano, até ter uma visão de Maomé. Cada uma destas experiências terminou em estado de *samadhi.*

Mas o que é, então, o *samadhi*? Trata-se de um estado psicopático, um orgasmo espiritual, indistinguível daquele instante de inefável beleza que, segundo descreveu Dostoiévski, precede aó ataque epilético. Os místicos hindus o induzem, pela vontade, por meio de jejum e meditação, tal como os essênios e os primitivos santos cristãos e muçulmanos o fizeram. De fato, Ramakrishna tinha deixado de ser poeta e tornara-se um político religioso e psicologista mórbido, viciado na forma mais refinada de vício solitário que se possa imaginar. Ramprasad nunca se permitiu a tentação de afastar-se de sua devoção à Deusa por causa de uma ambição espiritual. Até mesmo rejeitara a ortodoxa esperança de "não-ser" por meio da absorção mística pelo Absoluto, como sendo irreconciliável com seu sentimento de singularidade individual enquanto filho e amante da Deusa.

Sugar I like, yet I have no desire
To become sugar,

Gosto de açúcar, é certo,
No entanto, nenhum desejo sinto
De em açúcar transformar-me.

E enfrentava a perspectiva da morte com orgulho poético:

How can you shrink from death,
Child of the Mother of All Living?
A snake, and you fear frogs?

Como podes recuar diante da morte,
Filho da Mãe de todos os viventes?
Uma serpente, e tu temes as rãs?

E numa Festa de Kalipuja acompanhou a imagem de Kali, Ganges adentro, até que as águas o cobriram.

A história da devoção de Ramprasad a Kali parece familiar ao romântico ocidental; o *samadhi*, a rejeição nada cavalheiresca da Deusa, tampouco há de tentar os citadinos do Ocidente. Tampouco é provável que qualquer outro renascimento de algum culto de uma divindade paterna, seja ascético ou epicurista, autocrático ou comunista, liberal ou fundamentalista, há de resolver nossos problemas. Não antevejo qualquer mudança para melhor antes que as coisas piorem ainda muito. Somente depois de um período de completa desorganização política e religiosa poderá ver-se, finalmente, satisfeito o desejo reprimido das raças ocidentais de alguma forma prática de culto à Deusa, cujo amor já não se limita à benevolência maternal e cujo além-mundo volte a incluir o mar.

Como, então, se lhe deve prestar culto? Donne antecipou-se ao problema em seu poema de juventude, *The Primrose*. Ele sabia que a prímula é consagrada à Musa e que o "número misterioso" de suas pétalas simboliza as mulheres. Deveria ele adorar um capricho da natureza de seis ou de quatro pétalas, uma Deusa que fosse nem mais nem menos que uma mulher de verdade? Escolheu cinco pétalas e provou, pela numerologia, que a mulher, se quiser, possui o domínio completo do homem. Mas foi dito a respeito da Deusa coroada com lótus, nos Mistérios coríntios, muito tempo antes que a frase fosse aplicada ao Deus-Pai, idealmente benigno, que "seu serviço é a liberdade completa".[4] Com efeito, o costume dela nunca foi coagir, mas sempre conceder ou negar seus favores segundo os filhos e amantes lhe venham com as oferendas corretas em mãos — presentes que eles próprios escolheram e não que ela tenha determina-

[4] Santo Agostinho tomou de empréstimo da oração de Lúcio a Ísis, registrada por Apuleio em *O asno de ouro*, e que, agora, faz parte da liturgia protestante.

do. Deve ser adorada em sua antiga forma quíntupla, caso se contem as pétalas da prímula ou do lótus: Nascimento, Iniciação, Consumação, Repouso e Morte.

Há de objetar-se que o homem tem uma pretensão à divinização tão válida quanto a mulher. Isto é verdade só em parte: um homem não é divino como um indivíduo único, mas só acompanhado de seu gêmeo. Como Osíris, o Espírito do Ano-Novo, está sempre com ciúmes de seu oposto, Set, o Espírito do Ano-Velho e vice-versa. Ele não consegue ser ambos de uma só feita, exceto por um esforço intelectual que destrói sua humanidade, e aí reside o erro fundamental dos cultos apolíneo e javista. O homem é um semideus: tem sempre um pé ou outro na tumba; a mulher é divina porque consegue manter ambos os pés num mesmo lugar, seja no céu, no mundo subterrâneo ou nesta Terra. O homem a inveja e conta, para si, mentiras a respeito de sua própria completude, tornando-se assim um miserável. Ora, se for ele divino, ela não poderá ser nem mesmo uma semideusa: será apenas considerada uma ninfa e o amor do homem por ela se transforma em desdenho e ódio.

A mulher adora o macho infante, mas não o homem adulto: trata-se de uma prova de sua divindade o fato de o homem, dela, depender para a vida. Ela se interessa apaixonadamente pelo homem adulto; entretanto isto ocorre somente porque aquele amor-ódio que Osíris e Set nutrem um pelo outro por causa dela constitui um tributo à divindade de Ísis. Ela tenta satisfazer a ambos, mas só o consegue por meio de um assassinato alternado. O homem tenta explicar esta conduta como prova evidente da falsidade dela e não por causa de suas próprias exigências irreconciliáveis quanto a ela.

Há freqüentes recusas ao poder da Deusa, como, por exemplo, aquela que Allan Ramsay faz na poesia *Goddess of the Slothful* (*Deusa do indolente*), extraída de *The Gentle Shepherd,* de 1725:

O Goddess of the Slothful, blind and vain,
Who with foul hearts, Rites, foolish and profane,
Altars and Temples hallowst to thy name!

Temples? or Sanctuaries vile, said I?
To protect Lewdness and Impiety,
Under the Robe of the Divinity?

And thou, Base Goddess! That thy wickedness,
When others do as bad, may seem the less,
Givest them the reins to all lasciviousness.

Rotter of soul and body, enemy
Of reason, plotter of sweet thievery,
The little and great world's calamity.

Reputed worthily the Ocean's daughter:
That treacherous monster, which with even water
First soothes, but ruffles into storms soon after.

Such winds of sighs, such Cataracts of tears,
Such breaking waves of hopes, such gulfs of fears,
Thou makest of men, such rocks of cold despairs.

Tides of desire so headstrong, as would move
The world to change thy name, when thou shalt prove
Mother of Rage and Tempests, not of Love.

Behold what sorrow now and discontent
On a poor pair of Lovers thou hast sent!
Go thou, that vaunt'st thyself Omnipotent.

Ó Deusa do indolente, cego e fútil,
Que, com impuro peito e ritos torpes,
Altares e templos a teu nome consagra!

Templos? Santuários vis, melhor diria!
Para luxúria e impiedade protegerem,
Sob o supremo manto de sacralidade?

E tu, Deusa abjeta! De quem a maldade,
Se comparada, faz as demais bondade parecer.
Tu soltas as rédeas de toda lascívia.

És tu quem apodrece a alma e o corpo,
Inimiga da razão, arquiteta de furtos,
Pequena, mas grande calamidade do mundo.

Do Oceano, mereces a fama de ser filha:
Traiçoeiro monstro que, calmo, encanta
E, após, encrespa em ondas e procelas.

E tu, em soluços, cataratas de lágrimas,
Rompimento de esperanças, golfos de medos
E rochas de desespero, os homens transformas.

Maremotos de desejo empedernido fazem o mundo
Teu nome mudar, pois tu te revelas mãe,
Não do amor, mas de iras e borrascas.

Veja, agora, a tristeza e o desalento que
Sobre um pobre par de amantes enviastes!
Fora! Tu, que te jactas de ser onipotente.

Entretanto, quanto mais se adie seu momento e, em conseqüência, mais se esgotem os recursos naturais dos solos e dos mares por causa da incúria não religiosa do homem, ainda menos misericordiosa será sua máscara de cinco aspectos e mais estreito será o campo de ação que ela concede a qualquer semideus que escolha para seu temporário consorte na divindade. Façamos tudo para aplacá-la de antemão, pretextando o pior canibalismo:

Under your Milky Way
And slow-revolving Bear,
Frogs from the alder-thicket pray
In terror of the judgement day,
Loud with repentance there.

The log they crowned as king
Grew sodden, lurched and sank.
Dark waters bubble from the spring,
An owl floats by on silent wing,
They invoke you from each bank.

At dawn you shall appear,
A gaunt, red-wattled crane,
She whom they know too well for fear,
Lunging your beak down like a spear
To fetch them home again.

Abaixo de tua Via Láctea
E da Ursa lenta ao girar,
As rãs do bosque de amieiros oram
Aterrorizadas pelo Juízo Final
E de arrependimento coaxam.

O lenho que coroaram como rei
Cresceu encharcado, abandonado e afundou.
Águas escuras borbulham da fonte,
E a coruja flutua com asas silentes,
De cada margem a ti invocando.

Na aurora hás de aparecer,
Garça esquelética avermelhada,
Que elas bem conhecem e temem,
Teu bico cravando como lança
Para levá-las de volta à casa.

Devemos à Deusa uma sátira que lembre aquele homem que foi o primeiro a desequilibrar a civilização européia ao entronizar a vontade incansável e arbitrária do macho sob o nome de Zeus e ao destronar Têmis, o sentido feminino de regularidade. Os gregos o conheceram como Perseu, o Destruidor, o matador de Górgonas, o príncipe guerreiro da Ásia, remoto ancestral dos arrasadores Alexandre, Pompeu e Napoleão.

Swordsman of the narrow lips,
Narrow hips and murderous mind
Fenced with chariots and ships,
By your joculators hailed
The mailed wonder of mankind,
Far to westward you have sailed.

You it was dared seize throne
Of a blow and amorous prince
Destined to the Moon alone,
A lame, golden-heeled decoy,
Joy of hens that gape and wince
Inarticulately coy.

You who, capped with lunar gold
Like and old and savage dunce,
Let the central hearth go cold,
Grinned, and left us here your sword
Warden of sick fields that once
Sprouted of their own accord.

Gusts of laughter the Moon stir
That her Bassarids now bed
With the unnoble usurer,
While an ignorant pale priest
Rides the beast with a man's head
To her long-omitted feast.

Guerreiro de lábios finos,
Quadris estreitos e mente assassina,
Protegido por carros e barcos,
Saudado por teus bajuladores,
Uma maravilha de homem em tua armadura,
Para o Ocidente longínquo singraste.

Ousastes tomar o trono
De um cevado e amoroso príncipe
Só à Lua destinado,
Um coxo, chamariz de salto dourado,
Alegria das codornas, que estarrecidas tremem,
Canhestramente recatadas.

Com o ouro lunar sobre a cabeça,
Como decrépito e selvagem bobo,
Deixa que se esfrie a calefação central,
Entrega aqui a tua espada, ó risonho,
Guardião de campos doentes que já
Foram férteis pelo próprio prazer de sê-lo.

A Lua treme em explosões de gargalhadas,
Agora que suas bassárides se deitam
Com o agiota desprovido de nobreza,
Enquanto um ignorante e pálido padre
Cavalga a besta com cabeça humana
Para a festa d'Ela há tanto suprimida.

Capítulo 27

Posfácio de 1960

Com freqüência as pessoas me perguntam como foi que escrevi *A Deusa Branca*. Eis aqui a história.

Embora seja um poeta por vocação, ganho minha vida com a prosa — biografias, romances, traduções de vários idiomas e daí por diante. Desde 1929 tenho morado em Maiorca. Quando da Guerra Civil Espanhola, por algum tempo estive exilado e vaguei pelos Estados Unidos e pela Europa. A Segunda Guerra Mundial apanhou-me na Inglaterra, onde permaneci até que ela terminasse e eu pudesse voltar a Maiorca.

Em 1944, na aldeia de Galmpton, no Devonshire, estava trabalhando contra o tempo num romance histórico sobre os Argonautas quando fui interrompido por uma súbita e arrasadora obsessão. Surgiu na forma de uma luz não solicitada sobre um assunto que pouco significado tivera para mim. Parei de marcar, em meu grande mapa de almirantado relativo ao mar Negro, o percurso seguido (segundo escrevem os mitógrafos) pelo *Argos* na ida e na volta entre o Bósforo e Baku. Em vez disto, comecei a especular sobre uma misteriosa *A batalha das árvores*, travada na Grã-Bretanha pré-histórica, e minha mente trabalhou por toda a noite e no dia seguinte num ritmo tão acelerado que minha caneta mal conseguia acompanhar seu passo. Três semanas depois, havia escrito um livro de setenta mil palavras, chamado *The Roebuck in the Thicket* (*O corço na moita*).

Não sou místico. Esquivo-me da participação em feitiçarias, espiritismo, ioga, adivinhações da sorte, psicografia e coisas do gênero. Vivo uma vida simples, normal, rústica, em companhia de minha família e de um largo círculo de amigos sãos e inteligentes. Não pertenço a nenhum culto religioso, a nenhuma sociedade secreta, nem a qualquer seita filosófica; também só confio em minha intuição histórica nos limites de sua comprovação por meio de fatos.

Enquanto estava ocupado com meu livro sobre os Argonautas, constatei que a Deusa Branca do Pelião crescia a cada dia, tornando-se cada vez mais importante para a narrativa. Pois bem, tinha em meu escritório inúmeros objetos pequenos de bronze — comprados de um negociante londrino —, peças para pesar ouro em pó, sendo a maioria em forma de animais e, entre elas, um corcunda tocando flauta. Também tinha uma pequena caixa de bronze com tampa, feita (segundo me disse o comerciante) para guardar ouro em pó. Eu mantinha o corcunda sentado em cima da caixa. Na verdade, lá ainda está; con-

tudo, eu nada soube a respeito dele ou do desenho na tampa da caixa até que dez anos se tivessem passado. Foi quando fiquei sabendo que o corcunda era um arauto a serviço da rainha-mãe de algum Estado Akan e que todas elas (até hoje há algumas que ainda reinam) reivindicam ser uma encarnação da tríplice deusa-lua Ngame. O desenho na tampa da caixa era uma espiral que estava ligada por um único traço à moldura retangular que a encerrava e que tinha de cada lado nove dentes. O significado era: "Ninguém, no universo, é maior do que a Tríplice Deusa Ngame!" Esses pesos para ouro e a caixa foram feitos antes da conquista britânica da Costa do Ouro, por artesãos subservientes à Deusa e eram considerados altamente mágicos.

Muito bem: atribuamos à coincidência. Neguemos qualquer conexão entre o arauto corcunda na caixa (que proclamava a soberania da tríplice deusa-lua e estava cercado por uma roda de animais de bronze que representavam os totens dos clãs de Akan) e a minha pessoa, que, repentinamente, ficara obcecado pela Deusa Branca européia, escrevera sobre seus totens tribais no contexto dos Argonautas e que, agora, estava impingido a tratar de seu arcaico culto no País de Gales, na Irlanda e noutros lugares. Eu desconhecia inteiramente tanto o fato de a caixa celebrar a deusa Ngame quanto de os gregos de Hélade, incluindo os antigos atenienses, serem ligados racialmente com o povo de Ngame — berberes líbios, conhecidos como garamantes, que desceram do Saara para o sul até o Níger e, no século IX d.C., casaram-se com negros. Ignorava até mesmo que a própria Ngame fosse uma deusa-lua e que a Deusa Branca da Grécia e da Europa Ocidental compartilhasse seus atributos. Eu sabia tão-somente que Heródoto havia reconhecido a Neith líbia como sendo Atená.

Ao voltar para Maiorca, pouco depois da guerra, tornei a trabalhar no *O corço na moita*, agora chamado de *A Deusa Branca*, e escrevi, mais particularmente, sobre o rei sagrado enquanto vítima divina da deusa-lua, sustentando que todo poeta inspirado pela Musa, em certo sentido, deve morrer pela Deusa que ele adora, assim como o rei morria. O velho Georg Schwarz, um colecionador judeu-alemão, legou-me outros cinco ou seis pesos para ouro de Akan e, dentre eles, uma figurinha semelhante a uma múmia com um olho enorme. Desde então foi identificada, por especialistas em arte da África Ocidental, como o sacerdote *okrafo* do rei de Akan. Eu tinha dito em meu livro que, na sociedade mediterrânea primitiva, o rei sofria um sacrifício quando terminava o tempo de seu reinado. No entanto, posteriormente (a julgar pelos mitos gregos e latinos), ele conquistou poder executivo como o principal ministro da rainha e o privilégio de sacrificar alguém em seu lugar. A mesma mudança governamental, segundo o que fiquei sabendo, ocorreu depois que o matriarcal Akan chegou na Costa do Ouro. Em Bono, Asante e em outros Estados vizinhos, a vítima que substituía o rei era chamada de "sacerdote *okrafo*". O dinamarquês Kjersmeier, famoso especialista em arte africana, por cujas mãos passaram milhares desses pesos para ouro, me afirma nunca ter visto outro semelhante ao meu. Considerem uma coincidência, se assim lhes aprouver, o fato de a figuri-

nha do *okrafo* estar ao lado do arauto sobre a caixa para ouro durante todo o tempo em que eu escrevia sobre as vítimas da Deusa.

Depois que se publicou *A Deusa Branca*, um antiquário de Barcelona leu meu romance *Eu, Cláudio, Imperador* e me convidou a escolher, eu próprio, uma pedra para um anel de sigilo dentre uma coleção de jóias romanas que comprara recentemente. Entre elas havia uma muito estranha. Era um timbre de cornalina listrada, do período dos Argonautas, cujo baixo-relevo mostrava um veado real galopando na direção de um bosque e uma lua crescente ao lado dele! Considerem também isto como uma coincidência, se assim quiserem.

Com freqüência em minha vida ocorrem várias séries de eventos que ultrapassam a coincidência. E, se sou proibido de chamá-las de assombrações sobrenaturais, permitam-me, ao menos, que as considere um hábito. Não é que eu goste da palavra "sobrenatural": acho todos esses eventos bastante naturais, embora não sejam científicos.

Em termos de ciência não se pode afirmar a existência de nenhuma divindade, mas, apenas, as convicções nos deuses e os efeitos que tais crenças exercem sobre os crentes. O conceito de uma deusa criadora foi banido pelos teólogos cristãos há quase dois mil anos e, pelos teólogos judeus, a mais tempo do que isto. A maioria dos cientistas, por conveniência social, são adoradores de Deus, embora eu não consiga atinar por que a crença na autoria do universo por um Deus-Pai e em suas leis possa parecer algo menos contraditório à ciência do que a convicção numa Deusa-Mãe inspiradora desse sistema artificial. Aceita a primeira metáfora, a segunda se segue de modo lógico — caso estas *não passem* de metáforas.

A verdadeira prática poética implica um psiquismo sintonizado e iluminado por milagre e capaz de transformar palavras, por um encadeamento de elementos que são mais do que coincidências, numa entidade viva — um poema que circula autonomamente (talvez por séculos, depois da morte do autor), afetando os leitores com sua magia concentrada. Pergunta-se, pois: uma vez que a fonte do poder criador da poesia não é a inteligência científica, mas, sim, a inspiração — como quer que os cientistas expliquem o fenômeno —, será que se pode seguramente atribuí-la à Musa Lunar, que é o termo europeu mais antigo e mais conveniente para tal manancial? Por antiga tradição, a Deusa Branca se funde com sua representante humana — uma sacerdotisa, uma profetisa, uma rainha-mãe. Nenhum poeta inspirado pela Musa cresce em sua consciência dela, exceto pela experiência com uma mulher na qual a Deusa, em alguma medida, estiver habitando; do mesmo modo que um poeta apolíneo não consegue desempenhar seu papel apropriado, a menos que viva sob uma Monarquia ou uma semimonarquia. Um poeta inspirado pela Musa se enamora de maneira absoluta, e seu amor sincero é, para ele, a incorporação dela. Como regra geral, o poder do apaixonamento absoluto logo se esvanece e, na maioria das vezes, porque a mulher fica confusa com o encantamento que ela exerce sobre o poeta-amante e o repudia; ele, desiludido, volta-se para Apolo que, pelo

menos, lhe promete uma vida e um entretenimento inteligentes. Assim, ainda na casa dos vinte anos, a renega. Mas o poeta, verdadeira e perpetuamente obcecado pela Musa, sabe distinguir entre a Deusa, enquanto manifesta no poder, glória, sabedoria e amor supremos de mulher, e aquela mulher particular, que a Deusa tome como instrumento durante um mês, um ano, sete anos ou talvez mais. A Deusa subsiste e, talvez, novamente, o poeta venha a travar conhecimento dela por meio da experiência com outra mulher.

O sentimento de estar apaixonado não deve impedir e, efetivamente, não impede, o poeta de ver o lado cruel da natureza feminina. Com efeito, são homens, cujo amor já não é correspondido, os autores de muitos daqueles poemas inspirados que permanecem como testemunhos desalentados do fato:

'As ye came from the holy land
Of Walsinghame,
Met you not with my true love
By the way as ye came?'

'How should I know your true love,
That have met many a one
As I came from the holy land,
That have come, that have gone?'

'She is neither white nor brown,
But as the heavens fair;
There is none hath her divine form
In the earth, in the air.'

'Such a one did I meet, good sir,
Such an angelic face,
Who like a nymph, like a queen, did appear
In her gait, in her grace.'

'She hath left me here alone,
All alone, as unknown,
Who sometimes did me lead with herself,
And me loved as her own.'

'What's the cause that she leaves you alone
And a new way doth take,
That sometime did you love as her own,
And her joy did you make?'

'I have loved her all my youth,
But now am old, as you see:
Love likes not the falling fruit,
Nor the withered tree.'

— Quando vinhas da terra santa
de Walsinghame,
Acaso, com meu amor verdadeiro
No caminho não cruzaste?

— Como conheceria teu amor verdadeiro
Entre os tantos que encontrei,
Quando da terra santa eu voltava,
Que vieram e que se foram?

— Ela não é nem branca nem morena,
Mas de uma celestial beleza;
Ninguém há que sua divina forma tenha,
Quer na terra, quer no ar.

— Com uma tal me encontrei, ó bom senhor,
Com tal face angelical,
Que ninfa ou rainha parecia,
Em sua graça e alegria.

— E ela aqui me deixou solitário,
Sozinho e desconhecido,
Aquela que outrora consigo me levava
E, como se dela fosse, me amava.

— Por que causa sozinho te deixou
E outro caminho na vida seguiu
Ela que tu amaste inteiramente como seu
E cuja alegria fizeste?

— Amei-a eu por toda a juventude,
Agora estou velho, como vês:
O amor não gosta de frutos caídos,
De árvores sem viço, tampouco.

Como se pode observar, aquele poeta que fizera sua peregrinação a Maria Egipcíaca, em Walsinghame, a qual, na Idade Média, era cultuada como santa padroeira dos amantes, tinha amado uma mulher por toda sua vida e agora esta-

va velho. Por que ela também não envelheceu? Porque ele está descrevendo a Deusa e não uma mulher em particular. Tomemos os versos de Wyatt:

They flee from me who sometime did me seek
With naked foot stalking within my chamber. (...)

Fogem de mim aquelas que antes me buscavam
E, pé ante pé descalço, em meu quarto penetravam. (...)

O poeta escreve "Fogem de mim" em vez de "Ela foge de mim". Ele fala daquelas mulheres que foram iluminadas pelo raio lunar que comandava seu amor — como foi o caso de Ana Bolena, mais tarde a infortunada rainha de Henrique VIII.

Um profeta como Moisés, João Batista ou Maomé fala em nome de uma divindade masculina, dizendo: "Assim fala o Senhor!" Não sou profeta da Deusa Branca, e nunca me atreveria a dizer: "Assim fala a Deusa!" Desde que a poesia teve início, todos os verdadeiros poetas inspirados pela Musa, de modo implícito ou explícito, fizeram uma simples declaração de amor: "No universo inteiro, ninguém é maior do que a Tríplice Deusa!"